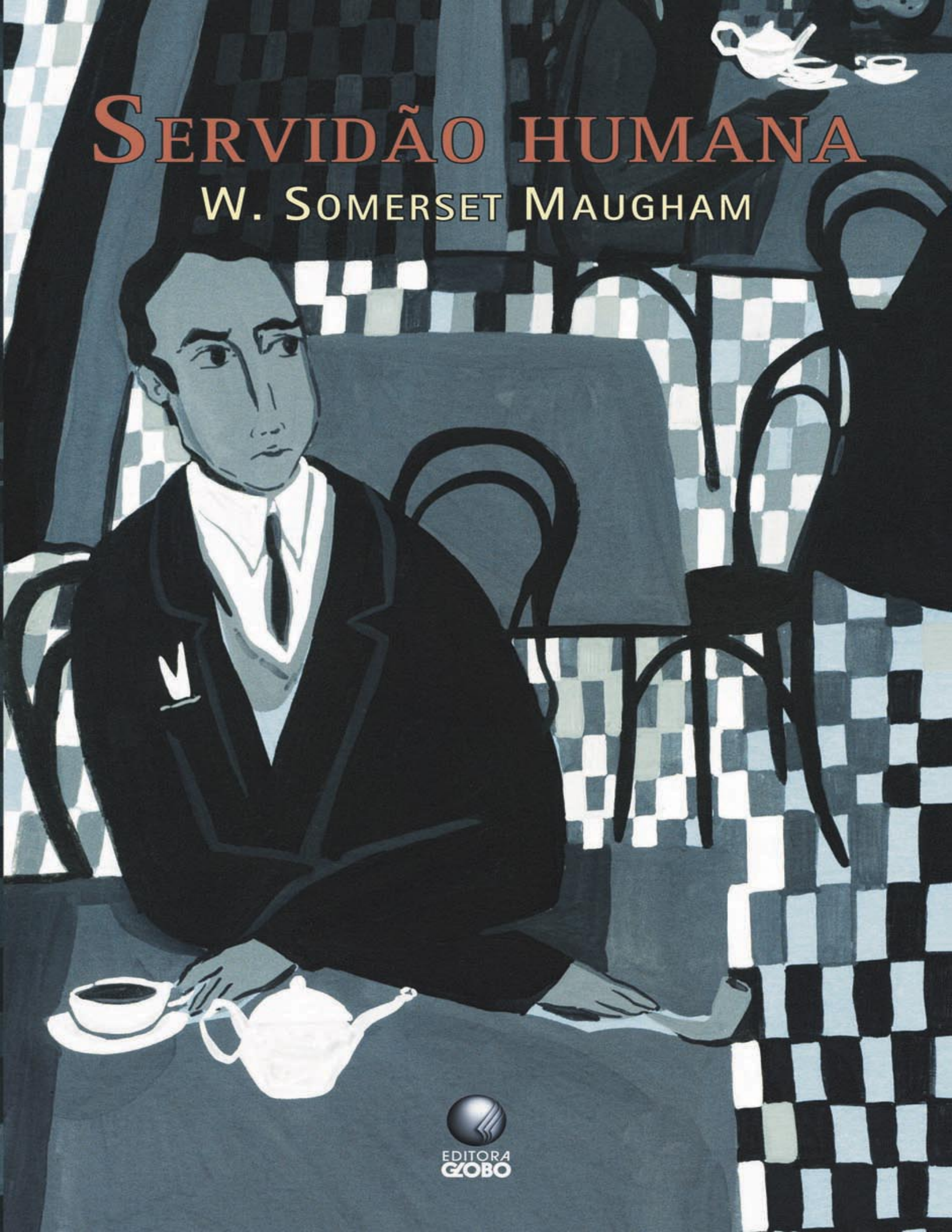


# SERVIDÃO HUMANA

W. SOMERSET MAUGHAM



EDITORA  
GLOBO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*Outras obras do autor:* ROMANCES: O PECADO DE LIZA (1897)/ THE MAKING OF A SAINT (1898)/ THE HERO (1901)/ UMA HISTÓRIA DE AMOR (1902)/ THE MERRY-GO-ROUND (1904)/ THE BISHOP'S APRON (1906)/ THE EXPLORER (1908)/ O MÁGICO (1908)/ SERVIDÃO HUMANA (1915)/ O VÉU PINTADO (1925)/ O DESTINO DE UM HOMEM (1930)/ UM DRAMA NA MALÁSIA (1932)/ A OUTRA COMÉDIA (1937)/ UMA PAIXÃO EM FLORENÇA (1941)/ A HORA ANTES DO AMANHECER (1942)/ O FIO DA NAVALHA (1944)/ THEN AND NOW (1946)/ CATALINA (1948). COLETÂNEAS DE CONTOS: ORIENTATIONS (1899)/ A CASUARINA (1926)/ O AGENTE SECRETO (1928)/ SEIS NOVELAS (1931)/ AH KING (1933)/ 29 HISTÓRIAS (1936)/ AS TRÊS MULHERES DE ANTIBES (1940)/ A INDOMÁVEL (1947)/ QUARTET (1948)/ TRIO (1950)/ ENCORE (1952). PEÇAS DE TEATRO: A MAN OF HONOUR (1903)/ LADY FREDERICK (1912)/ JACK STRAW (1912)/ MRS. DOT (1912)/ PENELOPE (1912)/ THE EXPLORER (1912)/ THE TENTH MAN (1913)/ LANDED GENTRY (1913)/ SMITH (1913)/ THE LAND OF PROMISE (1913)/ THE UNKNOWN (1920)/ THE ABLE (1921)/ CAESAR'S WIFE (1922)/ EAST OF SUEZ (1922)/ THE BETTERS (1923)/ HOME AND BEAUTY (1923)/ THE UNATTAINABLE (1923)/ LOAVES AND FISHES (1924)/ THE CONSTANT WIFE (1927)/ THE LETTER (1927)/ THE SACRED FLAME (1928)/ THE BREAD-WINNER (1930)/ FOR SERVICES RENDERED (1932)/ SHEPPEY (1933)/ THE NOBLE SPANIARD (1953). LIVROS DE VIAGEM: THE LAND OF THE BLESSED VIRGIN: SKETCHES AND IMPRESSIONS OF ANDALUSIA (1905)/ BIOMBO CHINÊS (1922)/ CAVALEIRO DE SALÃO (1930). ENSAIOS E MEMÓRIAS: DOM FERNANDO (1935)/ CONFISSÕES (1938)/ FRANCE AT WAR (1940)/ BOOKS AND YOU (1940)/ ASSUNTO PESSOAL (1941)/ GREAT NOVELIST AND THEIR NOVELS (1948)/ A WRITER'S NOTEBOOK (1949)/ THE VAGRANT MOOD (1952)/ POINTS OF VIEW (1958).

W. SOMERSET MAUGHAM nasceu em Paris, em 1874. Sexto filho do procurador da embaixada britânica, sua primeira língua foi o francês. Ficou órfão aos dez anos, quando o mandaram para a Inglaterra para viver com seu tio, o vigário de Whitestable. Formou-se médico em 1897. Abandonou a medicina após o sucesso de seus primeiros romances e peças de teatro.

Viveu em Paris por dez anos como escritor. Seu primeiro romance, *O pecado de Liza*, foi lançado em 1897, e sua primeira peça, *A Man of Honour*, foi produzida em 1903. O sucesso literário veio com *Servidão humana*, de 1915, tida como sua obra-prima. Autor de uma extensa obra que inclui contos, novelas, romances, peças teatrais, ensaios e narrativas de viagens, Maugham é considerado um mestre da narrativa curta e da comédia de costumes. Sua habilidade técnica para construir enredos foi comparada à de Guy de Maupassant, pois, tal como o grande escritor francês, era capaz de tornar aceitável ao leitor o tema mais sórdido.

Disfarçado de repórter, Maugham trabalhou para a Inteligência Britânica na Rússia durante a Revolução de 1917, mas a saúde precária abreviou-lhe a carreira de detetive. Várias obras de Maugham foram levadas ao cinema — como, por exemplo, *O agente secreto*, que em 1936 foi filmado por Alfred Hitchcock, e *O fio da navalha*, estrelado por Tyrone Power, em 1946, e por Bill Murray, em 1984.

Depois dos anos 1930, a reputação de Maugham no exterior era maior que na Inglaterra. Mas, a despeito de sua popularidade, ele nunca obteve o reconhecimento da crítica. Em 1917 mudou-se para Mauresque, uma *villa* na Riviera francesa. Morreu aos 91 anos, em dezembro de 1965.

CARLOS VOGT nasceu em Sales Oliveira (SP) em 1943. Formado em letras pela USP, onde se doutorou em teoria literária e literatura comparada, ingressou como professor de semântica lingüística na Unicamp em 1969. Com cursos de pós-graduação na França e Estados Unidos, publicou diversos livros e artigos na área, como a tese *Contribuição para uma teoria semântica argumentativa*. Poeta, é autor de *Cantografia* (1982), *Paisagem doméstica* (1983), *Geração* (1985) e *Metalurgia* (1991), entre outros. Foi reitor da Unicamp (1990-1994) e preside a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo desde 2002.

W. SOMERSET MAUGHAM

SERVIDÃO HUMANA

tradução:  
Antônio Barata

prefácio:  
Carlos Vogt

**GLOBALIVROS**

Copyright © by The Royal Literary Fund  
Copyright da tradução © by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Título original:  
*Of Human Bondage*

*Revisão:* Eugênio Vinci de Moraes, José Godoy e Beatriz de Freitas Moreira

*Capa:* Estúdio Darshan

*Ilustração de capa:* Andrés Sandoval

*Foto de quarta capa:* © Bettman/Corbirs: W. Somerset Maughan em seu apartamento no  
Dorchester Hotel de Londres (9 de outubro de 1961)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maughan, W. Somerset, 1874-1965.

Servidão humana / W. Somerset Maughan ; tradução Antônio Barata ; prefácio Carlos Vogt. 10.ed. rev. –  
São Paulo : Globo, 2005.

Título original: *Of human bondage*

ISBN 978-85-250-5465-4

1. Romance inglês I. Vogt, Carlos II. Título

05-1503 CDD-823

Índice para catálogo sistemático:  
1. Romances : Literatura inglesa 823

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil  
adquiridos por Editora Globo S. A.  
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – SP  
[www.globolivros.com.br](http://www.globolivros.com.br)

# Sumário

[Capa](#)

[Outras obras do autor](#)

[Sobre o autor](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

["A servidão humana": o sentido do sem sentido da vida](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)  
[27](#)  
[28](#)  
[29](#)  
[30](#)  
[31](#)  
[32](#)  
[33](#)  
[34](#)  
[35](#)  
[36](#)  
[37](#)  
[38](#)  
[39](#)  
[40](#)  
[41](#)  
[42](#)  
[43](#)  
[44](#)  
[45](#)  
[46](#)  
[47](#)  
[48](#)  
[49](#)  
[50](#)  
[51](#)  
[52](#)  
[53](#)  
[54](#)  
[55](#)  
[56](#)  
[57](#)  
[58](#)  
[59](#)  
[60](#)  
[61](#)



[62](#)  
[63](#)  
[64](#)  
[65](#)  
[66](#)  
[67](#)  
[68](#)  
[69](#)  
[70](#)  
[71](#)  
[72](#)  
[73](#)  
[74](#)  
[75](#)  
[76](#)  
[77](#)  
[78](#)  
[79](#)  
[80](#)  
[81](#)  
[82](#)  
[83](#)  
[84](#)  
[85](#)  
[86](#)  
[87](#)  
[88](#)  
[89](#)  
[90](#)  
[91](#)  
[92](#)  
[93](#)  
[94](#)  
[95](#)  
[96](#)  
[97](#)

[98](#)

[99](#)

[100](#)

[101](#)

[102](#)

[103](#)

[104](#)

[105](#)

[106](#)

[107](#)

[108](#)

[109](#)

[110](#)

[111](#)

[112](#)

[113](#)

[114](#)

[115](#)

[116](#)

[117](#)

[118](#)

[119](#)

[120](#)

[121](#)

[122](#)

## "A SERVIDÃO HUMANA": O SENTIDO DO SEM SENTIDO DA VIDA

NO CAPÍTULO 75 DE *SUMMING UP*, como o próprio nome diz, uma súmula autobiográfica, publicada pela primeira vez em 1938, Somerset Maugham anota que, para compensar a impossibilidade de aceitar a falta de sentido da vida, a sabedoria dos tempos selecionou três valores de duração mais permanente, procurando dar assim algum significado à existência.

Esses valores são a Verdade, a Beleza e a Bondade.

“Mesmo que não se possa duvidar de que tenham uma utilidade biológica”, escreve o autor, “eles se apresentam com tal aparência de desinteresse que o homem tem a ilusão de que através deles pode escapar da servidão humana.”

O romance *Servidão humana*, que começou a ser escrito em 1911 quando Somerset Maugham tinha 37 anos e foi publicado em 1915, é, de certa forma, a narrativa da demonstração desses valores através das fases de opressão e de libertação por que passa e evolui a trajetória de vida do jovem Philip Carey.

Essa trajetória do herói aprendiz da vida e da liberdade tem muito a ver com a biografia do autor, embora não seja ela inteiramente calcada nos acontecimentos que cercaram sua existência. Por isso, no Prefácio, a advertência ao leitor de que não se trata de uma autobiografia, mas de um romance autobiográfico, em que se misturam fatos e ficção de modo inextricável.

Assim, muitos dos acontecimentos que marcam a vida do herói do romance reproduzem, na ficção, a realidade da vida do autor, como, por exemplo, a experiência da morte dos pais muito cedo, na infância, a vida na casa dos tios profissionalmente religiosos, órfãos de filhos, como ele órfão de pais, a força desses acontecimentos, em particular o da perda da mãe, que os marcaria, autor e personagem, para sempre.

Como lembra Robert Calder em sua “Introdução” à edição do romance da Penguin Books, em seu 90º aniversário, Maugham conta a um repórter: “Talvez a lembrança que tenho mais presente é a que tem me atormentado por

mais de oitenta anos — a morte de minha mãe. Tinha oito anos quando ela morreu e até hoje a dor de sua perda é tão aguda como quando ela se foi”.

Quando o escritor morreu em 16 de dezembro de 1965, havia, segundo Calder, três fotografias de Edith Maugham, sua mãe, sobre o criado-mudo de seu quarto.

Vários outros episódios do livro reproduzem situações vividas pelo autor, como é o caso da estada de Philip Carey na Alemanha e em Paris, onde, aliás, o autor nasceu, em 1874, filho de um procurador inglês junto à embaixada britânica na França, país que, já escritor de sucesso, ele escolheria para viver boa parte de sua vida, na Côte d’Azur.

O episódio de Paris põe em causa a ideologia da vida boêmia na cidade, muito marcada em sua idealização pelo romance de Henry Mürger, *Scenes de la vie de bohème*, transformado na ópera de Pucini, *La Bohème*, que lhe dá notoriedade permanente entre as grandes criações da arte de todos os tempos.

O que Maugham põe em xeque é a ideologia da privação em nome da arte, situação levada ao seu paroxismo, no romance, pela morte da jovem Fanny Price, sem talento, sem dinheiro, mas impregnada da atmosfera da arte a qualquer custo. Custa-lhe a vida, como, aliás, acontece com a infeliz Mimi na bela ópera de Pucini.

Quando Philip Carey se dá conta de sua falta de talento para a pintura, percebe também que insistir na vida de carências e privações é arrastar um fardo de escravidão de que é preciso se libertar. Trata-se de uma servidão material que compõe, com as outras formas de sua experiência pelo herói, o roteiro de seu processo de amadurecimento e de libertação.

Maugham viajou muito, escreveu bastante, conheceu países próximos e distantes, neles viveu, e nos romances, nos muitos contos, nas peças de teatro, nos livros de viagem e no livro de “acerto de contas” *Summing up*, feito de confissões refletidas e críticas sobre a sua própria obra, seu tempo, suas motivações, suas crenças, preferências, eleições e desafetos, enfim, em toda sua vasta obra, pode-se sentir a profunda inquietação do homem que buscou incessantemente, pela diversidade da experiência de vida, num cenário de grandes transformações da Europa e do mundo, a resposta para a pergunta que gerações arrastaram pelos desertos de abandono produzidos na entressafra de horrores das duas Grandes Guerras: “Qual o sentido da vida, se é que ela tem algum sentido?”.

*Servidão humana* é também uma resposta a essa pergunta-enigma e o encontro de Philip Carey com a revelação que ela traz é uma forma de libertação da condição de escravidão metafísica do ser humano diante da vida e de seus mistérios.

A resposta, leve e simples na forma, é densa e pesada no conteúdo, sobretudo porque afirma a existência de conteúdo nenhum. Mas é a forma suprema da libertação do homem do fardo de sua responsabilidade em encontrar na vida um sentido para a própria vida.

Quando Philip, no capítulo 106 do livro, fica sabendo da morte de Hayward, amigo desde os tempos de Heidelberg, na Alemanha, ele se lembra do spinoziano Cronshaw, em Paris, do tapete persa que havia ganhado de presente e da certeza agnóstica do amigo de que num objeto se achava a resposta para a grande indagação:

Pensando em Cronshaw, Philip lembrou-se do tapete persa que ele lhe dera, dizendo-lhe que ele oferecia uma resposta à questão sobre o sentido da vida; e de repente a resposta ocorreu-lhe: ele riu: agora que ele a possuía, era como um quebra-cabeça que você tenta resolver até que a solução lhe é mostrada e você fica se perguntando como é que você não a viu antes. A resposta era óbvia. A vida não tem nenhum sentido. Na Terra, satélite de uma estrela girando no espaço, seres vivos surgiram sob a influência de condições que eram parte da história do planeta; da mesma forma que houve um começo de vida, houve, sob a influência de outras condições, um fim: o homem, não mais significativo do que outras formas de vida, não surgiu como o clímax da criação, mas como uma reação física ao meio ambiente.

Nesse momento, e para enfatizar o quanto, nesse caso, Philip Carey está próximo de Somerset Maugham, ou vice-versa, o autor, através do narrador da ficção, introduz, pela lembrança do personagem do romance, uma das histórias confessadamente marcantes na vida do escritor. Trata-se da história de um rei do Oriente que encomenda aos sábios do reino a compilação de todo o conhecimento do homem. Trazem-lhe quinhentos volumes depois de anos. Não tendo tempo de lê-los por ocupação com as coisas do Estado, ordena-lhes que os condensem. Mais tempo decorre e lhe entregam cinquenta volumes. Mas o rei envelheceu, o trabalho o assoberba e, assim, é preciso mais concisão. Passa-se o tempo. Rei e sábios envelheceram ainda mais e quando,

finalmente, o volume único está pronto para lhe ser entregue, o rei está em seu leito de morte, já não pode ler e o conhecimento dessa forma acumulado é-lhe de todo inútil.

Essa história que Philip lembra, sob o impacto da morte do amigo e na atmosfera da analogia com o tapete persa que o pessimismo cético de Cronshaw lhe dera de presente, é, com pequenas variações, a mesma história que Somerset Maugham reproduz em *Summing up*, no capítulo 66, um dos que compõe o traçado das crenças e descrenças do autor, desenhando a confissão de seu agnosticismo e seu encanto pela pequena história do rei oriental que ele lê, com admiração, em *La vie littéraire* de Anatole France.

Há, portanto, muitos pontos de coincidência entre a vida do autor de *Servidão humana* e a história de vida de seu personagem, herói da construção de sua própria liberdade e do aprendizado da libertação.

Outros episódios, contudo, parecem não ter referência autobiográfica, embora tenham correlações simbólicas fortes e permitam associações metafóricas sugestivas.

É o caso da gagueira do autor e da deficiência física do personagem que o faz mancar e dos efeitos psicológicos que uma coisa e outra têm sobre os seus respectivos portadores, na vida e na ficção.

O problema que Philip Carey tem no pé desde o nascimento e que o atormenta em dimensões que crescem até o clímax da cena em que Mildred Roger, numa discussão de rompimento definitivo, atira-lhe ao rosto, em desafoço de suprema maldade sua condição de aleijado, associado à dependência doentia de Philip a essa mulher sem nenhum encanto, mas de dominação absoluta, foi também interpretado por muitos críticos como uma espécie de alegoria da homossexualidade do autor. Isso, num tempo em que a sua assunção era plena de conseqüências na sociedade inglesa, conseqüências cujo peso e gravidade Somerset Maugham e seus contemporâneos certamente conheciam e dimensionavam inclusive por tudo o que ocorrera com Oscar Wilde na coragem de seus enfrentamentos sociais.

No longo episódio da dependência psicoafetiva de Philip em relação à Mildred Roger, dependência cuja superação é uma das provas mais duras por que passa o herói no processo educacional da formação de seu caráter, o binômio escravidão-liberdade mostra-se com uma densidade dramática muito alta, uma narratividade envolvente e uma força argumentativa de forte apelo

persuasivo na expressão das grandes misérias e das pequenas grandezas da condição humana.

Esse episódio é tão rico de sugestões dramáticas e tão autônomo como unidade narrativa que os três filmes que se fizeram baseados no romance foram centrados sobre ele. Nenhum deles, contudo, reproduziu, pelas atrizes que representavam o papel de Mildred, a androginia de seu tipo físico, uma certa masculinidade de traços e de porte, o que motivou, inclusive, algumas interpretações de que o caso Philip/Mildred seria a expressão disfarçada de uma relação do autor, com um dos amigos, nos anos da juventude.

Dos três filmes, o primeiro, de 1934, que teve, no Brasil, o nome *Escravos do desejo*, com Bette Davis no papel de Mildred, é, a meu ver, o melhor. Mas os outros dois, em termos de atrizes, não ficam a perder: em 1946 esse papel coube a Eleanor Parker e em 1964, inesquecível pela maldade luminosa encarnada na beleza da estrela, a Kim Novak. O que mais aproximou a personagem na tela da personagem no romance foi, contudo, o primeiro, até pela maior proximidade da deslumbrante e terrível ausência de graça da atriz e da Mildred Roger do livro.

Vê-se, assim, que, de um modo ou de outro, por caminhos diretos ou por curvas contornantes, a afirmação de Somerset Maugham de que seu romance, não sendo uma autobiografia, é, contudo, autobiográfico, faz todo o sentido mesmo nos episódios menos consciente e confessadamente intencionais nessa linha, como é o caso da relação de Mildred e Philip e das forças que os aproximam e repelem até a perda e a queda definitivas da primeira e da libertação física e psicológica do segundo. Isso, é claro, se se atribuir algum acerto a interpretações tais como as acima apresentadas.

Entretanto, independentemente das motivações mais ou menos distantes entre a realidade da vida e a vida da ficção, *Servidão humana* é um romance que vale por si e que permanece como uma obra de mestre e como mestre de uma obra diversificada e rica em gênero, quantidade e qualidade.

*Servidão humana* inscreve-se num gênero de romance de longa tradição, o do romance de formação, de adolescência ou de aprendizagem — *Bildungsroman*, que remonta ao *Dom Quixote*, de Cervantes, ao *Wilhelm Meister*, de Goethe, e a uma série de títulos de obras bem-sucedidas e de sucesso que incluem desde *Gil Blas*, *Tom Jones*, *Cândido*, *A nova Heloísa*, as obras do Marquês de Sade, no que concerne à educação sexual e grandes romances do século XIX como *As ilusões perdidas*, e *O pai Goriot*, de Balzac, *O vermelho e o negro*, de

Stendhal, e *A educação sentimental*, de Flaubert, além de obras de Dickens, Victor Hugo e, mais proximamente da época da publicação do romance de Maugham, *Filhos e amantes*, de D. H. Lawrence, e *Retrato do artista quando jovem*, de James Joyce.

A galeria é enorme e as obras-primas ou de referência no gênero são muitas, ao longo do tempo.

*Servidão humana* é também, no próprio sentido da educação e da aprendizagem do herói adolescente, um romance realista-naturalista, no qual as forças de escravização do ser humano — físicas, psicológicas, religiosas e morais — vão sendo superadas e as provações por que ele passa vão dando medida do processo progressivo de seu amadurecimento e de suas conquistas sobre si mesmo e sobre o mundo. Aqui a admiração de Maugham por Flaubert e, em especial, por Maupassant se mostra de corpo inteiro e se concretiza na expressão de um estilo narrativo de primeira linha, envolvente e cativante, mas é também um romance moderno, se não tanto pela forma, ao menos pela ousadia dos conteúdos e pela formulação narrativa da aventura da busca inútil e da venturosa inutilidade da descoberta do vazio da metafísica: a vida não tem sentido e a morte, nenhuma consequência.

Contudo, o romance termina numa visão otimista com o herói encontrando na simplicidade do amor-afeição, *loving-kindness*, como o chama o autor no capítulo 77 de *Summing up*, que o casamento com a jovem Sally Athelny representa, a paz e a tranquilidade que a paixão, o amor sexual, como Maugham o chama no mesmo capítulo, não pode dar.

Otto Maria Carpeaux, a propósito de *Servidão humana*, escreveu em sua *História da literatura ocidental* que Somerset Maugham “é o pessimista mais sistemático da literatura do século XX”. Talvez o crítico tenha razão, mas é preciso contrabalançar essa opinião com o fato de que, na ficção, ao menos nesse romance, a saída é redentora e — o que é mais surpreendente — pelo modo convencional, o do casamento que, no entanto, não se realiza, ele próprio, por mera convenção ou por incandescência sexual, mas por afeição duradoura e construtiva.

E aqui voltamos, de maneira nada convencional, aos três pilares da sabedoria dos tempos de que nos fala o autor em *Summing up*. Dos três — Verdade, Beleza e Bondade — Somerset Maugham elege a última como tendo valor intrínseco e permanência porque associado ao amor-afeição (*loving-*



*kindness*). É por ele e com ele que podemos nos libertar do fardo da servidão, se pudermos, humana.

Desse modo, o conceito mais adequado para caracterizar a atitude e a postura intelectual e existencial de Somerset Maugham seja mesmo o que ele próprio escolheu para se definir, o de agnosticismo e não de pessimismo, ou talvez ainda o de ceticismo crítico que funda modernamente toda uma visão do mundo que desconfia e desacredita, para construir.

Mas Carpeaux é infalível quando comenta a fortuna crítica e o destino venturoso de *Servidão humana* e de outras obras do escritor:

Maugham deve a imensa popularidade ao seu grande talento de narrador, ao humor tipicamente inglês e, antes de tudo, à capacidade de fazer o leitor acreditar no que conta. Quase sempre fala na primeira pessoa do singular: é franco como um amigo fidedigno e dá ao leitor a ilusão de conhecer, com ele, a vida e o mundo, o vasto mundo. Aquele grande romance e muitos contos de Maugham são literatura “popular” que resistirá ao tempo.

Assim, realista por saber criar, como poucos, a ilusão desencantada da realidade e moderno por tratar com argúcia e encantamento a realidade da ilusão, *Servidão humana* permanece como obra maior no gosto do leitor de todos os tempos desde o ano de sua publicação, há quase um século, em 1915.

CARLOS VOGT

O DIA ROMPEU CINZENTO E TRISTE. As nuvens pairavam pesadamente, e havia no ar certa aspereza que era uma promessa de neve. Penetrando no quarto em que dormia uma criança, a criada cerrou as cortinas, após lançar um olhar maquinal à casa em frente, um prédio revestido de estuque com colunas no portal, e caminhou em direção ao leito.

— Acorde, Philip — disse ela.

Puxando as cobertas, tomou-o nos braços e desceu as escadas. Philip ia ainda meio adormecido.

— Sua mamãe deseja vê-lo — acrescentou a criada.

Abriu a porta de um quarto no andar térreo e conduziu a criança até a cama em que jazia uma mulher. Era a mãe do pequeno. Estendeu os braços para o filho, que se aninhou ao seu lado sem perguntar por que razão o tinham acordado. A mulher beijou-lhe os olhos e, com as mãos delicadas e magras, procurou sentir o calor do pequeno corpo através da alva camisola de flanela. Aconchegando-o ainda mais a si, perguntou.

— Está com sono, querido?

A voz era tão débil que parecia vir de muito longe. O garoto não respondeu, mas sorriu satisfeito. Sentia-se feliz no leito grande e quente, enlaçado por aqueles braços macios. Procurou fazer-se ainda mais pequenino, encolhendo-se de encontro ao corpo da mãe, e beijou-a sonolentemente no rosto. Fechou os olhos, logo após, e adormeceu profundamente. O médico aproximou-se então da cama.

— Por favor, não o levem ainda! — gemeu ela.

Sem responder, o médico olhou para ela com ar grave. Sabendo que não lhe permitiriam ficar com a criança por muito tempo, a mulher tornou a beijá-la, correndo a mão ao longo do corpo até alcançar-lhe os pés. Segurou o pé direito, apalpou, um a um, os cinco dedinhos, e em seguida passou lentamente a mão pelo pé esquerdo. Deixou escapar um soluço.

— O que houve? — disse o doutor. — A senhora está cansada.

Ela balançou a cabeça, impossibilitada de falar, enquanto as lágrimas lhe rolavam pelas faces. O médico inclinou-se sobre o leito.

— Deixe-me levá-lo.

Estava tão fraca que não pôde opor qualquer resistência. O menino foi entregue à criada.

— É melhor levá-lo para a cama dele.

— Pois não, doutor.

Ainda adormecido, o garoto foi conduzido para cima. A mãe agora soluçava, com desespero.

— Que será feito do pobrezinho?

A enfermeira tentou acalmá-la, até que o pranto cessou pelo cansaço. O médico dirigiu-se a uma mesa, no outro lado do quarto, sobre a qual, coberto por uma toalha, jazia o corpo inanimado de um recém-nascido. Levantando a toalha, o doutor olhou. Um biombo o separava da cama, mas a mulher parece que adivinhou de que se tratava.

— Era menina ou menino? — cochichou para a enfermeira.

— Outro menino.

A doente não disse mais nada. Pouco tempo depois, a ama de Philip regressava, aproximando-se do leito.

— O menino não chegou a acordar — disse ela.

Seguiu-se uma pausa. O doutor examinou então, mais uma vez, o pulso da enferma.

— Nada me resta fazer no momento — observou ele. — Voltarei depois de comer.

— Vou levá-lo até a porta, doutor — disse a ama.

Desceram as escadas em silêncio. No hall o médico parou por um instante.

— Já mandou chamar o cunhado de mrs. Carey?

— Mandei, doutor.

— Sabe a que horas deverá chegar?

— Não, senhor. Estou esperando um telegrama.

— E o menino? Achava melhor afastá-lo daqui.

— Miss Watkin disse que o levaria.

— Quem é ela?

— É a madrinha do menino, doutor. Acha que mrs. Carey resistirá?

O médico sacudiu a cabeça negativamente.



Passara-se uma semana. Philip estava sentado no soalho da sala de visitas de miss Watkin, na sua casa de Onslow Gardens. Era a única criança da casa e estava habituado a brincar sozinho. A sala era dotada de sólido mobiliário e em cada um dos sofás viam-se três grandes almofadas. As poltronas tinham também as suas almofadas. Servindo-se delas e dos banquinhos dourados, leves e fáceis de transportar, conseguira improvisar uma espécie de caverna onde se escondia dos peles-vermelhas emboscados atrás das cortinas. Encostou o ouvido ao soalho e fingiu ouvir o tropel dos búfalos que se precipitavam através da planície. Sentindo que a porta se abria, prendeu por um momento a respiração com medo de ser descoberto; um puxão violento afastou, entretanto, uma das cadeiras e as almofadas caíram ao chão.

— Menino levado! Miss Watkin vai ficar zangada com você.

— Olá, Ema! — disse ele.

A ama-seca inclinou-se e beijou-o, ocupando-se depois em sacudir as almofadas e colocá-las nos respectivos lugares.

— Vou voltar para casa? — perguntou ele.

— Vai, sim. Vou levá-lo comigo.

— Você está com um vestido novo, Ema.

Era 1885, e ela usava anquinhas. Seu vestido era de veludo negro, com mangas justas, ombros inclinados e saia de armação, com três grandes babados. Usava também uma touca preta com cordões de veludo. Ema hesitou. Como esperava outra pergunta, não pôde dar a resposta que preparara.

— Você não se interessa em saber como está a sua mamãe? — indagou por fim.

— Oh, me esqueci! Como está a mamãe?

Chegara a ocasião.

— Sua mamãe está bem e é muito feliz.

— Oh, que bom!

— Sua mamãe foi embora. Você não a verá mais.

Philip não compreendia o que a ama queria dizer.

— Por quê?

— Sua mamãe está no céu.

Começou a chorar, e Philip chorou também, embora não compreendesse bem aquilo. Ema era uma mulher alta e ossuda, de cabelos louros e rosto largo. Viera de Devonshire e, apesar da longa residência em Londres, não perdera ainda o sotaque de sua região. As lágrimas aumentaram-lhe a emoção. Apertou o menino de encontro ao peito. Sentia pena daquela criança privada do único amor desinteressado no mundo. Afigurava-se-lhe horroroso ter de entregá-la a estranhos. Em poucos minutos, entretanto, recuperou o controle dos nervos.

— O tio William está esperando por você — falou ela. — Vá dizer adeus a miss Watkin.

— Não quero dizer adeus! — retrucou o pequeno, procurando instintivamente esconder as lágrimas.

— Está bem. Então vá correndo buscar o seu chapéu.

O menino obedeceu, e ao descer encontrou Ema à sua espera na saleta. Ouviu o som de vozes no gabinete que ficava por trás da sala de jantar. Parou de repente. Sabia que miss Watkin e a irmã estavam conversando com algumas amigas e parecia-lhe que sua presença lá — Philip já completara nove anos de idade — faria com que elas se pusessem a lamentar a sua sorte.

— Acho que vou mesmo me despedir de miss Watkin.

— É melhor.

— Vá na frente para avisar — pediu ele.

Desejava tirar o maior proveito daquela oportunidade. Ema bateu à porta e entrou. Philip ouviu-a falar.

— Philip quer despedir-se da senhora.

A conversa foi subitamente interrompida e o menino entrou coxeando. Henrietta Watkin era uma mulher forte, de rosto vermelho e cabelos tingidos. Naquele tempo tingir os cabelos suscitava comentários. Philip ouvira muitos em casa, quando sua madrinha fez isso. Vivia ela com uma irmã mais velha que se conformara com a velhice. Duas senhoras, que Philip não conhecia, estavam visitando miss Watkin. As desconhecidas olharam-no com curiosidade.

— Meu pobre menino! — exclamou miss Watkin, abrindo os braços.

Começou a chorar. Philip compreendeu então a razão de sua ausência ao almoço e por que ela trajava um vestido negro. Miss Watkin via-se impossibilitada de falar.

— Tenho que ir para casa — disse Philip, por fim.

Desvencilhou-se dos braços de miss Watkin, que o beijou novamente, e foi dizer adeus à irmã de sua madrinha. Uma das senhoras estranhas perguntou se podia beijá-lo, permissão que o garoto concedeu com gravidade. Embora chorasse, apreciava enormemente a sensação que estava provocando. Gostaria de ficar um pouco mais para continuar sendo alvo das atenções, mas como sentisse que aguardavam a sua retirada, alegou que Ema estava esperando por ele. Saiu do quarto e andou à procura de Ema, que havia descido para falar com uma amiga. Nesse meio-tempo ouviu a voz de Henrietta Watkin.

— A mãe dele era a minha melhor amiga. Custa-me acreditar que ela tenha morrido.

— Não devia ter ido ao enterro, Henrietta — advertiu a irmã. — Eu sabia que isso ia lhe pôr nervosa.

Uma das visitantes disse:

— Pobre menino! E horrível pensar que o coitadinho está agora só no mundo. Notei que ele mancava.

— Um dos pezinhos é torto. Esse defeito entristecia tanto a mãe dele!

Ema regressou. Chamaram um carro e ela disse ao cocheiro para onde devia ir.

Ao chegarem à casa em que morrera mrs. Carey, situada numa respeitável mas desolada rua de Kensington, entre Notting Hill Gate e High Street, Ema conduziu Philip à sala de visitas. Seu tio estava escrevendo cartas de agradecimento pelas coroas que os amigos haviam enviado. Uma delas se achava ainda sobre a mesa da saleta, numa caixa de papelão, pois chegara tarde demais para o enterro.

— Aqui está o menino Philip — disse Ema.

Mr. Carey levantou-se devagar e apertou a mão do pequeno. Depois, refletindo, inclinou-se e beijou-o na testa. Era um homem de estatura um pouco inferior à normal e com tendência para a obesidade; usava cabelos compridos arranjados sobre a cabeça de modo a ocultar a calvície. Trazia a barba sempre raspada e era de supor que em sua mocidade tivesse sido um bonito rapaz. Da corrente do seu relógio pendia uma cruz de ouro.

— De hoje em diante você vai viver comigo, Philip — falou mr. Carey. — Está alegre com a notícia?

Dois anos atrás Philip fora passar uns tempos no vicariato após um ataque de varicela. Durante esse período, a lembrança de um sótão e de um grande jardim gravou-se-lhe mais na mente que a de seus tios.

— Fico — respondeu ele.

— Deve considerar-nos, a mim e à sua tia Louisa, como seus verdadeiros pais.

Os lábios da criança tornaram-se trêmulos, as faces enrubesceram, mas não se lhe ouviu observação alguma.

— Sua querida mãe deixou-o aos nossos cuidados.

Mr. Carey não tinha muita facilidade de expressão. Quando chegou a notícia de que sua cunhada se achava à morte, partiu imediatamente para Londres, mas no caminho não pensou senão no transtorno que sua vida iria sofrer caso fosse obrigado a tomar conta do garoto. Contava já mais de cinquenta anos e sua mulher, com quem vivia há trinta, não lhe dera filhos;



não sentia prazer nenhum na idéia de ter em casa um pequeno que podia ser barulhento e malcriado. Além disso, nunca apreciara muito a cunhada.

— Vou levá-lo para Blackstable, amanhã — disse ele.

— Com Ema?

A criança colocou a mãozinha na da ama, que a apertou.

— Acho que Ema terá de ir embora — disse mr. Carey.

— Mas eu quero que Ema venha comigo!

Philip começou a chorar e a ama, por sua vez, não conseguiu conter as lágrimas. Mr. Carey olhava para os dois, sem saber o que fazer.

— Peço-lhe que me deixe só com Philip, por um momento.

— Pois não, senhor.

Embora o menino se agarrasse a ela, conseguiu desvencilhar-se com brandura e sair. Mr. Carey sentou Philip sobre os joelhos e cingiu-o com o braço.

— Não precisa chorar. Já está crescido demais para ter uma ama. Temos que pensar em mandá-lo para a escola.

— Quero que Ema me acompanhe — repetiu a criança.

— Isso nos custará muito dinheiro, Philip. Seu pai não deixou lá grande coisa, e além disso não sei o que foi feito do pouco que deixou. Convém não desperdiçar um único vintém.

Na véspera, mr. Carey visitara o advogado da família. O pai de Philip era um cirurgião com boa clientela e os cargos que exercia em diversos hospitais faziam pensar numa situação sólida. Causou surpresa, portanto, após a sua morte súbita por envenenamento do sangue, verificar-se que o pobre homem deixara à viúva pouco mais do que o seguro de vida e o pouco que seria possível obter com o aluguel de sua casa em Bruton Street. Isso tudo ocorrera seis meses antes. Mrs. Carey, com a saúde já abalada e à espera de um bebê, perdeu a cabeça e aceitou a primeira oferta que lhe fizeram. Mandou guardar a mobília num depósito e, pagando aluguéis que o pároco considerava exorbitantes, instalou-se numa nova casa com contrato de um ano a fim de não passar por novos aborrecimentos até que a criança nascesse. Não estava, porém, acostumada a lidar com dinheiro, e não soube adaptar as despesas às novas circunstâncias. O pouco de que dispunha escorregou-se-lhe por entre os dedos de uma maneira ou de outra, e agora, com todas as despesas pagas, restavam apenas umas duas mil libras com que garantir o sustento do garoto

enquanto não atingisse idade suficiente para trabalhar. Seria impossível explicar tudo isto a Philip, que continuava soluçando.

— É melhor ir falar com Ema — disse mr. Carey, compreendendo que ela saberia consolar a criança melhor do que ninguém.

Philip saltou dos joelhos do tio sem pronunciar uma só palavra, mas mr. Carey o deteve.

— Temos de ir amanhã porque no sábado preciso preparar o meu sermão. Diga a Ema para arrumar ainda hoje as suas coisas. Pode levar todos os brinquedos. Se quiser guardar alguma lembrança de seu pai e de sua mãe, pode ficar com um objeto de cada um deles. O resto vai ser vendido.

O menino deixou a sala. Mr. Carey, que não estava habituado ao trabalho, voltou às suas cartas com certo mau humor. À beira da secretária havia um maço de contas que o irritava demasiadamente. Uma delas, especialmente, parecia-lhe absurda. Logo após a morte de mrs. Carey, Ema encomendara ao florista vários ramalhetes de rosas brancas para enfeitar o aposento em que estava a morta. Era jogar dinheiro fora. Ema ultrapassara as suas atribuições. Iria despedi-la, mesmo que não o obrigasse a tanto a falta de recursos.

Philip procurou a ama, escondeu o rosto no seu seio e chorou amarguradamente. Ela, por sua vez, sentindo que o pequeno era quase seu filho (criara-o desde a idade de um mês), fazia o possível por consolá-lo com palavras meigas. Prometeu visitá-lo de vez em quando, jurando não esquecê-lo jamais. Falou sobre o lugar para onde Philip ia e descreveu a sua casa em Devonshire. Seu pai era guarda-cancela na estrada de Exeter; havia porcos no chiqueiro e uma vaca que acabara de ter um bezerrinho. Philip esqueceu-se das lágrimas e entusiasmou-se ante a expectativa da próxima viagem. A ama colocou-o no chão. Havia muito que fazer e Philip ajudou-a a arrumar as suas roupas sobre a cama. Ema lhe disse que fosse buscar os brinquedos, e dentro de poucos minutos ele se divertia alegremente.

Por fim cansou-se de estar sozinho e voltou ao quarto de dormir; Ema estava colocando as suas coisas dentro de um grande baú de lata. Recordando-se de que lhe fora permitido levar uma lembrança de seu pai e outra de sua mãe, perguntou a Ema que objetos deveria escolher.

— Vá até a sala de visitas e veja o que mais lhe agrada.

— Titio William está lá.

— Não tem importância. Os objetos são seus agora.

Philip desceu com lentidão as escadas e encontrou a porta aberta. Mr. Carey havia deixado a sala. O pequeno pôs-se a andar vagorosamente em derredor. Morara naquela casa durante tão pouco tempo que nada lhe parecia de grande interesse. Era uma sala estranha e Philip não viu coisa alguma que lhe cativasse a imaginação. Sabia, entretanto, quais eram os objetos de sua mãe e quais os que pertenciam ao senhorio. De repente descobriu um pequeno relógio de que sua mãe gostava, segundo lhe ouvira dizer certa vez. Apoderando-se dele, subiu novamente as escadas, meio desconsolado. Ao passar pela porta do quarto materno, parou para ver se ouvia algum rumor. Embora ninguém o houvesse proibido de entrar ali, tinha um pressentimento de que não devia fazê-lo; um certo medo o dominava e seu coração batia com muita força. Ao mesmo tempo, qualquer coisa o impeliu a girar a maçaneta. Fez isso muito de mansinho, como para evitar que alguém no interior o ouvisse, e pouco a pouco foi abrindo a porta. Ficou parado por alguns instantes, sem coragem de entrar. Não sentia mais medo, mas aquilo tudo lhe parecia muito estranho. Fechou a porta atrás de si. As cortinas estavam cerradas e o quarto, escuro, batido apenas pela fria luz de uma tarde de janeiro. Em cima da penteadeira estavam as escovas de Mrs. Carey e um espelho de mão. Sobre uma bandejinha viam-se vários grampos de cabelo. Em cima da lareira havia uma fotografia sua e outra de seu pai. Penetrara muitas vezes naquele quarto durante a ausência de sua mãe, mas agora tudo lhe parecia mudado. O aspecto das cadeiras apresentava algo de curioso. A cama estava feita, como se alguém fosse dormir ali durante a noite. Sobre o travesseiro repousava uma camisola.

Philip abriu um grande armário cheio de vestidos, entrou e, abarcando nos braços tantos quantos lhe foi possível, mergulhou o rosto neles. Desprendia-se da roupa o perfume preferido de sua mãe. Puxou em seguida as gavetas e contemplou a roupa branca que as enchia: os saquinhos de alfazema colocados entre o linho desprendiam um cheiro suave e agradável. O quarto não mais lhe parecia estranho, e a impressão que Philip sentia era de que sua mãe havia saído para um passeio. Dentro em pouco estaria de volta para tomar chá com ele lá em cima, no quarto de crianças. Parecia-lhe sentir já o seu beijo sobre os lábios.

Não era verdade que nunca mais tornaria a vê-la. Não era verdade pela simples razão de ser impossível. Subindo para a cama, recostou a cabeça no travesseiro e deixou-se ficar imóvel.



Philip despediu-se de Ema em prantos, mas a viagem para Blackstable divertiu-o, e ao chegar lá estava resignado e alegre. Blackstable ficava a sessenta milhas de Londres. Entregando a bagagem a um carregador, mr. Carey saiu com Philip a caminho do vicariato; gastaram no trajeto pouco mais de cinco minutos, e, à chegada, Philip recordou-se logo do portão. Era pintado de vermelho e tinha cinco barras de ferro; abria para ambos os lados, sobre os gonzos bem azeitados, e era até possível, embora proibido, brincar nele de vaivém. Atravessaram o jardim em direção à porta de entrada, o que só costumava ser feito por visitantes, aos domingos, ou em determinadas ocasiões, como, por exemplo, quando o vigário partia para Londres ou regressava a Blackstable. Costumava-se entrar por uma porta lateral, havendo outra nos fundos para o jardineiro e para os mendigos. Era uma casa basfante espaçosa, de tijolos amarelos e telhado vermelho, construída vinte e cinco anos antes, num estilo eclesiástico. A entrada lembrava o portal de uma igreja e as janelas da sala de visitas eram góticas.

Mrs. Carey sabia em que trem os dois deviam chegar e por isso esperava, na sala de visitas, atenta ao portão. Ao ouvir o ruído característico, dirigiu-se para a porta.

— Lá está a tia Louisa — disse mr. Carey ao avistá-la. — Corra, dê um beijo nela.

Philip pôs-se a correr desajeitadamente, arrastando o pé torto, mas parou pouco adiante. Mrs. Carey era uma mulher pequena e engelhada, tinha a mesma idade do marido, olhos azul-pálidos e um rosto extraordinariamente vincado de profundas rugas. Os cabelos, já grisalhos, estavam penteados em forma de anéis, obedecendo ainda à moda que vigorara em sua mocidade. Trajava um vestido negro e o único ornamento que trazia era uma corrente de ouro, da qual pendia uma cruz. Seus gestos eram tímidos e a voz, delicada e suave.

— Veio caminhando, William? — perguntou ela quase em tom de reprovação, ao beijar o marido.

— Nem pensei nisso — respondeu ele, lançando um olhar para o sobrinho.

— Não se incomodou com a caminhada, Philip? — indagou ela à criança.

— Não. Estou acostumado a andar a pé.

Philip surpreendeu-se um pouco com o que estavam dizendo. Tia Louisa pediu-lhes que a acompanhassem e os três penetraram no hall. Era este calçado com ladrilhos vermelhos e amarelos, sobre os quais se alternavam uma cruz grega e o Cordeiro de Deus. Imponente escada conduzia ao andar superior.

O pinho polido de que era feita desprendia um aroma todo especial, e só a construíram assim porque, felizmente, sobrara bastante madeira após a substituição dos bancos da igreja. Os balaústres estavam decorados com os emblemas dos Quatro Evangelistas.

— Mandei acender a estufa porque imaginei que sentiria frio após a viagem — explicou mrs. Carey.

Era uma estufa grande e negra, instalada no hall; só a acendiam quando a temperatura baixava muito e o vigário se resfriava. Quando mrs. Carey se resfriava, não era preciso acendê-la. O carvão estava caro. Além disso, Mary Ann, a criada, não gostava de andar para baixo e para cima a alimentar o fogo. Se queriam tanto fogo aceso em casa, que alugassem uma outra moça para esse serviço. Durante o inverno mr. e mrs. Carey utilizavam-se unicamente da sala de jantar, bastando, portanto, acender a lareira; com a chegada do verão, já estavam tão habituados àquele modo de vida que a sala de visitas só se abria aos domingos, à tardinha, quando mr. Carey ia dormir a sesta. Aos sábados, porém, tornava-se imprescindível aquecer o gabinete para que ele pudesse escrever o seu sermão.

Tia Louisa subiu a escada com Philip e conduziu-o a um minúsculo quarto de dormir que dava para o jardim. Bem em frente à janela erguia-se uma grande árvore; o menino reconheceu-a por causa dos ramos, tão próximos do chão que era possível subir por eles.

— Um quarto pequeno, como o menino que nele vai morar — disse mrs. Carey. — Não tem medo de dormir sozinho?

— Oh, não!

Ao visitar o vicariato pela primeira vez viera acompanhado pela ama e pouca preocupação dera a mrs. Carey. Agora ela o olhava com uma certa indecisão.

— Sabe lavar as mãos ou é preciso que eu as lave?

— Sei lavar-me sozinho — respondeu com firmeza.

— Bem, quando descer para o chá eu as examinarei.

Não entendia nada de crianças. Após ficar resolvido que Philip viria para Blackstable, ela começara a imaginar a melhor maneira de tratá-lo. Procuraria por todos os meios cumprir o seu dever. Depois que o menino chegou, entretanto, mostrava-se tão retraída em sua presença quanto ele próprio. Pedia a Deus que Philip não fosse malcriado e bulhento, pois seu marido não suportava meninos dessa espécie. Alegando uma desculpa qualquer, mrs. Carey deixou Philip só, por um instante. Voltou entretanto pouco depois, e, batendo à porta, sem entrar, perguntou se ele sabia pôr água na bacia sozinho. Em seguida desceu a escada e bateu a sineta para o chá.

A sala de jantar, ampla e bem dividida, possuía janelas em dois de seus lados, com pesadas cortinas de fustão vermelho. No centro existia uma grande mesa e, num dos extremos, imponente aparador de mogno com espelho. Num dos cantos via-se um harmônio e em cada um dos lados da lareira havia cadeiras de couro estampado cobertas com capas de algodão. Uma tinha braços, e chamavam-na o *marido*; a outra, por não os possuir, era a *esposa*. Mrs. Carey nunca se sentava na cadeira de braços. Dizia preferir um assento menos confortável, pois tinha muito que fazer e do contrário não sentiria ânimo para levantar-se.

Mr. Carey estava reavivando o fogo quando Philip entrou. O tio mostrou, então, ao sobrinho que havia dois atiçadores. Um dos instrumentos era brilhante e polido, pois raramente o utilizavam: chamava-se o *vigário*; o outro, muito menor e já bastante usado, era conhecido por *cura*.

— Por que estamos esperando? — perguntou mr. Carey.

— Mandei Mary Ann preparar um ovo para você. Você deve estar com fome por causa da viagem.

Mrs. Carey julgava que a viagem de Londres a Blackstable fosse fatigante. Raras vezes se afastava de casa, pois tinham um rendimento anual de apenas trezentas libras; quando o marido tirava férias, partia sozinho para onde quer que fosse, pois o dinheiro não chegava para dois. Apreciava imensamente os congressos religiosos, razão por que procurava ir a Londres uma vez por ano. Certa ocasião fora também à exposição de Paris e fizera duas ou três visitas à Suíça.

Mary Ann trouxe o ovo e os três sentaram-se à mesa. A cadeira era baixa demais para Philip e nem mr. Carey nem a esposa sabiam o que fazer.

— Vou apanhar alguns livros para pôr em cima da cadeira — disse Mary Ann.

Retirou de cima do harmônio a grande Bíblia e o livro de orações do vigário, e colocou-os sobre o assento.

— Oh!, William, ele não deve sentar-se sobre a Bíblia — observou mrs. Carey, no tom de quem se sentia chocada. — Não seria possível arranjar uns livros no gabinete?

Mr. Carey considerou a questão alguns segundos.

— Não vejo mal algum desde que o livro de orações seja colocado por cima, Mary Ann. Ele foi composto por homens como nós. Não se pode lhe atribuir origem divina, em absoluto.

— Não havia pensado nisso, William — disse tia Louisa.

Philip empoleirou-se no alto dos livros e o vigário, após a breve oração de costume, cortou a ponta do ovo.

— Pode comer este pedaço se quiser — disse, estendendo-o para Philip.

Philip gostaria de comer um ovo inteiro, mas já que não lhe ofereciam um, aceitou o que lhe davam.

— As galinhas puseram muitos ovos durante a minha ausência? — indagou o vigário.

— Ultimamente têm estado detestáveis; apenas colho um ou dois por dia.

— O que você achou, Philip? — perguntou o tio.

— Estava bom, muito obrigado.

— Ganharás outro domingo à tarde.

Mrs. Carey sempre fazia servir um ovo cozido ao chá, aos domingos, a fim de que o marido se fortalecesse para o sermão da noite.



Pouco a pouco Philip veio a conhecer melhor a gente com quem havia de viver, e através de trechos de conversa, muitos dos quais não se destinavam aos seus ouvidos, aprendeu bastante, tanto a seu respeito como acerca de seus falecidos pais. O pai de Philip era muito mais moço do que o vigário de Blackstable. Após brilhante carreira no hospital São Lucas, passou a fazer parte do corpo médico e a ganhar vultosos honorários. Gastava-os despreocupadamente. Quando o pároco resolveu reformar a igreja, visitou o irmão a fim de pedir-lhe auxílio e mostrou-se bastante surpreendido ao receber duzentas libras. Parco por inclinação e econômico por necessidade, mr. Carey aceitou a oferta com um misto de sentimentos; invejava o irmão por lhe ser possível dar tanto dinheiro, regozijava-se ao pensar na reforma da igreja e, no fundo, ficava levemente irritado em face de uma generosidade que tocava às raias da ostentação. Em seguida Henry Carey desposou uma cliente, uma moça formosa mas pobre, órfã e destituída de parentes próximos, mas de ótima família. Um grupo de amigos distintos compareceu ao casamento. Ao visitá-la durante a sua estada em Londres, o pároco portava-se com certa reserva. Mostrava-se acanhado e no íntimo causava-lhe mal-estar a grande beleza da cunhada, sempre vestida com uma magnificência que não ficava bem na esposa de um cirurgião trabalhador. A encantadora mobília de sua casa, por outro lado, e as perfumadas flores em meio das quais vivia, mesmo no inverno, sugeriam uma extravagância que ele deplorava. Ouvira-a falar das diversões que costumava freqüentar e, segundo declarou à mulher, de regresso ao lar, era impossível aceitar hospitalidade sem uma retribuição de qualquer natureza. Vira uvas, na sala de jantar, uvas que deviam ter custado pelo menos oito xelins a libra; ao almoço serviram-lhe espargos, dois meses antes de ser possível colhê-los na horta do vicariato. Agora, tudo o que ele previra se havia realizado; o vigário sentia a satisfação do profeta que vê o fogo e o enxofre destruir a cidade que não se corrigiu apesar das suas advertências. O pobre Philip não tinha praticamente um só vintém, e de que valiam agora as altas amizades de sua mãe? Constava que a extravagância do pai fora em verdade

criminosa, e o desaparecimento da mãe parecia um ato da Providência. Entendia ela de finanças tanto quanto uma criança.

Quando fazia uma semana que Philip estava em Blackstable, ocorreu um incidente que irritou muito o tio. Encontrou certa manhã, sobre a mesa, um pequeno volume que viera pelo correio da casa da finada mrs. Carey, em Londres. Estava endereçado a ela. Quando mr. Carey abriu o pacote, deparou-se com doze fotografias da mãe de Philip. Eram retratos de busto, e o cabelo, descendo sobre a testa, fora penteado de maneira mais simples que habitualmente, o que lhe emprestava um aspecto todo especial; o rosto estava magro e cavado, mas não havia doença capaz de empanar a beleza de suas feições. Nos olhos grandes e escuros lia-se uma tristeza que Philip não reconhecia. Ao ver a imagem da morta, mr. Carey sentiu um súbito choque, logo transformado em perplexidade. As fotografias pareciam recentes e ele não fazia idéia de quem poderia tê-las encomendado.

— Sabe alguma coisa acerca destas fotografias, Philip? — perguntou.

— Eu me lembro da mamãe dizer que tinha tirado o retrato — respondeu o menino. — Miss Watkin ralhou com ela e mamãe disse: “Eu quero que o meu filho guarde alguma lembrança minha para quando crescer”.

Mr. Carey encarou Philip durante alguns segundos. A criança falava com voz aguda mas firme. Recordava-se das palavras, mas estas não tinham para ele significação alguma.

— Acho melhor levar uma das fotografias para o seu quarto — disse mr. Carey. — As outras ficarão comigo.

Enviou depois uma cópia a miss Watkin, que lhe escreveu explicando a maneira pela qual os retratos haviam sido tirados.

Certa vez mrs. Carey repousava na cama, um pouco mais bem-disposta do que nos outros dias. O doutor, pela manhã, mostrara-se mesmo bastante esperançoso. Ema levava o menino a passear e as criadas haviam descido para o porão. De súbito, mrs. Carey sentiu-se horrivelmente só no mundo. Um grande temor apoderou-se dela, o temor de não resistir ao parto, que esperava para dali a quinze dias. Seu filho contava então nove anos de idade. Como havia de recordar-se dela? Era-lhe intolerável pensar que Philip, com o correr do tempo, acabaria por esquecê-la totalmente. E amava-o assim com tanta paixão, porque ele era fraco e aleijado e porque era seu filho. Não tirava fotografias desde o casamento, e isso fora dez anos antes. Queria que Philip soubesse qual o seu aspecto nos derradeiros dias de vida. Não a esqueceria,

então — pelo menos, não a esqueceria de todo. Sabia que, se chamasse a criada e manifestasse o desejo de levantar-se, seria impedida de fazê-lo, correndo ainda o risco de avisarem o doutor; não sentia, por outro lado, forças para lutar ou discutir. Ergueu-se portanto do leito e começou a vestir-se. Estivera deitada durante tanto tempo que as pernas cediam ao peso do corpo, sentia tal formigamento nas plantas dos pés que mal podia tocar no soalho com elas. Ainda assim continuou. Não estava acostumada a pentear-se, e ao levantar o braço para passar a escova nos cabelos sentiu-se desfalecer. Seria incapaz de arranjá-los como o fazia a criada. Eram lindos, de fios finos e dourados. As sobranceiras, escuras, formavam quase uma linha reta. Pôs uma saia preta, mas escolheu o corpete do vestido de noite que mais lhe agradava. Era de damasco branco, muito em moda naquela época. Mirou-se em seguida no espelho. O rosto estava pálido mas a pele não perdera a sua limpidez. Nunca tivera mesmo muita cor, e isso realçava ainda mais o rubor de sua formosa boca. Não pôde conter um suspiro. Não tinha, porém, tempo para lamentar a sua sorte. Já começava a sentir-se imensamente cansada; colocou sobre os ombros as peles que Henry lhe havia dado no Natal passado (como ele a fizera orgulhosa e feliz naquele dia!) e desceu as escadas com o coração palpitante. Chegou à rua sem empecilhos, foi do carro a um ateliê de fotógrafo e pagou uma dúzia de retratos. No meio da pose foi obrigada a pedir um copo d'água. Notando-a doente, o fotógrafo sugeriu que ela voltasse no dia seguinte, mas mrs. Carey insistiu em ficar até o fim. Terminada a pose, voltou para a soturna casa de Kensington, que odiava com todas as fibras do seu ser. Seria horrível morrer numa casa como aquela.

Encontrou aberta a porta de entrada e, à aproximação do carro, Ema e a criada desceram correndo os degraus a fim de ampará-la. Haviam levado um grande susto ao encontrar o quarto vazio. A princípio julgaram que mrs. Carey tivesse ido visitar miss Watkin e mandaram lá a cozinheira. Miss Watkin veio com a empregada e ficou esperando, impaciente, na sala de visitas. Descia agora as escadas, transbordante de ansiedade e de censura. Mas o esforço que mrs. Carey despendera havia sobrepujado as suas forças e, como não fosse mais necessário resistir, caiu pesadamente nos braços de Ema e foi levada para cima. Permaneceu desacordada por um espaço de tempo que pareceu excessivo aos que a observavam. O doutor, chamado com urgência, não compareceu. Só no dia seguinte, com as primeiras melhoras, foi que miss Watkin conseguiu alguns esclarecimentos. Philip brincava no chão do quarto

de sua mãe e nenhuma das duas senhoras lhe dava a menor atenção. Apenas entendia vagamente o assunto de que tratavam e ele mesmo não saberia explicar por que se lhe gravaram na memória aquelas palavras:

“Eu quero que o meu filho guarde alguma lembrança minha para quando crescer”. — Não compreendo por que razão ela encomendou uma dúzia de retratos — comentou mr. Carey. — Dois teriam sido suficientes.

No vicariato, um dia era igual ao outro.

Logo após a primeira refeição da manhã, Mary Ann ia buscar o *Times*. Mr. Carey compartilhava o jornal com dois vizinhos. Conservava-o em seu poder das dez à uma hora, quando o jardineiro o levava para mr. Ellis, nas Limeiras, com quem ficava até às sete; em seguida levavam-no à Casa Senhorial, a miss Brooks, a qual, em razão de recebê-lo tarde, tinha o privilégio de guardá-lo para si. No verão, quando mrs. Carey fazia geléia, muitas vezes pedia-lhe um jornal velho com que cobrir os potes. Quando o vigário se sentava a ler as notícias, sua mulher punha a touca na cabeça e saía para fazer compras. Philip costumava acompanhá-la. Blackstable era uma vila de pescadores. Consistia numa rua principal onde estavam instaladas as lojas, o banco, a residência do médico e as casas de dois ou três proprietários de navios carvoeiros; em volta do pequeno porto havia diversas ruas esquálidas. Ali moravam os pescadores e a população pobre em geral, que, por freqüentar as capelas dissidentes, não merecia consideração. Quando, na rua, mrs. Carey notava a aproximação de um ministro dissidente, passava para a outra calçada a fim de evitar encontrar-se com ele; se, entretanto, não houvesse tempo para tal, limitava-se a fixar os olhos no chão. O fato de existirem três capelas na rua Principal constituía um escândalo com o qual o vigário nunca se conformara. Não podia deixar de pensar que a lei, se quisesse, teria impedido a sua construção. Fazer compras, em Blackstable, não era coisa muito fácil, pois medravam dissensões originadas pelo fato de se achar a sede da paróquia situada a duas milhas da cidade. Em vista disso, só se podia negociar com os freqüentadores da igreja, cujo número não era lá muito grande. Mrs. Carey sabia perfeitamente que a preferência do vicariato era capaz de exercer grande influência sobre a fé de um comerciante. Havia dois açougueiros que freqüentavam a igreja da paróquia e não compreendiam por que razão o vigário não comprava de ambos ao mesmo tempo; igualmente, não os satisfazia o plano simples de comprar a cada um durante seis meses do ano, alternadamente. Quando um dos açougueiros deixava de fornecer carne ao vicariato, punha-se a fazer constantes ameaças de

não mais visitar a igreja, obrigando o vigário, por vezes, a tomar medidas enérgicas: fazia ele muito mal em não freqüentar a igreja, mas querer levar a iniquidade ao ponto de ir à capela era demais. Nesse caso, embora ele vendesse uma carne excelente, mr. Carey seria obrigado a deixar definitivamente de comprar lá. Amiúde, mrs. Carey passava pelo banco para dar um recado a Josiah Graves, o gerente, que era chefe do coro, tesoureiro e zelador da igreja. Era um homem alto e magro, de rosto macilento e nariz comprido; tinha o cabelo muito branco e Philip julgava-o extremamente idoso. Escriurava as contas da paróquia e preparava festas para o pessoal do coro e das escolas. Embora não existisse órgão na igreja da paróquia, constava (em Blackstable) que o coro por ele dirigido era o melhor de Kent; e quando havia uma solenidade qualquer, como, por exemplo, a visita do bispo para ministrar a crisma ou do deão rural para pregar na cerimônia de Ação de Graças pelas colheitas, era ele quem realizava todos os preparativos. Tinha por hábito, entretanto, tomar toda espécie de deliberações sem consultar, a não ser perfunctoriamente, a opinião do vigário. Este, embora apreciasse o trabalho que isso lhe poupava, ressentia-se com os ares independentes do zelador. Na verdade, o homem parecia considerar-se a pessoa mais importante da paróquia. Mr. Carey dizia constantemente à mulher que, se Josiah Graves não se corrigisse, acabava dando-lhe com uma régua nos dedos. Mas mrs. Carey aconselhava-o a ter paciência com Josiah Graves; suas intenções eram boas, e ele não tem culpa de não ser verdadeiramente um *gentleman*. Encontrando conforto na prática de uma virtude cristã, o vigário cultivava a indulgência; vingava-se, contudo, referindo-se ao zelador, na sua ausência, pela alcunha de Bismarck.

Certa vez houve séria querela entre os dois; ao lembrar-se disso, mrs. Carey ainda se sentia consternada. O candidato conservador anunciara a intenção de organizar um comício em Blackstable. Tendo deliberado que a assembléia se realizasse na Casa da Missão, Josiah Graves procurou mr. Carey e disse-lhe que esperava algumas palavras suas na cerimônia. Parece que o candidato pedira a Josiah que presidisse a reunião. Isso ultrapassava os limites da paciência de mr. Carey. Tinha opiniões rígidas sobre o respeito devido ao clero, e seria ridículo que um zelador presidisse uma reunião a que estava presente o vigário. Fez ver a Josiah Graves que pastor significava guia, chefe, e o vigário era, portanto, o chefe da paróquia. Josiah Graves respondeu que era o primeiro a reconhecer a dignidade da igreja, mas no momento tratava-se de

uma questão de política. Lembrou ao vigário, por outro lado, que o próprio Salvador os exortara a dar a César o que é de César. Mr. Carey retrucou que o demônio também sabia citar as escrituras de acordo com as suas conveniências, mas que o vigário era quem dispunha da Casa da Missão; se não fosse convidado para presidente, não permitiria que se realizasse ali uma reunião política.

Josiah Graves disse a mr. Carey que agisse como julgasse melhor; na parte que lhe dizia respeito, a capela wesleyana constituiria um local bem adequado à reunião. Ante essa afirmação mr. Carey observou que, se Josiah Graves tivesse a coragem de pôr os pés num recinto que pouco se diferenciava de um templo pagão, seria indigno de exercer o cargo de zelador numa paróquia cristã. Em vista disso, Josiah Graves renunciou a todas as suas funções e nessa mesma noite mandou buscar na igreja a batina e a sobrepeliz. Sua irmã, miss Graves, que lhe cuidava da casa, abandonou também a secretaria da Sociedade de Assistência às Mães, que concedia a cada parturiente pobre o enxoval do bebê, carvão e cinco xelins em dinheiro. O vigário sentiu-se, afinal, dono da sua própria casa. Logo, porém, verificou ser obrigado a deliberar sobre coisas que desconhecia inteiramente. Após os primeiros momentos de irritação, Josiah Graves descobriu, também, que havia perdido o seu maior interesse na vida. Mrs. Carey e miss Graves contristaram-se com a briga; marcaram um encontro, após discreta permuta de cartas, e decidiram reconciliá-los. Falavam da manhã à noite, respectivamente ao marido e ao irmão, e, como procuravam persuadir aqueles cavalheiros a fazer o que no fundo eles desejavam, conseguiram a reconciliação após três semanas de ansiedade. Era patente que ambos tinham interesse nisso, mas preferiram atribuí-lo ao amor comum pelo Redentor. O comício realizou-se na Casa da Missão e o doutor foi convidado para a presidência da mesa. Tanto mr. Carey como Josiah Graves pronunciaram discursos.

Depois de dar por finda a entrevista com o gerente do banco, mrs. Carey costumava subir as escadas para tagarelar um pouco com miss Graves. Enquanto as duas senhoras conversavam sobre assuntos da paróquia, sobre o curato ou a nova touca de mrs. Wilson — mr. Wilson era o homem mais rico de Blackstable; casara com a própria cozinheira e dizia-se que ganhava pelo menos quinhentas libras por ano —, Philip ficava sentado, sério, na austera sala, usada apenas para receber visitas, e ocupava-se em seguir os movimentos inquietos do peixinho dourado no aquário. As janelas nunca se abriam senão

para arejar o ambiente durante alguns minutos, pela manhã; de todas as coisas desprendia-se um cheiro de mofo que parecia a Philip possuir misteriosa relação com os negócios bancários.

Mrs. Carey lembrava-se então de que ainda precisava ir ao merceiro, e os dois reiniciavam a caminhada. Terminadas as compras, muitas vezes desciam por uma rua transversal de casas pequenas, na sua quase totalidade construídas de madeira — moradas de pescadores. Aqui e acolá, sentado no degrau da porta, um pescador remendava as redes, enquanto outras pendiam, estendidas, à entrada das casas. Essa rua ia dar numa pequena praia, fechada de ambos os lados por armazéns, mas de onde se descortinava o panorama do mar. Mrs. Carey demorava-se alguns minutos a contemplar a água, de um amarelo túrbido (quem adivinharia os pensamentos que lhe ocorriam nesse instante?), enquanto Philip andava à procura de pedrinhas chatas para atirar à baía. Em seguida punham-se vagarosamente de volta. Passavam pelo correio para acertar o relógio, cumprimentavam mrs. Wigram, esposa do médico, que cosia sentada à janela, e finalmente chegavam a casa.

O jantar servia-se à uma hora; às segundas, terças e quartas-feiras constava de carne assada ou picadinho, sendo que às quintas, sextas e sábados comprava-se carneiro. Aos domingos preparava-se uma das galinhas criadas no terreiro. Durante a tarde Philip preparava as lições. Latim e matemática ensinava-lhe o tio, que não conhecia nenhuma dessas duas matérias, enquanto sua tia se incumbia do francês e das lições de piano. O francês ela ignorava, mas de piano conhecia o suficiente para acompanhar as velhas canções que cantara durante trinta anos. O tio William costumava contar a Philip que, quando ainda cura, podia orgulhar-se de sua mulher, pois sabia de cor doze canções e cantava-as todas as vezes que lhe pedissem. Ainda cantava amiúde, por ocasião dos chás oferecidos no vicariato. Poucas pessoas mereciam as atenções dos Carey, e portanto essas reuniões, em geral, incluíam apenas o cura, Josiah Graves com a irmã, e o dr. Wigram e a esposa. Após o chá, miss Graves executava uma ou duas das *Canções sem palavras*, de Mendelssohn, e mrs. Carey cantava *Quando as andorinhas regressam* ou *Trota, trota, meu cavalinho*.

Mas não era comum os Carey oferecerem chás; os preparativos davam-lhes muito trabalho e após a retirada dos convidados sentiam-se extenuados. Preferiam tomar o chá a sós e em seguida jogar uma partida de gamão. Mrs. Carey fazia com que o marido ganhasse sempre, pois ele não gostava de perder. Às oito horas serviam uma ceia fria, improvisada, pois Mary Ann não



concordava em preparar nada após o chá. A própria mrs. Carey ajudava a criada a retirar a mesa. Raras vezes comia mais que um pedaço de pão com manteiga seguido de um pouco de frutas em calda, mas o vigário nunca dispensava a sua fatia de carne fria. Logo depois da ceia, mrs. Carey tocava a sineta para as orações e Philip ia para a cama. Sempre protestava ao ser despido por Mary Ann, e após algum tempo conquistou o direito de mudar a roupa sozinho. Às nove horas Mary Ann trazia os ovos e a baixela. Mrs. Carey escrevia a data em cada ovo e registrava o total deles num livro especial. Colocava em seguida a cesta da baixela no braço e subia as escadas. Mr. Carey continuava a ler algum de seus velhos livros até o relógio dar as dez badaladas, hora em que se levantava, apagava as luzes, e ia reunir-se à mulher, que já estava deitada.

Quando Philip chegou, surgiram dificuldades quanto à escolha da noite em que devia banhar-se. Era difícil obter suficiente quantidade de água morna, uma vez que a caldeira da cozinha não funcionava, sendo impossível preparar banho para duas pessoas num mesmo dia. O único homem que possuía banheiro em Blackstable era mr. Wilson, pelo que era acusado de ostentação. Mary Ann tomava o seu banho na cozinha, domingo à noite, pois gostava de iniciar a semana com o corpo limpo. O tio William não podia tomar o seu aos sábados, uma vez que o dia seguinte era de intenso trabalho e o banho deixava-o um tanto cansado; em vista disso, preferia banhar-se às sextas-feiras. Mrs. Carey, pelo mesmo motivo, fazia o seu asseio às quintas-feiras. Assim sendo, sábado parecia ser o dia naturalmente indicado para Philip, mas Mary Ann alegou ser impossível conservar o fogo aceso na noite de sábado. Além do mais, domingo sempre lhe dava muito o que fazer, com a confecção de pastéis e vários outros pratos, e portanto não sentia disposição para banhar o garoto na noite de sábado; e era bem claro que Philip não podia banhar-se sozinho. Mrs. Carey sentia-se acanhada em dar banho num menino e, quanto ao vigário, esse tinha o seu sermão. Mas o vigário fazia questão de que Philip se apresentasse limpo e bem-arrumado no Dia do Senhor. Mary Ann disse que preferia ir-se embora a ter mais esse encargo; após dezoito anos de serviço não esperava que lhe aumentassem assim as obrigações. Esperava, ao contrário, que tivessem um pouco mais de consideração para com ela. Philip tinha dito não precisar de ninguém para banhá-lo, pois sabia fazê-lo muito bem sozinho. Isto resolveu a questão. Mary Ann, porém, afirmou ter certeza de que o menino não saberia banhar-se convenientemente, e para evitar que andasse

sujo — não porque fosse à presença do Senhor, mas porque não lhe seria agradável conviver com um menino em precárias condições de asseio — resolveu matar-se de trabalho, mesmo em se tratando de uma noite de sábado.

Domingo foi um dia fértil em acontecimentos. Mr. Carey sempre afirmava ser o único homem na paróquia que trabalhava durante os sete dias da semana.

Todos em casa levantavam-se uma hora antes que de costume. “Nem no dia de descanso pode um pobre pároco dormir mais um pouco”, observava mr. Carey quando Mary Ann batia à porta do quarto às oito horas em ponto. Mrs. Carey gastava mais tempo para se vestir e só descia para a primeira refeição às nove, pouco antes do marido. Vinha sempre ofegante. As botinas de mr. Carey tinham sido postas a aquecer diante do fogo. As orações eram mais longas que de costume e a refeição mais substancial. Depois de terminarem, o vigário cortava delgadas fatias de pão para a comunhão e concedia-se a Philip o privilégio de aparar a côdea. Em seguida ia ao gabinete buscar um peso para papéis, de mármore, com que mr. Carey comprimia o pão até torná-lo fino e compacto, para, então, cortá-lo em pequenos quadrados. A quantidade variava com as condições do tempo. Em dia chuvoso poucas pessoas iam à igreja e, nos dias realmente lindos, embora a freqüência fosse grande, quase ninguém ficava para a comunhão. A maior afluência era quando o tempo estava bastante seco para tornar agradável a caminhada até a igreja e não tão lindo que os fiéis tivessem pressa de ir embora.

Mrs. Carey retirou, pois, do guarda-comida, que se encontrava na despensa, o cálice da comunhão, e o vigário poliu-o com uma camurça. Às dez horas a carruagem parou à porta da casa e mr. Carey calçou as botas. Mrs. Carey gastou vários minutos para pôr a touca, enquanto o vigário, metido numa enorme capa, esperava no hall com a expressão fisionômica de um primitivo cristão prestes a ser conduzido à arena. Era extraordinário que sua mulher, após trinta anos de vida conjugal, ainda não tivesse aprendido a ser pontual nas manhãs de domingo. Finalmente ela aparecia, vestida de cetim negro. O vigário não gostava de cores na indumentária da esposa de um clérigo, fosse qual fosse a ocasião; aos domingos, então, fazia questão de que o seu traje fosse inteiramente negro. Uma vez ou outra, em conspiração com miss Graves, ela arriscava pregar uma pena branca ou uma rosa no chapéu,

mas o vigário logo insistia na supressão do enfeite, dizendo que não iria à igreja com a Mulher de Escarlata.<sup>[1]</sup> Como mulher, mrs. Carey suspirava, mas como esposa, obedecia.

Estavam quase subindo para a carruagem quando o vigário se lembrou de que não lhe haviam servido o ovo de costume. Todos sabiam que o ovo era indispensável para lhe garantir a clareza da voz; havia duas mulheres em casa, e no entanto nenhuma delas demonstrava o menor interesse pelo seu bem-estar. Mrs. Carey censurou Mary Ann e esta, por sua vez, alegou não poder lembrar-se de tudo. Correu a buscar o ovo e mrs. Carey bateu a gema num copo de xerez. O vigário tomou-o de um gole. Puseram na carruagem os vasos sagrados.

O cabriolé viera do Leão Vermelho e desprendia um cheiro característico de palha velha. Viajavam com ambas as janelas fechadas a fim de evitar que o vigário se resfriasse. O sacristão esperava no portal da igreja pelo cálice da comunhão, e enquanto o vigário se encaminhava para a sacristia, mrs. Carey e Philip sentaram-se num dos bancos. Mrs. Carey colocou à sua frente a moeda de seis *pence* que costumava depositar na bandeja e entregou a Philip três *pence* para o mesmo fim. Pouco a pouco a igreja se encheu e o ofício começou.

Philip aborreceu-se durante o sermão, mas quando ele se mostrava irrequieto mrs. Carey colocava-lhe suavemente a mão sobre o braço e lançava-lhe um olhar repreensivo. Por ocasião do hino final o menino recuperou o interesse e mr. Graves correu a bandeja em redor.

Assim que todos se retiraram, mrs. Carey foi ao banco de miss Graves para conversar um pouco enquanto esperavam pelos homens, e Philip se dirigiu à sacristia. Encontrou ainda o tio, o cura e mr. Graves com as respectivas sobrepelizes. Mr. Carey deu a Philip o resto do pão consagrado e disse-lhe que podia comê-lo. Até então, ele mesmo o comia, pois achava uma blasfêmia atirá-lo fora; o vivo apetite do menino livrava-o, agora, dessa obrigação. Em seguida o dinheiro foi contado. Consistia em moedas de um, seis e três *pence*. Havia sempre dois únicos xelins, um colocado na bandeja pelo vigário e o outro por mr. Graves; lá uma vez ou outra, como então, aparecia um florim, caso em que o zelador informava ao vigário quem fora o doador. Tratava-se, quase sempre, de pessoas estranhas a Blackstable, inteiramente desconhecidas de mr. Carey. Miss Graves, entretanto, que observara o ato de prodigalidade, pôde adiantar a mrs. Carey que o forasteiro viera de Londres, era casado e tinha filhos. Enquanto regressavam para casa, a mulher passou a

informação ao marido e este deliberou visitar o generoso cavalheiro e solicitar uma subscrição para a Sociedade Promotora de Curatos. Mr. Carey indagou se Philip se havia portado convenientemente e mrs. Carey comentou a aquisição de uma capa nova por parte de mrs. Wigram, criticou a ausência de mr. Cox na igreja e espalhou o boato de que miss Phillips fora pedida em casamento. Ao alcançarem o vicariato, todos se sentiam merecedores de lauta refeição.

Uma vez terminado o jantar, mrs. Carey retirou-se para o quarto, a fim de descansar, enquanto mr. Carey ficava modorrando no sofá da sala de visitas.

Às cinco horas serviu-se o chá e o vigário comeu um ovo a fim de se fortalecer para o ofício de vésperas. Mrs. Carey ficou em casa para permitir que Mary Ann assistisse à cerimônia, mas leu, sozinha, todo o serviço e os hinos. Quando caiu a noite, mr. Carey caminhou em direção à igreja e Philip foi coxeando ao seu lado. A caminhada no escuro causava-lhe estranha impressão, e a igreja ao longe, toda iluminada, aproximando-se pouco a pouco, parecia acenar-lhe como um ente amigo. A princípio revelara certa timidez ao lado do tio, mas dentro em breve acostumara-se à sua presença; segurava-lhe a mão e caminhava mais tranqüilamente debaixo da sua proteção.

Ao voltarem para casa, cearam. As chinelas de mr. Carey esperavam-no sobre um banquinho em frente ao fogo, e ao lado delas as de Philip, uma comum, como a de todos os meninos, a outra deformada e esquisita. Subiu para o quarto possuído de tremendo cansaço e não opôs nenhuma resistência quando Mary Ann veio despi-lo. Após envolvê-lo bem nas cobertas, a criada beijou-o, e desde então Philip começou a querer-lhe bem.

Philip sempre levara uma vida solitária, pelo fato mesmo de ser filho único, e agora, no vicariato, não se sentia mais só do que quando sua mãe era viva. Tornou-se amigo de Mary Ann. Era esta uma mulherzinha rechonchuda, com trinta e cinco anos de idade, filha de um pescador; viera para o vicariato com apenas dezoito anos. Era o seu primeiro emprego e nunca pensara em ir embora. A possibilidade de algum dia vir a casar-se era uma espada que ela mantinha suspensa sobre a cabeça dos patrões. Seus pais moravam numa pequena casa perto da Harbour Street e Mary Ann visitava-os nas noites de folga. As histórias que contava acerca do mar cativaram a fantasia infantil de Philip, que cercou de uma auréola de poesia as estreitas ruelas circunvizinhas ao porto. Certa noite pediu permissão para acompanhar a criada à casa. A tia alegou ter medo de que o menino apanhasse alguma doença e o tio declarou que as más companhias corrompem as boas maneiras. Não gostava da gente do mar por ser rude, grosseira, e por não freqüentar a capela. Philip, entretanto, sentia-se mais à vontade na cozinha do que na sala de jantar, e sempre que possível ia para lá com seus brinquedos. Sua tia não se importava com isso. Detestava ver as coisas fora de lugar, e como reconhecesse que de meninos só se podia esperar desordem, preferia que Philip fosse brincar na cozinha. Quando ele se tornava muito buliçoso, seu tio se impacientava e falava em mandá-lo para a escola. Mrs. Carey julgava Philip muito novo para isso, além de que começava a querer bem ao pequeno órfão. As tentativas que fazia para conquistar-lhe a afeição, entretanto, eram sempre desajeitadas, e o garoto, muito tímido, recebia essas demonstrações com um ar de enfado que a mortificava. Às vezes Mrs. Carey ouvia-lhe o riso agudo na cozinha, mas bastava que ela aparecesse no umbral da porta para que tudo repentinamente silenciasse. Quando Mary Ann explicava o motivo da graça, Philip corava, envergonhado. Mrs. Carey não via nada engraçado no que a criada lhe contava, mas sorria, constrangida.

— Ele parece dar-se melhor com Mary Ann do que conosco, William — dizia ela ao reiniciar a costura.

— Vê-se logo que foi pessimamente educado. É preciso polir-lhe as arestas.

No segundo domingo após a chegada de Philip ocorreu um incidente desagradável. Findo o jantar, mr. Carey retirou-se para fazer a sesta, como de costume, mas o estado de irritação em que se achava impediu-o de realizar o seu intento. Josiah Graves, pela manhã, tinha feito fortes objeções a uns candelabros que o vigário colocara no altar. Comprara-os de segunda mão em Tercanbury e julgava que o seu aspecto fosse bastante atraente. Mas Josiah Graves disse que aquilo era próprio de papistas. Essa insinuação sempre enfurecia o vigário. Estivera em Oxford por ocasião do movimento que culminou na abjuração de Edward Manning e sentia certa simpatia pela Igreja Romana. Se dependesse dele, o serviço divino devia ser todo engalanado, o que não se verificava na austera paróquia de Blackstable, e no íntimo sentia um anseio de procissões e velas acesas. Detestava a palavra *protestante*. Considerava-se católico. Costumava dizer que os papistas necessitavam de um epíteto, que eram católicos romanos; mas a Igreja Anglicana era católica no melhor, mais amplo e mais nobre sentido da palavra. Tinha prazer em pensar que o seu rosto escanhado lhe emprestava o aspecto de um padre, e durante a mocidade possuía mesmo um ar ascético que aumentava essa impressão. Contava muitas vezes o episódio havido em Bolonha por ocasião de suas férias, uma dessas férias em que a mulher não o acompanhava por motivo de economia: achava-se sentado numa igreja quando o *curé*, aproximando-se, convidou-o a pregar um sermão. Sempre que um dos seus curas contraía matrimônio, mr. Carey o despedia, pois tinha opinião assente sobre o celibato do clero não beneficiado. Certa vez, porém, em que, numa eleição, os liberais escreveram na cerca do seu jardim, com grandes letras azuis, a legenda: “É este o caminho de Roma”, ficou enfurecido e ameaçou processar os chefes do partido liberal em Blackstable.

Nessa tarde, chegara à conclusão de que as críticas de Josiah Graves seriam incapazes de induzi-lo a retirar os candelabros do altar e resmungou uma ou duas vezes, irritado, a palavra Bismarck.

De repente ouviu um ruído inesperado. Retirou o lenço do rosto, levantou-se do sofá e caminhou em direção à sala de jantar. Philip estava sentado sobre a mesa com os cubos de madeira espalhados ao redor. Havia construído monstruoso castelo, mas um defeito nos alicerces fizera ruir estrepitosamente o edifício.

— Que está fazendo com esses cubos, Philip? Sabe muito bem que não pode brincar aos domingos.

Philip encarou o tio por alguns instantes, com olhos amedrontados, e, como era seu costume, enrubesceu.

— Em casa eu brincava todos os dias — respondeu ele.

— Tenho certeza de que sua querida mamãe não permitiria que praticasse um ato tão mau como este.

Philip não sabia que era mau divertir-se durante as tardes de domingo, mas já que o era, ninguém deveria supor que sua mãe o consentisse. Abaixou a cabeça e não deu resposta.

— Então não sabe que é pecado brincar aos domingos? Qual julga ser a razão por que lhe chamamos o dia do descanso? Você deve ir à igreja hoje à noite. Como poderá encarar o seu Criador se esteve violando uma de Suas leis durante a tarde?

Mr. Carey ordenou-lhe que retirasse os cubos dali imediatamente e fitou-o com severidade enquanto o fazia.

— Você é um menino muito traquinas. Pensa no desgosto que está causando à sua pobre mãezinha, no céu.

Philip sentiu vontade de chorar, mas possuía uma aversão instintiva em mostrar as lágrimas; cerrou os dentes, a fim de evitar que os soluços escapassem. Mr. Carey sentou-se na cadeira de braços e começou a folhear as páginas de um livro. Philip ficou junto à janela. O vicariato ficava recuado da estrada de Tercanbury, e da janela da sala de jantar divisava-se uma nesga semicircular de gramado e, além dela, os campos verdes confinavam com o céu no horizonte. Carneiros pastavam tranqüilamente. O céu era cinzento e triste. Philip sentia-se extremamente infeliz.

Mary Ann entrou então para servir o chá e a tia Louisa desceu os degraus da escada.

— Aproveitou bem a sesta, William? — indagou ela.

— Não — respondeu ele. — Philip fez tanto barulho que não consegui dormir um só segundo.

Isso não era bem verdade, pois o que o conservara acordado foram os seus próprios pensamentos. Philip, com a fisionomia fechada, lembrou-se de que só tinha feito barulho uma vez, não vendo razão que impossibilitasse o tio de dormir antes ou depois do acidente. Quando mrs. Carey perguntou o que ocorrera, o vigário fez uma narrativa dos fatos.



— Nem ao menos demonstrou arrependimento — terminou ele.

— Oh!, Philip, estou certa de que lamenta muito o que aconteceu — disse mrs. Carey ansiosa para que a criança não parecesse tão culpada aos olhos do tio.

Philip não respondeu. Continuou mastigando o seu pão com manteiga. Não compreendia qual a força que o impedia de manifestar arrependimento. Sentia as orelhas tinirem e uma certa vontade de chorar, mas nenhuma palavra lhe escapava dos lábios.

— Não agrave a coisa com esse ar carrancudo — observou mr. Carey.

O chá terminou em silêncio. De vez em quando mrs. Carey olhava furtivamente para Philip, mas o vigário fingia não dar pela presença dele. Ao notar que o tio subia as escadas a fim de preparar-se para ir à igreja, Philip foi ao hall buscar o chapéu e o casaco, mas ao vê-lo, quando tornou a descer, o vigário disse:

— Não quero que vá à igreja esta noite, Philip. Não me parece que esteja em condições de penetrar na Casa de Deus.

Philip não pronunciou uma só palavra. Sentiu que profunda humilhação lhe caía sobre os ombros e suas faces coraram de repente. Deixou-se ficar em silêncio, observando o tio enquanto este punha o chapéu de abas largas e o vasto capote. Mrs. Carey, como de costume, foi levá-lo até a porta. Depois, virou-se para Philip.

— Não faz mal, Philip, no próximo domingo você se comportará melhor e o tio lhe levará à igreja de noite.

Tirou-lhe o chapéu e o casaco e conduziu-o à sala de jantar.

— Vamos ler juntos o ofício, Philip, e depois cantaremos os hinos no harmônio. Que acha da idéia?

Com um gesto resolutivo Philip sacudiu a cabeça negativamente. Mrs. Carey ficou desconcertada. Se o menino se negasse a ler em sua companhia o ofício da noite, como poderia passar o tempo com ele?

— Que pretende fazer, então, até o regresso de seu tio? — indagou ela, desanimada.

Philip quebrou, afinal, o silêncio em que se mantinha.

— Quero que me deixem em paz — exclamou.

— Philip, como pode ser tão indelicado? Não vê que eu e seu tio só visamos ao seu bem? Será que não gosta mesmo de mim?

— Eu odeio você. Preferia que estivesse morta!

Mrs. Carey perdeu a respiração. As palavras foram pronunciadas num tom tão furioso que ela estremeceu. Não sabia o que dizer. Sentou-se na cadeira do marido, e enquanto pensava no seu ardente desejo de amar o pobre menino, aleijado e solitário, ansiando por lhe cativar a simpatia — era uma mulher estéril, mas embora Deus não lhe tivesse querido dar filhos, sentia, por vezes, grande desgosto ao olhar para as criancinhas —, as lágrimas brotaram-lhe nos olhos e, uma a uma, rolavam-lhe pela face. Philip observava-a, atônito. Mrs. Carey retirou o lenço e desatou em incontido pranto. De repente Philip concluiu que a tia chorava por causa de suas palavras e sentiu-se arrependido. Aproximou-se silenciosamente e beijou-a na testa. Era a primeira vez que o fazia espontaneamente. A pobre senhora, tão pequena no seu vestido de cetim negro, pálida e enrugada, com os cabelos penteados em esquisitos cachos, tomou o garoto no colo, envolveu-o nos braços, e chorou como se o coração se lhe fosse partir. Mas as suas lágrimas eram, em parte, lágrimas de felicidade, pois desaparecia a estranheza entre os dois. Amou-o, a partir de então, com um novo amor porque ele a tinha feito sofrer.

No domingo seguinte, quando o vigário estava fazendo os preparativos para a sesta na sala de visitas — todos os atos de sua vida eram levados a cabo com cerimônia — e mrs. Carey dispunha-se a galgar os degraus da escada, Philip indagou:

— Que devo fazer, já que não tenho licença para brincar?

— É incapaz de permanecer sentado sem fazer barulho?

— Não posso ficar sentado até a hora do chá.

Mr. Carey olhou pela janela, mas fazia frio e a atmosfera estava carregada. Seria impraticável sugerir a Philip que fosse ao jardim.

— Já sei o que deve fazer. Vai aprender de cor a coleta para hoje. Retirando de cima do harmônio o livro de orações, procurou a página desejada.

— Não é lá muito extensa. Se conseguir recitá-la sem erro por ocasião do chá, eu lhe darei a ponta do ovo.

Mrs. Carey puxou a cadeira de Philip para perto da mesa — já haviam comprado uma cadeira especial para ele — e colocou o livro à sua frente.

— O demônio sempre encontra trabalho para mãos ociosas — observou mr. Carey.

Atirou mais carvão no fogo a fim de reavivá-lo para a hora do chá, e caminhou em direção à sala de visitas. Desabotoou o colarinho, arrumou as almofadas e instalou-se confortavelmente no sofá. Achando, porém, que a sala estava um pouco fria, mrs. Carey foi ao hall buscar um cobertor de lã, com o qual lhe envolveu os pés. Cerrou as cortinas para que a luz não ofendesse os olhos do marido, e como este já os tivesse fechado, abandonou a sala na ponta dos pés. O vigário, nesse dia, parecia estar em paz com o mundo, e em menos de dez minutos adormeceu. Ressonava suavemente.

Era o sexto domingo após a Epifania e a coleta começava com as palavras: “O Senhor, cujo filho abençoado se manifestou ao mundo para destruir as obras do demônio e transformar-nos em filhos do Céu e em herdeiros da vida Eterna”. Philip leu-a do princípio a fim. Não conseguiu

compreender coisa alguma. Pôs-se então a repetir as palavras em voz alta, mas muitas delas lhe eram desconhecidas, enquanto as frases tinham uma construção estranha. Não foi possível decorar mais do que duas linhas. Sua atenção, por outro lado, desviava-se constantemente. Havia várias árvores frutíferas junto às paredes do vicariato, e de vez em quando um galho mais comprido batia de encontro à vidraça: no campo, à distância, os carneiros pastavam calmamente. Philip tinha a impressão de estar com o cérebro cheio de nós. Súbito pânico dominou-o ante a impossibilidade de decorar as palavras até a hora do chá; murmurava-as sem cessar, umas após outras, sem tentar compreender, empenhado apenas em gravá-las na memória, como se fosse um papagaio.

Mrs. Carey não conseguiu dormir naquela tarde. Por volta das quatro horas resolveu descer a escada, queria fazer Philip recitar a coleta para que o vigário não pudesse encontrar erros mais tarde. Isso sem dúvida o poria contente, pois mostraria que o garoto não era mau, no fundo. Mas quando Mrs. Carey se aproximou da sala de jantar, percebeu um som que a fez parar bruscamente. O coração bateu-lhe com força no peito. Mudando de rumo, passou pelo lado da casa e olhou através da janela. Philip continuava sentado na cadeira, mas a cabeça apoiada nos braços repousava sobre a mesa; o menino soluçava convulsivamente. Mrs. Carey ficou assustada. O que mais a surpreendia naquela criança era que parecesse tão dona de si. Nunca a vira chorar. Agora sabia que a calma de Philip nada mais era senão uma vergonha instintiva de revelar os seus sentimentos: escondia-se para chorar.

Sem lembrar-se de que o marido não gostava de ser despertado de repente, entrou correndo pela sala de visitas.

— William, William — disse ela. — O menino chora como um desesperado!

Mr. Carey sentou-se e desembaraçou-se do cobertor que lhe envolvia as pernas.

— Por que motivo está chorando?

— Não sei... Oh, William, não devemos permitir que o menino se sinta infeliz. Acha que é por nossa causa? Se tivéssemos filhos, saberíamos o que fazer.

Mr. Carey olhou perplexo para a esposa. Nada absolutamente lhe ocorria ao espírito.

— Não é possível que esteja chorando porque lhe dei a oração para decorar. São apenas dez linhas...

— Não acha melhor dar-lhe alguns livros com gravuras, William? Temos um com gravuras da Terra Santa. Não haveria mal algum nisso.

— Pois bem. Não ponho objeções.

Mrs. Carey caminhou em direção ao gabinete. A única paixão do vigário era colecionar livros; nunca ia a Tercanbury sem passar uma hora ou duas nas livrarias de segunda mão. Sempre voltava sobraçando quatro ou cinco bolorentos volumes. Não os lia jamais, pois havia muito perdera o hábito de ler; gostava, porém, de folheá-los, apreciar as ilustrações — quando eram ilustrados — e consertar as encadernações. Gostava dos dias de chuva, pois podia ficar em casa com a consciência tranqüila e passar a tarde com um vidro de cola e clara de ovo, remendando o couro da Rússia de algum maltratado *inquarto*. Possuía muitos livros antigos sobre viagens, com gravuras em aço, e mrs. Carey encontrou logo um que descrevia a Palestina. Tossiu afetadamente à entrada da sala de jantar, a fim de dar tempo a Philip para recompor-se (pois julgava que o menino se sentiria humilhado caso fosse surpreendido em pranto), e em seguida girou a maçaneta. Philip fingia ler com atenção o livro de orações, ocultando os olhos com as mãos para que a tia não percebesse que ele estivera chorando.

— Já sabe a coleta de cor? — perguntou ela.

Philip não respondeu logo e mrs. Carey compreendeu que o menino estava inseguro. Sentia-se tomado de um estranho embaraço.

— Não consigo decorá-la — disse ele afinal, com um soluço.

— Não tem importância. Não precisa fazê-lo. Trouxe alguns livros de gravuras para você ver. Ande, vem sentar no meu colo e olharemos juntos.

Philip desceu da cadeira e dirigiu-se, coxeando, para a tia. Olhava para o chão, a fim de que ela não lhe visse os olhos. Mrs. Carey envolveu-o com os braços.

— Olhe — disse ela —, este foi o lugar onde nasceu Nosso Senhor.

Mostrava-lhe uma cidade oriental com terraços, cúpulas e minaretes. No primeiro plano havia um grupo de palmeiras, sob as quais repousavam dois árabes e alguns camelos. Philip deslizou a mão por sobre a gravura, como se quisesse sentir as casas e as roupas soltas dos nômades.

— Leia o que está escrito — pediu ele.

Com sua voz tranqüila, mrs. Carey leu a página oposta. Era uma romântica narrativa feita por algum viajante da época de 1830; pomposa talvez, mas recendente a essa emoção com que o Oriente surgiu para a geração que se seguiu a Byron e Chateaubriand. Instantes depois Philip a interrompeu.

— Quero ver outra figura.

Quando Mary Ann apareceu e mrs. Carey levantou-se para ajudá-la a pôr a mesa, Philip apanhou o livro e percorreu, apressadamente, todas as ilustrações. Foi com dificuldade que sua tia o induziu a abandonar o volume para tomar chá. Já havia esquecido então o horrível esforço que fizera para decorar a coleta; já havia esquecido as lágrimas. No dia seguinte chovia e Philip pediu o livro novamente. Mrs. Carey deu-lhe, jubilosa. Falando com o marido a respeito do futuro do garoto, verificara que ambos desejavam fazê-lo ministro, e via um bom sinal nesse interesse demonstrado pelo livro que descrevia os lugares santificados pela presença de Jesus. Poderia dizer que o espírito do menino se inclinava naturalmente para as coisas santas. Dentro de dois dias pediu mais livros. Mr. Carey levou-o ao gabinete, mostrou-lhe a estante onde guardava os livros ilustrados e escolheu um dedicado a Roma. Philip segurou-o com avidez. Via nas gravuras um novo divertimento. Começou a ler as páginas antes e depois de cada ilustração, para saber de que se tratava. Em pouco tempo perdeu todo interesse nos brinquedos.

Quando não havia ninguém nas proximidades, escolhia os livros sozinho. Talvez porque a primeira impressão, no seu espírito, fora causada por uma cidade oriental, sentia maior interesse pelas páginas que descreviam o Levante. Seu coração pulsava de entusiasmo ante as mesquitas e palácios deslumbrantes. Havia uma, num livro sobre Constantinopla, que lhe excitou a imaginação. Chamava-se o *Atrio das mil columnas*. Era uma cisterna bizantina que a fantasia popular dotara de gigantescas proporções. Dizia a lenda que um barco se encontrava sempre atracado à entrada, a fim de tentar os incautos. Entretanto, ninguém tornava a ver os viajantes que se aventuravam na escuridão. E Philip punha-se a refletir. Seria porque o bote vagava eternamente de pilastra em pilastra, ou ia ter, afinal, a alguma estranha mansão?

Certo dia a sorte favoreceu-o, pois deu com *As mil e uma noites*, na tradução de Lane. A primeira coisa que lhe chamou a atenção foram as ilustrações. Para começar, leu primeiro as histórias de fundo mágico, e em seguida passou às outras. Lia e relia aquelas que lhe agradavam. Nada mais tinha importância para ele. Esquecia-se da própria vida que o cercava. Era

preciso chamá-lo duas ou três vezes para que fosse jantar. Estava contraindo, sem dar por isso, o mais delicioso hábito do mundo — o hábito da leitura. Ignorava que assim construía um refúgio para os momentos amargos da vida; por outro lado, ignorava também estar criando um mundo irreal que iria transformar o mundo real de todos os dias numa fonte de cruéis decepções. Dentro em pouco começou a ler outras coisas. Tinha o cérebro precoce. Vendo-o sempre entretido, sem causar-lhes aborrecimentos de espécie alguma, os tios deixaram de inquietar-se com ele. Mr. Carey possuía tantos livros que chegava a não conhecê-los bem, e como lesse pouco, esqueceu-se de certas obras adquiridas de vez em quando em virtude da insignificância do preço. Entre os sermões e homilias, as narrações de viagens, as vidas dos santos, as histórias da Igreja, havia algumas novelas dos velhos tempos. Philip acabou por descobri-las. Escolheu-as pelos títulos, começando por *As bruxas de Lancashire*. Em seguida leu *O admirável Crichton* e muitas outras. Sempre que iniciava a leitura de um livro com dois viajantes solitários cavalgando à beira de perigoso abismo, sentia-se mais seguro do que nunca.

Chegara agora o verão. O jardineiro, velho marujo, teceu para ele uma rede e pendurou-a nos ramos de um chorão. Ali passava Philip horas perdidas, alheio às visitas que chegavam, lendo, lendo apaixonadamente. O tempo passou. Veio julho e depois agosto. Aos domingos a igreja enchia-se de forasteiros e a coleta, feita durante o ofertório, muitas vezes elevava-se a duas libras. Nem o vigário nem sua senhora costumavam sair de casa durante esse período. Não gostavam de ver caras novas e além disso alimentavam certa aversão para com os visitantes de Londres. A casa vizinha foi alugada, pelo espaço de seis semanas, por um cavalheiro, pai de dois meninos. Quando Philip foi convidado para brincar com eles, mrs. Carey respondeu com uma recusa delicada. Temia que o sobrinho se corrompesse em companhia de meninos londrinos. Philip ia ser pastor, futuramente, e portanto era necessário evitar que se contaminasse. Acostumara-se a ver nele um Samuel em embrião.

Os Carey haviam resolvido mandar Philip para a escola. Foi escolhida a de Tercanbury. Todos os membros do clero, nas cercanias, enviavam os filhos para lá. Achava-se ela ligada à Catedral por longa tradição: à sua frente estava um cônego honorário, e um dos reitores precedentes fora arcediogo. Procurava-se ali despertar nos meninos a ambição de alcançar as ordens sacras, e a educação visava preparar os rapazes honestos para uma existência devotada ao serviço do Senhor. Anexo a essa escola havia um curso propedêutico, para o qual resolveram enviar Philip. Mr. Carey conduziu-o a Tercanbury numa tarde de quinta-feira, pelos fins de setembro. Philip passara o dia meio amedrontado, em grande excitação. Pouco conhecia a respeito da vida escolar, a não ser das histórias que lera em *The boy's own paper*. Lera também *Eric, ou pouco a pouco*.

Ao descerem do trem em Tercanbury, Philip sentia-se mortalmente apreensivo. Durante o trajeto até a escola conservou-se em silêncio, muito pálido. O alto muro de tijolos que circundava a escola emprestava-lhe o aspecto de uma prisão. Havia nele pequena porta que se abriu ao tilintar da campainha. Um jovem pesadão e desalinhado veio buscar o baú e a caixa de brinquedos de Philip. Penetraram, em seguida, na sala de visitas. Os móveis eram maciços e feios, sendo que as cadeiras se achavam colocadas ao longo das paredes, com uma severa rigidez. Esperaram pelo diretor.

— Que jeito tem mr. Watson? — perguntou Philip após alguns instantes.

— Você vai vê-lo dentro em pouco.

Seguiu-se outra pausa. Mr. Carey estava intrigado com a demora do diretor. Philip fez um esforço e falou novamente.

— Diga-lhe que tenho um defeito no pé.

Antes que mr. Carey tivesse tempo de falar, a porta se abriu e mr. Watson entrou na sala. Philip achou-o gigantesco. Era um homem com um metro e oitenta de altura, ombros largos, mãos enormes e uma vasta barba vermelha. Falava alto, com modos joviais, mas sua alegria agressiva encheu Philip de



terror. Após cumprimentar mr. Carey, dirigiu-se a Philip e apertou-lhe a mãozinha.

— Então, jovem, está contente por vir para a escola? — trovejou ele.

Philip corou, sem poder encontrar resposta adequada.

— Qual é sua idade?

— Nove.

— Deve acrescentar senhor às respostas — observou o tio.

— Terá muito o que aprender aqui — estrugiu o diretor alegremente.

Visando pôr o menino à vontade, começou a fazer-lhe cócegas com os dedos ásperos. Contrafeito e envergonhado, Philip procurava fugir-lhe ao contato.

— Vou colocá-lo, por enquanto, no dormitório pequeno. Gostará de lá, não? — indagou, dirigindo-se ao menino. — Dormem nele apenas oito meninos. Não estranhará muito.

Tornou a abrir-se a porta e mrs. Watson entrou. Era uma mulher morena, de cabelos negros, cuidadosamente repartidos ao meio. Possuía lábios estranhamente grossos e um nariz pequeno e arredondado. Os olhos eram grandes e negros. Lia-se singular frieza em sua fisionomia. Falava muito pouco e sorria ainda menos. O marido apresentou-a a mr. Carey e em seguida empurrou Philip afetuosamente em sua direção.

— É um novo aluno, Helen. Chama-se Carey.

Sem dizer palavra, ela apertou a mão de Philip e sentou-se, enquanto o diretor interrogava mr. Carey sobre os conhecimentos do pequeno e em que livros havia estudado até então. O vigário sentia-se um pouco embaraçado ante as expansões turbulentas de mr. Watson e dentro de poucos minutos levantou-se.

— Bem, agora vou deixar Philip entregue aos seus cuidados.

— Perfeitamente — respondeu mr. Watson. — Estará em boas mãos. Vai progredir como fogo em palheiro. Não é verdade, meu jovem?

Sem esperar pela resposta de Philip, o homenzarrão soltou gostosa gargalhada. Mr. Carey beijou o sobrinho na testa e retirou-se.

— Vamos, meu rapaz — gritou o diretor. — Vou lhe mostrar a sala de refeições.

Deixou a sala de visitas com passos de gigante, enquanto Philip seguia, coxeando, atrás dele. Entraram então num salão comprido e quase vazio, com

duas mesas que se estendiam em todo o seu comprimento; de cada lado destas havia bancos de madeira.

— Como vê, está vazio — disse mr. Watson. — Vou lhe mostrar o pátio de recreio e em seguida lhe deixo só.

O diretor ia na frente. Philip viu-se num grande recinto cercado, em três de seus lados, por altos muros de tijolos. Na outra face, uma grade de ferro deixava ver um extenso gramado e, mais além, alguns dos pavilhões da King's School. Um garotinho vagueava desconsoladamente, dando pontapés no cascalho.

— Alô, Venning — exclamou mr. Watson. — Quando foi que chegou?

O pequeno aproximou-se e estendeu a mão ao mestre.

— Aqui está um novo companheiro. É mais velho e maior do que você, portanto não vá importuná-lo.

O diretor encarou as duas crianças com amistosa severidade, aterrando-as com o volume de sua voz, e em seguida afastou-se com uma risada.

— Como você se chama?

— Carey.

— Quem é o seu pai?

— Meu pai já morreu.

— Oh! E a sua mãe lava roupa?

— Minha mãe também já morreu.

Philip julgou que essa resposta desconcertasse o colega, mas Venning não se deixava vencer tão facilmente.

— Mas lavava antes, não?

— Lavava — disse Philip, indignado.

— Quer dizer que sua mãe era lavadeira?

— Não, não era.

— Então ela não lavava.

O pequeno gozava o sucesso de sua dialética. Foi quando avistou os pés de Philip.

— O que é que tem no pé?

Philip procurou escondê-lo, instintivamente, atrás do outro.

— Tenho um pé torto — explicou.

— Como o conseguiu?

— Sempre foi assim.

— Deixe-me ver.

— Não.

— Como quiser.

O pequeno acompanhou estas palavras de um forte pontapé na canela de Philip.

O golpe foi tão inesperado que impossibilitou toda e qualquer defesa, e a dor tão grande que o fez perder a respiração; maior que a dor, porém, foi a surpresa. Philip não sabia por que Venning lhe dera aquele pontapé. Não teve presença de espírito bastante para lhe aplicar um tapa. Além disso o menino era menor que ele e Philip tinha lido no *The boy's own paper* que era feio bater nos mais fracos. Enquanto ele esfregava a canela surgiu um terceiro rapazinho e o algoz deixou-o em paz. Dentro de pouco tempo notou que os dois falavam a seu respeito e olhavam para o seu pé. Sentiu-se horrivelmente constrangido.

Chegavam outros, entretanto — primeiro um grupo de doze, depois mais. Puseram-se a discutir as proezas realizadas durante as férias, os lugares onde haviam ido e as esplêndidas partidas de críquete que haviam jogado. Apareceram alguns alunos recém-matriculados e em breve Philip estava conversando com eles. Mostrava-se desconfiado e nervoso. Procurava por todos os meios ser agradável, mas não conseguia dizer coisa alguma. Fizeram-lhe inúmeras perguntas, às quais respondeu de bom grado. Um dos garotos indagou se ele sabia jogar críquete.

— Não — respondeu Philip. — Tenho um pé defeituoso.

O companheiro baixou rapidamente os olhos e corou. O outro notou que ele reconhecia ter feito uma pergunta indiscreta. A vergonha o impedia de pedir desculpas. Ficou olhando para Philip com ar embaraçado.

Na manhã seguinte, quando um sino começou a bater, Philip acordou e, cheio de surpresa, correu os olhos pelo seu cubículo. Uma voz, porém, o fez lembrar onde se achava.

— Está acordado, Singer?

As paredes do compartimento eram de pinho polido, com uma cortina à entrada. Naqueles dias pouca importância se dava à ventilação, e as janelas permaneciam fechadas, a não ser de manhã, quando se arejava o dormitório.

Philip saltou da cama e ajoelhou-se para rezar. Fazia bastante frio e o menino tiritava, mas seu tio lhe havia ensinado que as orações seriam mais bem recebidas por Deus se ele as dissesse antes de vestir-se. Isso não o surpreendia, pois começava a compreender que Deus, que o criara, gostava de privar das suas comodidades aqueles que o adoravam. Em seguida lavou o rosto. Havia apenas duas banheiras para os cinqüenta pensionistas, cada menino tomava um banho por semana. O asseio matinal era, assim, efetuado numa pequena bacia colocada sobre um lavatório que, com a cama e a cadeira, constituía o mobiliário de cada compartimento. Enquanto se vestiam, os meninos falavam alegremente. Philip era todo ouvidos. Ao som de outro sino, desceram as escadas correndo e foram sentar-se nos bancos do refeitório. Chegou então mr. Watson seguido da esposa e dos criados. Mr. Watson lia as orações de maneira impressionante; as súplicas saíam-lhe dos lábios como se fossem ameaças dirigidas pessoalmente a cada um dos meninos. Philip ouvia, ansioso. O diretor leu um capítulo da Bíblia e os criados retiraram-se. Pouco depois, o moço desalinhado aparecia com dois grandes bules de chá. De uma segunda viagem, ele trouxe imensas travessas de pão com manteiga.

Philip tinha um paladar muito delicado. As placas de manteiga ordinária coladas ao pão revolviam-lhe o estômago, mas como visse que os outros meninos raspavam as fatias antes de comê-las, seguiu-lhes o exemplo. Todos tinham trazido carnes de escabeche ou coisas semelhantes nas caixas de brinquedos, servindo-se alguns deles, como “extras”, de ovos e presunto, com o que mr. Watson obtinha o seu lucro. Quando o diretor perguntara a mr.

Carey se Philip poderia receber destes últimos, o vigário respondera que meninos não devem ser estragados com mimos. Mr. Watson concordou plenamente com essa opinião, pois achava que nada era melhor para rapazes em crescimento do que pão e manteiga — mas alguns pais, excessivamente preocupados com a boa alimentação dos filhos, insistiam nesse luxo.

Philip notou que os “extras” conferiam certa consideração aos alunos e em vista disso resolveu pedi-los quando escrevesse à tia Louisa.

Após a primeira refeição os meninos saíram para o parque de recreio. Os alunos externos iam chegando. Eram filhos dos membros do clero local, dos oficiais da guarnição e dos industriais e homens de negócio da velha cidade. Pouco depois ouviu-se uma sineta e todos correram para as salas de aula. Eram muito grandes, em cujos extremos dois professores davam aulas para o segundo e o terceiro ano, e numa peça menor, ligada à primeira, mr. Watson dirigia a classe elementar. Philip foi incluído no primeiro ano.

O professor, um homem de rosto avermelhado e voz agradável, chamava-se Rice. Gostava de gracejar com os meninos, e assim o tempo corria rapidamente. Philip ficou surpreso quando, faltando quinze para as onze, lhes foi concedido um descanso de dez minutos.

Toda a escola se precipitou ruidosamente para o pátio. Os novos alunos se reuniram no centro, enquanto os outros se colocavam ao longo de dois muros opostos. Começou então o jogo de “pegar porquinho”. Os veteranos corriam de uma parede à outra, a ver se os calouros conseguiam apanhá-los. Quando um deles era agarrado e pronunciadas as palavras místicas: “um, dois, três, este porquinho é meu” — tornava-se prisioneiro e vinha ajudar a capturar os outros. Philip viu um menino passar-lhe à frente e tentou apanhá-lo, mas o pé defeituoso não ajudou. Aproveitando-se da oportunidade, todos os corredores se dirigiram para o lugar onde ele estava. Um deles teve então a brilhante idéia de imitar a corrida desajeitada de Philip. Os outros meninos viram-no e começaram a rir — e todos passaram a imitar o primeiro, coxeando grotescamente, entre risos agudos. Perderam a cabeça no prazer do novo divertimento e sufocavam de júbilo irreprimível. Um outro aplicou-lhe uma rasteira e Philip caiu pesadamente como sempre acontecia, ferindo-se num joelho. Quando se levantou, as gargalhadas recrudesceram. Um menino empurrou-o pelas costas e ele teria caído novamente se um outro não o tivesse amparado. O jogo foi completamente esquecido diante da diversão proporcionada pela deformidade de Philip. Um terceiro inventou um modo

esquisito e bamboleante de coxear que lhes pareceu supremamente ridículo, e diversos garotos jogaram-se no chão, gargalhando. Philip estava completamente aterrado. Não conseguia compreender por que riam dele. O coração batia-lhe tanto que ele mal podia respirar: o susto era o maior que já havia sentido em toda a sua vida. Ficou imóvel e estupidificado enquanto a meninada corria em seu redor, rindo e imitando-o. Gritavam-lhe que os apanhasse mas ele não se moveu. Não queria que o vissem correr mais. Estava empregando todas as suas forças para não chorar.

Subitamente a sineta bateu e todos voltaram para as aulas. O joelho de Philip sangrava, os cabelos estavam desgrenhados e a roupa cheia de pó. Durante alguns minutos mr. Rice não pode controlar a sua classe. Os alunos ainda estavam excitados com a estranha novidade, e Philip viu que um ou dois colegas olhavam furtivamente para os seus pés. Escondeu-os debaixo do banco.

À tarde iam jogar futebol, mas mr. Watson deteve Philip quando este, depois da refeição, saía para o pátio:

— Creio que não pode jogar futebol, não é, Carey?

Philip corou, acanhado.

— Não, senhor.

— Muito bem. Então é melhor ir ao campo. Pode caminhar até lá, não?

Philip não sabia onde ficava o campo a que se referia o diretor, mas assim mesmo respondeu:

— Posso sim, senhor.

Vendo que Philip não mudara de roupa, mr. Rice — que passava com os alunos — perguntou-lhe por que não ia jogar.

— Mr. Watson disse que eu não precisava ir — disse Philip.

— Por quê?

Havia meninos por todos os lados, olhando-o com curiosidade, e Philip foi tomado por uma sensação de vergonha. Baixou os olhos sem responder. Os outros explicaram:

— Ele tem um pé defeituoso, professor.

Mr. Rice, que era muito moço, pois colara grau havia apenas um ano, sentiu-se subitamente embaraçado. Seu impulso foi pedir perdão ao menino, mas a timidez não lhe permitiu. Em voz alta e áspera, exclamou:

— Então, meninos, que estão esperando? Vamos, vamos andando.

Alguns deles já haviam reiniciado a marcha e os que tinham ficado para trás puseram-se a caminho, em grupos de dois ou três.

— É melhor ir comigo, Carey — disse o professor. — Provavelmente não conhece o caminho.

Philip percebeu a intenção bondosa e um soluço lhe subiu à garganta.

— Eu não posso andar muito depressa, senhor.

— Então irei bem devagar — disse o mestre, com um sorriso.

Philip afeiçãoou-se logo àquele moço comum, de rosto vermelho, que tivera uma palavra gentil para ele. De um momento para outro sentiu-se menos infeliz.

À noite, porém, quando todos se despiam para pôr-se no leito, o menino que se chamava Singer saiu de seu compartimento e olhou para dentro do de Philip:

— Escute, deixe ver o seu pé.

— Não — respondeu ele, saltando rapidamente para cima da cama.

— Não me diga não. Venha cá, Mason.

O ocupante do cubículo ao lado, que espreitava pela fresta, passou para o interior do compartimento. Procuraram arrancar as cobertas de Philip, que as segurava com mão firme.

— Por que não me deixam em paz? — gritou.

Singer apanhou uma escova e com as costas desta bateu nas mãos de Philip, agarradas ao cobertor. Philip deixou escapar um grito.

— Por que não nos mostra o pé por bem?

— Porque não quero!

Desesperado, Philip cerrou o punho e esmurrou o menino que o atormentava, mas ele estava em condições de inferioridade e o outro segurou-lhe um braço e começou a torcê-lo.

— Ai, não faça isso — disse Philip. — Você vai me quebrar o braço.

— Então fique quieto e mostre o pé.

Philip soltou um soluço enquanto o menino lhe dava nova torcida no braço. A dor era insuportável.

— Pois bem. Vou mostrar — disse ele.

Pôs o pé para fora da cama e Singer, segurando-lhe ainda o pulso, examinou, curioso, a deformidade.

— Não é medonho? — observou Mason.

Um terceiro garoto entrou para olhar.

— Uh! — fez ele, com asco.

— Puxa, que coisa esquisita! — exclamou Singer, fazendo uma careta. — É duro?

Tocou o pé cautelosamente com a ponta do dedo, como se fosse alguma coisa com vida própria. De repente ouviu-se o andar pesado de mr. Watson, que subia a escada. Atiraram as cobertas sobre Philip e correram para os seus compartimentos como coelhos. Mr. Watson penetrou no dormitório. Erguendo-se nas pontas dos pés, podia ver o interior das divisões. Os meninos estavam todos deitados. Apagou as luzes e retirou-se.

Singer chamou por Philip mas não obteve resposta. O pequeno cravara os dentes no travesseiro para que não ouvissem os seus soluços. Não chorava pela dor que lhe haviam causado nem pela humilhação sofrida quando lhe examinaram o pé. Chorava de raiva, raiva de si próprio, pois fora incapaz de resistir à tortura e pusera o pé para fora da cama.

E então sentiu a miséria de sua vida. Ao seu espírito infantil parecia que aquele infortúnio não teria mais fim. Por algum motivo inexplicável, lembrou-se daquela manhã fria quando Ema o tirara da cama, levando-o para perto de sua mãe. Nunca mais havia se lembrado disso, mas agora imaginava sentir o calor do corpo materno, envolvendo-o com os braços. Subitamente pareceu-lhe que a sua existência era um sonho; sonho, a morte de sua mãe, a sua vida no vicariato, aqueles terríveis dois dias na escola — e que acordaria na manhã seguinte para encontrar-se novamente em casa. Ao pensar assim, as lágrimas secaram-lhe nos olhos. Sentia-se tão infeliz que aquilo tudo não podia ser senão um sonho. Sua mãe estava viva, e daí a pouco Ema subiria a escada para ir deitar-se. Adormeceu.

Mas, na manhã seguinte, quando despertou ao som da sineta, a primeira coisa que viu foi a cortina verde do seu compartimento.



Com o correr do tempo a deformidade de Philip tornou-se desinteressante. Era aceita como os cabelos ruivos de um menino ou a exagerada corpulência de outro. Mas, nesse meio-tempo, Philip tornara-se horrivelmente sensível. Sempre que lhe era possível evitava correr, pois sabia que isso tornava o seu defeito ainda mais evidente. Adotou um modo especial de andar. Enquanto podia, conservava-se imóvel, ocultando o pé defeituoso atrás do outro para que não atraísse a atenção de ninguém. Vivia constantemente alerta, à espera de referências à sua imperfeição. A vida dos colegas era-lhe inteiramente estranha, uma vez que se via impossibilitado de tomar parte nos seus jogos e divertimentos. Só se interessava por eles à distância, como mero observador; parecia-lhe haver uma barreira que o separava dos companheiros. Às vezes pareciam julgá-lo culpado de não poder jogar futebol, sendo difícil fazer-lhes compreender a verdade. Vivia, em geral, isolado. Embora tivesse certa inclinação para a loquacidade, foi-se tornando pouco a pouco taciturno. Começou a refletir sobre a diferença existente entre si e os outros.

Singer, o rapaz mais robusto do dormitório, antipatizou com Philip, e este, que era pouco desenvolvido para a sua idade, teve de sujeitar-se a uma série infundável de maus-tratos. Lá pelos meados do período escolar, tornou-se muito comum na escola um jogo conhecido pelo nome de “Nibs”. Era jogado por duas pessoas, com penas de aço, sobre uma mesa ou banco. Um dos competidores tentava empurrar a pena com a unha de modo a colocar-lhe a ponta sobre a do adversário, o qual, por sua vez, procurava conseguir o oposto. Quando o objetivo era alcançado, o vencedor aquecia com o bafo a polpa do polegar, comprimia-a sobre as duas penas e, caso conseguisse levantá-las sem deixá-las cair, transformava-se automaticamente em proprietário delas. Dentro em pouco, nada mais se via senão meninos entregues a esse jogo e os mais hábeis acumulavam grande quantidade de penas. Mr. Watson, porém, declarou que o passatempo tinha características de jogo profissional, proibiu-o e confiscou todas as penas em poder dos alunos. Philip já havia adquirido grande destreza, e foi com imenso pesar que entregou

o produto das suas vitórias. A privação do jogo fazia-lhe sentir tal comichão nos dedos, entretanto, que um dia, quando se dirigia para o campo de futebol, entrou numa casa comercial e comprou um punhado de penas “J”. Levava-as soltas, no bolso, e tinha prazer em apalpá-las. Singer acabou descobrindo o tesouro do colega. Suas penas também haviam sido confiscadas, mas conseguira esconder uma muito grande, chamada Jumbo, que era quase invencível, e não pôde resistir à oportunidade de conquistar as “J” de Philip. Embora este reconhecesse a desvantagem que iria levar, seu espírito de aventura induziu-o a aceitar o desafio; sabia, por outro lado, que Singer não admitiria recusas. Havia uma semana que não jogava e agora a emoção eletrizava-o. Logo de início perdeu duas de suas penas, para a alegria de Singer, mas da terceira vez aconteceu que a Jumbo escapuliu para o lado e Philip conseguiu encimá-la. Exultou com o triunfo. Nesse instante entrou mr. Watson.

— Que estão fazendo? — perguntou.

Olhou para um e outro, mas nenhum dos dois respondeu.

— Não sabem que esse jogo idiota está proibido aqui?

O coração de Philip pulsava desordenadamente. Adivinhava o que iria acontecer e mostrava-se grandemente atemorizado, mas por trás desse temor havia um certo regozijo. Nunca fora surrado. Era certo que doía, mas teria alguma coisa do que se gabar mais tarde.

— Venham para o meu gabinete.

O diretor deu meia-volta e os dois o seguiram, lado a lado. Singer cochichou para Philip:

— Desta não escapamos!

Mr. Watson apontou para Singer.

— Incline-se — ordenou.

Phillp, muito branco, via o menino tremer a cada pancada e, após a terceira, ouviu-o gemer. Seguiram-se mais três.

— Agora chega. Levante-se.

Singer ergueu-se. As lágrimas rolavam-lhe pelas faces, Philip deu um passo à frente e mr. Watson fitou-o durante alguns segundos.

— Não vou bater em você. É um calouro. Além disso, seria incapaz de bater num aleijado. Vão embora todos os dois e não façam mais isso!

Ao entrarem de novo na sala de aula, um grupo de colegas, misteriosamente informado do que estava se passando, esperava por eles.

Rodearam Singer e crivaram-no de perguntas ansiosas. O menino encarou-os, com o rosto vermelho de dor e vestígios de lágrimas ainda bem visíveis, e apontou com a cabeça para Philip, que ficara alguns passos atrás.

— Ele escapou porque é aleijado — disse, enraivecido.

Philip permaneceu mudo, enquanto o rubor lhe invadia o rosto. Notou que todos o olhavam com desprezo.

— Quantas você levou? — perguntou um dos meninos a Singer.

Ele, porém, não respondeu. Estava com raiva porque havia sido castigado.

— Não me convide para jogar “Nibs” outra vez — disse a Philip. — Para você é muito bom, pois não tem nada a perder.

— Não fui eu quem lhe convidou.

— Não me convidou, é?

Estendendo rápido o pé para a frente, fez com que Philip, que não tinha muita firmeza nas pernas, caísse pesadamente no chão.

— Aleijado — exclamou Singer.

Durante o resto do período letivo Philip foi cruelmente atormentado por ele, uma vez que as dimensões reduzidas da escola não lhe permitiam evitá-lo. Procurou conquistar-lhe a amizade e rebaixou-se, mesmo, a ponto de comprar-lhe um canivete. Embora Singer aceitasse o presente, sua ira não se aplacou. Uma ou duas vezes, perdendo a paciência, Philip desferiu socos e pontapés no colega. Este, porém, o dominava, dada a sua força física, e mediante alguma tortura obrigava-o a pedir perdão. Era isso o que amargurava Philip. Não sabia suportar a humilhação dessas desculpas que lhe eram arrancadas à custa das dores que não podia agüentar. O pior estava em que sua infelicidade parecia não ter fim. Singer contava apenas onze anos de idade e não seria transferido para a escola secundária senão depois dos treze. Philip verificou que estava condenado a viver mais dois anos na companhia de um algoz a quem não podia fugir. Só se sentia feliz durante as horas de estudo e ao deitar-se. Quase sempre sentia, nesses momentos, aquela estranha impressão de que sua vida, com todos os seus dissabores, não passava de um sonho e de que pela manhã despertaria na sua pequena cama, em Londres.

Dois anos já haviam se passado e Philip se aproximava do décimo segundo aniversário. Estava na classe superior e ocupava o segundo ou terceiro lugar entre os colegas. Após o Natal, quando vários alunos passassem para o ginásio, iria se tornar o primeiro da escola. Possuía já grande coleção de prêmios, livros sem valor, impressos em papel ordinário; mas as encadernações eram vistosas e estavam decoradas com as armas da escola. Em virtude de sua posição, já não era molestado. Os companheiros perdoavam-lhe o sucesso devido à sua deformidade.

— Afinal de contas, para ele é fácil ganhar prêmios. Que mais pode fazer senão estudar?

Perdera o terror que no começo teve de mr. Watson. Acostumara-se àquela voz de trovão, e quando a pesada mão do mestre lhe caía sobre os ombros percebia vagamente a intenção de um carinho. Possuía ótima memória, mais útil nas realizações escolares do que uma inteligência vigorosa, e Watson queria que Philip deixasse o curso preparatório com uma bolsa de estudos.

Tornara-se, entretanto, muito acanhado. A criança recém-nascida não nota que seu corpo está mais ligado a ela do que os objetos circundantes; brinca com os pezinhos como se fossem chocalhos. Só pouco a pouco, através da cor, compreende que o corpo lhe pertence. Experiências idênticas se fazem necessárias para que o indivíduo adquira consciência de si mesmo. Há uma diferença, entretanto: embora todos adquiram igualmente a consciência do corpo como um organismo completo e separado, nem todos adquirem igualmente a consciência de constituírem uma personalidade completa e separada. O sentimento de diferenciação dos outros surge para a maioria com a adolescência, mas nem sempre se desenvolve a um grau tal que faça a diferença entre o indivíduo e o seu próximo perceptível para aquele. Os que são tão pouco conscientes de si mesmos como as abelhas de uma colméia, esses têm os melhores ensejos de felicidade; suas atividades são partilhadas por todos e seus prazeres só são prazeres porque fruídos em comum; são esses os

que, na segunda-feira de Pentecostes, vemos dançando em Hampstead Heath, torcendo numa partida de futebol ou, nas janelas de um clube de Pall Mall, aplaudindo um desfile real. Por sua causa é que o homem tem sido chamado de animal social.

Philip passou da inocência infantil à amarga consciência de si próprio, através do ridículo que seu pé provocara. As circunstâncias de seu caso eram tão especiais que não podia aplicar-lhes as regras elaboradas de antemão e válidas para assuntos ordinários. Via-se obrigado a pensar por si mesmo. Os inúmeros livros que havia lido encheram-lhe o espírito de idéias e estas alargaram o âmbito de sua imaginação, uma vez que só as entendia em parte. Por trás daquele retraimento doloroso, algo tomava vulto em seu ser; ia, pouco a pouco, descobrindo a sua personalidade. Às vezes tinha surpresas desconcertantes. Fazia certas coisas sem saber por quê, e quando mais tarde refletia sobre elas, via-se imerso em perplexidade.

Havia um menino chamado Luard de quem Philip se tornara grande amigo. Certo dia, quando brincavam no refeitório, Luard pôs-se a executar proezas com a caneta de Philip, que era de ébano.

— Não brinque — disse Philip. — Vai quebrar a caneta.

— Não vou não.

Mal acabara de falar, entretanto, a caneta partiu-se em dois pedaços. Luard olhou consternado para Philip.

— Desculpe-me, sinto muito — falou por fim.

As lágrimas rolaram pelo rosto de Philip, mas ele nada respondeu.

— O que você tem? — perguntou Luard surpreso. — Vou lhe arranjar uma caneta igualzinha.

— Não é pela caneta — disse Philip com voz trêmula. — É que ela me foi presentada por mamãe pouco antes de morrer.

— Perdoe-me, Carey.

— Não tem importância. A culpa não foi sua.

— Philip apanhou os dois pedaços da caneta e examinou-os. Procurou conter os soluços. Sentia-se extremamente infeliz, entretanto não sabia dizer por quê, pois havia comprado a caneta em Blackstable, durante as últimas férias. Não sabia por que inventara aquela história patética, mas ela o fizera tão infeliz como se fosse verdadeira. A atmosfera do vicariato e o ambiente religioso da escola tornaram muito sensível a consciência de Philip. Absorvera, sem dar por isso, a crença de que o demônio estava constantemente à espreita

para apoderar-se de sua alma imortal. Embora não fosse mais verídico do que a maioria dos companheiros, toda vez que dizia uma mentira era perseguido pelo remorso. Ao refletir sobre o incidente, sentiu-se desolado e resolveu confessar a Luard que tudo fora invenção. Tinha horror à humilhação, mas durante dois ou três dias sentiu doloroso prazer em humilhar-se pela glória de Deus. Não foi além disso, porém. Satisfez a consciência pelo método mais cômodo de expressar o seu arrependimento: apenas ao Todo-Poderoso. Intrigava-o, no entanto, a maneira por que se deixara impressionar pela história engendrada. As lágrimas que lhe correram pelas faces gordurosas tinham sido lágrimas verdadeiras. Por associação de idéias, lembrou-lhe então a cena em que Ema lhe comunicara a morte da mãe; embora a emoção lhe embargasse a voz, insistira em despedir-se das irmãs Watkin, para que lhe vissem a dor e tivessem piedade dele.

Uma onda de religiosidade varreu então a escola. Não se ouviam mais termos baixos e as pequenas inconveniências cometidas pelos menores eram vistas com hostilidade. Os maiores, como os “lordes seculares” da Idade Média, utilizavam-se da força dos seus braços para persuadir os mais fracos a seguirem o caminho da virtude.

Philip, cujo espírito inquieto era ávido de novidades, tornou-se profundamente devoto. Ao ter conhecimento da possibilidade de filiar-se à Liga da Bíblia, escreveu para Londres pedindo informações detalhadas. O processo de inscrição consistia num formulário a ser preenchida pelo candidato, que ali declarava o nome, a idade e a escola que freqüentava, fazendo ao mesmo tempo uma promessa solene de ler todas as noites determinado trecho da Santa Escritura. Finalmente, em parte para ficar provado que o candidato desejava a sério tornar-se membro da Liga e em parte para cobrir as despesas clericais, exigia-se a importância de meia coroa. Philip preencheu devidamente todas as formalidades, recebendo então uma espécie de calendário, de valor não superior a um *penny*, onde estavam indicadas as passagens que deviam ser lidas cada dia, e uma folha de papel em cujas duas faces havia, respectivamente, uma gravura do Bom Pastor com um cordeiro e uma pequena oração para ser rezada antes do início da leitura.

Todas as noites Philip despia-se às pressas a fim de poder executar a sua tarefa antes de o gás se apagar. Lia sem criticar, como sempre, histórias de crueldades, fraudes, ingratidões, perfídias e baixos ardis. Atos que, na vida real, o teriam horrorizado, na leitura passavam-lhe pelo espírito sem o menor comentário, pois eram cometidos sob a inspiração direta de Deus. O método da Liga era alternar um livro do Velho Testamento com outro do Novo, e certa noite Philip deu com os olhos nas seguintes palavras de Jesus Cristo:

*‘Em verdade vos digo que, se tiverdes fé, e não duvidardes, não só fareis o que eu acabo de fazer à figueira, mas ainda, se disserdes a este monte, tira-te e lança-te no mar, assim se fará.*

*“E todas as coisas que pedirdes, fazendo oração com fé, haveis de conseguir.”*

As palavras, em si, não lhe causaram nenhuma impressão particular, mas aconteceu que três dias mais tarde, no domingo, o cônego escolheu-as para texto do seu sermão. Mesmo que Philip quisesse ouvir o sermão não o teria conseguido, uma vez que os alunos da King’s School sentavam-se no coro e o púlpito ficava por trás do transepto. Assim sendo, o pregador ficava com as costas quase voltadas para eles. A distância, por outro lado, era tamanha que só um homem dotado de ótima voz e dicção aprimorada se faria ouvir no coro; e, segundo velho costume, os cônegos de Tercanbury são escolhidos mais por sua erudição do que por quaisquer qualidades utilizáveis numa catedral. Mas as palavras do texto em questão, talvez porque as houvesse lido tão recentemente, soaram com bastante clareza aos ouvidos de Philip e pareceram, de repente, assumir uma significação pessoal. Meditou sobre elas durante quase todo o sermão e à noite, ao deitar-se, folheou o Evangelho e mais uma vez encontrou as mesmas palavras. Embora acreditasse implicitamente em tudo que via impresso, já lhe tinham ensinado que muitas vezes, na Bíblia, as palavras diziam uma coisa com toda a clareza mas o seu sentido era misteriosamente outro. Não havia ninguém, na escola, a quem pudesse perguntar; conteve-se, pois, até as férias do Natal, e certo dia aproveitou uma oportunidade. A ceia já fora servida e as orações acabavam de ser rezadas. Mrs. Carey contava os ovos que Mary Ann trouxera, como de costume, escrevendo a data em cada um deles. Philip, junto à mesa, fingia voltar, despreocupadamente, as páginas da Bíblia.

— Escute, tio William: este trecho aqui significa realmente o que está escrito?

Indicava a passagem com o dedo, como se a tivesse encontrado por acaso.

Mr. Carey olhou por cima dos óculos. Estava segurando o *Blackstable Times* em frente ao fogo. Chegava do prelo sempre ao anoitecer, ainda úmido, e o vigário o secava durante dez minutos antes de iniciar a leitura.

— A que trecho você está se referindo? — perguntou.

— Este, onde diz que a pessoa, tendo fé, é capaz de mover montanhas.

— Se está assim na Bíblia, é assim, Philip — falou brandamente Mrs. Carey, erguendo a cesta da baixela.

Philip olhou para o tio, à espera de uma resposta.



— É uma questão de fé.

— Quer dizer que, se a gente acreditar que pode tirar uma montanha do lugar, pode mesmo?

— Com a graça de Deus — respondeu o vigário.

— Vamos, dê boa-noite ao seu tio, Philip — disse a tia Louisa. — Você não pretende tirar uma montanha do lugar esta noite, não é?

Philip deixou-se beijar na testa pelo tio e subiu as escadas na frente de mrs. Carey. Tinha conseguido a informação que procurava. Seu quartinho era extremamente frio. Tiritava ao vestir a camisola, mas tinha certeza de que as orações agradavam mais a Deus quando eram ditas com absoluta ausência de conforto. O frio que sentia nas mãos e nos pés era uma oferta ao Todo-Poderoso. Caiu de joelhos, escondeu o rosto entre as mãos, e pediu a Deus, com todo o fervor, que lhe corrigisse o pé torto. Era coisa bem insignificante, comparada com a remoção das montanhas. Sabia que, se quisesse, Deus poderia satisfazer-lhe o desejo, uma vez que sua fé era completa. Na manhã seguinte, terminando as orações com o mesmo pedido, fixou uma data para o milagre.

— Ó Deus, cheio de bondade e misericórdia. Se for essa a Vossa Vontade, suplico-Vos que meu pé fique direito na véspera de meu regresso à escola.

Sentia-se contente por ter logrado condensar o seu pedido numa fórmula. Repetiu-a mais tarde, na sala de jantar, durante a pequena pausa que o vigário fazia sempre após as orações, antes de abandonar a genuflexão. Renovou o pedido ao anoitecer e ao deitar-se, tremendo de frio na sua camisola branca. E ele acreditava. Ansiava, agora, pelo reinício das aulas. Ria consigo mesmo ao imaginar o espanto do tio quando o visse descer as escadas de três em três degraus. Após o primeiro almoço teria de ir, com a tia Louisa, comprar apressadamente um novo par de botinas. Na escola todos ficariam estupefatos!

— Olá, Carey, que aconteceu com o seu pé?

— Nada. Agora está bom — responderia despreocupadamente, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Poderia jogar futebol. Seu coração saltava ao imaginar-se correndo, correndo mais depressa do que qualquer outro menino. Ao terminar a Quaresma vinha o período dos esportes e então poderia inscrever-se nas corridas de obstáculos. Que maravilha ser igual aos outros, sem despertar a curiosidade dos alunos novos que ainda não sabiam de sua deformidade. Que

bom dispensar as precauções que tomava por ocasião do banho, ao despir-se, evitando que alguém lhe visse o pé antes de mergulhá-lo na água!

Orou com todo o ardor de sua alma. Dúvida alguma o assaltava. Tinha confiança na palavra de Deus. Na véspera do regresso à escola foi para a cama trêmulo de emoção. O quintal estava coberto de neve e tia Louisa se permitiu o luxo de acender o fogo no seu quarto. No de Philip, entretanto, o frio era tão intenso que seus dedos estavam encarangados e ele sentiu dificuldade em desabotoar o colarinho. Batia os dentes. Ocorreu-lhe então a idéia de que devia fazer qualquer coisa fora do comum para atrair a atenção de Deus. Afastando o tapete que havia em frente à cama, ajoelhou-se sobre o soalho e em seguida despiu também a camisola, temendo que o conforto que ela proporcionava pudesse desgostar o Criador. Disse as orações inteiramente nu. Ao cair na cama estava tão enregelado que lhe custou adormecer. Quando o fez, entretanto, o sono foi tão profundo que Mary Ann teve de sacudi-lo ao trazer a água quente, de manhã. Enquanto abria as cortinas a criada dirigiu-lhe algumas palavras, mas não obteve resposta. Philip lembrara-se imediatamente de que aquela era a manhã do milagre. Tinha o coração cheio de alegria e gratidão. Seu primeiro instinto foi abaixar a mão e apalpar o pé, que já devia estar curado; mas fazer isso significava duvidar da bondade de Deus. Tinha certeza de que seu pé estava bom. Decidindo-se, por fim, tocou o pé esquerdo com os dedos do pé direito e em seguida segurou-o com a mão.

Desceu as escadas, coxeando, no momento em que Mary Ann entrava na sala de jantar para tomar parte nas orações. O menino ocupou o seu lugar à mesa.

— Está muito calado hoje, Philip — disse a tia Louisa.

— Deve estar pensando no belo almoço que terá amanhã, na escola — disse o vigário.

Quando Philip respondeu, foi de um modo que irritou imensamente o tio, pois nada tinha a ver com o assunto em questão. O vigário considerava essas divagações um péssimo hábito.

— Suponhamos que a senhora tivesse pedido alguma coisa a Deus — principiou Philip — e realmente acreditasse que essa coisa ia acontecer: afastar uma montanha do lugar, por exemplo. Se, no fim, apesar da sua fé, o seu pedido não fosse satisfeito, que significaria isso?

— Você é um menino engraçado, Philip! — falou a tia Louisa. — Há duas ou três semanas veio com perguntas sobre essa história de mover montanhas.

— Significaria apenas que não tinha havido fé — respondeu o tio William. Philip aceitou a explicação. Se Deus não o curara, era porque faltava solidez à sua crença. E no entanto não sabia como era possível acreditar mais firmemente do que acreditara. Mas quem sabe não dera a Deus um prazo suficiente? Pedira que o milagre se realizasse dentro de dezenove dias apenas! Dois dias mais tarde iniciou novamente sua oração e desta vez marcou a cura para a Páscoa. Era o dia da gloriosa ressurreição de Seu Filho e Deus, na Sua felicidade, talvez se mostrasse misericordioso. Agora, porém, Philip procurava alcançar o seu intento por outros meios. Formulava os seus votos quando a Lua mudava de fase ou quando via um cavalo mosqueado; à noite, procurava estrelas cadentes no céu. Por ocasião de uma licença, prepararam um frango no vicariato e ele quebrou, com a tia, o ossinho da sorte, desejando sempre que seu pé ficasse bom. Apelava inconscientemente para deuses mais antigos, entre a sua raça, do que o Deus de Israel. Assediava o Todo-Poderoso, a qualquer hora do dia, sempre que lhe ocorresse ao espírito, com a mesma oração, palavra por palavra, pois lhe parecia de grande importância efetuar o pedido sempre nos mesmos termos. De repente, porém, sentia que ainda dessa vez sua fé não seria suficientemente forte. Não conseguia sobrepujar a dúvida que o assaltava. Transformou, por fim, a sua experiência numa regra geral.

— Acho que ninguém jamais tem fé suficiente.

Era como a história do sal que sua ama costumava contar: qualquer pássaro seria facilmente apanhado se se lhe pusesse um grão de sal na cauda. Certa vez Philip fora, mesmo, aos jardins de Kensington levando consigo uma sacola de sal. Não conseguiu, entretanto, aproximar-se o suficiente de um passarinho para pôr-lhe o sal na cauda. Antes de chegar a Páscoa já havia renunciado à luta. Tinha um surdo ressentimento contra o tio por este o haver enganado. O texto que afirmava ser possível afastar montanhas era uma dessas passagens que dizem uma coisa e significam outra muito diferente. Chegou à conclusão de que o tio lhe pregara uma peça.

A King's School, em Tercanbury, para onde Philip foi enviado ao completar treze anos, orgulhava-se da sua antiguidade. Fora originalmente uma escola abacial, fundada antes da Conquista dos Normandos, e ali os monges agostinhos haviam ministrado os primeiros ensinamentos. Como aconteceu a vários estabelecimentos semelhantes, foi, com a extinção dos mosteiros, reorganizada pelos coadjutores de Henrique VIII e assim adquiriu o seu nome. Desde então, cumprindo o seu modesto objetivo, principiou a dar, aos filhos da nobreza local e dos burgueses de Kent que exerciam as profissões liberais, uma educação suficiente para as suas necessidades. Um ou dois homens de letras, a começar por um poeta cujo gênio foi suplantado apenas por Shakespeare, e terminando com um prosador que influenciou profundamente, com seu modo de encarar a vida, a geração a que Philip pertencia, de lá saíram para a conquista da fama. Produzira ela um ou dois advogados eminentes (se bem que advogados eminentes sejam coisa comum) e um ou dois soldados de valor. Mas, durante aqueles três séculos decorridos após a sua separação da ordem monástica, preparara especialmente homens da Igreja — bispos, deões, cônegos e sobretudo curas. Havia, na escola, meninos cujos pais, avós e bisavós tinham sido educados ali, tornando-se, mais tarde, vigários de paróquias na diocese de Tercanbury; esses próprios meninos já ingressaram no estabelecimento, decididos a ordenar-se. Várias circunstâncias pareciam indicar, no entanto, que mesmo ali estavam em via de efetuar-se certas mudanças. Alguns alunos, repetindo o que tinham ouvido em casa, diziam que a Igreja já não era a mesma. Isso dizia respeito menos aos proventos materiais, que diminuía progressivamente, do que à classe de pessoas que se dedicava à carreira eclesiástica. Dois ou três meninos conheciam curas cujos pais eram negociantes; preferiam partir para as colônias (naquele tempo as colônias ainda constituíam a última esperança dos que nada conseguiam na Inglaterra) a tornarem-se coadjutores sob as ordens de gente menos distinta. Na King's School, como no vicariato de Blackstable, era negociante todo aquele a quem a sorte não permitira adquirir terras (e aqui se fazia perfeita distinção entre o

*gentleman farmer* e o proprietário de terras) ou que se vira impossibilitado de seguir uma das quatro profissões condizentes com o verdadeiro *gentleman*. Entre os alunos externos, perto de cento e cinquenta eram filhos da nobreza local e de oficiais da guarnição, fazia-se sentir aos que tinham pais negociantes a baixeza da sua condição.

Os mestres não admitiam as idéias modernas sobre educação lidas de vez em quando no *Times* ou no *Guardian* e esperavam, com fervor, que a King's School permanecesse fiel às suas tradições. As línguas mortas eram ensinadas com tanta exigência que o aluno sentia indizível enfado ao lembrar-se, mais tarde, de Homero ou Virgílio. Embora, à mesa, um ou dois espíritos mais audaciosos sugerissem que a importância da matemática crescia cada vez mais, a opinião geral era de que o seu estudo ficava num plano menos nobilitante que o dos clássicos. O alemão e a química eram postos de lado e as aulas de francês eram ministradas pelos professores comuns; sabiam manter a disciplina melhor do que um estrangeiro e, como conhecessem a gramática tão bem como qualquer francês, não lhes parecia importante o fato de nenhum deles ser capaz de pedir uma xícara de café num restaurante de Bolonha, a um garçom que não possuísse alguma tintura de inglês. O ensino de geografia consistia em mandar os meninos traçar mapas, ocupação bastante apreciada, principalmente quando o país em estudo fosse montanhoso: o traçado dos Andes ou dos Apeninos permitia desperdiçar horas a fio. Os professores, formados por Oxford ou Cambridge, eram ordenados e solteiros. Se, por acaso, pensassem em casar, só poderiam fazê-lo aceitando um dos pequenos benefícios concedidos pelo Capítulo. Durante muitos anos, entretanto, nenhum deles quisera trocar a requintada sociedade de Tercanbury — que, em virtude da guarnição de cavalaria, possuía um ar ao mesmo tempo eclesiástico e marcial — pela monotonia de um priorado no campo. Todos eles eram já homens de meia-idade.

O diretor, por outro lado, era obrigado a casar-se, dirigindo a escola até que começasse a sentir os efeitos da velhice. Ao afastar-se do posto era recompensado com uma pensão muito superior à dos outros professores e um canonicato honorário.

Um ano antes da chegada de Philip, porém, a escola passara por grande mudança. Era evidente a todos que o dr. Fleming, diretor pelo espaço de vinte e cinco anos, estava ficando surdo demais para poder prosseguir os seus trabalhos consagrados à glória do Senhor. Ao vagar-se um benefício, nas

vizinhanças da cidade, com um estipêndio de seiscentas libras por ano, o Capítulo ofereceu-o ao diretor, insinuando estar ele em época de aposentar-se. Seria possível viver confortavelmente com aquela renda, dedicando-se por inteiro aos seus achaques. Dois ou três curas que esperavam promoção disseram às esposas ser escandaloso entregar uma paróquia que necessitava de um homem jovem, forte e enérgico, a um velho completamente alheio às atividades paroquiais e que, aliás, já havia enchido as algibeiras. Os murmúrios do clero não beneficiado não chegavam, porém, aos ouvidos do Capítulo. Quanto aos paroquianos, nada tinham a dizer, e portanto ninguém lhes pedia opinião. Tanto os metodistas como os batistas possuíam capelas na vila.

Após terem se livrado dessa forma do dr. Fleming, tornou-se necessário escolher um sucessor. As tradições da escola vedavam que a escolha recaísse num dos professores menos graduados. Os alunos unanimemente desejavam a eleição de mr. Watson, diretor da escola preparatória. Não se podia dizer que fosse um professor da King's School. Havia mais de vinte anos que o conheciam e não havia perigo de que se tornasse indesejável. O Capítulo, porém, reservava-lhes uma surpresa. Escolheu um homem chamado Perkins. A princípio ninguém sabia quem era Perkins e o nome não impressionou favoravelmente a ninguém; uma vez passado o choque verificou-se ser ele filho de Perkins, o camiseiro. O dr. Fleming, antes do jantar, comunicou aos mestres a descoberta, notando-se consternação em seu modo de falar. Os que estavam sentados à mesa fizeram a refeição em silêncio, só se referindo ao assunto depois que os criados se retiraram. Começou, então, a discussão.

Os nomes dos que estavam presentes não eram importantes, mas várias gerações de alunos os conheceram por *Sighs*, *Tar*, *Winks*, *Squirts* e *Pat*.<sup>[2]</sup>

Todos conheciam Tom Perkins. Em primeiro lugar, não se tratava de um *gentleman*. Lembavam-se dele perfeitamente. Tinha sido um menino miúdo, moreno, de olhos grandes e cabelos pretos sempre em desalinho. Parecia um cigano. Começara a freqüentar a escola como aluno externo; sua educação nada lhe custou, pois viera para ali com uma bolsa de estudos oferecida pela instituição. Fez um curso brilhante, como era de esperar. Recebia sempre inúmeros prêmios. Era o modelo da escola. Os mestres lembravam-se agora de como temiam perder Tom Perkins, no caso de ele conquistar outra bolsa de estudos numa das escolas públicas mais importantes. O dr. Fleming fora à presença do camiseiro — todos se recordavam da loja, Perkins & Cooper, em St. Catherines Street — formular o desejo de que Tom permanecesse na escola

até ingressar em Oxford. A King's School era o melhor freguês da Perkins & Cooper, e em vista disso mr. Perkins garantiu, pressuroso, que atenderia ao pedido do diretor. Tom Perkins continuou a triunfar. Era o melhor helenista e latinista que o dr. Fleming conhecia. Ao deixar a escola, levou consigo a melhor bolsa de estudos que ela tinha para oferecer. Alcançou uma outra no Magdalen College e fez uma carreira brilhante na universidade. A publicação da escola consignava as distinções por ele conquistadas ano após ano, e quando Tom ganhou um “primeiro duplo”, o dr. Fleming escreveu pessoalmente algumas palavras de encômio na primeira página. Seu sucesso foi recebido com satisfação ainda maior pelo motivo de Perkins & Cooper haverem sofrido tristes reveses. Cooper bebia como uma esponja e, pouco antes de Tom Perkins receber o diploma final, os negociantes de fazendas viram-se obrigados a abrir falência.

No devido tempo Tom Perkins recebeu as ordens sacras e iniciou a profissão para a qual tinha tão admiráveis aptidões. Havia sido mestre assistente em Wellington e em Rugby.

Existia, entretanto, grande diferença entre celebrar o seu sucesso nas outras escolas e servir sob a sua orientação na King's School. Tar lhe dera, muitas vezes, versos a copiar por castigo e Squirts sentara-lhe a mão no ouvido. Não compreendiam como o Capítulo podia ter cometido tamanho erro. Ninguém conseguiria esquecer que Tom era filho de um camiseiro falido, e o alcoolismo de Cooper parecia aumentar o opróbrio. O deão apoiara com ardor a sua candidatura e portanto era de esperar que o convidasse para o jantar. Mas acaso aquelas deliciosas refeições poderiam conservar o seu encanto, estando Perkins presente à mesa? E que dizer da guarnição militar? Ele não podia esperar que oficiais e *gentlemen* o recebessem como a um igual. A escola ia ficar grandemente prejudicada. O descontentamento dos pais traria como conseqüência retiradas em massa. E que rebaixamento chamá-lo de mr. Perkins! Os mestres pensaram pedir demissão coletivamente em sinal de protesto, mas temendo que ela fosse aceita, resolveram renunciar à idéia.

— A única coisa a fazer é prepararmo-nos para as mudanças — disse Sighs, que dirigia a quinta classe com inigualável incompetência havia mais de vinte e cinco anos.

A presença de Perkins não os tranqüilizou. O dr. Fleming convidou-os a almoçar com ele. Tinha agora trinta e dois anos, alto e magro, com aquele mesmo aspecto selvagem e desmazelado dos tempos de menino. Sua roupa,

velha e malfeita, estava sempre desalinhada. Os cabelos continuavam negros e compridos como dantes e era evidente que seu dono ainda não aprendera a fazer uso da escova. Ao menor movimento caía-lhe uma madeixa sobre a testa, donde o costume de puxá-la vivamente para trás, com a mão. O bigode era preto e a barba cobria-lhe quase todo o rosto. Dirigia-se aos mestres com grande desembaraço, como se nunca se tivesse separado deles; sentia, evidentemente, grande prazer em revê-los. Parecia alheio ao retraimento manifestado por todos e não notava nada de estranho em ser tratado por mr. Perkins.

Quando este se despediu, um dos mestres, à procura do que dizer, observou que era muito cedo para apanhar o trem.

— Quero dar um pulo até a loja para vê-la — respondeu alegremente.

Notou-se um embaraço geral. Quanta falta de tato! Por coincidência, o dr. Fleming não ouviu o que Perkins dissera. Sua esposa teve de gritar-lhe ao ouvido:

— Ele quer dar uma volta para ir à antiga loja do pai.

Só Tom Perkins não dava pela humilhação que todos sentiam. Virou-se para mrs. Fleming.

— Quem é o novo inquilino, a senhora sabe?

Foi com dificuldade que ela respondeu. A raiva embargava-lhe a voz.

— É outro comerciante de fazendas — disse com ressentimento. — Chama-se Greve. Não somos mais seus fregueses.

— Será que me permitirão visitar a casa?

— Permitirão, sem dúvida, se o senhor se der a conhecer.

Somente ao fim do jantar, naquela noite, foi que se fez referência ao assunto que preocupava todos os espíritos. Sighs perguntou então:

— Bem, o que acharam do nosso novo diretor?

Lembraram-se da conversa mantida durante o almoço. Não tinha sido bem uma conversa e sim um monólogo. Perkins falara sem cessar. Falava com incrível rapidez. As palavras fluíam facilmente, numa voz profunda e sonora. Tinha um risinho singular que deixava ver seus belos dentes brancos. Os mestres acompanharam-no com dificuldade, pois seu espírito saltava de assunto para assunto, muitas vezes sem que se percebesse a conexão. Discorreu sobre pedagogia, como era natural, mas falou também sobre as modernas teorias alemãs, ainda desconhecidas e por isso mesmo recebidas com desconfiança. Dissertou sobre os clássicos, mas tinha estado na Grécia e



pôs-se a falar de arqueologia. Passara, mesmo, uma semana fazendo escavações. Eles não compreendiam qual a vantagem que isso poderia trazer para um professor cuja única finalidade era fazer com que os alunos fossem aprovados nos exames. Falou de política. Pareceu-lhes estranha a comparação que fez entre Lord Beaconsfield e Alcibíades. Falou de Gladstone e do *Home Rule*. Logo perceberam tratar-se de um liberal. Caiu-lhes o coração aos pés. Por fim ele abordou a filosofia alemã e a ficção francesa. Não podiam considerar profundo um homem cujos interesses eram tão diversos.

Foi Winks quem resumiu a impressão geral numa fórmula concludente e condenatória. Winks era o mestre da terceira classe superior, um homem irresoluto que costumava andar de olhos baixos. Era alto demais para a sua constituição e tinha movimentos lentos e lânguidos. Sentia-se nele certa lassidão, e daí o seu apelido eminentemente apropriado.<sup>[3]</sup>

— É um entusiasta — definiu Winks.

Entusiasmo significava falta de distinção, de boas maneiras. Lembrava-lhes o Exército de Salvação, com suas estridentes trombetas e tambores ruidosos. Entusiasmo fazia prever transformação. Ficaram apavorados ao pensar no perigo iminente que ameaçava os seus velhos e deleitosos hábitos. Mal se atreviam a pensar no futuro que os aguardava.

— Assemelha-se cada vez mais a um cigano — observou outro mestre, após ligeira pausa.

— Acho que não sabiam tratar-se de um radical quando o elegeram — comentou um terceiro, com amargura.

Mas estavam tão perturbados que não conseguiam manter o fio da conversa.

Quando Tar e Sighs caminhavam juntos em direção à sala capitular, uma semana mais tarde, Tar, que possuía um espírito mordaz, observou ao colega:

— Já assistimos a muitas sessões, aqui, não? Talvez não assistamos a outra.

Sighs sentia-se mais melancólico do que nunca.

— Não me importo em me aposentar, contanto que arranjasse uma boa pensão.

Passou-se um ano, e quando Philip se matriculou na escola, os antigos mestres estavam ainda todos em seus lugares. Entretanto, numerosas modificações haviam sido efetuadas, apesar da obstinada resistência que encontravam. Tal resistência não era menos formidável pelo fato de ocultar-se sob o desejo aparente de pactuar com as idéias do novo diretor. Embora os mestres das classes primárias continuassem a ensinar o francês, chegara outro professor com grau de doutor em filosofia pela Universidade de Heidelberg e três anos passados num liceu francês. Ensinaría essa língua às classes superiores e alemão a quem o preferisse ao grego. Foi contratado um professor para ensinar matemática de maneira mais sistematizada do que até então se julgara necessário. Nenhum deles era ordenado. Isso constituía uma verdadeira revolução na escola e, quando os dois chegaram, os antigos mestres os receberam com desconfiança. Instalou-se um laboratório e instituiu-se a instrução militar. Todos afirmavam que o caráter da escola estava se transformando. Só Deus sabia que outros projetos mr. Perkins trazia naquela cabeça desgrenhada. A escola era relativamente pequena, não havendo mais de duzentos internos, e tornava-se impossível aumentá-la, comprimida como estava pela catedral. Todo o terreno, com exceção de uma casa onde residiam alguns dos mestres, era ocupado pelo cabido da catedral. Não havia mais espaço para edificações, mas mr. Perkins estava imaginando um plano complicado que lhe permitiria duplicar a área da escola. Queria atrair meninos de Londres. Julgava que lhes seria proveitoso o contato com os rapazes de Kent. Estes, por sua vez, teriam desenvolvidos os seus espíritos provincianos.

— Vai de encontro a todas as nossas tradições — disse Sighs, quando mr. Perkins lhe fez a sugestão. — Temos trabalhado bastante para evitar a contaminação dos rapazes de Londres.

— Oh, que tolice! — exclamou mr. Perkins.

Ninguém insinuara até então a Sighs que ele fosse capaz de fazer observações tolas. Estava à procura de uma resposta mordaz — em que talvez

incluísse uma alusão velada aos negócios de armarinho — quando o impetuoso mr. Perkins o atacou acintosamente:

— Quanto àquela casa no recinto da escola, se o senhor resolvesse se casar eu arranjaria com que o Capítulo construísse, sobre ela, mais uns dois andares. Teríamos, assim, mais dormitórios e salas de estudo e, por outro lado, arranjaria uma esposa para auxiliá-lo e fazer-lhe companhia no lar.

O velho clérigo sentiu um choque. Por que haveria de se casar? Tinha já cinqüenta e sete anos e nenhum homem poderia casar-se nessa idade. Era incapaz de andar à procura de casa, velho como estava. Não queria casar-se. Se tivesse de escolher entre essa solução e um benefício qualquer, preferiria demitir-se do cargo. Só desejava paz e tranqüilidade.

— Não pretendo me casar — respondeu.

Mr. Perkins fitou-o com os seus olhos vivos e escuros, que cintilavam ironicamente. O pobre Sighs, porém, não notou esse detalhe.

— Que pena! Não poderia casar para me fazer um favor? Só assim eu conseguiria a reconstrução da casa.

A inovação mais desagradável de mr. Perkins, entretanto, foi o seu sistema de assumir, de vez em quando, a orientação da classe de outro professor. Pedia como favor, mas tratava-se de um favor que não podia ser recusado e era, como observou Tar, ou antes mr. Turner, indigno para ambas as partes. Sem avisar com antecedência, dizia a um dos mestres, após as orações matinais:

— Concorda em trocar de classe comigo hoje, às onze horas?

Não sabiam se aquilo era comum nas outras escolas. O certo é que nunca se fizera tal coisa em Tercanbury. Os resultados eram curiosos. Mr. Turner, que foi a primeira vítima, informou à turma que o diretor viria dar-lhes a aula de latim. Sob o pretexto de que talvez desejassem fazer-lhe algumas perguntas, para não revelarem completa ignorância perante o diretor, mr. Turner passou o último quarto de hora da aula de história interpretando a passagem de Tito Lívio que estava marcada para aquele dia. Ao assumir novamente a direção da turma, porém, grande surpresa o esperava. Examinando a folha em que mr. Perkins registrara as notas conferidas, notou que os dois primeiros discípulos da classe haviam se saído muito mal, enquanto outros, de mérito obscuro, receberam distinções. Quando perguntou a Eldridge, o seu aluno número um, qual a significação daquilo tudo, o menino respondeu:

— Mr. Perkins não nos argüiu em latim. Perguntou que é que eu sabia a respeito do general Gordon.

Mr. Turner fitou-o, atônito. Era evidente que os alunos achavam ter sido tratados com injustiça, e o mestre não pôde deixar de concordar com aquela muda insatisfação. Também ele não compreendia que relação podia existir entre o general Gordon e Tito Lívio. Arriscou um esclarecimento mais tarde.

— Eldridge ficou terrivelmente constrangido porque o senhor o inquiriu sobre o general Gordon — falou ao diretor, procurando fazer graça.

Mr. Perkins pôs-se a rir.

— Vi que tinham chegado às leis agrárias de Caio Graco e por isso quis saber se estavam também a par das perturbações agrárias na Irlanda. A única coisa que sabiam da Irlanda, no entanto, era o fato de ser Dublin banhada pelo rio Liffy. Daí me veio a suspeita de que nunca tivessem ouvido falar no general Gordon.

Foi descoberto então que o novo diretor tinha a mania dos conhecimentos gerais. Alimentava dúvidas sobre a utilidade dos exames cujos temas eram preparados de antemão. Apreciava o senso comum.

Sighs ficava cada vez mais inquieto. Meteu na cabeça que mr. Perkins iria exigir-lhe que marcasse a data de seu casamento. Detestava também a atitude do chefe com relação à literatura clássica. Era, sem dúvida alguma, um erudito, e trabalhava mesmo numa obra bem de acordo com a tradição: estava escrevendo um tratado sobre as árvores na literatura latina; referia-se a isso, no entanto, com muita volubilidade, como se fosse um passatempo sem importância, uma espécie de jogo de bilhar, em que empregasse as horas de lazer.

Squirts, o mestre do terceiro ano médio, tornara-se excessivamente neurastênico. Philip foi colocado na sua classe, ao ingressar na escola. O reverendo B. B. Gordon era um homem cuja natureza o incompatibilizava com o magistério. Impaciente e colérico, sem alguém que lhe pedisse contas, tratando apenas com crianças, havia muito perdera o domínio de si mesmo. Iniciava a aula enraivecido e terminava-a furioso. Tinha uma estatura média, físico bastante corpulento, cabelos cor de areia, começando a branquear, e um pequeno bigode eriçado. Seu rosto grande, de feições indistintas e diminutos olhos azuis, era naturalmente rubro, mas durante os freqüentes acessos de ira tornava-se escuro e arroxeadado. Roía as unhas até o sabugo, tal a raiva que o consumia enquanto os meninos, trêmulos de medo, davam as lições diante dele. Contavam-se histórias de sua violência, talvez exageradas, e dois anos antes tinha havido certo alvoroço na escola quando correria a notícia de que

um pai ameaçara processá-lo: ele tinha batido com um livro na orelha de um menino chamado Walters, mas com tal força que o sentido auditivo da criança ficara grandemente afetado, sendo preciso retirá-la da escola. O pai residia em Tercanbury e houve grande indignação na cidade. A própria folha local referiu-se ao caso. Mas, como mr. Walters era apenas um cervejeiro, as simpatias ficaram divididas. Os outros alunos, por motivos que só eles conheciam, embora não gostassem do mestre, puseram-se todos a seu favor. Indignados pelo fato de os assuntos da escola haverem sido divulgados no exterior, tornaram bem pouco agradável a vida do irmão mais novo de Walters, que continuava ali. Mr. Gordon escapou da demissão por um triz e nunca mais bateu nos alunos. Foi também cassado o direito que os mestres tinham de dar com a vara nas mãos dos meninos e Squirts não podia mais fustigar a mesa quando enraivecido. O máximo que lhe permitiam fazer, agora, era segurar o garoto pelos ombros e sacudi-lo. Costumava ainda punir os travessos refratários, obrigando-os a permanecer de dez minutos a meia hora com um braço estendido, e sua linguagem continuava furibunda como sempre.

Nenhum mestre era menos indicado para ensinar a um rapaz tímido como Philip. Ao ingressar na escola manifestara menos temor do que por ocasião do seu primeiro contato com mr. Watson. Conhecia muitos rapazes que haviam sido seus colegas no curso preparatório. Estava mais crescendo e sentia por instinto que, no meio de tanta gente, sua deformidade passaria despercebida. Logo no primeiro dia, porém, mr. Gordon infundiu-lhe profundo terror, e como tivesse facilidade em descobrir quais os alunos que se deixavam impressionar pelo seu aspecto, parecia votar especial antipatia ao rapaz. Philip, que antes tinha deleite nos estudos, começou a olhar com aversão as horas passadas na escola. Como não ousasse arriscar uma resposta que, no caso de estar errada, poderia suscitar uma torrente de desaforos por parte do mestre, deixava-se ficar em estúpido silêncio. Ao aproximar-se a sua vez, ficava pálido de apreensão. Quando mr. Perkins tomava conta da classe, vivia então os seus momentos de felicidade. Era capaz de satisfazer a paixão do diretor pelos conhecimentos gerais. Tinha lido toda espécie de livros, alguns complexos demais para a sua idade, e muitas vezes mr. Perkins, após interrogar em vão toda a classe, voltava-se para ele, com um sorriso que o enchia de contentamento, e dizia:

— Vamos, Carey. Ensine a essa gente.

As boas notas que obtinha nessas ocasiões aumentavam a indignação de mr. Gordon. Certo dia aconteceu chegar a vez de Philip traduzir. O mestre fitava-o, roendo furiosamente as unhas. Sua disposição era feroz. Philip começou a falar em voz baixa.

— Não resmungue! — gritou o mestre.

Philip sentiu qualquer coisa prender-lhe a garganta.

— Vamos, vamos, vamos!

Estas palavras eram berradas com intensidade crescente, tendo por efeito obscurecer a memória do menino, que olhava abstraído para a página impressa. Mr. Gordon pôs-se a respirar fortemente.

— Se não sabe, por que não o confessa? Sabe ou não sabe? Não nos ouviu traduzir todo esse trecho na última vez? Por que não fala? Responda, seu cabeça de pau, responda!

O mestre segurava os braços da cadeira como para resistir à tentação de atirar-se sobre Philip. Em tempos passados costumava agarrar os alunos pela garganta a ponto de sufocá-los. As veias da testa tornavam-se salientes e o rosto, sombrio e ameaçador. Parecia louco.

No dia anterior Philip soubera traduzir perfeitamente o trecho em questão, mas no momento não se lembrava de coisa alguma.

— Não sei traduzir isto — gaguejou.

— Como não sabe? Vamos traduzir palavra por palavra. Veremos se sabe ou não.

Philip permaneceu em silêncio, pálido e trêmulo, com a cabeça curvada para o livro. A respiração do mestre tornava-se quase estertorosa.

— O diretor diz que você é inteligente. Não sei em que se baseia para afirmar semelhante coisa. Conhecimentos gerais! — Soltando uma gargalhada selvagem, continuou:

— Não sei por que o puseram nesta turma. Imbecil!

Gostou da palavra e pôs-se a repeti-la a plenos pulmões.

— Imbecil! Imbecil! Imbecil de pé torto!

Sentiu-se um pouco aliviado, notando que Philip enrubescera repentinamente. Mandou-o buscar o Livro Negro. Philip pousou o seu César e saiu silenciosamente. O Livro Negro era um sinistro volume onde se registravam os nomes dos alunos faltosos, acompanhados de suas más ações. A repetição de três registros significava uma surra. Philip dirigiu-se à casa do diretor e bateu à porta do gabinete. Mr. Perkins achava-se sentado à mesa.

— Posso levar o Livro Negro, senhor diretor?

— Ali está ele — respondeu mr. Perkins, indicando o lugar com um movimento de cabeça. — Andou fazendo alguma traquinagem?

— Não sei, senhor diretor.

Mr. Perkins olhou-o de relance e, sem responder, concentrou novamente a atenção em seu trabalho. Philip apanhou o livro e retirou-se. Alguns minutos depois, terminada a aula, voltou para trazê-lo.

— Deixe-me olhar o livro — disse o diretor. — Vejo que mr. Gordon registrou o seu nome por “grave insolência”. Que significa isso?

— Não sei, senhor diretor. Mr. Gordon disse que eu era um imbecil de pé torto.

Mr. Perkins fitou-o novamente. Não sabia se a resposta do menino encerrava alguma dose de sarcasmo, mas notou que ele ainda se achava bastante abalado. Tinha o rosto pálido e seus olhos refletiam grande angústia. O diretor se levantou e foi colocar o livro no lugar; ao mesmo tempo, apanhou algumas fotografias.

— Um amigo enviou-me hoje estas vistas de Atenas — falou com naturalidade. — Olha, aqui está a Acrópole.

Começou a descrever aquilo que via. Suas palavras emprestavam vida às ruínas. Mostrou-lhe o teatro de Dioniso e explicou a ordem em que as pessoas se sentavam, descortinando, ao longe, as águas azuis do Egeu. De repente, falou:

— Lembro-me de que mr. Gordon costumava chamar-me de caixeirinho cigano no tempo em que eu era seu aluno.

E antes que Philip, com a atenção posta nas fotografias, pudesse compreender o sentido da observação, já mr. Perkins estava lhe mostrando uma gravura de Salamina. Com o indicador — cuja unha tinha uma pequena barra preta — apontava a localização dos navios gregos e persas.

Os dois anos que se seguiram foram, para Philip, de confortável monotonia. Não era mais importunado do que os outros rapazes de seu tamanho, e seu aleijão, afastando-o dos jogos, envolvia-o numa obscuridade que o alegrava muito. Não era popular e levava uma vida solitária. Esteve pelo espaço de dois trimestres com Winks, no terceiro ano secundário. Winks, com seu ar cansado e pálpebras caídas, dava uma impressão de tédio infinito. Cumpria o seu dever, mas fazia-o com o espírito abstraído. Era bondoso, delicado e tolo. Acreditava firmemente na honra dos alunos; julgava que a melhor maneira de conservá-los apegados à verdade era não imaginar por um instante sequer a possibilidade de mentirem. “Pede muito, e muito lhe será dado”, ele costumava dizer. A vida não era difícil no terceiro ano. Sabia-se antecipadamente quais as linhas a serem traduzidas e, com o auxílio da cola que corria de mão em mão, tornava-se fácil resolver qualquer coisa em menos de dois minutos. Enquanto as questões iam sendo formuladas, abrir uma gramática latina sobre os joelhos era a coisa mais natural do mundo. Winks nunca estranhava o fato de um mesmo e incrível erro aparecer em doze exercícios diferentes. Não tinha grande fé nos exames, pois notava que os meninos nunca se saíam tão bem neles, como no decorrer das aulas; a circunstância decepcionava, mas não tinha importância. Com o correr dos meses passaram todos para a classe imediatamente superior, tendo aprendido pouco mais do que uma alegre desfaçatez na deturpação da verdade, o que sem dúvida lhes seria muito mais útil, na vida futura, do que os conhecimentos de latim.

Caíram, então, nas mãos de *Piche*. Seu verdadeiro nome era Turner. Era o mais vivaz dos velhos mestres, um homem baixo, imensamente barrigudo, de barbas negras, que agora começavam a embranquecer, e pele trigueira. Suas vestes clericais emprestavam-lhe, mesmo, um certo aspecto que lembrava um barril de piche. Embora, por princípio, cada rapaz de cujos lábios ouvisse o seu apelido fosse obrigado a copiar quinhentas linhas, não raro, por ocasião de algum jantar, fazia trocadilhos a esse respeito. Era o mais mundano dos mestres. Jantava fora com mais freqüência do que os outros e sua sociedade



não se compunha unicamente de elementos clericais. Os alunos consideravam-no como uma espécie de estróina. Durante as férias desprezava o traje clerical, tendo sido visto na Suíça envergando alegres roupas axadrezadas. Apreciava uma garrafa de vinho e uma boa refeição, e como o surpreendessem, de uma feita, no Café Royal, acompanhado de uma dama, provavelmente alguma parenta próxima, daí em diante as diversas gerações de estudantes imaginavam-no mergulhado em orgias cujos detalhes circunstanciados revelavam ilimitada crença na depravação humana.

Mr. Turner achava necessário um trimestre para colocar nos eixos os garotos que vinham do terceiro ano. De vez em quando deixava escapar uma alusão hábil que denotava estar ele perfeitamente a par do que se passava na classe do colega. Encarava tudo com bom humor. Para ele os meninos eram jovens malfeitores que só seguiriam o caminho da verdade se tivessem certeza de que as mentiras seriam descobertas, cujo senso de honra se limitava aos companheiros e não se aplicava às suas relações com os professores; enfim, que se tornavam menos nocivos depois de descobrir que isso não lhes trazia vantagem alguma. Orgulhava-se de sua classe e, aos cinqüenta e cinco anos, esperava, com o mesmo ardor de tempos passados, que ela se sobressaísse nos exames. Possuía o gênio peculiar aos obesos: irritava-se facilmente e acalmava-se com mais facilidade ainda. Em breve os alunos descobriram haver bastante bondade por trás das invectivas que lhes dirigia constantemente. Não suportava os tolos, mas revelava grande paciência para com os meninos sob cujo procedimento voluntarioso julgava ver alguma inteligência. Gostava de convidá-los para o chá e os rapazes, embora jurassem que não sentiam nem o cheiro dos bolos e das outras guloseimas — pois era costume pensarem que sua corpulência denunciava um apetite voraz e que esta voracidade devia ser causada por alguma solitária —, aceitavam o convite com verdadeiro prazer.

Philip gozava agora um pouco mais de conforto, pois o espaço era tão reduzido que só havia salas de estudo para os alunos do curso secundário. Até então vivera na grande sala em que se faziam as refeições e onde as classes primárias estudavam numa promiscuidade que o desgostava vagamente. De vez em quando a presença dos outros inquietava-o e sentia grande necessidade de isolar-se. Saía, então, em solitários passeios pelo campo. Havia um pequeno arroio que deslizava através de prados verdejantes; Philip, sem saber por quê, sentia-se imensamente feliz ao vaguear, ao longo das margens, por entre as árvores podadas. Uma vez cansado, deitava-se de bruços sobre o capim e

ficava observando os movimentos dos cadozes e dos girinos. Dava-lhe especial prazer passear pelo terreno da escola. Existia um gramado onde, no verão, praticava-se o críquete, mas que permanecia tranqüilo o resto do ano. Os meninos percorriam-no de um lado para outro, de braços dados, e de vez em quando um mais estudioso passava lentamente, com o olhar abstrato, repetindo algum trecho difícil de decorar. Instalada nos majestosos olmos havia uma colônia de gralhas que enchia o ar com seus gritos melancólicos. Num dos lados elevava-se a catedral, com sua grande torre central e Philip, que não conhecia ainda a beleza, sentia, ao vê-la, um deleite perturbador e incompreensível. Quando lhe reservaram uma sala de estudo (era um aposento pequeno, com janelas para a rua, compartilhado por quatro alunos), comprou uma vista da catedral e pregou-a na sua carteira. Começava a despertar-lhe interesse o que via pela janela de sua sala, na quarta classe. Dava para velhos gramados, tratados com carinho, e lindas árvores de densa e rica folhagem. Experimentava estranha sensação dentro do peito, mas não saberia dizer se era dor ou prazer. Era o primeiro despontar da emoção estética. Seguiram-se outras transformações. Sua voz começou a mudar. Não mais a mantinha sob controle e de sua garganta escapavam sons esquisitos.

Passou, então, a freqüentar as aulas que o diretor ministrava em seu gabinete, logo após o chá, a fim de preparar os alunos para o sacramento da Confirmação. A devoção de Philip não resistira à prova do tempo e havia muito abandonara a leitura da Bíblia antes de dormir. Agora, porém, sob a influência de mr. Perkins e ante a nova condição do corpo que tanto o inquietava, seus sentimentos ressuscitaram e ele censurou amargamente a si próprio esse abandono. As chamas do inferno ardiam, ferozes, aos olhos da sua imaginação. Se tivesse morrido nessa época, quando era pouco mais que um infiel, estaria perdido para sempre. Acreditava implicitamente na dor eterna, muito mais do que na eterna felicidade. Tremia à idéia dos perigos que correra.

Desde o dia em que mr. Perkins lhe falara com bondade, quando ele sentia o pungir da humilhação mais insuportável, Philip passara a adorar o mestre como um cão adora o dono. Procurava, inutilmente, um modo qualquer de agradá-lo. Guardava a menor palavra de louvor que por acaso lhe caísse dos lábios e, quando começou a freqüentar as tranqüilas reuniões realizadas na residência do diretor, estava preparado para se entregar completamente. Com a boca entreaberta e a cabeça um pouco inclinada para a

frente a fim de não perder uma só palavra, fitava com insistência os olhos brilhantes de mr. Perkins. A simplicidade do ambiente emprestava aos assuntos abordados extraordinário poder de emoção. Muitas vezes o mestre, empolgado também pela beleza do tópico, empurrava o livro para o lado e, entrelaçando as mãos sobre o coração, como para sofredar-lhe as batidas, comentava os mistérios da fé universal. Nem sempre Philip compreendia, mas não procurava mesmo compreender. Tinha a vaga impressão de que era suficiente sentir. Comparava então o diretor, com sua cabeleira preta e rebelde e seu pálido rosto, aos profetas de Israel que não receavam vituperar os próprios reis, e ao lembrar-se do Redentor, imaginava-O com os mesmos olhos escuros e faces descoradas.

Mr. Perkins levava muito a sério essa parte de suas obrigações. Nunca se lhe notava, nessas ocasiões, aquele humor cintilante que fazia os outros mestres acusá-lo de volubilidade. Como encontrasse tempo para tudo, no decorrer do dia instruía, às vezes, separadamente, durante um quarto de hora mais ou menos, os meninos que estava preparando para a Confirmação. Queria compenetrá-los de que era aquele o primeiro passo conscientemente sério que iam dar na vida. Procurava sondar-lhes os recessos da alma e incutir-lhes a sua devoção veemente. Sentia em Philip, não obstante o seu retraimento, a possibilidade de uma paixão igual à sua. O temperamento do menino afigurava-se-lhe essencialmente religioso. Certo dia, de súbito, desviou-se do assunto sobre que falava.

— Já pensou no que será quando crescer? — perguntou.

— Meu tio quer que eu me ordene.

— E você?

Philip desviou os olhos. Sentia vergonha de dizer que se considerava indigno da ordenação.

— Não sei de outro modo de vida que seja tão cheio de felicidade como o nosso. Quisera fazê-lo sentir o privilégio maravilhoso que ele encerra. É possível servir a Deus onde quer que seja, mas nós nos achamos muito mais perto d'Ele. Não é meu propósito influenciá-lo, mas se optasse logo pela Igreja gozaria dessa alegria e desse conforto que nunca mais nos abandonam.

Philip não respondeu, mas o diretor leu-lhe nos olhos uma semicompreensão de suas palavras.

— Se continuar como até agora, em breve será o primeiro aluno de toda a escola, e ao terminar o curso estará com uma bolsa de estudos quase garantida.

Possui algum recurso?

— Meu tio diz que, ao completar vinte e um anos, passarei a receber cem libras por ano.

— Estará rico. Eu nada tive.

O diretor hesitou um pouco e depois, riscando despreocupadamente com o lápis sobre o mata-borrão que tinha à sua frente, continuou:

— Parece-me que a escolha de profissões, no seu caso, será um tanto ou quanto limitada. Não poderá, por exemplo, dedicar-se a coisa alguma que exija atividade física.

Philip corou até a raiz dos cabelos, o que acontecia todas as vezes que faziam referência ao pé torto. Mr. Perkins olhou gravemente para ele.

— Parece-me que você é muito sensível a respeito de sua infelicidade. Já pensou em agradecê-la a Deus?

Philip ergueu os olhos vivamente. Seus lábios contraíram-se. Lembrou-se de como durante meses inteiros, confiando no que lhe haviam dito, implorara a Deus que o curasse como havia curado o Leproso e restituído a vista ao Cego.

— Enquanto a aceitar com rebeldia só sentirá aumentar a sua vergonha. Se, por outro lado, a considerasse como uma cruz que fosse obrigado a carregar porque a resistência de seus ombros assim o permitia — e aí está o favor de Deus —, então a transformaria numa fonte de venturas ao invés de uma desgraça.

Notou que o menino tinha aversão a abordar aquele assunto e por isso permitiu que se retirasse.

Philip, porém, meditou sobre tudo que o diretor lhe havia dito. Inteiramente absorvido pela cerimônia que ia se realizar dentro em pouco, mergulhou em êxtase místico. Seu espírito parecia libertar-se dos laços da carne, fazendo-lhe viver uma nova vida. Aspirava à perfeição, com todo o ardor de que era capaz. Queria entregar-se por completo ao serviço de Deus e optou definitivamente pela ordenação. Ao chegar o grande dia, sua alma achava-se tão profundamente emocionada pelos preparativos, pelos livros que estudara e, acima de tudo, pela influência dominadora do mestre, que mal se continha de alegria e temor. Um pensamento o atormentava. Sabia que teria de dirigir-se sozinho para o altar e assim mostrar o pé não só a toda a escola, reunida para assistir à cerimônia, como aos estranhos, pessoas vindas da cidade ou pais que queriam estar presentes à Confirmação dos filhos. Chegado o

momento, porém, sentiu de súbito a possibilidade de aceitar a humilhação com alegria. Ao atravessar o altar, coxeando, pequenino e insignificante sob as majestosas abóbadas da catedral, ofereceu conscientemente a sua deformidade em sacrifício a Deus, que o amava.

Philip não podia viver por muito tempo no ar rarefeito das alturas. Repetia-se, agora, o que ocorrera quando de seu primeiro arrebatamento religioso. Sentia de tal forma a beleza da fé e a ânsia de sacrifício ardia-lhe no coração com tamanho fulgor que suas forças pareciam não corresponder à sua ambição. A violência da paixão extenuara-o. Sua alma tornou-se, de súbito, singularmente árida. Começou a esquecer a presença de Deus, que sempre lhe parecera tão próximo, e as práticas religiosas, ainda que observadas pontualmente, transformavam-se em mera formalidade. A princípio censurava a si mesmo aqueles lapsos e o temor às chamas do inferno redobrava sua força; mas a paixão estava morta e pouco a pouco outros assuntos passaram a absorver-lhe o pensamento.

Philip tinha poucos amigos. Seu hábito de ler isolava-o; tal era a necessidade desse hábito que, após algumas horas passadas em companhia dos colegas, sentia-se fatigado e inquieto. Orgulhava-se do largo conhecimento adquirido através de inúmeros livros, mas não sabia ocultar, com seu espírito vivo, o desprezo com que encarava a estupidez dos companheiros. Queixavam-se de que Philip era presunçoso e, como apenas os superava em matérias que consideravam sem importância, perguntavam-lhe em tom irônico qual a razão de toda aquela fatuidade. Estava adquirindo o senso de humor e descobriu que tinha o dom de fazer observações amargas, embora verdadeiras, que feriam o amor-próprio das pessoas. Fazia-as pelo simples prazer que isso lhe dava, sem perceber o quanto eram afrontosas, e sentia-se bastante ofendido ao verificar que as vítimas principiavam a tratá-lo com hostilidade. As humilhações sofridas quando do seu ingresso na escola haviam-lhe despertado, com relação aos colegas, uma repulsão de que nunca pôde se livrar; conservava-se esquivo e calado. Embora tudo fizesse para afastar a simpatia dos outros meninos, ansiava ardentemente pela popularidade que outros tão facilmente conquistavam. Admirava-os de longe, extravagantemente. E ainda que, por inclinação, se mostrasse mais sarcástico para com eles do que para com os demais, improvisando gracejos às suas custas, teria feito os maiores sacrifícios

para trocar de lugar com eles. Seria capaz de trocar de lugar mesmo com o mais estúpido da escola contanto que tivesse um físico são. Contraiu, então, um hábito singular. Imaginava ser um menino por quem sentia especial predileção, transferia por assim dizer a própria alma para o corpo de outro, adotava-lhe a voz e a espontaneidade do riso; imaginava-se praticando todos os atos que o outro praticava. Era tudo tão vívido que às vezes acreditava mesmo haver adquirido nova personalidade. Desfrutou desse modo muitos intervalos de fantástica felicidade.

Ao iniciar-se o período do Natal, logo após o sacramento da Crisma, Philip foi transferido para outra saleta de estudo. Um dos meninos que a compartilhava chamava-se Rose. Estava na mesma turma de Philip, que sempre o olhava com invejosa admiração. Não era bonito; embora suas grandes mãos e ossos desenvolvidos sugerissem que ele viria a ser um homem alto, possuía um físico canhestro. Os olhos, porém, eram encantadores, e quando ria (vivia constantemente a rir) as faces enrugavam-se-lhe jovialmente ao redor deles. Não era nem sagaz nem estúpido, mas dava conta de suas obrigações e salientava-se nos jogos. Era o favorito dos mestres e colegas, dedicando, por sua vez, amizade a todos eles.

Quando Philip foi transferido para a nova sala, verificou que os outros o recebiam com frieza, uma vez que estavam juntos havia três trimestres. Ficava nervoso ao sentir-se intruso. Aprendera, entretanto, a ocultar seus sentimentos, e em vista disso não aborrecia a ninguém. Na presença de Rose, então, como não resistisse aos seus encantos, o que aliás acontecia com todos os outros, Philip mostrava-se ainda mais retraído e brusco. Fosse em virtude disso levado a exercer, inconscientemente, a fascinação que sabia possuir apenas pela observação dos efeitos, ou fosse movido por pura bondade de coração, o certo é que Rose foi o primeiro a admitir Philip no seu círculo. Certo dia, de improviso, perguntou-lhe se queria acompanhá-lo ao campo de futebol. Philip corou:

— Não posso caminhar tão depressa quanto você — observou.

— Besteira! Vamos indo.

Pouco antes de saírem, um menino qualquer mostrou a cabeça à porta entreaberta e convidou Rose para ir com ele.

— Não posso — respondeu. — Já prometi ir com Carey.

— Não se preocupe comigo — disse Philip prontamente. — Não me importarei.

— Besteira — repetiu Rose.

Olhou para Philip, com aquele seu ar tão afável, e sorriu. Philip sentiu um palpitar esquisito no coração.

Essa amizade cresceu rapidamente, como acontece entre meninos, e os dois tornaram-se inseparáveis. Os colegas, admirados com tão repentina intimidade, perguntavam a Rose que atrativos descobrira em Philip.

— Oh, não sei — respondeu. — Não é mau rapaz, afinal de contas.

Mais tarde, costumavam entrar na capela de braços dados ou conversar enquanto passeavam no pátio. Onde quer que um estivesse, o outro também seria encontrado e, como que reconhecendo a sua qualidade de proprietário, os meninos que queriam falar com Rose confiavam recados a Carey. A princípio Philip mostrava-se reservado. Não desejava entregar-se inteiramente à alegria e ao desvanecimento que o dominavam. Mas a desconfiança que lhe inspirava o destino não tardou a transformar-se em imensa felicidade. Considerava Rose a criatura mais admirável que já havia visto. Os livros haviam perdido toda a importância para ele. Não poderia dar-lhes atenção quando havia coisa infinitamente mais séria com que se preocupar. Às vezes os amigos de Rose vinham tomar chá em sua sala de estudo ou conversar, quando não tinham nada a fazer. Rose gostava desses encontros, que eram ocasiões para boas pândegas. Todos concordaram que Philip era um ótimo camarada, e isso o deixou radiante.

Por ocasião do último dia do período letivo, ele e Rose combinaram em que trem estariam de volta. Assim poderiam encontrar-se na estação e tomar chá na cidade, antes de regressarem à escola. Philip foi para casa com o coração oprimido. Pensou em Rose durante todas as férias, imaginando as coisas que fariam juntos no período seguinte. Entediou-se no vicariato e, no último dia, seu tio lhe fez a pergunta costumeira, no tom jovial de sempre:

— Então, está contente por voltar à escola?

— Muito — respondeu, cheio de alegria.

Para estar certo de encontrar-se com Rose na estação, tomou um trem anterior àquele em que comumente viajava e esperou na plataforma pelo espaço de uma hora. Ao chegar o trem de Faversham, onde Rose teria que fazer a baldeação, correu ansioso ao encontro do amigo. Mas Rose não viera. Perguntou a um carregador quando chegava outro trem e esperou. Sofreu nova decepção. Sentia frio e fome, resolvendo, portanto, seguir para a escola pelo caminho mais curto possível, percorrendo travessas e ruelas miseráveis.



Encontrou Rose na sala de estudo, com os pés sobre a lareira, falando pelos cotovelos com meia dúzia de colegas, sentados onde quer que fosse possível sentar-se. Apertou a mão de Philip entusiasticamente, mas este caiu das nuvens, pois notou que Rose esquecera por completo o encontro marcado.

— Por que chegou tão atrasado? — perguntou Rose. — Pensei que não viesse mais.

— Às quatro e meia estava na estação — observou outro colega. — Vi você quando cheguei.

Philip corou de leve. Não queria dar a entender a Rose que tivera a ingenuidade de esperar por ele.

— Tive que acompanhar uma amiga de minha família — inventou prontamente. — Pediram-me que a levasse até o trem.

A decepção, porém, deixou-o um pouco mal-humorado. Conservou-se em silêncio e quando lhe dirigiam alguma pergunta respondia com monossílabos. Pretendia discutir o caso com Rose quando estivessem a sós. Logo, porém, que os outros se retiraram, Rose veio sentar-se no braço da cadeira em que Philip descansava.

— Sinto-me contente por estarmos na mesma sala este período. Formidável, não acha?

A sua alegria parecia tão sincera que o aborrecimento de Philip se desvaneceu. Como se nunca tivessem se separado, puseram-se a conversar sobre mil coisas de interesse comum.

A princípio Philip sentia-se tão grato pela amizade de Rose que não tinha coragem de fazer-lhe a menor exigência que fosse. Aceitava as coisas como realmente eram e achava a vida agradável. Agora, entretanto, a amabilidade universal de Rose começava a desgostá-lo. Queria uma intimidade mais exclusiva, reclamando como seu direito o que antes aceitara como favor. Tinha olhares ciumentos quando via Rose em companhia de outros, e embora reconhecesse não estar com a razão, não podia reprimir algumas palavras ásperas. Quando Rose passava uma hora a galhofar noutra sala de estudo, Philip recebia-o, ao voltar, com o sobrolho carregado. Conservava-se assim durante o dia inteiro, e seu sofrimento era ainda maior porque Rose ou não lhe notava o mau humor ou fingia ignorá-lo. Não raro inteiramente consciente da estupidez de tal procedimento, Philip provocava uma disputa e os dois não se falavam durante alguns dias. Era contudo impossível continuar brigado por muito tempo, e embora convencido de estar com a razão, pedia desculpas humildemente. Na semana que se seguia voltavam a ser, então, os grandes amigos de sempre. Os bons tempos, porém, já haviam passado: Philip observava que muitas vezes Rose passeava com ele obedecendo simplesmente ao velho hábito ou por temor ao seu gênio. Já não tinham muito o que dizer um ao outro e muitas vezes Rose demonstrava enfado. Philip percebeu que seu defeito físico principiava a irritá-lo.

Ao aproximar-se o fim do período, dois ou três meninos viram-se atacados de escarlatina e falou-se em mandar todos para casa a fim de evitar uma epidemia. Os doentes, porém, foram isolados, e desde que não se verificaram outros casos, a impressão geral era de que o perigo havia passado. Um deles era Philip. Permaneceu no hospital durante as férias da Páscoa e, ao começar o período do verão, foi enviado para o vicariato a fim de mudar de ares. Embora o médico assegurasse que não havia mais perigo de contágio, o vigário recebeu o menino com certo receio. Achou muito má lembrança do doutor sugerir que a convalescença do sobrinho se efetuasse à beira-mar, e

apenas consentiu em tê-lo em casa porque não havia outro lugar para onde mandá-lo.

Quando o período já ia pela metade, Philip regressou à escola. Esquecera as brigas que tivera com Rose, lembrando-se apenas de que ele era o seu maior amigo. Reconhecia ter sido muito tolo e resolveu mostrar-se mais razoável. Durante o curso da enfermidade Rose enviara-lhe dois bilhetes, terminando cada um deles com as palavras: “Volte o mais breve possível”. Philip imaginava que Rose devia estar tão ansioso por vê-lo quanto ele.

Foi informado de que, em virtude da morte de um dos meninos atacados de febre, houvera uma mudança na distribuição dos alunos e Rose não era mais seu companheiro de estudos. Foi para ele uma amarga decepção. Assim que chegou, porém, correu para a sala de Rose. Ele estava sentado à carteira, com um companheiro de nome Hunter, e voltou-se irritado quando Philip entrou.

— Que diabo será isso? — gritou.

E, avistando Philip:

— Ah, é você.

— Lembrei-me de vir até aqui para saber como estava — explicou o outro, imobilizado pelo embaraço.

— Estávamos trabalhando.

Hunter intrometeu-se na conversa.

— Quando chegou?

— Há cinco minutos.

Os dois olhavam-no como se os estivesse atrapalhando. Era evidente que esperavam a sua retirada. Philip corou.

— Bem, já me vou. Se tiver tempo, me procure quando acabar — disse para Rose.

— Está certo.

Philip fechou a porta e dirigiu-se, coxeando, para sua sala de estudo. Sentia-se profundamente ofendido. Longe de mostrar-se alegre em revê-lo, Rose parecia antes lamentar a sua vinda. Era como se não fossem mais do que simples conhecidos. Embora esperasse na sala de estudo, sem abandoná-la um só momento, o amigo não apareceu. Na manhã seguinte, por ocasião das orações, viu Rose e Hunter caminhando de braços dados. Outros contaram-lhe o que não lhe era possível deduzir por si mesmo. Esquecera-se de que três meses constituem um espaço de tempo bem longo na vida de um estudante, e

embora os tivesse passado em solidão, não acontecera o mesmo com Rose. Hunter havia preenchido o lugar vago. Philip notou que o amigo o evitava, dissimuladamente. Seria incapaz, entretanto, de aceitar semelhante situação sem uma explicação direta. Esperou que Rose se encontrasse só na sala de estudo e, surpreendendo-o, perguntou:

— Posso entrar?

Rose olhou para Philip com um embaraço que o deixou agastado.

— Pode, se quiser.

— É muita bondade sua — disse Philip, em tom sarcástico.

— O que você quer?

— Por que tem sido tão estúpido depois de minha volta?

— Ora, não seja idiota — retrucou Rose.

— Não sei o que você vê em Hunter.

— Não é da sua conta.

Philip baixou o olhar. Era incapaz de dizer o que sentia no íntimo. Receava submeter-se a uma humilhação. Rose levantou-se.

— Tenho de ir à sala de ginástica — falou.

Quando já ia transpondo o limiar da porta, Philip, com grande esforço, exclamou:

— Por favor, Rose, não me trate assim!

— Vá para o inferno!

Rose fechou violentamente a porta, deixando Philip só, a tremer de raiva. Voltou, depois, para sua sala de estudo e pôs-se a meditar sobre a discussão de minutos antes. Odiava Rose, agora; faria tudo para magoá-lo. Quantas coisas mordazes lhe poderia ter dito! Pensou longamente sobre o fim daquela amizade e imaginava os comentários dos outros. Sua sensibilidade fazia-o ver sorrisos de desprezo e expressões de admiração nos companheiros que, em verdade, não se preocupavam com ele. Procurava reconstituir os diálogos dos colegas. “Afinal de contas, isso não podia durar muito. Duvido mesmo que ele tenha gostado de Carey, aquele idiota!”

Para mostrar indiferença, iniciou violenta amizade com um rapaz chamado Sharp, a quem desprezava e odiava. Era londrino, de aspecto pesado e grosseiro, com um prenúncio de bigode e bastas sobrancelhas que se uniam por cima do nariz. Tinha as mãos macias e maneiras urbanas demais para a sua idade. Ao falar deixava transparecer ligeiramente o sotaque londrino. Era desses meninos indolentes, de constituição avessa aos esportes, usando de

grande astúcia para evitar a participação nos jogos obrigatórios. Os colegas e os mestres olhavam-no com vaga antipatia, e, só por arrogância, Philip procurava agora seu convívio. Dentro de alguns meses Sharp iria passar um ano na Alemanha. Detestava a escola e considerava a vida ali como uma indignidade que fora condenado a suportar até adquirir idade suficiente para cair no mundo. Londres era tudo o que lhe interessava. Contava várias histórias de suas proezas lá, durante as férias. De sua conversa — falava com voz macia e profunda — desprendia-se, vagamente, o burburinho das ruas de Londres ao cair da noite. Philip ouvia-o ao mesmo tempo com fascinação e repulsa. Com sua viva imaginação, via as multidões acotovelarem-se ao redor dos teatros, o brilho de restaurantes baratos, bares onde homens, meio embriagados, sentados em bancos de pernas altas, conversando com as garçonetes, e, sob os lampiões das ruas, o desfilar misterioso de bandos negros em busca do prazer. Sharp emprestou a Philip algumas novelas baratas de Holywell Row, as quais eram lidas no cubículo, com uma espécie de temor maravilhoso.

Certa vez Rose tentou uma reconciliação. Era um rapaz de boa índole e não queria cultivar inimizades.

— Olha aqui, Carey, por que continua obstinado como um jumento? Você não ganha nada em romper comigo.

— Não sei do que está falando — respondeu Philip.

— Não compreendo por que não fala mais comigo.

— Você me aborrece.

— Faça o que quiser então.

Rose deu de ombros e afastou-se. Philip ficou muito pálido, como acontecia todas as vezes em que se emocionava, e seu coração batia com violência. Quando viu Rose desaparecer, sentiu-se imensamente infeliz. Não sabia explicar por que respondera daquela forma. Daria tudo para reconquistar a amizade de Rose. Lamentava ter brigado com o companheiro, e agora que o fizera sofrer mostrava-se bastante arrependido. No momento, porém, não soubera dominar-se. Parecia-lhe que algum demônio se havia apoderado dele, obrigando-o a pronunciar palavras amargas quando, na verdade, o seu maior desejo era apertar a mão de Rose e restabelecer a antiga amizade. A vontade de magoar fora mais forte do que ele. Procurara vingar-se da dor e da humilhação que sofrera. Tudo tinha sido produto do seu orgulho e redundava numa insensatez, pois sabia que Rose não daria maior importância ao caso, sendo ele

o único prejudicado. Ocorreu-lhe então a idéia de ir ao encontro de Rose e dizer: “Estou arrependido de ter dito aquilo. Foi uma coisa de momento. Façamos as pazes”.

Sabia, entretanto, ser incapaz de fazê-lo. Receava que Rose zombasse dele. Teve raiva de si mesmo, e quando Sharp apareceu, pouco depois, Philip aproveitou a primeira oportunidade para entrar em disputa com o amigo. Possuía o dom diabólico de descobrir os pontos fracos dos outros, dizendo coisas que ofendiam por serem verdadeiras. Sharp, entretanto, teve a última palavra.

— Acabo de ouvir Rose falar com Melhor a seu respeito. Melhor disse: “Por que não lhe deu um pontapé? Isso o ensinaria a ser bem-educado”. E Rose respondeu: “Não quis. Aleijado dos diabos!”.

O rosto de Philip tornou-se subitamente escarlate. Não pôde responder, pois sentia na garganta um nó que quase o sufocava.

Philip foi promovido à sexta classe, mas agora tinha profunda aversão à escola. Tendo perdido a ambição, pouco lhe importava o sucesso ou o insucesso. Ao amanhecer, despertava cheio de desânimo ante a perspectiva de mais um dia de fadiga. Estava cansado de fazer coisas ditadas pelos outros. As restrições aborreciam-no, não porque fossem despropositadas, mas pelo simples fato de serem restrições. Ansiava pela liberdade. Sentia-se farto de repetir coisas que já sabia e não suportava mais o constante repisar de assuntos elementares, por amor de algum colega de espírito bronco.

Com mr. Perkins o aluno trabalhava se quisesse. Era ao mesmo tempo arrebatado e abstrato. A sala da sexta classe achava-se situada na parte restaurada da velha abadia e possuía uma janela gótica. Philip tentava enganar o tédio desenhando vezes seguidas essa janela; noutras ocasiões, desenhava de memória a grande torre da catedral ou o portão que dava entrada ao recinto da escola. Tinha queda para o desenho. Durante a mocidade a tia Louisa pintara aquarelas, possuindo diversos álbuns cheios de esboços de igrejas, velhas pontes e pitorescas casas de campo. Exibia freqüentemente esses álbuns por ocasião dos chás oferecidos no vicariato. Certa vez dera a Philip, como presente de Natal, uma caixa de tintas, e a primeira coisa que o menino fez foi copiar os quadros da tia. Reproduziu-os com mais perfeição do que se podia esperar e em pouco tempo já começava a pintar obras originais. Mrs. Carey encorajava-o. Era uma boa maneira de afastá-lo do mal e mais tarde esses trabalhos renderiam algum dinheiro nas quermesses. Dois ou três dos quadros de Philip foram emoldurados e pendurados no seu quarto.

Um dia, porém, ao terminarem as tarefas matinais, mr. Perkins chamou Philip à parte no momento em que se retirava da sala de aula.

— Quero falar com você, Carey.

Philip esperou. Mr. Perkins correu os dedos magros por entre a barba e olhou para ele. Parecia meditar no que devia dizer.

— Que se passa com você ultimamente, Carey? — perguntou, inesperadamente.

Enrubescendo, Philip voltou o olhar para o mestre. Como, porém, já o conhecia perfeitamente, esperou, sem responder, que ele prosseguisse.

— Não estou nada satisfeito com você. Tem sido negligente e desatento. Parece não tomar interesse pelos estudos. Está se tornando um aluno desmazelado e medíocre.

— Sinto muito, senhor diretor — disse Philip.

— É a única coisa que tem a dizer em sua defesa?

Philip olhou para o chão, aborrecido. Como poderia explicar que estava morrendo de tédio?

— Você vai repetir, como sabe. Seu boletim não será nada lisonjeiro.

Philip pensou no que ele diria se soubesse como esses boletins eram recebidos no vicariato. Quase sempre chegavam de manhã, por ocasião da primeira refeição. Mr. Carey olhava-os com indiferença e entregava-os ao sobrinho.

“Aqui está o seu boletim. É melhor que o veja pessoalmente”, observava, rasgando com o dedo a cinta de um catálogo de livros de segunda mão.

Philip lia-o.

“Traz boas notas?”, indagava a tia Louisa.

“Não tão boas quanto eu mereço”, respondia Philip, com um sorriso, entregando-lhe a folha.

“Deixe para mais tarde, quando eu estiver com os óculos”, volvia ela.

Terminada a refeição, porém, Mary Ann vinha anunciar a chegada do açougueiro e Mrs. Carey quase sempre se esquecia de ler o boletim.

Mr. Perkins continuou.

— Estou decepcionado com você. Não posso compreender o que está havendo... Sei que se você quiser, será capaz de estudar, mas o pior é que você não parece ter mais a mesma força de vontade. Pretendia nomeá-lo monitor no próximo trimestre, mas acho melhor esperar algum tempo.

Philip enrubesceu. Desagradava-lhe a idéia de ser posto de lado. Seus lábios contraíram-se.

— E ainda há outra coisa. Precisa pensar em conseguir a bolsa de estudos. Não conquistará esse prêmio a não ser que trabalhe com afinco.

O sermão deixou Philip irritado. Estava com raiva do mestre e com raiva de si mesmo.

— Acho que não vou mais para Oxford — adiantou.

— E por que não? Pensei que pretendesse ser ordenado.



— Mudei de idéia.

— Por quê?

Philip não respondeu. Mr. Perkins, na postura estranha de sempre, como a de certas figuras dos quadros de Perugino, confiava pensativamente a barba. Olhou para Philip com a expressão de quem procura compreender, e de repente disse-lhe que podia ir embora.

Mas, aparentemente, não ficou convencido, pois certa noite, uma semana mais tarde, quando Philip teve de levar-lhe alguns papéis ao gabinete, a conversa foi reiniciada. Dessa vez, porém, adotou um método diferente. Falou ao menino não na qualidade de mestre, mas de igual para igual. Não lhe parecia interessar, agora, que o aproveitamento de Philip deixasse a desejar ou que fossem poucas as probabilidades de vencer os rivais mais preparados na conquista do prêmio que lhe facultaria a ida para Oxford. O que interessava era a mudança de intenções a respeito de sua vida futura. Mr. Perkins procurou reavivar-lhe o ardente desejo de receber o sacramento da Ordem. Atuou, com grande perícia, sobre os sentimentos do menino, o que não foi difícil, uma vez que ele próprio se achava sinceramente emocionado. A nova resolução de Philip afligia imensamente o mestre. Estava desprezando a oportunidade de ser feliz na vida, em troca não sabia de quê. A voz de mr. Perkins era bastante persuasiva. Philip, que era muito sensível à emoção dos outros, tendo mesmo um temperamento altamente sentimental apesar da plácida aparência exterior — seu rosto, já por natureza, já em virtude do hábito adquirido durante vários anos de escola, raras vezes revelava o que sentia no peito, a não ser pela facilidade com que corava —, deixou-se comover profundamente pelas palavras do mestre. Ficava-lhe imensamente grato por demonstrar tanto interesse por sua pessoa e, por outro lado, doía-lhe na consciência os efeitos de seu procedimento. Era bastante lisonjeiro saber que mr. Perkins se preocupava com o seu futuro quando tinha toda a escola para absorver-lhe a atenção. Ao mesmo tempo, porém, alguma coisa, como alguém que lhe estivesse ao lado, obrigava-o a se opor desesperadamente: “Não quero! Não quero! Não quero!”.

Notou que ia resvalando. Via-se impotente diante da fraqueza que parecia brotar em seu íntimo. Era como a água que invade pouco a pouco uma garrafa colocada a boiar. E cerrou os dentes, repetindo as palavras de si para si: “Não quero! Não quero! Não quero!”.

Por fim mr. Perkins pousou a mão no ombro de Philip.

— Não desejo influenciar você. Deve escolher o que melhor lhe convier. Pede a Deus Todo-Poderoso que lhe auxilie e conduza.

Quando Philip deixou o mestre, estava chovendo. Não havia viva alma na arcada que levava ao edifício principal e as gralhas dormiam silenciosamente entre a ramagem dos olmos. Caminhou em redor, a passos lentos. Sentia calor e a chuva fazia-lhe bem. Meditou com calma sobre tudo o que mr. Perkins lhe dissera, longe da sua personalidade ardente. Agradecia a Deus por não haver transigido.

Na escuridão reinante divisava apenas vagamente a massa enorme da catedral. Odiava-a agora por causa dos enfadonhos ofícios a que tinha de assistir. A antífona era interminável, sendo todos forçados a permanecer de pé enquanto era cantada. Não se distinguiam as palavras do sermão e ainda por cima exigia-se completa imobilidade durante a cerimônia, enquanto o corpo ansiava por movimento. Philip lembrou-se então dos dois ofícios realizados aos domingos, em Blackstable. A igreja era fria, desnuda, e o ambiente ficava impregnado do odor de pomada e roupas engomadas. Pregava tanto o seu tio como o cura, cada um por sua vez. À medida que crescia, Philip ia conhecendo melhor o tio. Intolerante e positivo, não compreendia como um pároco podia pregar, com sinceridade, caminhos que na realidade não seguia. Tal burla revoltava-o. Seu tio era um homem fraco e egoísta, cujo principal objetivo consistia em evitar preocupações.

Mr. Perkins falara-lhe sobre a beleza de uma vida dedicada ao serviço de Deus. Philip sabia muito bem que espécie de vida os membros do clero levavam na região que ele habitava. Havia o vigário de Whitestone, paróquia situada a pouca distância de Blackstable; era solteirão, e como não tivesse o que fazer, resolvera nos últimos tempos transformar-se em fazendeiro. De vez em quando a folha local dava notícia de processos movidos contra sicrano e beltrano, trabalhadores a quem recusava pagar os respectivos salários ou comerciantes acusados de exploração. Corriam boatos de que suas vacas morriam de fome e falava-se com insistência numa medida a ser tomada em comum contra o homem. Havia ainda o vigário de Ferne, homem de bonita figura, que usava barba; a esposa fora obrigada a abandoná-lo em virtude de sua crueldade, e havia enchido a vizinhança com histórias a respeito de sua conduta imoral. O vigário de Surle, pequena povoação à beira-mar, era visto todas as noites na taberna da esquina. Os zeladores da igreja iam consultar a opinião de mr. Carey. Não tinham com quem conversar a não ser com os

pequenos fazendeiros e pescadores; nas longas noites de inverno o vento soprava forte, assobiando lugubrememente por entre as árvores desfolhadas. Ao redor viam apenas a nua monotonia dos campos arados. Lutavam com a pobreza e a falta de trabalho proveitoso. Todos os seus defeitos se desenvolviam livremente. Nada lhes opunha obstáculo. Tornavam-se obtusos e excêntricos. Philip sabia de tudo isso, mas na intolerância própria da idade não queria admitir tal desculpa. Tremia de horror ante a perspectiva de uma vida semelhante. Queria sair, conhecer o mundo.

Mr. Perkins viu logo que as suas palavras não haviam produzido efeito algum sobre Philip, e por isso não lhe deu mais atenção durante o resto do período. Escreveu um boletim vitriólico. Quando este chegou a Blackstable, tia Louisa perguntou a Philip o que achava dos resultados e o rapaz respondeu:

— Péssimos.

— São mesmo? — exclamou o vigário. — Deixe eu ver de novo.

— O senhor acha que vale a pena eu continuar em Tercanbury? Seria muito melhor se fosse passar uma temporada na Alemanha.

— Quem lhe meteu isso na cabeça? — indagou mrs. Carey.

— Não acha boa a idéia?

Sharp já havia abandonado a escola e escrevera para Philip de Hannover. Impacientava-o ainda mais imaginar que o amigo estava iniciando a vida de verdade. Seria impossível suportar mais um ano de jugo.

— Mas assim não vai conseguir a bolsa de estudos.

— De qualquer maneira, essa probabilidade não existe. Além disso, não me sinto muito inclinado a cursar Oxford.

— Mas você não pretende se ordenar, Philip? — perguntou tia Louisa, alarmada.

— Há muito que renunciei a essa idéia.

Mrs. Carey fitou-o com olhos espantados e em seguida, acostumada a controlar-se, tornou a encher a xícara de chá para o marido. Não trocaram uma só palavra. Philip notou então que as lágrimas rolavam lentamente pelas faces da tia. Confrangeu-se-lhe o coração ao verificar que a magoara. No seu vestido negro colado ao corpo, feito pela modista da vizinhança, o rosto enrugado, os olhos cansados e sem lustre, os cabelos grisalhos ainda frivolamente penteados em cachos, como no tempo da sua mocidade — a pobre mulher formava uma figura ridícula mas singularmente patética. Era a primeira vez que Philip notava isso.

Mais tarde, quando o vigário se trancou no gabinete em companhia do cura, Philip rodeou a cintura da tia com o braço.

— Sinto muito tê-la magoado, tia Louisa. Mas não é justo que eu seja ordenado sem que tenha vocação para isso, não acha?

— Estou tão decepcionada, Philip — gemeu ela. — Eu fazia empenho nisso. Imaginava ver você como cura coadjutor de teu tio, e quando chegasse o nosso dia (não havemos de viver eternamente, não é assim?) talvez viesse a ocupar o seu lugar.

Philip estremeceu. Foi tomado de um medo pânico. Seu coração pulsava como um pombo a debater-se contra as grades da prisão. Tia Louisa chorava silenciosamente, com a cabeça recostada no ombro de Philip.

— Gostaria que a senhora persuadisse tio William a tirar-me de Tercanbury. Estou farto daquilo.

Mas o vigário de Blackstable não costumava alterar os planos que fazia, e havia muito fora estabelecido que Philip devia permanecer na King's School até a idade de dezoito anos, quando iria para Oxford. Fosse como fosse, não queria nem ouvir falar na saída imediata de Philip, pois não se fizera nenhuma comunicação ao diretor e as mensalidades teriam de ser pagas em qualquer hipótese.

— Então o senhor comunicará a minha retirada no Natal? — perguntou Philip ao fim de longa e penosa conversação.

— Vou escrever a mr. Perkins pedindo a opinião dele.

— Oh, quem me dera já ter vinte e um anos. É horrível depender dos outros.

— Não deve responder assim a seu tio, Philip — observou mrs. Carey com brandura.

— A senhora não vê que Perkins preferirá que eu continue em Tercanbury? Cada aluno da escola contribui para aumentar os seus vencimentos.

— E por que não quer ir para Oxford?

— Qual a vantagem disso, já que não vou entrar para a Igreja?

— Você não pode entrar na Igreja: já está dentro dela — disse o vigário.

— Quero dizer que não vou ser ordenado — murmurou Philip com impaciência.

— Que pretende ser na vida, Philip? — perguntou mrs. Carey.

— Ainda não sei. Não resolvi nada a esse respeito. Mas de uma forma ou de outra, será de grande utilidade conhecer línguas estrangeiras. Passando um

ano na Alemanha lucrarei muito mais do que se ficar toda a vida naquele buraco.

Embora não o externasse, sentia que Oxford significava pouco mais que uma continuação da sua vida na escola. Desejava ardentemente tornar-se senhor de si mesmo. Além disso, seria sem dúvida reconhecido por antigos colegas e agora só lhe interessava fugir de todos eles. Sua vida escolar havia sido um fracasso. Queria iniciar existência nova.

Aconteceu que o seu desejo de partir para a Alemanha coincidia com certas idéias que tinham sido discutidas ultimamente em Blackstable. Às vezes o vigário hospedava em sua casa amigos que traziam notícias recentes do mundo exterior; os visitantes que vinham passar o mês de agosto à beira-mar também olhavam as coisas através de um prisma especial. O vigário ouvira falar que muitas pessoas não consideravam a educação antiga de grande utilidade no presente, tendo as línguas modernas adquirido uma importância sem precedentes. Seu espírito achava-se indeciso, pois um irmão mais novo fora também enviado à Alemanha ao fracassar num exame, quebrando assim a regra geral; veio entretanto a falecer logo em seguida, vitimado pela febre tifóide, e em vista disso a experiência só podia ser considerada temerária. Como resultado de inúmeras conversações, ficou resolvido que Philip passaria em Tercanbury mais um trimestre e depois sairia da escola. Philip não se mostrou descontente com essa resolução. Alguns dias após o seu regresso, o diretor procurou-o.

— Recebi uma carta de seu tio. Diz ele que você quer ir para a Alemanha, e em vista disso pede a minha opinião.

Philip ficou estupefato. Estava furioso com o tio por haver faltado à palavra.

— Pensei que estivesse tudo resolvido, senhor diretor.

— Longe disso. Escrevi dizendo que considero um grande erro sair daqui.

Philip sentou-se imediatamente e redigiu uma carta violenta para mr. Carey. Não mediu a linguagem que usou. A raiva não o deixou conciliar o sono senão tarde da noite, e ao despertar, na manhã seguinte, pôs-se novamente a meditar sobre a forma como havia sido tratado. Esperou impacientemente pela resposta. Recebeu-a dois ou três dias depois. Era uma carta branda e dolorosa, enviada por tia Louisa. Dizia que mr. Carey ficara muito sentido, que Philip não devia escrever aquelas coisas ao tio. Era um procedimento cruel e pouco cristão. Devia compreender que eles apenas procuravam o seu bem-

estar, e como eram muito mais velhos do que Philip, eram melhores juizes do que lhe convinha. O rapaz cerrou os punhos. Já ouvira muitas vezes aquela afirmação, mas não compreendia por que razão havia de ser verdadeira. Seus tios não conheciam as condições em que ele vivia. Portanto, como podiam ter certeza de que a diferença de idade lhes conferia maior sabedoria? A carta terminava com a informação de que mr. Carey tornara sem efeito a notificação feita ao diretor.

Philip ruminou a cólera até a próxima tarde de saída. Ocorriam elas às terças e quintas-feiras, visto que aos sábados à tarde se realizava o ofício na catedral. Foi o último a abandonar a classe. Aproximando-se do mestre, perguntou:

— Por obséquio, senhor diretor, posso ir a Blackstable esta tarde?

— Não — respondeu mr. Perkins, laconicamente.

— Desejava tratar de um assunto muito importante com meu tio.

— Não me ouviu dizer não?

Philip não respondeu, retirando-se em seguida. Sentia-se acabrunhado pela humilhação de ter tido que pedir e de ter recebido uma recusa tão seca. Pôs-se a odiar o mestre. Revoltava-se contra esse despotismo que não invocava a menor razão para o mais tirânico dos atos. Não raciocinava no que fazia, e após o almoço, pelos caminhos escusos que conhecia tão bem, dirigiu-se à estação a tempo de apanhar o trem para Blackstable. Ao chegar ao vicariato encontrou o tio e a tia conversando na sala de jantar.

— Olá, de onde você surgiu? — perguntou o vigário.

Notava-se claramente, pelo seu embaraço, que não sentia satisfação alguma em ver o sobrinho.

— Vim aqui falar a respeito da minha saída da escola. Quero saber qual era a sua intenção prometendo-me uma coisa na minha presença e fazendo coisa diferente uma semana mais tarde.

Sua própria audácia infundia-lhe um certo temor. Tinha, porém, escolhido previamente as palavras que deveria usar, e embora o coração lhe pulsasse com violência, não se afastou da rota traçada.

— Obteve permissão para vir aqui hoje à tarde?

— Não. Pedi a Perkins, mas ele recusou. Se o senhor quiser escrever-lhe contando que eu estive aqui, vai me pôr numa boa enrascada.

Mrs. Carey, sentada, fazia tricô com mãos trêmulas. Não estava habituada a cenas e aquilo a agitava profundamente.

— Você bem que merecia que eu lhe escrevesse — falou o vigário.

— Se o senhor quiser representar um papel mesquinho, escreva. Não seria de admirar, depois de ter enviado a Perkins uma carta como aquela.

Philip cometeu uma tolice falando desse modo, pois dava ao vigário a oportunidade que ele procurava.

— Espera que eu fique aqui a ouvir as suas impertinências? — perguntou com dignidade.

Levantando-se, mr. Carey dirigiu-se rapidamente para o seu gabinete. Philip ouviu-o fechar a porta à chave.

— Oh, quem me dera já ter vinte e um anos! É horrível sentir-se amarrado assim!

Mrs. Carey começou a chorar baixinho.

— Oh, Philip, não devia ter falado dessa forma com seu tio. Por favor, vá pedir-lhe perdão.

— Não estou absolutamente arrependido. Ele se aproveita de sua situação. Conservar-me na escola é pôr dinheiro fora, mas que diferença faz? O dinheiro não é dele... Que crueldade colocarem-me sob a guarda de pessoas sem experiência das coisas!

— Philip!

Não obstante a sua raiva, Philip calou-se subitamente ao som da voz da tia. Era de comover. Não percebera quão amargas eram as palavras que pronunciava.

— Philip, como pode ser tão indelicado? Bem sabe que só desejamos a sua felicidade, embora seja certo que não temos experiência. Se tivéssemos tido filhos não seria assim. Foi por isso que consultamos mr. Perkins.

E, com a voz alterada:

— Tenho procurado ser uma mãe para você. Tenho amado você como se fosse meu filho.

Era tão pequena e frágil e havia no seu ar de solteirona algo tão tocante que Philip se deixou impressionar profundamente. Sentiu um nó na garganta e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Estou arrependido — disse ele. — Reconheço que fui muito bruto.

Ajoelhou-se ao lado da tia, abraçou-a e beijou-lhe as faces úmidas e engelhadas. Ela soluçava angustiosamente e, de súbito, Philip compreendeu a tristeza daquela vida inútil. Era a primeira vez que mrs. Carey revelava tal emoção.



— Reconheço que não tenho sido o que pretendia ser para você, Philip, mas não sabia o que fazer. É tão horrível não ter filhos como você não ter mãe.

Philip esqueceu a sua cólera e as suas preocupações para só pensar em consolá-la com palavras entrecortadas e tímidas carícias. Mas o relógio bateu as horas e foi preciso partir sem demora, a fim de apanhar o único trem que chegava a Tercanbury em tempo para a chamada. Já no trem, lembrou-se de que nada havia feito. Odiava-se pela sua fraqueza. Era humilhante deixar-se influenciar pelos ares pomposos do vigário e pelas lágrimas da tia. Como resultado, porém, da conversa havida entre o casal, foi enviada outra carta ao diretor. Mr. Perkins leu-a sacudindo impacientemente os ombros. Em seguida mostrou-a a Philip. Dizia:

*Caro mr. Perkins:*

*Perdoe-me se venho aborrecê-lo outra vez a respeito de meu pupilo, mas ultimamente tanto eu como minha mulher estamos preocupados com o seu comportamento. Mostra-se ansioso por abandonar a escola e sua tia julga-o muito infeliz. É-nos difícil encontrar uma solução, uma vez que não somos seus pais. Acha que não está fazendo progresso algum e diz que conservá-lo aí é jogar fora o seu dinheiro. Ficaria imensamente grato se o senhor conversasse com ele a esse respeito. Caso persista no mesmo propósito, talvez seja melhor deixá-lo partir no Natal, como era minha primeira intenção.*

*Sinceramente,  
William Carey.*

Philip restituiu-lhe a carta. Estava orgulhoso de seu triunfo. Fora feita a sua vontade e portanto sentia-se satisfeito.

— Não vale a pena gastar meia hora a escrever para seu tio, já que ele muda de idéia após cada carta que recebe de você — observou, irritado, o mestre.

Philip nada disse. Seu rosto guardava uma expressão plácida, mas ele não pôde impedir que seus olhos cintilassem. Mr. Perkins notou-o e pôs-se a rir.

— Marcou um tento, hein?

Philip sorriu, então, abertamente. Não podia esconder a sua exaltação.

— É verdade que está ansioso para ir embora?

— Sim, senhor.

— Você se sente infeliz aqui?

Philip corou. Revoltava-se instintivamente contra qualquer tentativa em penetrar-lhe os sentimentos.

— Não sei dizer, senhor diretor.

Deslizando os dedos por entre a barba, mr. Perkins fitou-o pensativamente. Quando falou, foi como se o fizesse para si mesmo.

— É claro que as escolas foram feitas para o estudante mediano. Os buracos são todos redondos e as cravelhas têm de se encaixar neles, qualquer que seja a sua forma. Não há tempo para nos preocuparmos com outra coisa que não seja o termo médio.

E, dirigindo-se a Philip, continuou:

— Escute, vou lhe propor algo. Está se aproximando o fim do período. Mais uma temporada não o matará, e já que quer ir para a Alemanha é melhor que o faça depois da Páscoa. É muito mais agradável na primavera do que no inverno. Se nos meados do próximo período ainda mantiver o firme propósito de partir, não oporei mais objeção alguma. Que me diz disso?

— Muito obrigado, senhor diretor.

O contentamento de Philip era tal que não lhe importava esperar mais um período. A escola já não lhe parecia uma prisão, pois sabia que, ao chegar a Páscoa, iria se livrar dela para sempre. O coração dançava-lhe no peito. À noite, na capela, correu os olhos pelos meninos, postados cada um no seu lugar, de acordo com as respectivas classes, e riu-se consigo de satisfação ao pensar que em breve nunca mais os veria. Chegava quase a votar-lhes, mesmo, uma certa afeição. Seus olhos pousaram em Rose que, como muitos, levava a sério sua posição de monitor. Estava convencido de que exercia boa influência na escola. Philip sorriu ao pensar que ia livrar-se dele para sempre; dentro de um semestre pouco lhe importaria que Rose fosse alto e esbelto ou exercesse as funções de monitor e capitão de time. Philip olhou, em seguida, para os mestres, com as suas becas. Gordon morrera de apoplexia dois anos antes, mas os outros achavam-se todos reunidos ali. Compreendia agora as criaturas medíocres que eram, com exceção de Turner, cujo caráter possuía alguns reflexos humanos. Indignava-o imaginar que vivera sujeito a eles durante tanto tempo. Seis meses, porém, passariam depressa. Os louvores daquela gente nada significariam para ele e suas censuras lhe fariam sacudir os ombros.

Philip aprendera a não revelar as suas emoções por sinais exteriores e ainda se sentia atormentado pela timidez, mas às vezes exultava de contentamento. Nessas ocasiões, embora andasse a coxear gravemente, silencioso e reservado, sua alma parecia cantar. Era como se o próprio andar se lhe tornasse mais leve. Corriam-lhe pelo cérebro idéias de toda espécie e as fantasias sucediam-se com tal rapidez que se tornava impossível captá-las. Só isso bastava, entretanto, para enchê-lo de júbilo. Agora que era feliz, sentia ânimo para o trabalho e durante as restantes semanas do período resolveu compensar a sua prolongada negligência. A fácil atividade do cérebro proporcionava-lhe imenso prazer. Saiu-se muito bem nos exames de conclusão do período. Mr. Perkins fez apenas uma observação: comentava uma composição feita por Philip e, após as correções de costume, falou:

— Resolveu deixar de se fazer de tolo, hein?

Philip olhou para o mestre, que mostrava os belos dentes brancos e, abaixando a cabeça, sorriu por sua vez, embaraçado.

A meia dúzia de rapazes que esperavam dividir entre si os prêmios a serem distribuídos no fim do período de verão e que haviam cessado de considerar Philip como um rival sério, começaram a ficar apreensivos. Não disse a ninguém que ia partir por ocasião da Páscoa. Sabia que Rose se orgulhava de seu francês, pois havia passado dois ou três períodos de férias na França, e esperava, por outro lado, conseguir o prêmio do deão para a melhor composição inglesa. Notava-se-lhe a grande preocupação ao reconhecer que Philip o estava suplantando naquelas matérias. Morton, outro aluno, não poderia ingressar em Oxford a menos que conseguisse uma das bolsas de estudo postas à disposição da escola. Perguntou a Philip se pretendia candidatar-se.

— Tem alguma objeção a fazer? — indagou Philip.

Divertia-o imaginar que o futuro de alguém dependesse dele. Havia algo romântico em ter ao alcance da mão essas recompensas e em seguida desprezá-las em benefício de outros. Chegou, afinal, o dia da partida e Philip foi despedir-se de mr. Perkins.

— Será que pretende realmente nos deixar?

Philip fez uma cara decepcionada ante a evidente surpresa do diretor.

— O senhor prometeu não fazer objeção alguma — observou.

— Pensei que se tratasse de um capricho com o qual fosse melhor concordar naquele momento. Sei que é obstinado e pertinaz. Por que razão

quer nos deixar? De qualquer forma, só falta mais um período. Poderá conquistar metade dos prêmios que vamos conceder.

Philip olhava-o, carrancudo. Sentia-se enganado. Mas Perkins empenhara a palavra e não podia voltar atrás.

— Estou certo de que gostará de Oxford. Por enquanto não precisa preocupar-se com o futuro. Talvez não saiba como a vida é encantadora lá para aqueles que possuem inteligência.

— Estou com todos os preparativos feitos para a partida, senhor diretor! — exclamou Philip.

— E esses preparativos não são suscetíveis de alteração? — inquiriu mr. Perkins, com seu sorriso zombeteiro. — Sentirei muito a sua falta. Os alunos estúpidos que estudam sempre suplantam os que são inteligentes mas não se aplicam. Mas quando um aluno inteligente se põe a trabalhar, acontece o que aconteceu no seu caso.

Philip corou violentamente. Não estava acostumado a receber elogios. Nunca haviam lhe dito que era inteligente. O diretor pôs-lhe, então, a mão no ombro.

— Na verdade é aborrecido introduzir o que quer que seja na cabeça de uma criatura obtusa, mas quando, uma vez por outra, encontramos um discípulo que compreende as coisas quase antes de abirmos a boca, então o ensino transforma-se na tarefa mais agradável do mundo.

A bondade do mestre enternecia-o. Nunca pensara que a sua permanência na escola interessasse realmente a mr. Perkins. Sentia-se comovido e imensamente lisonjeado. Seria agradável terminar gloriosamente a sua fase escolar e matricular-se, então, em Oxford. Como um relâmpago, passaram-lhe pela memória as descrições feitas por ex-alunos que vinham tomar parte em diversos jogos e as cartas vindas da universidade, lidas em voz alta na sala de estudo. A vergonha, porém, dominava-o. Considerar-se-ia um idiota se voltasse atrás. Mr. Carey havia de rir-se ante a vitória obtida pela astúcia do diretor. Era como que uma queda de dignidade passar da dramática renúncia aos prêmios que estavam ao seu alcance, porque os desprezava, ao simples e vulgar empenho de conquistá-los. Bastaria, entretanto, um pouco mais de persuasão, o suficiente para ressalvar o respeito devido a si próprio, e Philip cederia a todos os desejos de mr. Perkins. Mas o seu rosto não dava sinal dessas emoções em conflito. Mostrava-se plácido e carrancudo.

— Prefiro partir, senhor diretor.

Como muitos homens que tudo conseguem pela sua influência pessoal, mr. Perkins tornou-se um pouco impaciente ao notar que o seu poder não se fazia sentir imediatamente. Tinha muito que fazer e não podia desperdiçar mais tempo com uma criatura que lhe parecia doentiamente obstinada.

— Muito bem. Prometi que o deixaria ir, se assim o quisesse. Cumpro a minha promessa. Quando parte para a Alemanha?

O coração de Philip começou a pulsar com violência. A batalha fora vencida, mas ele não sabia se aquela vitória, no fundo, não significava uma derrota.

— Em princípios de maio, senhor diretor — respondeu.

— Espero que nos visite quando estiver de volta.

E estendeu-lhe a mão. Se tivesse dado mais uma oportunidade a Philip, este mudaria de idéia. Mas parecia considerar o caso como resolvido. Philip afastou-se da escola. Seus dias de prisão estavam terminados. Entretanto, o incontido júbilo previsto para aquele momento não se fez sentir. Caminhou lentamente ao redor do edifício, preso de profunda depressão. Lamentava ter sido tão tolo. Não queria ir embora, mas agora sabia que seria impossível procurar o diretor e comunicar-lhe a sua mudança de resolução. Era uma humilhação a que não se submeteria. Teria agido bem? Sentia-se descontente consigo mesmo e com todas as circunstâncias de sua vida. Perguntava a si próprio: “Será que, quando impomos a nossa vontade, sempre nos arrependemos mais tarde?”.

O tio de Philip tinha uma amiga de velha data, miss Wilkinson, que vivia em Berlim. Era filha de um clérigo, pároco de uma vila de Lincolnshire, com quem mr. Carey passara os seus últimos tempos como cura coadjutor. Com a morte do pai, obrigada a ganhar a vida, empregara-se várias vezes como governanta na França e na Alemanha. Correspondia-se sempre com mrs. Carey e de vez em quando passava as férias no vicariato de Blackstable, pagando um preço módico pela sua manutenção, como era hábito fazerem os hóspedes, relativamente raros, dos Carey. Quando se tornou patente a impossibilidade de resistir aos desejos de Philip, mrs. Carey escreveu a miss Wilkinson pedindo informações. A resposta recomendava Heidelberg como excelente local para aprender alemão e a casa do professor Erlin como ótima residência. Philip poderia morar lá pagando trinta marcos por semana, sendo que o próprio professor, que ensinava na escola secundária local, aceitaria o encargo de dar-lhe lições.

Certa manhã de maio Philip chegou a Heidelberg. Colocadas as suas coisas num carrinho de mão, deixou a estação acompanhando o carregador. O céu apresentava-se inteiramente azul e as árvores da avenida por onde passavam estavam cobertas de folhas. Philip sentia no ar algo de novo e, junto com a timidez que nele despontava ao penetrar na nova vida, rodeado de estranhos, experimentava grande sensação de euforia. Ficou um pouco desconsolado com o fato de não haver ninguém à sua espera e foi tomado de embaraço quando o carregador o deixou à porta de uma grande casa branca. Um rapagão desalinhado fê-lo entrar e o conduziu à sala de visitas. Era guarneçada por um conjunto de móveis forrados de veludo verde, havendo ao centro uma mesa redonda. Sobre esta, dentro d'água, achava-se um ramalhete de flores muito apertadas dentro de uma franja de papel, como o osso de uma costeleta de carneiro, e ao redor, muito bem espaçados, livros com encadernações em couro. Sentia-se ali um certo cheiro de mofo.

Daí a pouco, tresandando a cozinha, entrou a esposa do professor, uma mulher baixa e forte, com os cabelos bem estirados e terminando num coque.

Tinha o rosto vermelho, olhos pequeninos que cintilavam como contas, e maneiras comunicativas. Segurou ambas as mãos de Philip e pediu-lhe notícias de miss Wilkinson, que por duas vezes passara algumas semanas com ela. Falava em alemão e em mau inglês. Philip não conseguiu dar-lhe a entender que não conhecia miss Wilkinson pessoalmente. Apareceram então suas duas filhas. O recém-chegado não as achou nada jovens, mas talvez não fossem além dos vinte e cinco anos. A mais velha, Thekla, era tão baixa quanto a mãe, com o mesmo ar indefinido, mas possuía uma cara bonita e abundante cabeleira escura. Ana, a irmã mais nova, era alta e de feições comuns, mas tinha um sorriso agradável que logo lhe conquistou a preferência. Após alguns minutos de palestra cortês, *Frau* Erlin acompanhou Philip ao quarto e deixou-o. O aposento estava situado numa espécie de torre cujas janelas davam para os topos das árvores da Anlage; a cama ficava num desvão da parede, de modo que, quando a pessoa se sentava à secretária, aquilo não oferecia em absoluto o aspecto de um quarto de dormir. Philip esvaziou as malas e separou todos os seus livros. Era, afinal, senhor de si próprio.

À uma hora, uma sineta chamou-o para o almoço. Na sala de visitas estavam reunidos os hóspedes de *Frau* Erlin, que apresentou Philip ao marido, um homem de meia-idade, alto, com uma grande cabeça loura que já começava a embranquecer, e um par de suaves olhos azuis. Falou a Philip num inglês correto mas um tanto arcaico, que aprendera no estudo dos clássicos, não na conversação. O rapaz achava curioso ouvi-lo empregar palavras apenas encontradas nas peças de Shakespeare. *Frau* Erlin considerava seu estabelecimento uma casa de família e não uma pensão; seria necessário, entretanto, recorrer às sutilezas metafísicas para determinar em que consistia a diferença. Ao sentarem-se para o almoço, numa peça comprida e escura que dava para a sala de visitas, Philip, muito desambientado, notou que havia dezesseis pessoas. *Frau* Erlin ocupava uma das cabeceiras e era quem trinchava a carne. Servia de copeiro, com grande tinir de pratos, o mesmo tipo desajeitado que lhe abria a porta, e embora agisse com ligeireza, as primeiras pessoas a serem servidas terminavam antes que as últimas recebessem o seu quinhão. *Frau* Erlin fazia questão de que só se falasse a língua do país, de modo que Philip, mesmo pondo de parte o acanhamento, via-se obrigado a manter silêncio. Limitou-se a estudar aqueles com quem deveria viver. Junto de *Frau* Erlin estavam sentadas diversas outras senhoras idosas, mas Philip não lhes deu muita atenção. Havia duas mocinhas, ambas louras e uma delas muito

bonita, a que Philip ouviu chamarem *Fräulein* Hedwig e *Fräulein* Cäcilie. *Fräulein* Cäcilie usava uma trança comprida que lhe pendia nas costas. Achavam-se uma ao lado da outra e tagarelavam, entre risos abafados. De vez em quando olhavam para Philip e uma delas dizia qualquer coisa em surdina. Ambas, então, desatavam a rir como loucas. Philip corava, envergonhado, sentindo que o ridicularizavam. Perto delas estava um chinês, de rosto amarelo e sorriso comunicativo, que estudava na universidade as condições de vida do Ocidente. Falava com tanta rapidez e com sotaque tão esquisito que muitas vezes as moças não o entendiam e punham-se a rir. Ele ria, por sua vez, e ao fazê-lo seus olhos amendoados quase se fechavam. Havia ainda dois ou três americanos de paletó preto, que tinham a pele pálida e seca; eram estudantes de teologia. Philip notou-lhes o sotaque americano através do péssimo alemão que falavam. Observava-os com desconfiança, pois haviam lhe ensinado que os americanos eram uns bárbaros cruéis e desabridos.

Mais tarde, quando todos conversavam na sala, sentados nas desconfortáveis cadeiras forradas de veludo verde, *Fräulein* Ana perguntou se Philip queria dar uma volta com elas.

Ele aceitou o convite. Formou-se um grupo composto das duas filhas da dona da casa, mais as duas outras moças, um dos estudantes americanos e Philip. Este caminhava ao lado de Ana e *Fräulein* Hedwig. Sentia-se um tanto perturbado. Nunca havia conhecido moça alguma. Em Blackstable havia apenas as filhas dos fazendeiros e as dos negociantes locais. Conhecia-as de nome e de vista, mas era tímido e temia que viessem a rir de sua deformidade. Aceitava de bom grado a diferença que o vigário e mrs. Carey estabeleciam entre a sua classe e a dos fazendeiros. O médico tinha também duas filhas, mas eram muito mais velhas do que Philip, tinham casado, em seu tempo de menino, com dois assistentes do pai. Na escola havia duas ou três moças, mais ousadas do que modestas, conhecidas de alguns dos rapazes; contavam-se delas histórias fabulosas, devidas, talvez, à imaginação masculina. Philip, entretanto, sempre escondera sob o manto do desprezo o terror que elas lhe infundiam. Sua imaginação e os livros que devorara incutiram-lhe o desejo de adotar uma atitude byroniana. Via-se dividido entre o seu mórbido acanhamento e a convicção de que lhe cumpria ser galante. Sentia agora a necessidade de mostrar-se brilhante e espirituoso, mas seu cérebro parecia vazio e não sabia o que dizer. *Fräulein* Ana, a filha do professor, dirigia-lhe de vez em quando a palavra, mais por um sentido de obrigação, a outra, porém,



pouco falava. Olhava de tempos em tempos para Philip e, não raras vezes, explodia numa gargalhada que o confundia completamente. Philip percebia que ela o achava profundamente ridículo. Caminhavam ao longo da encosta de uma colina, entre pinheiros cujo aroma deleitava o rapaz.

O dia estava quente e o céu, sem nuvens. Alcançaram por fim uma colina donde se descortinava o vale do Reno iluminado pelo sol. Era uma vasta extensão de terra que cintilava à luz dourada; lá no fundo divisavam-se cidades e de um extremo a outro serpenteava a fita prateada do rio. Na região de Kent que Philip conhecia eram raros os grandes espaços abertos. Só o mar oferecia um horizonte largo e por isso a vastidão em que seus olhos agora se perdiam proporcionava-lhe uma emoção especial e indescritível. Sentiu uma súbita exaltação. Embora não o percebesse, era a primeira vez que experimentava, pura, sem mescla de outras emoções, a sensação da beleza. Os três sentaram-se num banco, pois os outros continuaram a caminhar, e, enquanto as moças tagarelavam em alemão, Philip, indiferente a tudo, dava uma festa aos olhos.

“Meu Deus, como me sinto feliz!”, dizia a si próprio, inconscientemente.

Às vezes Philip lembrava-se da King's School, em Tercanbury, e ria-se consigo mesmo ao imaginar o que estariam fazendo lá em dado instante do dia. De vez em quando sonhava ainda estar no internato; ao despertar, entretanto, dava-lhe extraordinária satisfação verificar que se achava no quartinho da torre. De sua cama era possível ver os grandes cúmulos que flutuavam no céu azul. Exultava na posse da liberdade. Podia ir para a cama quando bem entendesse e levantar-se quando lhe desse vontade de fazê-lo. Não havia pessoa alguma que lhe viesse dar ordens. De repente, ocorreu-lhe que não mais seria preciso mentir.

Ficou combinado que o professor Erlin se incumbiria de ensinar-lhe o latim e o alemão; diariamente um francês vinha ministrar-lhe lições de sua língua materna, ao passo que no que dizia respeito à matemática, *Frau* Erlin recomendara um inglês em vésperas de colar grau em filologia, na universidade. Chamava-se Wharton. Philip ia ter com ele todas as manhãs. Morava num quarto situado no último andar de uma casa velha. Era um quarto sujo e desarrumado, impregnado de um odor acre, composto de vários cheiros desagradáveis. Em geral, quando Philip chegava, às dez horas da manhã, o inglês ainda se achava deitado. Levantava-se de um salto, vestia um roupão imundo, calçava umas chinelas de feltro e, enquanto dava a lição, ia fazendo sua refeição matinal. Era um homem baixo e gordo pelo abuso da cerveja, tinha um bigode espesso e comprida cabeleira, sempre em desalinho. Estava na Alemanha havia cinco anos, e achava-se quase inteiramente teutonizado. Falava com desprezo de Cambridge, onde fizera os seus estudos superiores, e enchia-o de horror lembrar a vida que o esperava quando, após doutorar-se em Heidelberg, tivesse de voltar para a Inglaterra e iniciar a carreira pedagógica. Adorava a vida na universidade alemã com sua liberdade e suas alegres companhias. Era sócio de um *Burschenschaft*,<sup>[4]</sup> e prometeu levar Philip a um *Kneipe*. Era muito pobre e não escondia que as lições ministradas a Philip eram o que lhe permitia comer carne ao jantar, em vez de pão e queijo. Às vezes, após uma noite de bebedeira, erguia-se com tal dor de cabeça que se via impossibilitado de tomar o café; dava a lição, assim, com o espírito bastante

carregado. Para essas ocasiões conservava já, debaixo da cama, algumas garrafas de cerveja, as quais, junto com o inseparável cachimbo, ajudavam-no a carregar o fardo da vida.

— Um pêlo do cão que me mordeu — dizia ao deitar a cerveja no copo com todo o cuidado, para que a espuma não o obrigasse a esperar muito antes de bebê-la.

Em seguida conversava com Philip sobre a universidade, os desentendimentos entre grêmios rivais, os duelos e os méritos deste ou daquele professor. Philip instruía-se mais nas coisas da vida do que em assuntos matemáticos. Não raro, Wharton refestelava-se na cadeira, em meio a uma risada, e dizia:

— Bem, hoje não fizemos coisa alguma. Não precisa me pagar a lição.

— Ora, não tem importância — retrucava Philip.

Havia naquilo algo de novo e interessante, muito mais importante do que a trigonometria, que ele nunca pôde compreender. Era como uma janela aberta para a vida e pela qual tinha a felicidade de espiar, com o coração a bater desordenadamente.

— Não, guarde o seu vil dinheiro — insistia Wharton.

— Mas como o senhor irá jantar? — perguntava Philip com um sorriso, pois sabia exatamente em que pé iam as finanças do professor.

Wharton havia mesmo pedido que o rapaz lhe pagasse semanal e não mensalmente a importância das lições, que eram dadas à razão de dois xelins cada uma. Isso facilitava as coisas.

— Oh, não se preocupe com o meu jantar. Não será a primeira vez que janto uma garrafa de cerveja, e o espírito nunca se me torna tão claro como nessas ocasiões.

Mergulhando o braço debaixo da cama (os lençóis estavam cinzentos de tão sujos), pescou outra garrafa. Philip, que era jovem e desconhecia as coisas boas da vida, recusou-se a partilhar a cerveja com o mestre, que assim bebeu sozinho.

— Quanto tempo vai ficar aqui? — indagou Wharton.

Tanto ele como Philip haviam posto, com alívio, a matemática de lado.

— Não sei ao certo. Talvez um ano. Em casa querem que eu vá para Oxford.

Wharton sacudiu os ombros com ar de desprezo. Era novidade para Philip descobrir que nem todos olhavam com respeito para aquele templo de

sabedoria.

— Que pretende fazer lá? Será apenas um colegial enaltecido. Por que não se matricula aqui? Um ano não é suficiente. Fique cinco anos em Heidelberg. Há duas coisas insubstituíveis na vida: a liberdade de pensamento e a liberdade de ação. Na França dão-nos a liberdade de ação: faz-se o que bem se entende e ninguém se intromete, mas é preciso que se pense como todos os outros. Na Alemanha a pessoa é obrigada a fazer o que os outros fazem, mas em compensação pode pensar à vontade. São duas coisas excelentes. Pessoalmente, prefiro a liberdade de pensar. Mas na Inglaterra não se tem uma coisa nem outra: é-se triturado pelas convenções. Não se pode pensar nem agir como se quer. Isso porque a Inglaterra é uma nação democrática. Desconfio que a América ainda seja pior.

Recostou-se cautelosamente pois a cadeira em que estava sentado tinha uma perna frouxa e é desconcertante quando um floreio de retórica é interrompido por uma queda repentina.

— Devo voltar à Inglaterra ainda este ano, mas se eu conseguir juntar o suficiente para não morrer de fome, ficarei mais uns doze meses aqui. Mas no fim de um ano serei forçado a ir. E terei de abandonar isto tudo... — fez um gesto que abrangia todo o esqualido sótão, com a cama por fazer, os lençóis atirados pelo chão, uma fileira de garrafas vazias ao longo da parede e pilhas de livros esfarrapados pelos cantos. — Terei de abandonar isto tudo por alguma universidade provinciana onde obterei uma cadeira de filologia. Terei também de jogar tênis e freqüentar chás.

Interrompendo-se bruscamente, lançou um olhar zombeteiro a Philip, que estava muito bem vestido, com um colarinho limpo e os cabelos devidamente escovados.

— Meu Deus — continuou. — Serei obrigado a lavar-me!

Philip enrubesceu, com a impressão de que a sua elegância era um crime intolerável. Ultimamente começara a emprestar certa atenção à *toilette*, e ao sair da Inglaterra trouxera linda coleção de gravatas.

O verão invadiu a natureza como um conquistador. Os dias sucediam-se cada vez mais belos. O azul do céu era de uma arrogância que mexia com os nervos. O verde das árvores, na Anlage, era violento e cru, e as casas, quando o sol batia nelas, irradiavam uma claridade ofuscante que estimulava a ponto de se tornar dolorosa. Às vezes, ao voltar do quarto de Wharton, Philip sentava-se à sombra, num dos bancos da Anlage, a gozar a fresca e a observar

os padrões luminosos que o sol, infiltrando-se por entre as folhas, desenhava sobre o chão. Sua alma dançava, tão alegre quanto os raios do sol. Deliciava-se com aqueles momentos de lazer roubados ao trabalho. Outras vezes vagueava pelas ruas da velha cidade. Olhava com respeito para os estudantes do grêmio, com cicatrizes nas faces rubras, que passavam, garbosos, com seus bonés coloridos. De tarde errava pelas colinas com as moças da pensão, indo de vez em quando, rio acima, tomar chá num frondoso *Biergarten*. De noite passeavam ao redor do *Stadtgarten*, ouvindo a banda de música no coreto.

Philip logo veio a saber as particularidades da vida dos hóspedes. *Fräulein* Thekla, a filha mais velha do professor, era noiva de um inglês que passara doze meses na pensão a fim de aprender a língua alemã. O casamento devia realizar-se no fim do ano, mas o rapaz escreveu declarando que seu pai, um mercador de borracha residente em Slough, não concordara com a união, o que trazia *Fräulein* Thekla constantemente banhada em lágrimas. Às vezes ela e a mãe eram vistas, de olhar severo, a examinar as cartas do noivo relutante. Thekla pintava aquarelas e havia ocasiões em que saía com Philip e uma outra moça a fim de apanhar algumas paisagens. A linda *Fräulein* Hedwig também tinha seus aborrecimentos de amor. Era filha de um comerciante de Berlim e um garboso hussardo, um *von*, se me permitem, havia se apaixonado por ela. Mas os pais não admitiam que o rapaz desposasse uma moça de condição inferior à sua. Hedwig foi então enviada para Heidelberg a ver se o esquecia. Mas jamais o conseguiu, pois se correspondia continuamente com o rapaz, que empregava todos os esforços em persuadir seu exasperante pai a mudar de opinião. Contou tudo isso a Philip, entre adoráveis suspiros e rubores, e mostrou-lhe a fotografia do alegre tenente. Philip, entre todas as moças da casa de *Frau* Erlin, gostava mais de Hedwig, a cujo lado sempre procurava colocar-se durante os freqüentes passeios que realizavam. Enrubescia quando os outros comentavam, brincalhões, a sua evidente preferênciã. Foi a *Fräulein* Hedwig que ele fez a primeira declaração de sua vida. Infelizmente, a coisa passou-se por acaso. Nas noites em que não saíam, as moças, reunidas na sala de veludo verde, cantavam pequenas canções habilmente acompanhadas ao piano por *Fräulein* Ana, sempre muito prestimosa. A canção predileta de *Fräulein* Hedwig chamava-se *Ich liebe dich* — Eu te amo. Certa noite, após modular a canção, foi com Philip para a sacada. Enquanto olhava as estrelas o rapaz quis fazer uma observação e começou assim:

— *Ich liebe dich.*

Seu alemão era trôpego e custou-lhe encontrar uma palavra com que continuar. A pausa foi infinitesimal, mas antes de ele prosseguir, *Fräulein* Hedwig exclamou:

— *Ach, Herr Carey, Sie müssen mir nicht du sagen* — disse ela: — não deve tratar-me por tu.

Philip sentiu-se presa de um enorme desconforto. Nunca teria ousado pronunciar uma frase tão familiar e não sabia o que responder. Seria pouco galante dizer que não estava lhe dirigindo aquelas palavras, mas unicamente mencionando o título da canção.

— *Entschuldigen Sie* — disse ele: — Peço-lhe perdão.

— Não tem importância — sussurrou ela.

Em seguida sorriu com ar amável, tomou mansamente a mão de Philip, apertou-a e regressou à sala de visitas.

No dia seguinte Philip se sentia tão embaraçado que não teve coragem de falar à moça, tudo fazendo por evitá-la. Ao convidarem-no para o passeio de costume, recusou, alegando ter de estudar. Mas *Fräulein* Hedwig achou ocasião para falar-lhe a sós.

— Por que procede desse modo? — perguntou bondosamente. — Não pense que estou zangada pelo que disse a noite passada. Se me ama, não é culpa sua. Sinto-me lisonjeada. Mas, embora não esteja exatamente comprometida com Hermann, nunca poderei amar outra pessoa, pois considero-me noiva dele.

Philip corou outra vez, mas assumiu a expressão perfeita do amante rejeitado.

— Estimo que seja muito feliz — disse ele.

Diariamente o professor Erlin dava lições a Philip. Organizou uma lista dos livros que o rapaz devia ler, a fim de preparar-se para o *Fausto*, e ao mesmo tempo iniciou-o engenhosamente na tradução alemã de uma das peças de Shakespeare que o rapaz estudara na escola. Era, na Alemanha, o período em que a fama de Goethe atingira o auge. Apesar de sua atitude um pouco superior com relação ao patriotismo, fora adotado como poeta nacional e, desde a Guerra de Setenta, parecia constituir uma das glórias mais significativas da unidade nacional. Os entusiastas imaginavam ouvir, no desenfreamento do Walpurgisnacht, o ribombar da artilharia em Gravelotte. Uma das coisas que caracterizam a grandeza de um escritor é o fato de diferentes espíritos encontrarem nele diferentes inspirações. E o professor Erlin, que odiava os prussianos, dedicava a Goethe uma admiração arrebatada porque as suas obras, olímpicas e serenas, ofereciam a um espírito são o único refúgio contra as investidas da geração atual. Havia um dramaturgo cujo nome, nos últimos tempos, era muito ouvido em Heidelberg; no inverno anterior uma de suas peças foi encenada, entre os aplausos dos adeptos e as vaias das pessoas decentes. Philip ouviu discussões a esse respeito durante o jantar, quando o professor Erlin, perdendo a calma habitual, dava socos na mesa e aniquilava qualquer oposição com o troar da sua voz profunda e sonora. Era um contra-senso, e um contra-senso revoltante. Forçara-se a assistir a toda a representação, mas não sabia dizer se estava aborrecido ou enjoado. Se o teatro estava tomando aquele rumo, então era tempo de a polícia intervir e fechar as portas de todas as casas de espetáculos. Não era nenhum puritano e seria capaz de rir, como qualquer outro, ante a espirituosa imoralidade de uma farsa no Palais Royal, mas ali não havia senão sordidez. Com um gesto enfático, prendeu o nariz com os dedos e assobiou por entre os dentes. Era a ruína da família, o fim da moral, a destruição da Alemanha.

— *Aber, Adolf* — disse *Frau Erlin*, do outro extremo da mesa. — Acalme-se.

O professor sacudiu o punho, cheio de ira. Era a mais mansa das criaturas e nunca realizava um ato sequer sem primeiro consultá-la.

— Não, Helena, é preciso que saiba — gritou ele. — Prefiro ver minhas filhas mortas a contemplar uma platéia embevecida pelo rebotalho desse desavergonhado.

A peça era a *Casa de bonecas* e o autor, Henrik Ibsen.

O professor Erlin classificava-o junto com Richard Wagner, mas ao referir-se a este não falava com rancor: ria bem-humorado. Era um charlatão, mas um charlatão bem-sucedido, e aí estava qualquer coisa para deleitar os espíritos cômicos.

— *Verrückter Kerl!* Um louco — exclamava ele.

Vira representar Lohengrin e não achava essa ópera tão má, embora monótona. Mas *Siegfried!* Ao mencioná-la, apoiou a cabeça na mão e soltou uma gargalhada estentórea. Não existia o menor vestígio de melodia do princípio ao fim. Imaginava Richard Wagner sentado no seu camarote, a rir-se até às lágrimas daquela multidão que o levava a sério. Era o maior embuste do século XIX. Levou aos lábios o copo de cerveja, inclinou a cabeça para trás e bebeu até a última gota. Limpando a boca com a mão, exclamou em seguida:

— Garanto a vocês, jovens, que antes do século dezenove acabar, Wagner estará morto como um carneiro no açougue. Wagner! Trocaria todas as suas obras por uma ópera de Donizetti.



O mais singular entre os mestres de Philip era o professor de francês. *Monsieur* Ducroz nascera em Genebra. Era um velho alto, de rosto pálido, faces chupadas e longa cabeleira grisalha. Trajava sempre um terno preto e surrado, com buracos nos cotovelos e calças puídas. A camisa estava sempre suja, o mesmo acontecendo com o colarinho. Era um homem de poucas palavras; transmitia as lições conscienciosamente mas sem entusiasmo algum, iniciando-as e terminando-as no minuto marcado. Seus preços eram módicos. Taciturno por natureza, Philip só conseguiu informar-se a seu respeito por intermédio de outros. Soube que o velho havia lutado contra o papa ao lado de Garibaldi, mas tinha abandonado a Itália, desgostoso, ao verificar que todos os seus esforços em prol da liberdade, isto é, pela instauração da República, resultaram apenas numa mudança de jugos; finalmente fora expulso de Genebra por crimes políticos de natureza ignorada. Philip olhava-o intrigado e surpreso. Em nada se assemelhava à idéia que ele fazia de um revolucionário. Falava em voz baixa e era extraordinariamente cortês. Nunca se sentava senão quando pediam que o fizesse e quando, por acaso, encontrava Philip na rua, tirava sempre o chapéu num gesto delicado. Não costumava rir nem mesmo sorrir. Uma imaginação mais completa que a de Philip talvez o fantasiasse como um jovem cheio de grandes esperanças, pois tornara-se adulto em 1848, quando os reis, ao se lembrarem de seu primo francês, andavam com câibras no pescoço. E talvez aquela paixão pela liberdade que percorreu a Europa, levando na enxurrada os restos de absolutismo e tirania que haviam reerguido a cabeça durante a reação posterior à revolução de 1789, não encontrasse peito mais ardente onde se abrigar. Apaixonado pelas teorias da igualdade e dos direitos humanos, era de imaginá-lo discutindo, lutando atrás de barricadas, em Paris, fugindo à cavalaria austríaca, em Milão; aprisionado aqui, exilado ali, sem perder jamais a fé na palavra mágica — Liberdade. Finalmente, vencido pela doença e pela fome, velho, sem outro meio de vida que não fosse lecionar por preços irrisórios, encontrava-se agora naquela cidadezinha, sob uma tirania pior que qualquer outra na Europa. Talvez aquele retraimento escondesse um

desprezo pela espécie humana que havia abandonado os grandes sonhos de sua mocidade e agora chafurdava num conforto indolente. Podia ser, também, que os trinta anos de revolução lhe houvessem ensinado que os homens não eram talhados para a liberdade; e pensava na sua vida gasta na busca de algo que não valia a pena encontrar. Ou talvez se sentisse cansado e esperasse apenas, com indiferença, o alívio da morte.

Certa vez, com a indiscrição da sua idade, Philip perguntou se o professor realmente combatera com Garibaldi. O velho não pareceu emprestar grande importância à pergunta. Respondeu serenamente, com a voz baixa do costume:

— *Oui, monsieur.*

— Consta que o senhor esteve na Comuna.

— Verdade? Vamos continuar a lição?

Mantinha aberto o livro e Philip, intimidado, começou a traduzir o trecho preparado.

Certo dia *monsieur* Ducroz parecia tomado de grande dor. Foi-lhe quase impossível galgar os degraus da escada a caminho do quarto de Philip. Uma vez lá, deixou-se cair pesadamente sobre a cadeira, com o rosto contraído e gotas de suor na testa, procurando refazer-se.

— O senhor deve estar doente — observou Philip.

— É coisa sem importância.

Mas Philip notou que o pobre homem sofria, e ao terminar a hora perguntou se não seria preferível suspender as lições por algum tempo.

— Não — respondeu o velho, na sua voz baixa e firme. — Prefiro continuar enquanto for possível.

Philip, que se tornava morbidamente nervoso toda vez que tinha de fazer referência a dinheiro, enrubesceu.

— Mas será o mesmo para o senhor — explicou. — Continuarei pagando as lições. Se estivesse de acordo, eu lhe adiantaria o dinheiro da próxima semana.

*Monsieur* Ducroz cobrava dezoito *pence* pela hora. Philip tirou do bolso uma moeda de dez marcos e colocou-a, embaraçado, sobre a mesa. Não tinha coragem de oferecê-la como se o velho fosse um mendigo.

— Nesse caso acho que não voltarei até que consiga alguma melhora.

Apanhou a moeda e, com a cortesia de costume, despediu-se e saiu.

— *Bonjour, monsieur.*

Philip ficou vagamente desconcertado. Pensando ter praticado uma ação generosa, esperava que *monsieur* Ducroz fosse cumulá-lo de expressões de gratidão. Surpreendia-o o fato de o professor haver aceitado o presente como se tivesse direito a ele. Era tão jovem que ainda não sabia quão menor é o senso da obrigação por parte dos que recebem favores do que os que os prestam. *Monsieur* Ducroz tornou a aparecer cinco ou seis dias mais tarde. Cambaleava ainda mais e mostrava-se muito abatido, mas parecia ter vencido a fase aguda do ataque. Não veio mais comunicativo do que antes. Continuava misterioso, retraído e sujo. Só fez referência à doença que o assaltou ao terminar a lição. Ao retirar-se, já à porta, estacou de repente. Hesitava, como se sentisse dificuldade em falar.

— Se não fosse aquela moeda, teria morrido de fome. Foi a única coisa que me valeu.

Curvou-se, em seguida, numa reverência solene e obsequiosa, e partiu. Philip sentiu a garganta presa. Parecia-lhe agora que compreendia, de certo modo, a desesperada amargura do pobre velho: como a vida lhe era difícil, ao passo que para ele se mostrava tão agradável.

Fazia já três meses que Philip estava em Heidelberg quando, certa manhã, *Frau Erlin* anunciou-lhe que um inglês chamado Hayward iria hospedar-se lá, e na mesma noite, por ocasião da ceia, surgiu a nova figura. Os dias anteriores haviam sido de grande rebuliço. Em primeiro lugar, resultado não se sabe de que planos, à força de humildes súplicas e ameaças veladas, os pais do jovem inglês de quem *Fräulein* Thekla estava noiva convidaram-na a visitá-los na Inglaterra. A moça partiu, pois, levando um álbum de aquarelas com que mostrar as suas habilidades e uma pilha de cartas para revelar até que ponto o jovem se comprometera. Uma semana mais tarde *Fräulein* Hedwig, toda sorrisos, anunciava que o tenente dos seus afetos estava a caminho de Heidelberg em companhia dos pais. Cansados da insistência do filho e sensibilizados pelo dote que o pai de *Fräulein* Hedwig oferecia, eles consentiram em passar por Heidelberg a fim de conhecer a moça. O encontro foi satisfatório e *Fräulein* Hedwig teve o prazer de exhibir o noivo no *Stadtgarten*, a todos os hóspedes da pensão. As velhas e silenciosas senhoras que se sentavam à cabeceira da mesa, ao lado da mulher do professor, estavam agitadíssimas. Quando *Fräulein* Hedwig comunicou que devia embarcar imediatamente a fim de efetuar-se o noivado oficial, *Frau Erlin*, indiferente a despesas, prometeu servir um Maibowle. O professor Erlin orgulhava-se da sua perícia em preparar aquela suave mistura. Após o jantar a grande vasilha de vinho do Reno e soda, em que sobrenadavam ervas perfumadas e morangos silvestres, foi colocada solenemente sobre a mesa redonda da sala de visitas. *Fräulein* Ana meteu Philip à bulha por causa da partida de sua amada, e este se sentiu bem pouco à vontade e um tanto melancólico. *Fräulein* Hedwig interpretou várias canções, *Fräulein* Ana tocou a “Marcha nupcial” e o professor cantou *Die Wacht am Rhein*. Em meio de tanta alegria Philip não prestou muita atenção ao recém-chegado. Ocuparam lugares opostos durante a ceia, mas Philip conversava entretidamente com *Fräulein* Hedwig, e o novo hóspede, ignorando o alemão, fizera a refeição em silêncio. Tendo observado que o inglês usava gravata azul-desmaiada, Philip sentiu logo súbita antipatia

por ele. Era homem de uns vinte e seis anos, muito louro, com uma longa cabeleira ondulada pela qual passava freqüentemente a mão, num gesto negligente. Tinha olhos grandes e azuis, de um azul-pálido onde se lia um prematuro cansaço. Trazia o rosto escanhado e a boca, não obstante os lábios estreitos, era bem formada. *Fräulein* Ana, que se interessava por fisiognomonia, fez notar a Philip, mais tarde, como era bem delineado o crânio do rapaz e quão fraca era a parte inferior do rosto. A cabeça, disse ela, era de um pensador, mas os maxilares denotavam falta de caráter. Condenada a uma vida de solteirona, com os seus malares salientes e um grande nariz deformado, *Fräulein* Ana emprestava grande importância ao caráter. Enquanto comentavam as suas características, o rapaz se conservava afastado, observando as comemorações com uma expressão bem-humorada mas um tanto ou quanto desdenhosa. Era alto e esbelto. Tinha uma graça estudada. Weeks, um dos estudantes americanos, vendo-o só, foi-lhe ao encontro e dirigiu-lhe a palavra. Os dois contrastavam singularmente: o americano, impecável no seu casaco negro e calça de mescla, magro e ressequido, notando-se já em seus modos certa união eclesiástica; o inglês, metido num traje folgado de tweed, longilíneo, lento nos gestos.

Philip não conversou com o recém-chegado senão no dia seguinte. Encontraram-se a sós na sacada da sala de visitas, antes do jantar. Foi Hayward que lhe falou:

— É inglês, não?

— Sou.

— A comida aqui é sempre ruim como a de ontem à noite?

— É quase sempre a mesma.

— Detestável, não acha?

— Detestável.

Philip não achara nada que reparar na comida, havendo mesmo jantado bem, com apetite e prazer; não queria, porém, revelar falta de tato ao julgar boa uma refeição que outro considerava péssima.

A visita de *Fräulein* Thekla à Inglaterra aumentou os afazeres da irmã, que agora quase não arranjava tempo para os passeios de costume. *Fräulein* Cäcilie, com sua longa trança loura e o seu narizinho arrebitado, vinha ultimamente se tornando retraída. *Fräulein* Hedwig também se fora e Weeks, o americano que em geral as acompanhava em suas excursões, partira em viagem de recreio pelo Sul da Alemanha. Philip ficou, a bem dizer, sozinho. Hayward procurou

fazer amizade com ele, mas Philip possuía uma característica lamentável: por acanhamento ou talvez por uma herança atávica do homem das cavernas, sempre antipatizava com as pessoas ao primeiro contato. Só depois de um certo convívio é que se desvanecia a primeira impressão. Isso o tornava pouco acessível. Recebeu com timidez as tentativas de aproximação de Hayward e quando este, um dia, o convidou para um passeio, aceitou apenas porque não lhe ocorreu no momento uma desculpa cortês. Fez a observação de costume, irritado consigo mesmo por causa do rubor que não conseguia esconder. Riu para disfarçar.

— Sinto não poder caminhar muito depressa.

— Deus do céu! Não vamos apostar corrida. Prefiro ir devagar. Não se lembra do capítulo de *Marius* em que Pater se refere ao suave exercício do caminhar como o melhor incentivo à conversação?

Philip era bom ouvinte. Embora tivesse observações inteligentes a fazer, quase sempre deixava passar a oportunidade. Hayward, pelo contrário, era comunicativo. Qualquer pessoa com mais experiência que ele notaria que o rapaz gostava de ouvir a si próprio. Sua atitude superior impressionava Philip. Não podia deixar de admirar, e ao mesmo tempo temer, um homem que de certo modo desprezava tantas coisas que ele, Philip, considerava quase sagradas. Condenava o fetiche do exercício, estigmatizando com a palavra *pot-hunters*<sup>[5]</sup> todos aqueles que se dedicam à prática de suas várias modalidades. Philip não percebia que Hayward tratava apenas de substituí-lo pelo fetiche da cultura.

Subiram em direção ao castelo e sentaram-se no terraço sobranceiro à cidade, que se aninhava confortavelmente no fundo do vale, à margem do aprazível Neckar. A fumaça das chaminés pairava por sobre as casas, formando uma névoa azul-pálida. Os altos telhados e os campanários das igrejas davam-lhe interessante ar medieval. Tinha um aspecto acolhedor que alentava o coração. Hayward falou de *Richard Feverel* e *Madame Bovary*, de Verlaine, Dante e Matthew Arnold. Naquela época, a tradução de Omar Khayyam feita por Fitzgerald era conhecida apenas dos eleitos e Hayward recitou os quartetos para Philip. Gostava muito de recitar poesias, suas e alheias, o que fazia com uma cadência monótona. Ao voltarem para casa, a desconfiança de Philip pelo novo companheiro havia se transformado em entusiástica admiração.

Adquiriram o hábito de passear juntos todas as tardes e Philip passou a conhecer certos detalhes da vida de Hayward. Era filho de um juiz da província, por cuja morte, ocorrida pouco antes, herdara trezentas libras por ano. Seu curso em Charterhouse foi tão brilhante que, ao dirigir-se a Cambridge, o diretor do Trinity Hall afastou-se das normas para exprimir a satisfação que lhe causava o ingresso do jovem naquele colégio. Preparava-se para uma carreira de grande destaque. Convivia nos melhores círculos intelectuais, lia Browning com entusiasmo, fazia pouco em Tennyson. Conhecia em todos os detalhes o tratamento dispensado por Shelley a Harriet, fazia incursões na história da arte (nas paredes de seu quarto viam-se reproduções de quadros de G. F. Watts, Burne-Jones e Botticelli). Escrevia também, com bastante distinção, versos pessimistas. Seus amigos diziam-no um homem de elevados dons e Hayward ouvia-os de bom grado profetizar o seu futuro renome. Com o correr do tempo tornou-se uma autoridade no campo da arte e da literatura. Foi influenciado pela *Apologia*, de Newman. O pitoresco da fé católica agradava à sua sensibilidade estética; só o temor de seu pai (um homem rude, de idéias curtas, que lia Macaulay) o impedia de converter-se. Quando, no fim dos estudos, não conseguiu passar com distinção, os amigos mostraram-se surpresos; ele, porém, deu de ombros e insinuou delicadamente que não se deixava ofuscar pelos examinadores, dando a entender que formar-se com distinção era um tudo-nada vulgar. Descrevia, com tolerante bom humor, um dos exames orais: uma criatura entalada num colarinho incrível pusera-se a lhe fazer perguntas sobre lógica. Hayward sentiu profundo tédio, e de repente notou que o examinador usava botinas de elástico. Era grotesco e ridículo. Para afastar o pensamento daquilo, começou a refletir na beleza gótica da capela do King's College. Em compensação passara alguns dias encantadores em Cambridge; oferecera excelentes jantares e as discussões, em seus aposentos, foram muitas vezes memoráveis. Citou para Philip o delicioso epigrama:

— “Ouvi dizer, Herakleitus, ouvi dizer que havia morrido”.

Riu-se ao lhe repetir a pitoresca anedota do examinador e suas botinas.

— É claro que foi uma tolice — acrescentou —, mas uma tolice com algo de aproveitável.

Philip, vibrante de admiração, achava tudo magnífico.

De Cambridge, Hayward voltara a Londres a fim de preparar-se para a profissão de advogado. Alugou ótimos quartos em Clement's Inn, com

paredes forradas de madeira. Alimentava, então, ambições vagamente políticas, dando-se como um *Whig*. Foi indicado para um clube liberal, mas de ambiente distinto. Seu plano era praticar no Foro (escolhia a Alta Corte de Justiça como menos brutal) e conseguir a eleição para o Parlamento logo que fossem cumpridas as promessas que haviam lhe feito. Nesse meio-tempo freqüentou assiduamente a ópera e travou relações com um pequeno número de pessoas de gosto idêntico ao seu. Ingressou num *dining-club* cuja divisa era “O Integral, o Bom e o Belo” e cultivou platônica amizade por uma dama, de idade um pouco superior à sua, que vivia em Kensington Square. Quase todas as tardes tomava chá em sua companhia, à luz de velas, esbatida por pantalhas, e falava de George Meredith e Walter Pater. Era voz corrente que qualquer tolo conseguiria aprovação nos exames do Conselho da Ordem dos Advogados, e por isso os seus estudos foram realizados de maneira dilatória. Quando por fim foi reprovado, considerou isso uma afronta pessoal. Na mesma ocasião a dama de Kensington Square comunicou-lhe que seu marido regressava da Índia em licença; era um homem de idéias muito estreitas, embora digno de todo o respeito, e não compreenderia as freqüentes visitas de um jovem. Hayward sentiu que a vida era cheia de sordidez; sua alma revoltava-se ante a idéia de enfrentar novamente o cinismo dos examinadores. Via algo de esplêndido em dar um pontapé na oportunidade que se lhe apresentava. Estava, além disso, bastante endividado, pois era difícil viver como um *gentleman*, em Londres, com apenas trezentas libras por ano. Além disso, seu coração ansiava por Veneza e Florença, que John Ruskin tão maravilhosamente descrevera. Achava não ter sido talhado para as atividades vulgares do Foro, pois descobrira que não era bastante pregar uma placa à porta para conseguir causas; a política moderna, por outro lado, parecia pecar pela falta de nobreza. Julgava-se poeta. Abandonou, portanto, os aposentos da Clement's Inn e partiu para a Itália. Passara um inverno em Florença e outro em Roma e agora estava passando o verão na Alemanha a fim de ler Goethe no original.

Hayward possuía um dom precioso. Tinha grande senso literário e transmitia o seu ardor com admirável facilidade. Sabia colocar-se no ponto de vista de um escritor, apreciar o que ele tivesse de melhor e, em seguida, discutir-lhe a obra com perfeita compreensão. Philip tinha lido bastante, mas lido indiscriminadamente tudo o que lhe caía às mãos; dava graças a Deus, agora, por encontrar alguém que lhe orientasse o gosto. Tomou livros



emprestados à pequena biblioteca da cidade e começou a ler as maravilhas de que Hayward falara. Nem sempre lia com prazer, mas fazia-o com invariável perseverança. Ansiava por aperfeiçoamento. Sentia-se muito ignorante e humilde. Ao terminar agosto, quando Weeks voltou de seu giro pelo Sul da Alemanha, Philip estava completamente sob a influência de Hayward. Este não gostava de Weeks. Deplorava o casaco preto e a calça de mescla do americano, e referia-se com desdém à sua mentalidade de filho da Nova Inglaterra. Philip escutava com complacência essas observações injuriosas a respeito de um homem que o havia tratado com bondade, mas quando Weeks, por sua vez, fazia comentários desagradáveis a respeito de Hayward, ele se zangava.

— Seu novo amigo tem ar de poeta — dizia Weeks, com um leve sorriso nos lábios amargos.

— Pois é um poeta.

— Disse isso? Na América nós diríamos que é um bom exemplo de indivíduo inútil.

— Mas nós não estamos na América — retrucou Philip, friamente.

— Que idade tem ele? Vinte e cinco? E não faz nada a não ser viver nas pensões e escrever poesia?

— Você não o conhece — interrompeu-o Philip, com calor.

— Bem que o conheço. Tenho encontrado centenas de camaradas iguais a ele.

Os olhos de Weeks cintilaram, mas Philip, que não compreendia o humor americano, cerrou os lábios numa expressão severa. Para ele, Weeks parecia um homem de meia-idade, mas o certo é que tinha pouco mais de trinta anos. Possuía um corpo magro e comprido e as costas curvas de um letrado. A cabeça era grande e feia, os cabelos ralos, de um louro desmaiado, e a pele cor de terra. A boca fina e o nariz, também fino e comprido, emprestavam-lhe, juntamente com

a protuberância dos ossos frontais, um aspecto desgracioso. Era frio e preciso nos gestos, um homem sem ardor, sem paixão. Mas tinha uma veia de frivolidade que desconcertava as pessoas de espírito maduro cuja sociedade os seus instintos o levavam naturalmente a cultivar. Estudava teologia em Heidelberg, mas os outros estudantes de sua nacionalidade olhavam-no com desconfiança. Era muito pouco ortodoxo, o que os assustava; além disso, sua disposição caprichosa suscitava a desaprovação de todos.

— Por que diz que já conheceu centenas iguais a ele? — indagou Philip com seriedade.

— Encontrei-o no Quartier Latin, em Paris, e nas pensões de Berlim e de Munique. Vive nos pequenos hotéis de Perúgia e Assis. É visto às dúzias diante dos quadros de Botticelli, em Florença, e senta-se em todos os bancos da Capela Sistina, em Roma. Na Itália bebe vinho um pouco demais e na Alemanha bebe cerveja bastante demais. Sempre admira as coisas consagradas, sejam lá quais forem, e por estes dias vai principiar a escrever uma grande obra. Pensa bem. Há centenas de grandes obras a germinar nos cérebros de centenas de grandes homens, mas a trágica verdade é que nenhuma dessas centenas de grandes obras será jamais escrita. E o mundo continua a marchar da mesma forma.

Weeks falava com seriedade, mas seus olhos cintilavam de leve quando a longa explicação chegou ao fim. Philip corou ao notar que o americano zombava dele.

— Não há nexos no que você diz — retrucou, aborrecido.

Weeks ocupava dois pequenos cômodos nos fundos da casa de *Frau Erlin*, e um deles, transformado em sala, proporcionava bastante conforto às pessoas que convidava. Após a ceia, levado talvez pelo espírito endiabrado que fazia o desespero de seus amigos em Cambridge, em Massachusetts, quase sempre convidava Philip e Hayward para irem lá conversar um pouco. Recebia-os com toda a cortesia e insistia em que ocupassem as duas únicas cadeiras confortáveis que possuía. Embora não bebesse, colocava, com uma gentileza em que Philip reconhecia a ironia, duas garrafas de cerveja ao lado de Hayward, fazendo questão de acender um fósforo todas as vezes que, no ardor da discussão, o cachimbo do inglês se apagava. Logo depois de se conhecerem, como membro de uma universidade célebre, Hayward assumira uma atitude protetora com relação a Weeks, que se formara por Harvard. Quando, por acaso, a conversa se voltava para as tragédias gregas, assunto sobre o qual julgava falar com autoridade, Hayward assumia o ar de um homem a quem competia mais prestar esclarecimentos do que propriamente trocar idéias. Weeks, cortês, ouvia-o com um sorriso de modéstia, mas no fim fazia uma ou duas perguntas insidiosas, de aparência tão inocente que Hayward, sem perceber o dilema a que o conduziam, respondia complacentemente. Weeks discordava, corrigia-o e, após citar um comentador latino pouco conhecido, fazia referência a um autor alemão. Provava, dessa forma, ser um erudito. Com uma calma sorridente e o ar de quem pedia desculpas, Weeks lançava por terra todas as afirmações de Hayward, revelando polidamente o superficialismo de seus conhecimentos. Zombava dele com suave ironia. Philip não pôde deixar de ver que Hayward representava o papel de um verdadeiro bobo, sem ao menos procurar calar-se. Irritado, confiante em sua superioridade, fazia afirmações disparatadas que Weeks amistosamente corrigia, pondo em evidência o absurdo de seu raciocínio. O americano confessou, por fim, ter ensinado literatura grega na Universidade de Harvard. Hayward soltou uma gargalhada de desprezo.

— Era de esperar! — exclamou. — Sem dúvida lê o grego como mestre-escola. Eu o leio como poeta.

— E o acha mais poético quando não entende bem o significado das coisas que lê? Pensei que só em religião revelada as falsas traduções pudessem melhorar o sentido.

Por fim, tendo bebido o último copo de cerveja, Hayward deixou o quarto de Weeks, irritado, com os cabelos em desalinho. Disse, então, a Philip, com gesto iracundo:

— Que indivíduo pedante! Não sabe sentir o que seja realmente a beleza. A exatidão é virtude de escriturários. Devemos nos preocupar, sim, com o espírito dos gregos. Weeks assemelha-se àquele sujeito que foi ouvir Rubinstein e o acusou de dar várias notas em falso. Notas em falso! Que importância poderiam ter elas se tocava divinamente?

Como desconhecesse quantas pessoas incompetentes têm encontrado consolo nessas notas em falso, Philip mostrou-se muito impressionado.

Hayward era incapaz de resistir às oportunidades que Weeks lhe oferecia de recuperar o terreno perdido em discussões anteriores. Embora reconhecesse que a sua cultura era muito inferior à do americano, sua pertinácia britânica e sua vaidade ofendida (o que talvez seja a mesma coisa) impediam-no de renunciar à luta. Parecia sentir prazer em revelar a sua ignorância, sua presunção, sua teimosia. Toda vez que fazia qualquer afirmação destituída de lógica, Weeks, em poucas palavras, mostrava como era falso o seu raciocínio e, tendo deixado passar alguns segundos para gozar o triunfo conquistado, mudava rapidamente de assunto como se a caridade cristã o impelisse a poupar o inimigo vencido. Às vezes Philip procurava encaixar uma palavra em defesa do amigo, mas Weeks punha-o fora de combate com tanta brandura e tanta bondade — tão diversas do modo como respondia a Hayward — que o próprio Philip, com a sua sensibilidade excessiva, não podia sentir-se magoado. De quando em quando, perdendo a calma ao perceber o ridículo em que caía, Hayward tornava-se ofensivo, e só o sorriso polido de Weeks impedia que a discussão degenerasse em briga. Nessas ocasiões, ao abandonar os aposentos de Weeks, o inglês resmungava, colérico:

— Ianque dos diabos!

Ficava tudo resolvido. Era a resposta ideal a um argumento que parecera impossível de responder.

Embora começassem por discutir no quarto de Weeks os mais variados assuntos, a conversa quase sempre se desviava para a religião. O estudante de teologia tinha por ela um interesse profissional e Hayward recebia de braços abertos um tópico em que não havia perigo de se ver desconcertado pela dureza dos fatos. Quando o sentimento é o estalão por que se medem todas as coisas, pode-se desdenhar da lógica, o que é muito agradável para os espíritos ilógicos. O inglês encontrava dificuldade em explicar a Philip as suas crenças sem utilizar-se de um verdadeiro rio de palavras, mas ficou patente (e isso concordava com as idéias de Philip sobre a ordem natural das coisas) que havia sido criado dentro dos preceitos da religião oficial. Embora já tivesse renunciado ao propósito de converter-se ao catolicismo romano, olhava-o ainda com certa simpatia. Encontrava muito que dizer em seu favor, comparando-lhe o cerimonial suntuoso com os simples ofícios da Igreja Anglicana. Emprestou a Philip a *Apologia*, de Newman. Mesmo julgando-o enfadonho, Philip conseguiu ler o livro até o fim.

— Vale pelo estilo e não pelo conteúdo — esclareceu Hayward.

Referia-se entusiasticamente à música do Oratório e dizia coisas encantadoras a respeito da relação entre o incenso e o espírito da devoção. Weeks ouvia-o com o seu sorriso frígido.

— Achas que, pelo fato de John Henry Newman ter escrito em bom inglês e do cardeal Manning possuir pitoresca aparência, esteja provada a verdade do catolicismo romano?

Hayward dava a entender que havia passado por grande provação espiritual. Tateara nas trevas durante mais de um ano. Correndo os dedos por entre os cabelos ondulados, declarava que nem por quinhentas libras seria capaz de suportar outra vez essas torturas. Felizmente acabara encontrando a luz.

— Mas em que acredita? — indagou Philip, que nunca se contentava com afirmações vagas.

— Acredito no Integral, no Bom e no Belo.

Ao pronunciar estas palavras, com a bela cabeça erguida, Hayward assumia uma atitude.

— É assim que definiria a sua religião numa ficha de recenseamento? — perguntou Weeks, em tom suave.

— Detesto as definições rígidas. São muito feias, muito óbvias. Se quiser, direi que acredito na Igreja do duque de Wellington e de Gladstone.

— É a Igreja Anglicana — interpôs Philip.

— Oh, que jovem inteligente — retorquiu Hayward com um sorriso que fez corar as faces de Philip, pois sentiu que cometera uma vulgaridade, colocando em palavras simples o que o outro havia expressado por uma paráfrase. — Pertença à Igreja Anglicana, mas adoro o ouro e a seda que cobrem o sacerdote de Roma, adoro o celibato, o confessionário, o purgatório. Na obscuridade de uma catedral italiana, misteriosa, impregnada de incenso, acredito, com todo o fervor, no milagre da missa. Vi, em Veneza, uma pescadora chegar, com os pés descalços, pousar a cesta de peixes e dirigir, de joelhos, uma oração à Madona. Senti que ali estava a verdadeira fé, e por isso orei com ela, unido da mesma crença. Mas acredito, também, em Afrodite e Apolo e no grande deus Pã.

Tinha uma voz encantadora e rebuscava as palavras antes de falar. Pronunciava-as num tom quase ritmado. Teria prosseguido se Weeks não o interrompesse para abrir uma segunda garrafa de cerveja.

— Deixe que eu lhe sirva algo para beber.

Hayward voltou-se para Philip com o gesto ligeiramente condescendente que tanto impressionava o rapaz:

— Está satisfeito agora?

Um tanto ou quanto desorientado, Philip confessou que sim.

— Lamento que não tenha acrescentado um pouco de budismo — atalhou Weeks. — Confesso também alimentar uma espécie de simpatia por Maomé. É pena que você tenha se esquecido dele.

Hayward riu, pois sentia-se bem-humorado naquela noite e a vibração de suas frases ainda lhe soava agradavelmente aos ouvidos. Esvaziou o copo.

— Não esperava que me compreendesse — respondeu. — Com sua fria inteligência americana, só pode assumir uma atitude crítica. Emerson e coisas parecidas. Mas que é a crítica? A crítica é puramente destrutiva. Qualquer pessoa sabe destruir, mas nem todas sabem construir. Você é um pedante, meu caro amigo. O que importa é construir. Eu, de minha parte, construo: sou poeta.

Weeks contemplava-o com olhos que pareciam sérios mas que, no entanto, sorriam gostosamente.

— Me perdoe a expressão, mas diria que você está um pouco embriagado.

— Nada disso — respondeu Hayward alegremente. — De qualquer forma, a embriaguez não me impossibilita de derrotá-lo na discussão. Bem, já

revelei minha alma. Agora conte-nos qual é a sua religião.

Weeks inclinou a cabeça para o lado, como um pardal no poleiro.

— Há anos procuro chegar a uma conclusão nesse sentido. Acho que sou unitarista.

— Mas isso é ser dissidente — observou Philip.

Não pôde compreender por que razão ambos se puseram a rir, Hayward homericamente e Weeks com um cômico risinho gutural.

— E na Inglaterra os dissidentes não são *gentlemen*, não é? — inquiriu Weeks.

— Bem, se quer saber, o fato é que não são — respondeu Philip, um tanto ou quanto aborrecido.

Não suportava que rissem dele e os dois tornaram a fazê-lo.

— Quer me explicar o que vem a ser um *gentleman*? — perguntou Weeks.

— Que pergunta! Qualquer pessoa sabe o que é um *gentleman*.

— Você é um *gentleman*?

Philip nunca alimentara dúvidas a respeito, mas sentia que ficaria feio afirmar tal coisa de si mesmo:

— Quando um homem diz que é um *gentleman* pode estar certo de que não o é — retorquiu.

— E eu, seria um *gentleman*?

O amor de Philip à verdade dificultou de certo modo a resposta, pois era cortês por natureza.

— Bem, você é diferente — disse ele. — É americano, não é?

— Podemos então concluir que só os ingleses são *gentlemen* — voltou Weeks, com gravidade.

Philip não o contradisse.

— Poderia fornecer-me mais algumas particularidades? — indagou Weeks.

Philip corou, mas, com a cólera, pouco lhe importava expor-se ao ridículo.

— Posso dar uma dezenas delas — respondeu, lembrando-se de que seu tio afirmava serem necessárias três gerações para se formar um *gentlemen*. Era como o provérbio que diz: “Não se pode fazer uma bolsa de seda com uma orelha de porco”. — Antes de mais nada, o *gentleman* é filho de *gentleman*, esteve numa escola secundária freqüentada por filhos de boas famílias, passando depois por Oxford ou Cambridge.

— Edimburgo não serviria, suponho? — perguntou Weeks.

— Além disso, fala inglês como um *gentleman*, usa as coisas que convêm, e quem é *gentleman* sabe sempre reconhecer os que também o são.

O próprio Philip achava a explicação bastante fraca, mas, de qualquer forma, havia expressado o que ele e todos os seus conhecidos entendiam por *gentleman*.

— É evidente que eu não sou um *gentleman* — disse Weeks. — Não sei por que se surpreende tanto com o fato de eu ser um dissidente.

— Confesso que não sei com exatidão o que significa a palavra unitarista — adiantou Philip.

Weeks inclinou novamente a cabeça, com aquele seu modo tão original. Chegava-se quase a esperar que começasse a gorjear de um momento para outro.

— Um unitarista muito seriamente não acredita em quase nada daquilo que constitui a crença dos outros, guardando, por outro lado, uma fé inabalável em algo que não sabe bem o que seja.

— Não vejo razão para caçoar de mim — queixou-se Philip. — Quero saber, sinceramente.

— Meu caro amigo, não estou caçoando de você. Cheguei a essa conclusão após anos de grande labor e de estudos que me arrasaram os nervos.

Quando Philip e Hayward se levantaram para sair, Weeks entregou ao primeiro um pequeno livro brochurado.

— Creio que já sabe ler o francês muito bem. Talvez isto lhe agrade.

Philip agradeceu e, apanhando o livro, olhou para o título. Era a *Vie de Jésus*, de Renan.



Nem Hayward nem Weeks imaginavam que essas conversas em que se entretinham durante as noites de ócio eram depois esmiuçadas pelo cérebro ativo de Philip. Nunca lhe ocorrera, antes, ser a religião um assunto que comportasse discussão. Para ele a religião se resumia à Igreja Anglicana, e não acreditar nos seus ensinamentos era um sinal de capricho e teimosia que não podia deixar de receber o merecido castigo, neste mundo ou noutro. Alimentava, contudo, certas dúvidas quanto ao gênero de castigo que sofreriam os incrédulos. Podia ser que um juiz misericordioso, reservando as chamas do inferno para os pagãos — maometanos, budistas etc. —, poupasse, no entanto, os dissidentes e os católicos romanos (embora viessem a sofrer horrível humilhação, mais tarde, ao reconhecerem o erro em que haviam caído!); era também possível que Ele se mostrasse condescendente para com aqueles que não tivessem tido ensejo de conhecer a verdade — se bem que o número de tais criaturas devesse ser muito reduzido, dadas as atividades da Sociedade Missionária. Se tivessem tido esse ensejo, porém, e o tivessem desprezado — categoria essa em que estavam incluídos, é claro, os católicos romanos e os dissidentes —, o castigo seria inevitável e bem merecido. Era evidente que o incrédulo encontrava-se num estado perigoso. Talvez não lhe houvessem dito *ipsis verbis*, mas o certo é que deram a Philip a impressão de que só os adeptos da Igreja Anglicana podiam aspirar à felicidade eterna.

Uma das afirmações categóricas que lhe fizeram foi a de que o descrente é um homem perverso e viciado. Weeks, entretanto, embora não depositasse fé em nada do que Philip acreditava, levava uma vida de pureza cristã. Philip raras vezes encontrara quem se mostrasse bondoso para com ele, e por isso o comovia o desejo que tinha o americano de auxiliá-lo. Certa vez, durante um resfriado que o prendeu na cama por mais de três dias, Weeks o tratou como o faria uma mãe. Não havia nele vício nem maldade: havia apenas sinceridade e amor ao próximo. Era possível, por conseguinte, ser virtuoso e descrente ao mesmo tempo.

Haviam dado a entender a Philip, igualmente, que as pessoas se faziam adeptas de outros credos apenas por obstinação ou interesse pessoal. Intimamente, todas tinham consciência da falsidade deles, procurando por todos os meios iludir os outros. Visando aperfeiçoar o seu alemão, Philip formara o hábito de assistir todos os domingos ao ofício luterano, mas após a chegada de Hayward passou a acompanhá-lo à missa. Observou que, enquanto a igreja protestante se apresentava quase vazia e a congregação parecia desatenta, o templo dos jesuítas estava sempre apinhado de fiéis, que se entregavam com todo fervor às suas orações. Não tinham aparência de hipócritas. Esse contraste o surpreendeu bastante, pois sabia que os luteranos, cuja fé se assemelhava mais à da Igreja Anglicana, estavam, por essa razão, mais próximos da verdade que os católicos romanos. A maioria dos homens — a congregação era quase totalmente masculina — compunha-se de alemães do Sul, e Philip pensava consigo mesmo que, se tivesse nascido no Sul da Alemanha, seria naturalmente católico romano. Por outro lado, tanto podia ter nascido numa nação católica, como na Inglaterra. Na própria Inglaterra, tanto podia pertencer a uma família wesleyana, batista ou metodista, como à sua que felizmente professava a religião oficial. Sentia-se atemorizado ante o perigo que correra. Philip fizera amizade com o chinês que se sentava à mesa com ele, duas vezes por dia. Chamava-se Sung. Mostrava-se sempre sorridente, afável e polido. Era estranho que estivesse condenado a arder no inferno pelo simples fato de ser chinês. Mas se a salvação fosse possível independentemente da fé que o homem alimentasse, não haveria nenhuma vantagem especial em pertencer à Igreja Anglicana.

Cheio de perplexidade, Philip resolveu sondar Weeks. Teve que usar de cautela, pois era muito sensível ao ridículo e o humor acre com que o americano se referia à Igreja Anglicana desconcertava sobremodo. Weeks confundiu-o ainda mais. Fez Philip reconhecer que aqueles alemães da igreja dos jesuítas estavam tão firmemente convencidos da verdade do catolicismo romano quanto ele estava com relação à Igreja Anglicana, e daí levou-o a admitir que os maometanos e budistas estavam também convencidos da verdade de suas respectivas religiões. Seria possível dizer que a consciência da verdade nada significava: todos tinham a certeza de estarem com a razão. Weeks não pretendia destruir a crença do rapaz, mas sentia grande interesse pela religião e considerava-a um assunto absorvente. Descrevera acertadamente o seu ponto de vista quando afirmara não acreditar em nada

daquilo que constituía a crença dos outros. De uma feita Philip fez-lhe uma pergunta que ouvira de seu tio, no vicariato, por ocasião de uma conversa sobre certa obra moderadamente racionalista que andava provocando discussões pelos jornais.

— Mas por que razão a verdade estaria com você, e não com homens como Santo Anselmo e Santo Agostinho?

— Quer dizer que eles foram homens inteligentes e cultos, ao passo que tem muitas dúvidas quanto aos meus predicados intelectuais, não é assim?

— É — respondeu Philip num tom de incerteza, pois feita daquela forma sua pergunta parecia impertinente.

— Santo Agostinho acreditava que a Terra fosse chata e que o Sol girasse em torno dela.

— Não vejo o que isso possa provar.

— Ora, prova que cada um tem as crenças da sua época. Seus santos viveram numa era de fé, quando era praticamente impossível deixar de acreditar em coisas que hoje nos parecem positivamente inacreditáveis.

— Então, como sabe que agora sabemos a verdade?

— Mas eu não sei!

Philip refletiu um instante eolveu:

— Não vejo razão para que as coisas em que acreditamos hoje não sejam tão erradas como aquelas em que se acreditava no passado.

— Nem eu.

— Então como pode acreditar no que quer que seja?

— Não sei dizer.

Philip perguntou a Weeks o que achava da religião de Hayward.

— Os homens sempre imaginaram os deuses segundo sua própria imagem — disse Weeks. — Hayward acredita no pitoresco.

Após pequena pausa, Philip observou:

— Afinal, não compreendo por que se deva acreditar em Deus.

Mal as palavras lhe haviam saído da boca, concluiu que perdera a fé. Ficou sem fôlego de repente, como se houvesse mergulhado em água fria. Voltou-se para Weeks, com olhos espantados, e de súbito teve medo. Na primeira oportunidade despediu-se do amigo. Queria ficar sozinho. Era a coisa mais extraordinária que já tinha lhe acontecido. Tentou refletir; aquilo era emocionante, uma vez que o caso parecia interessar toda a sua vida (julgava que qualquer decisão nesse terreno alteraria profundamente o curso da sua

existência) e um erro poderia conduzir à condenação eterna. Quanto mais refletia, porém, mais reforçava a sua convicção, e embora durante as semanas que se seguiram devorasse livros de tendências céticas, não o fez senão para confirmar aquilo que sentia instintivamente. O fato é que cessara de acreditar não por esta ou aquela razão, mas porque lhe faltava o temperamento religioso. A fé lhe fora inculcada do exterior. Era uma questão de ambiente e exemplo. Novo ambiente e novo exemplo proporcionavam-lhe, agora, a oportunidade de encontrar-se a si próprio. Descartava-se facilmente da crença que alimentara em criança, como uma capa de que não mais necessitasse. A princípio a vida lhe pareceu estranha e solitária sem a fé que, embora nunca o tivesse percebido, representava um apoio infalível. Sentia-se como um homem que, acostumado a andar apoiado ao bastão, fosse de repente compelido a dispensá-lo. Parecia, realmente, que os dias eram mais frios e as noites, mais tristonhas. A novidade da sensação animava-o, entretanto, parecia transformar-lhe a vida numa aventura emocionante. Em pouco tempo o bastão que jogara longe e a capa que lhe caíra dos ombros assemelhavam-se a um fardo insuportável de que tivesse sido aliviado. As práticas religiosas que durante tantos anos lhe foram impostas afiguravam-se-lhe partes integrantes da própria religião. Lembrou-se das coletas e epístolas que fora obrigado a decorar, e dos prolongados ofícios na catedral, a que assistia sentado, com as pernas e os braços a ansiar por movimento. Lembrou-se das caminhadas à noite, através de estradas lamacentas, em direção à matriz de Blackstable, austero e desolado edifício. Oh!, como aquilo tudo o enfasiava! Seu coração saltava de alegria ao ver que agora estava livre daquelas maças.

Admirava-se de ter se desvencilhado da crença com tanta facilidade e, ignorando que tudo tivera origem nos processos sutis de sua natureza íntima, atribuía à sua própria faculdade de raciocínio a convicção inabalável a que chegara. Experimentava grande contentamento. Com a falta de simpatia que a mocidade revela por atitudes diferentes da sua, Philip desprezava Weaks e Hayward por se contentarem com a vaga emoção a que davam o nome de Deus, sem coragem de darem o passo final que a ele pareceu tão simples. Certo dia subiu, sozinho, a uma colina para descortinar uma vista que, não sabia por que razão, sempre o inundava de sensações eufóricas. Era então outono, mas os dias ainda se apresentavam quase sempre sem nuvens e o céu parecia brilhar com mais esplendor. Era como se a natureza procurasse aumentar a magnificência dos últimos dias de bom tempo. Olhou para a

planície, lá embaixo, reverberando ao sol numa extensão infinita; à distância viam-se os telhados de Mannheim e muito além os contornos mal delineados de Worms. Aqui e ali o Reno cintilava num reflexo penetrante. Toda aquela vastidão estava impregnada de pura luz dourada. Com o coração a bater de alegria, Philip lembrou-se de como Satanás mostrara a Jesus, do alto de um monte, os reinos da Terra. Inebriado pela beleza do cenário, parecia-lhe que o mundo inteiro se estendia diante dele; estava ansioso por descer e desfrutá-lo. Sentia-se livre de temores degradantes, livre de preconceitos. Poderia seguir o seu caminho sem o insuportável medo dos fogos do inferno. De repente verificou ter se descartado também daquela responsabilidade que transformava todas as ações de sua vida em questões de premente importância. Respirava mais livremente numa atmosfera menos carregada. Só a si mesmo tinha que dar satisfação do que fizesse. Liberdade! Era, afinal, senhor de si próprio. Obedecendo ao velho hábito, agradeceu inconscientemente a Deus por não mais acreditar n'Ele.

Embragado de orgulho ante a sua inteligência e destemor, Philip iniciou uma nova vida, cheia de entusiasmo. Mas a perda da fé ocasionou em sua conduta uma mudança menor do que esperava. Embora tivesse repellido os dogmas cristãos, nunca lhe ocorreu criticar a ética cristã; aceitava as virtudes cristãs e na verdade achava louvável praticá-las desinteressadamente, sem aspirar a recompensa ou castigo. Na casa de *Frau* Erlin havia pouca oportunidade para demonstrações de heroísmo, mas Philip tornou-se um pouco mais verdadeiro do que costumava ser, mostrando-se, por outro lado, atencioso com as senhoras idosas e insípidas que às vezes travavam conversa com ele. Desprezava agora os adjetivos violentos e as imprecizações eufemísticas que caracterizam o idioma inglês e que ele cultivara antes como símbolo de masculinidade.

Após resolver satisfatoriamente a questão, procurou apagá-la da memória, o que não foi muito fácil, entretanto. Não podia esquivar-se às saudades nem sufocar as apreensões que por vezes o atormentavam. Era tão jovem, e tinha tão poucos amigos, que a imortalidade não lhe parecia muito atraente, e por isso deixou também de acreditar nela. Havia, porém, uma coisa que o martirizava. Dizia consigo mesmo não estar sendo razoável e procurava afastar aquele estado de alma olhando-o pelo lado cômico. Mas as lágrimas rolavam-lhe dos olhos ao pensar que nunca mais veria sua linda mãe, cujo amor por ele, após a sua morte, se tornava mais precioso à medida que os anos corriam. Às

vezes, como se sofresse inconscientemente a influência de inúmeros antepassados devotos, deixava-se tomar de grande pânico, receoso de que tudo fosse, afinal, verdadeiro e existisse mesmo lá em cima, por trás do céu azul um Deus ciumento que punisse os ateus com as chamas eternas. Nessas ocasiões a razão não lhe vinha em socorro. Imaginava a angústia de um tormento físico interminável, sentia-se transido de medo e o suor brotava-lhe por todos os poros. Por fim, desesperado, exclamava consigo mesmo: “Afinal de contas, não tenho culpa alguma. Não posso obrigar-me a crer. Se existe mesmo um Deus que queira punir-me pela falta de fé, paciência. Que hei de fazer?”.

Chegara o inverno. Weeks foi a Berlim assistir às preleções de Paulssen, e Hayward começou a fazer planos de uma viagem ao Sul. O teatro local abriu as portas. Philip e Hayward freqüentavam-no duas ou três vezes por semana com a louvável intenção de melhorarem os seus conhecimentos de alemão. Para Philip esse método era muito mais divertido do que ouvir sermões. O drama passava, nessa época, por uma espécie de renascimento. Várias peças de Ibsen foram incluídas no repertório de inverno. *Die Ehre*, de Sudermann, era nessa época uma peça nova, e a sua apresentação na tranqüila cidade universitária provocou indizível alvoroço; era imoderadamente elogiada e ao mesmo tempo combatida sem dó nem piedade. Seguiram-se outros dramaturgos, com peças escritas sob a influência moderna, e Philip assistiu a uma série de obras em que a vileza humana era posta em evidência. Nunca, na sua vida, havia visto uma representação teatral. Humildes companhias passavam, às vezes, por Blackstable, mas o vigário, já em virtude de sua profissão, já porque considerasse aquilo uma coisa vulgar, nunca ia aos espetáculos. Philip foi tomado pela paixão do teatro. Vibrava de emoção ao penetrar no velho teatrinho mal iluminado. Em pouco tempo descobriu todas as peculiaridades da pequena companhia, e pela distribuição dos papéis sabia dizer quais as características das figuras encarnadas. Isso, entretanto, não fazia diferença alguma. Para ele, era a vida real. Uma vida estranha, sombria e torturada, em que homens e mulheres revelavam a maldade que lhes ia nos corações. Um lindo rosto escondia um espírito depravado; os virtuosos se utilizavam da virtude como máscara para ocultar seus vícios secretos; os que pareciam fortes desmaiavam intimamente de fraqueza; os honestos eram corruptos e os castos libidinosos. Tinha-se a impressão de um quarto onde, na noite anterior, desenfreada orgia tivera lugar: as janelas não haviam sido abertas e o ar estava impregnado de cerveja, fumo e gás de iluminação. Não se ouvia riso na platéia. Quando muito, havia quem sorrisse escarninhamente do hipócrita ou do tolo. Os personagens expressavam-se por palavras cruéis que pareciam arrancadas de seus corações pela vergonha e pela angústia.

Philip deixou-se arrebatado pela sórdida intensidade do drama. Parecia contemplar um novo ângulo do mundo, ansiando explorá-lo sem demora. Ao terminar a representação, dirigia-se a uma taverna e sentava-se com Hayward ao pé do fogo, a fim de comerem um sanduíche e beberem uma garrafa de cerveja. Ao redor viam-se grupos de estudantes que conversavam e riam. Aqui e além, uma família: pai, mãe, dois filhos e uma filha; às vezes a menina dizia qualquer coisa engraçada e o pai, recostando-se na cadeira, soltava sonora gargalhada. Era tudo tão inocente e amistoso. A cena sugeria o agradável aconchego do lar, mas Philip não via nada disso. Seus pensamentos convergiam para a peça a que acabara de assistir.

— Sente-se que aquilo é a vida real, não é mesmo? — disse, cheio de agitação. — Não posso permanecer aqui por mais tempo. Quero ir para Londres e iniciar a vida de verdade. Quero ter aventuras. Estou cansado de me preparar para a vida: quero vivê-la agora.

Às vezes Hayward deixava que Philip voltasse só para casa. Nunca respondia às perguntas ansiosas que o rapaz lhe fazia. Com um sorriso jovial e um tanto ou quanto estúpido, entretanto, fazia insinuações sobre amores românticos; citou algumas linhas de Rossetti e certa vez mostrou a Philip um soneto em que havia paixão, pessimismo e sentimento, a respeito de uma jovem chamada Trude. Hayward envolvia suas aventuras sórdidas e vulgares numa auréola de poesia, imaginando andar às mãos dadas com Péricles e Fídias só porque, para descrever o objeto de suas atenções, utilizava-se da palavra *hetera*, em vez de recorrer aos termos mais rudes e apropriados que oferece o idioma inglês. Durante o dia, levado por mera curiosidade, Philip passou pela pequena rua de casas brancas e postigos verdes onde, de acordo com as informações de Hayward, morava *Fräulein* Trude. Mas as mulheres de rostos brutais e faces pintadas que apareceram às portas e chamaram por ele encheram-no de medo. Fugiu, horrorizado, das ásperas mãos que procuravam detê-lo. Ansiava por aventuras e sentia-se ridículo por não ter ainda, na sua idade, experimentado aquilo que a ficção lhe ensinara ser a coisa mais importante da vida. Possuía, no entanto, o dom infeliz de ver tudo como na verdade era, e a realidade diferia terrivelmente do ideal de seus sonhos.

Não sabia como é vasto, árido e escarpado o país que o viajante da vida tem de atravessar para poder aceitar a realidade. É uma ilusão pensar que a mocidade seja feliz, uma ilusão daqueles que a perderam. Os jovens sabem que são miseráveis, pois alimentam os falsos ideais que lhes foram inculcados e



todas as vezes que entram em contato com o real sentem-se magoados e contundidos. São como vítimas de uma conspiração. Os livros que lêem, livros ideais pela necessidade de seleção, e a conversa dos mais velhos, que olham para o passado através da nuvem rosada do esquecimento, preparam-nos para uma vida irreal. São obrigados a descobrir por si próprios que tudo o que leram e tudo o que lhes ensinaram é mentira, mentira, pura mentira. Cada nova descoberta é mais um prego que lhes fixa o corpo à cruz da vida. O estranho é que as próprias pessoas que sofreram esses amargos desenganos trabalham inconscientemente, movidas por irresistível força íntima, para criar essa mesma atmosfera. A companhia de Hayward era a pior coisa que Philip podia ter encontrado. Era um homem que não sabia ver nada com seus próprios olhos, e sim através do prisma literário, um homem perigoso porque se iludira a si mesmo a ponto de se tornar sincero. Confundia honestamente seu sensualismo com emoção romântica, sua indecisão com temperamento artístico e seu ócio com calma filosófica. Seu espírito, vulgar apesar da ânsia de perfeição, via tudo com dimensões maiores do que as da realidade e os contornos apareciam mal definidos, imersos na névoa dourada do sentimentalismo. Mentia e no entanto nunca sabia que mentia. Quando lhe chamavam a atenção para isso, dizia que as mentiras eram belas. Era um idealista.

Philip andava inquieto e descontente. As alusões poéticas de Hayward perturbavam-lhe a imaginação e sua alma ansiava por aventuras amorosas. Pelo menos era o que ele acreditava.

Em casa de *Frau* Erlin estava ocorrendo qualquer coisa que aumentou as preocupações de Philip no terreno do sexo. Duas ou três vezes, passeando pelas colinas, encontrara *Fräulein* Cäcilie a perambular sozinha. Cumprimentava-a, ao cruzarem-se, e pouco adiante encontrava o chinês. Não ligou maior importância ao incidente, mas voltando para casa, certa noite, avistou duas pessoas que caminhavam bem juntinhas uma da outra. Ao ouvirem passos, separaram-se rapidamente, mas embora não fosse possível distinguir com clareza, Philip seria capaz de jurar que se tratava de Cäcilie e *Herr* Sung. A repentina separação dos dois sugeria que caminhavam de braços dados. Philip ficou perplexo e surpreso. Nunca havia dado muita atenção a *Fräulein* Cäcilie. Era uma moça comum, de rosto quadrangular e feições grosseiras. Devia ter, no máximo, dezesseis anos, pois ainda usava os cabelos louros enrolados em trança. Nessa noite, por ocasião da ceia, olhou-a com curiosidade. Embora, ultimamente, pouco falasse às refeições, Cäcilie perguntou-lhe:

— Por onde passeou hoje, *Herr* Carey?

— Subi o Königstuhl.

— Não saí — disse ela. — Estava com uma terrível dor de cabeça.

O chinês, sentado ao seu lado, voltou-se de repente.

— Sinto muito. Espero que a indisposição tenha passado.

*Fräulein* Cäcilie parecia estar inquieta.

— Encontrou alguém no caminho? — perguntou.

Philip corou ao ter de inventar uma mentira.

— Não. Não encontrei viva alma.

Julgou notar uma expressão de alívio nos olhos dela.

Dentro em pouco, porém, não havia mais dúvidas sobre as relações entre os dois, uma vez que várias pessoas os surpreenderam em recantos escuros da

casa. As senhoras idosas, sentadas à cabeceira da mesa, puseram-se a comentar aquilo que já assumia as proporções de um escândalo. *Frau* Erlin mostrava-se irritada e atormentada. Fizera o possível para ignorar tudo. O inverno estava próximo e nessa época a pensão nunca se conservava lotada como no verão. *Herr* Sung era um bom hóspede: ocupava dois quartos no andar térreo e bebia uma garrafa de Mosela em cada refeição. *Frau* Erlin lucrava bastante com isso, pois cobrava-lhe três marcos por garrafa. Nenhum outro hóspede bebia vinho e alguns nem mesmo cerveja eram capazes de consumir. Não queria perder *Fräulein* Cäcilie, também, cujos pais negociavam na América do Sul e pagavam-lhe bem pela manutenção da moça. Se, por outro lado, escrevesse ao tio desta, que residia em Berlim, tinha certeza de que ele a mandaria buscar imediatamente. Contentava-se em lançar-lhes olhares severos durante as refeições e, conquanto não ousasse ser rude para com o chinês, sentia certa satisfação em tratar Cäcilie indelicadamente. Mas as três senhoras idosas não se davam por contentes. Duas eram viúvas e a outra, uma holandesa, era uma solteirona de aspecto masculino. Pagavam irrisória quantia na pensão e davam muito que fazer, mas eram hóspedes permanentes e portanto tinham que ser suportadas. Dirigiram-se à dona da casa e disseram que era preciso tomar uma providência qualquer. Aquilo era vergonhoso e comprometia a reputação do estabelecimento. *Frau* Erlin experimentou a obstinação, a raiva, as lágrimas, mas as três velhas não a deixavam em paz. De repente, enchendo-se de virtuosa indignação, resolveu pôr fim à história toda.

Após o almoço, levou Cäcilie para o quarto e falou-lhe seriamente. Ficou perplexa, entretanto, quando a moça assumiu uma atitude atrevida. Faria o que bem entendesse, e se passeava com o chinês ninguém tinha nada a ver com isso. *Frau* Erlin ameaçou, então, queixar-se ao tio de Cäcilie.

— Tanto melhor para mim. O tio Heinrich arranjará uma família com quem eu possa ficar em Berlim, durante o inverno, e *Herr* Sung virá, depois, para junto de mim.

*Frau* Erlin pôs-se a chorar. As lágrimas rolavam-lhe pelas faces grossas e vermelhas, provocando o riso de Cäcilie.

— Isso significará três quartos vagos durante todo o inverno — disse ela.

A dona da casa experimentou, então, outro plano. Apelou para os melhores sentimentos de *Fräulein* Cäcilie: foi bondosa, sensata, tolerante. Passou a tratá-la não mais como criança, mas como mulher feita. O namoro, em si, não apresentava nada de mais, mas namorar um chinês, de pele amarela,

nariz chato e olhinhos de porco! Que coisa horrível! Dava engulhos só de pensar em tal.

— *Bitte, bitte* — exclamou Cäcilie, respirando fundo. — Não permito que se fale mal dele.

— Não é coisa séria, não? — disse *Frau Erlin*, consternada.

— Eu o amo. Eu o amo. Eu o amo.

— *Gott in Himmel!*

*Frau Erlin* encarou a moça com uma surpresa horrorizada. Julgava que se tratasse apenas de uma travessura infantil, uma brincadeira inocente, mas o calor da voz dela revelava tudo. Cäcilie fitou-a por um instante, com os olhos inflamados, e, após sacudir os ombros, retirou-se do quarto.

*Frau Erlin* guardou segredo sobre os detalhes da entrevista, e dois dias depois modificou a disposição dos lugares na sala de jantar. Convidou *Herr Sung* a sentar-se a seu lado, na extremidade da mesa, o que ele aceitou de bom grado, com a sua indefectível polidez. Cäcilie mostrou-se indiferente à mudança. Agora, porém, como se o fato de todos ali saberem de seu namoro os tornasse ainda mais indiscretos, passeavam juntos, todas as tardes, de colina em colina. Via-se logo que pouco lhes importava o que pudessem dizer. Por fim até a placidez do professor foi atingida. Insistiu com a esposa para que falasse ao chinês. *Frau Erlin* levou-o para um canto, por sua vez, e passou-lhe um sermão: estava arruinando a reputação da moça; arruinando a reputação da casa; sua conduta era má e perversa. *Herr Sung*, porém, sorrindo sempre, negava tudo. Não sabia do que se tratava; não dava atenção nenhuma a *Fräulein Cäcilie* e nunca passara com ela. Era tudo mentira, pura calúnia!

— *Ach, Herr Sung*, como pode o senhor afirmar uma coisa destas? Já os viram juntos tantas vezes!

— Não. A senhora está enganada. É pura mentira.

Olhava para ela com um sorriso interminável que mostrava seus lindos dentes brancos. Mantinha-se perfeitamente calmo. Negou tudo. Negou com amável descaramento. Por fim, *Frau Erlin* perdeu a paciência e disse que a moça havia confessado que o amava. Não se perturbou. Continuou a sorrir.

— Tolicice! Tolicice! É tudo mentira!

Era impossível conseguir qualquer coisa daquele homem. O tempo esfriou. Veio a neve, a geadas, e em seguida o degelo, numa sucessão de dias tristes que não convidavam ao passeio. Certa noite, depois de terminar a lição

com o professor, Philip conversava com *Frau* Erlin, na sala de visitas, quando Ana entrou repentinamente.

— Mãe, onde está Cäcilie? — perguntou.

— Deve estar no quarto.

— A luz está apagada.

*Frau* Erlin soltou uma exclamação, olhando desolada para a filha. O pensamento de Ana transmitira-se-lhe instantaneamente.

— Chame Emil — ordenou com voz rouca.

Referia-se à espécie de labrego que servia à mesa e dava conta de quase todos os trabalhos domésticos. Pouco depois entrava ele.

— Emil, desça ao quarto de *Herr* Sung e entre sem bater. Se houver alguém, diga que entrou para ver a estufa.

A fisionomia fleumática de Emil não revelou o menor sinal de espanto.

Desceu vagarosamente as escadas. *Frau* Erlin e Ana deixaram a porta aberta e ficaram escutando. Dentro de alguns instantes Emil voltou.

— Há alguém lá? — perguntou a mulher.

— Sim. *Herr* Sung está lá.

— Está só?

O indício de um sorriso malicioso estreitou-lhe os lábios.

— Não. *Fräulein* Cäcilie está lá também.

— Oh, é uma vergonha! — exclamou *Frau* Erlin.

Agora o criado sorria francamente.

— *Fräulein* Cäcilie vai lá todas as noites. Demora-se lá horas a fio.

*Frau* Erlin pôs-se a torcer as mãos.

— Que coisa abominável! E por que não me disse nada?

— Não era da minha conta — respondeu ele, dando de ombros.

— Sem dúvida lhe pagaram bem. Vá-se embora, ande!

Emil caminhou desajeitadamente em direção à porta.

— Devem todos os dois retirar-se, mãe — sugeriu Ana.

— E quem pagará o aluguel? Os impostos estão por vencer.

É muito fácil dizer que é preciso mandá-los embora. Se fizermos isso, não sei como haveremos de pagar as contas.

Voltando-se para Philip, com o rosto banhado em lágrimas, continuou:

— Por favor, *Herr* Carey, não conte nada do que ouviu. Se *Fräulein* Förster — era o nome da solteirona holandesa —, se *Fräulein* Förster soubesse o que

está se passando, nos deixaria imediatamente. E se todos partirem, teremos de fechar a casa. Não poderei mantê-la.

— Tranqüilize-se que não direi nada.

— Se ela ficar, não lhe dirigirei mais uma só palavra — prometeu Ana.

Nessa mesma noite, por ocasião da ceia, *Fräulein* Cäcilie, mais rubra que de costume, com um ar de obstinação, sentou-se à mesa pontualmente. *Herr* Sung, porém, não apareceu, dando a Philip a impressão de querer fugir à prova. Por fim surgiu na sala, sorridente, pedindo mil desculpas pelo seu atraso. Insistiu, como de costume, em servir um pouco de seu Mosela a *Frau* Erlin, oferecendo também um copo a *Fräulein* Förster. A sala estava muito quente, pois a estufa se conservara acesa durante todo o dia e as janelas raramente eram abertas. Emil movia-se às tontas de um lado para outro, mas conseguia servir a todos em ordem e com rapidez. As três senhoras idosas mantinham-se em silêncio, numa atitude de censura. *Frau* Erlin mal havia dominado a crise de choro e o professor, calado, parecia muito oprimido. A conversa arrastava-se. Philip sentia a atmosfera pesada daquela reunião de que tantas vezes fizera parte. Todos tinham um aspecto diverso do que sempre apresentavam. Ele sentia uma vaga inquietação. Certa vez seus olhos encontraram os de Cäcilie e a impressão que teve era de que ela o via com desprezo e ódio. A sala sufocava. Era como se a paixão animal daquele par torturasse todos os hóspedes. Pairava no ar um quê de depravação oriental; como que um odor de varinhas aromáticas, um mistério de vícios ocultos, pareciam cortar-lhes a respiração. Philip sentia o pulsar das artérias na fronte. Não compreendia que emoção estranha o arrebatava. Parecia sentir qualquer coisa infinitamente atraente que, ao mesmo tempo, lhe causava repulsa e horror.

Esse estado de coisas prolongou-se durante alguns dias. Aquela atmosfera de paixão monstruosa era nauseante, e os nervos dos hóspedes já não suportavam tamanha tensão. Só *Herr* Sung se mantinha inalterável. Continuava sorridente, afável e cortês como antes. Seria difícil dizer se sua atitude era um triunfo da civilização ou uma expressão de desprezo, da parte do oriental, pelo ocidente vencido. Cäcilie continuava provocante e cínica. A própria *Frau* Erlin, por fim, achou que a coisa estava passando do limite. Grande pânico se apoderou dela, de repente, pois seu marido, com uma franqueza brutal, sugerira as possíveis conseqüências de um caso que ninguém mais ignorava. A pobre mulher via o seu bom nome em Heidelberg e a reputação de sua casa

arruinados por um escândalo agora impossível de ocultar. Por uma razão qualquer — cegada, quiçá, pelo interesse — nunca pensara em semelhante possibilidade; mas dessa vez foi tomada de terror e tornou-se difícil impedir que ela expulsasse a moça imediatamente. Por sugestão de Ana, que era muito sensata, escreveram uma carta ao tio de Cäcilie, em Berlim, pedindo que mandasse buscar a sobrinha sem demora.

Tendo-se resignado a perder os dois hóspedes, *Frau Erlin* não resistiu à tentação de dar rédeas ao furor por tanto tempo reprimido. Poderia dizer a Cäcilie o que bem entendesse.

— Escrevi a seu tio, Cäcilie, pedindo que a mandasse buscar. Não a posso conservar por mais tempo aqui em casa.

Seus olhinhos redondos faiscaram ao notar a repentina palidez que invadiu o resto da moça.

— Você não tem vergonha, não tem um pingão de vergonha — continuou.

Insultou-a com uma dezena de nomes feios.

— O que disse a meu tio Heinrich, *Frau Erlin*? — perguntou Cäcilie, abandonando sua atitude de arrogante independência.

— Ele mesmo lhe dirá. Espero receber resposta amanhã.

No dia seguinte, a fim de tornar pública a humilhação, a dona da casa interpelou Cäcilie por ocasião da ceia.

— Recebi uma carta de seu tio, Cäcilie. Arrume suas coisas hoje mesmo, pois amanhã a levaremos à estação. Seu tio vai esperar o trem em Berlim, na Central Bahnhof.

— Muito bem, *Frau Erlin*.

*Herr Sung* sorriu para *Frau Erlin* e, apesar dos protestos, insistiu em deitar vinho no copo da proprietária, que ceou com bastante apetite. Triunfara inadvertidamente, entretanto. Ao recolher-se, chamou o criado.

— Emil, se o baú de *Fräulein* Cäcilie estiver pronto é melhor trazê-lo para baixo ainda esta noite. Amanhã o carregador virá buscá-lo bem cedo.

O criado retirou-se, voltando pouco depois, correndo.

— *Fräulein* Cäcilie não está no quarto e sua valise desapareceu.

A mulher soltou um grito e dirigiu-se apressada para o quarto da moça. O baú estava no chão, convenientemente amarrado, mas não havia sinal da valise, de chapéu, ou do casaco. A penteadeira estava vazia. Ofegante, *Frau Erlin* correu escada abaixo, em direção ao quarto do chinês. Havia mais de vinte

anos que não se movimentava com tal desembaraço, e Emil gritava-lhe que tivesse cuidado para não cair. Não se dando sequer ao trabalho de bater à porta, entrou quarto adentro. Estava tudo vazio. A bagagem havia sido retirada e a porta que dava para o jardim, ainda aberta, mostrava por onde se dera a fuga. Sobre a mesa, num envelope, havia dinheiro equivalente a um mês de pensão, e uma quantia aproximada por conta dos extraordinários. Vencida pelo cansaço, a gemer, a dona da casa deixou-se cair pesadamente sobre o sofá. Não havia a menor dúvida. Os dois haviam fugido juntos. Emil, impassível, não revelava a menor emoção.



Após anunciar durante todo um mês a sua partida para o Sul no dia seguinte, e transferi-la de semana em semana por falta de ânimo para enfrentar a maçante arrumação das malas ou o tédio da viagem, Hayward foi afinal forçado a uma decisão, pouco antes do Natal, pelos preparativos dessa festa. Não suportava a idéia de um folguedo teutônico. Arrepiava-se todo ao pensar na agressiva alegria dessa quadra de ano e, no seu desejo de evitá-la, resolveu partir na véspera do Natal.

Philip não se entristeceu com o afastamento do amigo; possuía um caráter resoluto e portanto irritava-o que alguém não soubesse ao certo o que queria. Embora sob a influência de Hayward, não podia reconhecer que a indecisão revelava encantadora sensibilidade. Ressentia-se, também, da sombra de sarcasmo com que Hayward olhava os seus modos decididos. Corresponderam-se. Hayward escrevia cartas de maneira admirável, e como reconhecesse em si essa qualidade esmerava-se em fazê-lo. Seu temperamento se abria facilmente às belas influências com que se punha em contato, e dessa forma ele conseguia imprimir, às cartas enviadas de Roma, a delicada e sutil fragrância da Itália. Achava a cidade dos antigos romanos um pouco vulgar e só reconhecia distinção na decadência do Império. Mas a Roma dos papas cativou-lhe a simpatia, e nas suas palavras escolhidas transparecia, deliciosamente, uma beleza rococó. Falava na antiga música sacra, nos Montes Albanos, no langor do incenso e no encanto noturno das ruas, sob a chuva, quando as calçadas refletiam a luz misteriosa dos lampiões. Talvez repetisse essas admiráveis cartas a vários amigos. Não sabia o efeito perturbador que elas produziam em Philip; fazia com que a existência lhe parecesse muito desenxabida. Com a primavera Hayward tornou-se ditirâmico. Propôs a ida de Philip para a Itália. Estava perdendo tempo em Heidelberg. A vida ali era comum e os alemães muito grosseiros. Como poderia a alma revelar-se em cenário tão artificial? Na Toscana a primavera espalhava flores por toda a região. Philip tinha apenas dezenove anos. Que viesse para percorrê-los, juntos, as cidades montanhosas da Úmbria. Os nomes dessas cidades

cantavam no coração do rapaz. Cécilie, com seu amante, também havia partido para a Itália. Ao pensar nos dois, Philip era tomado de uma inquietação que não sabia justificar. Amaldiçoava a sorte por não ter dinheiro para viajar; o tio não lhe mandaria mais do que a mesada convencionada de quinze libras. Não soubera controlar os seus gastos. Uma vez pagas a pensão e as lições, muito pouco lhe sobrava, e percebia agora que os passeios com Hayward lhe haviam saído muito dispendiosos. Frequentemente ele sugeria excursões, idas ao teatro ou uma garrafa de vinho quando já se tinha esgotado a mesada de Philip. Com a irreflexão própria da idade, não quisera confessar que os seus recursos não comportavam tais extravagâncias.

Felizmente as cartas de Hayward vinham apenas de raro em raro, e nos intervalos Philip entregava-se novamente à sua vida laboriosa. Matriculara-se na universidade e freqüentava um ou dois cursos de conferências. Kuno Fisher havia alcançado, então, o pináculo da fama e fizera, durante o inverno, brilhantes preleções sobre Schopenhauer. Foi a iniciação de Philip na filosofia. Possuía um espírito prático e por isso movimentava-se com dificuldade no reino do abstrato: sentia, porém, inexplicável fascinação em acompanhar investigações metafísicas. Enchiam-no de pasmo; era o mesmo que observar um dançarino de corda bamba a fazer proezas sobre um abismo. Mas era empolgante. O pessimismo do assunto seduziu-lhe a mocidade; acreditava ser o mundo, no qual em breve penetraria, tenebroso antro de misérias donde a piedade havia sido banida. Nem por isso estava menos ansioso de conhecê-lo. Quando mrs. Carey, que servia de correspondente do marido, transmitindo as suas opiniões sugeriu a Philip, em hora oportuna, que era tempo de regressar à Inglaterra, o rapaz concordou, entusiasmado. Agora tornava-se necessário decidir o que havia de fazer na vida. Deixando Heidelberg no fim de julho, teria todo o mês de agosto para conversar com os tios — e haveria tempo para entrar em entendimentos.

Marcada a data da partida, mrs. Carey escreveu-lhe novamente. Relembra-lhe miss Wilkinson, cuja bondade permitira a sua ida para a casa de *Frau* Erlin, em Heidelberg, e dizia-lhe que ela havia combinado passar algumas semanas no vicariato. Devia partir de Vlissingen em dia determinado e se Philip se pusesse em viagem ao mesmo tempo poderia procurá-la e virem juntos para Blackstable. A timidez do rapaz fê-lo responder imediatamente, comunicando não poder embarcar senão um ou dois dias mais tarde. Imaginava-se à procura de miss Wilkinson, perguntando-lhe, embaraçado, se

era realmente ela (com que facilidade poderia dirigir-se a outra pessoa qualquer e receber uma repreensão!); depois, no trem, não sabia se as boas maneiras lhe permitiriam a leitura de algum livro ou se teria a obrigação de conversar com ela durante todo o trajeto.

Afinal, deixou Heidelberg. Havia três meses que não pensava senão no futuro. Não levava saudades, pois. Nunca se deu conta de que fora feliz ali. *Fräulein* Ana ofereceu-lhe um exemplar de *Der Trompeter von Säckingen* e ele, em retribuição, brindou-a com um volume de William Morris. Muito acertadamente, nenhum dos dois chegou a ler o presente do outro.

Philip ficou surpreso ao rever os tios. Nunca havia notado, antes, estarem eles tão velhos. O vigário recebeu-o com a afável indiferença de costume. Tornara-se um pouco mais gordo e mais calvo, e o cabelo que lhe restava ficara mais grisalho. Philip notou, então, como o tio era insignificante. Seu rosto revelava fraqueza e egoísmo. A tia Louisa apertou-o nos braços e beijou-o; lágrimas de ventura rolaram-lhe pela face. Philip sentiu-se comovido e embaraçado. Não sabia que ela lhe dedicava uma afeição tão profunda.

— Oh, como o tempo custou a passar na sua ausência, Philip! — exclamou ela.

Afagando-lhe as mãos, fitou-o com os olhos jubilosos.

— Como cresceu. Está um homem feito.

Pequenino bigode insinuava-se em seu lábio superior. Comprara uma navalha e de vez em quando, com prudência infinita, raspava a penugem do queixo liso.

— Sentimo-nos tão sós sem você — continuou a tia.

Muito tímida, com a voz embargada, perguntou então:

— Está contente por voltar, não está?

— Sim, muito.

Estava tão magra que parecia quase transparente. Os braços com que envolveu o pescoço do sobrinho eram ossos tão frágeis que lembravam os de uma galinha, e oh!, como o seu rosto murcho estava sulcado de rugas! Os cachos grisalhos que ainda usava à moda de sua juventude emprestavam-lhe estranho e comovente aspecto. Seu corpo alquebrado assemelhava-se a uma folha outoniça; sentia-se que o primeiro vento forte a levaria pelos ares. Philip compreendeu que nada mais restava fazer na vida àquelas simples criaturas: pertenciam a uma geração passada e aguardavam a morte com paciência, estupidamente mesmo. Em pleno vigor de sua mocidade, sedento de aventuras e sensações, Philip impressionava-se com aquelas vidas gastas. Nada haviam construído, e quando desaparecessem seria como se nunca tivessem vindo ao

mundo. Sentia pena da tia Louisa e, vendo-se amado por ela, pôs-se de súbito a amá-la também.

Miss Wilkinson, que se conservava discretamente afastada, dando assim oportunidade a que os Carey abraçassem o sobrinho, penetrou então na sala.

— Esta é miss Wilkinson, Philip — apresentou mrs. Carey.

— O filho pródigo voltou — disse ela, estendendo-lhe a mão. — Tenho uma rosa para a lapela de filho pródigo.

Com um sorriso alegre, prendeu ao casaco de Philip a flor que acabara de colher no jardim. Ele corou e sentiu-se um tanto ridículo. Sabia que miss Wilkinson era filha do último cura de seu tio e já estava bem familiarizado com as filhas de clérigos. Usavam roupas mal talhadas e botinas resistentes. Geralmente vestiam-se de preto, pois na infância de Philip os tecidos de esporte ainda não haviam chegado àquela região do país e as damas do clero não simpatizavam com cores. Penteavam-se com desalinho e desprendiam agressivo cheiro de linho engomado. Consideravam pouco decorosos os encantos femininos e apresentavam a mesma aparência quer fossem velhas ou moças. Praticavam a religião com arrogância. Sua estreita ligação com a Igreja as fazia assumir uma atitude ligeiramente ditatorial para com o resto da humanidade.

Miss Wilkinson era bem diferente. Usava um vestido de musselina branca, estampado com alegres raminhos de flores, sapatos de bico fino e salto alto, e meias rendadas. À inexperiência de Philip ela parecia maravilhosamente bem trajada: não notava que o seu vestido era inferior e espalhafatoso. Tinha os cabelos penteados com capricho, formando um cacho isolado, bem no meio da testa; eram negros, brilhantes e duros, dando a impressão de que seria impossível despenteá-los. Possuía grandes olhos negros e nariz levemente aquilino; de perfil lembrava, de certo modo, uma ave de rapina, mas, de frente, podia-se dizer que era cativante. Sorria muito, mas, como tivesse a boca mais rasgada do que o natural, procurava, ao sorrir, ocultar os dentes grandes e amarelados. O que mais embaraçava Philip, entretanto, era o seu rosto, empoado com exagero. Possuía idéias muito estritas sobre a conduta feminina e não julgava que uma dama pudesse empoar-se. Mas miss Wilkinson era indubitavelmente uma dama, como filha de um pastor, pois um pastor era um *gentleman*.

Philip resolveu-se a não gostar da moça. Falava com ligeiro sotaque francês, e isso o intrigava bastante, uma vez que ela nascera e fora educada na

Inglaterra. Achava-lhe o sorriso afetado e as suas maneiras recatadamente desenvoltas o irritavam. Conservou-se silencioso e hostil durante dois ou três dias, mas miss Wilkinson não pareceu notá-lo. Era muito afável. Dirigia-se quase exclusivamente a ele, na conversa, havendo certa lisonja no modo por que apelava, de vez em quando, para seu juízo sólido. Fazia-o rir, também, e Philip nunca pôde resistir às pessoas que o divertiam. Possuía ele, por seu turno, o dom de dizer coisas incisivas, uma vez ou outra, e sempre era agradável encontrar alguém que o ouvisse com prazer. Nem o vigário, nem mrs. Carey tinham senso de humor; nunca achavam graça no que ele dizia. À medida que ia se familiarizando com miss Wilkinson e perdendo a sua timidez, passava a gostar mais e mais da moça; já achava pitoresco o sotaque francês e, num *garden-party* oferecido pelo doutor, ela apresentou-se mais bem vestida que todas as demais convidadas. Trajava *foulard* azul com grandes pintas brancas e Philip sentiu-se agradavelmente impressionado pela sensação que ela causou.

— Aposto que falavam mal de você — disse-lhe ele, sorrindo.

— O sonho de minha vida é mesmo ser tomada por uma rapariga de maus costumes — respondeu.

Certo dia, quando miss Wilkinson havia se retirado para o quarto, Philip perguntou a tia Louisa qual era a idade dela.

— Oh, querido, nunca debes perguntar a idade de uma mulher; de qualquer forma, é muito velha para se casar com ela.

O vigário arregaçou os lábios num sorriso lento e obeso.

— Não é nenhuma franguinha, Louisa — observou ele. — Já estava quase adulta quando morávamos em Lincolnshire, vinte anos atrás. Usava um rabicho que lhe pendia nas costas.

— Naquela época não teria mais de dez anos — disse Philip.

— Tinha, sim — disse a tia Louisa.

— Acho que estava mais próxima dos vinte — comentou o vigário.

— Por favor, William, isso também não. Dezesseis ou dezessete no máximo.

— Quer dizer que agora deve ter muito mais de trinta — concluiu Philip.

Nesse instante miss Wilkinson desceu os degraus da escada cantando uma canção de Benjamin Goddard. Pusera o chapéu, pois ela e Philip iam dar um passeio, e estendeu a mão para que lhe abotoasse a luva. O rapaz o fez desajeitadamente. Conquanto embaraçado, sentia-se galante. A conversa já decorria fácil entre os dois; enquanto caminhavam, abordaram todos os

assuntos possíveis. Ela lhe falou de Berlim e ele descreveu-lhe a sua temporada em Heidelberg. À medida que ia falando, coisas que lhe pareciam destituídas de importância adquiriam um novo interesse. Descreveu os hóspedes de *Fran Erlin* e desvirtuou um pouco as discussões entre Hayward e Weeks, fazendo-as passar, de significativas que haviam parecido anteriormente, a absurdas. As risadas de miss Wilkinson lisonjeavam-no.

— Confesso que sinto medo de você — disse ela. — É tão sarcástico!

Perguntou-lhe então, em ar de troça, se não tivera nenhum caso amoroso em Heidelberg. Sem pensar, Philip respondeu francamente que não, mas ela não quis acreditar.

— Você é cheio de segredos! — retrucou. — Compreende-se lá isso em sua idade?

Ele corou e deu uma risadinha.

— A senhorita quer saber muita coisa.

— Ah!, eu já sabia — exclamou, triunfante. — Olha como ele cora!

Agradava-lhe que ela o tomasse por um libertino; mudou, pois, o assunto da conversa para dar a entender que ocultava toda uma série de aventuras. Sentia raiva de si próprio por não dizer a verdade. Não tivera ocasiões para tal.

Miss Wilkinson vivia descontente com a sorte. Lamentava ter de ganhar o seu sustento e contou a Philip uma história complicada sobre um tio por parte de mãe que devia deixar-lhe regular fortuna, ao morrer, mas acabara casando com a cozinheira e modificando o testamento. Fez insinuações sobre o luxo de sua casa e comparou a vida que levava em Lincolnshire, com cavalos e carruagens à sua disposição, à abjeta dependência de sua situação atual. Philip ficou meio intrigado e mais tarde contou tudo à tia; esta explicou-lhe então que os Wilkinson não possuíam senão um pônei e um *dog-cart*. Mrs. Carey ouvira falar, sim, de seu tio rico, mas como fosse casado e tivesse filhos antes de Emily nascer, não era lógico que ela esperasse herdar-lhe a fortuna. Miss Wilkinson pouco tinha a dizer sobre Berlim, onde conseguira uma situação estável. Queixava-se da vulgaridade da vida alemã, comparando-a mordazmente com o esplendor de Paris, onde havia passado um certo número de anos. Não quis dizer quantos. Fora governanta em casa de um retratista muito em voga que se casara com uma judia de recursos. Teve ali ocasião de conhecer inúmeras pessoas de destaque. Ofuscava Philip com os seus nomes. Os atores da Comédia Francesa visitavam freqüentemente a família e Coquelin, sentando-se ao seu lado durante um jantar, dissera-lhe nunca haver

encontrado um estrangeiro que falasse o francês com tamanha perfeição. Alphonse Daudet, que também lá aparecia, dera-lhe um exemplar de *Safo*: prometera, também, escrever-lhe uma dedicatória no livro, mas ela esquecera de lembrá-lo, mais tarde. Guardava o volume como um tesouro, mas o emprestaria a Philip. Havia ainda Maupassant. Com um riso borbulhante, miss Wilkinson olhava matreiramente para Philip. Que homem e que escritor! Hayward havia falado de Maupassant e portanto Philip não desconhecia totalmente a sua reputação.

— Ele a seduziu? — indagou.

As palavras pareciam prender-se-lhe estranhamente na garganta, mas mesmo assim pronunciou-as. Apreciava já bastante miss Wilkinson; achava grande encanto na sua conversa, mas não podia imaginar alguém a cortejá-la.

— Que pergunta! — exclamou ela. — Pobre Guy! Apaixonava-se por toda mulher que encontrava! Era um hábito de que nunca conseguiu libertar-se.

Suspirou, como quem lançava as vistas ternamente para o passado.

— Era um homem encantador — murmurou.

Uma pessoa mais experiente de que Philip teria deduzido dessas palavras as probabilidades do encontro: o ilustre escritor convidado para o almoço em família; a governanta, séria, a entrar na sala, acompanhada das duas mocinhas a quem ministrava lições; e a apresentação:

— *Notre Miss Anglaise.*

— *Mademoiselle...*

Seguia-se o almoço, durante o qual a *Miss Anglaise* se conservava calada enquanto o distinto escritor conversava com os donos da casa.

Mas, para Philip, suas palavras sugeriam fantasias muito mais românticas.

— Conte-me tudo que sabe a respeito dele — pediu, todo ansioso.

— Não há mais nada que dizer — respondeu ela, falando a verdade, mas de forma a sugerir que nem mesmo três volumes seriam suficientes para descrever toda a série de fatos sensacionais.

— Não deve ser tão curioso.

Pôs-se então a falar de Paris. Adorava os bulevares e o *Bois*. Havia inconfundível graça em todas as ruas e as árvores dos Champs-Élysées possuíam uma distinção não observada em parte alguma do mundo. Estavam sentados num muro baixo, à beira da estrada, e miss Wilkinson olhava com desdém para os majestosos olmos que se erguiam à sua frente. E os teatros! As



peças eram brilhantes e a interpretação incomparável. Acompanhava freqüentemente madame Foyet, mãe das moças que educava, às lojas de modas.

— Oh, como é triste ser pobre! — exclamou. — Ver tanta coisa bonita, porque só em Paris as pessoas sabem vestir-se, e não ter dinheiro para comprar nada! A pobre madame Feyot tinha um corpo horrível. Muitas vezes a costureira me cochichava ao ouvido: “Ah, *Mademoiselle*, se ela possuísse o seu corpo!”.

Philip notou, então, que miss Wilkinson tinha formas robustas e orgulhava-se delas.

— Os homens na Inglaterra são tão estúpidos! Só dão importância ao rosto. Os franceses, que são um povo de amorosos, sabem que a forma tem muito mais valor.

O rapaz nunca havia se preocupado com aquelas coisas, mas agora observava que os tornozelos de miss Wilkinson eram grossos e deselegantes. Desviou os olhos rapidamente.

— Você devia ir para a França. Não gostaria de passar um ano em Paris? Aprenderia o francês e, ao mesmo tempo, a permanência lá serviria para lhe *déniaiser*.

— Que quer dizer isso? — inquiriu Philip.

Ela riu arditamente.

— Consulte o seu dicionário. Os ingleses não sabem tratar com mulheres. São tímidos demais. A timidez é ridícula num homem. Nem sabem mesmo cortejar. São incapazes até de dizer a uma mulher que ela é encantadora sem ficarem encabulados.

Philip sentia-se numa situação absurda. Sem dúvida miss Wilkinson esperava que ele se portasse de modo bem diferente. Teria grande prazer, mesmo, em dizer-lhe galanteios e frases espirituosas, mas essas coisas nunca lhe ocorriam ao espírito; quando ocorriam, não as dizia com medo de representar um papel ridículo.

— Oh, idolatro Paris — suspirou miss Wilkinson. — Mas tive de ir para Berlim. Permaneci com os Foyot até as moças casarem. Nada me restava fazer, então, quando tive a felicidade de conseguir a minha colocação atual. São parentes de madame Foyot, e em vista disso aceitei a oferta. Eu ocupava um apartamento pequenino na Rue Bréda, no *Cinquième*. Não era nada respeitável,

convém dizer. Com certeza já ouviu falar da Rue Bréda — *ces dames*, sabe muito bem o que quero dizer.

Philip fez sinal que sim, mas na verdade não entendia coisa alguma; apenas suspeitava vagamente, ansioso para que ela não o julgasse muito ignorante.

— Mas eu não me importava. *Je suis libre, n'est-ce-pas?* Certa vez tive lá uma aventura muito curiosa.

Gostava imensamente de falar francês, e em realidade falava-o bem. Após ligeira pausa Philip insistiu para que continuasse.

— Você não quis me contar as suas aventuras em Heidelberg — falou ela.

— Não tinham caráter algum de aventura — retorquiu o rapaz.

— Que diria mrs. Carey se descobrisse o assunto de nossas conversas?

— Imagina que eu seja capaz de contar-lhe?

— Promete guardar segredo?

Depois que Philip prometeu, ela começou a falar de um jovem artista, estudante ainda, que morava no andar de cima — mas interrompeu bruscamente a narrativa.

— Por que não se dedica às Belas-Artes? Você pinta admiravelmente.

— Não tenho talento suficiente para tanto.

— Quanto a isso, é aos outros que compete julgar. *Je m'y connais*, e acredito que tem todas as qualidades de um grande artista.

— Imagine a cara que o tio William faria se eu lhe dissesse que queria estudar arte em Paris.

— É ou não é senhor do seu nariz?

— Está procurando desviar a conversa. Conte o resto da história, por favor.

Miss Wilkinson prosseguiu, com uma risadinha. Encontrara-se com o estudante de arte diversas vezes, ao subir ou descer as escadas, mas não lhe dera nenhuma atenção especial. Notara apenas que tinha olhos bonitos e que lhe tirava o chapéu delicadamente. Um belo dia deu com uma carta sob a porta. Era dele. Dizia-lhe que havia meses a adorava e que a estaria esperando no patamar da escada. Oh, era uma carta encantadora! É claro que não respondeu, mas que mulher não se sentiria lisonjeada? No dia seguinte apareceu uma outra carta! Era maravilhosa, apaixonada, comovedora. Ao cruzar novamente com ele, na escada, não sabia para que lado olhar. As cartas repetiam-se todos os dias, e agora ele já suplicava que o recebesse. Anunciou

que viria à noite, *vers neuf heures*, deixando-a infinitamente embaraçada. Naturalmente, seria impossível recebê-lo: podia tocar à vontade a campainha que ela não abriria a porta. Mais tarde, enquanto aguardava o toque de campainha, muito nervosa, o rapaz apareceu de súbito à sua frente. Havia esquecido de fechar a porta ao entrar, pouco antes.

— C’était une fatalité.

— E o que aconteceu, então? — indagou Philip.

— A história termina aqui — replicou ela, sacudida de riso.

Philip calou-se por um momento. Estranhas emoções pareciam entrecostar-se em seu coração, que batia violentamente. Via a escura escadaria, os encontros fortuitos e admirava a audácia das cartas (oh, nunca teria ousado fazer o mesmo!); e, depois, aquela entrada silenciosa, quase misteriosa. Afigurava-se-lhe tudo isso a verdadeira essência do romance.

— Como era ele?

— Oh, muito simpático! *Charmant garçon*.

— Ainda mantém relações com ele?

Philip sentiu ligeira irritação ao fazer esta pergunta.

— Tratou-me abominavelmente. Os homens são sempre os mesmos. Nenhum de vocês tem coração!

— Desconheço esse particular — retrucou Philip, com certo embaraço.

— Voltemos para casa — sugeriu miss Wilkinson.

Philip não conseguia afastar do espírito a história de miss Wilkinson. Embora ela houvesse interrompido a narração, compreendeu claramente o sentido de suas palavras e ficou um tanto escandalizado. Aquilo ficava bem para mulheres casadas, constituía mesmo regra geral na França, segundo deduzira das novelas de lá, mas miss Wilkinson era inglesa e solteira, sendo além disso filha de um ministro anglicano. Ocorreu-lhe, então, não ter sido o estudante de arte nem o primeiro nem o último de seus amantes. Caiu das nuvens. Nunca fizera aquele juízo de miss Wilkinson. Parecia impossível que alguém fosse capaz de assediá-la. Na sua ingenuidade, duvidava tão pouco da história dela como do que lia nos livros, enraivecendo-se consigo mesmo pelo fato de aquelas coisas maravilhosas não lhe acontecerem jamais. Era humilhante que nada tivesse a contar quando miss Wilkinson lhe pediu, com insistência, que descrevesse as suas aventuras em Heidelberg. Possuía, sem dúvida, uma certa faculdade inventiva, mas receava não conseguir persuadi-la de que vivia mergulhado no vício. As mulheres possuem profunda intuição — havia lido isso, também — e, assim sendo, talvez viesse a descobrir facilmente que tudo não passava de uma mentira. Corou violentamente ao imaginar que ela poderia estar rindo à socapa.

Miss Wilkinson tocava piano e cantava com uma voz algo cansada; mas as suas canções, da autoria de Massenet, Benjamin Goddard e Augusta Holmès, eram inéditas para Philip. Passavam juntos horas perdidas, ao piano. Certo dia quis saber se o rapaz tinha voz para o canto e insistiu em experimentá-la. Achou que ele possuía uma agradável voz de barítono e prontificou-se a dar-lhe lições. A princípio, envergonhado como era, ele recusou, mas miss Wilkinson insistiu e começou a ministrar-lhe uma lição por dia, após a primeira refeição da manhã. Possuía o dom de ensinar e via-se que devia ser uma excelente preceptora. Tinha método e firmeza. Embora o sotaque francês nunca a abandonasse, pois constituía parte integrante de sua personalidade, os modos melífluos desapareciam quando se punha a ensinar. Não admitia brincadeiras. Sua voz tornava-se um pouco peremptória e instintivamente

corrigia o desleixo e a desatenção. Mostrando conhecimento do assunto, iniciou Philip nos exercícios de escalas.

Terminada a lição, miss Wilkinson voltava a sorrir sedutoramente, sua voz readquiria com facilidade a maciez e o encanto, mas Philip não conseguia esquecer tão depressa o papel de aluno quanto ela o de professora. E essa impressão punha-se em conflito com as suspeitas que as suas histórias lhe haviam despertado. Olhava-a com atenção cada vez maior. Agradava-lhe muito mais à noite que de manhã. De manhã notavam-se-lhe certos vincos no rosto e a pele do pescoço apresentava-se um pouquinho áspera. Como seria bom se pudesse ocultar aquilo! Mas estava fazendo calor e ela usava blusas decotadas. Gostava muito do branco, mas pela manhã não lhe ficava bem. Às vezes, de noite, tornava-se muito atraente com seu vestido que mais parecia traje de jantar e um lindo colar de granadas ao pescoço. A renda que lhe cobria o peito e os cotovelos emprestava-lhe agradável suavidade, enquanto o seu perfume predileto (em Blackstable ninguém usava senão água-de-colônia, e assim mesmo apenas aos domingos ou no caso de alguma dor de cabeça muito forte) perturbava pelo exotismo. Parecia realmente jovem naqueles momentos.

Philip preocupava-se muito com a idade dela. Adicionava vinte a dezessete mas não conseguia chegar a um resultado satisfatório. Perguntou à tia Louisa, mais uma vez, por que julgava que miss Wilkinson tinha trinta e sete anos: não parecia passar dos trinta, e todo mundo sabia que as estrangeiras envelheciam mais depressa do que as inglesas: miss Wilkinson vivera tanto tempo longe da pátria que podia ser considerada uma estrangeira. Ele não lhe dava mais de vinte e seis anos.

— Tem mais do que isso — afirmava tia Louisa.

Philip não acreditava na exatidão das afirmações dos Carey. A única coisa de que se lembravam com clareza era que miss Wilkinson ainda não usava penteados na última vez que a viram em Lincolnshire. Na verdade, poderia ter então uns doze anos; já fazia tanto tempo e o vigário tinha uma péssima memória! Vinte anos haviam se passado, diziam eles, mas é costume arredondar os números e, portanto, talvez os vinte anos não passassem de dezoito ou dezessete. Dezessete e doze faziam apenas vinte e nove, e pode-se tachar de velha uma pessoa com essa idade? Cleópatra contava quarenta e oito anos quando Marco Antônio desprezou o mundo pelo seu amor.

Fazia um lindo verão. Os dias eram quentes e o céu apresentava-se sempre sem nuvens, mas a vizinhança do mar suavizava o calor e o sol de

agosto, em lugar de oprimir, enchia o ar de um bálsamo revigorante. Havia no jardim um lindo lago com chafariz. Os nenúfares cresciam viçosos e os peixinhos dourados vinham apanhar sol à superfície. Philip e miss Wilkinson costumavam levar para lá tapetes e almofadas, após o almoço, e deitar-se no gramado à sombra de uma alta sebe de roseiras. Conversavam e liam durante toda a tarde. Aproveitavam, também, para fumar os seus cigarros, prática que o vigário não permitia em casa; achava repugnante o hábito do fumo e amiúde dizia ser muito triste alguém se tornar escravo de um hábito. Esquecia-se de que ele próprio se deixara escravizar pelo seu chá da tarde.

Um dia miss Wilkinson ofereceu a Philip *La Vie de Bohème*. Encontrara-a por acaso quando remexia entre os livros do vigário. Viera num lote, entre outros volumes encomendados por mr. Carey, e permanecera ignorada durante dez anos.

Philip começou a ler a fascinante, absurda e mal escrita obra-prima de Murger e se deixou logo encantar por ela. Sua alma dançava de alegria ante aqueles quadros de fome combinada com bom humor, de esqualidez pitoresca, de ignóbil e romântico amor, de tão tocante comicidade. Ah, Rodolphe e Mimi, Musette e Schaunard! Vagueavam pelas ruas pardacentas do Quartier Latin, metidos em esquisitas roupas à Luís Filipe, refugiando-se ora numa ora noutra água-furtada, banhados em lágrimas e abertos em sorrisos, descuidosos e temerários. Quem poderia resistir-lhes? Só depois que a gente volta ao livro com o juízo mais amadurecido é que verifica quão grosseiros são os seus prazeres, quão vulgares os seus espíritos; só então se compreende a absoluta falta de valor dessa alegre procissão, como artistas e como homens. Philip extasiava-se.

— Não preferiria ir para Paris em lugar de Londres? — perguntou miss Wilkinson, sorrindo de seu entusiasmo.

— Agora é tarde, mesmo que eu o quisesse — foi a resposta.

Após regressar da Alemanha, durante toda uma quinzena, Philip conversou muitas vezes com o tio a respeito de seu futuro. Recusara definitivamente ir para Oxford, e desde que não havia mais probabilidade de conseguir uma bolsa de estudos, o próprio mr. Carey se convenceu de que o estudo, lá, sairia muito dispendioso. Toda a fortuna de Philip consistia em apenas duas mil libras, e embora tivesse sido investida em hipotecas, a cinco por cento, era-lhe impossível viver dos juros. Agora, achava-se um pouco reduzida. Seria absurdo gastar duzentas libras anuais (o mínimo que se poderia

dispender numa universidade) em Oxford, numa permanência de três anos que, no final das contas, não lhe iria facilitar nenhum meio de vida. Ansiava por partir diretamente para Londres. Mrs. Carey era de opinião que só existiam quatro profissões dignas de um *gentleman*: o Exército, a Marinha, a advocacia e a Igreja. Acrescentara a medicina, que seu cunhado praticava, mas sem esquecer que em sua mocidade ninguém considerava o médico um *gentleman*. As duas primeiras estavam fora de cogitação e Philip não queria absolutamente ordenar-se. Só restava o direito. O doutor da localidade observara que muitas pessoas distintas já se dedicavam à engenharia, mas Mrs. Carey opôs imediata objeção à idéia.

— Não quero ver Phillip metido em negócios — disse ela.

— Não, ele precisa ter uma profissão — respondeu o vigário.

— Por que não fazê-lo médico, como o pai?

— Eu detestaria — interpôs Philip.

Mrs. Carey não se entristeceu com isso. A advocacia também estava posta de lado, uma vez que o rapaz não ia mais para Qxford, pois os Carey tinham a impressão de que ainda era necessário um diploma para se alcançar êxito no foro. Foi sugerido, por fim, que Philip se iniciasse como aprendiz. Escreveram ao advogado da família, Albert Nixon, que era, junto com o vigário de Blackstable, executor testamentário do falecido Henry Carey, e perguntaram-lhe se se dispunha a tomar conta de Philip. Dois dias depois chegou a resposta. Nela o advogado informava não dispor de vaga alguma e ao mesmo tempo manifestava-se radicalmente contrário ao plano. Já havia muitos desses profissionais, e sem capital ou relações havia pouca probabilidade de ir além de chefe de amanuenses. Era de parecer, entretanto, que Philip devia estudar para contador. Nem o vigário nem a mulher sabiam o que isso significava; o próprio Philip nunca tinha ouvido falar em contadores. Mas outra carta do procurador explicava que o desenvolvimento dos negócios modernos e o número cada vez maior de companhias tinham exigido a organização de várias firmas de contadores para examinar os livros e introduzir nas transações financeiras dos seus clientes uma ordem que faltava aos métodos antigos. Anos atrás fora concedida a carta régia e a profissão tornava-se cada vez mais respeitável, lucrativa e importante. Os contadores de cujos serviços Albert Nixon se utilizava havia trinta anos dispunham de uma vaga para aprendiz e aceitariam Philip pela módica taxa de trezentas libras. Metade dessa importância reverteria ao aprendiz, durante os cinco anos do contrato, em

forma de salário. A perspectiva não dava para entusiasmar, mas Philip sentia a necessidade de se decidir por qualquer coisa, e a idéia de viver em Londres contrabalançava a leve repulsa que tudo aquilo lhe causava. O vigário de Blackstable escreveu a mr. Nixon perguntando se a profissão era própria de um *gentleman*. A resposta dizia que, desde a carta régia, tinham ingressado nela vários moços saídos de escolas secundárias e um, de uma universidade; além do mais, caso Philip se aborrecesse do trabalho, e após um ano quisesse abandoná-lo, Herbert Carter — era esse o nome do contador — restituiria metade do dinheiro pago pelos cinco anos. Fechou-se o negócio, ficando combinado que Philip começaria a trabalhar em 15 de setembro.

— Tenho todo um mês diante de mim — disse Philip.

— Depois disso você encontrará a liberdade e eu, o cativo — retorquiu miss Wilkinson.

Suas férias deviam durar seis semanas, e portanto deixaria Blackstable apenas um ou dois dias antes de Philip.

— Será que nos encontraremos outra vez? — perguntou ela.

— Não vejo razão que o impeça.

— Oh, não fale dessa maneira tão prática! Nunca vi ninguém tão destituído de sentimentos.

Philip enrubesceu. Temia que miss Wilkinson o julgasse um maricas; afinal de contas ela era jovem, às vezes bem bonita, e ele já caminhava para a casa dos vinte. Era absurdo que não conversassem senão de arte e literatura. Urgia cortejá-la. Haviam falado bastante de amor. Havia o estudante de arte da Rue Bréda e o pintor com cuja família vivera durante tanto tempo, em Paris: pedira-lhe que posasse para um quadro e logo se pusera a fazer-lhe a corte com tal violência que a moça se viu obrigada a inventar desculpas para não lhe servir mais de modelo. Era claro que miss Wilkinson estava acostumada a essa espécie de atenções. Como estava atraente, agora, com seu grande chapéu de palha! Era uma tarde quente, a mais quente daquele verão, e gotas de suor perlavam-lhe o lábio superior. Philip lembrou-se de *Fräulein Cäcilie* e *Herr Sung*. Nunca havia olhado para Cäcilie do ponto de vista amoroso, tão desenxabida lhe parecia ela. Agora, porém, que havia passado, a aventura surgia toda envolta em romantismo. Encontrara, também, uma oportunidade de idílio. Miss Wilkinson era, por assim dizer, francesa, e isso emprestava maior sabor a uma possível aventura. Ao meditar nisso à noite, na cama, ou quando se punha a ler um livro sozinho, no jardim, sentia-se eletrizado.



Quando se encontrava com miss Wilkinson, entretanto, tudo parecia menos pitoresco.

De qualquer forma, depois do que havia lhe dito, ela não poderia surpreender-se de ser cortejada. Qualquer coisa lhe dizia que a moça devia estranhar a sua frieza. Talvez fosse apenas produto da imaginação, mas por mais de uma vez, no dia anterior, Philip lera um quê de desprezo nos seus olhos.

— Em que está pensando? — perguntou miss Wilkinson, fitando-o com um sorriso.

— Não digo, não — respondeu ele.

Estava pensando que devia beijá-la naquele mesmo instante. Não sabia se era isso que ela esperava. Mas, afinal de contas, como poderia agir sem primeiro preparar um clima favorável! Ela o tomaria por louco, ou talvez o esbofeteasse. Seria bem capaz, também, de queixar-se a mr. Carey. Como teria *Herr* Sung começado com Cäcilie? Seria o diabo se fosse queixar-se a seu tio, pois o doutor e Josiah Graves viriam logo a saber de todo o ocorrido. Faria o papel de um perfeito idiota. A tia Louisa continuava afirmando que miss Wilkinson tinha trinta e sete anos. A perspectiva do ridículo punha-o a tremer; diriam, sem dúvida, ter ela idade suficiente para ser sua mãe.

— Dou um doce pelo que está pensando — sorriu miss Wilkinson.

— Pensava em você — respondeu audazmente.

Era, entretanto, uma afirmação neutra que não o comprometia.

— E o que pensava de mim?

— Ah, já quer saber demais.

— Menino levado! — exclamou ela.

Lá vinha a mesma coisa! Toda vez que começava a preparar o ambiente ela dizia uma frase qualquer que lhe lembrava a governanta. Chamava-o também de menino levado, em tom de brincadeira, quando seus exercícios de canto não eram satisfatórios. Desta vez ficou amuado.

— Gostaria que não me tratasse como a uma criança.

— Ficou zangado?

— Muito.

— Foi sem querer.

Estendeu a mão para ele, que a tomou. Já uma ou duas vezes ao despedirem-se de noite, Philip tivera a impressão de que ela lhe apertava ligeiramente a mão, mas agora não podia haver mais dúvida a respeito.

Não sabia o que dizer. Ali estava, afinal, o ensejo para uma aventura, e seria tolo se não o aproveitasse. Era um pouco banal, porém; esperava coisa mais fascinante. Lera inúmeras descrições de episódios amorosos, mas não sentia aquela emoção arrebatadora de que falavam os romancistas. Não se sentia transportado por ondas sucessivas de paixão. Nem miss Wilkinson era o ideal. Sonhava com uma moça de grandes olhos violáceos e pele alabastrina, uma moça em cujos cabelos castanhos e ondedos pudesse mergulhar o rosto. Não seria possível afogar o rosto na cabeleira de miss Wilkinson, tão pegajosa lhe parecia. Contudo, como um rápido *affaire*, valeria a pena. Philip vibrava já de legítimo orgulho com a sua conquista. Era preciso seduzi-la, como uma satisfação a si próprio. Decidiu beijar miss Wilkinson; não naquele momento, mas à noite. A escuridão seria mais favorável e, uma vez que a tivesse beijado, o resto se seguiria com facilidade. Iria beijá-la naquela mesma noite. Jurou que havia de fazê-lo.

Organizou todos os planos. Após a ceia convidou-a para um passeio no jardim. Miss Wilkinson aceitou e os dois puseram-se a caminhar lado a lado. Philip estava muito nervoso. Não sabia a razão por que a conversa não tomava o rumo desejado. Chegara à conclusão de que a primeira coisa a fazer era envolver-lhe a cintura com o braço; mas não podia enlaçá-la subitamente, no momento em que ela falava da regata que ia se realizar na semana seguinte. Conduzia-a arditamente para os recantos mais escuros do jardim, mas lá chegando a coragem abandonava-o. Sentaram-se num banco; ali estava a sua oportunidade. Miss Wilkinson, porém, insistiu em afastar-se daquele lugar, com medo dos besouros. Ao percorrermos novamente o jardim, Philip prometeu a si mesmo decidir-se daquela vez. Mas quando passaram pela casa, mrs. Carey, que se achava à porta, lhes disse:

— Não será melhor virem para dentro, meninos? O sereno pode não lhes fazer bem.

— Convém entrarmos — disse Philip. — Não quero que apanhe um resfriado.

Disse-o com um suspiro de alívio. Não poderia tentar mais nada naquela noite. Mais tarde, porém, quando se recolheu ao quarto, ficou furioso consigo mesmo. Representara um papel de verdadeiro bobo. Estava certo de que miss Wilkinson esperava ser beijada, do contrário não o teria acompanhado ao jardim. Vivia dizendo que só os franceses sabiam tratar com as mulheres. Philip tinha lido várias novelas francesas. Se fosse francês já a teria envolvido

em seus braços e declarado a sua ardente paixão; já teria, sem dúvida, apertado os lábios sobre a sua *nuque*. Não sabia por que os franceses sempre beijavam as mulheres na *nuque*. Não via, mesmo, nada de atraente na parte posterior do pescoço. Para os franceses, naturalmente, essas coisas se tornavam muito mais fáceis; o idioma ajudava tanto. Philip sempre achara que as expressões apaixonadas, em inglês, pareciam um pouco absurdas. Desejava nunca haver tentado assediar a virtude de miss Wilkinson. A primeira semana fora tão divertida! Agora sentia-se descoroçoado, mas jurou não desistir; nunca mais respeitaria a si próprio, se desistisse. Tomou a resolução irrevogável de beijá-la na noite seguinte.

Quando se levantou, ao amanhecer, notou que chovia e o primeiro pensamento que lhe ocorreu foi a impossibilidade de passearem à noite no jardim. Sentiu-se muito bem-humorado durante a refeição matinal. Miss Wilkinson mandou dizer por Mary Ann que uma dor de cabeça a obrigava a permanecer na cama. Só desceu para o chá, pálida, envolta num roupão que lhe ficava muito bem. Por ocasião da ceia, porém, já se sentia completamente restabelecida. Foi uma refeição alegre. Após as orações, anunciou ir diretamente para o leito e beijou mrs. Carey. Voltou-se, então, para Philip.

— Valha-me Deus! — exclamou. — Imagina que eu já ia lhe beijando também.

— Por que não beija?

Ela riu e estendeu a mão, comprimindo a de Philip.

No dia seguinte não havia uma só nuvem no céu e a chuva tornara o jardim perfumado e fresco. Philip foi à praia banhar-se e ao regressar saboreou um magnífico almoço. Tinha combinado jogar uma partida de tênis, à tarde, e em vista disso miss Wilkinson pôs o seu melhor vestido. Sabia trajar com elegância, sem dúvida, e Philip não podia deixar de admirá-la ao lado da esposa do cura e da filha casada do doutor. Trazia duas rosas no cinto. Sentou-se numa cadeira do jardim ao lado do gramado, segurando uma sombrinha vermelha, cujos reflexos lhe davam ao rosto uma bonita aparência. Philip apreciava o tênis. Tinha um saque forte mas jogava junto à rede, para não ter muito que correr. Apesar do pé defeituoso, era rápido: dificilmente deixava escapar uma bola. Ficou contente por ganhar todas as séries. Durante o chá sentou-se aos pés de miss Wilkinson, ofegante.

— A flanela fica bem em você — disse ela. — Está muito simpático esta tarde.

Ele corou de prazer.

— Ainda bem que posso retribuir o cumprimento. Acho-a arrebatadora.

Ela sorriu e lançou-lhe um olhar prolongado.

Após a ceia, fez questão de que ela o acompanhasse ao jardim.

— Já não basta o exercício que você fez hoje?

— O jardim deve estar adorável esta noite. O céu está todo estrelado.

Sentia-se em excelente disposição.

— Sabe que mrs. Carey esteve ralhando comigo por sua causa? — falou miss Wilkinson enquanto passeavam pela horta. — Diz ela que eu não devo flertar contigo.

— E anda mesmo flertando comigo? Confesso que não havia notado...

— Foi um gracejo de sua tia.

— Sabe que foi muito má em não querer beijar-me ontem à noite?

— Se visse a cara que seu tio fez quando eu disse aquilo!

— Foi a única coisa que a impediu?

— Prefiro beijar quando não há testemunhas.

— Não há testemunhas agora.

Philip enlaçou a cintura dela e beijou-lhe os lábios. Miss Wilkinson limitou-se a rir de leve, sem procurar afastar-se. A coisa acontecera naturalmente. Philip sentia-se orgulhoso de si mesmo. Dissera que havia de beijá-la e beijou-a. Fora a coisa mais fácil deste mundo. Lamentava não o ter feito antes. Beijou-a de novo.

— Oh, não deve fazer isso... — murmurou ela.

— Por quê?

— Porque eu gosto — respondeu, rindo.

No dia seguinte, após a refeição do meio-dia, levaram novamente para a fonte as mantas e almofadas, junto com os livros; mas não leram nada. Miss Wilkinson acomodou-se e abriu a sua sombrinha vermelha. Philip perdera todo o acanhamento, mas de início ela não queria deixar-se beijar.

— Procedi muito mal a noite passada. Não consegui dormir. Sentia-me tão culpada!

— Que tolice! — exclamou ele. — Aposto que dormiu como uma pedra.

— Imagina o que pensaria seu tio, se soubesse!

— Não vejo razão para ele vir a saber.

Ao inclinar-se sobre ela, o coração pulsava-lhe rapidamente.

— Por que você quer me beijar?

Sabia que devia responder: “Porque a amo”, mas faltou-lhe coragem.

— Por que acha que seja? — perguntou, entretanto.

Ela o fitou com olhos risonhos e tocou-lhe o rosto com a ponta dos dedos.

— Como é lisa a tua pele! — murmurou.

— Preciso barbear-me — disse ele.

Era singular a dificuldade que Philip encontrava em pronunciar frases românticas. Sentia que o silêncio o favorecia muito mais do que as palavras. O seu olhar exprimia coisas inefáveis. Miss Wilkinson suspirou.

— Gosta mesmo de mim?

— Gosto sim, terrivelmente.

Ao tentar beijá-la de novo não encontrou a menor resistência. Fingiu estar tomado de muito maior ardor do que na realidade sentia, e essa simulação teve um bom êxito de que ele próprio se orgulhou.

— Estou começando a ficar com medo de você — disse miss Wilkinson.

— Virá ao jardim após a ceia, não? — suplicou ele.

— Só se prometer que irá se portar devidamente.

— Prometo tudo.

Incendiava-se com a própria chama em parte simulada; à hora do chá mostrou-se de uma alegria turbulenta. Miss Wilkinson olhava-o, nervosa.

— Não deve andar por aí com os olhos tão brilhantes — observou ela, pouco depois. — Que pensará a tia Louisa?

— Não me interessa o que ela possa pensar.

Miss Wilkinson emitiu uma risadinha de prazer. Assim que terminaram a ceia ele lhe perguntou:

— Quer fazer-me companhia enquanto fumo um cigarro?

— Por que não deixa miss Wilkinson repousar? — perguntou mrs. Carey. — Lembre-se de que ela não é tão jovem como você.

— Eu estava pensando mesmo em sair — retrucou ela, asperamente.

— Após o almoço caminha bastante, após a ceia repousa um instante — observou o vigário.

— Sua tia é muito boa, mas às vezes me mexe com os nervos — disse miss Wilkinson, logo que saíram pela porta lateral.

Philip atirou fora o cigarro que mal havia acendido, e envolveu-lhe a cintura com ambos os braços. Ela procurou afastá-lo.

— Prometeu que ficaria bonzinho, Philip.

— Esperava que eu fosse cumprir uma promessa assim?

— Ainda estamos muito perto de casa, Philip. Imagina se alguém saísse de repente!

Conduziu-a para o jardim dos fundos, onde não havia possibilidade de alguém aparecer. Desta vez miss Wilkinson não se preocupou com os insetos.

Philip beijou-a apaixonadamente. Uma das coisas que o intrigavam era o fato de não apreciá-la de manhã e apenas suportá-la à tarde; à noite, porém, eletrizava-se ao sentir-lhe a mão. Disse coisas que nunca se imaginara capaz de dizer; à luz do dia, pelo menos, tinha certeza de que não ousaria dizê-las. Ouvia-se a si próprio com espanto e satisfação.

— Que belo galanteador você é! — exclamou ela.

Philip era da mesma opinião.

— Oh, se eu pudesse dizer tudo o que me inflama o coração! — murmurou com ardor.

Era esplêndido. Era o mais empolgante jogo de que já havia participado. E o mais estranho era que sentia, realmente, o que dizia. Apenas exagerava um pouco. Ficou extasiado ante o efeito que suas palavras causavam nela. Foi sem

dúvida com muito esforço que miss Wilkinson manifestou, por fim, o desejo de recolher-se.

— Oh, não vá ainda! — suplicou ele.

— Preciso ir, tenho medo.

Ocorreu-lhe, de repente, o que lhe competia fazer.

— Não posso me recolher já. Ficarei aqui, pensando. Tenho o rosto em fogo. A aragem da noite me fará bem. Boa noite!

Estendeu a mão, gravemente, e ela tomou-a em silêncio. Julgou ouvi-la abafar um soluço. Como era magnífico! Quando, após um intervalo razoável em que permaneceu sozinho e aborrecido na escuridão do jardim, resolveu voltar para casa, verificou que miss Wilkinson já havia ido para a cama.

Depois disso as coisas entre eles tomaram novo rumo. Nos dois dias que se sucederam Philip mostrou-se muito apaixonado. Sentiu-se deliciosamente lisonjeado ao descobrir que miss Wilkinson o amava também: ela o confessara em inglês e em francês. E os galanteios que lhe dizia! Ninguém lhe havia informado, até então, que seus olhos eram encantadores e sua boca, sensual. Nunca se havia preocupado muito com sua aparência pessoal, mas agora, todas as vezes que podia, mirava-se no espelho com satisfação. Ao beijá-la, era admirável aquela sensação que lhe fazia vibrar a alma! Beijava-a sempre, pois achava isso mais fácil do que dizer coisas que sabia, instintivamente, serem esperadas por ela. Ainda achava ridículo afirmar que a adorava. Desejava ter alguém a quem pudesse gabar-se; analisaria, então, os mínimos detalhes de sua conduta. Às vezes ela dizia coisas enigmáticas, que o punham perplexo. Se Hayward estivesse presente, ia perguntar-lhe qual supunha ser a intenção dela e o que lhe aconselhava fazer. Não sabia se era melhor precipitar os acontecimentos ou deixar que seguissem o curso natural. Só lhe restavam três semanas.

— É horrível pensar que as férias vão acabar — observou ela. — Isso me parte o coração. E talvez nunca mais nos tornemos a ver.

— Se me quisesse de verdade, não seria tão má para mim — murmurou ele.

— Por que não aceita as coisas como elas são? Os homens são sempre os mesmos. Nunca ficam satisfeitos.

Ante a insistência dele, exclamou:

— Mas não vê que isso é impossível? Como poderemos, aqui?

Philip propôs toda a sorte de planos, mas não havia meio de ela aceitá-los.

— Não quero arriscar-me. Seria um horror se sua tia descobrisse.

Um ou dois dias mais tarde ocorreu-lhe uma idéia que parecia genial.

— Olhe aqui, não seria possível simular uma forte dor de cabeça domingo à noite? Tendo alguém para tomar conta da casa, a tia Louisa sem dúvida aproveitaria a oportunidade para ir à igreja.

Em geral mrs. Carey ficava em casa nas noites de domingo, a fim de permitir que Mary Ann fosse à igreja, mas ficaria contentíssima se pudesse assistir às vésperas.

Philip não julgara necessário comunicar aos tios a radical mudança que se processara, na Alemanha, no seu modo de encarar o cristianismo. Tinha plena certeza de que eles não compreenderiam, e por isso julgava preferível freqüentar a igreja. Mas ia apenas pela manhã. Considerava isso uma concessão especial feita aos preconceitos da sociedade, e a recusa a ir mais de uma vez por dia era, aos seus olhos, uma afirmação de livre-pensamento.

Ao ouvir a sugestão, miss Wilkinson conservou-se um instante em silêncio e em seguida balançou a cabeça.

— Não, não posso.

No domingo, porém, à hora do chá, Philip teve uma surpresa.

— Acho que não vou à igreja esta noite — disse ela de repente. — Sinto uma terrível dor de cabeça.

Muito preocupada, mrs. Carey fez questão de oferecer-lhe umas gotas que ela própria costumava tomar quando sentia aquelas indisposições. Miss Wilkinson agradeceu e, logo depois do chá, anunciou que ia subir para o quarto e deitar-se.

— Tem certeza de que não precisará de nada? — perguntou mrs. Carey, com ansiedade.

— Pode ficar descansada.

— É porque, se você não precisar de nada, eu aproveito para ir à igreja. Não me aparecem muitas oportunidades como esta.

— Isso mesmo, vá.

— Ficarei em casa — disse Philip. — Se miss Wilkinson quiser alguma coisa é só chamar-me.

— É melhor deixar aberta a porta da sala de visitas, para que possa ouvir quando miss Wilkinson lhe chamar.

— Está bem — respondeu Philip.



Depois das seis horas, portanto, Philip ficou só, em casa, com miss Wilkinson. A apreensão abatia-o. Desejava, de todo o coração, nunca ter sugerido aquele plano. Agora era tarde, porém. Cumpria-lhe aproveitar a oportunidade que criara. Que pensaria miss Wilkinson se ele não o fizesse! Dirigiu-se ao hall e escutou. Não se ouvia o menor rumor. Quem sabe se miss Wilkinson não estava mesmo com dor de cabeça! Talvez houvesse esquecido a sugestão. Seu coração batia dolorosamente. Galgou cauteloso os degraus da escada, parando sempre que eles rangiam. Estava diante do quarto de miss Wilkinson. Pondo-se à escuta, colocou a mão sobre a maçaneta. Teve a impressão de esperar ali mais de cinco minutos, incapaz de chegar a uma decisão. A mão tremia-lhe. Sentia vontade de fugir, mas tinha receio de ser perseguido pelo remorso. Era o mesmo que subir, numa piscina de natação, ao alto de um trampolim; de baixo não causava impressão alguma, mas uma vez lá em cima, olhando a água, a pessoa sentia o coração desfalecer. A única coisa que obrigava o banhista a atirar-se era a vergonha de descer, humilhado, os degraus que galgara com tanto entusiasmo. Reunindo toda a coragem de que era possuidor, Philip fez girar brandamente a maçaneta e entrou. Tinha a impressão de que estava a tremer como uma folha.

Encontrou miss Wilkinson de pé, em frente à penteadeira, com as costas voltadas para a porta. Ao vê-la abrir-se, voltou-se num movimento vivo.

— Oh, é você? O que você quer?

Já havia despido a saia e a blusa, e estava apenas com a saia de baixo, que era curta e mal lhe chegava à altura das botinhas; a parte superior era preta, de fazenda brilhante, com folhos vermelhos. Vestia uma bata de algodão, com mangas curtas. Tinha um aspecto grotesco. Ao avistá-la, Philip sentiu um desfalecimento. Nunca a imaginara tão pouco atraente. Era tarde demais, porém. Empurrou a porta atrás de si e fechou-a com a chave.

Na manhã seguinte Philip despertou bem cedo. Tivera um sono agitado, mas ao espichar as pernas, vendo as figuras que o sol desenhava sobre o soalho, a esgueirar-se por entre as venezianas, soltou um suspiro de satisfação. Estava radiante consigo mesmo. Pôs-se a pensar em miss Wilkinson. Pedira-lhe que a chamasse de Emily, mas, não sabia por quê, isso lhe era impossível: para ele havia de ser sempre miss Wilkinson. Visto que ela o censurava por chamá-la assim, evitava sempre pronunciar-lhe o nome. Na sua infância ouvira falar freqüentemente de uma irmã da tia Louisa, viúva de um oficial da Marinha, que se chamava Emily também. Não seria nada agradável, portanto, tratar miss Wilkinson por esse nome, sendo também difícil encontrar um outro que lhe sentasse melhor. Conhecera-a como miss Wilkinson, e este nome parecia inseparável da primeira impressão que tivera dela. Carregou o sobrolho, de repente: fosse como fosse, ele a vira naquela noite sob o pior aspecto possível. Não podia esquecer o assombro que experimentara ao vê-la voltar-se de saio e bata. Lembrou-se da ligeira aspereza de sua pele e os longos e acentuados vincos que apresentava no pescoço. Seu triunfo fora efêmero. Fez novos cálculos sobre a idade dela e agora não achava que pudesse ter menos de quarenta. A aventura tornava-se ridícula. Ela era velha e sem atrativos. Com a sua imaginação vivaz, via-a enrugada, desfigurada e empoada, metida em vestidos ostentosos demais para a sua posição e muito infantis para a sua idade. De súbito, estremeceu; não queria vê-la nunca mais. Como tivera coragem de beijá-la? Ficou horrorizado de si próprio. Seria aquilo amor?

Gastou muito tempo em vestir-se, para assim afastar o momento de revê-la. Quando, por fim, penetrou na sala de jantar, levava o coração na mão. As orações já haviam terminado, estando todos sentados em volta da mesa.

— Preguiçoso! — exclamou alegremente miss Wilkinson em tom de graça.

Philip olhou para ela e soltou um suspiro de alívio. Estava sentada com as costas voltadas para a janela. Era, na realidade, bastante bonita. Não sabia por

que havia pensado aquelas coisas a seu respeito. Recuperou imediatamente a satisfação íntima.

Surpreendeu-se com a mudança que se processara nela. Logo depois da refeição matinal, com voz trêmula de emoção, ela confessou que o amava. Mais tarde, durante a lição de canto na sala de visitas, estendeu-lhe o rosto no meio de uma escala e disse:

— *Embrasse-moi.*

Quando o rapaz se inclinou, miss Wilkinson atirou-lhe os braços em volta do pescoço. A posição era ligeiramente incômoda e sufocante.

— *Ah, je t'aime. Je t'aime. Je t'aime!* — exclamou ela na sua carregada pronúncia francesa.

Philip preferia que ela falasse inglês.

— Já lhe ocorreu que o jardineiro pode passar pela janela de um momento para outro?

— *Oh, je m'en fiche du jardinier. Je m'en refiche, et je m'en contrefiche.*

Philip achava tudo isso muito parecido com uma novela francesa, e não sabia por que razão se sentia ligeiramente irritado.

— Bem, acho que vou à praia dar um mergulho — disse por fim.

— Oh!, vai me deixar só, logo esta manhã?

Philip não via razão que o impedisse de ir, mas mesmo assim transigiu.

— Gostaria que eu não fosse?

— Não, não, querido! Pelo contrário. Vá! Quero imaginá-lo dominando as salgadas águas do mar, banhando o corpo no oceano imenso.

Apanhou o chapéu e pôs-se a caminho.

“Como as mulheres dizem asneiras!”, pensava consigo mesmo.

Sentia-se, porém, feliz e lisonjeado. Via-se que ela estava ardentemente apaixonada. Ao atravessar, coxeando, a rua principal de Blackstable, olhava para os transeuntes com um quê de superioridade. Conhecia muitos deles e ao cumprimentá-los, com um sorriso, pensava intimamente: “Ah, se esta gente soubesse!”. Estava ansioso por que alguém viesse a saber de suas aventuras. Pensou em escrever a Hayward e pôs-se a compor mentalmente a carta. Falaria do jardim e da pequena preceptora francesa, flor exótica entre as rosas, perfumada e perversa. Diria que ela era francesa porque... — ora, tinha vivido tanto tempo na França que bem podia considerar-se tal; além disso, seria vulgar descrever as coisas de maneira muito exata. Contaria a Hayward como a tinha visto pela primeira vez em seu vestido de musselina branca e

mencionaria o detalhe da flor. Converteu todo o episódio num delicado idílio: o sol e o mar emprestavam-lhe ardor e magia, as estrelas concorriam com a poesia e o velho jardim do vicariato proporcionava um cenário adequado e delicioso. Havia algo de George Meredith naquilo tudo: não era bem Lucy Feverel nem Clara Middleton, mas possuía um encanto inefável. O coração de Philip pulsava célere. Estava tão embevecido com as suas fantasias que começou a pensar nelas, novamente, assim que saiu de dentro d'água, gotejando e tiritando de frio, e foi vestir-se na sua cabina ambulante. Recordava o objeto de seus afetos. Possuía o narizinho mais adorável do mundo e grandes olhos castanhos (ele a despreveria assim para Hayward); era delicioso mergulhar o rosto nos seus cabelos fofos, da mesma cor dos olhos, admirar a pele alva como marfim à luz do sol e as faces coradas como uma rosa vermelha. Que idade tinha ela? Uns dezoito anos, talvez. Chamava-se Musette. Seu riso era como o sussurro de um arroio e sua voz suave como uma música divina.

— Em que está pensando, afinal?

Philip estacou. Caminhava vagarosamente, de volta para casa.

— Venho lhe fazendo sinais de longe. Que distração!

Miss Wilkinson estava diante dele, rindo da sua surpresa.

— Resolvi vir ao seu encontro.

— Muito obrigado pela atenção.

— Eu lhe assustei?

— Um pouquinho — admitiu ele.

Apesar disso, escreveu a Hayward uma carta de oito laudas.

A quinzena passava rapidamente, e embora todas as noites, no jardim, miss Wilkinson lembrasse que mais um dia se havia escoado, a disposição jovial de Philip não dava lugar a preocupações. Certa noite miss Wilkinson insinuou que seria esplêndido se pudesse trocar sua situação em Berlim por outra idêntica em Londres. Poderiam se ver, então, constantemente. Philip respondeu que seria ótimo, mas não sentiu entusiasmo algum. Pretendia levar uma vida divertida, em Londres, e preferia não ser estorvado. Discorreu livremente sobre todos os seus projetos e através deles miss Wilkinson concluiu que estava ansioso por partir.

— Se me amasse não falaria desse modo — queixou-se ela.

Apanhado de surpresa, o rapaz não encontrou resposta adequada.

— Que tola que fui! — murmurou a preceptora.

Philip notou, com espanto, que ela chorava. Possuía um coração sensível e não gostava de ver ninguém infeliz.

— Perdoe-me, por favor. Em que foi que a magoei? Não chore.

— Oh, Philip, não me abandone! Não sabe o que significa para mim. Minha vida é tão triste e você me fez tão feliz!

Ele beijou-a em silêncio. O tom de verdadeira angústia que se percebia na sua voz atemorizava-o. Nunca imaginara que ela fosse tão sincera nas suas afirmações.

— Sinto-me arrependido. Bem sabe que eu a amo loucamente. Seria ótimo se pudesse ir para Londres.

— Bem sabe que isso é impossível. Arranjar uma colocação é a coisa mais difícil do mundo e além do mais eu detesto o sistema de vida inglês.

Quase sem ter consciência de que estava representando um papel, comovido pela aflição dela, insistia cada vez mais. Suas lágrimas lisonjeavam-no vagamente e foi com verdadeira paixão que a beijou por fim.

Alguns dias mais tarde, porém, miss Wilkinson fez uma cena. Iam jogar tênis no vicariato, e para isso foram convidadas duas moças, filhas de um major aposentado que servira num regimento da Índia e agora se havia fixado em Blackstable. Eram ambas bem bonitas: uma tinha a mesma idade de Philip e a outra era um ou dois anos mais nova. Como estivessem acostumadas a conviver com rapazes (contavam mil histórias sobre guarnições montanhesas da Índia numa época em que as novelas de Rudyard Kipling andavam em todas as mãos), puseram-se a caçoar com Philip. Agradavelmente impressionado pela novidade — as moças de Blackstable tratavam o sobrinho do vigário com certa seriedade — o rapaz mostrou-se logo alegre e desembaraçado. Algum demônio parece que o instigou a encetar violento flerte com as duas visitantes, e como fosse o único jovem presente à reunião, elas lhe corresponderam de bom grado. Acontecia que jogavam tênis com grande perfeição, e como Philip estivesse cansado de bater bola com miss Wilkinson (depois que chegou a Blackstable foi que ela começou a treinar) sugeriu, ao distribuir os parceiros após o chá, que a preceptora jogasse contra a mulher do cura, tendo este ao seu lado; quanto a ele, bater-se-ia mais tarde com as recém-chegadas. Sentando-se junto da mais velha, disse-lhe em voz baixa:

— Descartemo-nos primeiro dos novatos, para depois jogar uma boa partida.

Miss Wilkinson devia tê-lo ouvido, pois atirou ao chão a raquete e, alegando uma dor de cabeça, foi para dentro. Todos notaram que ela se sentiu ofendida e Philip ficou profundamente aborrecido com essa demonstração feita em público. Fez-se, não obstante, a distribuição dos jogadores, mas logo a seguir mrs. Carey fez sinal para o sobrinho.

— Você magoou Emily, Philip. Está no quarto, chorando.

— Que foi que eu lhe disse?

— Não sei; é uma história de principiantes ou coisa parecida. Vá lhe pedir desculpas e dizer que não foi de propósito, anda! Mostre que é um bom rapaz.

— Está bem.

Bateu à porta do quarto de miss Wilkinson, mas como não recebesse resposta resolveu entrar. Encontrou-a debruçada na cama, chorando amargamente. Pousou-lhe a mão sobre o ombro.

— Mas que foi que aconteceu?

— Deixe-me em paz. Não quero mais falar com você.

— Cometi algum crime? Sinto muito tê-la magoado. Juro que não foi por querer. Vamos, levante-se.

— Oh, que infeliz que eu sou! Como pôde ser tão cruel comigo? Sabe muito bem que eu detesto esse jogo estúpido. Só o suporto porque quero estar ao seu lado.

Ergueu-se e caminhou em direção à penteadeira, mas após mirar-se rapidamente no espelho deixou-se cair sobre uma cadeira. Fez do lenço uma bola que comprimia de encontro aos olhos.

— Dei a você o que de mais valioso uma mulher pode dar a um homem. Oh, que tola que eu fui! Como pode ser tão ingrato. Parece não ter coração. Como pôde ser tão cruel a ponto de me atormentar flertando com moças tão vulgares? Só nos resta agora uma semana. Será que não me pode conceder ao menos esse intervalo de felicidade?

Philip estava mal-humorado. Achava muito infantil a conduta de miss Wilkinson e ao mesmo tempo vexava-o o fato de ela haver dado expansão ao seu gênio diante de estranhos.

— Sabe perfeitamente que eu não dou a menor importância a nenhuma das O'Connor. Por que diabo acha que estou flertando com elas?

Miss Wilkinson pousou o lenço. As lágrimas tinham-lhe deixado marcas no rosto empoadado e os cabelos estavam um tanto desarranjados. O vestido

branco já não lhe ficava tão bem. Olhou para Philip com olhos famintos e apaixonados.

— Porque você tem vinte anos e uma delas também tem — respondeu com voz rouca. — E eu sou uma velha.

Philip enrubesceu e desviou o olhar. A angústia com que ela falava inquietava-o estranhamente. Seria mil vezes melhor que nunca tivesse conhecido miss Wilkinson.

— Não quero ser a causa da sua infelicidade — exclamou, embaraçada. — Acho aconselhável descer e reunir-se aos seus amigos. Já devem estar sentindo a sua ausência.

— Está bem.

Philip experimentou grande alívio ao deixá-la.

A briga foi logo seguida de uma reconciliação, mas os últimos dias trouxeram muitos aborrecimentos para o rapaz. Não gostava de falar senão no futuro, e o futuro invariavelmente reduzia miss Wilkinson a lágrimas. A princípio aquela choradeira o sensibilizava e, sentindo-se um monstro, renovava os seus protestos de imorredoura paixão. Agora, porém, irritava-se facilmente: estaria tudo muito direito se se tratasse de alguma mocinha, mas não ficava bem a uma mulher feita chorar a todo instante. Não cessava de lhe lembrar a sua inapreciável dívida de gratidão para com ela. Philip não negava essa verdade tal a insistência de miss Wilkinson, mas não compreendia por que razão deveria mostrar-se mais grato a ela do que ela a ele. Era obrigado a revelar essa gratidão de maneira bastante enfadonha; acostumara-se à solidão, que às vezes se lhe tornava mesmo uma necessidade, mas miss Wilkinson tachava-o de indelicado se não estivesse constantemente ao seu lado. As O'Connor os convidaram para o chá, mas a preceptora disse que só lhes sobravam cinco dias e portanto queria-o inteiramente para si. Era uma exigência lisonjeira, mas incômoda. Miss Wilkinson contou-lhe histórias sobre a refinada delicadeza dos franceses quando em situação idêntica à sua. Elogiou-lhes a cortesia, o amor ao sacrifício, o tato perfeito. Miss Wilkinson parecia querer muita coisa.

Philip ouviu-a enumerar as qualidades que o verdadeiro amante deve possuir e não pôde deixar de sentir satisfação pelo fato de ela viver em Berlim.

— Escreva-me sempre, ouviu? Escreva-me todos os dias. Quero saber de todos os seus atos. Não deve ocultar-me coisa alguma.

— Estarei muito ocupado — respondeu ele. — Escreverei sempre que for possível.

A mulher atirou-lhe os braços apaixonadamente em volta do pescoço. Às vezes Philip sentia-se embaraçado com aquelas demonstrações de afeto. Seria preferível que ela fosse mais passiva. Também o surpreendia aquele ardor que destoava completamente de seus preconceitos sobre a modéstia do temperamento feminino.

Chegou afinal o dia do embarque de miss Wilkinson. Desceu para o almoço, pálida e abatida, trajando um vestido xadrez preto-e-branco. Parecia uma preceptora competentíssima. Philip conservava-se em silêncio, pois não sabia o que dizer naquelas circunstâncias; temia fazer alguma observação capaz de lançar miss Wilkinson em prantos, mesmo diante de mr. Carey. Tinham-se despedido no jardim, na noite anterior, e Philip sentia grande alívio por não haver mais oportunidade de estarem a sós. Deixou-se ficar na sala de jantar após a refeição, receando que ela insistisse em beijá-lo na escada. Não queria que Mary Ann, mulher já de meia-idade e dona de uma língua ferina, os surpreendesse em atitude comprometedora. Mary Ann não gostava de miss Wilkinson, a quem apelidara de gata velha. A tia Louisa não se sentia bem-disposta e portanto não poderia ir à estação, mas o vigário e Philip acompanharam-na até lá. Quando o trem se preparava para partir ela inclinou-se e beijou mr. Carey.

— Devo beijar você também, Philip.

— Pois não — respondeu ele, corando.

Alçou-se no degrau e ela deu-lhe um rápido beijo. O trem pôs-se em movimento e miss Wilkinson caiu para o canto do banco, chorando desconsoladamente. Ao voltar para casa, Philip experimentava uma pronunciada sensação de alívio.

— E então? Correu tudo bem? — perguntou tia Louisa.

— Apenas achei-a muito chorosa — replicou o vigário. — Insistiu em beijar, a mim e a Philip.

— Bem, na idade dela não é perigoso — observou a velha.

E, indicando o aparador da sala de jantar:

— Uma carta para ti, Philip. Veio na segunda remessa.

Era de Hayward e dizia o seguinte:



*Meu caro rapaz,*

*Respondo imediatamente à tua carta. Tomei a liberdade de lê-la para uma grande amiga minha, encantadora mulher cujo auxílio e simpatia me têm sido muito preciosos, uma mulher, em suma, possuidora de real sentimento artístico e literário; e ambos achamo-la encantadora. Foi escrita do fundo do teu coração e não imagina a deliciosa ingenuidade que se desprende de cada linha. E, pelo simples fato de amar, escreve como um poeta. Ah, meu caro rapaz, assim é que deve ser; senti o ardor de tua paixão moça e a sinceridade de tua emoção transformou a prosa num poema musical. Como deve ser feliz! Quem me dera estar presente, sem ser visto, nesse jardim encantado e observá-los a vaguear de mãos dadas por entre as flores, como Dáfnis e Cloé. Parece que te vejo, meu Dáfnis, com a chama do amor jovem a brilhar nos olhos, terno, arrebatado e ardente; Cloé, a teu lado, tão nova, tão meiga, tão fresca — consentindo, ela que jurara nunca consentir. Rosas, violetas, madressilvas! Oh, meu amigo, como te invejo! Como agrada saber que teu primeiro amor foi pura poesia! Entesoura esses momentos, pois os deuses imortais te dispensaram o maior de todos os dons; irá recordá-los com saudade até o dia de tua morte. Nunca mais experimentará esse despreocupado arrebatamento. O primeiro amor é sempre o melhor; ela é bela, você é jovem, o mundo é seu. Senti que o pulso se me acelerava quando, na tua adorável simplicidade, contou-me haver mergulhado o rosto em seus longos cabelos. Deve ser de um delicioso castanho, aquele castanho que dá a impressão de ter sido banhado em ouro. Quisera ver vocês sentados sob frondosa árvore, lado a lado, lendo juntos Romeu e Julieta; desejaria, então, que você caísse de joelhos e, em meu nome, beijasse o solo calcado pelos seus pés. Diz-lhe que essa é a homenagem de um poeta à sua radiosa mocidade e ao teu amor por ela.*

*Teu sempre,  
G. Etheridge Hayward.*

— Ora bolas! — exclamou Philip ao terminar a leitura da carta.

Miss Wilkinson — estranha coincidência — sugerira também que ambos lessem juntos *Romeu e Julieta*, mas Philip se recusara terminantemente a fazê-lo. Ao guardar a carta no bolso, sentiu pungi-lo a tristeza por ver que a realidade parecia tão diferente do ideal.

Alguns dias depois Philip embarcou para Londres. O cura recomendara a Pensão Barnes e os aposentos foram reservados por carta, à razão de catorze xelins por semana. Quando chegou já era noite e a dona da casa, esquisita mulherzinha de corpo encarquilhado e rosto coberto de profundas rugas, esperava-o para o chá. Quase toda a sala era ocupada pelo aparador e por uma mesa quadrada; numa das paredes havia um sofá estofado com crina de cavalo e, ao lado da lareira, uma poltrona do mesmo modelo; o encosto desta última peça era protegido por uma capa e, sobre o assento, uma dura almofada substituía as molas que haviam se quebrado.

Após beber o chá, abriu as malas e colocou os livros em ordem. Tentou ler, em seguida, mas sentia grande depressão. O silêncio da rua perturbava-o um pouco, aumentando a sua solidão.

No dia seguinte levantou-se bem cedo. Vestiu o fraque e pôs a cartola que costumava usar na escola; estava muito velha, porém, e em vista disso resolveu passar pela loja, a caminho do escritório, para comprar uma nova. Notou, então, que lhe sobrava tempo suficiente para perambular ao longo do Strand. O escritório de Herbert Carter & Cia. ficava situado numa pequena rua transversal à Chancery Lane. Philip teve de pedir informações a duas ou três pessoas. Notou que olhavam muito para ele e numa dessas vezes tirou o chapéu para ver se não se esquecera de tirar a etiqueta. Ao chegar bateu à porta, mas ninguém respondeu. Consultando o relógio, verificou serem pouco mais de nove e meia. Devia ser muito cedo. Voltou dez minutos mais tarde e encontrou então um empregado de nariz comprido, cara cheia de espinhas e sotaque escocês. Philip perguntou por Herbert Carter. Ainda não tinha chegado.

— Quando chegará?

— Entre dez e dez e meia.

— Ficarei esperando.

— Que deseja? — indagou o auxiliar.

Philip estava nervoso, mas procurou ocultá-lo com uma atitude jocosa.

— Bem, pretendo trabalhar aqui, se não fizer objeção.

— Ah, é o novo escrevente? Acho melhor entrar. Mr. Goodworthy chegará de um momento para outro.

Philip entrou, mas ao fazê-lo notou que o auxiliar — que era um rapaz mais ou menos da sua idade — lhe observava o pé. Focou vermelho, de repente, e, sentando-se, procurou ocultar a deformidade. Olhou em volta da sala. Era escura e triste. Iluminava-a uma clarabóia. Havia três séries de carteiras com os respectivos bancos de pernas altas. Sobre a chaminé pendia uma gravura encardida, representando uma luta de boxe. Chegou então um escriturário e em seguida outro. Como não soubessem quem era Philip, perguntaram-no em voz baixa ao auxiliar (Philip descobriu que este se chamava Macdougall). Ao soar de um apito Macdougall levantou-se.

— Mr. Goodworthy chegou. É o chefe dos escreventes. Devo anunciar a sua presença?

— Sim, por favor — disse Philip.

O rapaz retirou-se, voltando pouco depois.

— Faça o favor de acompanhar-me.

Philip seguiu-o através do corredor e penetrou numa saleta pouco mobiliada onde um homenzinho muito magro estava sentado, com as costas para o fogo. Era de estatura muito inferior à mediana. A grande cabeça parecia balançar sobre o corpo, emprestando-lhe um aspecto bastante estranho. Tinha um rosto largo e achatado, e olhos salientes, de cor desmaiada, o cabelo era ralo, de um louro sem brilho. Usava suíças muito irregulares, pois a barba se fazia notar pela ausência justamente nos lugares onde devia ser mais espessa. A pele era pastosa e amarela. Estendeu a mão para Philip e ao sorrir mostrou os dentes horrivelmente cariados. Falava com ar protetor mas ao mesmo tempo tímido, como se procurasse assumir uma importância de que ele mesmo não estava convicto. Esperava que Philip gostasse do trabalho; era um pouco aborrecido, de início, mas com o correr do tempo tornava-se agradável. E ganhava-se dinheiro — eis o principal, não era verdade? Soltou uma risada, com aquele sorriso misto de superioridade e timidez.

— Mr. Carter chegará dentro em pouco — esclareceu. — Atrasa-se freqüentemente, às segundas-feiras. Assim que chegar lhe chamarei. Nesse meio-tempo, preciso arranjar-lhe o que fazer. Sabe alguma coisa de contabilidade?

— Infelizmente, não.

— Não esperava mesmo que soubesse. Na escola não se aprendem as coisas úteis ao comércio.

Após refletir durante alguns segundos, disse:

— Já sei o que pode fazer.

Dirigiu-se à sala ao lado e trouxe de lá uma grande caixa de papelão. Continha grande quantidade de cartas, todas misturadas, e Philip foi incumbido de colocá-las em ordem alfabética, de acordo com os nomes dos signatários.

— Vou encaminhá-lo à sala em que geralmente trabalham os praticantes de escriturário. Terá um ótimo companheiro. Chama-se Watson. É filho do chefe da firma Watson, Crag e Thompson, os cervejeiros. Está passando um ano conosco a fim de aprender os segredos do comércio.

Mr. Goodworthy atravessou o sombrio escritório, onde seis ou oito escriturários já haviam iniciado o trabalho, conduzindo Philip a uma estreita sala situada nos fundos. Era separada do salão principal por uma divisória de vidro. Watson estava recostado na cadeira, lendo *The Sportsman*. Era um moço forte e elegante no trajar, que ergueu os olhos da revista à entrada de mr. Goodworthy. Afirmava a sua posição tratando o chefe dos escriturários por Goodworthy, simplesmente. Este não gostava da familiaridade, pois sempre antepunha um enfático *mister* ao nome do praticante. Watson, porém, sem ver nesse tratamento uma repreensão, aceitava-o como um tributo ao seu cavalheirismo.

— Diz aqui que eliminaram o Rigoletto — informou ele a Philip, logo que o escriturário se retirou.

— É mesmo? — disse Philip, que nada entendia de corridas de cavalos.

Olhava com admiração para as belas roupas de Watson. O fraque sentava-lhe como uma luva e no meio da enorme gravata ostentava-se valioso alfinete. A cartola repousava sobre o consolo da lareira: era lustrosa e petulante, em forma de sino. Philip sentiu-se um maltrapilho. Watson começou a falar de caça. Era uma maçada ter de passar dias inteiros naquele escritório infernal, com oportunidade para caçar apenas aos sábados. Recebia convites formidáveis, de toda parte, mas via-se obrigado a recusá-los. A sina era cruel mas, se Deus quisesse, não havia de aturá-la por muito tempo. Ia passar somente um ano naquela baiúca, para depois ingressar nos negócios. Havia de ir à caça, então, quatro vezes por semana.

— Vai praticar aqui durante cinco anos, não? — perguntou, indicando o minúsculo gabinete com um movimento circular do braço.

— Acho que sim — disse Philip.

— Pelo que vejo nos encontraremos sempre. Carter é quem faz a contabilidade da nossa casa, como sabe.

Philip sentia-se subjogado pela condescendência do jovem cavalheiro. Em Blackstable o comércio de cerveja sempre fora olhado com polido desprezo e o vigário contava, mesmo, anedotas a esse respeito. Como se surpreendia de encontrar agora, em Wafson, criatura tão magnífica e importante! Estivera em Winchester e Oxford, o que se depreendia freqüentemente de sua conversa. Ao conhecer os detalhes da educação de Philip, suas maneiras tornaram-se ainda mais protetoras.

— Quando não se tem a felicidade de freqüentar uma boa *public school*, é claro que esta espécie de escola é a que mais se recomenda, não acha?

Como Philip o interrogasse sobre os outros empregados, Watson esclareceu:

— Não lhes dou muita atenção, sabe? Carter não é mau sujeito. De vez em quando o convidamos para jantar. Os outros são uma corja de plebeus.

Dali a pouco, Watson ocupou-se com algum trabalho que tinha em mão e Philip começou a classificar as cartas. Depois, mr. Goodworthy entrou para anunciar a chegada de mr. Carter. Philip foi conduzido a uma grande sala contígua à daquele. Havia uma enorme escrivaninha no centro e um par de confortáveis poltronas: um tapete turco adornava o assoalho e as paredes eram ornadas com gravuras esportivas. Mr. Carter ergueu-se para apertar a mão de Philip. Trajava comprida sobrecasaca e possuía aspecto militar. Tinha o bigode lustroso e trazia muito bem penteados os cabelos curtos e grisalhos. Mantinha-se sempre teso, falava com grande vivacidade e residia em Enfield. Interessava-se pelos esportes e pelo bem-estar do país. Era oficial da Guarda Territorial do Condado de Hertford e presidente do Clube Conservador. Quando soube que um magnata local dissera que ninguém o tomaria por um homem da *city*, sentiu que não tinha vivido em vão. Falou a Philip em tom amável e sem cerimônia. Mr. Goodworthy iria guiá-lo no escritório. Watson era ótimo rapaz, perfeito cavalheiro, excelente *sportsman*. Philip caçava? Que pena! Um esporte de cavalheiros. Já não tinha ocasiões de caçar; deixava-o para o filho. Achava-se ele em Cambridge: tinha-o mandado para Rugby, uma esplêndida escola freqüentada por rapazes decentes. Philip ia gostar de seu filho — um *sportsman*

completo. Fazia votos para que Philip progredisse e apreciasse o trabalho. Não devia perder as suas aulas; estavam elevando o conceito da profissão. Era preciso torná-la bem-vista pelas pessoas de distinção social. Bem, mr. Goodworthy estava ali. Se quisesse saber de alguma coisa era só perguntar a ele. Que tal a sua letra? Bem, não fazia mal, mr. Goodworthy se encarregaria disso.

Philip sentia-se oprimido por tanto cavalheirismo. Em East Anglia sabia-se quem era *gentleman* e quem não o era; mas os verdadeiros *gentleman* nunca tocavam nesse assunto.

A princípio a novidade do trabalho conservava Philip interessado. Mr. Carter ditava-lhe cartas e incumbia-o de passar a limpo os extratos de contas.

Mr. Carter preferia dirigir o escritório dentro dos moldes do verdadeiro cavalheirismo; não tomava conhecimento da datilografia e antipatizava com a escrita estenográfica. O *office-boy* conhecia a taquigrafia, mas apenas Mr. Goodworthy se utilizava dessa habilidade. De vez em quando, acompanhado de um dos escriturários experimentados, Philip saía a examinar os livros de alguma firma; veio a saber, em pouco tempo, quais os clientes que cumpria tratar com respeito e quais os poucos cotados. Outras vezes davam-lhe longas colunas de números para somar. Freqüentava aulas, preparando-se para o primeiro exame. Mr. Goodworthy repetia sempre que o trabalho era aborrecido, a princípio, mas acabaria por se habituar a ele. Philip deixava o escritório às seis horas da tarde e atravessava a ponte, a pé, em direção a Waterloo. Ao chegar em casa já encontrava a ceia à sua espera e passava o serão lendo. Nas tardes de sábado costumava visitar a Galeria Nacional. Hayward lhe recomendara um guia compilado das obras de Ruskin. Munido desse guia percorria, diligentemente, sala após sala. Lia com atenção o que o crítico dizia a respeito de um quadro e em seguida, muito decidido, tratava de encará-lo pelo mesmo ângulo. Os domingos eram-lhe muito monótonos, pois não conhecia ninguém em Londres e passava-os sozinho. Mr. Nixon, o solicitador, convidou-o para passar um domingo em Hampstead e lá viveu ele horas felizes, cercado de estranhos de temperamento exuberante. Comeu e bebeu bastante, deu um giro pelo campo e retirou-se com um convite para voltar quando bem lhe aprouvesse: sentia, porém, um mórbido temor de ser importuno, e em vista disso esperava sempre por um convite formal. Era natural que este nunca viesse, pois os Nixon, que possuíam uma infinidade de amigos, não se lembravam do jovem solitário a quem deviam hospitalidade apenas por cortesia. Aos domingos, portanto, Philip levantava-se tarde e dava um passeio pelo caminho de sirga. Em Barnes o rio é lamacento, escuro e sujeito às marés; não possui o encanto gracioso do Tâmis, acima das

comportas, nem a vida romântica das inúmeras embarcações abaixo da ponte de Londres. À tarde percorria o Prado, também acinzentado e sombrio. Não é cidade nem campo; os espinheiros são raquíticos e ao redor se espalham as escórias da civilização. Ia ao teatro nas noites de sábado e deixava-se ficar durante mais de uma hora, animadamente, à porta da galeria. Não valia a pena voltar a Barnes no intervalo entre o fechamento do museu e a sua refeição num restaurante ligeiro. Não sabia em que empregar o tempo. Subia a Bond Street, atravessava a Burlington Arcade e, quando se sentia cansado, sentava-se no parque; se o tempo estivesse úmido dirigia-se à biblioteca pública St. Martin's Lane. Olhava para as pessoas que passavam e invejava-as por possuírem amigos; às vezes essa inveja transformava-se em ódio ao pensar que a felicidade só sorria para os outros. Nunca imaginara possível a gente se sentir tão só numa grande cidade. Frequentemente, enquanto esperava em pé à porta da galeria, alguém a seu lado tentava entabular conversa; mas Philip, como todo moço do interior, desconfiava de estranhos e respondia de modo que impedisse qualquer aproximação. Terminada a peça, obrigado a guardar para si mesmo o juízo que fazia sobre ela, atravessava a ponte, apressado, em direção a Waterloo. Ao entrar novamente em casa, onde, por economia, o fogo ainda não fora aceso, sentia cerrar-se-lhe o coração. Era invadido por infinita tristeza. Já tomara aversão aos seus aposentos e às intermináveis noites que ali passava. Por vezes a solidão era tanta que Philip se via impossibilitado de ler, passando horas e horas sentado, a olhar o fogo, cheio de desespero.

Achava-se em Londres havia três meses e, a não ser no domingo que passou em Hampstead, só falara com os companheiros de trabalho. Certa noite Watson convidou-o para jantar num restaurante e em seguida levou-o a um *music-hall*. Mas Philip foi tomado de timidez e sentiu-se deslocado. Watson só falava de coisas que não lhe interessavam e, embora o considerasse um filisteu, não podia deixar de admirá-lo. Enraivecia-se pelo fato de ele não dar importância à sua cultura. Como costumasse levar a sério o juízo que os outros faziam de sua pessoa, começou a desprezar os atributos que até então haviam parecido valiosos. Sentia pela primeira vez a humilhação da pobreza. Seu tio mandava-lhe apenas catorze libras por mês e ainda tivera de comprar inúmeras coisas. Seu traje para noite custou-lhe cinco guinéus. Não ousava dizer a Watson que o comprara no Strand. Watson era de opinião que só existia um alfaiate em Londres.



— Você não dança, não é? — perguntou Watson certo dia, relanceando os olhos para os pés de Philip.

— Não — respondeu Philip.

— Que pena. Pediram-me que levasse alguns rapazes a um baile. Ia lhe apresentar a várias garotas.

Uma ou duas ocasiões, sem coragem de regressar a Barnes, Philip deixou-se ficar na cidade e, à noite, pôs-se a perambular pelo West End até encontrar uma residência onde se realizasse algum baile. Reuniu-se ao pequeno grupo de populares malvestidos, por trás dos criados, e ao mesmo tempo que observava a chegada dos convidados ouvia a música que se escoava em ondas pela janela. Às vezes, apesar do frio, um par aparecia à sacada em busca de ar fresco. Supondo-os enamorados, dava meia-volta e lá se ia mancando, desconsolado. Jamais ocuparia o lugar daquele homem. Parecia-lhe que mulher alguma poderia olhá-lo sem manifestar repulsa ante a sua deformidade.

Isso fez com que se lembrasse de miss Wilkinson. Não experimentava satisfação ao pensar nela. Antes de despedirem-se haviam combinado que ela escrevesse para a Agência Postal de Charing Cross até receber um endereço definitivo. Indo lá, Philip encontrou três cartas enviadas pela preceptora. Escrevia em papel azul, com tinta violeta, e em francês. O rapaz perguntava a si próprio por que não escrevia ela em inglês, como qualquer mulher sensata, e as suas expressões de amor, lembrando uma novela francesa, deixavam-no indiferente. Miss Wilkinson censurava-lhe o fato de não haver escrito ainda e Philip, ao responder, desculpou-se alegando ter andado ocupado. Não sabia bem como iniciar a carta. Hesitava ante o emprego de expressões afetuosas ou ardentes, e ao mesmo tempo desgostava-lhe chamá-la de Emily; acabou decidindo-se pela palavra *querida*. Parecia esquisita e um tanto ridícula, assim isolada, mas na falta de outra melhor, servia. Era a primeira carta de amor que escrevia e tinha consciência da sua tibieza: achava que devia dizer coisas veementes, contar que pensava nela durante todos os minutos do dia, que estava ansioso por beijar suas encantadoras mãos, que tremia ao pensar nos seus lábios purpurinos, mas inexplicável pudor o reprimia. Em lugar disso falava-lhe do seu novo aposento e do escritório. A resposta veio cheia de cólera, mágoa e reprovação: como podia ele mostrar-se tão frio? Não sabia que ela dava a vida pelas suas cartas? Dera-lhe tudo o que uma mulher pode dar e aquela era a recompensa que recebia. Já estaria cansado dela? Em seguida, como ele passasse vários dias sem responder, miss Wilkinson submeteu-se a

um bombardeio de cartas. Dizia não poder suportar mais a sua maldade; esperava inutilmente pelo correio, chorava noites a fio, e vivia tão abatida que chamava a atenção de todos. Se nunca a havia amado, por que não fora sincero? Acrescentava não poder viver sem Philip, só lhe restando o suicídio. Tachava-o de insensível, egoísta e ingrato. Tudo isso era dito em francês, mas Philip ficou inquieto, embora soubesse que ela escrevia nessa língua por puro exibicionismo.

Não queria torná-la infeliz. Pouco tempo depois chegou outra carta onde miss Wilkinson confessava não suportar mais aquela separação, pretendendo por isso passar o Natal em Londres. Em resposta, Philip declarou apreciar imensamente a idéia, lamentando apenas haver assumido o compromisso de festejar o Natal com alguns amigos, fora da cidade, compromisso esse a que seria difícil faltar. Miss Wilkinson mandou dizer, então, que não desejava de nenhum modo ser-lhe pesada, pois bem notava que ele não a queria receber; estava profundamente sentida e nunca pensara, mesmo, receber tanta crueldade em troca do bem que praticara. A carta era comovente e Philip imaginou ver vestígios de lágrimas no papel. Escreveu, então, uma resposta impulsiva confessando-se infinitamente arrependido e implorando-lhe que viesse. Foi com grande alívio que recebeu, mais tarde, a notícia de que seria impossível miss Wilkinson vir a Londres. Dentro em pouco, a chegada das cartas começou a despertar em Philip uma sensação de desalento; custava-lhe muito abri-las, pois sabia que elas só continham censuras furiosas e apelos comoventes. Depois de as ler sentia-se um perfeito brutamontes, mas não conseguia compreender, entretanto, qual a culpa que lhe cabia em tudo aquilo. Adia indefinidamente a resposta até que chegava outra carta, anunciando sentir-se ela doente, só e desgraçada.

— Quem me dera nunca a ter conhecido! — exclamava então.

Admirava Watson pela facilidade com que resolvia esses assuntos. O rapaz arranjara uma aventura com uma atriz que representava em companhias ambulantes e as suas narrativas enchiam Philip de invejoso espanto. Após algum tempo, porém, as afeições de Watson mudaram e um belo dia Philip teve notícia da ruptura.

— Achei que não valia a pena usar de subterfúgios e por isso disse-lhe claramente que estava farto dela — contou ele a Philip.

— E ela não fez nenhum escândalo?

— Fez a cena de costume, mas eu dei logo a entender que aquilo não adiantava nada.

— E ela chorou?

— Teve vontade, mas como não suporto uma mulher chorona, disse-lhe que era melhor desistir.

O senso de humor de Philip tornava-se mais pronunciado com a passagem dos anos.

— E ela desistiu? — perguntou, sorrindo.

— Que mais lhe restava fazer?

Entrementes aproximavam-se as festas de Natal. Mrs. Carey estivera de cama durante todo o mês de novembro e o médico sugeriu que ela e o vigário fossem, nessa época do ano, passar umas semanas na Cornualha, para que ela recobrasse as forças. O resultado foi que Philip não teve para onde ir, sendo obrigado a passar o Natal no seu quarto. Influenciado por Hayward, convencera-se de que os festejos levados a efeito naquela data eram vulgares e bárbaros, resolvendo, por isso, não emprestar maior importância ao dia. A incontida alegria que o circundava, porém, afetou-o estranhamente. A dona da casa, acompanhada do marido, fora passar o dia com uma filha casada, e, para evitar incômodos, Philip anunciou que faria as refeições fora. Por volta do meio-dia desceu para a cidade e comeu uma fatia de peru e um pudim de Natal no Restaurante Gatti. Como não tivesse o que fazer, dirigiu-se à Abadia de Westminster para assistir ao ofício vespertino. As ruas estavam quase desertas e os poucos transeuntes tinham um ar preocupado. Não vagueavam sem destino: caminhavam em direção a um objetivo qualquer e raramente iam sós. Philip julgava-os imensamente felizes. Nunca se sentira tão só em sua vida. Pretendera passar o dia na rua e jantar, em seguida, num restaurante, mas não podia enfrentar novamente aqueles grupos de pessoas alegres que conversavam, riam e se divertiam. Voltou pois para Waterloo, comprando, na ponte, um pouco de presunto e duas tortas. Fez a pequena ceia em seu quarto, sozinho, e durante o resto do serão procurou distrair-se com um livro. Sua prostração era quase intolerável.

Ao regressar ao escritório, no dia seguinte, ficou muito magoado ao ouvir Watson descrever os divertimentos da véspera. Haviã conseguido a companhia de duas alegres garotas e depois do jantar, retirando as mesas, dançaram a valer.

— Só fui para a cama às três horas, e não sei mesmo como consegui chegar lá. Estava meio tonto, por Deus!

Philip perguntou por fim, desesperado:

— Como é que a gente conhece alguém em Londres?

Watson fitou-o com surpresa e um ar ao mesmo tempo divertido e desdenhoso.

— Sei lá! A gente se conhece e pronto. Se você freqüentar os bailes, em breve estará conhecendo gente de sobra.

Philip odiava Watson e, no entanto, teria dado tudo na vida para estar no lugar dele. O velho sentimento experimentado na escola repetia-se agora. Procurara introduzir-se na pele do outro, imaginando qual seria então a sua existência.

Pelo fim do ano havia muito que fazer. Philip visitava vários lugares com um empregado chamado Thompson e passava o dia monotonamente, lendo em voz alta lançamentos de despesas gerais, que o outro ia conferindo; às vezes davam-lhe também longas listas de números para somar. Como não tinha cabeça para cálculos, esse trabalho era executado com grande morosidade. Thompson irritava-se com os seus erros. Era um quadragenário de alta estatura, magro, pálido, com cabelos pretos e um bigode irregular: as faces eram reentrantes e de cada lado do nariz delineavam-se profundos vincos. Não gostava de Philip porque este era aprendiz de escriturário. Philip tinha a sua frente promissora carreira, pois podia dispor de trezentos guinéus e manter-se pelo espaço de cinco anos, ao passo que ele, com toda a sua experiência e capacidade, nunca chegaria a ser mais do que um simples empregado com trinta e cinco xelins por semana. Era um homem atrabiliário, tendo às costas numerosa família, e ressentia-se com o ar de superioridade que imaginava ver em Philip. Escarnecia dele por ter recebido educação melhor do que a sua e ridicularizava a pronúncia do rapaz: não perdoava o fato de Philip falar sem o menor sotaque londrino e por isso exagerava sarcasticamente os seus agás aspirados. De início, suas maneiras eram apenas bruscas e casmurras, mas ao descobrir que Philip não tinha queda para a contabilidade sentiu prazer em humilhá-lo; suas investidas eram grosseiras e estúpidas, mas magoavam a Philip que, em represália, assumia uma falsa atitude de superioridade.

— Tomou banho esta manhã? — perguntava Thompson quando Philip chegava atrasado, pois a sua pontualidade não durara muito.

— Tomei. E o senhor, não tomou?

— Não, não sou um *gentleman*, mas sim um simples empregado. Só tomo banho nas noites de sábado.

— Deve ser por isso que se mostra mais mal-humorado às segundas-feiras.

— Quer dignar-se a efetuar algumas somas hoje? Ou será exigir demais de um cavalheiro conhecedor do grego e do latim?

— Suas tentativas de sarcasmo não são muito felizes.

Mas Philip não podia deixar de reconhecer que os outros empregados, mal pagos e malvestidos, eram mais úteis do que ele próprio. Mr. Goodworthy, não raro, impacientava-se com ele.

— O senhor já devia ter feito algum progresso — observava ele. — Não possui nem mesmo metade da aptidão do *office-boy*.

Philip ouvia-o carrancudo. Não gostava de ser censurado. Sentiu-se humilhado quando mr. Goodworthy, descontente com umas cópias que lhe dera para tirar, entregou-as a outro funcionário. A princípio o trabalho era tolerável, visto como tudo possuía um cunho de novidade, mas agora tornava-se irritante. E ao descobrir que não possuía aptidão para o serviço, Philip passou a detestá-lo. Às vezes, em lugar de executar um trabalho que lhe fora confiado, perdia o tempo a traçar figurinhas no papel do escritório. Desenhava caricaturas de Watson em todas as atitudes concebíveis, impressionando-o com o seu talento. Ocorreu ao amigo levar os desenhos para casa e no dia seguinte transmitiu-lhe os elogios de sua família.

— Por que você não estudou pintura? — perguntou. — A única desvantagem é que a profissão não dá dinheiro.

Aconteceu, dois dias mais tarde, que mr. Carter foi jantar com os Watson e teve, assim, oportunidade de admirar os esboços. Na manhã seguinte Philip foi chamado à sua presença. Philip, que o via raramente, tinha por ele um respeito temeroso.

— Escute aqui, meu rapaz. Não me interessa o que o senhor faça fora das horas de serviço; vi, porém, os seus desenhos, e observei que foram executados em papel do escritório. Mr. Goodworthy, por outro lado, informou-me que o senhor não está acusando progresso algum. Devo dizer-lhe que só terá êxito como contador se se esforçar na atividade. É uma bela profissão, não há dúvida: dia a dia ingressam nela homens das melhores classes sociais, mas é uma profissão em que se precisa...

Mr. Carter procurou um remate para a frase, mas, não o encontrando, terminou de maneira um tanto chocha:

— ... é uma profissão em que se precisa se esforçar.

Talvez Philip chegasse a se conformar com tudo aquilo, se não fosse o acordo que lhe permitia retirar-se após um ano de trabalho, recebendo metade da importância paga para o seu aprendizado. Julgava-se capaz de coisa melhor do que esse serviço de somar parcelas e sentia, ao mesmo tempo, que era

humilhante realizar tão mal aquilo que desprezava. Os atritos com Thompson alteravam-lhe os nervos. Em março Watson completou o seu ano de aprendizado e Philip, embora não lhe desse importância, viu-o partir com tristeza. O fato de serem ambos malquistos pelos outros escriturários, cuja classe era inferior à sua, constituía uma espécie de elo que os unia. Quando Philip se lembrava de que seria obrigado a passar mais de quatro anos ainda na desoladora companhia daquela gente, o seu coração confrangia-se. Esperava encontrar em Londres coisas maravilhosas e no entanto a cidade nada lhe dera. Odiava-a por isso. Não conhecia uma só alma e não sabia como fazer amizades. Estava cansado de andar sozinho de um lado para o outro. Começou então a sentir a impossibilidade de suportar por mais tempo aquela vida. Deitava-se na cama, à noite, e punha-se a imaginar a sua alegria quando pudesse fugir para sempre daquela pensão reles e nunca mais regressar ao sombrio escritório.

Grande decepção aguardava-o na primavera. Hayward havia anunciado a intenção de passar essa estação em Londres e Philip ficou muito contente ante a perspectiva de rever o amigo. Tinha lido tanta coisa naqueles últimos meses, tinha pensado tanto, e não encontrava ninguém que se interessasse por coisas abstratas, com quem pudesse discutir as idéias que lhe enchiam o cérebro. Todo o seu entusiasmo, no entanto, se transformou em desapontamento quando Hayward escreveu dizendo que a primavera, na Itália, estava mais adorável do que nunca, e por esse motivo lhe seria totalmente impossível abandoná-la. Prosseguindo, perguntava por que Philip não ia ter com ele. Para que dissipar os dias de sua mocidade enfiado num escritório, quando o mundo era tão belo? E a carta continuava:

*Não sei como consegues suportar essa vida. Agora, quando penso em Fleet Street ou Lincoln's Inn, estremeço de repugnância. Há apenas duas coisas no mundo capazes de tornar a vida digna de ser vivida — o amor e a arte. Não posso imaginar-te sentado num escritório, recurvado sobre o diário da firma. E verdade que você usa uma cartola, um guarda-chuva e uma malinha preta? Acho que a vida deve ser encarada pelo prisma da aventura; devemos sentir a chama pura e ardente das paixões, devemos arriscar-nos, expor-nos ao perigo. Por que não vem estudar arte em Paris? Sempre me pareceu que tinha talento.*

Essa sugestão coincidia com os projetos que Philip, havia tanto tempo, vinha acariciando. A principio a idéa parecera impraticável, mas não podia afastá-la do espírito. Nessas constantes meditações encontrava um meio de fugir ao seu infortúnio. Todos o julgavam com vocação para a arte. Em Heidelberg suas aquarelas foram unanimemente admiradas e miss Wilkinson repetiu-lhe dezenas de vezes serem elas encantadoras; até mesmo pessoas estranhas como os Watson se mostraram impressionadas pelos seu esboços. A *Vie de Bohème* exercera uma grande influência sobre ele. Trouxera-a para Londres e quando sentia recrudescer a sua tristeza, lia umas poucas páginas e deixava-se transportar para aquelas encantadoras águas-furtadas onde Rodolphe e os companheiros dançavam, amavam e cantavam. Começou a pensar em Paris, como o fazia antes com relação a Londres, mas não temia uma segunda desilusão. Paris parecia responder aos seus anseios de romance, amor e beleza. Sentia grande paixão pelos quadros; por que, pois, não seria capaz de pintar tão bem como qualquer outra pessoa? Escrevendo a miss Wilkinson perguntou-lhe com quanto por ano achava que ele poderia viver em Paris. Ela respondeu que oitenta libras seriam suficientes, ao mesmo tempo que aprovava o projeto com grande entusiasmo. Afirmava possuir ele demasiadas qualidades para se estragar num escritório. “Quem, podendo tornar-se um grande artista, preferiria ser simples escriturário?”, perguntava dramaticamente. Suplicava, pois, a Philip que tivesse fé em si próprio: isso era o principal. Mas Philip era prudente por natureza. Essa história de falar em aventuras e riscos ficava muito bem a Hayward, cujos títulos de renda lhe davam trezentas libras por ano. A fortuna toda de Philip não ia além de mil e oitocentas libras. Ficou indeciso.

Aconteceu que mr. Goodworthy lhe perguntou certo dia, subitamente, se gostaria de ir a Paris. A firma fazia a contabilidade de um hotel no Faubourg St. Honoré, explorado por uma companhia inglesa, e duas vezes por ano mr. Goodworthy dirigia-se para lá, acompanhado de um escriturário. Sucedeu, porém, que o funcionário que costumava ir com ele estava doente e o acúmulo de serviço impedia a retirada de qualquer outro. Mr. Goodworthy lembrou-se de Philip por ser o que menos falta fazia: por outro lado, a sua posição lhe dava direito a esse encargo; que era um dos prazeres da profissão. Philip exultou de contentamento.

— Será preciso trabalhar o dia inteiro — advertiu mr. Goodworthy —, mas teremos as noites à nossa disposição, e Paris sempre é Paris.



Sorriu com o ar de um velho conhecedor.

— Tratam-nos muito bem no hotel, dão-nos de graça as refeições e não precisamos gastar dinheiro algum. É assim que gosto de ir a Paris: à custa dos outros.

Quando chegaram a Calais, o coração de Philip pulou de alegria à vista da multidão de carregadores que gesticulavam na estação.

— Era com o que eu sonhava — disse consigo mesmo.

Observava tudo atentamente, à medida que o trem corria pelos campos: adorou as dunas de areia, cuja cor lhe pareceu a coisa mais linda que até então tinha visto; deixou-se encantar com os canais e os longos renques de álamos. Ao deixarem a Gare du Nord, sacolejando sobre o calçamento irregular das ruas, numa sege barulhenta e desconjuntada, pareceu-lhe estar respirando um ar novo e tão inebriante que ele mal reprimia o desejo de gritar de alegria. Foram recebidos à porta do hotel pelo gerente, um senhor corpulento e simpático que falava um inglês tolerável. Mr. Goodworthy era um velho amigo e por isso o gerente cumprimentou-o efusivamente. Convidou-os para o jantar em companhia de sua senhora, numa sala particular, e Philip achou que nunca havia comido coisa tão deliciosa como o *beefsteak aux pommes* nem bebido néctar semelhante ao *vin ordinaire*.

Para mr. Goodworthy, respeitável chefe de família com excelentes princípios, a capital da França era o paraíso da obscenidade jovial. No outro dia pela manhã perguntou ao gerente onde encontrar espetáculos “apimentados”. Apreciava imensamente aquelas visitas a Paris; evitavam que a gente se enferrujasse, dizia ele. À noite, após o jantar, levava Philip ao Moulin Rouge e ao Folies Bergère. Seus olhinhos cintilavam e sua face contraía-se num sorriso finório e sensual, à procura do pornográfico. Visitava todos os antros preparados especialmente para o estrangeiro e depois declarava que uma nação que permitia tais coisas não podia terminar bem. Cutucava Philip quando, em alguma revista, surgia uma mulher praticamente nua, e apontava-lhe as mais tentadoras dentre as cortesãs que davam voltas ao salão. Era uma Paris vulgar que mostrava a Philip, mas este a via com os olhos cegados pela ilusão. Logo de manhã cedo saía do hotel a correr e dirigia-se aos Champs-Élysées ou à Place de la Concorde. Era junho, e Paris parecia prateada pela delicadeza do ar. Philip sentia ternura por aquela gente. Ali estava, finalmente o sonhado romance.

Passaram lá quase uma semana, partindo de volta no domingo. Quando, tarde da noite, Philip entrou no escuro quarto da Pensão Barnes, tinha já tomado a sua resolução. Abandonaria o aprendizado e iria estudar arte em Paris. Para que não o julgassem precipitado, decidiu esperar até que completasse um ano de escritório. Teria as férias na segunda quinzena de agosto e ao partir manifestaria a Herbert Carter a sua intenção de não mais voltar. Mas embora, com muito esforço, comparecesse diariamente ao escritório, Philip não conseguia nem mesmo fingir interesse pelo trabalho. O futuro enchia-lhe os pensamentos. Depois dos meados de julho não havia muito que fazer e Philip escapava freqüentemente, alegando ter de ir às aulas de preparação para o exame. O tempo que assim conseguia era gasto na Galeria Nacional. Lia livros sobre Paris e sobre pintura. Estava impregnado de Ruskin. Leu inúmeras biografias de pintores, por Vasari. Gostava daquela anedota sobre Correggio, e chegou a imaginar-se diante de uma obra-prima a exclamar: *“Anch’io son’ pittore”*. Já não tinha hesitações. Estava convencido de que possuía qualidades para vir a ser um grande pintor.

— Afinal de contas, pelo menos posso tentar — dizia para si mesmo. — O principal na vida é arriscar.

Chegou, por fim, a segunda quinzena de agosto. Mr. Carter estava passando o mês na Escócia e o escriturário-chefe assumira a direção do escritório. Desde a viagem a Paris, mr. Goodworthy mostrava-se mais amável para com Philip e este, como devesse partir dentro de poucos dias, olhava o curioso homenzinho com tolerância.

— Então, Carey, começa as férias amanhã? — perguntou-lhe ele ao anoitecer.

Durante o dia inteiro Philip estivera a repetir para si mesmo que aquela era a última vez em que havia de se sentar no odioso escritório.

— Sim, o meu ano termina agora.

— Temo que não tenha feito muitos progressos. Mr. Carter está bastante descontente com o senhor.

— Não tanto quanto eu com ele —olveu Philip, alegremente.

— Não deve falar assim, Carey.

— Não pretendo voltar mais. Ficou combinado que se eu não gostasse da contabilidade, mr. Carter me restituiria metade do dinheiro pago para o meu aprendizado e me permitiria a retirada após um ano de serviço.

— Devia resolver as coisas com menos precipitação.

— Durante dez meses tenho odiado isto tudo; odeio o trabalho, odeio o escritório, odeio a própria Londres. Preferiria varrer rua a passar minha vida aqui.

— Bem, cumpre-me dizer que não o acho mesmo talhado para a contabilidade.

— Adeus — disse Philip, estendendo-lhe a mão. — Quero agradecer-lhe a bondade com que sempre me tratou. Desculpe-me se alguma vez causei aborrecimentos. Desde o início eu vi que não dava para isso.

— Bem, já que é assim, adeus. Não sei o que pretende fazer, mas se alguma vez passar por aqui, não se esqueça de fazer-nos uma visita.

Philip soltou uma risadinha.

— Suponho que seja grosseria de minha parte, mas espero, do fundo do coração, nunca mais pôr os olhos em qualquer um dos senhores.

O vigário de Blackstable não quis tomar conhecimento do plano arquitetado por Philip. Julgava que se devia persistir, uma vez iniciada a obra. Como todos os homens fracos, punha um empenho exagerado em não mudar de resolução.

— Foi você mesmo quem quis se dedicar a essa profissão — alegava ele.

— Era a única oportunidade que se me apresentava de ir para Londres. Agora detesto a cidade, detesto o trabalho e nada me obrigará a voltar.

Mr. e mrs. Carey ficaram visivelmente escandalizados à idéia de Philip tornar-se artista. Não devia esquecer, diziam eles, que seus pais haviam sido pessoas distintas, e a pintura não era uma profissão séria; era uma profissão de boêmios, mal-afamada, imoral. Além do mais, Paris!

— Enquanto eu tiver voz ativa no assunto, não permitirei que viva em Paris — declarou o vigário com firmeza.

Era uma cloaca de iniquidades. A mulher de escarlata e a prostituta de Babilônia ostentavam ali a sua vileza; as cidades da planície não haviam sido mais depravadas.

— Você foi educado como um cristão e um *gentleman*, e eu faltaria à confiança que seu pai e a sua mãe depositaram em mim se permitisse que eu lhe expusesse a semelhante tentação.

— Pois eu sei que não sou cristão e estou começando a duvidar que seja um *gentleman* — retorquiu Philip.

A discussão tornava-se cada vez mais violenta. Faltava ainda um ano para Philip entrar na posse de sua pequenina herança, e mr. Carey declarou que só lhe daria uma mesada se ele resolvesse continuar no escritório.

Era claro que, uma vez deliberado o abandono da carreira, seria melhor que Philip se retirasse a tempo de recuperar a metade da importância depositada. Mas o vigário nada queria ouvir. Perdendo a discrição, Philip disse coisas que feriam e irritavam.

— O senhor não tem direito de desperdiçar o meu dinheiro! — exclamou.  
— Afinal de contas é o meu dinheiro, não é? Não sou mais criança. O senhor

não pode impedir que eu vá para Paris, se me resolver a isso. Não pode obrigar-me a voltar para Londres.

— A única coisa que posso fazer é recusar a lhe dar dinheiro, a menos que você faça o que me parece apropriado.

— Pouco me importa. Estou resolvido a ir para Paris. Venderei minha roupa, meus livros, as jóias de meu pai.

A tia Louisa permanecia sentada em silêncio, ansiosa e aflita. Sabia que Philip estava fora de si, e qualquer coisa que dissesse, serviria apenas para aumentar-lhe a ira. Finalmente o vigário manifestou o desejo de não ouvir mais uma só palavra sobre o assunto e deixou a sala com grande dignidade. Durante os três dias que se seguiram, os dois não se falaram. Philip escreveu a Hayward pedindo informações sobre Paris e decidiu partir assim que recebesse resposta. Mrs. Carey meditava incessantemente a respeito do caso; sentia que Philip a incluía no ódio que dedicava ao vigário, e isso a torturava. Amava-o do fundo do coração. Resolveu falar-lhe, por fim. Escutou atentamente a narrativa de toda a sua desilusão em Londres e da sua grande ambição para o futuro.

— Pode ser que eu não consiga nada, mas deixem-me ao menos tentar. Meu fracasso não poderá ser maior do que naquele medonho escritório. Além do mais, sinto-me capaz de pintar. Sei que tenho esse dom.

Não estava tão convicta como o marido de que fosse justo contrariar uma inclinação tão forte. Tinha lido a história de grandes pintores cujos pais se opuseram às suas vocações; e, afinal de contas, tanto era possível levar uma vida virtuosa na qualidade de pintor como na de contador.

— A sua ida para Paris enche-me de tantos receios! — disse ela em tom lastimoso. — Seria preferível que estudasse em Londres...

— Já que vou estudar pintura, é preciso estudar de verdade. Só em Paris é que se faz isso.

Por sugestão do sobrinho, Mrs. Carey escreveu ao solicitador declarando que Philip se sentia descontente com o seu trabalho em Londres; perguntava, ao mesmo tempo, o que ele pensava de uma mudança. Mr. Nixon respondeu o seguinte:

*Prezada Mrs. Carey.*

*Estive com mr. Herbert Carter e sinto dizer-lhe que Philip não fez os progressos que eram de esperar. Uma vez que o trabalho só lhe inspira aversão, talvez fosse melhor aproveitar agora a oportunidade que se oferece de rescindir o contrato. É grande, sem dúvida, o meu desapontamento, mas, como a senhora sabe, pode-se conduzir um cavalo à beira d'água mas não se pode obrigá-lo a beber.*

*Seu, sinceramente,  
Albert Nixon.*

A carta foi mostrada ao vigário, mas só serviu para aumentar-lhe a obstinação. Concordaria se Philip abraçasse outra profissão qualquer. Sugeriu mesmo a de seu pai — a medicina. Nada, porém, o induziria a conceder uma mesada ao sobrinho se este teimasse em ir para Paris.

— É simples pretexto para levar vida folgada, para entregar-se à sensualidade.

— É interessante ouvi-lo censurar a vida folgada nos outros — retorquiu Philip acremente.

A essa altura chegou uma carta de Hayward indicando o nome de um hotel onde Philip poderia alugar um quarto por trinta francos mensais; no mesmo envelope veio também um bilhete de apresentação à *massière* de uma escola. Philip leu a carta a mrs. Carey e comunicou-lhe a intenção de partir em 1<sup>o</sup> de setembro.

— Mas você não tem dinheiro algum! — disse ela.

— Vou esta tarde a Tercanbury vender as jóias.

Havia herdado do pai um relógio de ouro com corrente, dois ou três anéis, algumas abotoaduras e dois alfinetes de gravata. Um destes últimos tinha uma pérola engastada e talvez rendesse uma razoável importância.

— O valor de uma coisa tem muito pouco que ver com o que se consegue por ela — observou a tia Louisa.

Philip sorriu, pois aquela era uma das frases prediletas de seu tio.

— Sei disso, mas na pior das hipóteses creio que poderei arranjar umas cem libras, o suficiente para me manter até vinte e um anos.

Mrs. Carey não respondeu; subiu ao seu quarto, pôs na cabeça a touca preta e dirigiu-se ao banco. Em menos de uma hora estava de volta. Procurou Philip, que lia na sala de visitas, e entregou-lhe um envelope.

— Que é isto? — inquiriu ele.

— É um presentinho — respondeu a tia, sorrindo timidamente.

Abrindo-o, o rapaz encontrou onze notas de cinco libras e um saquinho de papel repleto de esterlinos.

— Não podia permitir que vendesses as jóias de seu pai. É o dinheiro que eu tinha no banco. Está muito perto de perfazer uma centena de libras.

Philip corou e, sem saber como, as lágrimas brotaram-lhe subitamente dos olhos.

— Oh, minha tia querida, não posso aceitar — disse ele. — A senhora é infinitamente bondosa, mas não me seria possível aceitar.

Quando mrs. Carey se casou possuía trezentas libras; esse dinheiro, cuidadosamente controlado, destinava-se a fazer face a uma despesa imprevista, um ato urgente de caridade, ou para comprar presentes de Natal e de aniversário para o seu marido e para Philip. Com o correr dos anos diminuía lamentavelmente; mais ainda, constituía motivo de galhofa para o vigário. Referia-se à esposa como uma mulher rica e falava constantemente no seu “pé-de-meia”.

— Aceite-o por favor, Philip. Lamento ter sido extravagante e só me restar isto. Você me fará muito feliz se aceitar.

— Mas a senhora pode precisar do dinheiro — observou ele.

— Não precisarei, não. Guardava-o para o caso de seu tio morrer antes de mim. Achava útil possuir algo de que pudesse lançar mão imediatamente, mas agora acho que não viverei muito tempo.

— Oh, titia, não diga isso. É claro que viverá para sempre. Não posso passar sem a senhora.

— Não me importa morrer.

A voz faltou-lhe de repente: mrs. Carey ocultou os olhos mas logo depois, enxugando-os, sorriu corajosamente.

— A princípio eu costumava pedir a Deus que não me levasse primeiro, pois não queria deixar o seu tio sozinho no mundo, não queria fazê-lo sofrer. Mas agora concluí que a minha morte não seria tão dolorosa para ele quanto a dele para mim. Tem mais amor à vida do que eu, nunca fui a mulher de seus sonhos e estou certa de que tornaria a casar se alguma coisa me acontecesse. É por isso que prefiro ir primeiro. Não acha que seja egoísmo meu, Philip, acha? Se ele morresse antes de mim, eu não o suportaria.

Philip beijou-lhe a face enrugada e magra. Não sabia por que razão o espetáculo daquele transbordante amor enchia-o de estranha vergonha. Era

incompreensível que ela dedicasse tanta afeição a um homem tão indiferente, tão grosseiramente egoísta. E ele percebia de modo vago que, no seu íntimo, ela via a indiferença e o egoísmo do marido: via, mas apesar de tudo amava-o, com humildade.

— Aceita o dinheiro, Philip? — perguntou ela, afagando-lhe suavemente a mão. — Sei que pode dispensá-lo, mas se o aceitar ficarei tão contente! Sempre quis fazer alguma coisa por você. Nunca tive filhos, como sabe, razão por que o amei como verdadeira mãe. Quando você era criança, embora soubesse que estava errada, desejava às vezes que adoecesse para que eu pudesse ficar a seu lado noite e dia. Mas você só ficou doente uma vez, e assim mesmo na escola. Gostaria tanto de lhe ajudar... Este é o único ensejo que tenho. E quando, algum dia, se tornar um grande pintor, não se esquecerá de mim, e se lembrará de que fui eu quem te auxiliou no princípio.

— Como a senhora é boa! — disse Philip. — Fico-lhe muito agradecido.

— Oh! Estou tão feliz!



Passados alguns dias, mrs. Carey foi acompanhar Philip à estação. Mantinha-se à porta do vagão, procurando reprimir as lágrimas. Philip estava irrequieto e ansioso. Quisera já ter partido.

— Beija-me ainda uma vez — disse ela.

Inclinou-se para fora da janela e beijou-a. O trem pôs-se em movimento, deixando-a na plataforma de madeira da pequena estação. Agitou o lenço até perdê-lo de vista. Tinha o coração horrivelmente oprimido e as poucas centenas de jardas que a separavam do vicariato pareceram-lhe uma distância imensa. Era natural que ele se mostrasse ansioso por partir, ia dizendo consigo: era ainda rapaz e o futuro acenava-lhe — enquanto ela cerrava os dentes para não chorar. Fez, mentalmente, uma pequena prece rogando a Deus que o guardasse, que o livrasse das tentações, que lhe concedesse felicidade e boa sorte.

Philip, porém, esqueceu-se dela pouco depois de instalar-se no seu lugar. Preocupava-se apenas com o futuro. Havia escrito a mrs. Otter, a *massière* a quem se destinava a carta de apresentação de Hayward, e levava no bolso um convite para o chá, no dia seguinte. Chegando a Paris mandou colocar a bagagem num carro e saiu a sacolejar vagarosamente através de alegres ruas, por sobre a ponte e ao longo das vielas do Quartier Latin. Alugara um quarto no Hôtel des Deux Écoles, situado numa velha rua transversal ao Boulevard du Montparnasse; ficava bem próximo da Escola Amitrano, onde pretendia estudar. Um empregado galgou cinco lances de escadas, com a bagagem, e conduziu Philip a um quartinho que cheirava a mofo pelo fato de as janelas se conservarem sempre fechadas. Quase todo o espaço era ocupado por uma grande cama de madeira com dossel de repes vermelho. As janelas eram ornadas de pesadas cortinas do mesmo material, bastante encardidas, e a cômoda servia também de lavatório; numa das paredes descansava um maciço guarda-roupa desse estilo que se costuma associar ao nome do bom rei Luís Filipe. O papel das paredes perdera a cor com o tempo; estava acinzentado,

distinguindo-se nele, vagamente, grinaldas de folhas pardas. Philip achou o quarto pitoresco e encantador.

Embora fosse tarde, a excitação impedia-o de dormir. Dirigindo-se para o bulevar, caminhou em direção às luzes. Chegou, assim, à estação. A praça que lhe ficava em frente, com lampiões de arco voltaico, percorrida em todas as direções por barulhentos bondes amarelos, arrancava-lhe risos de alegria. Havia cafés em toda a volta e, como estivesse com sede e ansioso por observar a multidão mais de perto, o rapaz conseguiu, por acaso, um lugar numa das mesas colocadas na calçada do Café de Versailles. As outras mesas achavam-se todas ocupadas, pois a noite estava linda. Philip contemplava as pessoas com grande curiosidade — aqui pequenos grupos de famílias, além, um punhado de homens de barba, com chapéus esquisitos, falando em altas vozes e gesticulando; a seu lado estavam sentados dois homens, com aspecto de pintores, acompanhados de mulheres que Philip desconfiava não serem suas legítimas esposas, e atrás dele alguns americanos discutiam animadamente assuntos de arte. Sua alma vibrava de emoções. Deixou-se ficar ali até tarde da noite, com pena de se retirar, embora cansado. Quando, por fim, se resolveu a ir para a cama, não conseguiu dormir; pôs-se a escutar o ruído multiforme de Paris.

No dia seguinte, à hora do chá, dirigiu-se ao Lion de Belfort, e, numa rua nova que partia do Boulevard Raspail, encontrou mrs. Otter. Era uma insignificante mulher de trinta anos, de ar provinciano e maneiras estudadamente refinadas, que o apresentou à sua mãe. Philip descobriu, então, que ela estudava em Paris havia três anos, e mais tarde veio a saber que vivia separada do marido. Conservava em sua pequena sala de visitas um ou dois retratos de sua autoria e Philip, em sua inexperiência, achou-os perfeitos.

— Eu só queria saber se um dia chegarei a pintar tão bem assim — disse-lhe ele.

— Oh, espero que sim — respondeu mrs. Otter, lisonjeada. — Não será possível conseguir tudo na mesma hora, é claro.

Era muito amável. Deu-lhe o endereço de uma loja onde encontraria pasta, papel de desenho e carvão.

— Amanhã, às nove horas, irei à Amitrano; se estiver lá, posso lhe arranjar um bom lugar e o que mais se fizer necessário.

Perguntou-lhe o que pretendia fazer, mas Philip não queria dar a perceber que ignorava quase por completo o assunto.

— Bem, primeiro quero aprender a desenhar — respondeu.

— Agrada-me muito ouvi-lo falar assim. As pessoas quase sempre procuram fazer as coisas apressadamente. Só toquei em óleos depois de estudar durante dois anos, e veja os resultados.

Lançou um rápido olhar ao retrato da mãe, uma pintura empastada que estava pendurada acima do piano.

— Se eu estivesse em seu lugar seria muito escrupulosa na escolha de minhas relações. Não me misturaria com estrangeiros.

Philip agradeceu o conselho, embora lhe parecesse estranho. Não fazia grande questão de ser cauteloso.

— Vivemos exatamente como se estivéssemos na Inglaterra — falou a mãe de Mrs. Otter, que até então se conservara calada. — Quando viemos para cá, trouxemos conosco toda a nossa mobília.

Philip correu os olhos em volta da sala. Enchiam-na móveis maciços, e das janelas pendiam cortinas de renda branca, semelhantes às que a tia Louisa usava no vicariato durante o verão. O piano estava coberto por uma capa de seda, o mesmo acontecendo com a lareira. Mrs. Otter acompanhava o olhar admirado do rapaz.

— À noite, quando os postigos são fechados, tem-se a impressão perfeita de estar na Inglaterra.

— E as nossas refeições são todas feitas à moda de nossa terra — acrescentou a mãe dela. — Ligeiro almoço de manhã e jantar pela metade do dia.

Ao deixar Mrs. Otter, Philip foi comprar o material de desenho de que necessitava. Na manhã seguinte, às nove em ponto, apresentou-se na escola, procurando aparentar calma. Mrs. Otter, que já se achava lá, aproximou-se com um sorriso nos lábios. Philip, como *nouveau*, não sabia que espécie de recepção iriam lhe fazer, pois havia lido que em alguns estúdios os estrangeiros eram objeto de brincadeiras bem desagradáveis. Mrs. Otter, porém, o encorajou.

— Não, aqui não existem essas coisas. Como vê, metade dos nossos estudantes é composta de moças e elas dão o tom ao ambiente.

O estúdio era amplo e desimpedido, com paredes cinzentas onde se achavam fixados os trabalhos premiados. Uma mulher servia de modelo, sentada numa cadeira. Cobria-lhe o corpo simples capa de tecido e cerca de

doze homens e mulheres, dispostos em redor, conversavam ou trabalhavam ainda em seus desenhos. Era o primeiro descanso do modelo.

— É melhor não tentar coisa muito difícil a princípio — aconselhou mrs. Otter. — Ponha o cavalete neste lugar. Vista daqui, a pose é a mais fácil possível.

Philip armou o cavalete no ponto indicado e mrs. Otter apresentou-o a uma moça que se achava sentada a seu lado.

— Mr. Carey, miss Price. É a primeira vez que mr. Carey estuda: portanto não se negue a atendê-lo caso venha a necessitar de algum auxílio.

Voltou-se então para o modelo.

— *La Pose!*

A mulher atirou para o lado o jornal que estivera lendo, *La Petite République*, e, despindo a capa com ar aborrecido, subiu para o tablado. Firmou-se em ambos os pés e cruzou as mãos por trás da cabeça.

— Que pose estúpida — comentou miss Price. — Não sei por que motivo a escolheram.

Ao entrar Philip, todos o tinham olhado com curiosidade, exceto o modelo, que o fitara com indiferença: agora, porém, ninguém lhe prestava mais atenção. Com a sua bela folha de papel à frente, Philip olhava embaraçado para o modelo. Não sabia por onde começar. Nunca em sua vida havia visto uma mulher nua. Aquela não era nada nova e tinha os seios já murchos. Os cabelos, de um louro descorado, caíam-lhe em desalinho por sobre a testa e o rosto estava coberto de grandes sardas. Philip deu uma olhadela no trabalho de miss Price. Desenhava aquela pose havia dois dias apenas e parecia estar encontrando muita dificuldade. O papel, à força de ser esfregado, achava-se em mísero estado, e aos olhos de Philip a figura parecia singularmente deformada.

— Trabalhos como esse, acho que posso fazer — disse Philip consigo mesmo.

Principiou pela cabeça, tencionando descer gradativamente. Não sabia por que, entretanto, era muito mais fácil traçar uma cabeça imaginária do que reproduzir a de um modelo. As dificuldades aumentaram. Olhou para miss Price, que trabalhava com veemente seriedade. Tinha a testa enrugada pelo esforço e o olhar ansioso. Fazia calor no estúdio e o suor brotava-lhe na fronte. Era uma moça de vinte e seis anos, com bonitos cabelos de um ouro baço. Não lhes dispensava, porém, cuidado algum, pois limitara-se a puxá-los

para trás e prendê-los apressadamente num coque. O rosto era grande, largo e sem relevo, e os olhos, pequeninos: tinha a pele pastosa, de aspecto doentio, e as faces descoradas. Dava a impressão de que nunca tomava banho, fazendo mesmo suspeitar que não se despia para dormir. Conservava-se sempre séria e em silêncio. Por ocasião do segundo intervalo levantou-se e deu dois passos atrás para contemplar o seu trabalho.

— Não sei por que estou encontrando tanta dificuldade — disse ela. — Mas hei de fazê-lo, seja como for.

Voltando-se para Philip, perguntou:

— Então, como está se saindo?

— Mal — respondeu Philip, com um sorriso lastimável.

Lançou um olhar ao desenho do rapaz.

— Assim não conseguirá fazer coisa alguma. É preciso tomar medidas e, antes de mais nada, quadricular o seu papel.

Mostrou-lhe rapidamente como iniciar o trabalho. Philip se sentia impressionado pela seriedade da moça, mas desagradava-lhe a sua absoluta falta de encanto. Agradeceu as indicações recebidas e pôs-se novamente a desenhar. Entrementes, chegaram outros alunos, na maioria homens, pois as mulheres sempre chegavam primeiro: o estúdio achava-se relativamente cheio, levando-se em conta a época do ano. Entrou ainda um rapaz de cabelos finos e pretos, com enorme nariz e o rosto tão comprido que chegava a lembrar um cavalo. Sentou-se ao lado de Philip, de onde cumprimentou miss Price, que se encontrava no lado oposto.

— Está bastante atrasado. Acordou agora? — perguntou ela.

— O dia estava tão admirável que eu resolvi ficar na cama para imaginar como estaria bonito lá fora.

Philip sorriu, mas miss Price levou a sério a explicação.

— Parece esquisito fazer isso. Eu teria achado melhor levantar e gozar o dia.

— Como é duro ser humorista! — disse o jovem com gravidade.

Não parecia disposto a trabalhar. Olhou para a tela: estava pintando em cores e esboçara, no dia anterior, o modelo que estava posando. Voltando-se para Philip, indagou:

— Veio da Inglaterra há pouco tempo?

— Sim.

— Como descobriu esta escola?

— Era a única de que eu ouvira falar.

— Espero que não venha na ilusão de que vai aprender aqui alguma coisa de útil.

— É a melhor escola de Paris — observou miss Price. — É a única onde a arte é levada a sério.

— Acha que a arte deve ser levada a sério? — perguntou o rapaz.

Como miss Price respondesse apenas encolhendo desdenhosamente os ombros, acrescentou:

— O fato é que todas as escolas são más. São acadêmicas, já se sabe. E, se esta é menos prejudicial do que as outras, é porque o ensino aqui é mais improficuo do que em qualquer outra parte. Não se aprende nada...

— Para que vem aqui, então? — interrompeu Philip.

— Conheço o melhor caminho, mas não o sigo. Miss Price, que possui mais cultura do que eu, há de lembrar-se de como se diz isso em latim.

— Prefiro não ser incluída na sua conversa, mr. Clutton — observou a moça em tom brusco.

— A única maneira de se aprender a pintar — continuou ele, imperturbável — é arranjar um ateliê, alugar um modelo e tocar para a frente sem auxílio de ninguém.

— Parece muito simples — disse Philip.

— Requer apenas dinheiro — replicou Clutton.

Começou a pintar, enquanto Philip o olhava de soslaio. Era comprido e incrivelmente magro. Seus enormes ossos pareciam querer saltar-lhe do corpo: os cotovelos, de tão pontiagudos, quase furavam as mangas do velho casaco. As calças já estavam puídas nas bainhas e ambos os sapatos mostravam feios remendos. Miss Price levantou-se e caminhou em direção ao cavalete de Philip.

— Se mr. Clutton calar a boca por um instante, eu o ajudarei um pouco.

— Miss Price não gosta de mim porque tenho *humour* — disse Clutton, contemplando com ar meditativo a própria tela. — Detesta-me porque sabe que tenho gênio.

Falava solenemente e seu nariz disforme tornava bastante estranho o que dizia. Philip foi obrigado a rir, mas miss Price ficou vermelha de raiva.

— É a única pessoa que já lhe acusou de ter gênio.

— E também sou a única pessoa cuja opinião tem valor para mim.

Miss Price principiou a criticar o trabalho de Philip. Falou fluentemente a respeito de anatomia e estrutura, planos e linhas, e várias outras coisas que o

rapaz não compreendia. Frequentava o estúdio havia já muito tempo, conhecendo bem os pontos sobre os quais os mestres mais insistiam, mas embora apontasse os erros cometidos por Philip não sabia dizer-lhe como corrigi-los.

— É muita bondade sua incomodar-se tanto comigo — disse Philip.

— Oh, não é nada de mais — respondeu ela, corando embaraçadamente.

— Fizera assim comigo, quando vim para cá: portanto, é natural que também faça o mesmo com os outros.

— Miss Price quer dizer que lhe oferece as vantagens da sua sapiência por um sentimento de obrigação e não em virtude de qualquer encanto que possa ter à sua pessoa — esclareceu Clutton.

Miss Price lançou-lhe um olhar furioso e voltou a desenhar.

O relógio bateu doze horas e o modelo, com um suspiro de alívio, desceu da plataforma.

Miss Price reuniu os seus apetrechos.

— Muitos daqui vão ao Gravier — disse a Philip, olhando para Clutton.

— Eu sempre almoço em casa.

— Se quiser eu o levo ao Gravier — ofereceu Clutton.

Philip agradeceu e preparou-se para sair. A caminho da porta, mrs. Otter perguntou-lhe como tinha se saído.

— Fanny Price o auxiliou? Coloquei-o ao lado dela porque sempre ajuda os outros, quando está disposta. É uma moça muito mal-humorada e geniosa e não sabe, mesmo, desenhar coisa alguma: mas entende do assunto e sabe ser útil aos recém-chegados quando quer dar-se a esse trabalho.

Enquanto caminhavam pela rua, Clutton disse a Philip:

— Você causou impressão em Fanny Price. Cuidado.

Philip riu. Nunca havia encontrado criatura a quem menos quisesse impressionar. Chegando ao restaurante barato onde a maioria dos estudantes comia, Clutton sentou-se a uma mesa onde já havia três ou quatro homens. Mandaram vir um ovo para cada um, um prato de carne, queijo e uma pequena garrafa de vinho — tudo por um franco. O café era considerado extra. A mesa ficava na calçada e os bondes amarelos passavam para cima e para baixo, num soar incessante de campainhas.

— Afinal, como se chama? — perguntou Clutton, logo depois de se sentarem.

— Carey.

— Permitam-me apresentar-lhes Carey, um velho e leal amigo — disse Clutton gravemente. — Mr. Flanagan e Mr. Lawson.

Os rapazes riram-se e prosseguiram a conversa. Conversavam a respeito de mil coisas e falavam todos ao mesmo tempo. Nenhum deles prestava a menor atenção ao que os outros diziam. Falaram dos lugares que haviam visitado no verão, dos estúdios, das várias escolas. Mencionavam nomes desconhecidos para Philip: Monet, Manet, Renoir, Pizarro, Degas. Philip era todo ouvidos, e, embora se sentisse um pouco deslocado, seu coração pulava de alegria. O tempo voou. Ao levantar-se, Clutton disse:

— Poderá encontrar-me aqui esta noite se quiser vir. Verá que este é o melhor lugar para arranjar dispepsia pelo menor preço em todo o Quartier.



Philip descia o Boulevard du Montparnasse. Não se assemelhava em absoluto à Paris que havia admirado na primavera, quando viera tratar da escrita do Hotel St. George — já sentia calafrios ao recordar aquela fase de sua vida —, mas antes lhe trazia à mente uma cidade provinciana, segundo a idéia que fazia delas. Havia ali um ar de negligência e uma amplidão ensolarada que convidava o espírito a devanear. O alinhamento das árvores, a viva brancura das casas, a vastidão dos espaços, tudo o encantava. Sentia-se já inteiramente em casa. Continuava o seu caminho, observando os transeuntes: julgava ver certa elegância até nos simples operários, de amplas cintas vermelhas e calças largas e nos soldadinhos de uniforme pardo e encantador. Chegou à Avenue de l'Observatoire e soltou um suspiro de prazer ante espetáculo tão magnífico e tão gracioso ao mesmo tempo. Penetrou, pouco depois, no Jardim de Luxemburgo: as crianças brincavam: as amas, com suas longas fitas, passeavam devagar, aos pares, homens atarefados cruzavam de um lado para outro, levando pastas debaixo do braço, e passavam rapazes vestidos de modo esquisito. Era um quadro de linhas harmoniosas: a natureza tinha sido arranjada e posta em ordem, mas de forma tão primorosa que a natureza sem arranjo nem ordem parecia bárbara. Philip estava encantado. Emocionava-o o fato de se encontrar no lugar a cujo respeito lera tantas coisas: para ele, era solo clássico. Experimentava o prazer respeitoso de algum velho professor de grego que contemplasse pela primeira vez as sorridentes planícies de Esparta.

Enquanto perambulava assim, avistou por acaso miss Price, sentada num banco. Hesitou por um momento, pois não desejava falar com ninguém e os modos toscos da moça pareciam fora de lugar no meio da alegria que o circundava. Adivinhara, porém, ser ela muito sensível às afrontas, e, uma vez que o tinha visto, seria um dever de polidez falar com ela.

— Que está fazendo por aqui? — perguntou miss Price ao vê-lo aproximar-se.

— Espairecendo. E você?

— Venho aqui todos os dias, das quatro às cinco. Não acho que seja aconselhável a gente trabalhar sem descanso.

— Posso sentar-me um minuto? — interrogou ele.

— Se quiser.

— A resposta não me parece muito cordial — observou Philip, rindo.

— Não tenho muito jeito para dizer coisas bonitas.

O rapaz calou-se, meio desconcertado, e acendeu um cigarro.

— Clutton falou-lhe algo a respeito do meu trabalho? — perguntou ela de repente.

— Não, parece-me que não — respondeu Philip.

— Ele não presta, sabe? Considera-se um gênio, mas não é. Em primeiro lugar, é preguiçoso. O gênio é uma capacidade infinita para o trabalho. Sem persistência nada se consegue. Quando nos resolvemos de fato a fazer alguma coisa, é impossível fracassar.

Falava apaixonadamente, com uma ênfase que impressionava. Usava um chapéu de marinheiro, de palha preta, uma blusa branca que já não se podia considerar limpa e uma saia marrom. Não calçava luvas e as mãos não tinham sido lavadas. Era tão pouco atraente que Philip lamentou ter vindo sentar-se a seu lado. Não sabia se ela desejava que ele ficasse ou que fosse embora.

— Farei por você tudo o que puder — disse miss Price de repente, sem qualquer relação com o assunto anterior. — Sei muito bem que no princípio as dificuldades são enormes.

— Muito obrigado — disse Philip, acrescentando pouco depois: — Não quer tomar chá comigo em algum lugar por aí?

Ela olhou vivamente para o companheiro e corou. Toda vez que enrubescia a sua tez pastosa adquiria um aspecto curiosamente salpicado, como um prato de morangos com creme que houvesse se deteriorado.

— Não, obrigada. Por que acha que eu precise de chá? Acabei de almoçar.

— Julguei que isso nos ajudaria a passar o tempo.

— Se o tempo lhe parece arrastar-se, não precisa se preocupar comigo. Não me importo de ficar sozinha.

Nesse instante passaram dois homens, trajando blusa de veludo pardo, enormes calças e boinas. Eram jovens, mas ambos usavam barba.

— São estudantes de arte? — indagou Philip. — Parece que saíram da *Vie de Bohème*.

— São americanos — esclareceu miss Price desdenhosamente. — Os franceses já não usam essas coisas há trinta anos, mas os americanos do *western* compram essas roupas e se fazem fotografar no dia seguinte ao de sua chegada a Paris. É a única maneira por que podem se aproximar da arte. Mas pouco se incomodam, o que não lhes falta é dinheiro.

Philip apreciou o ar pitoresco e atrevido dos americanos, achando que isso revelava um espírito romântico. Miss Price perguntou-lhe as horas.

— Preciso ir para o estúdio — disse ela. — Vai às aulas de desenho?

Philip nunca ouvira falar em tal coisa. Miss Price, explicou, então, que um modelo posava diariamente, das cinco às seis, para todos que o quisessem desenhar, mediante a remuneração de cinquenta cêntimos. Era excelente para praticar, pois cada dia posava um modelo diferente.

— Não me parece que já esteja em condições de fazer isso. Terá de esperar um pouco.

— Não vejo razão que me impeça de experimentar. Não tenho mais nada o que fazer.

Levantaram-se e puseram-se a caminho do estúdio. Philip ignorava se miss Price preferia andar só ou em sua companhia. Permanecia junto dela por puro embaraço, pois não sabia como deixá-la. Ela não falava, limitando-se a responder-lhe às perguntas de maneira pouco polida.

Um homem à porta do estúdio com um grande prato na mão ia recebendo o meio franco de cada pessoa que entrava. A frequência era muito maior do que de manhã, não havendo aquela preponderância de ingleses e americanos nem mulheres em tão grande proporção. Philip achou que essa reunião correspondia mais às suas expectativas. Fazia bastante calor e o ar em pouco tempo se tornou irrespirável. Quem posava, dessa vez, era um velho de longas barbas brancas. Philip tentou pôr em prática os escassos conhecimentos adquiridos pela manhã, mas em vão: concluiu, por fim, não saber desenhar tão bem como imaginava. Olhava invejosamente para os esboços dos vizinhos e punha-se a imaginar quando seria capaz de manejar o carvão com aquela maestria. A hora escoou-se rapidamente. Não querendo importunar miss Price, sentara-se a certa distância, mas no final, quando passou perto dela para ir embora, a moça perguntou-lhe, em tom brusco, como se havia saído.

— Não muito bem — respondeu com um sorriso.

— Se tivesse condescendido em sentar-se a meu lado, eu lhe teria dado alguns conselhos. Sem dúvida considera-se uma sumidade.

— Não, não foi isso. É que eu não queria incomodar.

— Quando for assim eu direi sem rodeios.

Philip pressentia, através de suas maneiras intratáveis, que ela lhe estava oferecendo auxílio.

— Bem, amanhã não a largarei um só instante.

— Não faz mal — respondeu ela.

O rapaz saiu imaginando o que faria até a hora do jantar. Estava ansioso por fazer algo que fosse característico. *Absinthe!* Era o mais indicado, não havia dúvida, e, assim, pondo-se a caminhar em direção à estação, sentou-se à frente de um café e fez o seu pedido. Bebeu com náusea e satisfação. O gosto era desagradável, mas o efeito moral foi magnífico. Sentia-se da cabeça aos pés um estudante de arte e, como tivesse o estômago vazio, logo foi tomado de uma grande euforia alcoólica. Olhava para a multidão e achava que todos os homens eram seus irmãos. Estava feliz. Quando chegou ao Gravier não havia mais lugar na mesa de Clutton, mas este, assim que avistou Philip a mancar, chamou-o pelo nome. Arranjaram-lhe um lugar. O jantar foi frugal — um prato de sopa, carne, frutas, queijo, meia garrafa de vinho —, mas Philip não prestou atenção ao que comeu. Apenas se preocupava com as pessoas sentadas à mesa. Flanagan estava novamente ali: era americano, um rapaz baixo, de nariz arrebitado, rosto jovial e boca sorridente. Usava uma jaqueta esporte, de padrão vivo, um lenço azul em volta do pescoço e um boné de forma fantástica. Nessa época o impressionismo reinava no Quartier Latin, mas a sua vitória sobre as outras escolas era ainda fato recente: e Carolus-Duran, Bouguereau e outros semelhantes eram lançados contra Manet, Monet e Degas. Apreciar estes últimos ainda era um sinal de elegância. Era grande a influência de Whistler sobre os ingleses e seus compatriotas, e os entendidos colecionavam gravuras japonesas. Os velhos mestres eram julgados de acordo com os novos moldes. A estima em que Rafael fora tido durante séculos era agora motivo de mofa para os jovens ilustrados. Trocariam todas as suas obras, diziam eles, pela cabeça de Filipe IV, de Velázquez, que se acha na Galeria Nacional. Philip encontrou-os empenhados em acalorada discussão. Lawson, a quem fora apresentado durante o almoço, estava sentado à sua frente. Era um rapaz magro, de rosto sardento e cabelos ruivos. Tinha olhos verdes e brilhantes. Quando Philip se sentou, Lawson fixou o olhar nele e observou repentinamente:

— Rafael só era tolerável quando pintava os quadros dos outros. Quando pintava Peruginos ou Pinturicchios era encantador: quando pintava Rafaéis — encolheu os ombros com desprezo —, era simplesmente “Rafael”.

Lawson falava com tal agressividade que Philip foi tomado de surpresa, mas não foi preciso responder, uma vez que Flanagan os interrompeu com impaciência:

— Ora, a arte que vá para o inferno! Vamos nos encharcar de gim.

— Você bebeu muito a noite passada, Flanagan — advertiu Lawson.

— Mas hoje quero beber ainda mais — respondeu ele. — Imagine a gente morar em Paris e não pensar em nada a não ser na arte. A vida é uma delícia!

Falava com um forte sotaque do Oeste. Endireitou-se na cadeira e, depois de dizer como era bom estar vivo, bateu com o punho na mesa.

— Para o inferno com a arte, digo eu.

— Não diz apenas: repete de modo cansativo — censurou Clutton.

Havia outro americano sentado à mesa. Estava vestido como aqueles magníficos sujeitos que Philip vira passar pelo Luxemburgo à tarde. Tinha um belo rosto, fino, ascético, de olhos escuros; envergava o seu traje extravagante com o ar atrevido de um corsário. Os cabelos, pretos e em vasta quantidade, caíam-lhe amiúde sobre os olhos e o seu gesto mais freqüente era atirar dramaticamente a cabeça para trás a fim de afastar a mecha caída. Começou a falar sobre o *Olympia* de Manet, então exposta no Luxemburgo.

— Hoje fiquei uma hora diante dela e garanto que não é um bom quadro.

Lawson pousou a faca e o garfo. Seus olhos verdes flamejavam. Arfava de raiva, mas era visível que procurava dominar-se.

— É muito interessante conhecer o pensamento do selvagem inculto — disse ele. — Quer nos dizer por que não é um bom quadro?

Antes que o americano respondesse, alguém se interpôs com veemência:

— Quer dizer que não gosta da pintura daquela carne?

— Não disse isso. Acho que o seio direito está muito bem pintado.

— Vá para o diabo o seio direito! — gritou Lawson. — O quadro todo é um milagre de pintura.

Começou a descrever, em detalhe, todas as belezas da obra, mas naquela mesa do Gravier, quando alguém falava demasiadamente, falava para sua própria edificação. Ninguém o escutava. O americano interrompeu, exaltado:

— Não me venha dizer que achou a cabeça boa.

Lawson, já branco de raiva, iniciou então a defesa da cabeça, mas Clutton, que se conservava calado, lendo-se-lhe no rosto um certo desprezo bem-humorado, interveio:

— Dá-lhe a cabeça. Não queremos a cabeça. Ela não afeta o quadro.

— Vá lá, dou-lhe a cabeça! — exclamou Lawson. — Fique com a cabeça e não nos aborreça mais.

— E a linha preta? — continuou o americano, lançando triunfalmente para trás uma mecha de cabelo que quase lhe caía dentro da sopa. — Os objetos, ao natural, não têm um contorno preto.

— Ó, Deus! Manda fogo do céu para consumir o blasfemo — disse Lawson. — Que tem a natureza a ver com isso? Ninguém sabe quando uma coisa está ou não de acordo com a natureza. O mundo vê a natureza através dos olhos do artista. Durante séculos inteiros viu cavalos saltar cercas com as pernas estendidas e aceitou-o como fato incontestável. Via as sombras pretas, até Manet as descobrir coloridas. Se resolvemos circundar os objetos com uma linha preta, o mundo verá a linha preta e haverá a linha preta. Se pintarmos o capim de vermelho e as vacas de azul, o mundo os verá vermelhos e azuis e serão mesmo vermelhos e azuis.

— Para o diabo a arte! — exclamou Flanagan. — Eu quero encharcar-me de gim.

Lawson não tomou conhecimento da interrupção.

— Agora escuta aqui. Quando a *Olympia* foi exposta no *Salon*, entre os apupos dos filisteus e os assobios dos *pompier*s, dos acadêmicos e do público, Zola disse: “Antevejo o dia em que o quadro de Manet figurará no Louvre na frente da *Odalisca*, de Ingres, e não será a *Odalisca* que irá ganhar na comparação”. A *Olympia* acabará no Louvre. Esse dia está cada vez mais próximo. Dentro de dez anos estará no Louvre.

— Nunca! — gritou o americano, utilizando agora ambas as mãos numa súbita e desesperada tentativa para desvencilhar-se de uma vez por todas do cabelo que lhe caía sobre os olhos. — Daqui a dez anos o quadro terá morrido. É coisa momentânea, uma moda passageira. Nenhum quadro poderá viver se não possuir algo que falta absolutamente a essa tela.

— Que significa esse “algo”?

— A grande arte não pode existir sem um elemento moral.

— Oh, Senhor! — exclamou Lawson, furioso. — Eu bem sabia que era isso... Ele quer moralidade!

Elevou para o céu as mãos postas, em sinal de súplica, e perguntou:

— Ó, Cristóvão Colombo! Que fizeste, Cristóvão Colombo, ao descobrires a América?

— Ruskin diz...

Antes, porém, que tivesse tempo de acrescentar a palavra seguinte, Clutton bateu imperiosamente com o cabo da faca na mesa.

— Cavalheiros — começou ele em tom severo, enquanto seu enorme nariz se enrugava de ira —, mencionou-se neste instante um nome que eu não esperava tornar a ouvir na boca de pessoas decentes. É justo que exista liberdade de opinião, mas devemos observar os limites de decoro comum. Falem de Bouguereau, se quiserem: provoca o riso a alegre repulsa que o nome inspira: mas não contaminemos nossos lábios puros pronunciando nomes como J. Ruskin, G. F. Watts ou E. B. Jones.

— Quem foi Ruskin, afinal? — indagou Flanagan.

— Foi um dos Grandes Vitorianos. Um mestre no estilo da língua.

— O estilo de Ruskin: uma colcha de retalhos e remendos roxos — disse Lawson. — Além disso, que vão para o diabo os Grandes Vitorianos. Toda vez que leio no jornal a notícia da morte de um Grande Vitoriano, agradeço a Deus por ter dado fim a mais um deles. O seu único talento foi a longevidade. Nenhum artista devia viver depois dos quarenta anos; nessa idade o homem produziu o melhor e o que se segue é apenas repetição. Não acham que a morte prematura de Keats, Shelley, Bonnington e Byron foi uma grande sorte para eles? Que gênio não consideraríamos Swinburne se tivesse perecido no dia em que se publicou a primeira série dos *Poemas e Baladas*?

A idéia agradou, pois nenhum dos presentes havia ultrapassado os vinte e quatro anos. Pela primeira vez mostravam-se unânimes.

E desenvolveram o tema. Um deles propôs uma fogueira festiva das obras dos Quarenta Acadêmicos, onde os Grandes Vitorianos seriam também atirados após o seu quadragésimo aniversário. A proposta foi recebida entre aclamações. Carlyle e Ruskin, Tennyson, Browning, G. F. Watts, E. B. Jones, Dickens, Thackeray, foram todos arremessados às chamas. Seguiram-se Gladstone, John Bright e Cobden; houve um minuto de discussão a respeito de George Meredith, mas Matthew Arnold e Emerson foram abandonados de bom grado. Chegou por fim a vez de Walter Pater.

— Walter Pater, não — murmurou Philip.

Lawson fitou nele os olhos verdes e aquiesceu com a cabeça.

— Tem razão. Walter Pater é a única justificação para a *Mona Lisa*. Conhece Cronshaw? Ele se dava com Pater.

— Quem é Cronshaw? — perguntou Philip.

— Cronshaw é um poeta. Vive aqui em Paris. Vamos ao Lilas.

La Closerie des Lilas era um café ao qual costumavam ir com frequência, à noite, após o jantar, e onde Cronshaw era invariavelmente encontrado das nove da noite às duas da manhã. Flanagan, porém, já estava farto de assuntos intelectuais e por isso, ao ouvir a sugestão de Lawson, voltou-se para Philip:

— Oh, demônio, procuremos um lugar onde haja raparigas. Vem comigo ao Gaîté Montparnasse e mergulhemos no gim.

— Prefiro não beber e ir ao encontro de Cronshaw — respondeu Philip, rindo.



Houve um desacordo geral. Flanagan e mais dois ou três foram ao *music-ball* enquanto Philip, Clutton e Lawson se puseram lentamente a caminho de La Closerie des Lilas.

— Precisas ir ao Gaîté Montparnasse — disse Lawson a Philip. — É uma das coisas mais adoráveis de Paris. Vou pintá-lo qualquer dia destes.

Influenciado por Hayward, Philip votava grande desprezo aos *music-halls*, mas havia chegado a Paris numa época em que as possibilidades artísticas desses estabelecimentos acabavam de ser descobertas. As peculiaridades de iluminação, as massas vermelho-escuras ou cor de ouro sujo, a densidade das sombras e as linhas decorativas ofereciam um tema inteiramente novo. Metade dos estúdios do Quartier continham esboços executados num ou noutro dos teatros locais. Homens de letras, seguindo o rastro dos pintores, puseram-se repentinamente, de comum aviso, a procurar valor artístico nos números de variedades. Comediantes de nariz vermelho eram elevados aos cornos da lua pelo seu senso de caracterização: obesas cantoras, que se esgoelavam na obscuridade havia mais de vinte anos, adquiriram, de um momento para outro, inimitável chocarrice; outros descobriram um prazer estético nas representações caninas, havendo finalmente os que esgotavam todo o seu vocabulário para exaltar a distinção dos prestidigitadores e ciclistas-acrobatas. A multidão, por sua vez, através de outras influências, tornou-se objeto de simpático interesse. Philip aprendera, com Hayward, a desdenhar as massas humanas; havia adotado a atitude de alguém que se envolvesse em solidão e observasse, com repugnância, as palhaçadas do vulgo. Mas Clutton e Lawson falavam da multidão com entusiasmo. Descreviam a fervilhante onda de povo que enchia as diversas feiras de Paris, o mar de caras entrevistas ao clarão do acetileno, meio ocultas na escuridão, o clangor de trombetas, o alarido de apitos, o zunzum de vozes. Tudo isso era novo e estranho para Philip. Falaram-lhe, depois, a respeito de Cronshaw.

— Já leu alguma coisa dele?

— Não — respondeu Philip.

— Aparecem em *The Yellow Book*.

Como é freqüente entre pintores e escritores, olhavam-no com desprezo por tratar-se de um leigo, com tolerância porque praticava uma arte e com respeito porque ele se utilizava de um instrumento cujo manejo lhes era desconhecido.

— É um sujeito extraordinário. A princípio, você vai achar um pouco decepcionante. Ele só se torna notável depois que está bêbado.

— O que aborrece — acrescentou Clutton — é que leva um tempo enorme para se embebedar.

Quando chegaram ao café, Lawson disse a Philip que teriam de entrar. Quase não fazia frio, mas Cronshaw tinha pelas correntes de ar um temor mórbido e, mesmo quando fazia o maior calor, sempre se sentava na parte de dentro.

— Conhece quem quer que valha a pena ser conhecido — disse Lawson.

— Conheceu Pater e Oscar Wilde e conhece Mallarmé e todos os outros.

O objeto de sua procura achava-se sentado no canto mais abrigado do café, com a gola do casacão levantada. Usava chapéu enterrado até o meio da testa para proteger-se contra o frio. Era um homenzarrão, corpulento mas não obeso, de rosto redondo, com um pequeno bigode, olhos diminutos e de certo modo estúpidos. A cabeça não parecia bastante grande para o corpo. Dava a impressão de uma ervilha mal equilibrada sobre um ovo. Estava jogando dominó com um francês, e sorriu para os recém-chegados numa saudação silenciosa. Sem dizer nada empurrou, como para lhes dar lugar, a pequena pilha de pires correspondentes ao número de copos que já havia consumido. Ao ser apresentado a Philip, inclinou a cabeça e continuou a jogar. O conhecimento da língua, por parte de Philip, era insignificante, mas sabia o suficiente para constatar que Cronshaw, embora residisse em Paris havia vários anos, falava execravelmente o francês.

Reclinou-se na cadeira, afinal, com um sorriso de triunfo.

— *Je vous ai battu* — disse com pronúncia abominável.

Chamou o garçon e voltou-se para Philip.

— Chegou agora da Inglaterra? Assistiu a partida de críquete?

Philip sentiu-se meio embaraçado ante essa pergunta inesperada.

— Cronshaw conhece os recordes de todos os grandes jogadores de críquete destes últimos vinte anos — disse Lawson, sorrindo.

O francês deixou-os para reunir-se a outros amigos numa mesa fronteira, e Cronshaw, com aquela dicção indolente que era uma de suas características, pôs-se a discorrer sobre os méritos relativos de Kent e Lancashire. Falou sobre a última partida a que havia assistido e descreveu-a lance por lance.

— É a única coisa de que sinto falta em Paris — lamentou, ao terminar a cerveja que acabara de lhe ser trazida. — Aqui não se joga o críquete.

Philip estava decepcionado, e Lawson, justificavelmente ansioso por mostrar uma das celebridades do Quartier Latin, ficou impaciente. Cronshaw naquela noite, estava custando a despertar, embora os pires, a seu lado, indicassem que pelo menos havia feito uma honesta tentativa para se embebedar. Clutton observava a cena com ar divertido. Julgava descobrir uma certa afetação nos minuciosos conhecimentos de Cronshaw a respeito do críquete: gostava de torturar as pessoas com assuntos que as enfastiavam visivelmente. Clutton aventurou uma pergunta.

— Tem visto Mallarmé?

Cronshaw fitou-o demoradamente, como a revolver a pergunta no espírito, e, antes de responder bateu com um dos pires sobre a mesa de mármore.

— Traze-me a garrafa de uísque — gritou.

Voltando-se para Philip, explicou:

— Tenho a minha garrafa particular. Seria muito dispendioso pagar cinquenta cêntimos por cada gole que tomasse.

O garçon trouxe a garrafa e Cronshaw ergueu-a de encontro à luz.

— Andaram bebendo. Garçon, quem andou se servindo do meu uísque?

— *Mais personne, monsieur Cronshaw!*

— Marquei o nível ontem de noite e agora vê onde já está.

— Mas o senhor ainda continuou a beber depois disso. Dessa forma o senhor perde tempo em marcar o uísque.

O garçon, um sujeito jovial, conhecia Cronshaw intimamente. Cronshaw olhou fixo para ele.

— Se me der a palavra de honra, como nobre e como cavalheiro, de que ninguém, além de mim, andou bebendo o meu uísque, aceito a explicação.

Traduzida literalmente num francês dos mais toscos, essa observação tinha tanta graça que a mulher do caixa não pôde deixar de rir.

— *Il est impayable* — murmurou.

Ouvindo-a, Cronshaw voltou-lhe um olhar modorrento. Era madurona, corpulenta e matrona! Ao ver que o homem lhe atirava um beijo, sacudiu os ombros em sinal de desprezo.

— Não tenha medo, madame — disse em tom sério. — Já passei a idade em que se é tentado pela gratidão e pelas mulheres de quarenta e cinco anos.

Serviu-se de uísque com água, sorveu-o vagarosamente e em seguida enxugou os lábios com o dorso da mão.

— Falou muito bem.

Lawson e Clutton sabiam que essa observação de Cronshaw era a resposta à pergunta sobre Mallarmé. Costumava freqüentar as reuniões das noites de terça-feira, quando o poeta recebia homens de letras e pintores e discorria, com oratória sutil, sobre qualquer assunto que lhe fosse sugerido. Via-se que Cronshaw havia estado lá recentemente.

— Falou muito bem, mas disse absurdos. Discorreu sobre a arte como se fosse o que de mais importante existe no mundo.

— Se assim não é, que estamos a fazer aqui? — indagou Philip.

— O que o senhor veio fazer aqui, eu ignoro. Isso não é da minha conta. Mas a arte é um luxo. Os homens só dão importância à própria conservação e à propagação da espécie. Só depois de satisfeitos esses instintos é que consentem em entreter-se com o que lhes oferecem os escritores, pintores e poetas.

Cronshaw fez uma pausa a fim de beber. Havia vinte anos procurava descobrir se gostava de bebida porque o fazia falar ou se gostava de falar porque isso lhe provocava sede.

— Escrevi ontem um poema — anunciou então.

Sem que lhe pedissem, começou a recitá-lo lentamente, marcando o ritmo com o indicador levantado. Devia ser um lindo poema, mas sucedeu que naquele mesmo instante entrou uma jovem. Tinha lábios escarlates e via-se logo que a cor viva de suas faces não era natural; enegrecera os cílios e sobrancelhas e pintara ambas as pálpebras de um atrevido azul que se prolongava em triângulo nos cantos dos olhos. Era cômico e fantástico. A cabeleira escura estava penteada por sobre as orelhas em obediência à moda popularizada por Cléo de Mérode. O olhar de Philip desviou-se logo para ela e Cronshaw, terminando a recitação de seus versos, sorriu indulgentemente.

— O senhor não me prestou atenção — disse ele.

— Prestei, como não?

— Não o censuro, pois ilustrou muito bem a afirmação que acabo de fazer. Que é a arte ao lado do amor? Respeito e aplaudo a sua indiferença pela poesia quando contempla os encantos prostituídos dessa jovem criatura.

Ela passou junto da mesa em que se achavam sentados e Cronshaw tomou-lhe o braço.

— Vem sentar-se comigo, minha filha, e representemos a divina comédia do amor.

— *Fichez-moi la paix!* — exclamou ela. E, afastando-o com um empurrão, continuou a andar.

— A arte — continuou Cronshaw, abanando a mão — é simplesmente um refúgio que os engenhosos inventaram quando não lhes faltavam o alimento e a mulher para fugirem ao tédio da vida.

Cronshaw encheu outra vez o copo e começou a falar ininterruptamente. As palavras escolhidas com cuidado saíam com uma pronúncia clara e cheia. Misturava sabedoria com tolice, da maneira mais espantosa. Ora zombava dos ouvintes em tom grave, ora lhes dava, a gracejar, excelentes conselhos. Atacou temas de arte, de literatura e da vida. Era alternadamente devoto e obsceno, alegre e lacrimoso. Depois de bem embriagado, pôs-se a recitar poesia — sua e de Milton, sua e de Sheley, sua e de Kit Marlowe.

Exausto, por fim, Lawson levantou-se.

— Eu vou também — disse Philip.

Clutton, o mais calado de todos, continuou ouvindo, com um sarcástico sorriso nos lábios, os resmungos de Cronshaw. Lawson acompanhou Philip ao hotel e desejou-lhe boa-noite. Mas quando foi para a cama, Philip não pôde dormir. Todas aquelas idéias novas, tão negligentemente expostas, fervilhavam-lhe no cérebro. Dominava-o tremenda excitação. Sentia no seu íntimo uma grande força. Nunca tivera tanta confiança em si próprio.

— Estou certo de que ainda hei de ser um grande artista — disse para si mesmo. — Sinto isso em mim...

Um arrepio percorreu-lhe o corpo quando lhe veio outro pensamento que não ousou exprimir em palavras.

— Por Deus, acho que tenho gênio.

Estava, em realidade, bastante embriagado, mas como tivesse tomado apenas um copo de cerveja, aquele efeito só poderia provir de um tóxico mais perigoso do que o álcool.

As terças e sextas-feiras os mestres passavam a manhã na Escola Amitrano, criticando os trabalhos executados. Na França, o pintor ganha pouco, a menos que pinte retratos ou conte entre os seus clientes alguns americanos ricos: e homens de reputação gostam de aumentar seus rendimentos visitando uma vez por semana, durante duas ou três horas, os numerosos estúdios onde se ensina arte. Terça-feira era o dia em que Michel Rollin ia ao Amitrano. Era já um homem idoso, de barbas brancas e tez corada: havia executado para o governo diversas decorações que se tornaram, no entanto, objeto de mofa para os seus próprios alunos. Era Rollin, discípulo de Ingres, impermeável ao progresso da arte e de uma impaciência colérica no que dizia respeito àqueles *tas de farceurs* que se chamavam Manet, Degas, Monet e Sisley. Como professor, porém, era excelente: solícito, cortês, animador. Por outro lado, Foinet, que freqüentava o estúdio às sextas-feiras, era um homem de trato difícil. Criatura pequena e encarquilhada, de dentes estragados, aparência biliosa, tinha uma barba branca mal asseada e olhos selvagens. Sua voz era aguda e seu tom, sarcástico. Vendera alguns quadros para o Luxemburgo e aos vinte e cinco anos entrevira uma grande carreira. Seu talento, porém, provinha antes da juventude que da personalidade e por isso havia vinte anos não fazia outra coisa senão reproduzir a paisagem que lhe proporcionara o primeiro sucesso. Quando o acusavam de monotonia, retrucava:

— Corot pintava sempre a mesma coisa. Por que não posso fazer o mesmo?

Invejava o sucesso dos outros e sentia uma repulsa pessoal e estranha pelos impressionistas. Atribuía seu fracasso à doida moda que atraía o público — *sale bête* — para as obras daqueles pintores. O desprezo bem-humorado de Michel Rollin, que lhes chamava impostores, manifestava-se nele em forma de vitupérios, dos quais os menos violentos eram *crapule* e *canaille*. Divertia-se em caluniar-lhes a vida íntima, atacando, com um humor sarcástico, com detalhes ultrajantes e obscenos, a legitimidade das suas filiações e a pureza de suas relações conjugais. Para acentuar o seu desdém grosseiro, utilizava-se de

imagens e de uma ênfase orientais. Também não escondia o desprezo que sentia pelos estudantes cujos trabalhos examinava. Era, por isso, odiado e temido por eles. O seu sarcasmo brutal reduzia as mulheres muitas vezes às lágrimas, o que o levava a ridicularizá-las ainda mais: apesar dos protestos dos alunos que mais sofriam com seus ataques, continuava no estúdio, pois não havia dúvida de que era um dos melhores mestres em Paris. Às vezes o proprietário da escola, um antigo modelo, arriscava-se a repreendê-lo, mas a violenta insolência do pintor levava-o por fim a apresentar desculpas abjetas.

Foi com Foinet que Philip teve o primeiro contato. O pintor já se encontrava no estúdio desde cedo. Percorria a sala de cavalete em cavalete, acompanhado de mrs. Otter, a *massière*, que interpretava as suas observações para aqueles que não entendessem o francês. Fanny Price, ao lado de Philip, trabalhava febrilmente. O nervosismo empalidecera-lhe o rosto e de vez em quando ela enxugava as mãos na blusa. De repente voltou-se para Philip, com ar ansioso, que procurou disfarçar, franzindo o sobrolho.

— Acha que está bom? — indagou, indicando o seu trabalho com um movimento de cabeça.

Philip levantou-se e foi observar mais de perto. Ficou atônito. A moça parecia não ter nenhum senso de forma: aquilo estava longe de ser desenho.

— Quem me dera desenhar tão bem — respondeu.

— É natural que ainda não possa. Chegou apenas outro dia. Seria demais esperar que desenhasse tão bem quanto eu. Estou aqui há dois anos.

Fanny Price deixava Philip intrigado. A sua presunção era incrível. Já havia descoberto que todos no estúdio a detestavam cordialmente, e não era de admirar, uma vez que ela parecia sentir grande prazer em ferir os companheiros.

— Queixei-me de Foinet a mrs. Otter — disse ela. — Há duas semanas que não olha para os meus desenhos. Com mrs. Otter, entretanto, só porque é a *massière*, gasta mais de meia hora. Afinal de contas, pago tanto quanto os outros e o meu dinheiro é tão bom como o deles. Não vejo motivo para que não me dispensem a mesma atenção.

Tornou a segurar o carvão, mas, após alguns instantes, pousou-o com um gemido.

— Não posso trabalhar mais. Estou horrivelmente nervosa.

Olhou para Foinet, que se aproximava em companhia de mrs. Otter. Esta, medíocre, satisfeita, submissa, ostentava um ar de importância. O artista sentou-se no banco de uma inglesinha desalinhada, que se chamava Ruth Chalice. Tinha ela esses lindos olhos negros, lânguidos mas apaixonados, esse rosto fino, ascético mas sensual, e essa pele cor de marfim velho que, sob a influência de Burne-Jones, eram naquela época cultivados pelas moças de Chelsea. Foinet parecia bem-humorado. Não falou muito, mas com traços rápidos e resolutos de carvão indicou-lhe os erros. Quando ele se levantou, miss Chalice exultava de contentamento. O pintor dirigiu-se a Clutton. Philip também começava a ficar nervoso, mas mrs. Otter prometera ajudá-lo. Foinet deixou-se ficar por um momento em frente ao cavalete de Clutton, mordendo silenciosamente o polegar. De repente, distraído, cuspiu sobre a tela a cutícula que havia arrancado com os dentes.

— Eis uma ótima linha — disse afinal, indicando com o polegar o traço que lhe agradava. — Você está começando a aprender a desenhar.

Clutton não respondeu, fitando apenas o mestre com o seu ar habitual de sarcástica indiferença à opinião do mundo.

— Estou começando a achar que tem pelo menos vestígios de talento.

Mrs. Otter, que não gostava de Clutton, franziu os lábios. Não via nada de mais no trabalho do rapaz. Foinet sentou-se e entrou em detalhes técnicos. Mrs. Otter já estava um tanto cansada de ficar em pé. Clutton nada dizia, inclinava a cabeça de quando em quando, e Foinet satisfeito, achava que o estudante compreendia o que ele dizia e as razões que dava; quase todos os alunos o escutavam com atenção, mas era claro que nunca o entendiam. Em seguida Foinet levantou-se e caminhou na direção de Philip.

— Chegou há dois dias apenas — apressou-se a explicar mrs. Otter. — É um principiante. Nunca estudou pintura.

— *Ça se voit* — comentou o mestre. — Vê-se.

Passando adiante, a *massière* murmurou-lhe:

— Esta é a moça de que lhe falei.

Ele olhou para miss Price, como se ela fosse algum animal repelente, e sua voz se tornou mais áspera.

— A senhora parece achar que eu não lhe dispenso bastante atenção. A *massière* comunicou-me a sua queixa. Bem, mostre-me esse trabalho para o qual deseja a minha atenção.



Fanny Price corou. O sangue, sob a sua pele doentia, parecia ter uma estranha cor roxa. Sem responder, apontou para o desenho em que tinha trabalhado desde o início da semana. Foinet sentou-se.

— Então, que deseja que eu lhe diga? Que está bom? Não está. Quer que diga que está bem desenhado? Não está. Quer que diga que tem algum mérito? Não tem. Quer que eu mostre o que está errado? Tudo está errado. Quer que diga o que deve fazer com o seu trabalho? Rasgue-o. Está satisfeita agora?

Miss Price ficou pálida. Estava furiosa porque tudo aquilo fora dito na frente de mrs. Otter. Embora estivesse na França havia tanto tempo e compreendesse o francês bastante bem, mal conseguiu articular duas palavras.

— Ele não tem direito de me tratar assim. Meu dinheiro é tão bom quanto o dos outros. Eu pago para que ele me ensine. Isso não é ensinar.

— Que diz ela? — perguntou Foinet. — Que diz ela?

Mrs. Otter hesitou em traduzir. Miss Price repetiu, num francês execrável:

— Je vous paye pour m'apprendre.

Os olhos do pintor fuzilaram de raiva. Elevando o tom da voz, agitou o punho no ar.

— *Mais, nom de Dieu*, eu não posso lhe ensinar. Seria mais fácil ensinar a um camelo.

Voltando para mrs. Otter, pediu:

— Pergunte-lhe se estuda por divertimento ou se espera fazer disto um meio de vida.

— Vou ganhar minha vida como pintora — respondeu miss Price.

— Então é meu dever informar que está perdendo o seu tempo. Não importaria que lhe faltasse talento (hoje em dia não se encontram talentos em todas as esquinas), mas falta-lhe qualquer aptidão. Há quanto tempo está aqui? Uma criança de cinco anos, após duas lições, desenharia melhor do que a senhora. Digo-lhe apenas uma coisa: abandone essa vã tentativa. É mais provável que vá ganhar a vida como *bonne à tout faire* do que como pintora. Veja.

Tomou de um pedaço de carvão, que se quebrou quando ele o aplicava sobre o papel. Praguejou, e, com o toco, foi traçando grandes linhas firmes. Desenhava rapidamente e, ao mesmo tempo, cuspiam as palavras como se fossem veneno.

— Veja, estes braços não são do mesmo comprimento. Este joelho está grotesco. Uma criança de cinco anos, é o que digo. Veja, a figura não se apóia

sobre as pernas. E aquele pé!

A cada palavra o carvão raivoso ia deixando uma marca e num momento o desenho em que Fanny Price tinha gasto tanto tempo e posto tanto empenho estava irreconhecível, numa confusão de linhas e de manchas. Por fim, o mestre atirou o carvão e levantou-se.

— Aceite o meu conselho, *mademoiselle*, tente a costura.

E, olhando o relógio:

— São doze horas. *À la semaine prochaine, messieurs.*

Miss Price reuniu lentamente as suas coisas. Philip esperou que todos saíssem para dizer-lhe alguma palavra de conforto. A única coisa que lhe ocorreu foi:

— Sinto muito, sinceramente. Que animal é esse homem!

Miss Price voltou-se furiosa para ele.

— Foi para isso que ficou esperando? Quando precisar da sua simpatia, pedirei. Faça o favor de me deixar passar.

Retirou-se do estúdio e Philip, sacudindo os ombros, dirigiu-se para o Gravier, a fim de almoçar.

— Foi bem feito — disse Lawson, quando Philip lhe contou o que acontecera. — Trapalhona rabugenta.

Lawson era muito sensível à crítica e, para evitá-la, nunca ia ao estúdio por ocasião das visitas de Foinet.

— Não me interessa a opinião que os outros tenham sobre o meu trabalho — explicou. — Eu mesmo sei se está bom ou mau.

— Isso significa que não quer conhecer as más opiniões dos outros a respeito de seus trabalhos — emendou Clutton, secamente.

À tarde Philip resolveu ir ao Luxemburgo para admirar os quadros. Atravessando o jardim, viu Fanny Price sentada no seu banco habitual. Sentia-se magoado pela rudeza com que ela havia recebido a sua tentativa bem-intencionada de dizer alguma coisa gentil e passou pela sua frente fingindo não tê-la visto. Miss Price levantou-se, porém, e veio-lhe ao encontro.

— Está procurando evitar-me?

— Não, é claro que não. Julguei apenas que não quisesse ser importunada.

— Aonde vai?

— Quero olhar os quadros de Manet, de que tanto tenho ouvido falar.

— Gostaria que eu fosse com você? Conheço bastante o Luxemburgo. Poderei mostrar-lhe uma ou duas coisas bem boas.

Philip compreendeu que, incapaz de pedir desculpas diretamente, ela procurava remediar a sua falta com aquele oferecimento.

— É muita bondade sua. Terei muito prazer.

— Se prefere ir sozinho, não precisa aceitar —olveu ela, desconfiada.

— Não, prefiro ir com você.

Dirigiram-se juntos para a galeria. A coleção Caillebotte tinha sido ultimamente exposta, oferecendo pela primeira vez ao estudante a oportunidade de examinar à vontade as obras dos impressionistas. Até então só fora possível vê-las na casa Durand-Ruel, na Rue Lafitte (e o negociante, ao contrário de seus colegas ingleses, que assumem para com o pintor uma atitude de superioridade, sentia sempre prazer em mostrar ao mais maltrapilho dos estudantes o que quer que lhe interessasse ver), ou em sua residência particular, onde se encontravam quadros de fama mundial: para isso, não era difícil obter às terças-feiras um cartão de ingresso. Miss Price conduziu Philip diretamente à *Olympia*, de Manet. Ele ficou olhando para o quadro num silêncio atônito.

— Gosta? — perguntou miss Price.

— Não sei dizer — respondeu, desorientado.

— Pode acreditar que é o melhor quadro da galeria, excetuando-se, talvez, o retrato que Whistler fez de sua mãe.

Deu-lhe tempo de contemplar a obra-prima e em seguida conduziu-o a uma tela que representava uma estação de estrada de ferro.

— Olhe, aqui está um Monet. É a *Gare St. Lazare*.

— Mas os trilhos não estão paralelos — observou Philip.

— Que importância tem isso? — indagou miss Price com arrogância.

Philip sentiu-se envergonhado. Fanny Price assimilara a gíria volúvel dos estúdios e era-lhe fácil impressionar o companheiro com a extensão de seus conhecimentos.

Começou, então, a explicar-lhe os quadros, em tom de superioridade, mas não sem discernimento, mostrando-lhe as intenções dos pintores e o que ele devia notar. Falava gesticulando exageradamente com o polegar e Philip, para quem tudo o que ela dizia era novo, ouvia-a com um interesse profundo, mas perplexo. Até então havia adorado Watts e Burne-Jones. O lindo colorido do primeiro e o desenho afetado do segundo satisfaziam-lhe inteiramente a sensibilidade estética. O vago idealismo e a insinuação de uma idéia filosófica oculta sob os títulos que eles davam a seus quadros estavam bastante de

acordo com as funções da arte, segundo as havia entendido na diligente leitura de Ruskin. Ali estava, entretanto, algo totalmente diverso: ali não havia nenhuma intenção moral e a contemplação daquelas telas não induzia ninguém a levar uma vida superior e mais pura. Philip estava confuso.

— Estou quase morto — disse por fim. — Acho que não posso absorver nada mais com proveito. Vamos sair e sentar-nos num dos bancos.

— É melhor não absorver muita arte de uma só vez — respondeu miss Price.

Uma vez na rua, o rapaz lhe agradeceu calorosamente o incômodo que ela se dera.

— Oh, não foi nada — disse ela, com certa rispidez. — Sinto prazer nisso. Se quiser, poderemos ir amanhã ao Louvre e depois ao Durand-Ruel.

— Não sei como agradecer tanta bondade.

— Não me acha tão estúpida como a maioria dos outros?

— Absolutamente — confirmou ele, sorrindo.

— Julgam que conseguirão afastar-me do estúdio. Estão enganados. Continuarei lá enquanto bem entender. O que aconteceu esta manhã foi tudo obra de Lucy Otter, sei que foi. Sempre me odiou. Imaginou que assim eu me retirasse. Não duvido que isso lhe agradaria muito. Ela receia que eu conheça os seus segredos.

Miss Price contou-lhe uma longa e complicada história segundo a qual mrs. Otter, insípida e respeitável criatura, tinha amores escabrosos. Em seguida falou de Ruth Chalice, a moça que Foinet havia elogiado.

— Já andou com todos os rapazes do estúdio. Não é melhor que uma mulher de rua. E além disso é porca. Não toma banho há mais de um mês, posso assegurar.

Philip escutava-a, aflito. Já tinha ouvido vários boatos acerca de miss Chalice, mas era ridículo supor que mrs. Otter, vivendo com a mãe como vivia, não fosse virtuosa. A mulher que caminhava a seu lado, mentindo e denegrindo a reputação de suas companheiras, deixava-o positivamente horrorizado.

— Não me importa o que eles dizem. Prosseguirei da mesma forma. Sinto-me uma artista — o meu íntimo o confirma. Preferiria morrer a desistir. Não sou a primeira a que os outros têm ridicularizado nas escolas: às vezes esses é que se revelam os grandes gênios. A arte é a única coisa que me

interessa. Estou disposta a dedicar a ela toda a minha vida. É questão apenas de persistência e vontade de trabalhar.

Descobria motivos baixos em todo aquele que não concordasse com a opinião que fazia de si mesma. Eis por que detestava Clutton. Disse que o amigo de Philip não possuía verdadeiro talento; era apenas uma tintura superficial. Ele era incapaz de desenhar uma figura. Quanto a Lawson, comentou:

— Um pequeno idiota, com aqueles cabelos ruivos e aquelas sardas. Tem tanto medo de Foinet que não lhe deixa ver os seus trabalhos. Pelo menos não acontece isso comigo, não é assim? Pouco me importa o que Foinet diga a meu respeito. Sei que sou uma verdadeira artista.

Quando chegaram à casa em que ela morava, Philip deixou-a, com um suspiro de alívio.

Não obstante, quando no domingo seguinte miss Price se ofereceu para acompanhar Philip ao Louvre, o convite foi aceito. A primeira coisa que lhe mostrou foi a *Mona Lisa*. Philip sentiu ligeira decepção, mas como houvesse lido, até decorá-las, as frases buriladas com que Walter Pater enriqueceu em beleza a mais famosa tela do mundo, repetiu-as agora para miss Price.

— Isso é simples literatura — disse ela, desdenhosamente. — É preciso que se livre dessas coisas.

Em seguida conduziu-o para os quadros de Rembrandt, fazendo comentários adequados a cada um deles. Postaram-se, então, em frente aos *Discípulos de Emaús*.

— Quando conseguir sentir a beleza dessa tela, entenderá algo de pintura — disse ela.

Depois mostrou-lhe a *Odalisca* e *A fonte*, de Ingres. Fanny Price era um guia autoritário e não deixava Philip observar a seu bel-prazer aquilo de que gostava, antes procurava forçá-lo a admirar as coisas que ela pessoalmente admirava. Levava o seu estudo de arte extremamente a sério. Quando Philip, passando por uma das janelas da galeria, avistou o Jardim das Tulherias, garrido, cheio de sol e urbano como um quadro de Rafael, exclamou;

— Olhe, que maravilha! Paremos aqui um instante.

Ela replicou com indiferença;

— Não está nada mau, mas nós viemos aqui para admirar os quadros.

O ar outonal, tão leve e vivaz, enchia Philip de bem-estar. Ao verem-se, já por volta do meio-dia, no grande pátio do Louvre, sentiu vontade de gritar, como Flanagan: “A arte que vá para o inferno!”.

— Vamos comer alguma coisa num dos restaurantes do Boul’ Mich’? — sugeriu Philip.

Miss Price lançou-lhe um olhar desconfiado.

— O almoço espera-me em casa — respondeu.

— Isso não vem ao caso. Pode comê-lo amanhã. Deixe-me oferecer-lhe o almoço.

— Não sei por que faz tanta questão.

— Sentiria grande prazer nisso —olveu ele, sorrindo.

Atravessaram o rio em direção ao restaurante, que ficava numa das esquinas do Boulevard St. Michel.

— Entremos neste.

— Não, neste não. Parece muito luxuoso.

Como miss Price continuasse a caminhar, Philip foi obrigado a acompanhá-la. Poucos passos adiante descobriram um restaurante menor, onde uma dúzia de pessoas já se achava almoçando debaixo de um toldo, na calçada. Por cima da janela havia um anúncio em grandes letras brancas: *“Déjeuner 1,25, vin compris”*.

— Não podemos encontrar coisa mais barata do que isto, e o aspecto não é nada mau.

Instalando-se numa mesa vaga, esperaram pela omeleta, que era o primeiro prato do cardápio. Philip deliciava-se em admirar os transeuntes. Sentia-se tomado de afeição por eles. Estava cansado mas bastante feliz.

— Olhe aquele homem de blusa. Não acha magnífico?

Voltou-se para miss Price mas verificou, com surpresa, que ela baixara a cabeça sobre o prato, alheia ao que se passava na rua, enquanto duas lágrimas lhe rolavam pelo rosto.

— Que aconteceu, que foi? — indagou ele.

— Se me disser uma única palavra, vou-me embora imediatamente — respondeu miss Price.

Philip estava perplexo, mas por felicidade a omeleta chegou nesse momento. Dividiu-a em duas partes e começaram a comer. Philip fazia o possível por falar de coisas indiferentes, notando mesmo, por parte de miss Price, um certo esforço em parecer agradável; o almoço, porém, não foi o que se esperava. Philip era muito delicado à mesa, e o modo de comer de miss Price tirou-lhe o apetite. Comia ruidosamente, com sofreguidão, um tanto como um animal selvagem na jaula, e após cada porção sorvida esfregava o prato com migalhas de pão até vê-lo brilhar, como se não quisesse perder uma só gota de molho. Por ocasião da sobremesa, Philip notou com repugnância que ela devorava o queijo com casca e tudo. Se estivesse morrendo de fome não comeria com maior voracidade.

Miss Price era incompreensível. Despediam-se um dia como amigos e, no dia seguinte, aparecia-lhe rabugenta e descortês. Philip, porém, aprendeu muita

coisa com ela. Embora não soubesse desenhar bem, ela conhecia tudo o que se pode ensinar e as suas constantes sugestões auxiliavam-lhe o progresso. Mrs. Otter também lhe procurava ser útil e às vezes miss Chalice criticava-lhe os trabalhos. Philip tirava partido, ao mesmo tempo, da volúvel loquacidade de Lawson e do exemplo de Clutton. Mas Fanny Price não queria que ele aceitasse sugestões de outra pessoa que não fosse ela; quando, após conversar com alguém, ele lhe pedia auxílio, ela recusava com uma rudeza brutal. Os outros rapazes, Lawson, Clutton, Flanagan, punham-se a caçoar de Philip.

— Tome cuidado, meu amigo — diziam eles —, ela está apaixonada por você.

— Ora, deixem de tolices — respondia Philip, rindo.

Julgava absurda a idéia de que miss Price pudesse apaixonar-se por alguém. Tremia ao pensar na sua deselegância, nos cabelos desgrenhados, nas mãos sujas, no infalível vestido pardo, já cheio de nódoas e desfiado na bainha. Era pobre, sem dúvida, mas todos ali eram pobres, e ela podia pelo menos andar limpa: uma agulha e um pedaço de linha seriam suficientes para consertar-lhe a saia.

Philip começava a analisar as suas impressões sobre as pessoas com quem entrava em contato. Já não era tão ingênuo como naqueles dias (que agora pareciam tão distantes) de Heidelberg, e, como começasse a sentir um interesse mais deliberado pela humanidade, inclinava-se a criticar e examinar. Após três meses de convivência, achava difícil conhecer melhor a Clutton do que no dia em que se haviam encontrado pela primeira vez. A opinião geral, no estúdio, era de que o rapaz possuía talento; supunha-se que ele chegaria a fazer grandes coisas e ele participava da opinião geral; mas de que coisas exatamente se tratasse, era o que ninguém sabia, nem ele próprio. Estudara em diversos ateliês antes de ingressar no Amitrano; no Julian, no Belas-Artes, no MacPherson's. Permanecia no Amitrano já por mais tempo que em qualquer um dos outros, porque ali o deixavam mais entregue a si mesmo. Não gostava de mostrar os seus trabalhos e, ao contrário da maioria dos rapazes que estudam arte, não pedia nem dava conselhos a ninguém. Dizia-se que no pequeno ateliê da Rue Campagne Première, que lhe servia também de alcova, possuía ele quadros admiráveis que fariam a sua reputação se pudessem convencê-lo a que os exhibisse. Como não tivesse dinheiro para pagar um modelo, pintava naturezas-mortas; Lawson referia-se com freqüência a uma bandeja com maçãs que considerava uma obra-prima. Clutton era



incontentável; como almejasse algo que o seu espírito não apreendia bem, o seu trabalho, em conjunto, nunca o satisfazia. Talvez lhe agradasse uma parte: o antebraço ou a perna e o pé de uma figura; um copo ou uma xícara numa natureza-morta. Cortava esses pedaços e destruía o resto da tela. Assim, quando alguém manifestava o desejo de admirar-lhe os trabalhos, ele afirmava, sem faltar à verdade, não possuir um único quadro. Na Bretanha, conhecera um pintor de que ninguém jamais ouvira falar, esquisito indivíduo que havia sido corretor e resolvera estudar arte quando já de meia-idade. Clutton deixou-se influenciar grandemente pelos quadros desse pintor. Voltava as costas, agora, aos impressionistas, procurando penosamente desenvolver um processo individual, não apenas de pintar mas também de ver. Philip sentia nele qualquer coisa de estranhamente original.

No Gravier, onde faziam as refeições, e à noite, no Versailles ou em La Closerie des Lilas, Clutton era propenso a mostrar-se taciturno. Permanecia sentado, com uma expressão sarcástica no rosto magro, e só falava quando se apresentava oportunidade para um dito espirituoso. Gostava de duelos verbais e sua maior alegria era quando encontrava alguém sobre quem pudesse exercer o seu sarcasmo. Falava quase exclusivamente em pintura e isso apenas com uma ou duas pessoas que julgava valerem a pena. Philip punha-se a refletir se haveria, realmente, algum talento em Clutton: sua reserva, seu aspecto macilento, seu humorismo acerbo pareciam sugerir personalidade, mas podiam nada mais ser que uma máscara eficiente a cobrir coisa nenhuma.

Com Lawson, ao contrário, Philip logo ganhou intimidade. O rapaz tinha uma variedade de interesses que fazia dele um companheiro agradável. Lia mais do que os outros estudantes e embora sua renda fosse pequena, gostava de comprar livros. Emprestava-os de boa vontade. Foi assim que Philip travou conhecimento com Flaubert, Balzac, Verlaine, Heredia e Villiers de l'Isle-Adam. iam juntos ao teatro e às vezes às galerias da Ópera-Cômica. O Odeon estava ali bem perto e Philip não tardou a participar da admiração do amigo pelos autores trágicos de Luís XIV e pelo sonoro alexandrino. Na Rue Taitbout havia os *Concerts Rouge*, onde, por setenta e cinco centimos, ouviam excelente música e bebiam alguma coisa que não era de todo intragável; as cadeiras eram incômodas, a casa vivia apinhada de gente e o ar era impregnado do fumo de um horrível “caporal”, mas o seu entusiasmo juvenil os tornava indiferentes a tudo. Freqüentavam também, às vezes, o Bal Bullier. Nessas ocasiões Flanagan os acompanhava. A facilidade com que se

exaltava e o seu entusiasmo turbulento provocavam o riso dos companheiros. Dançava muito bem e, dez minutos depois de entrarem no salão, já estava rodopiando com alguma caixeirinha que acabava de conhecer naquele momento,

O desejo de todos eles era possuir uma amante. Isso fazia parte dos apetrechos do estudante de arte em Paris. Conferia consideração aos olhos dos companheiros e era algo de que se vangloriar. Quase não dispunham, porém, do suficiente para se sustentarem a si próprios, e embora argumentassem que as mulheres francesas, devido à sua grande habilidade, eram muito fáceis de manter, dificilmente encontravam mocinhas que concordassem com aquelas circunstâncias. Tinham, na maior parte, de contentar-se em invejar e difamar as mulheres que recebiam proteção de pintores de reputação mais bem firmada do que a deles. Era extraordinária a dificuldade de conseguir essas coisas em Paris. Às vezes, vindo a conhecer uma pequena, Lawson marcava um encontro. Durante as vinte e quatro horas que se seguiam, descrevia os encantos da moça, entusiasmado, a toda pessoa que encontrasse. Na hora aprazada, porém, ela nunca aparecia. Lawson ia encontrar-se com os amigos no Gravier, mal-humorado, e exclamava:

— Diabos as levem! Por que será que elas não gostam de mim? Talvez seja porque não falo bem o francês ou por causa de meus cabelos ruivos. É triste passar mais de um ano em Paris sem arranjar coisa alguma.

— Você não sabe como agir — dizia Flanagan.

Tinha uma longa lista de triunfos a narrar, e embora os amigos não acreditassem em tudo o que dizia, a evidência obrigava-os a convir que nem tudo era mentira. Mas ele não procurava um arranjo permanente. Estava em Paris havia dois anos. Persuadira a família a deixá-lo estudar arte em lugar de enviá-lo para a universidade. No entanto, uma vez terminado esse período de estudos, devia voltar a Seattle e tornar-se sócio do pai. Resolvera, pois, divertir-se o máximo possível em Paris e por isso preferia a variedade à duração nas suas ligações amorosas.

— Não sei como consegues apanhá-las — dizia Lawson, furioso.

— Não existe dificuldade alguma, meu filho — respondia Flanagan. — Basta a gente querer. A dificuldade está em livrar-se delas. Aí é que é preciso tato.

Philip vivia por demais ocupado com o seu trabalho, os livros a cuja leitura se dedicava, as peças a que assistia, as conversas que escutava, para

preocupar-se com a necessidade de convívio feminino. Dizia consigo que teria muito tempo para isso quando falasse o francês mais fluentemente.

Já fazia mais de um ano que se separara de miss Wilkinson. Durante as suas primeiras semanas em Paris estivera muito ocupado para responder a uma carta que ela escrevera pouco antes de sua partida de Blackstable. Ao receber outra missiva, sabendo-a cheia de censuras e reprovações, pô-la de parte porque, naquele momento, não estava com disposição para tais coisas, e só um mês depois foi que a encontrou, quando remexia numa gaveta à procura de um par de meias sem buracos. A carta fechada perturbou-o profundamente. Temia que miss Wilkinson houvesse sofrido muito por sua causa, chegou mesmo a considerar-se um brutamontes. Contudo, era possível que ela já houvesse deixado de sofrer com aquilo: de qualquer forma, o pior já teria passado. Afigurava-se-lhe que as mulheres são amiúde exageradas nas suas expressões. Estas não significam tanto como quando são empregadas pelos homens. Tomara a resolução de não mais a rever. Já que passara tanto tempo sem escrever, não valeria a pena fazê-lo agora. Resolveu igualmente não abrir a carta.

— Acho que ela não escreverá mais — disse consigo mesmo. — Não pode deixar de compreender que tudo está acabado. Afinal de contas, tinha idade suficiente para ser minha mãe. Devia ter pensado bem antes de se meter nisso.

Sentiu-se um pouco inquieto durante uma ou duas horas. Sua atitude era evidentemente a melhor, mas aquilo tudo não deixava de lhe causar um sentimento de desgosto. Miss Wilkinson, porém, não tornou a escrever: nem tampouco apareceu subitamente em Paris, como ele temia, para expô-lo ao ridículo perante os amigos. Dentro em pouco esqueceu-a por completo.

Nesse meio-tempo, renegara definitivamente os seus antigos deuses. O espanto com que pela primeira vez contemplara os quadros dos impressionistas transformou-se em admiração. Já discorria com o mesmo ardor dos outros sobre os méritos de Manet, Monet e Degas. Comprou duas fotografias: uma de um desenho da *Odalisca*, de Ingres, e outra da *Olympia*. Estavam ambas pregadas à parede, acima do lavatório, de maneira que ele pudesse admirar-lhes a beleza enquanto se barbeava. Agora tinha certeza de que, antes de Monet, não existira absolutamente pintura de paisagens. Grande emoção o dominava ao postar-se diante dos *Discípulos de Emaús*, de Rembrandt, ou da *Dama de nariz picado pelas pulgas*, de Velázquez. Não era esse o verdadeiro

nome do quadro, mas designavam-no assim, no Gravier, para salientar a beleza da obra, malgrado a peculiaridade um tanto desagradável do modelo. Ao desprezar Ruskin, Burne-Jones e Watts, Philip descartou-se também de seu chapéu-coco e da gravata azul com pintas brancas que usava ao chegar a Paris. Agora ostentava um chapéu mole de abas largas, gravata preta de pintor e uma capa de talhe romântico. Andava pelo Boulevard du Montparnasse como se o conhecesse desde a infância, e, à custa de virtuosa perseverança, aprendeu a beber absinto sem repugnância. Deixara crescer o cabelo e só não tentou fazer o mesmo com relação à barba porque a Natureza cruel não tem a menor consideração pelos imortais anseios da juventude.

Em pouco tempo Philip verificou que o espírito que animava os seus amigos era o de Cronshaw. Era dele que Lawson obtinha os seus paradoxos e até mesmo Clutton, que primava pela individualidade, expressava-se em termos insensivelmente adquiridos na convivência com o companheiro mais velho. Eram suas as idéias que trocavam à mesa e todas as opiniões baseavam-se na sua autoridade. Para compensar o respeito com que inconscientemente o tratavam, riam-se de suas fraquezas e lamentavam os seus vícios.

— É claro que o coitado do Cronshaw nunca fará nada que preste — diziam eles. — Esse não tem remédio.

Sentiam-se orgulhosos por serem os únicos a lhe apreciar o gênio. E embora, com o desprezo que a juventude vota às loucuras da meia-idade, falassem dele com certa superioridade quando juntos, cada um deles não deixava de considerar um título de glória o fato de ter sido o único a ouvir, em determinada ocasião, o verbo maravilhoso de Cronshaw. Este nunca ia ao Gravier. Durante os últimos quatro anos vivera em sórdidas condições com uma mulher que só Lawson avistara certa vez, num pequeno apartamento do sexto andar de um dos mais desmantelados edifícios do Quai des Grands Augustins. Lawson descrevia com grande satisfação a desordem e a sujeira daquele ambiente.

— E o mau cheiro era tal que quase rebentava o crânio da gente.

— Olha que estamos jantando, Lawson — reclamou um dos outros.

Mas Lawson não quis privar-se do prazer de enumerar pitorescamente os odores que lhe haviam chegado às narinas. Deleitado pelo seu próprio realismo, descreveu, em seguida, a mulher que viera lhe abrir a porta. Era pequena e gorda, ainda muito jovem, tinha a pele escura e cabelos pretos que constantemente estavam a ponto de desmanchar-se. Não usava corpete, vestindo apenas uma blusa desasseada. Com suas faces vermelhas, boca rasgada e sensual, olhos brilhantes e lascivos, fazia lembrar a *Bobémiennne*, de Franz Hals, que está no Louvre. Era de uma vulgaridade ostentosa que divertia e, contudo, horrorizava. Uma criança enfezada e suja brincava no chão. Todos

sabiam que a porcalhona enganava Cronshaw com os mais desprezíveis pulhas do Quartier. Os ingênuos rapazes que absorviam a sabedoria de Cronshaw ao redor de uma mesa de café não compreendiam como podia ele, com toda a sua intelectualidade e sua paixão pela beleza, ligar-se a semelhante criatura. Mas ele parecia divertir-se com a grosseira linguagem dela e, não raro, usava ele próprio expressões saídas da sarjeta. Referia-se a ela, ironicamente, como *la fille de mon concierge*. Cronshaw era muito pobre. Mal ganhava o seu sustento com as notas que escrevia, sobre exposições de pintura, para um ou dois jornais ingleses, e traduzia bastante. Pertencera à redação de um jornal inglês em Paris, mas fora despedido por embriaguez; continuava, não obstante, a colaborar no mesmo periódico, descrevendo os leilões do Hôtel Drouot ou as revistas dos *music-halls*. A vida de Paris penetrara-lhe nos ossos. Seria incapaz de trocá-la, com toda a sua sordidez, penúria e dificuldade, por qualquer outra do mundo. Permanecia na cidade durante o ano inteiro, mesmo no verão, quando todos os seus conhecidos arribavam, e só se sentia à vontade dentro do raio de uma milha à volta do Boulevard St. Michel. O curioso é que nunca aprendera a falar o francês passavelmente e conservava nas suas roupas surradas, adquiridas em La Belle Jardinière, uma indelével aparência inglesa.

Era um homem que teria alcançado êxito na vida um século e meio antes, quando a conversação era um passaporte para as boas relações e o vício da bebida não constituía obstáculo algum.

— Eu devia ter vivido no século dezenove — dizia ele. — O que preciso é dum protetor. Os meus poemas seriam publicados por subscrição e dedicados a um nobre qualquer. Sinto irresistível desejo de compor inspiradas quadras sobre o totó de uma condessa. Minha alma suspira pelo amor de camareiras de Corte e pela conversa de bispos. Citava o romântico Rolla: “*Je suis venu trop tard dans on monde trop vieux*”.

Gostava de caras novas e simpatizou muito com Philip, que parecia preencher o difícil requisito de falar o suficiente para sugerir um assunto de conversa, mas não tanto que impedisse o monólogo. Philip sentiu-se cativado. Não notava que pouco do que Cronshaw dizia era novo. Sua personalidade, na conversação, possuía curioso poder. Tinha uma voz sonora e bela e uma maneira de expor as coisas que era irresistível para os jovens. Tudo quanto dizia fazia pensar, e muitas vezes, a caminho de casa, Lawson e Philip andavam da pensão dum para a do outro a discutir algum tópico sugerido por uma observação casual de Cronshaw. Foi desconcertante para Philip — que tinha

juvenil sofreguidão pelos resultados concretos — constatar que a poesia de Cronshaw mal correspondia à expectativa. Nunca fora publicada em volume, mas a maior parte dela aparecera em jornais e revistas. Depois de muita relutância, Cronshaw trouxe um maço de páginas destacadas de *The Yellow Book*, *The Saturday Review* e outras publicações, com um poema em cada uma. Philip ficou estupefato ao notar que quase todos esses poemas lembravam Henley ou Swinburne. Só eram de Cronshaw quando ele próprio os declamava com sua voz esplendorosa. Philip transmitiu sua decepção a Lawson que, irrefletidamente, repetiu ao autor as palavras do amigo. No dia seguinte, quando Philip foi a La Closerie des Lilas, o poeta voltou-se para ele com seu sorriso macio:

— Soube que não faz grande opinião dos meus versos.

Philip sentiu-se embaraçado.

— Não é bem isso — respondeu. — Gostei muito deles.

— Não procure poupar a minha suscetibilidade — retorquiu Cronshaw, com um gesto da mão gorda. — Não empresto nenhuma importância exagerada aos meus trabalhos poéticos. A vida aí está para ser vivida e não para que escrevamos a seu respeito. Meu objetivo é procurar as múltiplas experiências que ela oferece, arrancando a cada momento toda a emoção que ele apresenta. Considero meus escritos como uma graciosa habilidade que, em vez de absorver a existência, acrescenta-lhe prazer. E quanto à posteridade — que o diabo a carregue!

Philip sorriu, pois dava na vista que esse artista da vida não produzira mais do que um mísero borrão. Cronshaw fitou-o meditativamente e encheu o copo. Pediu, depois, ao garçom que lhe trouxesse uma carteira de cigarros.

— Você acha graça por me ouvir falar assim quando sabe que eu sou pobre e vivo numa água-furtada em companhia de uma fêmea vulgar que me engana com cabeleireiros e garçons de café. Traduzo livros miseráveis para o público inglês e escrevo artigos a respeito de quadros desprezíveis que nem ao menos condenados merecem ser. Mas faça o favor de me dizer: qual é o sentido da vida?

— Ora, a pergunta é bastante difícil. Por que não a responde você mesmo?

— Não, porque isso é inútil a menos que a gente o descubra por si próprio. Para que supõe que está no mundo?

Philip nunca havia pensado nisso. Após meditar um momento, respondeu:

— Oh, não sei! Acho que estamos aqui para cumprir o nosso dever, fazer o melhor uso possível de nossas faculdades e evitar magoar os outros.

— Em resumo: não faças a outrem o que não queres que te façam, não é assim?

— Creio que sim.

— Cristianismo.

— Não, não é — protestou Philip, indignado. — Isso nada tem a ver com o cristianismo. É apenas moral abstrata.

— Moral abstrata é coisa que não existe!

— Nesse caso, suponha que, ao sair daqui, sob a influência da bebida, esquecesse a sua bolsa sobre a mesa. Por que razão acha que eu a restituiria? Não havia de ser por medo da polícia.

— Seria o temor ao inferno, se você pecasse, e a esperança no céu, se fosse justo.

— Mas se eu não acredito no céu nem no inferno!

— Pode ser. Kant também não acreditava ao conceber o imperativo categórico. Você renegou um credo, mas conservou a ética desse credo. É ainda um cristão, para todos os efeitos, e se existir um Deus no céu você receberá sem dúvida a sua recompensa. O Todo-Poderoso não pode ser tão tolo como as igrejas o representam. Desde que obedeçamos às Suas leis, não me parece que Ele dê importância ao fato de acreditarmos ou não na Sua existência.

— Mas se eu esquecesse aqui a minha carteira, tenho certeza de que você me restituiria — disse Philip.

— Não por motivos de moral abstrata, mas somente por medo da polícia.

— As probabilidades de a polícia descobrir o furto seriam de um para mil.

— Meus antepassados viveram tanto tempo uma existência civilizada que o medo da polícia me impregnou os próprios ossos. A filha de minha *concierge* não vacilaria um só momento. Responderá, naturalmente, que ela pertence às classes criminosas. Nada disso. Ela está, apenas, isenta dos preconceitos vulgares.

— Nesse caso vai por água abaixo a honra, a virtude, a bondade, a decência, tudo enfim — observou Philip.

— Alguma vez já cometeu um pecado?

— Não sei, mas suponho que sim.



— Fala como um ministro dissidente. Pois eu nunca cometi pecado algum.

Metido no seu sovado casacão, a gola voltada para cima, o chapéu enterrado na cabeça, com seu rosto rechonchudo e vermelho e seus pequeninos olhos cintilantes, Cronshaw parecia extraordinariamente cômico, mas Philip estava levando a coisa muito a sério para rir.

— Nunca praticou algo de que se arrependesse mais tarde?

— Como poderia arrepender-me de haver praticado um ato inevitável? — perguntou Cronshaw, em troco.

— Mas isso é fatalismo.

— A ilusão nutrida pelo homem de que sua vontade é livre tem raízes tão profundas que estou pronto a aceitá-la. Procedo como se fosse um agente livre. Mas quando um ato se realiza, está claro que todas as forças do Universo, desde toda a eternidade, conspiraram para motivá-lo e nada que eu pudesse fazer o teria impedido. Era um ato inevitável. Se foi bom, não me posso arrogar mérito algum; se foi mau, não posso aceitar censura alguma.

— Minha cabeça está dando voltas — disse Philip.

— Beba um gole de uísque — redargüiu Cronshaw, passando-lhe a garrafa. — Não existe nada melhor que uísque para clarear as idéias. É natural que você tenha o espírito lerdo, uma vez que insiste em beber cerveja.

Philip balançou a cabeça e Cronshaw continuou:

— Você não é um mau rapaz, mas acontece que não bebe. A sobriedade perturba a conversação. Quando falo a respeito do bem e do mal... — Philip notou que ele retomava o fio do discurso — ... falo convencionalmente. Não atribuo significação alguma a essas palavras. Ninguém me induzirá a instituir uma hierarquia de ações humanas, emprestando dignidade a umas e vituperando outras. Os termos vício e virtude não possuem sentido algum para mim. Não louvo nem censuro. Apenas aceito. Sou a medida de todas as coisas. Sou o centro do Universo.

— Mas existem outras pessoas no mundo — objetou Philip.

— Eu falo apenas por mim. Só noto as outras pessoas na medida em que elas limitam as minhas atividades. O mundo também gira em torno delas, e cada uma julga ser o centro do Universo. Meus direitos sobre elas não vão além do alcance de minha força. O que eu posso fazer é o limite do que devo fazer. Somos gregários, e por isso vivemos em sociedade. E a sociedade se conserva unida por meio da força, a força das armas (isto é, a polícia) e a força

da opinião pública (isto é, a mrs. Grundy[6]). De um lado há a sociedade; do outro, o indivíduo: cada um dos dois é um organismo que luta pela sua conservação. É a força contra a força. Eu me encontro só, obrigado a aceitar a sociedade, o que faço de bom grado, uma vez que ela, em troca dos impostos que eu pago, me protege (um fraco) contra a tirania de pessoas mais fortes do que eu. Mas eu me submeto às suas leis porque sou compelido a isso. Não lhe reconheço a justiça nem sei o que isso seja, pois conheço apenas a força. E, depois de pagar uma taxa para que o policial me proteja e (se eu viver num país onde o recrutamento militar for obrigatório) depois de servir no exército que guarda a minha casa e a minha terra contra o invasor, estou quite com a sociedade. Quanto ao mais, contrabalanço a sua força com a minha astúcia. Ela cria leis que visam à sua própria conservação, e se eu as violar sou morto ou encarcerado. A sociedade tem o poder de fazer isso e, por conseguinte, o direito. Se eu violar as leis, aceitarei a vingança do Estado, mas não a considerarei um castigo nem tampouco me julgarei culpado. A sociedade procura atrair-me para o seu serviço acenando-me com honrarias, riquezas e o bom conceito de meus semelhantes. Sou, porém, indiferente à opinião deles. Desprezo as honrarias e posso muito bem dispensar a riqueza.

— Mas, se todos pensassem assim, o mundo viria abaixo num instante.

— Nada tenho que ver com os outros. Só me ocupo comigo mesmo. Tiro proveito do fato de que a maior parte da humanidade é levada, com o olho nas recompensas, a realizar coisas que, direta ou indiretamente, vem beneficiar-me.

— Considero esse um modo extremamente egoísta de encarar as coisas — disse Philip.

— Julga, por acaso, que o homem seja capaz de fazer alguma coisa a não ser por propósitos egoístas?

— Julgo.

— É impossível que assim seja. Quando ficar mais velho, compreenderá que a coisa mais necessária para tornar este mundo um lugar tolerável é reconhecer o inevitável egoísmo da humanidade.

É absurdo exigir altruísmo por parte dos outros: para que sacrificariam eles os seus desejos pelos nossos? Quando você quiser compreender que cada um, no mundo, se preocupa apenas consigo mesmo, exigirá menos dos seus semelhantes. Já não lhe causarão decepções e passará a olhá-los com mais simpatia. Os homens buscam, na vida, uma única coisa: o prazer.

— Não, não, não! — exclamou Philip.

Cronshaw riu por entre os dentes.

— Empina-se como um potro amedrontado só porque usei de uma palavra a que o seu cristianismo atribui uma significação depreciativa. Vocês possuem uma hierarquia de valores e o prazer está colocado bem embaixo. No entanto fala, com um pequeno arrepio de satisfação, em dever, caridade e verdade. Pensa existir apenas o prazer dos sentidos. Os infelizes escravos que fabricaram a sua moral desprezaram uma satisfação que dificilmente poderiam gozar. Não se mostraria tão alarmado se eu, em vez de falar sobre o prazer, falasse sobre a felicidade. A palavra é menos chocante e transporta-o, em pensamento, da pocilga de Epicuro para o seu jardim. Falarei, não obstante, do prazer, pois vejo que é a ele que os homens aspiram, e nada me prova que aspirem à felicidade. É o prazer que se esconde por trás de todas as virtudes que praticamos. O homem pratica tais e tais atos porque acha que sejam bons para ele: e quando são bons também para os outros, são considerados virtuosos. Se encontra prazer em dar esmolas, é caridoso; se lhe agrada auxiliar os outros, é benevolente; se experimenta satisfação em trabalhar em prol da sociedade, é um filantropo. Mas você visa apenas a um prazer individual quando dá uma moeda a um mendigo, assim como eu viso unicamente a um prazer pessoal quando bebo uísque com soda. Eu, que sou menos hipócrita do que você, não aplaudo a mim mesmo pelo meu prazer nem solicito a sua admiração.

— Mas nunca conheceu pessoas que praticassem atos de que não gostassem?

— Não. A sua pergunta é tola. Quer dizer que às vezes as pessoas aceitam uma dor imediata de preferência a um prazer imediato. A objeção é tão tola como o modo por que você se exprimiu. É certo que os homens aceitam, em vez de um prazer imediato, uma dor imediata, mas isso unicamente porque esperam gozar, no futuro, um prazer maior. Muitas vezes o prazer é ilusório, mas esse erro de cálculo não implica a refutação da regra geral. Você está confuso porque imaginava que os prazeres fossem apenas sensuais. Mas fique certo de que um homem que morre por sua pátria o faz por sentir prazer nisso, da mesma forma por que um homem que come pickles o faz por apreciar esse gênero de conserva. É uma lei da criação. Se fosse possível ao homem preferir a dor ao prazer, a raça humana já estaria extinta há muito tempo.

— Mas se tudo isso for verdade — perguntou Philip —, qual é a utilidade de tudo? Se excluirmos o dever, a bondade e a beleza, por que somos trazidos

ao mundo?

— Aí vem o maravilhoso Oriente para sugerir uma resposta — voltou Cronshaw, sorrindo.

E apontou para duas pessoas que no momento abriram a porta do café, trazendo consigo uma lufada de ar frio para dentro do salão. Eram levantinos, vendedores ambulantes de tapetes ordinários, e cada um dos dois sobraçava uma trouxa. Como fosse noite de domingo, o café estava repleto. Os vendedores caminhavam por entre as mesas e, na atmosfera pesada do salão impregnado de fumo, saturado de humanidade, pareciam introduzir uma nota de mistério. Trajavam roupas européias surradas, com os leves casacões já no fio, mas ambos usavam um fez sobre a cabeça. Seus rostos estavam pálidos de frio. Um deles era de meia-idade e cultivava uma barba negra; o outro, porém, era um rapaz de dezoito anos, em cujo rosto a varíola deixara profundas cicatrizes. Faltava-lhe, além disso, um dos olhos. Passaram ambos perto de Cronshaw e de Philip.

— Alá é grande e Maomé é o seu profeta — disse Cronshaw, solenemente.

O mais velho avançou, com um sorriso servil, como um vira-lata habituado às pancadas. Olhou furtivamente para a porta e, com movimento rápido e sub-reptício, mostrou uma gravura pornográfica.

— É Másser Edine, o mercador de Alexandria, ou será da longínqua Bagdá que traz as suas mercadorias, ó meu tio? E esse mancebo de um olho só, estarei vendo nele um dos três reis a cujo respeito Xerazade contava histórias ao seu senhor?

O sorriso do vendedor tornou-se ainda mais insinuante, embora não compreendesse uma palavra do que Cronshaw lhe dizia. Como um mágico, fez surgir uma caixa de sândalo.

— Não, mostra-nos a preciosa trama dos teares orientais — acudiu Cronshaw —, pois quero ilustrar a moral de um conto.

O levantino desdobrou uma toalha de mesa, vermelha e amarela, vulgar, medonha e grotesca.

— Trinta e cinco francos — disse ele.

— Oh, meu tio! Esse tecido não conheceu os tecelões de Samarcanda, nem essas cores saíram das tinas de Bocara.

— Vinte e cinco francos — sussurrou o vendedor, obsequiosamente.

— Sim, foi manufaturado na Última Tule e por sinal foi em Birmingham, minha cidade natal.

— Quinze francos — baixou servilmente o homem de barba negra.

— Suma-se, amigo — disse Cronshaw. — E que os asnos selvagens conspirquem o túmulo de sua avó materna.

Imperturbável, mas já sem sorrir, o levantino passou com as suas mercadoria para outra mesa. Cronshaw voltou-se para Philip.

— Já estive alguma vez no Cluny, o museu? Pois lá verá tapetes persas de matiz delicado e de um padrão cujas linhas belas e intrincadas delíam e assombram os olhos. Neles verá o mistério e a beleza sensual do Oriente, as rosas de Hafiz e a taça em que bebia Omar. Mas, dentro em pouco, verá mais do que isso. Ainda há pouco perguntava-me qual a significação da vida. Vá olhar esses tapetes persas e qualquer dia desses terá a resposta.

— Você está misterioso — disse Philip.

— Estou embriagado — respondeu Cronshaw.

Philip não achou a vida em Paris tão barata quanto lhe tinham feito acreditar e em fevereiro já havia gasto quase todo o dinheiro com que chegara. Seu orgulho não lhe permitia apelar para o tutor e ao mesmo tempo não queria que a tia Louisa tivesse conhecimento de seus apuros. Tinha certeza, neste último caso, de que ela procuraria enviar-lhe algum auxílio de sua própria bolsa e sabia quão magros eram os recursos de tia Louisa. Dentro de três meses atingiria a maioridade e entraria na posse de sua pequena fortuna. Arranjou-se durante esse intervalo vendendo os poucos objetos que havia herdado do pai.

Por essa época Lawson sugeriu alugarem um pequeno ateliê que se achava vago numa das ruas transversais ao Boulevard Raspail. Era muito barato. Tinha um pequeno cômodo anexo, que poderia ser utilizado como quarto de dormir. E como Philip freqüentasse a escola todas as manhãs, Lawson ficaria com o ateliê à sua inteira disposição durante esse tempo. Após andar de escola em escola, Lawson chegara à conclusão de que seria melhor trabalhar só, e por isso propôs contratarem um modelo para posar três ou quatro vezes por semana. A princípio Philip hesitou em virtude da despesa, mas fizeram as contas e pareceu-lhes que o custo não seria muito maior do que o de morar num hotel. Estavam tão ansiosos por ter um estúdio próprio que fizeram cálculos otimistas. Embora o aluguel e o salário da arrumadeira fossem além do que gastavam no hotel, poderiam economizar com o *petit déjeuner*, preparando-o eles mesmos. Um ano ou dois antes, Philip teria recusado compartilhar um quarto com quem quer que fosse, uma vez que era tão suscetível no que dizia respeito ao pé deformado, mas essa sensibilidade mórbida se ia tornando agora menos acentuada. Em Paris aquilo não parecia coisa de grande importância, e embora nunca conseguisse esquecer o seu defeito físico, deixou de imaginar que os outros estivessem constantemente a observá-lo.

Os dois mudaram-se para o ateliê, compraram duas camas, um lavatório, algumas cadeiras, e sentiram pela primeira vez a emoção da posse. Estavam tão agitados que, depois de se deitarem, ficaram conversando até as três horas da

manhã. No dia seguinte divertiram-se de tal modo em acender o fogo, preparar o café e tomá-lo em pijama, que quando Philip chegou ao Amitrano já eram quase onze horas. Estava com excelente disposição. Cumprimentou Fanny Price com um aceno de cabeça.

— Como vai o trabalho? — perguntou alegremente.

— Que lhe interessa saber? — indagou ela em resposta.

Philip não pôde conter o riso.

— Não precisa bater-me. Estava apenas procurando ser gentil.

— Dispensio as suas gentilezas.

— Acha que valha a pena brigar comigo também? — inquiriu Philip com brandura. — Já são bem poucas as pessoas com quem fala, não é mesmo?

— Tem alguma coisa a ver com isso?

— Não.

Philip iniciou o trabalho e pôs-se a imaginar por que razão Fanny Price procurava tornar-se tão desagradável. Chegara à conclusão de que antipatizava completamente com ela. O mesmo sucedia com todos. Tratavam-na com delicadeza apenas por temor à sua língua maldosa, pois ela dizia, tanto em presença deles como nas suas costas, as coisas mais abomináveis. Philip, porém, se sentia tão feliz que não queria que miss Price se desgostasse com ele. Utilizou-se do artifício com que já algumas vezes conseguira dissipar-lhe o mau humor.

— Não poderia dar uma olhadela no meu desenho? Estou bem atrapalhado.

— Muito obrigada, mas tenho melhor emprego que dar ao meu tempo.

Philip encarou-a com surpresa, pois se havia coisa que ela fizesse com prazer era dar conselhos. Miss Price prosseguiu vivamente em voz baixa e com fúria selvagem:

— Agora que Lawson se foi, você acha conveniente viver em boas relações comigo. Fico-lhe muito agradecida. Vá procurar outra pessoa para auxiliá-lo. Não quero ficar com os restos de ninguém.

Lawson possuía o instinto pedagógico. Sempre que descobria alguma coisa ficava impaciente por transmiti-la aos outros. Tinha prazer em ensinar e por isso suas palavras eram proveitosas. Inconscientemente, Philip adquiriu o hábito de sentar-se ao seu lado. Nunca lhe passou pela mente que Fanny Price estivesse ardendo de ciúme e olhasse com uma raiva cada vez maior para o fato de ele estar aceitando o ensino de outra pessoa.

— Estava muito satisfeito em contar comigo quando não conhecia ninguém aqui — disse ela, asperamente —, mas assim que conheceu outros, me pôs de lado como uma luva velha.

Repetiu com satisfação a metáfora gasta.

— Como uma luva velha. Está bem, não faz mal, mas ninguém me fará de tola uma segunda vez.

Havia nas suas palavras um resquício de verdade. Aborrecido com isso, Philip respondeu com as primeiras palavras que lhe vieram à cabeça.

— Ora bolas, eu só pedi que me ajudasse porque notei que isso lhe dava prazer.

Com o peito arfante, ela lançou-lhe um súbito olhar de angústia. Duas lágrimas rolaram-lhe pelas faces. Seu aspecto era desmazelado e grotesco. Sem saber a que atribuir essa nova atitude, Philip reiniciou o seu trabalho. Aquilo pesava-lhe na consciência. Não pediu, porém, desculpas à moça, temendo que ela aproveitasse a oportunidade para submetê-lo a outra desfeita. Durante uma ou duas semanas miss Price não falou com Philip e este, passada a sensação desagradável de se ver repellido por ela, ficou um tanto aliviado por se ver livre de uma amizade tão complicada. Desconcertava-o um pouco o ar de proprietária que ela assumia para com ele. Era uma mulher extraordinária. Chegava ao estúdio às oito horas em ponto e, quando o modelo começava a posar, já estava pronta para trabalhar. Era persistente, não falava com ninguém, lutava hora após hora com dificuldades para ela insuperáveis e só se retirava ao meio-dia. Trabalhava em vão, porém. Nem mesmo se aproximava dos medíocres resultados a que quase todos os jovens chegavam após alguns meses de estudo. Usava todos os dias o mesmo vestido pardo e feio, trazendo ainda, endurecida na bainha, a lama do último dia de chuva, com os mesmos rasgões que Philip lhe notara da primeira vez que a vira.

Mas um dia ela lhe veio ao encontro e, com o rosto coberto de rubor, perguntou se poderia falar-lhe mais tarde.

— Naturalmente. Estou ao seu inteiro dispor — respondeu Philip, sorrindo. — Vou esperá-la ao meio-dia.

Quando a aula terminou, Philip foi ter com Fanny Price.

— Concorda em caminhar um pouco comigo? — indagou ela, desviando o olhar, cheia de embaraço.

— Sem dúvida.

Caminharam em silêncio durante dois ou três minutos.



— Lembra-se do que me disse outro dia? — perguntou ela de repente.

— Por favor, não reiniciemos as discussões — disse Philip. —

É uma coisa que não nos traz proveito algum.

Ela encheu o peito rápida e aflitivamente.

— Não quero brigar com você. É o único amigo que eu já tive em Paris. Julguei mesmo que gostasse um pouquinho de mim. Parecia-me existir qualquer coisa entre nós. Uma afinidade qualquer me aproximava de você... Sabe a que me refiro: o seu defeito no pé.

Philip corou e, instintivamente, fez um esforço para caminhar sem mancar. Não gostava que falassem de sua deformidade. Sabia o que Fanny Price queria dizer. Era feia e sem atrativos, e como ele próprio tivesse um defeito físico, estabelecia-se entre ambos uma certa simpatia. Ficou bastante irritado com ela, mas conseguiu conter-se.

— Você disse que só me pedia conselhos para agradar-me. Não vê mérito algum no meu trabalho?

— Só vi os seus desenhos no Amitrano. É muito difícil julgar apenas com essa base.

— Eu queria saber se você consentiria em vir olhar os outros trabalhos meus. Nunca pedi isso a ninguém. Eu gostaria de mostrá-lo a você.

— É muita bondade sua. Terei grande prazer em vê-los.

— Moro bem pertinho — disse ela, em tom de súplica. — São apenas dez minutos de caminhada.

— Isso não tem importância — respondeu Philip.

Após andarem pelo bulevar, ela dobrou numa rua transversal e em seguida o conduziu por uma outra ainda mais pobre, cheia de lojas ordinárias e, por fim, parou. Subiram vários lances de escada. Miss Price abriu uma porta e os dois penetraram num acanhado sótão com o teto inclinado e uma pequenina janela. Esta se encontrava fechada e o quarto cheirava a mofo. Embora estivesse muito frio, não havia fogo nem sinal de que algum dia tivesse havido. A cama estava desarrumada. Uma cadeira, uma cômoda que também servia de lavatório e um cavalete barato constituíam todo o mobiliário. Aquela habitação teria sido sórdida de qualquer forma, mas a falta de asseio e de ordem emprestavam ao lugar um aspecto repelente. Sobre a chaminé, em meio a tintas e pincéis, viam-se uma xícara, um prato sujo e uma cafeteira.

— Fique aqui, que eu vou colocá-los naquela cadeira para que possa observá-los melhor.

Mostrou-lhe vinte telas de pequenas dimensões (dezoito polegadas por doze, mais ou menos). Colocava-as uma após outra sobre a cadeira, observando a expressão de Philip, que ia inclinando a cabeça à medida que as olhava.

— Está gostando, não está? — perguntou ela, ansiosamente, um momento depois.

— Deixe que veja todas, primeiro. Depois eu digo.

Philip tratava de se dominar. Estava apavorado. Não sabia o que dizer. Além de serem as telas mal desenhadas, a cor era distribuída por um amador, por alguém que a não enxergasse. Não se percebia a menor tentativa de apanhar os valores exatos. A perspectiva, por sua vez, era grotesca. Parecia obra de uma criança de cinco anos. Uma criança, porém, mostraria uma certa ingenuidade e ao menos procuraria reproduzir aquilo que via. Mas ali estava o produto de um espírito vulgar, repleto de reminiscências de quadros vulgares. Philip lembrou-se de tê-la ouvido falar com entusiasmo sobre Monet e os impressionistas, mas ali se viam apenas as piores tradições da Academia Real.

— Pronto — disse ela por fim. — Não tenho mais nada.

Philip não era mais amigo da verdade do que qualquer outra pessoa, mas não conseguia dizer uma mentira clamorosa, uma mentira propositada sem corar furiosamente. Foi o que lhe aconteceu ao dizer.

— Acho que os quadros são ótimos.

Uma leve cor assomou às faces doentias de Fanny Price, que esboçou um sorriso.

— Sabe que não é obrigado a dizer isso se não pensa assim. Quero que fale a verdade.

— Mas eu penso assim.

— Não tem nenhuma crítica a fazer? Deve haver algum quadro que aprecie menos do que os outros.

Philip olhou em redor de si, sem saber o que dizer. Viu então uma paisagem, o gênero pitoresco, típico de amador — uma velha ponte, uma casinha coberta de trepadeiras e a margem povoada de árvores folhudas.

— Não tenho a pretensão de entender de pintura — observou Philip —, mas confesso que os valores desse quadro não me pareceram bem equilibrados.

O sangue subiu ao rosto de Fanny Price. Agarrando o quadro, voltou-o rapidamente de costas.

— Não compreendo por que razão escolheu logo este para alvo de suas zombarias. É a melhor coisa que já fiz até hoje. Tenho certeza de que os meus valores estão exatos. Isso é uma coisa que não se pode ensinar a ninguém: ou se entende de valores ou não se entende.

— Acho que os quadros são todos ótimos — repetiu Philip.

Ela olhou para as telas com um ar de satisfação.

— Não acho que causem vergonha a ninguém.

Philip consultou o relógio.

— Está ficando tarde. Posso convidá-la para um almoço ligeiro?

— Obrigada. Almoço aqui mesmo.

Philip não viu sinal algum de comida, mas concluiu que a *concierge* a traria logo depois que ele saísse. Tinha pressa de retirar-se. O bafio daquele quarto lhe dava dor de cabeça.

Em março sobreveio a agitação da remessa de quadros para o *Salon*. Clutton, como sempre, nada havia aprontado, e escarneceu bastante das duas cabeças enviadas por Lawson. Eram, sem dúvida, obra de um estudante, simples retratos de modelos, mas possuíam certo vigor. Clutton, visando à perfeição, não tolerava os esforços que traíam hesitação. Sacudindo os ombros, disse a Lawson que considerava uma insolência exhibir bagatelas que nunca deveriam ter saído do seu estúdio. Seu desprezo não baixou de tom quando soube que as duas cabeças tinham sido aceitas. Flanagan também tentou a sorte, mas sua tela foi recusada. Mrs. Otter mandou um irrepreensível *Portrait de ma mère*, esmerado e de segunda ordem. Penduraram-no em lugar excelente.

Hayward, que Philip não via desde a partida de Heidelberg, veio passar alguns dias em Paris, a tempo de assistir à festa que Lawson e Philip iam realizar no estúdio para celebrar a aceitação dos quadros do primeiro. Philip estava ansioso por tornar a ver Hayward, mas ao encontrar-se com ele sentiu uma certa decepção. Seu amigo tinha a aparência um tanto mudada: a sua linda cabeleira tornara-se mais rala, e ao mesmo tempo que ela esmaecia, o próprio homem ia ficando murcho e sem cor; os olhos azuis estavam mais pálidos do que outrora e havia um certo relaxamento nas suas feições. Por outro lado, em espírito ele parecia não ter mudado nem um pouco, e a cultura que impressionara Philip aos dezoito anos inspirava-lhe um certo desprezo aos vinte e um. Philip também sofrera grandes transformações e, olhando com desdém para a suas antigas opiniões sobre a arte, a vida e a literatura, não tolerava quem quer que ainda as abraçasse. Mal se apercebia ele de que desejava ostentar-se diante de Hayward, mas enquanto o conduzia pelas galerias despejou-lhe em cima todas as opiniões revolucionárias que adotara recentemente.

Parando diante da *Olympia*, de Manet, exclamou em tom dramático:

— Eu não trocaria esse quadro por todas as obras dos velhos mestres, com exceção de Velázquez, Rembrandt e Vermeer.

— Quem foi Vermeer? — perguntou Hayward.

— Ora, meu caro amigo, então não conhece Vermeer? Você ainda não é civilizado. Não deve viver nem mais um segundo sem ser apresentado a ele. Era um clássico, o único, que pintava como um artista moderno.

Deixando o Luxemburgo, Philip arrastou Hayward para o Louvre.

— Mas não há mais nada que ver aí? — perguntou Hayward, com a paixão do turista que tudo quer ver.

— Só coisas sem importância. Poderá voltar, outro dia, e ver o resto com auxílio do seu Baedeker.

Uma vez chegados ao Louvre, Philip percorreu com o amigo a Grande Galeria.

— Gostaria de ver a Gioconda — disse Hayward.

— Oh, meu amigo! Aquilo é simples literatura.

Finalmente, penetrando numa sala pequena, Philip postou-se em frente d'O *rendeiro*, de Vermeer van Delf.

— Eis aqui o melhor quadro do Louvre. É igualzinho a um Manet.

Ilustrando as suas observações com um dedo expressivo e eloqüente, Philip discorreu sobre a encantadora obra. Usava a gíria dos estúdios com efeito irresistível.

— Não vejo nada nele que seja assim tão maravilhoso — disse Hayward.

— É um quadro para pintores, já se vê. Compreendo perfeitamente que um leigo não veja grande coisa nele.

— Um quê? — perguntou Hayward.

— Um leigo.

Como a maioria das pessoas que cultivam o interesse pelas artes, Hayward tinha imenso desejo de acertar. Mostrava-se dogmático para com os que não se aventuravam a fazer afirmações, mas com os audazes era muito modesto. A convicção de Philip impressionou-o, e por isso aceitou docilmente a sua sugestão implícita de que a arrogante pretensão do pintor a ser o único juiz possível em pintura tem a recomendá-la alguma coisa mais que a sua insolência.

Um ou dois dias mais tarde, Philip e Lawson realizaram a festa. Cronshaw, fazendo-lhes uma honrosa exceção, concordou em provar o jantar, e miss Chalice ofereceu-se para vir cozinhar. Não se interessava por pessoas do seu sexo e declinou a sugestão de que outras moças fossem convidadas por sua causa. Clutton, Flanagan, Potter e dois outros completavam o grupo. A mobília era escassa e o estrado do modelo teve que fazer as vezes de mesa. Os

convidados poderiam se sentar sobre malas ou, se preferissem, no próprio chão. O cardápio consistia num *pot-au-teu* que miss Chalice havia preparado, numa perna de carneiro assada no restaurante da esquina e servida ainda quente, com batatas cozidas por miss Chalice e cenouras fritas, de cujo cheiro o estúdio estava impregnado (as cenouras fritas constituíam a especialidade de miss Chalice). Em seguida viriam as *poires flambées*, peras flambadas com aguardente, que Cronshaw insistira em preparar. Para terminar, seria servido um enorme *fromage de Brie*, que estava perto da janela e adicionava odores fragrantes a todos os outros que já enchiam a peça. Cronshaw ocupava o lugar de honra, sobre uma mala de couro, com as pernas cruzadas qual um paxá da Turquia, sorrindo benevolmente para os jovens que o cercavam. Por força do hábito, embora o pequeno estúdio estivesse bastante quente, pois o fogo se conservava aceso, Cronshaw vestia o seu casacão com a gola virada para cima e trazia na cabeça o chapéu-coco. Dava-lhe grande satisfação contemplar os quatro garrafões de Chianti enfileirados à sua frente, de cada lado de uma garrafa de uísque. A impressão que tinha, disse ele, era de uma esbelta e bela circassiana guardada por quatro eunucos corpulentos. A fim de que todos ficassem à vontade, Hayward apareceu trajando um terno de tweed com uma gravata de estudante. A sua aparência era grotescamente britânica. Todos o trataram com uma polidez muito apurada, e durante a sopa o assunto da conversa foi o tempo e a situação política. Enquanto esperavam a perna de carneiro, miss Chalice acendeu um cigarro.

— Rapunzel, Rapunzel, solta os teus cabelos! — exclamou ela de repente.

Com um gesto gracioso, desatou uma fita e as tranças caíram-lhe sobre os ombros. Sacudiu, então, a cabeça.

— Sempre me sinto mais à vontade com os cabelos soltos.

Com os seus grandes olhos castanhos, rosto ascético e delgado, tez pálida e fronte ampla, ela poderia ter saído de um quadro de Burne-Jones. Possuía mãos longas e belas, com dedos profundamente manchados de nicotina. Usava amplas roupagens de cor malva e verde. Tinha esse ar romântico peculiar à High Street de Kensington. Era uma esteta lasciva, mas também excelente criatura, bondosa e bem-humorada. Suas afetações não iam além da superfície. Quando alguém bateu à porta, todos gritaram cheios de júbilo. Miss Chalice levantou-se e foi abrir. Recebendo a perna de carneiro, ergueu-a bem alto, como se fosse a cabeça de João Batista numa bandeja, e, trazendo o cigarro ainda na boca, avançou com passos solenes e hieráticos.

— Salve, filha de Herodíades! — exclamou Cronshaw.

O carneiro foi devorado com enorme prazer, valendo a pena ver com que apetite comia a pálida moça. Clutton e Potter sentaram-se de cada lado dela, e todos sabiam que nenhum dos dois fora repellido por ela. Cansava-se das pessoas em seis semanas, mas sabia exatamente como tratar depois os cavalheiros que haviam lançado o coração a seus pés. Não lhes queria mal, embora não mais os amasse, e tratava-os como amigos, mas sem familiaridade. De vez em quando pousava em Lawson olhares melancólicos. As *poires flambées* obtiveram grande sucesso, em parte por causa da aguardente, e em parte porque miss Chalice fez questão de que fossem comidas com queijo.

— Não sei dizer se acho isto delicioso ou se daqui a pouco estarei vomitando — disse ela, após ter-se fartado da mistura.

O café com conhaque foi servido imediatamente, a fim de impedir qualquer conseqüência desagradável. Em seguida todos se acomodaram para fumar com o maior conforto. Ruth Chalice, incapaz de fazer qualquer coisa que não fosse deliberadamente artística, acomodou-se numa graciosa atitude ao lado de Cronshaw e recostou de leve a encantadora cabeça sobre o seu ombro. Perscrutava o sombrio abismo do tempo com olhos meditativos e de vez em quando, voltando-os para Lawson, suspirava profundamente.

Chegou o verão, e a inquietação apoderou-se daquela gente moça. O céu azul atraíam-nos para o mar e a brisa agradável, sussurrando por entre as folhas dos plátanos do bulevar, tentava-os para o campo. Todos fizeram planos para sair de Paris. Discutiam as dimensões mais apropriadas para as telas que pretendiam pintar, proveram-se de bastante material para esboços e consideraram os méritos de vários lugares da Bretanha. Flanagan e Potter foram para Concarneau. Mrs. Otter e sua mãe, com um instinto natural que as fazia preferir as coisas óbvias, escolheram Pont-Aven. Philip e Lawson resolveram ir para a Floresta de Fontainebleau, e miss Chalice sabia de um hotel muito bom em Moret, onde havia muita coisa que pintar. Ficava perto de Paris e nem Philip nem Lawson eram indiferentes às despesas de viagem. Encontrariam lá Ruth Chalice, e Lawson tinha a idéia de fazer-lhe um retrato ao ar livre. Era justamente a época em que o *Salon* estava cheio de retratos executados em jardins, à luz do sol, com gente de olhos semicerrados e os reflexos verdes das folhas ensolaradas nas faces. Clutton foi convidado para

fazer parte do grupo, mas preferiu passar o verão sozinho. Acabara de descobrir Cézanne e estava ansioso por visitar a Provença. Queria céus pesados cujo azul ardente parecia gotejar como bagas de suor, longas estradas brancas e poeirentas, telhados desbotados cuja cor o sol queimara, e oliveiras tornadas cinzentas pelo calor.

Um dia antes de partirem, depois da aula da manhã, Philip arrumou as suas coisas e dirigiu-se a Fanny Price.

— Vou embora amanhã — disse alegremente.

— Para onde? — perguntou ela com vivacidade. — Não me diga que vai deixar Paris!

Sua fisionomia demudou-se.

— Vou passar o verão fora. Não vai fazer o mesmo?

— Não. Fico em Paris. Julguei que também fosse ficar. Eu pretendia... — interrompeu a frase, miss Price sacudiu os ombros.

— Vai sentir um calor horroroso. Pode até fazer-lhe mal.

— E você se importa muito com isso! Para onde vai?

— Para Moret,

— A Chalice também vai para lá. Vai com ela?

— Vou com Lawson. Parece que ela também, mas não sei se iremos realmente juntos.

Miss Price emitiu um som gutural e profundo. Seu grande rosto adquiriu uma tonalidade vermelho-escura.

— Que coisa sórdida! Pensei que você fosse um rapaz decente. Era o único, aqui. Ela já andou com Clutton, Potter, Flanagan, e até com o velho Foinet. É por isso que ele se dá tanto trabalho com ela. E agora apanhou dois ao mesmo tempo, você e o Lawson. Fico até com nojo!

— Não diga tolices. É uma moça muito correta. Tratamos com ela como se fosse um rapaz.

— Por favor, não me diga mais nada, não me diga mais nada.

— Mas que lhe importa isso? — perguntou Philip. — Que lhe interessa que eu vá passar o verão aqui ou acolá?

— Eu tinha feito tantos planos — suspirou ela, parecendo falar consigo mesma. — Não julguei que você tivesse dinheiro para sair de Paris. Quando todos fossem embora poderíamos trabalhar juntos e visitar os museus.

Seus pensamentos voltaram, então, para Ruth Chalice.

— Porca! — exclamou. — Nem é uma criatura com quem se possa falar.



Philip olhava-a espantado. Não era homem para pensar que as moças se apaixonassem por ele: tinha demasiado presente a sua deformidade e se sentia desastrado e sem jeito com mulheres; mas não sabia que outra coisa podia significar aquela explosão. Fanny Price, no seu vestido pardo e sujo, desmazelada, com os cabelos caídos sobre o rosto, continuava diante dele e lágrimas de cólera rolavam-lhe pelas faces. Era repelente. Philip olhou para a porta, na esperança instintiva de que alguém entrasse de repente para pôr fim àquela cena.

— Sinto muito — disse ele.

— Você é igual a todos os outros. Aceita tudo o que lhe oferecem e nem ao menos agradece. Tudo o que sabe foi ensinado por mim. Ninguém mais teria se preocupado com você. Foinet alguma vez já se incomodou com você? Vou dizer-lhe uma coisa: pode trabalhar aqui durante mil anos, mas nunca conseguirá coisa alguma. Você é inteiramente destituído de talento. Não possui originalidade alguma. Não sou só eu que o digo. Todos dizem a mesma coisa. Você nunca será pintor.

— Isso também não é da sua conta — disse Philip, corando.

— Já sei. Pensa que digo isso só por maldade? Pois pergunte ao Clutton, pergunte ao Lawson, pergunte à Chalice. Nunca, nunca, nunca. Você não tem vocação para a pintura.

Philip deu de ombros e retirou-se. Ela ainda lhe gritou:

— Nunca, nunca, nunca!

Moret era, naquele tempo, uma velha cidade de uma só rua, situada na orla da floresta de Fontainebleau. O Ecu d'Or era um hotel que ainda vivia envolto na atmosfera decrépita do Ancien Régime. Ficava bem em frente ao sinuoso rio Loing. O pequeno terraço do quarto de miss Chalice dava para ele com uma encantadora vista da velha ponte e sua porta fortificada. Costumavam sentar-se ali à noite, após o jantar, tomando café, fumando e discutindo arte. À pequena distância, desembocava no rio um canal margeado de choupos, junto ao qual passeavam muitas vezes, após o trabalho. Passavam o dia inteiro pintando. Estavam obcecados, como quase toda a sua geração, pelo temor do pitoresco. Voltavam as costas, pois, às belezas que se apresentavam à vista de todos, para procurar motivos destituídos de uma graça que tanto desprezavam. Sisley e Monet tinham pintado o canal com as suas fileiras de choupos e eles sentiam o desejo de experimentar as forças num tema que tão tipicamente representava a França. Temiam, porém, a sua beleza

formal e tratavam deliberadamente de evitá-la. Miss Chalice, possuidora de uma inteligente destreza que impressionava Lawson, apesar do seu desdém pela arte feminina, começou a pintar um quadro em que procurava fugir à vulgaridade, eliminando os cimos das árvores. Lawson, por sua vez, teve a brilhante idéia de representar no primeiro plano um grande cartaz azul do *chocolat Menier*, fazendo sentir, dessa forma, o horror que lhe causava o estilo caixa-de-bombons.

Philip começava a pintar a óleo. Experimentou uma viva emoção de prazer ao empregar pela primeira vez esse agradável processo. Saía com Lawson pela manhã, conduzindo a sua pequena caixa de tintas, e sentava-se a pintar um painel ao lado do amigo. Sua satisfação não lhe permitia notar que estava apenas copiando. A influência de Lawson era tão grande que Philip só sabia ver através dos olhos dele. Lawson pintava com tonalidades muito baixas, e ambos viam o verde-esmeralda do capim como veludo escuro, ao passo que a claridade do céu se transformava em suas mãos num sombrio azul-ultramarino. Durante o mês de julho tiveram uma sucessão de dias esplêndidos; esteve, sim, muito quente, e o calor, quebrantando o ânimo de Philip, enchia-o de langor. Não podia trabalhar e o seu espírito povoava-se de mil pensamentos. Frequentemente passava as manhãs à beira do canal, à sombra dos choupos, lendo algumas linhas e sonhando meia hora. Às vezes alugava uma velha bicicleta e saía a passear pela estrada poeirenta que conduzia à floresta. Deitando-se sobre a relva de uma clareira, punha-se a meditar. Tinha o cérebro repleto de fantasias românticas. As damas de Watteau, alegres e despreocupadas, pareciam vagar com seus cavalheiros por entre as grandes árvores, murmurando coisas frívolas e encantadoras aos ouvidos uns dos outros, mas ainda assim um tanto oprimidos por um medo indefinido.

Além deles, havia no hotel apenas uma francesa gorda, de meia-idade, figura rabelaisiana cujo riso era enorme e obsceno. Passava os dias pescando pacientemente à beira do rio, mas nunca conseguia apanhar coisa alguma, e Philip muitas vezes ia conversar com ela. Descobriu que a mulher exercia uma profissão cujo membro mais notório na nossa época é mrs. Warren. Tendo acumulado regular pecúlio, levava agora uma pacata vida de *bourgeoise*. A francesa contava-lhe histórias licenciosas.

— Precisa ir a Sevilha — dizia ela no seu mau inglês. — As mulheres mais lindas do mundo!

Mostrava um olhar malicioso e balançava a cabeça.

A dupla papada e a enorme barriga tremiam, agitadas por um riso interno.

O calor tornou-se tal que era quase impossível dormir durante a noite. Ele parecia demorar-se sob as árvores como se fosse uma coisa material. Como não quisessem abandonar a noite estrelada, sentavam-se os três no terraço do quarto de Ruth Chalice e ali ficavam horas seguidas, em silêncio, cansados demais para falar, gozando voluptuosamente a tranqüilidade. Escutavam o murmurar do rio e muitas vezes só depois de o relógio da igreja bater uma, duas, três badaladas é que resolviam arrastar-se para a cama. Dum momento para outro, Philip percebeu que Ruth Chalice e Lawson eram amantes. Adivinhou-o pelo modo com que a moça olhava para o jovem pintor e no ar de dono que este assumia; e quando Philip ficava perto deles sentia que uma espécie de eflúvio os cercava, como se o ar estivesse carregado de alguma coisa estranha. A revelação foi um choque. Considerava miss Chalice uma boa companheira e gostava da sua conversa, mas nunca lhe parecera possível entrar em relações mais íntimas com ela. No domingo tinham-se embrenhado todos na floresta, levando uma cesta com a merenda. Ao chegarem a uma clareira suficientemente silvestre, miss Chalice, achando o cenário idílico, insistira em descalçar os sapatos e as meias. A idéia teria sido encantadora se os seus pés não fossem um tanto grandes. Além disso, no terceiro dedo de cada um dos pés tinha ela um enorme calo. Philip achara-lhe a atitude um pouco ridícula, mas agora encarava-a de maneira muito diversa. Havia algo delicadamente feminino nos seus grandes olhos e na sua pele azeitonada. Fora um tolo por não haver descoberto antes que ela era atraente. Julgava ver na moça um certo tom de desprezo por ele não lhe dar atenção como mulher, e em Lawson um laivo de superioridade. Invejava Lawson. Seus ciúmes, entretanto, não visavam ao indivíduo, mas ao seu amor. Desejava poder ocupar o lugar de Lawson, sentir com o coração do amigo. Ficou perturbado, deixando-se apoderar pelo receio de que o amor houvesse sempre de escapar-lhe. Queria ser arrebatado por uma paixão, queria ser transportado num turbilhão sem que lhe importasse para onde. Miss Chalice e Lawson pareciam-lhe agora um pouco diferentes e a constante companhia de ambos tornava-o inquieto. Estava descontente consigo mesmo. A vida não lhe estava dando tudo o que ele queria. Tinha a desagradável impressão de que estava perdendo o seu tempo.

A corpulenta francesa descobriu logo a espécie de relações que o par mantinha e, com a maior franqueza, falou com Philip a esse respeito.

— E o senhor — perguntou ela, com o sorriso tolerante de quem enriquecera com a lubricidade dos seus semelhantes —, não tem também uma *petite amie*?

— Não — respondeu Philip, corando.

— E por que não? *C'est de votre âge.*

Philip encolheu os ombros. Levava nas mãos um volume de Verlaine, e afastou-se. Tentou ler, mas a sua emoção era demasiadamente forte. Pensava nos amores fortuitos conhecidos graças a Flanagan, nas visitas a casas que ficavam em vielas sem saída, com as salas em veludo de Utrecht e os encantos mercenários de mulheres pintadas. Estremeceu. Atirando-se sobre o capim, estirou os membros como um animal novo que acaba de despertar. O sussurro das águas, os choupos ramalhando à suavidade da brisa e o céu azul eram-lhe quase intoleráveis. Estava enamorado do próprio amor. Julgava sentir nos lábios o beijo ardente de outros lábios e, em volta do pescoço, a carícia de mãos macias. Imaginava-se nos braços de Ruth Chalice, pensando nos seus olhos escuros e na maravilhosa textura da sua pele. Fora uma loucura deixar que aquela esplêndida aventura se lhe escoasse por entre os dedos. Se Lawson havia triunfado, por que não ele? Mas isso era apenas quando se achava longe dela — quer na cama, de noite, antes de adormecer, quer à beira do canal, nos seus devaneios ociosos. Quando a via, os seus sentimentos eram inteiramente diversos. Já não sentia desejo de apertá-la nos braços e não podia imaginar-se a beijá-la. Era curioso isso. Longe dela, julgava-a extremamente linda, lembrando-se apenas de seus olhos magníficos e da suave palidez de seu rosto, mas a seu lado notava-lhe apenas o busto chato e os dentes ligeiramente estragados, não podendo esquecer, também, os calos dos seus pés. Não se compreendia a si mesmo. Haveria de amar, apenas em imaginação e na ausência do objeto de seus desejos? Estaria privado de gozar todos os prazeres que se lhe ofereciam por causa de um defeito de visão que parecia exagerar tudo quanto havia de revoltante?

Philip não sentiu a menor tristeza quando uma mudança no tempo, anunciando o fim do longo verão, obrigou-os a regressar a Paris.

Quando Philip voltou ao Amitrano, verificou que Fanny Price não trabalhava mais lá. Havia devolvido a chave do seu armário. Perguntou a mrs. Otter se sabia que fim levava ela, e mrs. Otter, erguendo os ombros, respondeu que provavelmente teria voltado para a Inglaterra. Philip sentiu-se aliviado. O mau gênio de miss Price enchia-o de tédio. Além disso, insistia sempre em dar-lhe conselhos sobre o seu trabalho, considerava-se ofendida quando seus preceitos não eram seguidos à risca e não compreendia que ele já não se julgava o aluno bisonho dos primeiros dias. Em pouco tempo esqueceu-a totalmente. Estava pintando a óleo e o seu entusiasmo era transbordante. Esperava realizar alguma coisa importante o suficiente para figurar no *Salon* do ano seguinte. Lawson estava pintando um retrato de miss Chalice. Ela era muito retratável e todos os jovens rendidos aos seus encantos a haviam pintado. Uma indolência natural aliada ao gosto das atitudes pitorescas tornavam-na excelente modelo. Possuía, também, suficientes conhecimentos de técnica para fazer críticas proveitosas. Como a sua paixão pela arte era antes uma paixão pela vida de artista, negligenciava de bom grado o seu trabalho. Agradava-lhe a temperatura tépida do estúdio e a oportunidade de fumar inúmeros cigarros. Falava, em voz baixa e agradável, sobre o amor à arte e a arte do amor, duas coisas entre as quais não fazia uma distinção muito clara.

Lawson estava pintando com extraordinário afã, trabalhando durante dias a fio, até mal poder se manter em pé, para no fim raspar tudo o que havia feito. Teria esgotado a paciência de qualquer outra pessoa que não Ruth Chalice. Acabou por fazer uma embrulhada inextricável.

— O único remédio é apanhar uma tela nova e começar outro retrato — disse ele. — Agora sei bem o que vou fazer. Não vai levar muito tempo.

Philip estava presente na ocasião e miss Chalice perguntou-lhe:

— Por que não me pinta também? Aprenderia muito em observar mr. Lawson.

Uma das delicadezas de miss Chalice era referir-se sempre aos amantes pelo sobrenome.

— Gostaria muito de fazê-lo se Lawson não se importasse.

— A mim tanto faz — disse Lawson.

Era a primeira vez que Philip pintava um retrato. Iniciou-o com medo, mas também com orgulho, Sentado perto de Lawson, pintava como o via pintar. Aproveitava-lhe o exemplo e os conselhos de que miss Chalice era pródiga. Finalmente Lawson terminou o seu trabalho e convidou Clutton para criticá-lo. Clutton acabava de regressar a Paris. Após visitar a Provença, viajara para a Espanha, ansioso por admirar Velázquez em Madri. Esteve também em Toledo, onde permaneceu durante três meses, voltando de lá com um nome inteiramente novo para os jovens colegas: contava maravilhas de um pintor chamado El Greco que, pelos modos, só poderia ter estudado em Toledo.

— Sim, sei — disse Lawson. — É aquele clássico que se distinguia por pintar tão mal quanto os modernos.

Clutton, mais taciturno do que nunca, não respondeu, limitando-se a olhar sardonicamente para Lawson.

— Vai nos mostrar o que trouxe da Espanha? — perguntou Philip.

— Não pinteí na Espanha. Estive muito ocupado.

— Que diabo fez lá, então?

— Meditei sobre várias coisas. Acho que cortei relações com os impressionistas. Tenho um pressentimento de que dentro de alguns anos eles parecerão inconsistentes e superficiais. Pretendo desembaraçar-me de tudo o que aprendi até hoje e começar de novo. Assim que cheguei, destruí todas as minhas pinturas. Nada possuo, agora, além de um cavalete, tubos de tinta e algumas telas em branco.

— Que vai fazer?

— Ainda não sei. Tenho apenas uma vaga noção daquilo que quero.

Falava devagar, de um modo curioso, como se procurasse ouvir, com grande esforço, alguma coisa apenas perceptível. Dir-se-ia haver no seu íntimo uma força misteriosa que ele próprio não compreendia, mas que lutava secretamente pela obtenção de um escoadouro. Seu vigor impressionava. Lawson temia a crítica que pedira e, indo ao encontro de uma provável censura, fingia desdenhar qualquer opinião de Clutton. Mas Philip sabia que nada no mundo o tornaria mais feliz do que o louvor do outro. Durante algum tempo Clutton observou o retrato em silêncio, e em seguida volveu o olhar para a tela de Philip que se achava no cavalete.

— Que é isso? — perguntou.

— Eu também me meti num retrato.

— Macaco aplicado — murmurou Clutton.

Voltou, então, a ocupar-se com a tela de Lawson. Philip enrubesceu, mas não disse coisa alguma.

— Então, o que acha do retrato? — perguntou Lawson por fim.

— O modelado está muito bom — respondeu Clutton. — Também me parece muito bem desenhado.

— Acha que os valores estão exatos?

— Inteiramente.

Lawson sorriu, deleitado. Sacudiu-se todo como um cão molhado.

— Estou muito contente por saber que gostou do quadro.

— Eu? Não. Não lhe atribuo a menor importância.

Lawson, decepcionado, olhou com espanto para Clutton. Não compreendia o que ele queria dizer. Clutton não possuía o dom da expressão verbal. Parecia sentir uma grande dificuldade ao falar. O que ele dizia era confuso, vacilante e verboso, mas Philip conhecia o texto em que se inspirava a sua divagação. Clutton, que não lia uma só linha, ouvira essas palavras dos lábios de Cronshaw, e, embora elas lhe tivessem causado pouca impressão, haviam-lhe permanecido na memória e mais tarde, emergindo de repente, adquiriram o caráter de uma revelação: todo bom pintor tem a pintar dois objetivos principais, o homem e a intenção de sua alma. Os impressionistas se preocuparam com outros problemas. Pintaram o homem admiravelmente, mas à intenção de sua alma deram tanta importância quanto os retratistas ingleses do século XVIII.

— Mas assim se cai na literatura — atalhou Lawson. — Contanto que eu consiga pintar o homem como o fazia Manet, sua alma pode ir para o diabo!

— Isso estaria muito bem se você pudesse bater Manet no seu próprio terreno, mas não lhe chega ao calcanhar. Não é possível a gente nutrir-se com princípios de anteontem: é um terreno que secou. Deve-se ir além. Quando vi os El Greco foi que senti que se pode tirar de um retrato muito mais do que pensávamos.

— Isso é o mesmo que voltar para Ruskin! — exclamou Lawson.

— Não, ele se ocupava de moral; pouco me importa a moral; a intenção didática nada tem com isso, nem a ética e tudo o mais: apenas paixão e emoção. Os maiores retratistas, Rembrandt e El Greco, pintaram o homem e a intenção de sua alma. Os que se limitavam a representar o homem eram

artistas de segunda classe. Os lírios do campo, se não tivessem aroma, nem por isso deixariam de ser tão lindos; o aroma, porém, realça-lhes a beleza. Nesse quadro, por exemplo — prosseguiu Clutton, apontando para o retrato de Lawson —, o desenho e o modelado estão perfeitos, mas são convencionais. Seria preciso desenhar e modelar de forma que se visse ser a rapariga uma cadela ordinária. El Greco pintava as suas figuras com mais de dois metros de altura porque desejava exprimir alguma coisa que não podia conseguir de outro modo.

— Diabos levem El Greco — disse Lawson. — Que adianta estar aí a falar a propósito dum homem cuja obra não temos a mínima oportunidade de ver?

Clutton deu de ombros, fumou um cigarro em silêncio e retirou-se. Philip e Lawson entreolharam-se.

— Há uma certa verdade nas palavras dele — disse Philip.

Lawson considerou mal-humorado o quadro que pintara.

— De que maneira se poderá registrar a intenção da alma a não ser pintando exatamente aquilo que os olhos vêem?

Por essa época Philip fez uma nova amizade. Às segundas-feiras os modelos reuniam-se na escola para que se escolhesse aquele que deveria posar durante a semana. Um dia foi escolhido um rapaz que evidentemente não era modelo profissional. Os ares do jovem despertaram a atenção de Philip. Assentou firmemente os pés no estrado, cerrando os punhos e lançando a cabeça para a frente, em atitude de desafio, o que mais lhe realçava a bela figura. Não havia uma onça de gordura no seu corpo e os músculos salientes pareciam de aço. Usava os cabelos cortados rente, o que lhe punha em evidência a perfeita conformação da cabeça, e uma barba curta. Possuía grandes olhos escuros e espessas sobrancelhas. Conservava-se na pose hora após hora, sem dar sinais de cansaço. Em sua fisionomia lia-se um misto de vergonha e resolução. Seu ar de energia apaixonada estimulou a imaginação romântica de Philip. Ao vê-lo vestido, uma vez terminada a pose, pareceu-lhe um rei coberto de andrajos. Era pouco comunicativo, mas, dentro de um ou dois dias, por intermédio de Mrs. Otter, Philip veio a saber que o modelo era espanhol e que não havia posado até então.

— Sem dúvida estava passando fome — disse Philip.



— Notou as suas roupas? São limpas e corretas, não são?

Potter, um dos americanos que estudavam na Escola Amitrano, foi passar alguns meses na Itália e ofereceu a Philip o seu ateliê. Philip ficou satisfeito. Estava começando a impacientar-se com os conselhos peremptórios de Lawson e queria estar só. Ao fim da semana procurou o modelo e, alegando que seu desenho ainda não estava terminado, perguntou se concordaria em posar para ele particularmente.

— Eu não sou modelo — respondeu o espanhol. — Tenho outras coisas a fazer na próxima semana.

— Venha almoçar comigo — disse Philip — e falaremos disso.

Vendo que o outro hesitava, acrescentou, sorridente:

— Afinal de contas, nada terá a perder almoçando comigo.

Dando de ombros, o modelo consentiu e ambos foram a uma *crémérie*. O espanhol falava um mau francês, fluente mas difícil de acompanhar. Philip veio, contudo, a entender-se com ele. Soube que era escritor e que viera a Paris para escrever romances. Enquanto isso, lançava mão de todos os expedientes ao alcance de um homem destituído de recursos: lecionava, fazia traduções, principalmente de documentos comerciais, e por fim fora levado a ganhar dinheiro à custa de seu belo físico. Os modelos eram bem pagos, e o que ganhara na última semana chegava-lhe para as duas seguintes. Gastava apenas dois francos por dia, segundo contou a Philip, com grande assombro deste, mas sentia-se humilhado por ter de exhibir mercenariamente o próprio corpo. Considerava a profissão de modelo uma coisa degradante que só a fome podia desculpar. Philip explicou então que não queria pintar-lhe o corpo, mas apenas a cabeça, pois tencionava executar um retrato que pudesse enviar ao *Salon* no próximo ano.

— Mas por que haveria de preferir-me? — perguntou o espanhol.

Philip respondeu que a sua cabeça o interessava e julgava poder fazer um bom retrato.

— Não me sobra tempo algum. Dói-me roubar um minuto que seja ao meu trabalho de escritor.

— Mas só posaria durante a tarde. Passo as manhãs na escola. Afinal de contas, será mais agradável posar para mim do que traduzir documentos legais.

Corriam lendas, no Quartier Latin, sobre uma época em que os estudantes de diversos países viviam numa intimidade geral, mas isso passara havia muito e agora as nações coexistiam ali quase tão separadas como numa cidade do

Oriente. No Julian e na Escola de Belas-Artes, o estudante francês que convivesse com estrangeiros merecia o desprezo de seus compatriotas. Desse modo, era difícil a um inglês conhecer, a não ser superficialmente, os naturais da cidade onde morava. A maioria dos estudantes, após viver em Paris durante cinco anos, conhecia do idioma francês apenas o indispensável à vida prática e levavam uma existência tão britânica como se estivessem estudando em South Kensington.

Philip, com a sua paixão pelo romântico, viu com alegria essa oportunidade de entrar em contato com um espanhol. Empregou todo o seu poder de persuasão para vencer a relutância do outro.

— Vou dizer-lhe o que pretendo fazer — disse por fim o espanhol. — Posarei, mas não por dinheiro e apenas por gosto.

Foram inúteis todos os protestos de Philip. Por fim ficou combinado que o outro viria às treze horas da segunda-feira seguinte. Deu a Philip um cartão onde se lia, impresso, o seu nome: Miguel Ajuria.

Miguel posava com regularidade, e embora não quisesse receber pagamento pelos seus serviços, pedia a Philip, de vez em quando, cinquenta francos a título de empréstimo. O modelo saía, assim, mais dispendioso do que se fosse pago como de ordinário. Isso dava, porém, ao espanhol a satisfação de sentir que não estava ganhando a vida de um modo degradante. A sua nacionalidade levava Philip a considerá-lo como um personagem romântico, e interrogava-o sobre Sevilha e Granada, Velázquez e Calderón. Mas Miguel não tinha nenhum entusiasmo pela grandeza de sua pátria. Para ele, como para tantos de seus compatriotas, a França era o único país onde podia viver um homem inteligente e Paris era o centro do mundo.

— A Espanha já morreu! — exclamava. — Não possui escritores, não possui arte, não possui coisa alguma!

Pouco a pouco, com a exuberante retórica de sua raça, revelou suas ambições. Estava escrevendo um romance com o qual esperava fazer nome. Achava-se sob a influência de Zola, tendo escolhido Paris para cenário de sua história. Contou-a mais tarde a Philip, que a achou crua e estúpida. Sua ingênua obscenidade — *c'est la via, mon cher, c'est la vie*, exclamava ele — servia apenas para salientar o convencionalismo do enredo. Havia dois anos que trabalhava no livro, enfrentando dificuldades incríveis, privando-se dos prazeres que o tinham atraído a Paris, lutando contra a fome por amor à arte. Nada o impediria de realizar a grande obra. Era um esforço heróico.

— Mas por que não escreve sobre a Espanha? — perguntou Philip. — Seria muito mais interessante. O senhor conhece a vida de lá.

— Paris é o único lugar sobre o qual vale a pena escrever. Paris é a vida.

Certo dia trouxe uma parte do manuscrito e leu alguns trechos em voz alta, traduzindo-os em mau francês, com tamanha excitação que Philip mal podia compreender. Era lamentável. Intrigado, Philip olhava para o retrato que estava pintando; como era vulgar o espírito que se ocultava por trás daquela testa ampla! Aqueles olhos cintilantes e apaixonados enxergavam apenas o óbvio e o superficial! O quadro nunca contentava a Philip, que sempre o raspava quase totalmente ao fim de cada pose. Falavam-lhe em representar a intenção da alma: como se poderia adivinhar essa intenção se as pessoas eram um monte de contradições? Gostava de Miguel. Entristecia-o imaginar que toda aquela luta magnífica era vã. Seu amigo possuía todas as qualidades de um bom escritor, menos o talento. Philip volveu os olhos para o retrato. Teria aquele quadro algum valor ou seria pura perda de tempo? A força de vontade não era suficiente e a confiança em si próprio nada significava. Lembrou-se de Fanny Price: ela acreditava veementemente em seu talento e sua força de vontade era extraordinária.

“Se eu tivesse certeza de que me falta verdadeira aptidão, preferiria abandonar a pintura”, dizia Philip consigo mesmo. “Não vejo vantagem em ser um pintor de segunda ordem.”

Certa manhã, quando saía, o porteiro anunciou-lhe a chegada de uma carta. Ninguém lhe escrevia a não ser a tia Louisa e, às vezes, Hayward, mas aquela letra lhe era desconhecida. A carta dizia:

*Venha, por favor, assim que receber esta. Não tenho mais forças. Rogo-lhe que venha pessoalmente. Não posso suportar a idéia de ser tocada por outra pessoa. Quero que você fique com tudo.*

*Nestes três dias não tive nada para comer.*

*F. Price.*

Philip ficou pálido de medo e dirigiu-se apressadamente à casa onde ela morava. Espantava-se de que Fanny Price ainda estivesse em Paris. Como não a visse havia vários meses, julgava que ela tivesse regressado à Inglaterra. Ao chegar, perguntou à *concierge* se miss Price estava em casa.

— Está. Não a vejo sair há dois dias.

Galgando rapidamente os degraus da escada, Philip bateu à porta. Não obteve resposta. Chamou-a pelo nome. A porta estava fechada pelo lado de dentro e a chave encaixada na fechadura.

— Queira Deus que ela não tenha feito nenhuma loucura! — exclamou em voz alta.

Desceu a escada correndo e disse à porteira que a moça não podia deixar de estar no quarto. Recebera, naquela manhã, uma carta dela e suspeitava que houvesse acontecido alguma coisa terrível. Sugeriu que se arrombasse a porta. A porteira, que a princípio se mostrara mal-humorada e pouco disposta a ouvi-lo, ficou alarmada. Ela não podia assumir a responsabilidade do arrombamento. Era preciso chamar o comissário de polícia. Dirigiram-se juntos à delegacia e, na volta, trouxeram também um serralheiro. Philip soube que miss Price não havia pago o último trimestre de aluguel, deixando igualmente de oferecer à porteira o presente de festas a que ela se julgava com direito no fim de cada ano, em virtude de um costume tradicional. Os quatro subiram a escada e bateram novamente à porta. Ninguém respondeu. O serralheiro meteu mãos à obra, e afinal entraram no quarto. Philip deu um grito instintivo e cobriu os olhos com as mãos. A infeliz pendia de uma corda amarrada em volta do pescoço e presa, no teto, a um gancho destinado, por algum inquilino anterior, a sustentar as cortinas da cama. Fanny Price afastara a cama para um lado, subindo depois em uma cadeira, que empurrara com o pé. A cadeira estava caída no chão. Cortaram a corda. O corpo estava completamente frio.

A história, que Philip reconstituiu como pôde, era terrível. Um dos motivos de queixa das estudantes era que a moça nunca tomava parte nas alegres refeições que faziam, reunidas, nos restaurantes próximos. E a razão era evidente: miss Price vivia numa penúria extrema. Lembrando-se do dia em que lancharam juntos, quando de sua chegada a Paris, Philip compreendeu a razão da voracidade que tanto o desconcertara: Fanny Price estava esfaimada. A *concierge* contou-lhe em que consistia a sua alimentação. Comprava ela um pouco de pão, ao voltar da escola, e apanhava a garrafa de leite colocada diariamente à porta de seu quarto. Bebia metade do leite, comia metade do pão, e guardava e resto para a noite. Era sempre a mesma coisa, dia após dia. Angustiado, Philip pôs-se a imaginar o quanto ela teria sofrido. Nunca miss Price dera a entender que fosse mais pobre de que os outros. Mas a verdade era que seus recursos estavam se esgotando, e por fim a obrigaram a abandonar o estúdio. O quatinho em que morava quase não tinha mobília e seu vestuário consistia no velho vestido pardo que trazia constantemente em cima do corpo. Remexendo no quarto à procura de um endereço de algum amigo da morta, Philip encontrou um pedaço de papel onde o seu próprio nome fora escrito uma vintena de vezes. Isto lhe causou uma impressão esquisita. Devia ser verdade que ela o amara. Ao lembrar-se do corpo emaciado, pendendo do gancho preso ao teto, estremeceu. Já que ela o amava, por que razão não permitira que a ajudasse? Teria feito isso com a maior boa vontade. Sentia remorsos de não ter querido perceber que ela lhe dedicava uma afeição especial. Como era patética aquela frase da sua carta: *Não posso suportar a idéia de ser tocada por outra pessoa*. Fanny Price morreria de fome.

Philip acabou por achar uma carta assinada: *de teu afeiçoado irmão, Albert*. Vinha de Surbiton, arrabalde de Londres, e trazia a data de duas ou três semanas antes, recusando-lhe um empréstimo de cinco libras. O remetente tinha mulher e filhos para sustentar e não podia emprestar dinheiro. Aconselhava a Fanny que voltasse para Londres e procurasse uma colocação qualquer. Philip telegrafou a Albert Price. A resposta veio pouco depois:

*Profundamente acabrunhado. Difícil deixar negócio. Presença indispensável? Price.*

Philip replicou com uma afirmação lacônica e na manhã seguinte um desconhecido apresentou-se no estúdio.

— Chamo-me Price — disse ele, quando Philip lhe abriu a porta.

Era um tipo um tanto quanto vulgar, vestido de preto, com um fumo ao redor do chapéu-coco. Tinha um pouco de aspecto desajeitado da irmã, com um bigodinho desigual e falava com sotaque caracteristicamente londrino. Philip pediu-lhe que entrasse. Enquanto ouvia os detalhes do acidente, Albert Price lançava olhares observadores aos quatro cantos do ateliê.

— Não será necessário que eu a veja, não é? — perguntou ele. — Não tenho os nervos muito sólidos e não é preciso muita coisa para eu ficar abalado.

Começou a falar com desembaraço. Era negociante de borracha e possuía mulher e três filhos. Nunca chegara a compreender por que Fanny tinha deixado o seu lugar de governanta para vir a Paris.

— Eu e minha mulher fizemos-lhe ver que Paris não era lugar onde uma moça pudesse viver. Além disso, a arte nunca deu de comer a ninguém.

Era claro que Albert Price não vivia em relações amigáveis com a irmã. Via no suicídio de Fanny uma derradeira injúria contra a sua pessoa. Desagradava-lhe a idéia de que a pobreza a tivesse levado a tal extremo. Isso parecia importar em desdouro para a família. Preferia encontrar para o suicídio uma razão mais decorosa.

— Quem sabe ela não teve algum desgosto com um homem... que diz? Sabe o que eu quero dizer... Paris! Ela talvez fizesse isso para fugir à desonra.

Philip sentiu-se corar e amaldiçoou a sua fraqueza. Os olhinhos vivos de Price pareciam desconfiar dele.

— Acredito que sua irmã fosse perfeitamente virtuosa — respondeu com acrimônia. — Matou-se porque não tinha o que comer.

— Isso é muito duro para a família, mr. Carey. Bastava que ela me escrevesse. Eu não permitiria que minha irmã passasse necessidades.

Philip encontrara o endereço de Albert numa carta em que este recusava um empréstimo à irmã. Encolheu os ombros, porém. Não adiantava incriminá-lo. Abominava o homenzinho e por isso queria livrar-se dele o mais depressa possível. Albert Price também desejava apressar o sepultamento a fim

de regressar a Londres. Os dois dirigiram-se para o pequenino quarto em que Fanny morara. Albert olhou os quadros e a mobília.

— Confesso que não entendo lá muita coisa de arte — disse ele —, mas estes quadros podem render algum dinheiro, não acha?

— Absolutamente nada — respondeu Philip.

— A mobília não vale nem dez xelins.

Albert Price não conhecia o francês e Philip teve que tratar de tudo. Para descer o pobre cadáver à sepultura foi preciso um sem-número de formalidades: os papéis tinham de ser procurados num lugar, assinados noutra consultando-se as autoridades, e assim por diante. Pelo espaço de três dias Philip esteve ocupado da manhã à noite. Afinal ele e Albert Price acompanharam o esquife ao cemitério de Montparnasse.

— Quero fazer as coisas convenientemente — disse Albert Price —, mas não há necessidade de esbanjar dinheiro.

A breve cerimônia foi infinitamente triste na frialdade da manhã cinzenta. Estavam presentes umas seis pessoas, companheiras de Fanny no estúdio. Mrs. Otter compareceu porque a sua qualidade de *massière* assim lhe parecia exigir e Ruth Chalice por possuir bom coração. Lawson, Clutton e Flanagan também foram. Nenhum deles tivera simpatia por Fanny. Correndo os olhos pelo cemitério cheio de túmulos, uns simples e humildes, outros vulgares, pretensiosos e feios, Philip estremecia. Aquilo era horrivelmente sórdido. Ao saírem, Albert Price convidou Philip para o almoço. O rapaz, porém, além da aversão que o negociante de borracha lhe causava, sentia-se extenuado. Dormia mal, sonhando constantemente com a figura de Fanny com o seu vestido em farrapos, pendurada no gancho do teto. Buscou uma desculpa qualquer mas não a encontrou.

— Leve-me a um lugar onde possamos fazer uma refeição reconfortante. Tudo isto me escangalhou os nervos.

— O restaurante Lavenue é o melhor desta região — respondeu Philip.

Albert Price instalou-se numa cadeira de veludo com um suspiro de alívio. Pediu um almoço substancioso e uma garrafa de vinho.

— Felizmente está tudo terminado — disse ele.

Fez perguntas insidiosas. A vida dos pintores em Paris excitava a sua curiosidade. Embora a acreditasse deplorável, queria conhecer detalhes das orgias que a sua imaginação fantasiava. Com manhosas piscadelas e sorrisos discretos, deu a entender que Philip suprimira muita coisa na descrição. Era

um homem experiente, conhecia as coisas. Perguntou se Philip já tinha estado nesses lugares de Montmartre que são afamados de Temple Bar ao Royal Exchange. Gostaria de poder dizer que já tinha ido ao Moulin Rouge. O almoço estava muito bom e o vinho, excelente. Albert Price tornava-se cada vez mais expansivo com o progresso de uma digestão feliz.

— Bebamos um pouco de conhaque — sugeriu ele ao ser servido o café. — Para o diabo a despesa! — Esfregou as mãos. — Sabe? Tenho vontade de ficar em Paris até amanhã. Que tal se passássemos a noite juntos?

— Se pensa que eu vou levá-lo a percorrer as casas de Montmartre, está enganado — disse Philip.

— Tem razão. Acho que não ficaria bem.

A resposta veio tão séria que divertiu Philip.

— Além disso, seria péssimo para os seus nervos — acrescentou com gravidade.

Albert Price concluiu que seria melhor voltar a Londres no trem das quatro horas e despediu-se de Philip.

— Adeus, meu velho. Sabe de uma coisa? Vou ver se consigo voltar a Paris um dia desses e então tomaremos um fartão.

Demasiado inquieto para trabalhar naquela tarde, Philip subiu em um ônibus e atravessou o rio para ir ver as telas novas no Durand-Ruel. Depois espaireceu pelo bulevar. Fazia frio e o vento soprava sem cessar. Os transeuntes passavam apressados, envoltos em seus casacos, cheios de frio e de preocupações. A terra do cemitério de Montparnasse devia estar gelada sob todos aqueles túmulos brancos. Philip se sentiu só no mundo e estranhamente nostálgico de casa. Desejava a companhia de alguém. Aquela hora Cronshaw devia estar ocupado e Clutton nunca recebia bem as visitas; Lawson, por sua vez, se achava pintando outro retrato de Ruth Chalice e talvez não gostasse de ser incomodado. Resolveu ir procurar Flanagan. Encontrou-o pintando, mas o americano largou de bom grado os pincéis e veio conversar com Philip. O ateliê era tépido e confortável, pois Flanagan tinha mais dinheiro do que a maioria deles. Enquanto ele se ocupava em fazer o chá, Philip examinou as duas cabeças que o amigo ia enviar para o *Salon*.

— Sei que é muita coragem apresentar essas telas no *Salon*, mas não me importo. Vou mandá-las assim mesmo. Achas que não valem nada?



— São menos más do que eu esperava — disse Philip.

Revelavam, de fato, uma extraordinária destreza. As dificuldades tinham sido habilmente evitadas e as cores, lançadas com pinceladas audaciosas, produziam um efeito que era a um tempo novo e atraente. Sem possuir técnica ou conhecimento de espécie alguma, Flanagan manejava o pincel com a desenvoltura de um homem que houvesse pintado a vida inteira.

— Se fosse proibido olhar mais de trinta segundos para um quadro, você seria um grande mestre, Flanagan — comentou Philip, sorrindo.

Aqueles rapazes não tinham o hábito de estragar-se mutuamente com elogios excessivos.

— Na América não temos tempo para dedicar a um quadro mais de trinta segundos — pilheriou o outro.

Embora fosse uma das criaturas mais estouvadas do mundo, Flanagan tinha uma ternura inesperada e encantadora. Quando alguém adoecia, ele se instalava como enfermeiro. Sua alegria era mais benéfica de que qualquer remédio. Como muitos compatriotas seus, não tinha essa aversão inglesa pelo sentimentalismo, que é como que um freio às emoções. Não lhe parecendo absurdo revelar os seus sentimentos, procurava, numa exuberante demonstração de simpatia, aliviar as aflições dos amigos. Notou que Philip estava abatido e, levado por uma bondade espontânea, procurou reanimá-lo com gracejos. Exagerava os americanismos que, segundo sabia, divertiam imensamente os ingleses, entabulando uma conversação interminável, espirituosa e jovial. Jantaram juntos e, em seguida, foram ao Gaîté Montparnasse, lugar preferido de Flanagan. Por volta das onze horas a disposição do americano tornara-se extravagante. Bebera bastante, mas aquela alegria, aquele atordoamento, provinham antes de sua própria vivacidade. Propôs, então, transferirem-se para o Bal Bullier. Philip, muito cansado para ir até a sua casa, concordou de bom grado. Instalaram-se numa mesa colocada sobre uma plataforma lateral e pediram cerveja. Dali dominavam todo o salão. Avistando um amigo, Flanagan soltou um grito selvagem e pulou a grade que os separava do recinto em que se realizavam as danças. Philip pôs-se a observar a onda de povo. Bal Bullier não era freqüentado pelos elegantes. Era noite de quinta-feira e o salão estava superlotado. Havia grande número de estudantes das diversas faculdades, mas a maioria dos homens era composta de caixeiros e auxiliares de comércio. Trajavam as suas roupas diárias, trajes de confecção ou esquisitos fraques, e conservavam o chapéu na cabeça, pois não

havia outro lugar onde colocá-los. Algumas das mulheres tinham ar de criadas, ao passo que outras eram garotas de vida alegre, muito pintadas. Predominavam, porém, as empregadas de loja. Apresentavam-se pobremente vestidas, procurando imitar em tecidos baratos a moda em vigor no outro lado do rio. Quanto às garotas, faziam o possível por assemelhar-se à artista de *music-ball* ou à dançarina mais em voga. Sombreados negros circundavam-lhes os olhos e as faces ostentavam um escarlate impudente. Lâmpadas fortes e baixas iluminavam o salão, acentuando as sombras dos restes: os traços fisionômicos tornavam-se mais duros e as cores, mais cruas. Era um espetáculo sórdido. Debruçando-se sobre a grade da plataforma elevada, Philip olhou para o recinto e cessou de ouvir a música. Dançavam com fúria fazendo a volta compenetradamente quase sem falar, com toda a atenção concentrada na dança. O ambiente sufocava e o suor reluzia nos rostos. Afigurava-se a Philip que haviam relaxado o controle exercido sobre a expressão de suas fisionomias, em homenagem à convenção; via-se agora como realmente eram. Naquele instante de abandono assumiam estranhas características animais: uns lembravam raposas, outros lobos, e ainda outros tinham a cara alongada e estúpida do carneiro. A má alimentação e as condições insalubres de existência refletiam-se nas faces descoradas. Interesses mesquinhos embruteciam-lhes as feições e seus olhos eram astutos e fugidios. O aspecto dessa gente não traduzia nobreza alguma, sentindo-se que para a maior parte deles a vida era uma série de preocupações insignificantes e de pensamentos sórdidos. O ar se adensava com aquele fartum de humanidade. E continuavam a dançar furiosamente, como que impelidos por alguma força interior mas alheia a eles, parecendo a Philip que os arrastava o furor do prazer. Procuravam, desesperadamente, escapar a um mundo de horrores. O desejo de prazer, que Cronshaw dizia ser o único motivo de toda a ação humana, incitava-os cegamente a prosseguir, e a própria veemência de desejo parecia despojá-los de todo o prazer. Impotentes, sem saber por que nem para onde, eram arrastados por um grande vendaval. O destino pairava sobre eles, e dançavam como se as trevas eternas se estendessem sob seus pés. Seu silêncio despertava uma vaga inquietação. Dir-se-ia que a vida os aterrorizava, privando-os do dom da palavra. Os gritos que partiam de seus corações morriam-lhes na garganta. Seus olhos eram conturbados e sombrios. Entretanto, apesar da lascívia bestial que os desfigurava, apesar da baixeza de suas fisionomias, da crueldade e o que era pior que tudo, da estupidez, a angústia daqueles olhos fixos emprestava à

multidão um ar patético e terrível. Philip abominava-os, mas sentia o seu coração transbordar de piedade.

Foi buscar o capote no vestiário e saiu a caminhar no frio cortante da noite.

Philip não conseguia esquecer o triste acontecimento. O que mais o perturbava era a inutilidade dos esforços de Fanny. Ninguém poderia ter trabalhado com mais ardor, nem com mais sinceridade: ela acreditava inabalavelmente em si mesma; mas era evidente que a autoconfiança significava muito pouco; todos os seus amigos a tinham: Miguel Ajuria entre outros. Que contraste entre a luta heróica do espanhol e a trivialidade do seu objetivo! A vida escolar infeliz de Philip dera-lhe o hábito de analisar-se e este vício, sutil e dos mais entorpecentes, dominava-o a ponto de fazer com que experimentasse um prazer todo especial em dissecar os próprios sentimentos. Sabia perfeitamente que a arte não o afetava como aos outros. Um belo quadro fazia Lawson vibrar imediatamente de emoção. A sua apreciação era instintiva. O próprio Flanagan sentia certas coisas que Philip só penetrava pelo pensamento. Sua apreciação era intelectual. Se possuísse, realmente, um temperamento artístico (detestava esta expressão, mas não encontrava outra), parecia-lhe que haveria de sentir diante da beleza uma emoção instintiva e não raciocinada, como sucedia aos outros. Pôs-se, então, a imaginar se o que o possuía não era apenas uma habilidade superficial que lhe permitia reproduzir os objetos com exatidão. Isso não valia nada. Philip tinha aprendido a desprezar a habilidade técnica. A coisa que importava era sentir em função da pintura. Lawson pintava de certa maneira porque isso estava em sua natureza e, através da tendência estudantil para a imitação, transparecia a sua personalidade. Olhando para o retrato de Ruth Chalice, três meses depois de o haver pintado, Philip chegou à conclusão de que ele não passava duma cópia servil da obra de Lawson. Sentiu-se inteiramente estéril. Pintava com o cérebro quando sabia muito bem que a verdadeira pintura brota do coração.

Philip tinha muito pouco dinheiro, apenas umas mil e seiscentas libras, e seria preciso observar a mais severa economia. Não poderia contar com nenhum lucro antes de dez anos. A história da pintura estava repleta de artistas que nada haviam ganho durante toda a vida. Devia resignar-se à penúria, o que valeria a pena se fosse para produzir obras imortais; mas tinha um medo

terrível de nunca passar da mediocridade. Valeria a pena renunciar, por isso, à juventude, à alegria da vida, às múltiplas oportunidades que este mundo nos oferece? Conhecia da existência que levavam os pintores em Paris o bastante para saber que era dum provincianismo estreito. Alguns arrastavam-se durante mais de vinte anos em busca de uma fama que nunca alcançavam, descambando, por fim, na sordidez e no alcoolismo. O suicídio de Fanny suscitou recordações e Philip ouviu histórias lúgubres que contavam a maneira pela qual esta ou aquela pessoa escapara ao desespero. Lembrou-se do desdenhoso conselho que o mestre dera à pobre Fanny. Seria infinitamente preferível que ela o tivesse aceito, renunciando a um empreendimento sem probabilidade de êxito.

Philip terminou o retrato de Miguel Ajuria e decidiu enviá-lo ao *Salon*. Flanagan ia mandar duas telas, e ele achava que sabia pintar tanto quanto o outro. Tinha trabalhado com tanto afincio no retrato que não podia deixar de o julgar meritório. Era verdade que quando olhava para a pintura sentia que algo estava mal, embora não pudesse dizer o que fosse; longe dela, voltava-lhe o otimismo e a satisfação. Enviou-a ao *Salon* e viu-a rejeitada. Não se importou muito com isso (pois havia feito o possível por se persuadir de que o quadro muito dificilmente seria aceito) até que, alguns dias mais tarde, Flanagan veio correndo anunciar a Lawson e Philip que um dos seus quadros fora aceito. Com ar desconcertado, Philip felicitou o amigo, e Flanagan, muito ocupado em também se felicitar, não percebeu o tom de ironia involuntária na voz de Philip. Lawson, mais perspicaz, notou-o e olhou curiosamente para Philip. O seu próprio quadro, sabia-o havia um ou dois dias, também tinha sido aceito, e ficou vagamente ressentido com a atitude de Philip. Mas surpreendeu-se ante a pergunta que este lhe fez, assim que o americano se retirou:

— No meu lugar, mandaria tudo isso às favas?

— Que quer dizer com isso?

— Estou pensando se valerá a pena ser um pintor de segunda ordem. Não importa, por exemplo, que um médico ou um negociante sejam medíocres. Ganha-se a vida e tudo vai andando. Mas qual é a vantagem de pintar mediocrementemente?

Lawson gostava de Philip e, julgando-o seriamente aborrecido com a recusa da tela, tratou logo de consolá-lo. Todos sabiam que o *Salon* havia recusado obras que depois se tornaram célebres. Era a primeira vez que Philip enviava um trabalho seu: nada mais natural do que um revés. O sucesso de

Flanagan encontrava explicação no aparato e superficialidade de sua pintura, justamente o tipo de quadro em que um júri entediado veria mérito. Philip começou a perder a paciência; era humilhante que Lawson o julgasse capaz de ficar sériamente abalado por uma contrariedade tão trivial e não visse que o seu desânimo provinha de uma profunda falta de confiança na sua própria capacidade.

Havia algum tempo, Clutton andava um tanto afastado do grupo que fazia refeições no restaurante Gravier. Vivia bastante isolado. Flanagan dissera que ele estava apaixonado por uma certa moça, mas os modos austeros de Clutton não sugeriam tal coisa. Philip julgava mais provável que ele se separasse dos amigos a fim de ver mais claro as suas novas idéias. Naquela noite, porém, quando os companheiros de Philip abandonaram o restaurante rumo ao teatro, deixando-o só, Clutton entrou de repente e pediu que lhe servissem um jantar. Iniciou-se a conversa entre os dois, e como Clutton se apresentasse mais loquaz e menos sarcástico que de costume, Philip resolveu tirar partido desse bom humor.

— Eu queria que você visse o meu quadro — disse ele. — Gostaria de saber o que acha dele.

— Não, não quero ver.

— Por quê? — indagou Philip, enrubescendo.

O pedido era dos que todos faziam uns aos outros, e ninguém jamais pensava em recusá-lo. Clutton deu de ombros.

— A gente pede crítica mas o que quer, em verdade, são elogios. Além do mais, que valor pode ter a crítica? Que importa que um quadro seja bom ou mau?

— A mim importa muita coisa.

— Qual nada! A gente só pinta por não poder deixar de fazê-lo. É uma função semelhante a qualquer das outras funções do corpo, com a diferença de que apenas um número relativamente pequeno de pessoas a possui. Quem pinta, pinta para si próprio; do contrário, se suicidaria. Pense um pouco nisto. Passar Deus sabe quanto tempo tentando prender alguma coisa numa tela, suando, pondo nisso toda a alma, e qual é o resultado? Nove vezes em dez, uma recusa do *Salon*. Quando é aceita, os visitantes olham para ela dez segundos, de passagem. Se tiver sorte, algum tolo ignorante compra-a, pendura-a nas suas paredes, para olhar para ela só quando está à mesa da sala

de jantar. A crítica nada tem a ver com o artista. Ela julga objetivamente, mas o objetivo não interessa ao artista.

Clutton pôs as mãos sobre os olhos para melhor se concentrar no que desejava dizer.

— No artista, a visão se traduz por uma sensação particular! Ele é impelido a exprimi-la sem saber por quê, só pode fazê-lo com traços e cores. É como o músico: lê um ou dois versos e uma certa combinação de notas apresenta-se-lhe ao espírito. Por que tais e tais palavras evocam tais e tais notas? O músico não sabe: elas são evocadas e é só. Dou a você outra razão para provar que a crítica não tem sentido algum: um grande pintor força a turba a ver a natureza como ele a vê. Mas, na geração seguinte, outro pintor vê o mundo de maneira diversa. Então, o público não o julga pela sua obra, senão pelo seu predecessor. O grupo de Barbizon acostumou os nossos pais a ver as árvores de certa maneira, e quando Monet chegou e começou a pintar de outro modo, disseram: “Mas as árvores não são assim”. Nunca lhes passou pela cabeça que as árvores são exatamente como um pintor as quer ver. Nós pintamos de dentro para fora. Se impomos a nossa visão ao mundo, ele nos chama de grandes pintores; se não, ele nos ignora, mas *nós* continuamos os mesmos. Não atribuímos nenhum sentido às palavras grandeza e mediocridade. O que acontece posteriormente ao nosso trabalho não tem a menor importância: tiramos dele tudo o que podíamos enquanto o realizávamos.

Seguiu-se uma pausa durante a qual Clutton, com o seu apetite voraz, consumiu toda a comida que lhe haviam posto à frente. Fumando um charuto ordinário, Philip observava-o atentamente. A rudeza da cabeça, que parecia ter saído de uma pedra refratária ao cinzel de escultor, a cabeleira negra e rebelde, o nariz grande e a solidez dos maxilares sugeriam um homem forte. No entanto, Philip punha-se a imaginar se aquela máscara não estaria escondendo uma estranha fraqueza. Talvez Clutton se negasse a mostrar a sua obra por pura vaidade. Ele se revoltava à idéia da crítica alheia e não queria correr o risco de uma recusa no *Salon*. Queria ser recebido como um mestre, sem se arriscar a comparações que o pudessem forçar a perder a fé em si próprio. Havia dezoito meses que Philip o conhecia, e durante esse tempo Clutton tornara-se cada vez mais áspero e amargo. Embora não se dignasse competir com os seus companheiros, indignava-o o sucesso fácil dos que o faziam. Já

não suportava Lawson, não havendo mais entre os dois aquela intimidade dos tempos em que Philip os conhecera.

— Lawson está feito — dizia ele, com desprezo. — Vai voltar para a Inglaterra, tornar-se um retratista da moda, ganhar dez mil libras por ano, e antes dos quarenta será membro da Academia Real. Especialidade: retratos executados à mão para a nobreza e a classe média.

Também Philip olhava para o futuro. Via Clutton, vinte anos mais tarde: amargo, solitário, selvagem e desconhecido; ainda em Paris, cuja vida tomara conta dele, pontificando para um pequeno cenáculo; a língua ferina, em guerra consigo e com o mundo, pouco produzindo em virtude da sua paixão crescente pela perfeição que não podia atingir, e talvez soçobrando, por fim, no álcool. Ultimamente, Philip andava preso à idéia de que, vivendo o homem apenas uma vida, deve procurar fazer com que ela seja bem-sucedida. Para ele, porém, alcançar sucesso não significava adquirir fama ou dinheiro. Não sabia ao certo como definir o sucesso, mas talvez ele consistisse no maior número possível de experiências ou no pleno desenvolvimento de suas faculdades. De qualquer forma, era óbvio que a vida de Clutton parecia destinada ao fracasso. Somente obras-primas imperecíveis a poderiam justificar. Philip lembrou-se, então, da extravagante metáfora do tapete persa de Cronshaw. Meditara amiúde a esse respeito, mas Cronshaw, com o seu humor faunescos, não quisera precisar-lhe o sentido, repetindo que ela não tinha nenhum a menos que a própria pessoa o descobrisse. No fundo, a hesitação de Philip em prosseguir na carreira artística vinha do seu desejo de fazer da sua vida um triunfo certo.

Clutton reencetou a conversa.

— Lembra-se do sujeito que encontrei na Bretanha e de quem lhe falei? Vi-o aqui, em Paris, outro dia. Acaba de partir para o Taiti. Estava quebrado. Era um *brasseur d'affaires*, um corretor, como acho que dizem na Inglaterra. Possuía mulher e filhos e tinha uma renda bastante vultosa. Pois mandou tudo isso às favas para fazer-se pintor. Deixou tudo sem mais aquela, foi para a Bretanha e começou a pintar. Não tinha lá nem um tostão e pouco faltou para morrer de fome.

— E a mulher e os filhos?

— Simplesmente abandonou-os; que morressem de fome.

— Mas isso foi uma baixeza.

— Ora, meu caro, se queres ser *gentleman*, precisa abandonar a idéia de ser artista. *Gentleman* e artista nada têm a ver um com o outro. Contam por aí



histórias de pinta-monos que borram telas para sustentar a mãe idosa. Isso mostra que eles são excelentes filhos, mas não lhes desculpa os maus quadros. São apenas comerciantes. Um artista deixaria que a mãe fosse para um asilo. Conheço um escritor daqui cuja mulher morreu no parto. Gostava dela, estava louco de dor, mas, à cabeceira da mulher que se finava, ele se surpreendeu a tomar mentalmente nota das expressões da moribunda, de que ela dizia e sentia. Um *gentleman*, não?

— Mas esse seu amigo é bom pintor? — indagou Philip.

— Por enquanto, não. Pinta como Pissarro. Ainda não se encontrou a si próprio, mas possui o senso da cor e da decoração. Contudo, o importante não é isso: é o temperamento de pintor, e ele o tem. Portou-se como um verdadeiro canalha com a mulher e os filhos, é bem verdade. É revoltante o modo como trata as próprias pessoas que o ajudaram (certa vez só não morreu de fome graças à bondade de uns amigos que o socorreram). É um grande artista, e aí está.

Philip pôs-se a meditar sobre o homem que sacrificara o conforto, o lar, o dinheiro, o amor, a honra, o dever, pelo prazer de traduzir em pintura a emoção que o mundo lhe despertava. Era magnífico, mas faltava-lhe coragem para fazer o mesmo.

Ao pensar em Cronshaw, lembrou-se de que não o vira durante toda a semana. Depois que Clutton se foi, Philip dirigiu-se para o café onde estava certo de encontrar o escritor. Nos primeiros meses de sua estada em Paris havia aceitado como a um evangelho tudo o que Cronshaw dizia. Mas Philip possuía senso prático e não suportava as teorias que não resultassem em ação. A frágil bagagem poética de Cronshaw não parecia resultado substancial para uma existência aliás sórdida. Philip não conseguia extirpar de si os instintos da classe média, de onde provinha; e a penúria, o trabalho mesquinho a que Cronshaw se entregava para não morrer de fome, a monotonia dessa existência entre a suja mansarda e a mesa de café chocavam o seu sentimento de respeitabilidade. Dotado de suficiente perspicácia para sentir a desaprovação do rapaz, Cronshaw atacava a sua mentalidade de filisteu com uma ironia que era às vezes brincalhona, mas quase sempre aguda.

— Você é um negociante — dizia ele a Philip. — Quer empregar a vida em títulos consolidados que te dêem uma renda certa de três por cento. Eu sou um perdulário que consome o capital. Gastarei o meu último níquel com a última batida do coração.

A metáfora irritou Philip, porque dava ao orador uma atitude romântica e lançava descrédito sobre uma tese que ele sabia instintivamente ser forte, mas que no momento não estava em condições de defender como ela o merecia.

Naquela noite, porém, Philip queria falar sobre si mesmo. Por sorte, a pilha de pires na frente de Cronshaw sugeria que o poeta já estava em estado de considerar todas as coisas com a suficiente isenção de ânimo.

— Eu queria pedir um conselho — disse Philip, de repente.

— Por acaso pretende segui-lo?

O rapaz sacudiu os ombros, com impaciência.

— Não creio que venha a ser grande coisa como pintor e não vejo nenhuma vantagem em ser um artista de segunda ordem. Estou pensando em desistir...

— E por que não?

Philip hesitou um instante.

— Sem dúvida porque gosto desta vida.

Operou-se uma transformação no rosto redondo e plácido de Cronshaw. Caíram-lhe os cantos da boca, afundaram-se-lhe os olhos nas órbitas. Ele pareceu, de súbito, estranhamente velho e curvado.

— Disto? — perguntou, correndo os olhos ao redor do café.

A voz lhe tremia um pouco.

— Se pode abandonar isto, faça-o enquanto é tempo.

Philip encarou-o com espanto, mas o espetáculo da emoção sempre o deixava tímido, e baixou os olhos. Sabia que tinha diante de si a tragédia do fracasso. Houve um silêncio. Cronshaw, pensava Philip, devia estar considerando a sua própria vida. Talvez recordasse a mocidade cheia de brilhantes esperanças e as decepções que lhes haviam embaçado o fulgor, a miserável monotonia do prazer e o negro futuro. Os olhos de Philip pousavam sobre a pilha de pires, e ele sabia que os de Cronshaw também estavam postos ali.

Passaram-se dois meses.

Parecia a Philip, ao meditar sobre esses assuntos, que nos verdadeiros pintores, escritores e músicos havia uma força que os levava a absorver-se completamente no seu trabalho, a ponto de serem obrigados a subordinar a vida à arte. Sucumbindo a uma influência de que nem sequer se apercebiam, tornavam-se eles meros joguetes do instinto que os possuía, e a vida lhes escorria pelos dedos sem ser vivida. Ora, a existência devia ser vivida e não pintada, e Philip queria aprofundar as suas várias experiências, extrair de cada momento a emoção que ele pudesse encerrar. Resolveu-se, afinal, a dar um certo passo e aceitar as conseqüências; tendo tomado essa resolução, decidiu pô-la em prática sem demora. Felizmente o dia seguinte era aquele em que Foinet fazia a visita semanal ao estúdio. Perguntaria a ele, com toda a franqueza, se recomendava a continuação de seus estudos. Nunca esquecera o brutal conselho que o mestre dera a Fanny Price. Fora um bom conselho. A lembrança de Fanny Price também não lhe saía da cabeça. Sem ela o estúdio assumia um ar estranho. De quando em quando, o gesto de uma das mulheres, ou o tom de uma voz, por se assemelharem aos de Fanny, causavam-lhe um sobressalto. Muitas vezes sonhava com ela, despertando com um grito de terror. Era horrível imaginar o quanto ela devia ter sofrido.

Nos dias em que visitava o estúdio, Foinet almoçava num pequeno restaurante da Rue d'Odessa. Sabendo disso, Philip fez, apressadamente, a sua própria refeição, e foi esperar a saída do pintor. Pôs-se a caminhar de um lado para outro. Afinal Foinet apareceu, de cabeça baixa, andando em sua direção. Philip estava bastante nervoso, mas fez um esforço e dirigiu-se ao mestre.

— *Pardon, monsieur*, desejava falar-lhe um momento.

Foinet reconheceu-o de relance, mas não sorriu.

— Fale — disse.

— Estudo com o senhor já há quase dois anos. Desejava que me dissesse francamente se acha que devo continuar.

A voz de Philip tremia um pouco. Foinet continuava a caminhar sem levantar os olhos. Observando-lhe o rosto, o rapaz não descobriu nenhum traço de expressão.

— Não compreendo.

— Sou muito pobre. Se me falta talento, prefiro dedicar-me a outra coisa.

— E o senhor não sabe se tem talento?

— Todos os meus amigos sabem que têm talento, mas estou certo de que alguns deles se enganam.

Os lábios amargos de Foinet esboçaram um sorriso.

— Mora perto daqui? — perguntou ele.

Philip mencionou-lhe o seu endereço. Foinet voltou-se.

— Vamos até lá? Você me mostrará o seu trabalho.

— Agora? — perguntou Philip.

— Por que não?

Philip nada tinha que dizer. Pôs-se a andar em silêncio ao lado do mestre, preso de horrível mal-estar. Nunca imaginara que Foinet resolvesse ver os seus quadros imediatamente. Pretendia convidá-lo a ir ao seu ateliê num dia qualquer, em data futura, quando estivesse preparado, ou então levar os seus quadros ao estúdio de Foinet. E agora tremia de ansiedade. Intimamente, esperava que Foinet olhasse o seu quadro e, apertando-lhe a mão, dissesse com aquele sorriso que só de raro em raro lhe aflorava aos lábios: “*Pas mal*. Continue, meu rapaz. O senhor tem talento, talento de verdade”. O coração de Philip dilatava-se ante essa perspectiva. Que alívio, que alegria!

Poderia então prosseguir, cheio de coragem. Que importavam as dificuldades, as privações, as decepções, uma vez que ele triunfaria? Tinha trabalhado tanto que seria demasiado cruel se toda essa diligência fosse inútil. Lembrou-se, então sobressaltado, de que Fanny Price dissera, uma vez, exatamente a mesma coisa. Ao chegarem à casa, Philip ficou tomado de medo. Se não lhe faltasse coragem, teria pedido a Foinet que se retirasse. Não queria mais conhecer a verdade. Na entrada, a *concierge* entregou-lhe uma carta. Lançando um olhar ao envelope, reconheceu a letra do tio. Foinet acompanhou-o escada acima. Philip não atinava com o que dizer. Foinet continuava mudo e esse silêncio aumentava o nervosismo do rapaz. O professor sentou-se e o aluno, sem dizer palavra, colocou diante dele o quadro recusado no *Salon*. Foinet inclinou a cabeça sem falar. Philip mostrou-lhe então

os dois retratos que fizera de Ruth Chalice, duas ou três paisagens pintadas em Moret e alguns esboços.

— É só — disse ele afinal com um riso nervoso.

M. Foinet enrolou um cigarro e acendeu-o.

— Tem poucos recursos? — perguntou.

— Muito poucos — respondeu Philip, com o coração subitamente gelado. — Mal me dá para viver.

— Nada mais degradante do que as contínuas preocupações com os meios de subsistência. As pessoas que desprezam o dinheiro só me inspiram desdém. São hipócritas ou idiotas. O dinheiro é como que um sexto sentido, sem o qual não podemos usar de modo completo os outros cinco. Sem uma renda decente, metade das possibilidades da vida ficam perdidas para nós. O único cuidado que se deve tomar é não pagar mais de um xelim pelo xelim que se ganha. Há quem diga que a pobreza é o melhor agulhão para o artista. Esses nunca lhe sentiram a ponta nas carnes. Não imaginam o quanto a pobreza rebaixa. Expõe-nos a humilhações sem fim, corta-nos as asas, corrói-nos a alma como um cancro. Não é riqueza o que se pede, mas o necessário para manter-se a dignidade, para trabalhar sem embaraços, ser generoso, franco e independente. Lamento de todo o coração o artista, escritor ou pintor que depende inteiramente da sua arte para viver.

Em silêncio, Philip guardou as suas telas.

— Isto parece significar que o senhor não vê em mim grandes promessas.

M. Foinet mexeu levemente os ombros.

— O senhor possui certa habilidade manual. Com trabalho e perseverança, não vejo motivo para não chegar a ser um pintor, cuidadoso e bastante competente. Encontraria centenas de pessoas de merecimento inferior ao seu, mas também encontraria centenas com o mesmo merecimento. Não vejo talento em nada do que me mostrou. Vejo indústria e inteligência. Nunca passará de medíocre.

Philip conseguiu responder com a maior calma:

— Fico-lhe muito reconhecido pelo trabalho que lhe dei. Não sei como agradecer-lhe.

M. Foinet levantou-se, como para ir embora, mas mudando de idéia, deteve-se e pôs a mão no ombro de Philip.

— Mas se me pedisse um conselho eu diria: reúna toda a sua coragem e tente a sorte noutra coisa qualquer. Parece duro, mas ouça: daria tudo no

mundo para que alguém me tivesse dado esse conselho quando eu tinha a sua idade, e para tê-lo aceito.

Philip olhou-o, surpreendido. O mestre procurou sorrir, mas os seus olhos permaneceram graves e tristes.

— É cruel descobrir a nossa mediocridade tarde demais. Isso não melhora o caráter.

Dizendo isso, soltou um risinho breve e em seguida deixou o quarto.

Maquinalmente, Philip apanhou a carta do tio. A vista de sua letra tornava-o inquieto, pois era a tia quem costumava escrever-lhe. Havia três meses que ela andava doente, e Philip se oferecera para ir à Inglaterra vê-la; tia Louisa, porém, se opusera temendo que a viagem lhe prejudicasse o trabalho. Não o queria ver atrapalhado por sua causa. Disse que podia esperar até agosto, quando gostaria que ele fosse passar duas ou três semanas no vicariato. Se por acaso piorasse, mandaria avisá-lo, pois não queria morrer sem ver o sobrinho outra vez. O fato de a carta provir do tio indicava que tia Louisa devia estar bem doente, pois não podia segurar uma caneta. Philip leu:

*Meu caro Philip,*

*Sinto informar-lhe que a sua querida tia deixou esta vida na madrugada de hoje. Morreu subitamente, mas muito tranqüila. Seu estado piorou tão depressa que não tivemos tempo de lhe mandar chamar. Ela estava bem preparada para o fim e repousou cheia de confiança na bem-aventurada ressurreição e resignada à divina vontade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sua tia gostaria que estivesse presente às suas exéquias; assim, confio que venha o mais depressa possível. Há, como é de esperar, muito trabalho a recair nos meus ombros e me encontro deveras abatido. Confio em que possa fazer tudo por mim.*

*Seu tio afetuoso,  
William Carey.*

No dia seguinte Philip chegou a Blackstable. Desde a morte da mãe não havia perdido nenhum parente próximo. O falecimento da tia afligiu-o, enchendo-o ao mesmo tempo de um esquisito temor. Pela primeira vez sentia a sua condição de ente mortal. Não sabia o que seria a vida para o tio sem a constante companhia da mulher que o amara e dele cuidara durante quarenta anos. Esperava encontrá-lo mergulhado num grande abatimento. Incapaz de achar palavras de consolo, receava esse primeiro encontro, e começou a estudar para a ocasião algumas frases apropriadas.

Entrou no vicariato pela porta lateral e dirigiu-se à sala de jantar. Tio William estava lendo o jornal.

— Seu trem atrasou-se um pouco — disse ele, alçando os olhos.

Philip vinha preparado para dar livre rédea à sua emoção, mas essa recepção prosaica o perturbou. Abatido, mas calmo, o tio estendeu-lhe o jornal.

— Há umas linhas muito gentis sobre ela no *Blackstable Times* — disse.

Philip leu-as maquinalmente.

— Quer ir vê-la?

O rapaz fez sinal que sim e ambos subiram a escada que conduzia ao primeiro andar. Cercada de flores, tia Louisa repousava no meio da grande cama de casal.

— Gostaria de dizer uma breve oração? — perguntou o vigário.

Vendo o tio ajoelhar-se, Philip seguiu-lhe o exemplo porque esperavam isso dele. Diante daquele resto pequenino e enrugado, só uma idéia lhe acudia ao espírito: que vida desperdiçada! Um minuto depois mr. Carey tossiu e levantou-se. Apontou para uma coroa colocada ao pé da cama.

— Essa veio do castelo — disse ele.

Falava em voz baixa, como se estivesse na igreja, mas sentia-se que, na qualidade de ministro, ele se considerava perfeitamente à vontade.

— Acho que o chá está pronto — disse a seguir.

Desceram novamente para a sala de jantar. As cortinas cerradas davam-lhe um aspecto lúgubre. O vigário tomou lugar na extremidade da mesa em que sua mulher costumava sentar-se, e serviu-se cerimoniosamente de chá. Philip achava que nenhum dos dois devia ter vontade de comer, mas, ao notar o apetite imperturbável do tio, imitou-o com a sua habitual disposição. Durante um momento não falaram. Philip pôs-se a comer um saboroso bolo com o ar de abatimento que a decência lhe parecia indicar.

— As coisas têm mudado muito desde o tempo em que eu era coadjutor — disse o vigário, rompendo o silêncio. — Quando eu era moço, davam às pessoas que acompanhavam um enterro um par de luvas pretas e um pedaço de seda negra para o chapéu. A pobre Louisa fazia vestidos com essa seda. Ela sempre dizia que doze enterros lhe valiam um vestido novo.

Em seguida enumerou as pessoas que tinham mandado coroas. Já havia vinte e quatro. Quando morrera mrs. Rawlinsong, esposa do vigário de Ferne, tinham-lhe enviado trinta e duas coroas. Era provável, porém, que chegassem muitas outras no dia seguinte, pois o cortejo sairia do vicariato às onze horas da manhã, e haveriam de vencer facilmente mrs. Rawlinsong. Louisa nunca apreciara essa senhora.

— Eu próprio conduzirei a cerimônia. Prometi a Louisa não permitir que outra pessoa a enterrasse.

Philip olhou com ar de censura para o tio quando este se serviu de uma segunda fatia de bolo. Em tais circunstâncias, aquilo parecia uma voracidade inconveniente.

— Mary Ann sabe preparar bolos excelentes. Temo que outra pessoa não os faça tão bem.

— Vai mandá-la embora? — perguntou Philip com surpresa.

Mary Ann estava no vicariato desde a infância de Philip. Jamais esquecia o aniversário do rapaz e sempre fizera questão de lhe oferecer alguma bagatela, absurda e tocante. Philip tinha por ela uma verdadeira afeição.

— Vou — respondeu mr. Carey. — Não julgo conveniente conservar em casa uma mulher solteira.

— Mas, Deus meu, ela deve ter mais de quarenta anos!

— Acho que tem, sim. Mas de uns tempos para cá tem andado um tanto impertinente e metida a autoritária. Acho que é excelente oportunidade para despedi-la.

— É... Oportunidade como essa é certo que não se repete — disse Philip.



Apanhou um cigarro, mas o tio não deixou que o acendesse.

— Antes do enterro, não — disse ele, com brandura.

— Está bem.

— Não seria muito respeitoso fumar aqui em casa enquanto a sua pobre tia ainda está lá em cima.

Depois do enterro, Josiah Graves, mordomo da igreja e gerente do banco, veio jantar no vicariato. Os estores tinham sido levantados e Philip, malgrado seu, sentia uma curiosa sensação de alívio. A presença do corpo na casa deixava-o contrafeito. Fria e rija, a pobre mulher, toda doçura e bondade quando viva, parecia exercer sobre os que ficavam uma influência funesta. Semelhante idéia lhe causava pavor.

Durante um ou dois minutos, o mordomo da igreja encontrou-se com Philip a sós na sala de jantar.

— Espero que possa ficar com o seu tio durante algum tempo — disse ele. — Não me parece aconselhável deixá-lo sozinho.

— Ainda não fiz nenhum plano. Se ele precisar de mim, ficarei com grande prazer.

Para distrair o marido desolado, o mordomo, durante o jantar, falou de um incêndio recente que havia destruído parte da capela metodista.

— Ouvi dizer que a capela não estava segurada — disse ele, com um pequeno sorriso.

— Isso não faz nenhuma diferença — comentou o vigário. — Vão conseguir o dinheiro que quiserem para a reconstrução. Essa gente está sempre pronta para dar dinheiro.

— Vejo que Holden mandou uma coroa.

Holden era o ministro dissidente, e embora por amor de Cristo, que morrera por ambos, mr. Carey o cumprimentasse na rua, nunca lhe dirigia a palavra.

— Acho que foi muito atrevimento — observou o vigário. — Mandaram quarenta e uma coroas. A sua foi linda. Philip e eu a admiramos muito.

— Isso é bondade sua — protestou o banqueiro.

Notara com satisfação que a sua coroa era a maior de todas e tinha uma bela aparência.

Começaram a falar sobre as pessoas que acompanharam o enterro. Várias lojas haviam fechado. O mordomo tirou do bolso uma nota impressa: *Devido ao sepultamento de mrs. Carey, este estabelecimento só abrirá as portas às treze horas.*

— Foi idéia minha — disse ele.

— Foram muito gentis em fechar. A pobre Louisa teria apreciado isso.

Philip comia. Mary Ann preparara um jantar de domingo: havia frango assado e torta de groselha.

— Sem dúvida ainda não pensou na pedra tumular? — tornou Josiah Graves.

— Já, sim. Pensei numa simples cruz de pedra. Louisa sempre foi contra a ostentação.

— Não creio que se possa encontrar coisa melhor do que uma cruz. E como inscrição, que me diz de: *Com Cristo, o que é bem melhor?*

O vigário franziu os lábios. Era bem característico de “Bismarck” querer decidir tudo por si mesmo. O texto não lhe agradava: parecia depreciativo para a sua pessoa.

— Não, prefiro pôr: *O Senhor a deu e o Senhor a levou.*

— Oh!, prefere? Esse texto sempre me pareceu um pouco comum.

O vigário respondeu com certo azedume e mr. Graves replicou num tom que o viúvo julgou demasiado autoritário para a ocasião. As coisas já estavam indo muito longe, uma vez que ele nem sequer podia escolher uma inscrição para o túmulo de sua própria esposa. Houve um silêncio e, depois, a conversa desviou-se para assuntos da paróquia. Philip foi ao jardim fumar o seu cachimbo. Sentou-se num banco e de súbito desatou a rir nervosamente.

Alguns dias depois seu tio expressou o desejo de que ele passasse umas três ou quatro semanas em Blackstable.

— Pois não. Vem bem a propósito — disse Philip.

— Suponho que não lhe cause nenhum inconveniente voltar a Paris em setembro.

Philip não respondeu. Meditara muito sobre o que Foinet lhe havia dito, mas ainda estava tão indeciso que não queria falar no futuro. Havia algo de nobre em renunciar à arte por estar convicto de que não se sobressairia nela. Mas, infelizmente, só por ele o seu gesto seria interpretado assim. Para os outros equivaleria a uma aceitação de derrota, e ele não queria confessar-se

vencido. Era uma criatura obstinada, e a suspeita de que a sua vocação não o levava para certo rumo tornava-o inclinado a forçar as circunstâncias e visar precisamente esse rumo. Não podia suportar que os amigos rissem dele. Isso o teria impedido de abandonar a pintura para sempre, mas o ambiente diverso fez-lhe de súbito ver diversamente as coisas. Como muitos outros, descobriu que a travessia do Canal torna singularmente fúteis coisas que pareciam muito importantes. Aquele gênero de existência, tão encantador que não podia pensar em deixá-lo, parecia-lhe agora inepto. Cafés e restaurantes, com a sua comida malfeita, a vida miserável que aquela gente levava, tudo isso começou a despertar-lhe aversão. Já não lhe importava a opinião dos amigos: Cronshaw com sua retórica, mrs. Otter com a sua respeitabilidade, Ruth Chalice com suas afetações, Lawson e Clutton com suas disputas. Insurgia-se contra todos eles. Escreveu a Lawson pedindo que enviasse tudo o que lhe pertencia. Uma semana mais tarde chegavam as suas coisas. Após desembulhar as telas, pôde examiná-las sem emoção. Notou esse fato com interesse. O tio estava ansioso por ver os quadros. Embora se tivesse oposto com todas as suas forças à idéia de Philip ir para Paris, aceitava agora a situação com serenidade. Mostrava-se interessado na vida dos estudantes e constantemente fazia perguntas a Philip a esse respeito. Sentia, mesmo, um certo orgulho do sobrinho por ser ele um pintor e procurava fazê-lo brilhar diante dos conhecidos. Olhou com avidez para os estudos de modelos que Philip lhe mostrou. Quando chegou a vez do retrato de Miguel Ajuria, perguntou:

— Por que o pintou?

— Eu procurava um modelo e a cabeça dele me agradou.

— Já que não tem nada que fazer aqui, você podia pintar o meu retrato.

— O senhor se aborreceria de posar.

— Não, acho que gostaria.

— Depois veremos.

A vaidade do tio divertia Philip. Via-se que ele ardia em desejos de ser retratado. Conseguir-lo de graça não era oportunidade que se perdesse. Durante dois ou três dias fez pequenas insinuações. Censurava a preguiça de Philip, perguntava-lhe quando ia começar a trabalhar e, finalmente, principiou a dizer a quem quer que encontrava que Philip ia pintar-lhe o retrato. No primeiro dia de chuva, disse ao sobrinho, depois do almoço:

— Então, que me diz de iniciar o meu retrato esta manhã?

Philip deixou o livro que estava lendo e reclinou-se na cadeira.

— Renunciei à pintura.

— Por quê? — perguntou o tio, espantado.

— Não me parece que valha a pena ser um pintor de segunda categoria, e cheguei à conclusão de que nunca passaria disso.

— Você me surpreende. Antes de embarcar para Paris tinha absoluta certeza de que era um gênio.

— Estava enganado — disse Philip.

— Depois de abraçar uma profissão, julguei que teria orgulho de continuar nela. Pareça-me que o que lhe falta é perseverança.

Philip sentiu-se contrariado. O tio nem sequer via o lado verdadeiramente heróico de sua decisão.

— “Pedra que muito rola não cria limo” — continuou o vigário.

Philip detestava esse provérbio, que lhe parecia completamente vazio de sentido. Seu tio repetira-o várias vezes durante as discussões que precederam o seu abandono da carreira de contador. Isso pareceu despertar no vigário a lembrança daquela ocasião.

— Não é mais um menino, como bem sabe. É preciso começar a pensar em qualquer coisa de sério. Primeiro insiste em estudar contabilidade; depois se enche e resolve ser pintor. Agora modifica novamente a sua decisão. Isso indica...

Mr. Carey hesitou um pouco, para considerar que defeitos de caráter isso exatamente indicava. Philip terminou a frase por ele.

— Irresolução, incompetência, falta de previsão e de firmeza.

O vigário ergueu rápido os olhos para o sobrinho, a fim de ver se o rapaz zombava dele. O rosto de Philip estava impassível, mas havia no seu olhar uma centelha que o irritou. Philip devia levar as coisas mais a sério. Sentiu-se no direito de lhe dar uma lição.

— Nada mais tenho com as suas questões financeiras. Agora é senhor de si. Mas devia lembrar-se de que o seu dinheiro não há de durar sempre. E não será essa sua infeliz deformidade que vai lhe ajudar a ganhar a vida.

Philip sabia agora que, quando alguém se zangava com ele, o primeiro pensamento que ocorria era fazer menção ao pé torto. O seu conceito da raça humana era determinado pelo fato de que quase ninguém conseguia resistir a essa tentação. Mas havia se exercitado em não dar o menor sinal de que a alusão o ferira. Conseguira mesmo dominar os rubores que, na infância, foram um dos seus tormentos.

— Como o senhor justamente observou — respondeu ele —, as minhas questões financeiras não lhe competem e eu sou dono de mim mesmo.

— Em todo caso, há de fazer-me a justiça de reconhecer que eu tinha razão quando me opus à idéia de estudar pintura.

— Não estou muito seguro disso. Sei que se aproveita mais fazendo tolices espontaneamente do que agindo de maneira acertada por conselhos dos outros. Fiz a minha tentativa e agora bem posso me fixar.

— Em quê?

Philip não se achava preparado para responder, mesmo porque ainda não havia resolvido nada. Estivera pensando numa dúzia de profissões.

— O melhor seria abraçar a profissão de seu pai e estudar medicina.

— Interessante. É precisamente isso o que eu pretendo fazer.

Entre outras coisas, Philip havia pensado na medicina, principalmente porque essa ocupação parecia oferecer bastante liberdade pessoal. Sua experiência da vida de escritório levava-o a tomar a resolução de nunca mais entrar num. A resposta lhe escapara quase inadvertidamente, sendo mais uma réplica do que uma resposta.

Achou graça no fato de ter tomado a sua resolução dessa maneira acidental, e ali mesmo decidiu entrar, no outono, para o velho hospital do seu pai.

— Então os seus dois anos em Paris podem ser considerados como tempo perdido?

— Não sei. Passei dois anos encantadores e aprendi uma ou duas coisas úteis.

— Que coisas?

Philip refletiu por um instante e a sua resposta não foi destituída de um leve desejo de irritar.

— Aprendi a olhar para as mãos das pessoas, o que nunca fazia antes. E em vez de só olhar para as casas e árvores, aprendi a vê-las contra o céu. E também aprendi que as sombras não são pretas, mas coloridas.

— Suponho que você se julgue muito esperto. Mas essa sua volubilidade me parece perfeitamente inepta.

**Mr.** Carey retirou-se para o gabinete, levando o jornal. Philip passou para a cadeira do tio (era a única confortável da sala) e olhou pela janela para a chuva que caía. Mesmo com aquele tempo tristonho, havia qualquer coisa de repousante nos campos verdes que se estendiam para o horizonte. Havia na paisagem um encanto íntimo que ele não se lembrava de ter notado antes. Dois anos de França tinham-lhe aberto os olhos para a beleza daquela região.

Pensava com um sorriso na observação do tio. Era uma sorte que o seu espírito tendesse para a volubilidade. Começara a dar-se conta da grande perda que havia sofrido com a morte do pai e da mãe. Esse era um dos motivos que, na vida, o haviam impedido de ver as coisas da mesma maneira que os outros.

O amor dos pais pelos filhos é o único sentimento perfeitamente desinteressado. Crescera entre estranhos conforme pudera, mas raramente tinha sido tratado com paciência e indulgência. Orgulhava-se do domínio que tinha sobre si mesmo. Fora-lhe inculcado pela zombaria dos seus companheiros. Depois, chamaram-no de cínico e insensível. Adquirira um aspecto calmo e alheio e, as mais das vezes, uma máscara impassível, de maneira que agora já não podia mostrar os seus sentimentos. Diziam-no despido de emoções, mas ele sabia que estava à mercê delas, uma bondade inesperada comovia-o tanto que às vezes não se aventurava a falar para que não lhe notassem a insegurança da voz. Lembrava-se da amargura de sua vida na escola, da humilhação que havia sofrido, dos gracejos que lhe haviam incutido um terror mórbido do ridículo. Recordava-se também do seu sentimento de solidão depois que, posto em face do mundo, medira a distância que separava as suas quimeras da realidade. Mas, apesar de tudo, podia observar-se como se fosse um outro e sorrir divertido.

“Palavra que, se eu não fosse volúvel, me enforcaria”, refletiu alegremente. Tornou a pensar na resposta que havia dado ao tio quando este lhe perguntara o que tinha aprendido em Paris. Tinha aprendido muito mais do que dissera. Certa palestra com Cronshaw lhe ficara gravada na memória e

uma frase por ele empregada, frase assaz comum, lhe fizera trabalhar o cérebro.

“Meu caro rapaz”, tinha dito Cronshaw, “a moral abstrata não existe.”

Quando Philip deixou de crer no cristianismo, sentiu que um grande peso lhe era tirado dos ombros; despejando-se da responsabilidade que sobrecarregava cada ato, quando cada ato era de infinita importância para a salvação de sua alma imortal, experimentou uma viva sensação de liberdade. Mas agora sabia que isso fora uma ilusão. Ao abandonar a fé em que tinha sido criado, mantivera intata a moral que era sua parte integrante. Resolveu, então, pensar por si mesmo sobre as coisas e não se deixar influir por preconceitos. Descartou-se de vícios e virtudes e rejeitou as leis assentes do bem e do mal, com a idéia de encontrar por si a sua própria norma de vida. Afinal, nem sabia se era mesmo necessário possuir tal norma. Essa era uma das coisas que desejava descobrir sem dúvida, muito do que lhe parecia válido assim se afigurava porque lhe fora ensinado desde a primeira infância. Lera inúmeros livros, mas eles não o ajudaram muito, pois baseavam-se na moral cristã: e mesmo os autores que proclamavam não acreditar no cristianismo nunca se davam por satisfeitos senão quando organizavam um sistema de moral de acordo com o Sermão da Montanha. Não valia a pena ler um longo volume para aprender que nos devemos conduzir exatamente como os outros. Philip desejava saber como devia proceder, e julgava-se capaz de fugir à influência do ambiente. Ao mesmo tempo, porém, era necessário continuar vivendo e, enquanto não formava uma teoria de conduta, traçou para si mesmo uma regra provisória:

“Segue as tuas inclinações levando na devida conta o guarda da esquina.”

A completa liberdade de espírito, julgava ele, era o que de melhor havia adquirido em Paris. Afinal, sentia-se absolutamente livre. Lera sem método inúmeras obras filosóficas, e, agora, aguardava com delícia o lazer dos próximos meses. Começou a ler a esmo. Atacava cada novo sistema com um pequeno prurido de emoção, esperando encontrar nele alguma orientação para a sua conduta. Sentia-se como um viajante em país desconhecido e, à medida que avançava, era fascinado pela empresa. Lia comovidamente, como os outros lêem pura literatura, e o coração lhe batia com força quando descobria, em palavras nobres, alguma coisa que já havia sentido de modo obscuro. Tinha o espírito concreto e movia-se com dificuldade nas regiões abstratas, mas, ainda quando não podia seguir o raciocínio, experimentava um curioso prazer

em acompanhar os pensamentos tortuosos que desfilavam agilmente nos limites do incompreensível. Por vezes parecia que grandes filósofos nada lhe tinham para dizer, ao passo que, em outros, reconhecia um espírito congênere ao seu. Era como o explorador da África Central que se deparou subitamente com um vasto planalto onde os prados são pontilhados de árvores, de modo que é fácil imaginar-se num parque inglês. Deliciava-se com o robusto bom senso de Thomas Hobbes. Spinoza enchia-o de respeito: nunca entrara em contato com um espírito tão nobre, tão inacessível e austero — lembrava-lhe a estátua de Rodin, *L'Âge d'Airain*, que admirava apaixonadamente. Depois vinha Hume. O ceticismo desse filósofo encantador fazia vibrar em Philip uma corda simpática, e, ao saber daquele estilo translúcido que expunha idéias intrincadas em palavras simples, medidas e musicais, lia-o como leria uma novela: com um sorriso de prazer nos lábios. Mas em nenhum pôde encontrar exatamente o que desejava. Havia lido nalguma parte que todo homem nasce platônico, aristotélico, estóico ou epicurista; e a história de George Henry Lewis (além de dizer que a Filosofia é pura fantasmagoria) lá estava para demonstrar que o pensamento de cada filósofo se achava inseparavelmente ligado ao homem que ele fora. Conhecendo-se-lhe a vida, era fácil imaginar em grande parte a filosofia que escrevera. Dir-se-ia que não agimos de certa maneira por pensar assim, mas antes pensamos de certa maneira por assim termos sido feitos. A verdade nada tem que ver com isso. Não existe a verdade. Cada homem é o seu próprio filósofo, e os primorosos sistemas que os grandes homens do passado construíram só foram válidos para os seus autores.

O importante, pois, é descobrir o que somos e o nosso sistema filosófico se construirá por si mesmo. Parecia a Philip haver três coisas a encontrar: a relação do homem com o mundo em que vive, sua relação com os homens entre os quais vive e, finalmente, a relação do homem consigo mesmo. Traçou um plano pormenorizado de estudo.

A vantagem de viver no estrangeiro é que, entrando-se em contato com os usos e costumes do povo entre o qual se vive, estes são observados de fora e percebe-se que não resultam da necessidade, como julgam os que os praticam. Não se pode deixar de descobrir que as crenças para nós indiscutíveis são, para o estrangeiro, absurdas. O ano passado na Alemanha e a longa permanência em Paris tinham preparado Philip para receber os ensinamentos céticos que agora lhe chegavam com tamanha sensação de alívio.



Via que nada era bom e nada era mau: as coisas simplesmente se adaptavam a um fim. Leu a *Origem das espécies*. O livro parecia oferecer a explicação de muitos pontos que o inquietavam. Era, agora, como o explorador que infere a existência de certos acidentes naturais e, batendo as margens de um largo rio, depara aqui com o afluente que previa, ali com as planícies férteis e povoadas e, mais além, com as montanhas. Quando se faz uma grande descoberta, o mundo se surpreende de que ela não tenha sido aceita imediatamente, e mesmo nos que lhe reconhecem a verdade o efeito é sem importância. Os primeiros leitores da *Origem das espécies* aceitaram-na com a inteligência, mas as suas emoções, que são a base da conduta, ficaram intatas.

Nascido uma geração após o aparecimento desse grande livro, e depois de já haver passado a fazer parte das idéias usuais muita coisa que escandalizara os contemporâneos da obra, Philip pôde aceitá-la de coração jubiloso. A grandeza da luta pela vida lhe parecia emocionante e a regra moral que ela sugeria concordava com as suas predisposições. Dizia para si mesmo que a força era o direito. De um lado está a sociedade, um organismo com as suas leis de desenvolvimento e autopreservação e, do outro, o indivíduo. A sociedade classifica de virtuosas as ações que redundam em seu proveito, e de viciosas as que a prejudicam. Bem e mal não significam mais do que isso. O pecado é um preconceito de que o homem livre se deve desembaraçar. Na luta com o indivíduo, a sociedade dispõe de três armas: a lei, a opinião pública e a consciência. As duas primeiras podem ser combatidas pela astúcia, única arma do fraco contra o forte — o vulgo exprime isso muito bem quando diz que pecado é ser apanhado nele — mas a consciência é o traidor dentro dos muros, lutando na alma de cada um em prol da sociedade e levando o indivíduo a imolar-se, num sacrifício irrefletido, à prosperidade do inimigo. Sim, porque é evidente que o Estado e o indivíduo consciente de si mesmo são irreconciliáveis. *Aquele* se serve do indivíduo para fins próprios, espezinhando-o se é contrariado, recompensando-o com medalhas, honras e pensões se é fielmente servido; *este*, forte somente na sua independência, move-se no seio do Estado, pagando (por conveniência) certos benefícios recebidos, em dinheiro ou serviços, mas sem sentir a menor obrigação; indiferente às recompensas, pede apenas que o deixem em paz. É um viajante independente que faz uso dos bilhetes Cook porque lhe poupam incômodos, mas olha com um desprezo bem-humorado para os grupos que se entregam ao guia. O homem livre não pode agir mal. Faz tudo o que deseja... quando pode. Sua

força é o único estalão de sua moral. Reconhece as leis do Estado e pode infringi-las sem se sentir em falta, mas, quando punido, aceita o castigo sem rancor.

A força está com a sociedade.

Mas se para o indivíduo não existe bem nem mal, a consciência — parecia a Philip — perde o seu poder. E foi com um grito de triunfo que, segurando a velhaca, expulsou-a de si. Isso, entretanto, não o aproximou do sentido da vida. Por que o mundo fora criado e para que nasciam os homens? Essa questão continuava tão insolúvel como sempre. Seguramente devia haver alguma razão. Pensou em Cronshaw e na sua parábola do tapete persa. Ele a oferecia como uma solução do enigma, declarando misteriosamente que a resposta só tinha valor quando encontrada por quem a procurasse.

— Que diabo ele queria dizer com isso? — murmurou, sorrindo.

E assim, no último dia de setembro, desejoso de pôr em prática todas essas novas teorias sobre a vida, Philip, com mil e seiscentas libras e o seu pé eqüino, tornou a partir para Londres a fim de iniciar a vida pela terceira vez.

O exame prestado por Philip antes de entrar no aprendizado de contador era qualificação suficiente para a sua admissão numa escola de medicina. Escolheu a de São Lucas porque o pai havia estudado nela. Antes do fim do período de verão fora passar um dia em Londres a fim de ver o secretário. Este lhe dera uma lista de aposentos para alugar e ao voltar para lá Philip instalou-se numa casa velha e encardida que tinha a vantagem de ficar a dois minutos de hospital.

— Arranje a sua peça para dissecar — disse-lhe o secretário. — É melhor começar por uma perna. Quase todos começam assim. Parece que acham mais fácil.

Philip soube que sua primeira aula seria de anatomia, às onze horas, e cerca das dez e meia atravessou a rua e entrou na escola um pouco nervoso. Logo à entrada, viam-se diversos avisos, listas de conferências, convocações para partidas de futebol e coisas semelhantes. Percorreu-os com negligência, tentando mostrar-se à vontade. Jovens de várias idades iam entrando e procuravam cartas no quadro de escaninhos; conversavam em grupos e desciam para o subsolo, onde ficava a sala de leitura. Philip notou que alguns colegas vagueavam de cá para lá com um ar vago e tímido, e supôs que, como ele, entravam ali pela primeira vez. Depois de ler todos os avisos, divisou uma porta de vidro que dava para o que parecia ser um museu e, como ainda dispunha de vinte minutos, entrou. Havia ali uma coleção de espécimes patológicos. Um rapaz de mais ou menos dezoito anos veio-lhe ao encontro.

— Ei, você é do primeiro ano? — perguntou ele.

— Sou.

— Sabe onde fica a sala de aula? São quase onze.

— Então é melhor irmos procurá-la.

Deixando o museu, penetraram num corredor escuro e comprido, cujas paredes eram pintadas em duas tonalidades de vermelho.

A passagem de outros rapazes lhes indicava o caminho. Chegaram a uma porta onde havia uma inscrição com as palavras: “Anfiteatro de Anatomia”. Philip

encontrou a sala quase cheia. Assim que Philip entrou, um servente colocou um copo com água sobre a mesa que ficava no centro do anfiteatro e depois trouxe um osso íliaco e dois fêmures, o direito e o esquerdo. Entraram novos alunos, tomaram os seus lugares, e às onze o recinto estava cheio. Viam-se ali cerca de sessenta estudantes. Eram em sua maioria muito mais moços que Philip, rapazes de dezoito anos e faces imberbes. Mas havia alguns mais velhos do que ele. Notou que um deles, de estatura elevada e agressivo bigode ruivo, tinha cerca de trinta anos; um outro, sujeito baixo, de cabelos pretos, aparentava ser apenas um ou dois anos mais moço; um terceiro usava óculos e tinha a barba toda grisalha.

O lente, mr. Cameron, entrou. Era um belo homem de cabeça branca e traços regulares. Fez a chamada, uma longa lista de nomes, e depois pronunciou pequeno discurso. Falava com voz agradável, com palavras escolhidas, e parecia sentir um discreto prazer em dispô-las com cuidado. Sugeriu um ou dois livros a serem adquiridos e aconselhou a compra dum esqueleto. Dissertou sobre anatomia com entusiasmo: era essencial ao estudo da cirurgia e o seu conhecimento auxiliava na apreciação artística. Philip aguçou o ouvido. Soube mais tarde que mr. Cameron também lecionava na Academia Real. Vivera muitos anos no Japão, com uma cadeira na Universidade de Tóquio, e ufanava-se de saber apreciar o belo.

— Terão de aprender muitas coisas fastidiosas — terminou ele, com um sorriso indulgente. — Coisas que hão de esquecer no instante em que passarem o exame final, mas em anatomia é melhor ter aprendido e esquecido do que nunca ter aprendido.

Apanhou o íliaco de cima da mesa e começou a descrevê-lo. Falou bem e com clareza.

Quando a aula terminou, o rapaz que se dirigira a Philip no museu patológico e sentara-se a seu lado no anfiteatro sugeriu irem ambos à sala de dissecações. Passaram novamente pelo corredor e um servente lhes indicou o caminho. Ao entrarem, Philip compreendeu de onde vinha o cheiro acre que sentira antes. Acendeu o cachimbo. O servente riu.

— O senhor logo vai se acostumar com o cheiro. Eu já nem sinto.

Perguntou o nome de Philip e examinou uma lista afixada ao quadro-negro.

— Para o senhor é uma perna... número quatro.

Philip viu outro nome ligado ao seu por uma chave.

— Que quer dizer isto? — indagou.

— Os cadáveres agora andam escassos. Temos distribuído uma peça para dois.

A sala de dissecações era vasta e estava pintada como os corredores, a parte superior em salmão vivo e o rodapé em terracota-escura. A intervalos regulares, ao longo da sala, em ângulo reto com as paredes, viam-se mesas de metal com as bordas um pouco levantadas. Em cada uma delas havia um corpo. Eram na maioria cadáveres de homens. Estavam muito escuros em virtude do desinfetante empregado na sua conservação e tinham a pele coriácea. Encontram-se num estado de emaciação extrema. O servente levou Philip a uma das mesas. Junto dela se encontrava um jovem.

— O seu nome é Carey? — perguntou ele.

— É.

— Bom, então trabalhamos na mesma perna. Que sorte ser de homem, não acha?

— Por quê?

— Em geral eles preferem que seja de homem — disse o servente. — Quando é de mulher, a banha atrapalha.

Philip olhou para o cadáver. Os braços e as pernas eram tão finos que não tinham mais forma, e as costelas sobressaíam tanto que a pele estava distendida. Era um homem de cerca de quarenta e cinco anos, barba grisalha e rala e cabelo escasso, sem cor: os olhos estavam fechados e o queixo caído. Philip não podia conceber que aquilo tivesse sido um homem e, contudo, naquela fileira de mortos havia qualquer coisa de pavoroso.

— Eu pretendia começar às duas — disse o jovem que ia dissecar com Philip.

— Está bem, estarei aqui a essa hora.

Tinha comprado no dia anterior o estojo de instrumentos necessários e agora recebia um armário com chave. Olhando para o colega que o acompanhara até ali, Philip viu que ele estava lívido.

— Está se sentindo mal? — perguntou-lhe.

— É que eu nunca tinha visto um morto.

Seguiram pelo corredor até a entrada da escola. Philip lembrou-se de Fanny Price. O primeiro cadáver que vira fora o dela, recordava-se da estranha impressão que sentira. Existia uma distância imensurável entre os vivos e os

mortos: pareciam não pertencer à mesma espécie; e era esquisito pensar que poucos momentos antes estes últimos falavam, riam, comiam e caminhavam.

Havia algo de horrível nos mortos: era de imaginar que eles exercessem uma influência maléfica sobre os vivos.

— E se fôssemos comer alguma coisa? — sugeriu a Philip o novo amigo.

Desceram ao rés-do-chão, onde havia uma sala escura que fazia as vezes de restaurante. Ali os estudantes podiam encontrar os mesmos pratos que são servidos nas leiterias. Enquanto comiam, Philip — que pedira bolachas, manteiga e uma xícara de chocolate — veio a saber que o companheiro se chamava Dunsford. Tinha o rapaz a pele fresca, alegres olhos azuis, cabelos escuros, ondulados, pernas e braços compridos: era sóbrio de palavras e de gestos. Acabava de chegar de Clifton.

— Vai fazer o curso integral? — perguntou ele a Philip.

— Vou. Quero me qualificar o mais depressa possível.

— Eu também, mas depois vou me doutorar em cirurgia. Quero ser cirurgião.

A maioria dos estudantes se apresentava ao mesmo tempo ante os examinadores da Escola de Cirurgia e os da Escola de Medicina, mas os mais ambiciosos ou laboriosos prolongavam os estudos para candidatar-se a um diploma da Universidade de Londres.

Quando Philip entrou para a Escola de São Lucas, o regulamento acabara de ser modificado e o curso duraria cinco anos em lugar de quatro, como para os estudantes matriculados antes do outono de 1892. Dunsford, que estava bem inteirado de tudo, explicou a Philip os pormenores do curso. O primeiro exame “integral” consistia em biologia, anatomia e química; podia, entretanto, ser feito parceladamente e muitos prestavam exames de biologia três meses depois de matriculados. Esta ciência fora recentemente adicionada ao número de matérias que os alunos eram obrigados a conhecer, mas dela se exigiam apenas noções.

Quando Philip tornou à sala de dissecações foi com o atraso de alguns minutos, pois se esquecera de comprar as mangas postiças com que costumavam proteger a camisa. Ao chegar encontrou alguns colegas já em atividade. Seu companheiro principiara na hora exata e empenhava-se em dissecar os nervos cutâneos. Dois estudantes entretinham-se com a segunda perna, ao passo que outros se ocupavam mais dos braços.

— Não faz mal que eu tenha começado?

— Não, está bem. Vamos para diante!

Apanhou o livro aberto no diagrama da parte dissecada e examinou o que precisavam encontrar.

— Você já tem bastante prática — disse Philip.

— Ora... tenho feito muitas dissecações. Em animais, é claro, para o exame pré-científico.

As conversas não escasseavam em torno da mesa de dissecação: versavam um pouco sobre o trabalho, alguma coisa a respeito das perspectivas da temporada de futebol e outro tanto sobre os exemplos e as aulas. Philip se sentia bastante mais velho que os outros. Não passavam de colegas inexperientes. A idade, porém, é mais questão de conhecimentos que de anos; e Newson, seu ativo companheiro de dissecação, achava-se perfeitamente à vontade na matéria. Talvez não lhe desagradasse fazer exibição de saber, pois explicava detalhadamente o que fazia. Apesar de suas secretas reservas de sabedoria, Philip escutava submisso. Depois tomou do bisturi e das pinças e começou a trabalhar sob as vistas do outro.

— É ótimo que ele seja assim tão magro — observou Newson, enxugando as mãos. — O pobre-diabo deve ter passado um mês inteiro sem comer.

— Eu só queria saber de que morreu ele — murmurou Philip.

— Ora... não sei. As mesmas coisas de sempre. Inanição, com certeza. Cuidado! Não corte esta artéria.

— É muito bonito dizer “não corte esta artéria” — interveio um dos que trabalhavam na outra perna. — Este pedaço de asno tem uma artéria fora do lugar.

— As artérias estão sempre fora de lugar — disse Newson. — A posição normal é coisa que praticamente nunca se encontra. É por isso que se chama normal.

— Não fale assim — opôs-se Philip — que eu vou acabar me cortando.

— Se você se cortar — respondeu Newson, sempre bem informado —, coloque desinfetante em seguida. É com o que deve ter mais cuidado. O ano passado houve aqui um camarada que se arranhou de leve, não deu importância ao caso e apanhou septicemia.

— Curou-se?

— Qual! Morreu numa semana. Fui dar-lhe uma olhadela na sala de autópsias.

Quando chegou a hora do chá, Philip estava com dor nas costas e seu lanche fora tão leve quanto era o seu apetite. Tinham as suas mãos o cheiro característico que logo pela manhã sentira no corredor. Pareceu-lhe que o bolo tinha também aquele gosto.

— Acabará se habituando — disse Newson. — E quando não estiver sentindo aquele velho cheirinho gostoso da sala de dissecações, vai se achar muito abandonado.

— Não deixarei que isso me estrague o apetite — afirmou Philip, comendo um pedaço de bolo após a torrada.



As idéias de Philip sobre a vida dos estudantes de medicina, como as do público em geral, eram inspiradas nas descrições feitas por Dickens em meados de século. Cedo verificou ele que Bob Sawyer, se é que existiu, já não tinha nenhuma semelhança com o atual estudante de medicina.

Os que procuram a profissão médica são gente da mais variada espécie e entre eles, naturalmente, se encontram preguiçosos e negligentes. Como consideram fácil esse gênero de existência, malbaratam um par de anos e depois, porque esgotam seus recursos ou porque os pais, indignados, não querem mais sustentá-los, abandonam o hospital. Outros acham os exames demasiado difíceis: uma reprovação após outra tira-lhes o ânimo, e, tomados de pânico, assim que entram no temido edifício onde devem prestar exame, esquecem as matérias que pareciam trazer na ponta da língua. Ficam sendo, ano após ano, objeto do bem-humorado desprezo dos mais moços. Alguns passam penosamente nos exames de farmácia; outros se fazem assistentes não diplomados, posição precária em que ficam à mercê do médico para quem trabalham; seu destino é a pobreza, a embriaguez e só Deus sabe o fim que levam. Na maior parte, porém, os estudantes de medicina são jovens laboriosos da classe média, com recursos suficientes para viver da maneira respeitável a que estão habituados: muitos deles são filhos de médicos e já têm um pouco de ar profissional. Destes últimos a carreira está traçada: logo após a formatura candidatam-se a um posto hospitalar, e, depois desse estágio — e talvez duma viagem ao Extremo Oriente como médico de bordo —, vão trabalhar com os pais e passam o resto da existência como médicos de interior. Um ou dois são apontados como excepcionalmente talentosos; ganham os vários prêmios e bolsas de estudos oferecidos todos os anos aos que as merecem, conseguem cargos após cargos nos hospitais, passam para as diretorias, abrem consultórios em Harley Street e, consagrando-se a uma especialidade ou outra, prosperam, ganhando renome e títulos.

A profissão médica é a única que um homem pode abraçar em qualquer idade com certa probabilidade de nela ganhar a vida. Entre os discípulos

de Philip havia três ou quatro que já haviam passado a primeira mocidade. Um tinha estado na Marinha, da qual, segundo se dizia, fora expulso por embriaguez, era um homem de trinta anos, rosto vermelho, maneiras bruscas e voz estrepitosa. Outro era casado, tinha dois filhos e havia perdido dinheiro por culpa dum procurador negligente; tinha uma expressão humilde, como se o mundo o intimidasse, trabalhava em silêncio e via-se que naquela idade achava difícil guardar as coisas de memória. Era de compreensão tardia. Doía ver o quanto se esforçava.

Philip acomodou-se no seu minúsculo apartamento. Arrumou os livros e pendurou nas paredes os quadros e esboços que tinha consigo. No andar superior, onde ficava o salão, morava um rapaz do quinto ano chamado Griffiths; Philip, porém, pouco o via, em parte porque ele andava ocupado nas enfermarias e também porque estudara em Oxford. Os estudantes que, como esse, tinham cursado uma universidade, andavam constantemente juntos: empregavam diversos meios, próprios de rapazes, para infundir nos menos afortunados a devida noção da sua inferioridade. O resto dos estudantes achava que essa serenidade olímpica era um tanto difícil de suportar. Griffiths, sujeito alto, de abundante cabelo ruivo e crespo, olhos azuis, pele branca e boca muito vermelha, era um desses privilegiados de quem toda a gente gosta porque têm excelente disposição e andam sempre alegres. Arranhava o violão e cantava com entusiasmo canções humorísticas. Todas as noites, enquanto ficava lendo no quarto solitário, Philip escutava o vozerio e as sonoras gargalhadas dos amigos de Griffiths, lá em cima. Recordava então as deliciosas noites de Paris em que costumavam ficar no estúdio, Lawson e ele, Flanagan e Clutton, conversando sobre arte e moral, sobre os casos amorosos do momento e a fama futura. Sentia-se preso a uma tristeza profunda. Era fácil fazer um gesto heróico, mas difícil suportar as conseqüências. O pior de tudo era que o trabalho lhe parecia muito fastidioso. Tinha perdido o hábito de ser interrogado pelos professores. Nas aulas, ficava com a atenção dispersa. A anatomia era uma ciência árida, simples questão de decorar uma quantidade enorme de fatos; a dissecação o entediava; não via utilidade em dissecar laboriosamente nervos e artérias quando, com muito menos trabalho, podia-se ver o lugar exato em que essas coisas ficavam, nos diagramas de um livro ou nos espécimes do museu patológico.

Fazia amizades casuais, mas não amigos íntimos, pois não lhe parecia ter alguma coisa de particular que dizer aos companheiros. Quando procurava

interessar-se nos assuntos destes, tinha a impressão de que o achavam com ares protetores. Não era desses que conseguem falar de suas predileções sem cuidar de saber se isso aborrece ou não o interlocutor. Um colega que alimentava pretensões artísticas, tendo ouvido que ele estudara arte em Paris, tentou discutir o assunto com ele. Philip, porém, não era indulgente com as opiniões que discordavam da sua; e, percebendo em seguida que as idéias do outro eram convencionais, limitou-se a responder por monossílabos. Desejava fazer relações mas não se decidia a tomar a iniciativa. O temor da má acolhida impedia-o de ser afável e ele escondia a sua timidez, que ainda era grande, por trás de um exterior frio e taciturno. Tornava a passar pela mesma prova do colégio, com a diferença, porém, de que a liberdade dos estudantes de medicina lhe permitia viver no seu canto.

Não foi por iniciativa sua que fez camaradagem com Dunsford, o latagão de pele fresca que encontrara ao ingressar na escola. Dunsford ligou-se a Philip simplesmente porque este fora a primeira pessoa que conhecera na faculdade. Não tinha amigos em Londres, e, nas noites de sábado, Philip e ele adquiriram o hábito de ir juntos à pista de um *music-ball* ou à galeria dos teatros. Era obtuso mas tinha bom humor e nunca se ofendia; sua conversa era das mais banais, mas quando Philip troçava dele, limitava-se a sorrir. Tinha um sorriso encantador. Embora o fizesse de tolo, Philip gostava dele; sua candura divertia-o e o seu gênio afável fazia-lhe bem: Dunsford tinha esse encanto que Philip muito bem sabia não possuir.

Iam freqüentemente a uma casa de chá da Parliament Street porque Dunsford admirava uma das moças que ali serviam. Philip não lhe achou nenhum atrativo. Era alta e magra, de ancas estreitas e busto de menina.

— Em Paris ninguém olharia para ela — disse com desdém.

— Mas o rosto é notável.

— Que importância tem o resto?

Possuía ela as feições miúdas, regulares, os olhos azuis e a testa larga e baixa que os pintores vitorianos, Lord Leighton, Alma Tadema e centenas de outros impuseram aos seus contemporâneos como tipo de beleza grega. Parecia dona de uma cabeleira opulenta que arranjava com particular esmero, deixando cair sobre a testa uma “franja à Alexandra”. Era bastante anêmica. Tinha os lábios finos e sem cor, e a pele delicada, duma leve tonalidade verdoenga, sem o menor toque de vermelho, nem mesmo nas faces. Os dentes eram ótimos. Dava-se grandes cuidados para evitar que o trabalho lhe

estragasse as mãos, que eram pequenas, delicadas e brancas. Servia as mesas com um ar enfasiado.

Muito tímido com mulheres, Dunsford ainda não conseguira entabular conversação com ela; instou com Philip para que o ajudasse.

— O que eu preciso é dum empurrão — disse ele —, porque depois eu vou por mim mesmo.

Para lhe ser agradável, Philip fez uma ou duas observações, mas a caixeira respondeu com monossílabos. Já sabia com quem tratava. Eram rapazinhos e calculava que fossem estudantes. Não lhe serviam. Dunsford notou que um homem de cabelo louro desmaiado e bigode hirsuto, com aspecto de alemão, era distinguido com a atenção da rapariga sempre que vinha à casa de chá; e, em tais ocasiões, só depois de chamá-la duas ou três vezes é que os dois amigos conseguiam ser atendidos. Ela servia os fregueses desconhecidos com uma insolência glacial e quando falava a um amigo era de todo indiferente ao chamado dos que tinham pressa. Possuía a arte de tratar as mulheres que pediam refrescos com o preciso grau de impertinência que as irritava sem lhes dar oportunidade de queixar-se à gerência. Um dia Dunsford contou a Philip que seu nome era Mildred. Tinha ouvido uma das outras empregadas chamá-la assim.

— Que nome detestável — comentou Philip.

— Por quê? Eu gosto.

— É tão pretensioso...

Aconteceu que naquele dia o alemão não se encontrava lá, e quando Mildred trouxe o chá, Philip, sorrindo, observou:

— Seu amigo não veio hoje.

— Não sei o que quer dizer — retrucou ela, friamente.

— Refiro-me ao fidalgo do bigode louro. Será que ele a abandonou por outra?

— Certa gente faria melhor se cuidasse da sua vida — retorquiu ela.

Afastou-se e, como durante um ou dois minutos não havia a quem atender, sentou-se e passou os olhos pelo jornal da tarde que um freguês deixara sobre a mesa.

— Fez uma asneira em irritá-la — disse Dunsford.

— Isso me é perfeitamente indiferente — replicou Philip.

Estava abespinhado, entretanto. Achava injusto que uma mulher se ofendesse quando ele procurava ser-lhe agradável. Ao pedir a conta, aventurou

uma observação que pretendia levar mais adiante.

— Então estamos de mal? — sorriu ele.

— Estou aqui para receber ordens e servir os fregueses. Não tenho nada que lhes dizer, nem quero que falem comigo.

Pôs a nota em cima da mesa e voltou para o lugar onde estivera sentada. Philip ficou vermelho de cólera.

— Essa foi bem na cabeça, Philip — disse Dunsford quando se viram na rua.

— Vagabunda mal-educada... Não ponho mais os pés aí.

Tinha bastante influência sobre Dunsford para fazer com que ele passasse a tomar chá em outra parte. Dunsford não tardou a achar outra rapariga para flertar. Quanto a Philip, ficara a remoer a desfeita que lhe fizera a garçonete. Se ela o tivesse tratado com civilidade teria ficado perfeitamente indiferente; mas via-se que a moça não gostara lá muito dele e isso lhe feria o orgulho. Não podia fugir ao desejo de pagar-lhe na mesma moeda. Irritava-se consigo mesmo por alimentar um sentimento tão mesquinho, mas embora se abstivesse de ir à casa de chá durante três ou quatro dias, isso não o ajudou a dominá-lo. Chegou à conclusão de que era preferível ir vê-la. Depois disse, com certeza, cessaria de pensar nela. Pretextando certa tarde um encontro, pois não pouca vergonha lhe causava a sua fraqueza, deixou Dunsford e foi direto à casa de chá onde havia jurado nunca mais entrar. Viu-a no momento em que chegou e se sentou a uma das mesas atendidas por ela. Esperava que a rapariga fizesse alguma referência ao fato de ele não ter vindo durante uma semana, mas a garçonete aproximou-se sem dizer coisa alguma. Ouvira-a dirigir-se a outros clientes:

— O senhor não tem aparecido.

Nem deu mostras de conhecê-lo. A fim de verificar se ela o havia mesmo esquecido, perguntou-lhe quando veio o chá:

— Viu o meu amigo hoje?

— Não. Já faz dias que ele não vem aqui.

Philip quis fazer disto um princípio de conversa, mas estava preso de um nervosismo inexplicável e não podia encontrar o que dizer. Ela, porém, não lhe deu oportunidade e retirou-se em seguida. Só na hora de pagar é que teve ocasião de lhe dizer alguma coisa.

— Tempo horrível, não acha?

Era mortificante ter de recorrer a uma observação dessas. Não podia saber por que ela o embaraçava a tal ponto.

— Estou todo o dia aqui dentro e o tempo não me faz diferença.

Havia na voz dela uma certa insolência que o irritou de modo especial. Um sarcasmo assomou-lhe aos lábios, mas ele se forçou ao silêncio.

“Se ao menos ela dissesse qualquer coisa verdadeiramente atrevida”, disse consigo, indignado, “eu faria queixa à gerência e ela iria para a rua. E seria muitíssimo bem feito.”

Não conseguia afastá-la do espírito. Ria com raiva da própria insensatez: era absurdo fazer caso do que lhe dissesse uma anêmica empregadinha de casa de chá; mas sentia-se estranhamente humilhado. Embora ninguém a não ser Dunsford soubesse da humilhação — e ele com toda a certeza já esquecera —, Philip compreendeu que não teria paz enquanto não liquidasse aquele assunto. Pensou no que seria melhor fazer. Resolveu ir todos os dias à casa de chá; era claro que tinha produzido na rapariga uma impressão desagradável, mas confiava na sua inteligência para desfazê-la. Trataria de não dizer nada que pudesse ofender a pessoa mais suscetível do mundo. Tudo isso fez, mas sem resultado. Quando entrava e dizia boa-noite, ela respondia nos mesmos termos, mas quando certa vez não a cumprimentou a fim de ver se a moça o faria primeiro, nada ouviu dela. Murmurou intimamente uma expressão que, embora aplicada com freqüência a pessoas do sexo feminino, não é muito usada em boa sociedade; e, com uma fisionomia impassível, pediu o chá. Decidiu não dizer palavra e deixou a casa sem o habitual boa-noite. Prometeu a si mesmo não mais voltar, mas no dia seguinte à hora do chá começou a ficar inquieto. Tentou pensar em outras coisas, mas não pôde dominar os pensamentos. Disse por fim com desespero:

— Afinal de contas não há razão para que eu não vá, se quero ir.

A luta consigo próprio durou muito tempo e eram quase sete horas quando entrou na casa de chá.

— Pensei que não viesse — disse-lhe a moça, quando ele se sentou.

O coração de Philip deu um pulo e ele se sentiu corar.

— Retiveram-me. Não pude vir antes.

— Estava cortando alguém, não?

— Nada de tão terrível assim.

— É estudante, não é?

— Sou.

Isso, porém, pareceu satisfazer-lhe a curiosidade. Ela se afastou e, como àquela hora da noite não houvesse mais ninguém às suas mesas, mergulhou na

leitura duma novela. Nesse tempo ainda não se faziam reedições de livros a preços populares. Havia uma provisão regular de ficção barata escrita sob encomenda por pobres-diabos para o consumo dos ignorantes. Philip exultava: a criatura lhe falara espontaneamente. Via aproximar-se o momento em que lhe seria possível dizer tudo quanto pensava a seu respeito. Seria um grande consolo exprimir a imensidade de seu desprezo. Olhou para ela. Era verdade que tinha um belo perfil; achava extraordinário que as moças inglesas daquela classe tivessem tão freqüentemente uma perfeição de linhas que chegava a pasmar; mas eram feições duma frieza de mármore; e o leve tom verde daquela pele delicada dava uma impressão de má saúde. Todas as empregadas da casa se vestiam do mesmo modo: um simples vestido preto com avental branco, punhos e uma pequena touca. Em meia folha de papel que tinha no bolso, Philip fez um esboço da rapariga inclinada sobre o livro (lia formando as palavras com os lábios) e deixou o desenho em cima da mesa ao se retirar. Fora uma inspiração pois, no dia seguinte, ao entrar, ela lhe sorriu.

— Não sabia que desenhava...

— Estudei pintura em Paris dois anos.

— Mostrei à gerente o desenho que o senhor deixou ontem e ela ficou admirada. Era o meu retrato mesmo?

— Era.

Quando ela foi buscar-lhe o chá, uma das outras empregadas aproximou-se:

— Vi o retrato que o senhor fez de miss Rogers. Era ela sem tirar nem pôr.

Pela primeira vez Philip ouvia o sobrenome da outra. Repetiu-o ao chamá-la para pedir a nota.

— Sabia o meu nome? — perguntou ela ao chegar.

— Sua amiga me disse quando me falou do desenho.

— Ela quer que faça o dela. Não faça. Se fizer para uma, todas as outras vão querer. — Em seguida, sem pausa alguma e com uma incoseqüência característica, acrescentou: — Onde está aquele moço que sempre vinha com o senhor? Foi embora?

— Como é que se lembra dele?

— Era um rapaz bem-apanhado.

Ele experimentou intimamente uma sensação curiosa. Não sabia o que era. Dunsford tinha bonitos cabelos ondulados, a pele fresca e um lindo



sorriso. Philip pensou nesses predicados com inveja.

— Ora, ele anda de amores — explicou, com um risinho.

Ao dirigir-se para casa repetiu para si mesmo a conversa, palavra por palavra. Conseguira fazer amizade com a garota. Quando se apresentasse a ocasião, ia oferecer-se para fazer dela um desenho mais bem-acabado. Estava certo de que ela havia de gostar. O rosto era interessante, o perfil adorável e havia uma curiosa fascinação naquela tez clorótica. Procurou um símile para essa cor; pensou a princípio em creme de ervilhas, mas, rejeitando a idéia com horror, lembrou-se das pétalas dum botão de rosa amarelo, quando rompido antes de desabrochar. Agora já não lhe queria mal.

— Não é má criatura — murmurou.

Fora tolice ofender-se com o que ela havia dito: a culpa, sem dúvida, havia sido dele; a rapariga não tivera intenção de se fazer desagradável: já devia estar acostumado a causar má impressão à primeira vista. Sentia-se lisonjeado com o sucesso do seu desenho; ela o olhava com mais interesse depois que lhe conhecia esse pequeno talento. No dia seguinte sentiu-se inquieto. Pensou em ir almoçar na casa de chá, mas estava certo de que lá haveria muita gente a essa hora e Mildred não poderia falar com ele. Já havia conseguido desfazer-se do hábito de tomar chá com Dunsford, e, às quatro e meia em ponto (consultara o relógio uma dúzia de vezes), dirigiu-se para lá.

Mildred estava de costas para ele. Sentara-se com o alemão que Philip via ali diariamente, até duas semanas antes, e que desde então não vira mais. Ela estava rindo do que ele dizia. Esse riso, que Philip achou vulgar, o fez estremecer. Chamou-a, mas ela não fez caso; tornou a chamá-la e depois, encolerizando-se, pois estava impaciente, bateu forte na mesa com a bengala. Ela se aproximou de má vontade.

— Como vai? — perguntou Philip.

— Parece estar com muita pressa...

Baixou os olhos para ele, da maneira insolente que o rapaz tão bem conhecia.

— Escute, que foi que lhe deu?

— Tenha a bondade de fazer o seu pedido e eu lhe trarei o que deseja. Não posso ficar conversando aqui toda a noite.

— Chá com torradas, por obséquio — respondeu Philip, lacônico.

Estava furioso com ela. Tinha consigo o *The Star* e pôs-se a ler o jornal com afincos quando ela veio servi-lo.

— Se me der a conta agora não irei incomodá-la mais — disse em tom glacial.

Ela fez a nota, colocou-a em cima da mesa e voltou para a companhia do alemão. Dali a pouco conversava com ele animadamente. Era um homem de estatura meã, com a cabeça redonda de seus compatriotas, cara pálida e grandes bigodes eriçados. Vestia sobrecasaca e calças cinzentas e usava no relógio uma grossa corrente de ouro. Parecia a Philip que as outras empregadas observavam-nos, a ele e ao par, trocando olhares significativos. Estava certo de que riam dele e o sangue lhe ferveu. Agora detestava Mildred de todo o coração. Sabia que a melhor coisa que podia fazer era deixar de ir àquela casa. Não se conformava, porém, com a idéia de ter sido derrotado, e traçou um plano para mostrar que a desprezava. No dia seguinte sentou-se a uma mesa diferente e pediu o seu chá a outra empregada. O alemão lá estava a conversar com Mildred. A garçonete não deu atenção a Philip e este escolheu, para se erguer, um momento em que ela tinha de cruzar o seu caminho. Quando ela passou, olhou-a como se nunca a tivesse visto. Repetiu isso durante três ou quatro dias. Esperava que ela aproveitasse a oportunidade para lhe dizer alguma coisa; julgava que lhe fosse perguntar por que não se sentava mais às suas mesas. Tinha preparado uma resposta impregnada de toda a aversão que sentia por ela. Sabia que era absurdo incomodar-se, mas não podia evitá-lo. Ela tornara a derrotá-lo.

O alemão desapareceu subitamente, mas Philip continuou a sentar-se a outras mesas. Mildred não lhe dava atenção. De repente ele percebeu que tudo quanto fazia lhe era perfeitamente indiferente. Poderia continuar assim até o Dia do Juízo, sem resultado.

— Ainda não está terminado — disse para si mesmo.

No dia seguinte sentou-se no antigo lugar e, quando ela se aproximou, deu-lhe boa-noite como se a não tivesse desdenhado durante uma semana. Tinha o rosto plácido, mas não conseguia impedir que o coração lhe batesse doidamente. Fazia pouco que a comédia musical conquistara as preferências do público e ele estava certo de que Mildred ficaria encantada com o convite para assistir a um espetáculo.

— Escute aqui... — disse subitamente. — Quer jantar comigo uma noite dessas e ir depois ver *A bela de Nova York*? Reservarei duas poltronas de orquestra.

Acrescentou esta última frase a fim de tentá-la. Sabia que quando as empregadas iam ao teatro era na platéia ou, quando algum homem as convidava, nos balcões nobres, pois raramente as levavam a lugares mais caros. O rosto pálido de Mildred ficou impassível.

— Está bem.

— Quando podemos ir?

— Nas quintas eu saio mais cedo.

Combinaram os detalhes. Mildred morava com uma tia em Herne Hill. A peça começava às oito, de sorte que deviam jantar às sete. Ela sugeriu que se encontrassem na sala de espera da segunda classe da Estação Vitória. Não demonstrava nenhum prazer, mas aceitava o convite como se concedesse um favor. Philip ficou vagamente irritado.

Philip chegou à Estação Vitória quase trinta minutos antes da hora marcada por Mildred. Sentou-se na sala de espera da segunda classe. Passava o tempo e ela não vinha. Começou a ficar ansioso. Caminhou para a plataforma a observar os trens suburbanos que chegavam. A hora do encontro passou e nada de Mildred. Philip se impacientou. Entrou nas outras salas de espera e olhou para as pessoas que lá estavam. De súbito o coração lhe deu um salto no peito.

— Estava aí? Pensei que não viesse mais.

— Bonito dizer isso depois de me fazer esperar todo esse tempo... Eu já estava quase voltando para casa.

— Mas não disse que estaria na sala de espera da segunda?...

— Não foi isso que eu disse. Então acha que eu ia ficar na sala da segunda quando podia esperar na da primeira?

Embora estivesse certo de não haver se enganado, Philip nada respondeu. Tomaram um carro.

— Onde é que vamos jantar? — indagou ela.

— Estive pensando no restaurante Adelphi. O que acha?

— O lugar não me faz diferença.

Usava um tom seco. Estava irritada por ter tido que esperar e retrucava com monossílabos às tentativas de conversação feitas por Philip. Vestia uma capa comprida, de tecido escuro e grosso, e trazia na cabeça um xale de crochê. Chegaram ao restaurante e sentaram a uma mesa. Mildred olhou satisfeita em torno de si. Os quebra-luzes vermelhos sobre as velas das mesas, o dourado das decorações e os espelhos emprestavam ao salão um ar de suntuosidade.

— Nunca vim aqui.

Sorriu para Philip. Havia tirado a capa: ele notou que ela trazia um vestido azul-claro com o decote quadrado, os cabelos estavam penteados com mais esmero do que nunca. Quando veio o champanhe que ele pedira, os olhos dela brilharam.

— O senhor está se saindo... — disse Mildred.

— Só porque pedi champanhe? — perguntou ele, negligente, como se nunca bebesse outra coisa.

— Fiquei admirada quando me convidou para ir ao teatro.

A conversa não corria muito fácil, pois Mildred não parecia ter muita coisa a dizer; e Philip, nervoso, tinha consciência de não a estar divertindo. A garota escutava distraída o que ele dizia, com os olhos nas outras pessoas, e não procurava mostrar nenhum interesse pelo companheiro. Este disse uma ou duas pilhérias, mas ela as tomou a sério. O único sinal de vivacidade que Philip percebeu nela foi ao falar nas outras empregadas da casa de chá; Mildred não podia suportar a gerente e começou a enumerar-lhe todas as suas iniquidades.

— Não a engulo de jeito nenhum com aqueles ares que ela se dá. Às vezes é por um triz que eu não lhe digo na cara certas coisas que ela pensa que eu não sei...

— Que coisas?

— Ora, eu sei muito bem que ela de vez em quando vai passar o domingo com um homem em Eastbourne. Uma das garotas tem uma irmã casada que vai lá com o marido e ela viu a gerente. Hospedou-se na mesma pensão e andava de aliança, mas eu sei muito bem que ela não é casada.

Philip encheu-lhe o copo na esperança de que o champanhe a tornasse mais afável; ansiava por que aquela festinha fosse coroada de sucesso. Notou que ela segurava a faca como se fosse uma caneta e erguia o dedo mínimo quando levava o copo à boca. Atacou diversos tópicos, mas não conseguia interessá-la. Lembrou-se irritado de que a vira rir e conversar pelos cotovelos com o alemão. Terminaram de jantar e se dirigiram para o teatro. Philip, que era um rapaz culto, olhava com desprezo a comédia musicada. Achava as pilhérias comuns e as melodias banais; parecia-lhe que na França faziam aquilo muito melhor. Mildred, porém, divertia-se a valer; ria até lhe doerem as costelas, olhando para Philip quando achava graça em alguma coisa, a fim de trocar com ele um olhar de satisfação. Aplaudia, enlevada.

— Com esta são sete vezes que eu venho — disse ela, depois do primeiro ato — e sou capaz de vir mais sete.

Mostrou-se bastante interessada pelas mulheres que se achavam nas suas proximidades. Chamou a atenção de Philip apontando para as que estavam pintadas e para as que usavam cabeleira postiça.

— Essa gente de West End é horrível. Não sei como conseguem fazer isso — disse ela, levando a mão ao cabelo. — Este aqui é meu mesmo.

Não achava ninguém digno de admiração e sempre que falava de alguém era para dizer alguma coisa desagradável. Isso causou mal-estar a Philip. Imaginou que no dia seguinte ela contaria às colegas que tinha saído com ele e se aborrecera mortalmente. Aquela criatura lhe desagradava e, no entanto, não sabia por que desejava estar junto dela. A caminho de casa, perguntou:

— Então, divertiu-se?

— Assim...

— Quer sair outra vez comigo uma noite dessas?

— Pois não.

Não conseguia dela outras expressões que não essas. Semelhante indiferença o enraivecia.

— Isso parece querer dizer que pouco lhe importa vir ou não.

— Ora, se o senhor não me levar, outro qualquer me leva. Não faltam homens para me levar ao teatro.

Philip ficou silencioso. Chegaram à estação e ele foi à bilheteria.

— Eu tenho o meu passe.

— Como já é um tanto tarde pensei em acompanhá-la, se é que isso não lhe faz diferença.

— Se isso lhe dá prazer, para mim é indiferente.

Comprou para ela uma passagem simples, de primeira classe e, para si mesmo, uma de ida e volta.

— O fato é que o senhor não é mesquinho... — disse ela quando Philip lhe abriu a porta do vagão. Philip não sabia se havia de ficar satisfeito ou não quando entrou mais gente no carro e a conversa se tornou impossível. Desceram em Herne Hill e ele a acompanhou até a esquina da rua em que ela morava.

— Vou lhe dar boa-noite — disse Mildred estendendo a mão. — É melhor não ir até a porta. Sei como essa gente é e não quero dar o que falar a ninguém.

Despediu-se e afastou-se rapidamente. Ele avistava o xale branco na escuridão. Pensou que ela fosse olhar para trás, mas Mildred não voltou a cabeça. Philip tomou nota da casa em que ela entrava, e em seguida se aproximou para examiná-la. Era uma casinha de tijolos amarelos, comum e bem-arranjadinha — exatamente igual às demais da rua. Deteve-se por alguns

minutos ali fora e dentro em pouco a janela do sobrado escureceu. Voltou lentamente para a estação. A noite não tinha sido satisfatória. Sentia-se irritado, inquieto e infeliz.

Estirado na cama, ainda lhe parecia vê-la sentada no canto do vagão, com o xale de crochê na cabeça. Não sabia como havia de passar as horas que deviam decorrer antes que tornasse a vê-la. Pensava sonolento em seu rosto fino, de feições delicadas, e na palidez esverdeada de sua pele. Não era feliz a seu lado, mas longe dela sentia-se infeliz. Queria estar junto de Mildred, a contemplá-la, queria tocá-la, queria... — veio-lhe um pensamento que não completou, e de súbito ficou bem acordado — ... queria beijar-lhe os lábios pálidos e delgados. A verdade lhe chegou afinal. Amava-a. Era incrível.

Tinha pensado muitas vezes em se apaixonar e uma cena havia que repetidamente imaginara. Via-se entrando num salão de baile; seus olhos pousavam num pequeno grupo de homens e mulheres entretidos em conversa; uma delas se voltava. Os olhares de ambos se encontravam e ele sabia que ela também sentira aquela mesma opressão na garganta. Ficava imóvel. Ela era alta, bela e morena, de olhos cor da noite; estava vestida de branco e em seus cabelos negros refulgiam brilhantes. Ficavam a contemplar-se, esquecidos das pessoas em redor. Ele se dirigia para ela, e ela avançava na sua direção. Ambos sentiam que a formalidade de uma apresentação seria fora de lugar.

“Estive a procurar-te durante toda a vida”, dizia Philip.

“Chegaste por fim”, ela murmurava.

“Dançamos?”

Ela se lhe entregava nos braços e saíam a dançar. (Philip fazia de conta que não era coxo.) Ela dançava divinamente.

“Nunca tive um par que dançasse como você”, sussurrava ela. Rasgava o carnê de baile e ficavam a dançar toda a noite.

“Dou graças a Deus por haver lhe esperado”, dizia-lhe ele. “Sabia que por fim havia de lhe encontrar.”

Os outros olhavam para eles. Pouco se lhes dava. Não queriam esconder sua paixão. Iam depois ao jardim. Ele lhe cobria os ombros com um manto muito leve e a levava para o carro que os esperava. Tomavam o trem da meia-noite para Paris; e, dentro da noite silenciosa e estrelada, corriam para o desconhecido.

Lembrando-se desse velho sonho, parecia-lhe impossível que estivesse apaixonado por Mildred Rogers. Era um nome grotesco. Não a achava bonita;

detestava-lhe a magreza; só aquela noite em que a vira decotada é que lhe notara a saliência dos ossos. Uma a uma, recompôs-lhe as feições. Não gostava da boca e sentia uma vaga repulsa pela sua cor doentia. Ela era vulgar. Suas frases, tão grosseiras e raras, repetidas constantemente, demonstravam-lhe a vacuidade do espírito. Recordou-se do risinho grosseiro que lhe provocavam as pilhérias da comédia; lembrou-se do dedinho cuidadosamente estendido quando levava o copo à boca. Nas maneiras, como na conversa, ela afetava uma distinção odiosa. Sua insolência veio-lhe à mente; às vezes sentia desejos de sentar-lhe um tapa no ouvido; e de repente, sem saber por quê — talvez pela idéia de maltratá-la ou pela lembrança daquelas orelhas minúsculas e bonitas —, foi arrebatado por uma onda de emoção. Desejou-a com veemência. Imaginou tomá-la nos braços, enlaçar aquele corpo delgado e frágil, beijar-lhe os lábios descorados; veio-lhe uma vontade de passar os dedos naquelas faces levemente esverdeadas. Queria-a.

Imaginara o amor como um arrebatamento que se assenhoreasse de nós, de tal modo que o mundo todo pareceria em plena primavera. Havia esperado uma felicidade extática; mas aquilo não era felicidade — era uma fome da alma, um desejo doloroso, uma angústia amarga que ainda não conhecia. Tentou descobrir em que momento aquilo havia começado. Não conseguiu. Lembrava-se de que cada vez que entrava na casa de chá, depois das primeiras duas ou três vezes que lá fora, levava no coração um leve sentimento de dor. Recordava-se de que quando ela lhe falava, ele sentia uma opressão estranha no peito. Quando Mildred o deixava era o sofrimento, quando ela voltava era o desespero.

Estirou-se na cama como costumam estirar-se os cães. De que modo iria suportar na alma aquela dor sem trégua?



Philip acordou cedo na manhã seguinte e seu primeiro pensamento foi para Mildred. Ocorreu-lhe que podia encontrá-la na estação e acompanhá-la até a casa de chá. Barbeou-se apressado, enfiou atabalhoadamente a roupa e tomou o ônibus para a Estação Vitória. Às vinte para as oito lá estava a observar os trens que chegavam. Àquela hora da manhã, empregados e empregadas de lojas e escritórios despencavam dos vagões aos magotes, acotovelavam-se na plataforma, precipitando-se para a saída, ora aos pares, aqui e ali em grupos de moças, porém quase sempre sozinhos. Pálidos na maioria, tinham o olhar abstrato e a luz matinal lhes dava uma aparência desagradável. Os mais moços avançavam lépidos, como se tivessem prazer em palmilhar o cimento da plataforma; mas os outros caminhavam como que movidos por um mecanismo qualquer, com os rostos contraídos numa carranca ansiosa.

Por fim Philip avistou Mildred e foi em sua direção, sôfrego.

— Bom dia — disse ele. — Pensei em vir saber como estava depois da noite de ontem.

Ela trazia um velho impermeável marrom e um chapéu de oleado. Era evidente que não sentia prazer em vê-lo.

— Ora... Estou bem. Não tenho muito tempo a perder.

— Não faz diferença que eu a acompanhe pela Victoria Street?

— Estou em cima da hora. Preciso caminhar depressa — respondeu ela, olhando para o pé de Philip.

Ele ficou escarlate.

— Desculpe, então. Não a detenho.

— Como quiser...

Mildred continuou a andar e Philip, descorçoado, foi fazer a sua primeira refeição em casa. Odiava-a. Sabia que era tolice incomodar-se por causa dela; Mildred jamais lhe viria a dar a mínima importância, e devia olhar com repulsa para a sua deformidade. Resolveu não ir tomar chá naquela tarde, mas, sentindo ódio de si mesmo, foi. Quando entrou, ela lhe acenou com a cabeça e sorriu.

— Acho que hoje de manhã fui um pouco seca com o senhor. Foi surpresa, sabe? Eu não esperava encontrá-lo.

— Oh, não tem importância.

Sentiu-se de súbito aliviado dum grande peso. Era-lhe imensamente grato por aquela palavra de bondade.

— Por que não se senta? — perguntou. — Ninguém a está chamando agora.

— Está bem...

Philip olhou para ela mas não pôde achar o que dizer. Ansioso, espremia o cérebro procurando alguma observação que a pudesse reter ao seu lado. Desejava dizer-lhe naquele instante o quanto ela significava para ele, mas, agora que amava de verdade, não sabia como falar de amor.

— Onde está o seu amigo do bigode louro? Não o tenho visto ultimamente.

— Ah... Voltou pra Birmingham. O negócio dele fica lá. Só vem a Londres de vez em quando.

— Está apaixonado por você?

— Pergunte a ele que é melhor. E se estiver, não sei o que é que o senhor tem com isso.

Uma resposta azeda veio-lhe à ponta da língua, mas Philip estava aprendendo a dominar-se.

— Só queria saber por que diz coisas como essa — foi tudo quanto se permitiu dizer.

Ela o contemplou com aqueles seus olhos indiferentes.

— Parece que não me tem em grande estima... — recomeçou ele.

— Que razão tenho para isso?

— Nenhuma.

Philip estendeu a mão para o seu jornal.

— O senhor é muito nervoso — disse ela quando lhe viu o gesto. — Ofende-se por qualquer coisa.

Ele sorriu e olhou, súplice, para ela.

— Quer me fazer um favor? — perguntou.

— Depende...

— Deixe que eu a acompanhe até a estação esta noite.

— Para mim tanto faz.

Philip saiu após o chá e voltou para o seu apartamento, mas às oito, quando a casa fechou, ele estava esperando à porta.

— O senhor é esquisito — disse ela ao sair. — Não o compreendo.

— Não pensei que fosse assim tão difícil — respondeu ele com aspereza.

— Alguma das empregadas viu o senhor me esperando?

— Não sei nem quero saber.

— Elas todas riem do senhor, sabe? Dizem que o senhor está bobo por mim.

— Por muito que isso lhe importa... — resmungou ele.

— Não comece a brigar.

Na estação ele comprou uma passagem e disse que ia acompanhá-la até a casa.

— O senhor parece que tem muito tempo... — disse ela.

— Acho que posso fazer do meu tempo o que bem entender.

Pareciam estar sempre na iminência de uma disputa. O fato era que ele se odiava por amá-la. Mildred vivia humilhando-o, e, a cada desfeita que suportava, seu ressentimento crescia. Àquela noite, porém, ela estava mais amável e loquaz. Contou-lhe que os pais haviam morrido. Deu-lhe a entender que não precisava trabalhar para viver e, se o fazia, era por divertimento.

— Minha tia não gosta que eu trabalhe. Em casa eu tenho do bom e do melhor. Não quero que o senhor pense que eu trabalho porque tenho necessidade.

Philip sabia que ela não estava falando a verdade. O código da classe a que ela pertencia levava-a a usar esse pretexto para evitar o desdouro de ser obrigada a trabalhar.

— Minha família é muito bem relacionada.

Philip sorriu de leve e ela o percebeu.

— Do que você está rindo? — perguntou vivamente. — Não acredita que eu esteja falando a verdade?

— Claro que acredito.

Ela lhe lançou um olhar desconfiado, mas logo a seguir não resistiu à tentação de impressioná-lo com os esplendores de seu passado.

— Meu pai sempre teve carro e em casa nós tínhamos três criados. Uma cozinheira, uma criada e um homem para serviços de fora. Tínhamos rosas que era uma beleza. As pessoas chegavam a parar no portão para perguntar de quem era a casa que tinha rosas tão lindas. Não me fica muito bem andar

misturada com essas garotas da casa de chá. Não é com gente dessa classe que estou acostumada a andar, e às vezes até penso que por causa disso eu devia mesmo deixar de trabalhar. Pode ter certeza de que o trabalho é o de menos. Ter de me misturar com essa gente é que é...

Estavam sentados um defronte ao outro no trem e Philip, escutando com simpatia o que ela contava, sentia-se perfeitamente feliz. Aquela ingenuidade o divertia, comovendo-o um pouco. Notou uma cor muito leve nas faces dela e achou que seria delicioso beijá-la no queixo.

— No momento em que o senhor entrou lá na casa eu vi que se tratava dum cavalheiro em toda a extensão da palavra. Seu pai era formado?

— Era médico.

— A gente reconhece logo um homem formado. Eles têm qualquer coisa, eu não sei o que é, mas logo reconheço.

Saíram juntos da estação.

— Olhe, quero que vá comigo ao teatro outra vez.

— Para mim tanto faz.

— Ao menos podia dizer que gostaria de ir.

— Por quê?

— Não tem importância. Vamos marcar o dia. Sábado está bom?

— Está.

Combinaram outros pormenores e por fim pararam na esquina da rua em que ela morava. Mildred lhe estendeu a mão, que ele segurou na sua.

— Escute, tenho muita vontade de tratá-la pelo seu nome, Mildred.

— Se quiser pode tratar, não me importo.

— E você, Mildred, me tratará também por Philip?

— Se não me esquecer... Acho mais natural lhe chamar de senhor.

Philip a atraiu um pouco para si, mas Mildred inclinou-se para trás.

— Que é isso?

— Não quer me dar um beijo de despedida? — sussurrou.

— Que atrevimento!

Retirou a mão bruscamente e caminhou apressada para casa.

Philip comprou bilhetes para a noite de sábado. Nesse dia Mildred não saía cedo e portanto não teria tempo de ir trocar de roupa em casa. Pretendia, porém, trazer um vestido consigo pela manhã e vesti-lo às pressas na casa

onde trabalhava. Se a gerente estivesse de bom humor, a deixaria sair às sete. Philip combinou esperá-la na esquina aos quinze para as sete. Aguardava esse momento com dolorosa sofreguidão, porque no carro, durante o trajeto do teatro à estação, julgava que ela se deixaria beijar. O veículo oferecia todas as facilidades para passar o braço em torno da cintura de uma garota (os *cabs* daquele tempo tinham essa vantagem sobre os táxis de hoje) e só esse prazer compensava as despesas da noite.

Mas na tarde de sábado, quando foi tomar o seu chá, a fim de confirmar o que haviam combinado, Philip encontrou o homem do bigode louro que ia saindo. Já sabia que ele se chamava Miller. Era um alemão naturalizado que inglesara o nome e morava na Inglaterra havia muitos anos. Philip ouvira-o falar e, embora o seu inglês fosse fluente e natural, não tinha de todo a entonação do inglês nato. Philip sabia que ele cortejava Mildred e tinha-lhe um ciúme horrível. Consolava-se, entretanto, com a frieza do temperamento dela, que por outro lado o fazia sofrer. E, julgando-a incapaz de paixão, não achava que o rival estivesse em situação muito melhor que a sua. Mas agora o coração lhe desfalecia, pois a sua primeira idéia foi de que o súbito aparecimento de Miller pudesse prejudicar a noitada que aguardara com tanta ansiedade. Entrou preso de horrível apreensão. A empregada se aproximou dele, perguntou-lhe o que queria e em seguida o serviu.

— Sinto muito — disse ela com uma expressão de mágoa sincera. — Esta noite não posso sair.

— Por quê?

— Não faça essa cara tão séria — riu ela. — A culpa não é minha. Minha tia adoeceu ontem. E como é a noite de folga da criada, eu tenho de ir cuidar dela. Minha tia não pode ficar sozinha, não acha?

— Não importa. Eu lhe acompanho até em casa.

— Mas você comprou as entradas. Seria uma pena não aproveitar...

Philip tirou-as do bolso e rasgou-as ostensivamente.

— Por que é que fez isso?

— Acha então que vou assistir sozinho a uma revista vagabunda? Só comprei as entradas por sua causa.

— Se é só para me levar até em casa, desista.

— Arranjou outro compromisso?

— Não sei o que quer dizer com isso. Você é tão egoísta como os outros. Não pensa em mais ninguém. Não tenho culpa que a minha tia não esteja

bem.

Somou apressadamente a nota de despesa e retirou-se. Philip conhecia pouco as mulheres, pois do contrário saberia que um homem deve aceitar as mentiras mais transparentes. Resolveu ficar vigiando a casa para ver ao certo se Mildred saía ou não com o alemão. Tinha a lamentável paixão de certificar-se de tudo. Às sete postou-se na calçada vizinha. Observou os arredores procurando Miller, mas não o viu. Dentro de dez minutos Mildred saiu; trazia a capa e o xale que usava quando Philip a levava ao Shaftesbury Theatre. Era evidente que ela não ia para casa. Avistou Philip antes que este tivesse tempo de se afastar. Teve um pequeno sobressalto e depois caminhou direto até ele.

— Que é que está fazendo aí? — perguntou.

— Tomando ar.

— Está é me espiando, seu tipinho ordinário. Pensei que você fosse um *gentleman*.

— Acha que um *gentleman* podia se interessar por você? — murmurou Philip. Tinha dentro de si um demônio que o forçava a agravar as coisas. Desejava feri-la tanto quanto ela o estava ferindo.

— Acho que posso mudar de idéia quando me dá vontade. Não sou obrigada a sair com você. Já disse que vou para casa e não quero ser seguida nem vigiada.

— Viu Miller, hoje?

— Não é da sua conta. Para falar a verdade, não vi. Você se enganou outra vez.

— Avistei-o esta tarde. Ia saindo da casa de chá quando eu entrava.

— Pois bem, e daí? Posso sair com ele se quiser, não posso? Não sei o que é que você tem com isso.

— Ele está lhe fazendo esperar, não está?

— Ora... prefiro esperar por ele a ver você esperando por mim. Leve essa para casa, ouviu? Pode ir embora e não se meta mais no que não é da sua conta.

Philip passou repentinamente da cólera ao desespero, e quando falou a voz lhe tremia:

— Escute aqui, não me trate tão mal, Mildred. Você sabe quanto gosto de você. Eu a amo de todo o coração. Por que não resolve o contrário? Eu queria tanto lhe levar ao teatro esta noite... Veja, ele não veio,

não faz o menor caso de você. Não quer jantar comigo? Eu compro outras entradas e vamos aonde você quiser.

— Eu já disse que não vou. Não adianta falar. Já resolvi, e quando eu digo uma coisa, não volto atrás.

Philip contemplou-a por um instante. Tinha o coração dilacerado de angústia. Gente passava apressada pela calçada e os carros e ônibus rodavam estrepitosos. Notou que os olhos de Mildred procuravam alguém. Ela temia perder Miller no meio da multidão.

— Não posso continuar assim — gemeu Philip. — É por demais degradante. Se eu me for agora será para sempre. Se não sair comigo esta noite, nunca mais me verá.

— Você parece pensar que eu vou ficar muito sentida com isso... O que eu posso dizer é que bons ventos o levem!

— Então, adeus.

Ele inclinou a cabeça e retirou-se lentamente, a manquejar, pois esperava do fundo da alma que ela o chamasse. Parou junto do primeiro poste e olhou por cima do ombro. Pensava que ela lhe acenaria — estava pronto a esquecer tudo, estava disposto a qualquer humilhação — mas Mildred voltara as costas e parecia ter cessado de pensar nele. Philip compreendeu que ela estava satisfeita por se ver livre dele.

Philip passou uma noite atribulada. Havia dito à sua senhoria que não voltaria e por isso não encontrou o que comer; teve de ir jantar no Gatti. Voltou depois para os seus aposentos, mas Griffiths divertia-se com os amigos no andar superior e essa bulhenta alegria tornava-lhe a infelicidade ainda mais difícil de suportar. Foi a um *music-ball*, mas era sábado e não mais havia lugares: ficou de pé. Depois de enfastiar-se durante meia hora, sentiu as pernas cansadas e foi para casa. Tentou ler, mas não conseguiu se concentrar, embora precisasse estudar. O exame de biologia estava marcado para dali a menos de quinze dias e, conquanto fosse fácil ultimamente, ele havia faltado às aulas e sabia não estar preparado. Tratava-se apenas da prova oral e Philip estava certo de que numa quinzena aprenderia da matéria o suficiente para passar arranhando. Confiava na sua inteligência. Jogou o livro para um lado e entregou-se deliberadamente aos pensamentos que não lhe saíam do espírito.

Censurou-se amargamente pela maneira como se conduzira aquela noite. Por que havia posto Mildred na alternativa de jantar com ele ou não vê-lo mais? A recusa era certa. Devia ter contado com o orgulho dela. Havia cortado a própria retirada! Aquilo não seria tão difícil de suportar se ele soubesse que ela também estava sofrendo, mas conhecia-a de sobejo: a mulher tinha por ele a mais completa indiferença. Se não fosse tolo podia ter fingido acreditar nas suas histórias. Devia ter tido a força de esconder o seu desapontamento e dominar o seu furor. Não saberia dizer por que a amava. Lera a respeito da idealização do ser amado, mas sabia exatamente como ela era. Mildred não era jovial nem inteligente, tinha o espírito comum e era duma astúcia vulgar que o revoltava; nela não havia delicadeza nem afabilidade.

Como ela própria diria, “não nasci ontem”. A coisa que mais lhe despertava a admiração era uma boa peça pregada a uma pessoa de boa-fé. “Levar alguém na conversa” sempre lhe dava satisfação. Philip ria desabaladamente ao pensar nas suas “boas maneiras” e no refinamento com que ela comia. Não suportava uma palavra rude, e, até onde lhe permitia o seu vocabulário limitado, tinha a paixão do eufemismo e farejava indecência em



toda parte. Jamais diria “calças” e sim “roupa de baixo”. Achava um tanto indelicado assoar o nariz e fazia isso com um ar de quem pede desculpas. Extremamente anêmica, sofria por isso de dispepsia. Philip sentia repulsa pelo seu busto sem relevo e ancas estreitas, e detestava aqueles penteados vulgares. Odiava-se e desprezava-se por amá-la.

Nem por isso se sentia menos desamparado. Tinha a mesma sensação de quando, na escola, caía nas mãos de um colega maior que ele. Lutava contra a força superior até que a sua própria se esgotava e entregava-se exausto, não podendo mais consigo mesmo. Lembrava-se daquela singular lassidão dos membros, que era quase uma paralisia. Era como se estivesse morto. Era esta mesma fraqueza que sentia agora. Amava aquela mulher como jamais havia amado. Pouco lhe importavam os defeitos físicos ou de caráter, parecia-lhe amá-los também. Pelo menos nada significavam para Philip. Era como se aquilo nada tivesse a ver com ele; sentia que tinha sido arrebatado por alguma força estranha que o impelia contra a sua vontade e contra os seus interesses. E porque tivesse a paixão da liberdade, odiava as cadeias que o prendiam. Riu sozinho ao pensar o quanto havia ansiado por uma paixão assoberbante. Amaldiçoava-se agora por ter cedido a ela. Lembrou-se do começo; nada de tudo aquilo teria acontecido se ele não tivesse ido com Dunsford à casa de chá. Tudo fora culpa sua. Não fosse a sua ridícula vaidade, nunca teria dado importância àquela vagabunda mal-educada.

Fosse como fosse, os acontecimentos daquela noite haviam posto fim a tudo. Não poderia voltar atrás, a não ser que tivesse perdido a dignidade. Queria ardentemente livrar-se do amor que o obcecava. Era degradante e odioso. Devia tirar Mildred do pensamento. Em pouco tempo aquela angústia estaria diminuída. Seu espírito voltou ao passado. Ficou a pensar se Emily Wilkinson e Fanny Price teriam sofrido por sua causa algo de parecido com o tormento por que agora passava. Sentiu remorso.

“Eu nem imaginava o que fosse isto”, disse para si mesmo. Dormiu muito mal. No dia seguinte, domingo, estudou a sua biologia. Sentou-se com o livro diante dos olhos, formando as palavras com os lábios, a fim de fixar a atenção. Mas não podia reter nada. Seus pensamentos voltavam a todo instante para Mildred e ele repetia mentalmente a discussão, palavra por palavra. Tinha de se esforçar para voltar ao livro. Saiu para dar um passeio. As ruas da margem meridional do rio eram bastante sujas nos dias de semana, mas havia uma energia, um vaivém que lhes emprestavam uma vivacidade sórdida; nos

domingos, porém, sem as lojas abertas, sem as carroças, silenciosas e desanimadas, essas ruas eram de uma desolação indescritível. Philip tinha a impressão de que o dia não fosse acabar mais. Estava, porém, tão cansado que dormiu pesadamente e segunda-feira entrou na vida, resoluto. Aproximava-se o Natal e bom número de estudantes fora passar no campo as pequenas férias de inverno. Philip, no entanto, recusara o convite do tio para ir a Blackstable. Desculpava-se com a proximidade do exame, mas na verdade não queria afastar-se de Londres e de Mildred. Tinha negligenciado tanto o trabalho, que agora só lhe restava uma quinzena para aprender o que era ensinado em três meses. Pôs-se a trabalhar seriamente. Cada dia achava mais fácil não pensar em Mildred. Congratulava-se pela sua força de caráter. A dor que sofria já não era mais angústia, mas uma espécie de hipersensibilidade semelhante à que se segue a uma queda de cavalo, quando, embora não se tenha quebrado osso algum, fica-se abalado e cheio de escoriações. Philip viu que era capaz de observar com curiosidade a condição em que estivera durante as últimas poucas semanas. Analisava os próprios sentimentos com interesse. Achava certa graça em si mesmo. Uma coisa lhe chamou a atenção: em tais circunstâncias muito pouco importa o que se possa pensar. O sistema de filosofia pessoal que tanta satisfação tivera em arquitetar não lhe havia servido. Estava intrigado com isso.

Às vezes, porém, quando via na rua alguma garota que se parecia com Mildred, seu coração como que parava de bater. Então, sem se poder conter, apressava-se para alcançá-la, sôfrego e ansioso, para no fim verificar que era apenas uma desconhecida. Os colegas voltaram do campo e Philip foi com Dunsford tomar chá num “A.B.C.”.

O uniforme que tão bem conhecia despertou-lhe tal angústia que não pôde falar. Veio-lhe a idéia de que talvez Mildred tivesse sido transferida para outra sucursal da firma para a qual trabalhava e de súbito pudesse encontrar-se face a face com ela. Esse pensamento encheu-o de terror. E se Dunsford lhe notasse a perturbação? Não encontrava o que dizer. Fingia escutar o que o outro estava contando; a conversa o desesperava e o mais que podia fazer era dominar-se para não lhe pedir aos gritos que, por amor de Deus, calasse a boca.

Veio o dia do exame. Quando chegou a sua vez, Philip dirigiu-se para a banca examinadora com a maior confiança. Respondeu a três das quatro questões. Mostraram-lhe depois vários espécimes; ele assistira a muito poucas

aulas e, logo que o interrogaram sobre coisas que não podia aprender nos livros, não soube responder. Fez o que pôde para esconder a sua ignorância; o examinador não insistiu e em breve se passaram os dez minutos regulamentares. Tinha a certeza de que fora aprovado. No dia seguinte, porém, quando foi ver o resultado afixado na porta, ficou pasmado por não encontrar o seu número entre os outros. Muito admirado, percorreu a lista três vezes. Dunsford estava com ele.

— É pena que tenham lhe reprovado — disse.

Acabara de perguntar pelo número de Philip. Este se voltou e no rosto radiante do amigo viu que ele tinha passado.

— Ora, não tem nenhuma importância — disse Philip. — Ainda bem que você escapou. Ótimo! Em julho torno a apresentar-me.

Ansiava por fazer pensar ao outro que aquilo não lhe importava nem um pouco. Na volta, caminhando ao longo do Embankment, insistiu em falar de coisas corriqueiras. Dunsford, sempre bem-intencionado, queria discutir as causas do insucesso de Philip; este porém se obstinava em parecer despreocupado. Estava horrivelmente mortificado e o bom êxito de Dunsford, que ele considerava um sujeito muito simpático mas perfeitamente obtuso, tornava a sua derrota mais difícil de suportar. Sempre se orgulhara da própria inteligência, e agora perguntava-se desesperado se não estaria enganado na opinião que fazia de si mesmo.

Nos três meses do período de inverno, os estudantes matriculados em outubro tinham já os seus grupos e, dum modo geral, fizera-se visível quais eram os brilhantes, quais os inteligentes ou aplicados e quais os “casos perdidos”. Philip estava cômico de que a sua reprovação não fora surpresa senão para si próprio. Era hora do chá e ele sabia que grande número de colegas se encontrariam a tomá-lo no rés-do-chão da Escola de Medicina; os que tinham passado nos exames estariam exultantes, os que não gostavam dele haviam de lançar-lhe um olhar de satisfação, e os pobres-diabos que tinham sido reprovados o tratariam com simpatia, a fim de receberem o mesmo tratamento. Seu impulso era afastar-se do hospital e voltar depois de uma semana, quando ninguém mais pensasse naquilo. Mas foi, precisamente por que lhe repugnava a idéia de ir. Queria infligir-se um sofrimento. Esqueceu momentaneamente o seu princípio de seguir na vida as próprias inclinações com o devido respeito ao guarda da esquina; ou, se procedia de acordo com

essa máxima, devia existir em sua natureza algo de estranhamente mórbido que o levava a experimentar um sinistro prazer em se torturar.

Mais tarde, porém, quando, depois de suportar a provação que se impusera, saiu para a noite depois da ruidosa conversação na sala de fumar, tornou-se presa de um sentimento de profunda solidão. Philip achava-se absurdo e vão. Sentia uma necessidade urgente de consolo e a tentação de ver Mildred era irresistível. Pensou amargamente que havia bem pouca esperança de consolação da parte dela; mas queria vê-la mesmo que fosse para não lhe falar. Afinal, sendo uma empregada da casa de chá, ela seria obrigada a servi-lo. Era, no mundo inteiro, a única pessoa com quem se importava. Inútil tentar esconder isso. Naturalmente seria humilhante voltar àquela casa como se nada tivesse acontecido, mas já não tinha muito amor-próprio. Embora não confessasse a si mesmo, passara todos aqueles dias na ilusão de que ela lhe escreveria. Mildred sabia que uma carta endereçada ao hospital chegaria às mãos dele; mas não havia escrito: era evidente que pouco lhe importava tornar ou não a vê-lo. E continuava a repetir consigo mesmo:

— Preciso vê-la. Preciso vê-la.

O desejo era tão grande que Philip não teve paciência de ir a pé: saltou para um carro. Era muito econômico e jamais tomava um *cab* quando podia evitá-lo. Ficou à frente da casa de chá por um minuto ou dois. Veio-lhe a idéia de que talvez ela tivesse deixado o emprego e, aterrado, apressou-se a entrar. Viu-a no mesmo instante. Sentou-se e Mildred se aproximou.

— Chá e bolo — pediu ele.

Mal podia falar. Por um momento teve medo de romper em pranto.

— Pensei que tinha morrido — disse Mildred.

Estava sorrindo. Sorrindo! Parecia ter esquecido por completo a cena que ele relembrou uma centena de vezes.

— Pensei que se quisesse me ver teria escrito.

— Tenho muito que fazer para andar escrevendo cartas.

Decididamente, era-lhe impossível dizer uma palavra amável. Philip amaldiçoou o destino que o acorrentava a semelhante mulher. Mildred foi buscar o chá.

— Gostaria que eu me sentasse um pouquinho? — perguntou ao voltar.

— Sim.

— Por onde andou todo esse tempo?

— Por aqui mesmo.

— Pensei que estivesse de férias. Por que não apareceu, então?

Philip contemplou-a com os olhos ansiosos e apaixonados.

— Não se lembra de eu ter dito que nunca mais a veria?

— E o que é que está fazendo agora?

Ela parecia querer fazê-lo beber até o fim o cálice da humilhação: mas Philip a conhecia bastante bem para saber que ela falava a esmo; magoava-o terrivelmente, sem ter jamais tal intenção. Philip não respondeu.

— Foi uma sujeira o que você fez em me espiar daquele jeito. Sempre pensei que você fosse um cavalheiro em toda a extensão da palavra.

— Não judie de mim, Mildred. Não posso suportar isso.

— Você é um sujeito engraçado. Não consigo entender você.

— É muito simples. Sou um idiota tão grande que a amo de corpo e alma e sei que você não me dá a menor importância.

— Se você fosse um *gentleman*, tinha vindo me pedir perdão no outro dia.

Mildred era impiedosa. Philip contemplou-lhe o pescoço e pensou no quanto gostaria de cravar nele a faca que estava em cima da mesa. Sabia bastante anatomia para não errar a carótida. E, ao mesmo tempo, queria cobrir de beijos aquele rosto miúdo e pálido.

— Se ao menos você pudesse compreender o quanto eu a amo...

— Você ainda não me pediu perdão.

Philip ficou pálido. Ela achava que não tinha a menor culpa e queria agora que ele se humilhasse. Philip era muito orgulhoso. Durante um instante esteve tentado a mandá-la para o inferno, mas não se atreveu. A paixão tornava-o abjeto. Estava pronto para submeter-se a tudo, menos deixar de vê-la.

— Sinto muito, Mildred. Peço-lhe que me perdoe.

Teve de arrancar as palavras à força. Foi um esforço horrível.

— Agora que você pediu perdão, não me importo de lhe dizer que eu preferia ter saído com você aquela noite. Pensei que Miller fosse um cavalheiro, mas vi que estava enganada. Em seguida dei-lhe o fora.

Philip susteve a respiração.

— Mildred, não quer sair comigo esta noite? Vamos jantar em algum lugar.

— Oh, não posso. Minha tia está me esperando em casa.

— A gente passa um telegrama. Pode dizer que teve de ficar no emprego; ela não vai desconfiar. Oh, por favor, vamos! Pelo amor de Deus! Não vejo você há tanto tempo. Quero conversar com você.

Mildred baixou o olhar para o vestido.

— Não se preocupe com isso. Vamos a alguma parte onde se possa estar de qualquer jeito. E depois iremos a um *music-ball*. Diga que sim, por favor. Isso me deixaria tão feliz...

A garota hesitou um momento. Philip olhava para ela com expressão súplice e lastimosa.

— Bom, não é má idéia. Nem sei quanto tempo faz que não vou a parte alguma.

Foi com a maior dificuldade que ele dominou o ímpeto de tomar-lhe da mão e ali mesmo cobri-la de beijos.

Jantaram no Soho. Philip estava trêmulo de alegria. Não era dos restaurantes baratos mais freqüentados, desses onde as pessoas respeitáveis e de pouco dinheiro jantam na crença de que isso os torna boêmios e na certeza de que é econômico. Era um humilde estabelecimento, mantido por um homem de Rouen ajudado pela mulher. Philip o havia descoberto por acaso. Sentira-se atraído pela aparência gaulesa da vitrina, onde se via geralmente um bife cru num prato ladeado por duas travessas de verduras. As mesas eram servidas por um bolorento garçom francês que tentava aprender o inglês numa casa onde nunca ouvia outra língua senão a sua própria; e os fregueses eram umas poucas senhoras de virtude fácil, um ou dois *ménages* que tinham seus guardanapos reservados, e alguns homens estranhos que ali entravam para fazer refeições parcas e apressadas.

Philip e Mildred conseguiram uma mesa. Philip mandou o garçom buscar uma garrafa de borgonha na taverna mais próxima. Foi-lhes servido *potage aux herbes*, um *bife aux pommes* — o da vitrina — e uma *omelette au kirsch*. O jantar e o ambiente tinham um ar romântico. Mildred, a princípio um tanto reservada na sua apreciação — “Não confio muito nos restaurantes estrangeiros, a gente nunca sabe o que põem nesses pratos complicados” —, foi ficando insensivelmente encantada com tudo.

— Gosto deste lugar, Philip — disse ela. — A gente até podia pôr os cotovelos na mesa, não acha?

Entrou um tipo alto, de cabeleira grisalha, barba rala e descuidada. Vestia uma capa andrajosa e um chapéu de copa baixa. Fez uma inclinação de cabeça para Philip, que já o havia encontrado ali.

— Parece um anarquista — disse Mildred.

— E é mesmo. Um dos mais perigosos da Europa. Esteve em todas as prisões do continente e é, entre os que escaparam à força, o detentor do recorde dos assassinatos. Anda sempre com uma bomba no bolso, e naturalmente isso torna a conversa um pouco difícil, porque quando

discordam dele, o homem põe a bomba em cima da mesa com um jeito significativo.

Mildred considerou com horror e surpresa o recém-chegado e depois lançou a Philip um olhar desconfiado. Viu-lhe a expressão divertida dos olhos e franziu um pouco o sobrolho.

— Você está me fazendo de boba.

Ele soltou uma risada jovial. Sentia-se tão feliz... mas Mildred não gostava que rissem à sua custa.

— Não vejo nada de engraçado em dizer mentiras.

— Não se zangue.

Tomou-lhe da mão, que estava sobre a mesa, e apertou-a suavemente.

— Você é tão querida que seria capaz de beijar o chão que você pisa.

A palidez esverdeada da pele de Mildred o inebriava e seus lábios finos e brancos tinham uma fascinação extraordinária. A anemia tornava-lhe a respiração um tanto curta e ela conservava a boca entreaberta. Isso parecia acrescentar-lhe alguma coisa ao encanto da face.

— Gosta mesmo um pouquinho de mim, não gosta? — perguntou ele.

— Ora, se não gostasse, havia de estar aqui? Você é um cavalheiro em toda a extensão da palavra, não se pode negar.

Tinham acabado de jantar e estavam tomando café. Jogando a economia pela janela, Philip fumava um charuto caro.

— Não pode imaginar que prazer é para mim estar aqui sentado na sua frente, olhando para você. Suspirava por você. Sua falta me punha doente.

Mildred sorriu um pouco e corou de leve. Naquele momento não estava sofrendo de dispepsia que geralmente a atacava logo após as refeições. Nunca se sentira mais bem-disposta para com Philip e a desusada ternura de seus olhos o enchia de alegria. Ele sabia por instinto que era loucura entregar-se-lhe nas mãos; sua única esperança estava em tratá-la com desapego e nunca permitir que Mildred visse a paixão indomável que lhe fervia no peito. Ela não faria senão aproveitar-se de sua fraqueza; mas nesse momento não podia conduzir-se com prudência: disse-lhe toda a agonia que suportara durante a separação; contou-lhe de suas lutas íntimas, de como tentara dominar aquela paixão, e de como, pensando havê-lo conseguido, descobrira no fim que ela estava mais forte do que nunca. Sabia que jamais quisera realmente livrar-se dela. Amava Mildred de tal maneira que não lhe importava o sofrer. Pôs o coração a nu diante dela. Mostrou-lhe, com orgulho, toda a sua fraqueza.



Nada teria sido mais agradável a Philip do que continuar sentado naquele modesto e cômodo restaurante, mas sabia que Mildred desejava divertir-se. Ela era inquieta e, onde quer que se encontrasse, depois de algum tempo queria ir para algum outro lugar. Philip receava enfastiá-la.

— E se fôssemos a um *music-ball*? — sugeriu, pensando que se ela de fato se interessasse por ele, preferiria ficar onde estavam.

— Eu estava mesmo pensando que se nós vamos a algum outro lugar, já era tempo de ir saindo.

— Vamos, então.

Philip esperou com impaciência o fim da representação. Já havia resolvido precisamente o que fazer e, quando entraram no carro, passou-lhe o braço em torno da cintura como se fosse por um gesto inadvertido. Mas retirou-o vivamente, com uma fraca exclamação. Picara-se.

Ela se pôs a rir.

— Isso é bem feito para não andar metendo o braço onde não deve. Eu sempre sei quando os homens me abraçam às escondidas. Nunca deixam de se picar nesse alfinete.

— Terei mais cuidado.

Tornou a abraçá-la. Ela não se opôs.

— Eu me sinto tão bem... — suspirou ele, radiante.

— Se isso o deixa feliz...

O carro desceu a St. James' Street e penetrou no parque. Philip deu-lhe um beijo rápido. Tinha-lhe um medo estranho e esse gesto exigiu toda a sua coragem. Mildred ofereceu os lábios em silêncio. Se aquilo não lhe desagradava, também não parecia dar-lhe qualquer prazer.

— Se ao menos soubesse há quanto tempo eu venho desejando isto... murmurou ele.

Tentou beijá-la outra vez, mas Mildred desviou o rosto:

— Uma vez chega.

Na esperança de beijá-la novamente, continuou com ela até Herne Hill e, no fim da rua em que Mildred morava, perguntou:

— Não quer me dar outro beijo?

Ela deitou-lhe um olhar de indiferença e depois olhou em torno para ver se havia alguém.

— Para mim tanto faz.

Philip tomou-a nos braços e beijou-a apaixonadamente, mas ela o repeliu.

— Cuidado com o meu chapéu, bobo. Que desastrado!

Depois disso viu-a todos os dias. Começou a fazer os seus almoços na casa de chá, mas Mildred se opôs, dizendo que as outras podiam falar. Teve, assim, de contentar-se com o chá da tarde. Mas esperava-a sempre para acompanhá-la até a estação. Uma ou duas vezes por semana jantavam juntos. Ele lhe fez pequenos presentes, um bracelete de ouro, luvas, lenços e coisas semelhantes. Estava gastando mais do que lhe permitiam os seus recursos, mas era impossível evitá-lo: era somente quando dava alguma coisa a Mildred que ela lhe mostrava um pouco de afeição. Ela sabia o preço de tudo e a sua gratidão era exatamente proporcional ao valor do presente. Philip não cuidava disso. Sentia-se demasiado feliz quando ela o beijava espontaneamente para se lembrar da maneira por que conseguia esse tratamento. Descobriu que Mildred achava aborrecido passar os domingos em casa. Dirigia-se à Herne Hill pela manhã, encontrava-a no começo da rua e acompanhava-a à igreja.

— Sempre gostei de ir à igreja aos domingos — dizia ela. — Fica bem, não é?

Depois ela voltava para almoçar enquanto ele fazia uma refeição ligeira num hotel, e, à tarde, iam dar uma volta pelo Brockwell Park. Não tinham muito que dizer um ao outro, e Philip, desesperado, temendo maçá-la (ela se aborrecia com facilidade), espremia os miolos procurando assunto. Percebeu que esses passeios a nenhum dos dois divertiam, mas não se podia conformar com a idéia de deixá-la e fazia todo o possível para prolongá-los. Por fim Mildred ficava cansada e de mau humor. Philip sabia que ela não lhe ligava a menor importância e procurava forçar um amor que a razão lhe dizia não estar na sua natureza, que era fria. Não possuía direitos sobre ela, mas não podia deixar de ser exigente. Agora que tinham mais intimidade, achava mais difícil dominar o próprio mau humor; irritava-se com freqüência e não podia evitar de dizer-lhe palavras ásperas. Discutiam amiúde e Mildred passava algum tempo sem lhe falar; isto, porém, o reduziu sempre à sujeição e ia procurá-la humildemente. Encolerizava-se consigo mesmo por mostrar tão pouca dignidade. Sentia ciúmes furiosos se a via falar com algum freguês na casa de

chá. Nessas ocasiões parecia ficar fora de si. Insultava-a então deliberadamente, retirava-se e depois passava a noite insone, revolvendo-se na cama, tomado ora de raiva, ora de remorso. No dia seguinte ia à casa de chá implorar perdão.

— Não fique zangada comigo — dizia-lhe. — Gosto tanto de você que não posso me conter.

— Qualquer dia isto ainda acaba mal... — respondia ela.

Philip estava sôfrego por ir à casa de Mildred, a fim de que uma intimidade maior lhe desse vantagem sobre aquelas relações casuais que ela fazia durante as horas do trabalho; mas ela não lhe permitia.

— Titia ia achar muito esquisito.

Suspeitava ele de que essa recusa fosse devida unicamente à pouca vontade de lhe apresentar a tia. Mildred descrevera-a como viúva de um homem formado (era a sua fórmula de distinção), mas ele tinha a inquietante desconfiança de que a boa mulher dificilmente poderia ser chamada *distinta*. Philip imaginava que na realidade ela não passasse da viúva de um pequeno comerciante. Conhecia o esnobismo de Mildred. Não encontrava, porém, meios para lhe fazer ver que pouco lhe importava o que sua tia fosse.

A pior briga que tiveram foi uma noite, durante o jantar, quando ela lhe contou que um homem a convidara para ir ao teatro. Philip ficou pálido, com a fisionomia dura e severa.

— Não vai, não é? — disse ele.

— E por que não? É um senhor muito distinto.

— Eu a levarei aonde você quiser.

— Mas não é a mesma coisa. Não posso andar sempre com você. E depois ele me pediu que eu dissesse quando, e eu escolhi uma noite em que não saio com você. Assim não faz diferença.

— Se tivesse o menor sentimento de decência, a menor gratidão, jamais sonharia em sair com ele.

— Não sei por que fala em gratidão. Se quer se referir às coisas que me deu, pode levar tudo de volta. Não preciso delas.

A voz de Mildred tinha um tom injurioso em certos momentos.

— Não tem graça sair sempre com você. É sempre a mesma história de “gosta de mim?, gosta de mim?”. A gente fica enjoada.

Ele sabia que era loucura continuar a perguntar-lhe aquilo, mas não podia se conter.

— Ora... gosto de você, sim — respondia ela.

— Só isso? Eu a amo de todo o coração.

— Meu jeito é esse. Sou de pouca conversa.

— Se soubesse como eu ficaria feliz com uma simples palavra sua!

— Bom, o que eu sempre digo é que os outros têm de me aceitar como eu sou. Quem não gostar que não me procure.

Mas às vezes ela se expressava ainda com mais franqueza, e quando ele vinha com a pergunta, respondia:

— Oh! Não comece com isso de novo.

Philip ficava carrancudo e silencioso. Odiava-a.

— Se é assim que pensa — disse ele nessa ocasião —, não sei por que aceita sair comigo.

— Não sou eu que procuro, pode ficar bem certo disso, você é que me obriga.

Philip sentiu-se amargamente ferido no seu orgulho.

— Quando não tem quem te leve a teatros e jantares acha que eu sirvo — retrucou, furioso. — E quando aparece outro, eu posso ir para o diabo. Muito obrigado, estou farto de servir de suplente.

— Não permito que ninguém me fale desse jeito. Vou já lhe mostrar como não preciso da porcaria do seu jantar.

Ergueu-se, vestiu o casaco e saiu apressada do restaurante. Philip continuou sentado. Resolveu não se afastar dali, mas dez minutos depois saltou para um *cab* e seguiu-a. Calculou que ela tivesse tomado um ônibus para a estação; chegariam, assim, ao mesmo tempo. Viu-a na plataforma, escondeu-se dela e desceu em Herne Hill no mesmo trem. Não lhe queria falar enquanto não tivesse a caminho de casa, ocasião em que ela não lhe poderia fugir.

Logo que a garota deixou a rua principal, ruidosa e cheia de luzes, ele alcançou-a.

— Mildred! — chamou.

Ela continuou a caminhar sem olhar para trás nem responder. Philip tornou a chamar. Mildred parou, então, encarando-o.

— Que é que você quer? Eu vi você rondando na estação. Por que não me deixa em paz?

— Estou muito arrependido. Não quer fazer as pazes?

— Não. Estou farta desse seu gênio e dos seus ciúmes. Não me importo, não me importei nem nunca hei de me importar com você. Não quero ter

mais nada com você.

Seguiu caminho rapidamente e ele teve de apressar o passo para acompanhá-la.

— Não tem nenhuma consideração comigo — disse ele. —

É muito fácil ser alegre e amável quando alguém nos é indiferente. Mas quando se está apaixonado como eu é duro, muito duro. Tenha piedade de mim. Não importa que não faça caso de mim. Afinal de contas, isso não está em você. Eu só quero que permita que eu a ame.

Ela continuava a caminhar em silêncio. Philip viu, agoniado, que estavam apenas a uma centena de metros da casa em que ela morava. Rebaixou-se. Despejou uma incoerente história de amor e penitência.

— Se me perdoar só esta vez, prometo que nunca mais terá do que se queixar de mim. Pode sair com quem você quiser. Ficarei muito contente se sair comigo quando não tiver coisa melhor para fazer.

Mildred tornou a parar, porque tinham chegado à esquina onde ele sempre a deixava.

— Daqui você pode dar o fora. Não quero que vá até a porta.

— Não irei embora sem que me diga que estou perdoado.

— Estou farta, muito farta de tudo isso.

Ele hesitou um momento, porque teve a intuição de que podia dizer algo que a comovesse. Sentiu quase um engulho ao pronunciar estas palavras:

— É cruel, eu já tenho de suportar tanta coisa... Você não sabe o que é ser aleijado. Está claro que não gosta de mim. Não posso esperar que goste.

— Philip, eu nunca tive essa intenção — respondeu ela vivamente, com um súbito tremor de piedade na voz. — Você sabe que isso não é verdade.

Ele começara a representar. Falava em voz baixa e rouca.

— Oh! Eu bem o sentia!

Mildred tomou-lhe a mão e olhou para ele. Seus olhos estavam marejados de lágrimas.

— Juro que isso nunca me fez diferença. Só nos primeiros dias, depois não pensei mais nisso...

Ele mantinha um silêncio sombrio e trágico. Queria fazer-lhe crer que a emoção o dominava.

— Eu gosto muito de você, sabe, Philip? É que às vezes você é um pouco impertinente. Vamos fazer as pazes.

Estendeu-lhe os lábios e com um suspiro de alívio ele os beijou.

— Agora você é feliz de novo?

— Doidamente.

Desejou-lhe boa-noite e desceu a rua, apressada. No dia seguinte Philip levou-lhe um pequeno relógio com um broche para pregar no vestido. Era um objeto que ela vinha cobiçando.

Mas três ou quatro dias mais tarde, ao trazer o chá, Mildred lhe disse:

— Você se lembra do que prometeu aquela noite? Vai cumprir, não é?

— Vou.

Sabia exatamente o que ela queria dizer e estava preparado para o que vinha.

— Pergunto porque vou sair com aquele senhor de quem lhe falei a outra noite.

— Está bem. Faço votos para que você se divirta.

— Você não se importa, não é?

Ele já tinha um excelente domínio sobre si próprio.

— Eu não gosto disso — respondeu, sorrindo —, mas farei o possível para não lhe ser desagradável.

Mildred estava entusiasmada com o passeio e tinha prazer em falar sobre ele. Philip perguntava a si mesmo se ela fazia aquilo para magoá-lo ou simplesmente por falta de tato. Estava habituado a revelar-lhe as crueldades, tendo presente a sua falta de inteligência. Ela não tinha suficiente perspicácia para perceber quando o magoava.

“Não tem muita graça a gente estar apaixonado por uma garota que não tem imaginação nem senso de humor”, pensou ele, enquanto a escutava.

Mas a falta dessas qualidades a desculpava. Philip sentia que, se não houvesse percebido isso, jamais poderia perdoar-lhe o sofrimento que ela lhe infligia.

— Ele comprou bilhetes para o Tivoli — disse Mildred. — Pediu que eu escolhesse e eu escolhi esse teatro. Vamos jantar no Café Royal. Ele diz que é o lugar mais caro de Londres.

“É um cavalheiro em toda a extensão da palavra” — pensou Philip. Mas cerrou os dentes para que não lhe escapasse uma única sílaba.

Foi ao Tivoli e viu Mildred com o seu companheiro, um rapaz de rosto imberbe, cabelos lustrosos e com esse aspecto janota de caixeiro-viajante. Estavam sentados na segunda fila. Mildred trazia um chapéu preto com plumas de avestruz; ficava-lhe bem. Ela escutava o companheiro com aquele

sorriso tranqüilo que Philip conhecia. Não tinha vivacidade de expressão e só a franca farsa podia despertar-lhe o riso. Philip, porém, viu que ela estava interessada e divertida. Refletiu amargamente que aquele companheiro, ostentoso e jovial, servia-lhe à maravilha. Seu temperamento inerte fazia com que apreciasse gente barulhenta. Philip tinha o amor da discussão, mas nenhum talento para a conversação trivial. Admirava a gaiatice fácil em que eram mestres alguns de seus amigos, Lawson, por exemplo. E o sentimento da sua inferioridade fazia-o tímido e canhestro. As coisas que o interessavam, aborreciam a Mildred. Ela esperava que os homens falassem sobre futebol e corridas de cavalos, e Philip não conhecia nem uma nem outra coisa. Ignorava as expressões irresistíveis do humorismo vulgar.

A letra de fôrma tinha sido sempre um fetiche para Philip, e nos últimos tempos, a fim de se tornar mais interessante, pusera-se a ler com afinco o *The Sporting Times*.



Philip não se abandonou sem luta à paixão que o consumia. Sabia que todas as coisas humanas são transitórias e por isso devem cessar um dia ou outro. Suspirava ardentemente por esse dia. O amor era como um parasita em seu coração, nutrindo uma existência odiosa com o sangue de sua vida. Absorvia-o de modo tão intenso, que ele não podia encontrar prazer em outra coisa. A princípio deliciava-se com o encanto do St. James' Park, e muitas vezes sentava-se a olhar para os ramos de uma árvore recortada contra o céu: era como uma estampa japonesa. Encontrava uma magia sempre nova no lindo Tâmis com suas barcas e os seus cais; o céu mutável de Londres lhe havia enchido a alma de agradáveis fantasias. Agora, porém, a beleza nada significava para ele: ficava entediado e inquieto quando não estava com Mildred. Às vezes pensava que podia consolar sua tristeza olhando quadros, mas percorria a National Gallery como um indiferente; e nenhuma tela lhe despertava emoção. Poderia ele voltar a interessar-se por todas as coisas que amara? Fora dedicado à leitura, mas agora os livros para ele não tinham significação; passava as horas de lazer na sala de fumar do clube do hospital, folheando revistas interminavelmente. Aquele amor era um tormento e Philip se ressentia amargamente da sujeição em que ele o mantinha. Estava prisioneiro e suspirava pela liberdade.

Às vezes acordava pela manhã e nada sentia, sua alma se exaltava à idéia de estar livre e de não mais a amar. Dentro em pouco, porém, ao acordar de todo, novamente a dor se lhe aninhava no coração e ele via que ainda não estava curado. Embora desejasse Mildred como um doido, desprezava-a. Pensava consigo mesmo que não podia haver no mundo maior tortura que amar e ao mesmo tempo desprezar.

À força de analisar o estado de seus sentimentos e de continuamente discutir consigo mesmo a sua situação, Philip chegou à conclusão de que só se poderia curar daquela paixão degradante fazendo de Mildred sua amante. Era de privação sexual que ele sofria e, se pudesse pôr-lhe fim, talvez se libertasse das cadeias intoleráveis que o prendiam. Sabia que Mildred não se interessava

por ele nesse sentido. Quando a beijava apaixonadamente, ela recusava com um desgosto instintivo. Não tinha nenhuma sensualidade. Quando ele tentava provocar-lhe ciúmes, contando-lhe suas aventuras em Paris, era em vão. Uma ou duas vezes havia se sentado a outras mesas na casa de chá e fingido namorar uma das empregadas, mas Mildred permanecia numa indiferença completa. E essa indiferença, Philip o percebia, não era fingida.

— Não se incomoda por eu não ter sentado a uma das suas mesas, hoje? — perguntou-lhe ele duma feita, quando a acompanhava até a estação. — As suas pareciam estar todas ocupadas.

Isto não era verdade, mas Mildred não o contradisse. Mesmo que aquele afastamento nada significasse para ela, Philip lhe ficaria agradecido se aparentasse o contrário. Uma censura teria sido um bálsamo para a sua alma.

— Acho que é uma bobagem sua sentar todos os dias à mesma mesa. De vez em quando é preciso ajudar também as outras.

Mas quanto mais pensava naquilo, mais se convencida de que a posse completa de Mildred seria o único meio de se libertar. Ele era como um cavaleiro medieval, metamorfoseado por sortilégios, que andava à procura dos filtros que deviam restituí-lo à sua forma primitiva. Philip tinha uma única esperança. Mildred desejava muito ir a Paris. Para ela, como para a maioria dos ingleses, Paris era o centro da alegria e da moda: ouvira falar do *Magasin du Louvre*, onde se encontravam os últimos modelos pela metade do preço que custavam em Londres. Uma amiga sua passara a lua-de-mel em Paris e ficara todo um dia no Louvre; “e ela e o marido, meu caro, nunca iam dormir antes das seis da manhã durante todo o tempo que estiveram lá. O Moulin Rouge e não sei mais o quê...”.

Pouco interessava a Philip a maneira pela qual chegasse a seus fins. Pouco lhe importava o fato de que, se Mildred cedesse aos seus desejos, seria apenas para realizar a esse preço forçado o seu capricho de conhecer Paris. Ocorrera-lhe até, certa vez, a idéia doida e melodramática de narcotizá-la. Havia tentado fazê-la beber na esperança de excitá-la, mas ela não gostava de vinho, e se o via com prazer encomendar champanhe, era porque isso parecia de bom-tom, nunca bebia mais de meia taça. Gostava de deixar intata uma grande taça cheia até as bordas.

— Isso é para mostrar aos garçons com quem estão tratando — dizia.

Philip aproveitou uma ocasião em que ela parecia mais amável que de costume. Tinha ele um exame de anatomia no mês de março. Uma semana

mais tarde, na Páscoa, Mildred gozaria três dias inteiros de férias.

— Olha, por que não vamos então a Paris? — sugeriu ele. — Passaremos três dias adoráveis.

— Mas como? Isso ia custar dinheiro que não acabava mais.

Philip havia pensado nisso. A viagem lhe custaria pelo menos vinte e cinco libras. Para ele, era uma quantia vultosa. Mas estava pronto a gastar com ela o seu último vintém.

— Que tem isso? Diga que sim, querida.

— Era só o que faltava! Então eu vou andar viajando sozinha com um homem que não é meu marido? Você nem devia ter pensado em tal coisa.

— Que mal faz?

Discorreu sobre as belezas da Rue de la Paix e o extravagante esplendor do Folies Bergère. Descreveu o Louvre e o Bon Marché. Falou-lhe do Cabaret du Néant, da Abbaye e dos vários lugares freqüentados pelos estrangeiros. Pintou com cores refulgentes o aspecto de Paris que ele próprio desprezava. Insistiu para que ela o acompanhasse até lá.

— Você diz que me ama, mas se amasse de verdade havia de querer casar comigo. Nunca me pediu em casamento.

— Mas você sabe que eu não posso. Afinal, estou no primeiro ano da escola e antes de seis anos não poderei ganhar nem um vintém.

— Ora, eu não estou reclamando. Eu não casaria com você nem que me pedisse de joelhos...

Mais de uma vez ele havia pensado no casamento, mas sempre recuava. Em Paris tinha formado a opinião de que o matrimônio era uma ridícula instituição dos filisteus. Sabia também que um laço permanente o arruinaria. Aos seus instintos burgueses parecia uma coisa horrorosa casar com uma empregadinha. Um casamento desastroso o impediria de arranjar clientela boa. Além disso, possuía apenas dinheiro suficiente para se manter até a formatura. Não podia sustentar uma esposa mesmo que conseguisse evitar filhos. Pensou em Cronshaw, ligado a uma rameira vulgar, e estremeceu. Antevia o que Mildred, com suas idéias de distinção e o seu espírito tacanho, iria ser no futuro: era-lhe impossível casar com ela. Mas decidiu apenas com o cérebro; sentia que era preciso possuí-la a todo custo. E se a não pudesse tê-la sem o casamento, haveria de casar. O futuro a Deus pertence. Aquilo podia ter mau fim — mas não importava. Quando se apegava a uma idéia, ficava obcecado. Não podia pensar em outra coisa e tinha uma capacidade invulgar de se

persuadir da razoabilidade de tudo quanto desejasse fazer. Deu consigo a refutar todos os argumentos sensatos contra o casamento que se lhe haviam deparado. Via-se cada dia mais apaixonadamente dedicado a Mildred, e o seu amor insatisfeito se tornava ressentido e colérico.

— Por Deus, que se ela casa comigo, vai me pagar tudo o que tenho sofrido — dizia para si mesmo.

Por fim não pôde mais suportar aquela agonia. Uma noite, depois do jantar no pequeno restaurante do Soho, ao qual agora iam com frequência, ele lhe falou.

— Escute-me, você estava falando sério o outro dia quando disse que não se casaria comigo nem que eu te pedisse?

— Estava. Por quê?

— Porque não posso viver sem você. Quero você sempre ao meu lado. Procurei esquecê-la, mas não pude. E nunca mais poderei. Quero que se case comigo.

Grande leitora de novelas baratas, ela sabia perfeitamente como receber semelhante proposta.

— Eu lhe fico muito agradecida, Philip. Seu pedido é muito lisonjeiro para mim.

— Ora, não diga bobagens. Quer casar comigo ou não?

— Acha que seríamos felizes?

— Não. Mas que importância tem isso?

Estas palavras lhe saíam quase a contragosto. Mildred surpreendeu-se.

— Sim senhor... Você é engraçado. Por que então quer se casar comigo? Outro dia você disse que não tinha condições.

— Acho que ainda tenho perto de mil e quatrocentas libras. Onde come um, comem dois. Isso dará para nos mantermos até que eu me forme e termine o trabalho do hospital. Depois posso conseguir um lugar de assistente.

— Quer dizer que você não pode ganhar nada nesses seis anos. Teremos mais ou menos quatro libras por semana para o nosso sustento até que você se forme, não é?

— Pouco mais de três libras, deduzindo as taxas que tenho de pagar.

— E um assistente, quanto ganha?

— Três libras por semana.

— Mas então é preciso estudar todo esse tempo, gastar quase uma fortuna, só para ganhar três libras por semana no fim de tudo? Casando com

— você, acho que não melhora de situação.

Philip ficou calado por um momento.

— Quere dizer que não se casa comigo? — perguntou com voz rouca. — Então o meu grande amor nada significa para você?

— Nesses assuntos, a gente também tem de pensar em si mesmo, não acha? Casar não faz diferença para mim, mas é que não quero casar para continuar na mesma. Não sei pra quê...

— Se você se interessasse por mim não pensaria nisso.

— Sim, talvez...

Ele silenciou. Bebeu um copo de vinho porque a garganta se lhe cerrava.

— Olha aquela que vai saindo ali — disse Mildred. — Comprou aquelas peles no Bon Marché, em Brixton. Eu vi na vitrina a última vez que estive lá.

Philip sorriu friamente.

— Do que é que você está rindo? — perguntou ela. — É verdade, sim. Eu até disse para minha tia que nunca havia de comprar uma coisa que estivesse na vitrina, porque todo mundo sabe quanto ela custa.

— Não compreendo você. Faz-me terrivelmente infeliz e no mesmo instante fala de bobagens que nada têm a ver com o que estamos conversando.

— Você é bruto comigo — respondeu ela, ofendida. — Não posso deixar de notar aquelas peles, pois eu até disse para minha tia...

— Pouco me importa o que tenha dito à sua tia — interrompeu-a com impaciência.

— Não gosto que você fale desse jeito comigo, Philip. Você sabe muito bem que não gosto disso.

Philip sorriu de leve, mas seus olhos lançavam chamas. Ficou calado por um instante, contemplando-a com ar sombrio. Odiava-a, desprezava-a e amava-a.

— Se eu tivesse um pingão de bom senso nunca mais voltaria a lhe procurar — disse ele por fim. — Se soubesse o quanto eu me desprezo por amá-la!

— Sim, senhor, que coisa mais linda para me dizer, não? — falou ela, carrancuda.

— Tem razão — riu ele. — Vamos ao Pavillon.

— Isso é o que você tem de esquisito: começa a rir quando a gente menos espera. E se eu lhe deixo tão infeliz assim, por que é que quer me levar ao Pavillon? Estou com vontade de ir para casa.

— Simplesmente porque me sinto menos infeliz ao seu lado do que longe de você.

— Eu só gostaria de saber o que é mesmo que você pensa de mim.  
Desta vez Philip riu francamente.

— Minha cara, se você soubesse, nunca mais falaria comigo...

Philip foi reprovado no exame de anatomia dos fins de março. Ele e Dunsford haviam estudado juntos a matéria no esqueleto que Philip tinha no quarto; faziam-se perguntas até ficarem ambos sabendo de cor todas as inserções musculares e a significação de todas as tuberosidades e goteiras dos ossos do corpo humano. Na sala de exame, porém, Philip foi tomado de pânico e não respondeu certo às perguntas, levado pelo súbito receio de errar. Sabia que estava reprovado e nem mesmo se deu o trabalho de ir à escola no dia seguinte para ver se o seu número se achava na lista. Esse segundo malogro colocou-o definitivamente entre os alunos incapazes e vadios do seu ano.

Pouco se importou. Tinha outras coisas em que pensar. Repetia para si mesmo que Mildred devia ter sentimentos como qualquer outra pessoa e que era apenas questão de os despertar. Tinha teorias sobre as mulheres, dissolutas no fundo, e pensava que haveria de chegar um momento em que todas elas acabariam cedendo ante a insistência dos outros. Era preciso aguardar a oportunidade, manter o sangue-frio, mimá-la com pequenas atenções, aproveitar-se dos dias de exaustão física que abrem o coração para a ternura e transformar-se num seio amigo onde ela buscasse refúgio contra os pequenos vexames do serviço. Falou-lhe dos seus camaradas de Paris e suas belas amigas. A existência por ele descrita possuía um encanto e uma alegria fácil em que nada havia de grosseiro. Misturando as suas recordações com as aventuras de Mimi e Rodolfo, de Musetta e dos demais boêmios, Philip enchia os ouvidos de Mildred com uma história de pobreza tornada pitoresca por cantos e risos, de amor ilícito que a beleza e a juventude envolviam numa auréola romântica. Nunca lhe atacava os preconceitos diretamente, mas procurava combatê-los sugerindo que eram suburbanos. Nunca se deixava perturbar pela inatenção de Mildred, ou irritar pela sua indiferença. Pensava tê-la entediado. E, com esforço, fazia-se afável e divertido; nunca se deixava enfurecer, nada pedia, jamais se queixava nem fazia recriminações. Quando ela marcava encontros e faltava, Philip encontrava-a no dia seguinte com um rosto sorridente. Se ela apresentava desculpas, ele dizia que não tinha importância. Nunca lhe permitia

ver que ficava magoado. Philip compreendeu que suas queixas apaixonadas tinham cansado Mildred. Tratou de esconder todos os sentimentos que pudessem, ainda que em grau mínimo, tornar-se importunos. Foi heróico.

Embora nunca fizesse referências a essa mudança, porque não a percebera de modo consciente, nem por isso Mildred deixou de ser atingida por ela: tornou-se confiante de Philip. Contava-lhe as suas pequenas contrariedades, e ela sempre as tinha com a gerente da casa de chá, com uma das suas colegas ou com a tia. Mostrava-se bastante tagarela e, embora nunca dissesse coisa alguma que não fosse trivial, Philip jamais se fatigava de ouvi-la.

— Gosto de você quando não vem me falar de amor — disse-lhe uma vez.

— Isso muito me lisonjeia — riu ele.

Ela não viu a prostração em que estas palavras o lançaram nem o esforço que Philip precisava fazer para dar uma resposta tão leviana.

— Não é que eu me importe de você me beijar de vez em quando. Não me faz mal e lhe dá prazer.

Às vezes chegava a lhe pedir que a levasse para jantar fora, e a proposta, porque partia dela, arrebatava-o.

— Eu não faria isso com outro — dizia ela, à guisa de desculpa. — Mas sei que com você eu posso.

— Não poderia me dar maior prazer — sorriu ele.

Uma noite, lá por fins de abril, ela lhe fez um desses pedidos.

— Pois não — disse ele. — E depois, aonde quer ir?

— Oh... a parte alguma. Vamos ficar sentados conversando. Você não se importa, não é?

— Decerto que não.

Philip julgou que ela estivesse começando a se interessar por ele. Três meses antes, a idéia de uma noite passada conversando com Mildred o aborreceria mortalmente. Fazia um belo dia e a primavera lhe alegrava o coração. Contentava-se agora com bem pouco.

— Escute, não vai ser maravilhoso quando vier o verão? — disse ele quando se viram na parte superior de um ônibus que rodava para o Soho, pois ela própria havia sugerido que ir de carro seria uma extravagância. — Poderemos passar todos os domingos no Tâmis. Levaremos a merenda num cesto.



Ela sorriu de leve e Philip animou-se a pegar-lhe na mão. Mildred não a retirou.

— Acho que você está mesmo começando a gostar um pouquinho de mim — sorriu ele.

— Ora, que bobo! Você sabe que eu gosto, senão eu não estaria aqui, não é?

Já agora eram velhos fregueses no pequeno restaurante do Soho, e a *patronne* lhes sorria quando entravam. O garçom mostrava-se obsequioso.

— Deixe que hoje eu peço o jantar — disse Mildred.

Achando-a mais encantadora do que nunca, Philip passou-lhe o cardápio e ela escolheu os seus pratos favoritos. A lista era pequena e ambos já haviam comido muitas vezes tudo o que o restaurante podia oferecer. Philip estava alegre. Olhava dentro dos olhos de Mildred, demorando-se em cada perfeição daquele rosto pálido. Quando terminaram, Mildred aceitou um cigarro. Fumava muito raramente.

— Não gosto de ver uma senhora fumando — dizia ela.

Hesitou um momento e depois começou a falar.

— Você se admirou de eu lhe ter pedido para sair e jantar fora?

— Fiquei encantado.

— Tenho uma coisa para lhe dizer, Philip.

Ele olhou rápido para ela, sentindo o coração desfalecer: mas acalmou-se, pois aprendera a conter-se.

— Bem, pode dizer — disse ele, sorrindo.

— Mas faça-me o favor de não vir outra vez com bobagens, hein? É que eu vou me casar.

— Ah... vai?

Não achou mais nada o que dizer. Já considerara essa possibilidade e imaginara, mesmo, o que diria e faria. Ficara agoniado ao pensar no desespero que se apoderaria dele. Lembrara-se do suicídio, da fúria alucinada de que ficaria possuído. Mas talvez se houvesse antecipado de tal forma à emoção por que iria passar, que agora apenas se sentia exausto. O seu estado era semelhante ao da pessoa seriamente enferma, cuja vitalidade é tão baixa que ela se torna indiferente a tudo e só deseja ser deixada em paz.

— Você compreende, já é tempo — disse Mildred. — Estou com vinte e quatro anos.

Philip permaneceu calado. Olhou para a *patronne*, que estava sentada atrás do balcão, e seus olhos fixaram-se na pluma vermelha que uma das clientes trazia no chapéu. Mildred picou-se.

— Você bem podia me dar os parabéns.

— Realmente? Mal posso acreditar que seja verdade. Tenho sonhado tantas vezes com isso... Agora até acho graça de ter ficado tão contente quando pediu para sair e jantar comigo. Com quem vai se casar?

— Com Miller — respondeu ela, corando de leve.

— Miller? — exclamou Philip, atônito. — Mas faz meses que não o vê.

— Ele veio almoçar na semana passada e fez o pedido. Está ganhando um dinheirão. Faz sete libras por semana e com promessa de mais.

Philip voltou a se calar. Lembrou-se de que ela sempre havia gostado de Miller; ele a divertia; havia na sua procedência estrangeira um encanto exótico que Mildred sentia de modo inconsciente.

— Acho que era inevitável — falou ele por fim. — Não podia deixar de aceitar o lance mais alto. Quando é o casamento?

— No outro sábado. Já avisei lá na casa que vou sair.

Philip sentiu uma angústia repentina.

— Tão depressa assim?

— Vamos casar só no civil. Emil acha melhor.

Philip sentia-se horrivelmente cansado. Queria ir embora dali e pôr-se logo na cama. Pediu a conta.

— Vou pôr você num carro para que a leve até a estação. Acho que não terá de esperar muito pelo trem.

— Não vem comigo?

— Prefiro não ir, se não fizer diferença para você.

— Como quiser — respondeu ela com ar de altivez. — Suponho que amanhã verei você à hora do chá, não?

— Não, julgo que é melhor fazer ponto final aqui mesmo. Não vejo por que continuar a ser tão infeliz. Já paguei o carro.

Cumprimentou-a com a cabeça e deu um sorriso forçado. Saltou depois para um ônibus, voltando para casa. Deu uma cachimbada antes de ir para cama, mas foi-lhe difícil conservar os olhos abertos. Não sofria dor alguma. Caiu num sono pesado quase no mesmo instante em que pousou a cabeça no travesseiro.

Mas cerca das três da madrugada Philip acordou e não pôde mais dormir. Começou a pensar em Mildred. Tentava afastá-la do pensamento, mas era inútil. Ficou a repetir interiormente a mesma coisa, até que sua cabeça começou a girar. O casamento de Mildred era inevitável. É dura a vida duma moça que tem de ganhar o próprio sustento. Quem poderá censurá-la quando aceita quem se proponha a dar-lhe um lar confortável? Philip reconhecia que, do ponto de vista de Mildred, seria uma loucura casar com ele. Só o amor poderia tornar suportável aquela pobreza, e ela não o amava. Não tinha culpa disso; era um fato que ele devia aceitar como qualquer outro. Tentou chamar-se à razão. No fundo, bem no fundo de seu coração — dizia ele consigo mesmo — estava o orgulho mortificado; sua paixão começou pela vaidade ferida, e em última análise era essa a principal causa de sua infelicidade. Desprezava-se a si mesmo tanto quanto desprezava Mildred. Fez, então, planos de futuro, os mesmos planos de sempre, interrompidos pela recordação dos beijos que dera naquelas faces macias e pálidas e pelo som daquela voz arrastada. Philip tinha muito que estudar, pois no verão devia fazer o exame de química e mais os dois em que fora reprovado. Afastara-se dos amigos do hospital, mas agora queria companhia. Houve uma ocorrência feliz: uma quinzena antes, Hayward escrevera dizendo que ia passar por Londres e queria jantar com ele. Philip, porém, não desejando ser incomodado, recusara. Hayward ia voltar para passar a temporada e Philip resolveu escrever-lhe.

Deu graças a Deus quando soaram as oito horas e pôde levantar-se. Estava pálido e cansado. Depois do banho e da refeição matinal, sentiu-se reconciliado com o mundo e seu sofrimento se atenuou um pouco. Não estava tentado a ir à aula daquela manhã. Foi à Army and Navy Stores comprar um presente de casamento para Mildred. Depois de muita hesitação, escolheu um estojo de toucador. Custava vinte libras, quantia que estava além de suas posses; mas era ostentoso e vulgar: Philip estava certo de que Mildred havia de saber exatamente o quanto aquilo custava. Experimentou uma satisfação

melancólica na escolha dum presente que havia de dar prazer a Mildred e, ao mesmo tempo, indicar o desprezo que ele próprio sentia por ela.

Via aproximar-se com apreensão o dia do casamento. Esperava tornar-se presa de uma angústia intolerável; foi com alívio que recebeu uma carta de Hayward, na manhã de sábado, dizendo que chegaria naquele mesmo dia e passaria pela sua casa para lhe pedir que o ajudasse a procurar um quarto. Philip, ansioso por encontrar uma distração, consultou os horários dos trens e descobriu o único em que Hayward poderia vir. Foi esperá-lo e o encontro dos amigos foi entusiástico. Deixaram a bagagem na estação e puseram-se a andar alegremente. Num gesto característico, Hayward propôs que antes de mais nada passassem uma hora na National Gallery, pois fazia algum tempo que não via quadros; afirmava ter necessidade de dar uma olhadela neles para se pôr em unísono com a vida. Havia meses que Philip não tinha com quem falar sobre arte e literatura. Desde os tempos de Paris, Hayward tinha mergulhado nos modernos versificadores franceses; e tal é a pletora de poetas na França, que ele tinha vários novos gênios para dar a conhecer a Philip. Andaram pela galeria apontando para uma ou outra tela favorita; um assunto conduzia a outro; falavam animadamente. O sol brilhava e o ar estava tépido.

— Vamos sentar no parque — convidou Hayward. — Procuraremos o quarto depois do almoço.

A primavera expandia-se ali. Era um desses dias em que a gente se sente feliz pelo simples fato de estar vivo. O verde novo das árvores destacara-se delicadamente contra o céu; e o céu, pálido e azul, estava pintalgado de nuvenzinhas brancas. Na extremidade do lago ornamental via-se a massa cinzenta do quartel da Guarda Real. A elegância disciplinada do cenário tinha o encanto duma tela do século dezoito. Fazia lembrar não Watteau, cujas paisagens são tão idílicas que sugerem apenas esses vales semeados de bosques que se vêem em sonhos, mas um Jean-Baptiste Pater mais prosaico. Philip sentiu o coração leve. Compreendia, agora, o que lera uma vez: que a arte (pois havia arte na sua maneira de contemplar a natureza) pode libertar a alma do sofrimento.

Foram almoçar num restaurante italiano e pediram um *fiaschetto* de Chianti. Prolongaram a refeição para prolongar a conversa. Um lembrava ao outro as pessoas que haviam conhecido em Heidelberg; falaram dos amigos de Philip em Paris, conversaram sobre livros, quadros, sobre a vida e a moral. E de súbito Philip ouviu um relógio bater as três. Lembrou-se de que àquela hora

Mildred já estaria casada. Sentiu uma espécie de agulhada no coração e por um minuto ou dois não pôde ouvir o que Hayward estava dizendo. Encheu, porém, o copo. Não estava habituado ao álcool e este lhe subiu à cabeça. Fosse como fosse, estava agora livre de cuidados. Seu espírito ágil tinha permanecido inativo durante tantos meses que agora a própria conversação o embriagava. Estava agradecido por ter como companheiro alguém que tivesse interesse pelas coisas que o interessavam.

— Olhe, não vamos perder este lindo dia procurando quarto. Fique lá em casa esta noite. Pode procurar um amanhã ou segunda-feira.

— Está bem. Que faremos, então?

— Tomemos a barca para Greenwich.

A idéia seduzia Hayward. Saltaram para um carro que os levou à ponte de Westminster. Apanharam a barca no instante em que esta desatracava. Dentro em pouco Philip, com um sorriso nos lábios, começou a falar:

— Lembro-me da primeira vez que fui a Paris. Clutton (acho que era ele) fez um longo discurso sobre a beleza que os poetas e os pintores emprestam às coisas. Eles criam a beleza. Não há escolher entre o *Campanile* de Giotto e uma chaminé de fábrica, consideradas essas coisas em si mesmas. E depois as coisas belas se enriquecem da emoção que vão despertando em gerações sucessivas. Eis por que as coisas velhas são mais belas que as modernas. A *Ode a uma urna grega* é mais linda agora do que quando foi escrita, porque durante uma centena de anos a leram os namorados e em suas estrofes buscaram conforto os desolados.

Philip deixou a Hayward o trabalho de descobrir que coisa, na paisagem que desfilava ante seus olhos, lhe havia sugerido aquelas reflexões. E era agradável saber que o outro não o decepcionaria. Numa reação súbita contra a vida que levara durante tanto tempo, Philip sentia-se agora profundamente emocionado. A delicada iridescência do ar londrino dava à pedra cinzenta dos edifícios uma suavidade de pastel. E nas docas e trapiches havia a graça severa duma estampa japonesa. Continuaram a descer o rio. E o esplêndido canal, símbolo do grande império, alargava-se, sempre coalhado de embarcações. Philip pensou nos pintores e poetas que tinham tornado belas todas aquelas coisas e o seu coração inundava-se de gratidão. Chegaram à enseada, de majestade indescritível. A imaginação palpita, e só Deus sabe que figuras povoam ainda aquela vasta extensão; o dr. Johnson com Boswell a seu lado, e o velho Pepys subindo para bordo dum vaso de guerra: o fasto da História da

Inglaterra, o romance e a grande aventura. Philip voltou-se para o amigo com os olhos a cintilar.

— Ah, velho Dickens! — murmurou ele, sorrindo um pouco da própria emoção.

— Não está um tanto arrependido de ter deixado a pintura? — perguntou Hayward.

— Não.

— Suponho que goste da medicina.

— Não. Detesto-a, mas não há nada mais para fazer. O ramerrão dos primeiros dois meses é horrível e infelizmente não tenho temperamento científico.

— Bom, mas não pode continuar mudando a toda hora de profissão.

— Isso não. Vou ficar nesta. Acho que gostarei mais quando for trabalhar num hospital. Tenho a impressão de que me interessei mais pelas pessoas do que por qualquer outra coisa. E até onde posso alcançar, a medicina é a única profissão na qual a gente encontra liberdade. Leva-se dentro do crânio o que se sabe. Com um estojo de instrumentos e umas poucas drogas pode-se ganhar a vida em qualquer parte.

— Não vai então fazer uma clientela?

— Não, pelo menos durante algum tempo. Logo que terminar o meu estágio no hospital, entrarei como médico de bordo: quero ir ao Oriente — ao arquipélago malaio, ao Sião, à China e a todos esses lugares. Depois não faltarão ocupações. Sempre acontece alguma coisa: uma epidemia de cólera na Índia, por exemplo. Quero andar daqui para ali. Quero ver o mundo. A única maneira que um homem pobre tem de viajar é como médico de bordo.

Chegaram a Greenwich. O nobre edifício de Ingo Jones erguia-se imponente diante do rio.

— Olhe, aquele deve ser o lugar onde o *Poor Jack* mergulhava no lodo em busca de níqueis — disse Philip.

Passaram pelo parque, onde crianças esfarrapadas brincavam enchendo o ar com seus gritos. Aqui e ali velhos marujos lagarteavam ao sol. O ambiente era de cem anos antes.

— Foi pena ter perdido dois anos em Paris — disse Hayward.

— Perdido? Olhe para o movimento dessas crianças, olhe para o desenho que o sol traça no chão, atravessando a folhagem das árvores. Olhe para esse céu... Então? Eu nunca daria por esse céu se não tivesse estado em Paris.

Hayward julgou notar que Philip abafava um soluço e olhou para ele, atônito.

— Que foi que te deu?

— Nada. Lamento ser tão estupidamente emotivo, mas fazia seis meses que eu andava faminto de beleza.

— Você sempre foi tão prosaico... É muito interessante ouvir-lhe dizer isso.

— Oh!, diabo! Não quero ser interessante — riu Philip. — Vamos mesmo é tomar um bom chá.

A visita de Hayward fez um grande bem a Philip. Cada dia que passava menos seus pensamentos se detinham em Mildred. Ele se recordava do passado com certa repugnância. Não podia compreender como havia se submetido à indignidade de tal amor; e quando pensava em Mildred era com um ódio revoltado, porque ela o submetera a humilhações sem conta. Sua imaginação apresentava-a agora com todos os seus defeitos físicos e atitudes exageradas, fazendo-o estremecer à idéia de ter andado tão preso a ela.

“Isso prova até que ponto eu sou fraco” — pensava ele. A aventura fora como uma dessas gafes que a gente comete numa festa, tão horríveis que não há meio de desculpá-las: o único remédio era esquecer. O horror à degradação que havia sofrido ajudou-o nesse empenho. Assemelhava-se a uma cobra que está mudando de pele e olhava com náusea para a sua velha casca. Exultava na recuperada posse de si mesmo. Lamentava agora os prazeres da vida que lhe tinham escapado enquanto se achava absorvido naquela loucura a que chamavam amor. Estava farto. Se o amor era aquilo, não mais queria amar. Contou a Hayward alguma coisa do que acabava de sofrer.

— Não era Sófocles — perguntou ele — que suspirava pelo dia em que se veria livre dessa besta selvagem que lhe devorava as fibras do coração?

Philip parecia na verdade ter nascido de novo. Respirava o ar ambiente como se o fizesse pela primeira vez e tomava um interesse infantil por todas as coisas do mundo. Chamava ao seu período de loucura “seis meses de trabalhos forçados”.

Havia apenas poucos dias que Hayward se estabelecera em Londres quando Philip recebeu de Blackstable, para onde fora enviado, um convite para o vernissage duma exposição de pintura. Levou Hayward consigo e, examinando o catálogo, viu que Lawson também exhibia um quadro.

— Acho que foi ele quem mandou o convite — disse Philip. — Vamos procurá-lo. Com toda a certeza ele está na frente da sua tela.

Era um perfil de Ruth Chalice que se achava pendurado a um canto. Lawson não estava longe. Com um chapéu mole de abas largas, na sua roupa



clara e folgada, parecia um pouco perdido no meio daquela multidão elegante. Cumprimentou Philip entusiasticamente e com a mesma volubilidade de sempre lhe contou que tinha vindo morar em Londres, que Ruth Chalice era uma perdida, que ele tinha alugado um estúdio, que Paris não era mais Paris, que haviam lhe encomendado um retrato e que o melhor que eles tinham a fazer era jantar juntos para terem uma boa conversa, como nos velhos tempos. Philip lembrou-lhe que ele havia sido apresentado a Hayward e achou divertido ver a impressão que o ar imponente e as roupas elegantes deste causavam em Lawson. Elas lhe sentavam muito melhor, agora, do que o faziam no modesto estúdio de Lawson e Philip em Paris.

Durante o jantar Lawson continuou a contar as novidades. Flanagan tinha voltado para a América. Clutton desaparecera. Havia chegado à conclusão de que um homem, enquanto vive em contato com a arte e os artistas, não tem nenhuma possibilidade de realizar algo de bom.

A única solução era fugir. Para tornar mais fácil a decisão, tinha brigado com todos os seus amigos de Paris. Adquiriu o vezo de lhes dizer verdades duras, coisa que os fez suportar perfeitamente a sua declaração de que estava farto de Paris e ia instalar-se em Gerona, pequena cidade do norte da Espanha que lhe chamara a atenção quando se dirigia de trem para Barcelona. Agora vivia lá, sozinho.

— Será que algum dia ele fará coisa que preste? — disse Philip.

Interessava-se pelo aspecto humano daquela luta para exprimir alguma coisa tão obscura no espírito do homem, que chegava a torná-lo mórbido e rabugento. Philip sentia vagamente que estava no mesmo caso, mas com ele era toda a conduta de sua vida que o deixava perplexo. Aquele era o seu meio de expressão, e não sabia ao certo o que fazer com ele. Não teve, porém, tempo para seguir o curso desses pensamentos, porque Lawson estava narrando sem reboço a história de seus amores com Ruth Chalice. Ela o abandonara por um jovem estudante que acabava de chegar da Inglaterra e estava se portando de maneira escandalosa. Lawson achava que alguém devia intervir para salvar o rapaz. Ruth seria a sua perdição. Philip compreendeu que o agravo principal de Lawson era que a ruptura havia surgido quando ele estava pintando o retrato dela.

— As mulheres não têm verdadeiro sentimento da arte — disse ele. — Apenas fingem ter.

Terminou, porém, duma maneira bastante filosófica:

— Seja como for, fiz quatro retratos dela e não sei ao certo se o último em que estava trabalhando poderia conseguir sucesso.

Philip invejou a facilidade com que o pintor conduzia os seus casos amorosos. Tinha passado dezoito meses bastante agradáveis, conseguira de graça um modelo excelente, e no fim separara-se dela sem grandes sofrimentos.

— E que me conta de Cronshaw?

— Oh! Está liquidado — respondeu Lawson, com a alegre insensibilidade dos moços. — Morre dentro de seis meses. Apanhou uma pneumonia o inverno passado. Passou sete semanas num hospital inglês e quando teve alta disseram-lhe que sua única salvação era deixar a bebida.

— Pobre-diabo! — sorriu Philip, que era abstêmio.

— Deixou de beber por algum tempo. Assim mesmo ia ao Lilas, já que não podia viver longe dele, bebia leite quente *avec de la fleur d'oranger* e estava terrivelmente cacete.

— Garanto que vocês não lhe fizeram segredo disso...

— Oh! Ele mesmo sabia. Não faz muito que começou a beber uísque outra vez. Diz que está velho demais para adquirir novos hábitos. Preferia ser feliz durante seis meses e morrer a se arrastar durante cinco anos. Acho que ultimamente tem passado dificuldades horribéis. Vocês compreendem, o homem não ganhou coisa alguma enquanto estava doente e a vagabunda com quem vive tem-lhe feito o diabo.

— Lembro-me de que a primeira vez que o vi admirei-o imensamente — disse Philip. — Achei-o maravilhoso. É revoltante ver que a virtude burguesa e vulgar sempre acaba por vencer.

— Não há dúvida de que era um caso perdido. Mais cedo ou mais tarde tinha de acabar na sarjeta — disse Lawson.

Philip sentiu-se chocado porque Lawson não via o que aquele caso tinha de lamentável. Certo, ali não havia mais que uma relação entre causas e efeitos, mas no seu encadeamento inevitável é que estava toda a tragédia da existência.

— Ah!, já ia esquecendo... — disse Lawson. — Logo que você foi embora, Philip, ele lhe mandou um presente. Pensei que você voltaria logo e não me preocupei com ele; depois achei que não valia a pena mandar. Em todo caso, virá para Londres com o resto das minhas coisas e pode ir buscá-lo um dia no meu estúdio, se quiser.

— Mas ainda não me disse de que se trata.

— Ora, é apenas um pedaço esfarrapado de tapete. Acho que não vale nada. Perguntei um dia a Cronshaw por que diabo ele lhe mandava essa porcaria. Disse-me que o tinha visto numa loja da Rue de Rennes, e comprado por quinze francos. Creio que é um tapete persa. Ele me disse que você lhe tinha perguntado o sentido da vida e aquela era a resposta. Mas estava muito bêbado.

— Ah!, sim, eu sei. Vou buscar. Era uma das suas manias prediletas. Disse que eu tinha de descobrir por mim mesmo, pois do contrário a resposta não significaria coisa alguma.

Philip estudou bem e com facilidade. Tinha bastante o que fazer para passar nos três exames de medicina e cirurgia em julho — os dois primeiros já haviam lhe valido uma reprovação — mas achava a vida agradável. Fez uma nova amizade. Lawson, que andava à procura de modelos, havia descoberto uma garota que trabalhava em pequenos papéis num dos teatros, e, a fim de induzi-la a posar para ele, organizara um almoço certo domingo. Ela levou consigo uma companheira; e Philip, convidado a fim de completar o segundo par, recebeu instruções para limitar suas atenções a esta última. Achou isso fácil, pois ela se revelou uma tagarela espirituosa e agradável. Pediu a Philip que a visitasse; morava em Vincent Square e sempre estava em casa às cinco horas para o chá. Philip visitou-a e ficou encantado com a recepção que teve. Tornou a ir. Mrs. Nesbit não tinha mais de vinte e cinco anos. Muito pequena, duma fealdade simpática, olhos vivos, maçãs do rosto salientes, boca rasgada, lembrava ela, por certos contrastes de sua tez, um retrato da moderna escola francesa. Tinha a pele muito branca, as faces muito vermelhas, as sobrancelhas espessas e os cabelos bem negros. O efeito era singular, um pouco fora do natural, mas estava longe de ser desagradável. Separada do marido, ganhava ela o seu sustento e o do filho escrevendo novelas baratas. Havia um ou dois editores que se especializavam nesse gênero e raramente lhe faltava trabalho. Era mal paga, recebia quinze libras por uma história de trinta mil palavras, mas estava satisfeita.

— No fim das contas, os leitores pagam apenas dois *pence* — dizia ela — e gostam de ler a mesma coisa uma porção de vezes. Eu apenas mudo os nomes e pronto. Quando estou aborrecida penso na lavadeira, no aluguel da casa, nas roupas para o pequeno e continuo a escrever.

Além disso, trabalhava como figurante nos teatros e ganhava de dezesseis a vinte e um xelins por semana. No fim do dia estava tão cansada que dormia como uma pedra. Tirava o maior partido duma situação difícil. Seu senso de humor lhe permitia rir nos momentos mais aflitivos. Às vezes as coisas corriam mal e ela se via sem dinheiro algum; então as suas bugigangas iam para

a casa de penhores do Vauxhall Bridge Road e ela ficava a pão e manteiga até que a situação melhorasse. Jamais perdia a jovialidade.

Philip se interessou por aquela vida sem futuro, e Norah Nesbit o divertia com a narrativa fantástica de suas lutas. Perguntou-lhe por que ela não tentava um trabalho literário de melhor qualidade, mas a novelista sabia que não tinha nenhum talento e aquela coisa abominável que fornecia por milhares de palavras não só era razoavelmente paga mas representava o máximo da sua capacidade. Nada tinha a esperar do futuro senão a continuação da existência que levava. Parecia não possuir parentes e suas amigas eram tão pobres quanto ela.

— Não penso no futuro — dizia Norah. — Contanto que eu tenha dinheiro para pagar três semanas de aluguel e mais uma ou duas libras para a comida, não me preocupo. A vida não valeria a pena se eu me incomodasse tanto com o futuro como me incomodo com o presente. As coisas ficam pretas às vezes, mas tudo acaba por se arranjar.

Philip logo se habituou a ir tomar chá com Norah todos os dias. E a fim de que as suas visitas não a embaraçassem, levava sempre um bolo, uma libra de manteiga ou um pouco de chá. Começaram a ficar mais à vontade. A simpatia feminina era coisa nova para ele. Deleitava-se em encontrar alguém que ouvia de bom grado a história dos seus aborrecimentos. As horas fugiam. Ele não escondia a sua admiração por Norah. Era uma companheira deliciosa. Não podia deixar de compará-la a Mildred. Que contraste entre a estupidez obstinada de uma, incapaz de se interessar pelo que não conhecesse, e a inteligência tão viva da outra, tão rápida em apanhar as coisas. Ficava aterrado ao pensar que poderia ter-se ligado por toda a vida a uma mulher da espécie de Mildred. Uma noite contou a Norah toda a história do seu amor. Não era coisa de que pudesse se orgulhar, e foi-lhe bastante agradável ser objeto de tão encantadora simpatia.

— Acho que agora está curado — disse ela, quando Philip terminou.

Tinha às vezes um jeito engraçado de entortar a cabeça como esses cachorrinhos de Aberdeen. Sentada numa cadeira de respaldo vertical, Norah costurava, pois não podia perder tempo. Philip aninhara-se confortavelmente a seus pés.

— Nem posso dizer o quanto dou graças a Deus por tudo estar terminado — suspirou.

— Pobrezinho, deve ter passado maus bocados — murmurou ela e, para lhe testemunhar a sua simpatia, pousou-lhe a mão no ombro.

Philip tomou dela e beijou-a, mas Norah a retirou.

— Por que fez isso? — perguntou, corando.

— Não gosta?

Ela o contemplou por um momento com olhos cintilantes e depois sorriu.

— Não.

Philip se pôs de joelhos e encarou-a. Norah olhava-o fixamente nos olhos. Em sua boca rasgada tremia um sorriso.

— Então? — perguntou.

— Você é uma criatura adorável. Sou tão grato por sua bondade, gosto tanto de você...

— Não seja tolo.

Philip segurou-a pelos cotovelos e puxou-a para si. Sem oferecer resistência, Norah inclinou-se um pouco e ele lhe beijou os lábios vermelhos.

— Por que fez isso? — tornou ela a perguntar.

— Porque é agradável.

Norah não respondeu, mas os seus olhos tomaram uma expressão de ternura e ela passou a mão suavemente pelos cabelos de Philip.

— Isso não é coisa que se faça. Nós éramos excelentes amigos... Seria tão bom continuar assim.

— Se quer mesmo apelar para os meus bons sentimentos, é melhor que deixe de me acariciar o rosto.

Ela deu uma risadinha, mas continuou.

— Estou me portando muito mal, não é?

Surpreso e achando certa graça naquilo, Philip a contemplou. Viu os olhos dela ficarem ternos e úmidos; tinham uma expressão que o encantava. Comoveu-se de súbito e as lágrimas lhe vieram aos olhos.

— Norah, será que você gosta de mim? — perguntou, incrédulo.

— Para um rapaz inteligente, faz perguntas bem tolas.

— Oh, minha querida, nunca me ocorreu essa idéia.

Enlaçou-a com os braços e beijou-a, enquanto que ela, corada, rindo e chorando ao mesmo tempo, abandonava-se àquele abraço.

Daí a pouco Philip a soltou e, voltando a sentar-se como antes, olhou para ela com curiosidade:

— Francamente, estou aturdido! — disse.

— Por quê?

— Esta surpresa...

— Alegre?

— Delicioso! — exclamou ele, sinceramente. — E tão orgulhoso, tão feliz, tão agradecido.

Tomou-lhe as mãos e cobriu-as de beijos. Era, para ele, o princípio duma felicidade que parecia sólida e duradoura. Tornaram-se amantes mas continuaram amigos. Havia em Norah um instinto maternal que encontrava vazão em seu amor por Philip; ela precisava de alguém para mimar, repreender e cobrir de desvelos; tinha um temperamento doméstico e achava prazer em cuidar da saúde e da roupa de Philip. A suscetibilidade deste com relação ao seu defeito físico lhe despertava uma piedade que, instintivamente, se exprimia em ternura. Era jovem, forte e sadia, e parecia-lhe perfeitamente natural fazer dom do seu amor. Tinha boa disposição e uma alma alegre. Gostava de Philip porque ria com ele de todas as coisas divertidas que lhe despertavam a atenção, e, acima de tudo, o amava por ele ser quem era.

Quando lhe explicou isso, Philip respondeu com alegria:

— Tolicie. Você gosta de mim porque sou um sujeito calado que sabe escutar.

Na realidade, não a amava. Gostava muito dela, sentia prazer na sua companhia e achava graça e interesse na sua palestra. Ela lhe devolvera a fé em si mesmo e, por assim dizer, derramara-lhe um bálsamo nas feridas da alma. Philip estava imensamente lisonjeado pelo seu amor. Admirava-lhe a coragem, o otimismo e aquela atrevida atitude de desafio em face do destino. Norah tinha uma pequena filosofia própria que era ao mesmo tempo prática e ingênua.

— Veja, eu não acredito em igrejas, pastores e o que quer que seja — dizia ela —, mas acredito em Deus e não creio que Ele se importe muito com o que a gente faça, contanto que cada um contribua com a sua parte e de vez em quando ajude o próximo. Em geral acho as pessoas muito boas e tenho pena das que não o são.

— Mas, e a outra vida?

— Bom, quanto a isso nada sei ao certo, é claro — sorriu ela —, mas espero que seja tudo pelo melhor. De qualquer modo, não haverá aluguéis a pagar nem novelas a escrever.

Tinha o dom feminino da lisonja delicada. Achava que Philip havia revelado coragem ao deixar Paris por ter consciência de que não seria um grande artista. E ele ficou encantado quando a companheira exprimiu sua admiração entusiástica. Nunca pudera ter certeza sobre se a sua decisão indicava coragem ou falta de firmeza. Era delicioso verificar que ela a considerava heróica. Norah aventurava-se a levá-lo para um terreno que seus amigos instintivamente evitavam.

— É uma tolice de sua parte ser tão suscetível com relação ao seu pé — dizia ela. Via que ele corava violentamente, mas continuava. — Você sabe, as pessoas estão longe de pensar nisso tanto quanto você. A primeira vez que o vêem, elas notam, mas depois esquecem.

Ele não respondia.

— Não está zangado comigo, não?

— Não.

Norah envolvia-o nos braços.

— Você sabe, eu só falo assim porque o amo. Não quero que isso o faça infeliz.

— Acho que pode dizer de mim o que quiser — respondia ele, sorrindo. — Só desejo poder fazer alguma coisa para lhe mostrar o quanto sou grato a você.

A influência de Norah também se exercia de outros modos. Não permitia que ele se mostrasse mal-humorado, e quando Philip perdia a calma ria-se dele. Tornou-o mais urbano.

— Você pode induzir-me a fazer o que quiser — disse ele duma feita.

— E lamenta isso?

— Não. Gosto de fazer o que lhe agrada.

Philip teve o senso de compreender a sua ventura. Parecia-lhe que Norah lhe dava tudo quanto uma esposa pode dar, deixando-lhe ainda a liberdade; considerava-a a amiga mais encantadora de quantas tivera e ao mesmo tempo encontrava nela uma simpatia que não achara em homem algum. As suas relações sexuais não eram senão o elo mais forte daquela amizade. Completavam-na, mas não eram essenciais. E porque os sentidos de Philip estivessem satisfeitos, ele se tornou mais sereno e de convívio mais fácil. Sentia-se na plena posse de si mesmo. Pensava às vezes no inverno durante o qual vivera obcecado por uma hedionda paixão, e se enchia de aversão por Mildred e de horror por si próprio.



Aproximavam-se os exames e Norah estava tão interessada neles quanto Philip. Este se sentia lisonjeado e comovido por tal interesse. Norah fê-lo prometer que viria em seguida dizer-lhe o resultado. Dessa vez ele passou sem dificuldade nas três matérias e, quando ela recebeu a notícia, desfez-se em lágrimas.

— Oh!, que alegria! Estava tão ansiosa.

— Sua bobinha — riu ele, mas com um nó na garganta.

Como não ficar comovido diante de semelhante solicitude?

— E que é que vai fazer agora? — perguntou ela.

— Posso entrar em férias com a consciência tranqüila. Nada tenho a fazer até o período de inverno, que começa em outubro.

— Vai então a Blackstable visitar o seu tio?

— Nada disso. Vou ficar em Londres para me divertir com você.

— Eu preferia que fosse.

— Por quê? Está cansada de mim?

— Porque tem estudado demais. Parece muito cansado. Precisa de ar puro e de repouso. Vá, por favor.

Por um momento Philip não respondeu. Contemplava Norah com olhos apaixonados,

— Olhe, se outra pessoa me dissesse isso eu não acreditaria. Você só pensa no meu bem. Eu queria saber o que é que você vê em mim.

— Então o senhor me dará um atestado de boa conduta junto com a demissão? — riu ela, alegremente.

— Direi que é bondosa e solícita, nada exigente, que nunca dá aborrecimentos e é fácil de contentar.

— Tudo isso é bobagem, mas uma coisa eu posso lhe dizer: sou uma das poucas pessoas que sabem aproveitar as lições da experiência.

Philip aguardava com impaciência o momento de voltar a Londres. Durante os dois meses que passou em Blackstable, Norah escreveu-lhe freqüentemente. Eram longas cartas em que ela, numa letra graúda e ousada, lhe descrevia espiritualmente os pequenos acontecimentos da vida cotidiana, os aborrecimentos domésticos da senhoria, inesgotável assunto de riso, os cômicos contratempos dos seus ensaios — ia figurar em importante espetáculo, num dos teatros de Londres —, as suas estranhas aventuras com os editores... Philip lia muito, tomava banhos de mar, jogava tênis e passeava de barco. Em princípios de outubro voltou a Londres a fim de preparar-se para o seu segundo exame. Desejava vivamente ser aprovado para acabar de vez com a rotina do curso. Transposto esse obstáculo, o estudante começa a tratar de doentes, entrando em contato não só com pacientes de ambos os sexos como também com os livros. Philip via Norah todos os dias.

Lawson passara o verão em Poole. Trazia inúmeros esboços do porto e da praia. Tinha duas ou três encomendas de retratos e se propunha ficar em Londres até que as brumas do inverno o afastassem. Hayward, que se achava também em Londres, pretendia passar o inverno no estrangeiro, mas ia se deixando ficar, semana após semana, por pura incapacidade de se resolver a ir. Engordara durante os últimos dois ou três anos — havia cinco que Philip o conhecera em Heidelberg — e estava prematuramente calvo. Era muito suscetível a esse respeito e usava o cabelo comprido para esconder a clareira que se lhe abria no alto da cabeça. Seu único consolo era possuir agora uma testa bastante nobre. Os olhos azuis haviam perdido a cor. Em geral mantinha os baixos, com uma expressão apática. A boca, perdida a plenitude da mocidade, tornara-se débil e descorada. Hayward falava ainda com ar vago das coisas que pretendia fazer no futuro, mas com menos convicção. Tinha consciência de que os amigos já não acreditavam nele. Depois de beber dois ou três copos de uísque, ficava propenso à elegia.

— Sou um fracassado — murmurava ele. — Não fui feito para a brutalidade da luta pela vida. O mais que posso fazer é ficar de lado e deixar

que passe a turba vulgar, acotovelando-se na busca de prazeres. — Dava a impressão de que fracassar era coisa mais delicada, refinada do que vencer. Insinuava que seu alheamento provinha da repulsa por tudo quanto fosse baixo e comum. Dizia belas coisas sobre Platão.

— Eu pensava que nesta altura já tivesse deixado Platão em paz — disse Philip, com impaciência.

— Pensava? — perguntou o outro, erguendo as sobrancelhas.

Não se mostrava inclinado a prosseguir no assunto. Havia descoberto ultimamente a impressionante dignidade do silêncio.

— Não vejo a utilidade de andar lendo e relendo a mesma coisa — disse Philip. — Isso não passa de uma forma laboriosa de preguiça.

— Acaso julga ter um espírito tão grande que pode compreender à primeira leitura o mais profundo dos pensadores?

— Não quero compreender, não sou crítico. Não me interesso pelos escritores senão por minha causa.

— Então por que você lê?

— Um pouco por prazer, porque é um hábito, e eu me sinto tão inquieto quando não leio como quando não fumo; e outro pouco para me conhecer. Quando leio um livro, tenho a impressão de que o faço apenas com os olhos, mas às vezes encontro uma passagem, talvez uma única frase que tem sentido para *mim*, e que se torna parte de mim mesmo. Tirei do livro tudo quanto me era útil e nada mais poderei extrair dele, ainda que torne a lê-lo uma dúzia de vezes. Tenho a impressão de que nós somos como um botão de flor: a maior parte de nossas leituras desliza sobre nós sem produzir o menor efeito, mas certas coisas, que têm para nós um sentido especial, abrem uma pétala: uma a uma as pétalas desabrocham e por fim surge a flor.

Philip não estava satisfeito com essa comparação, mas... como traduzir melhor um sentimento tão impreciso?

— Você quer fazer isto, tornar-se aquilo... — observou Hayward dando de ombros. — É tão vulgar...

Philip já agora conhecia muito bem o amigo. Era ele fraco e vaidoso, tão vaidoso que se tornava necessário um cuidado constante para não o melindrar. Misturava preguiça e idealismo de tal modo que não os podia mais separar. Encontrou um dia, no ateliê de Lawson, um jornalista que ficou encantado com sua conversa, e uma semana mais tarde o diretor dum jornal escreveu-lhe sugerindo que ele fizesse um pouco de crítica nas suas colunas. Hayward

passou quarenta e oito horas em angustiosa indecisão. Falara tanto tempo em conseguir uma ocupação dessa natureza que não teve coragem para dar uma recusa formal. A idéia, porém, de ter que fazer alguma coisa, aterrorizava-o. Declinou por fim do convite e respirou aliviado.

— Isso impediria o meu trabalho — confiou a Philip.

— Que trabalho? — perguntou Philip num tom brutal.

— Minha vida interior.

Pôs-se então a dizer coisas bonitas sobre Amiel, o professor genebrino cujo brilho prometia uma obra que nunca foi realizada. Por ocasião de sua morte, o motivo e a justificação do seu fracasso não tardaram a revelar-se sob a forma dum maravilhoso e pormenorizado diário encontrado entre os papéis do defunto.

Hayward sorriu enigmaticamente. Podia ainda falar com delícia sobre literatura; seu gosto era refinado e elegante o seu julgamento. Manifestava um constante interesse pelas idéias, o que fazia dele um companheiro agradável. Na realidade essas idéias nada significavam para ele, uma vez que não lhe produziam o menor efeito. Tratava-as como teria tratado belas porcelanas numa sala de leilão. Manuseava-as com prazer, sentia-lhes a forma e o brilho, avaliava-as mentalmente para depois tornar a pô-las nas prateleiras, esquecendo-as de todo.

E foi Hayward quem fez uma descoberta capital. Uma noite, depois de ter longamente preparado o terreno, levou Philip e Lawson a uma taverna de Beak Street, notável não somente pela sua história — gloriosas lembranças do século XVIII despertavam ali a imaginação romântica —, mas também pelo seu rapé, que era o melhor de Londres, e acima de tudo pelo seu ponche. Hayward conduziu-os a uma sala comprida, cheia de sombria magnificência. Das paredes pendiam quadros representando mulheres nuas: eram vastas alegorias da escola de Haydon; mas o fumo, o gás e a atmosfera londrina as tinham enriquecido, emprestando-lhes o aspecto de telas antigas. A madeira escura que forrava as paredes, o ouro maciço e fosco das cornijas e as mesas de mogno davam ao salão um ar de suntuoso conforto. Os bancos de couro ao longo das paredes eram fofos e cômodos. Dentro duma cabeça de carneiro, sobre uma mesa em face da porta, se achava o famoso rapé.

Pediram ponche. Beberam-no. Era ponche de rum quente. Como descrevê-lo? Não lograriam fazê-lo o vocabulário sóbrio, os epítetos comedidos de nossa narrativa. Termos pomposos, frases exóticas e de rico

lavor ocorrem à fantasia exaltada. Aquela bebida aquecia o sangue e clareava as idéias; inundava a alma de bem-estar; predispunha logo a mente a dizer coisas espirituosas e a apreciar o espírito alheio. Tinha o vago da música e a precisão da matemática. Apenas uma de suas qualidades era suscetível de comparação: possuía o calor dum coração generoso, mas seu gosto, perfume e suavidade não se poderiam exprimir com palavras. Se tentasse fazê-lo, Charles Lamb, com seu tato infinito, teria traçado encantadores quadros da vida de seu tempo. Lord Byron, visando o impossível, teria podido atingir o sublime numa estrofe de *Dom Juan*. Oscar Wilde, amontoando jóias de Ispaã sobre brocados de Bizâncio, poderia ter criado uma beleza perturbadora. Refletindo sobre ele, o espírito titubeava e tinha visões de festins de Heliogábalo, sutis harmonias de Debussy envoltas no bafio de velhas arcas que guardam punhos de renda, gibões e gargantilhas de uma geração esquecida. Fazia recordar a lânguida fragância dos lírios-do-vale e o sabor do queijo de Cheddar.

Hayward descobriu a taverna onde se obtinha aquela preciosa mistura ao encontrar na rua um tal Macalister, que fora seu colega em Cambridge. Era corretor de fundos e filósofo. Costumava ir à taverna uma vez por semana; em breve Philip, Lawson e Hayward adquiriram o hábito de se encontrar ali todas as noites de terça-feira. A evolução da moda tornara-a um lugar pouco freqüentado, o que constituía grande vantagem para os amantes da boa conversação. Macalister era um sujeito robusto e atarracado, de cara larga e voz macia. Era versado em Kant e julgava tudo do ponto de vista da Razão Pura. Gostava de expor as suas doutrinas. Philip escutava-o com vivo interesse. Havia muito chegara à conclusão de que nada era mais divertido do que a metafísica, mas não era certo da sua eficácia nos assuntos da vida. O pequeno e bem elaborado sistema que ele construía em resultado de suas meditações em Blackstable não lhe servira de nada durante o seu capricho por Mildred. Não podia afirmar com segurança que a razão prestasse grande serviço como norma de conduta. Parecia-lhe que a vida independia dela. Lembrava-se com muita nitidez da violência de emoção que dele se assenhoreara e a sua incapacidade de reagir, como se estivesse manietado e por terra. Lia muitas coisas sábias nos livros, mas só podia julgar por experiência própria. Não sabia se era diferente dos outros. Ao agir, não calculava os prós e os contras, os benefícios que lhe adviriam do ato ou o prejuízo que pudesse resultar da omissão; mas seu ser inteiro era impelido irresistivelmente. Não agia com uma parte de si mesmo, mas com toda a sua pessoa. A força que o dominava nada

parecia ter em comum com a razão: esta se limitava a indicar os métodos de obter aquilo por que sua alma ansiava.

Macalister lembrou-lhe o Imperativo Categórico:

— Procede de tal modo que cada uma de tuas ações possa converter-se em regra universal de procedimento.

— Isso me parece perfeitamente tolo — disse Philip.

— Que ousadia qualificar assim um princípio estabelecido por Immanuel Kant — retorquiu Macalister.

— Por quê? O respeito pelos ditos alheios é uma qualidade anuladora. Há demasiado respeito no mundo. Kant pensava assim ou assado, não porque isso fosse verdade, mas porque ele era Kant.

— Então, qual é a sua objeção ao Imperativo Categórico?

(Falavam como se a sorte de impérios estivesse em jogo.)

— Ele sugere que podemos por um esforço de vontade escolher um partido a tomar e que a razão é o guia mais seguro. Por que os seus ditames haveriam de ser melhores que os da paixão? São diferentes, nada mais.

— Parece estar satisfeito em ser escravo de suas paixões.

— Escravo, sim, porque não as posso vencer, mas satisfeito, nunca — riu Philip.

Enquanto falava, pensava na loucura que o arrastara para Mildred. Lembrou-se de como se havia irritado contra isso e como sofrera com semelhante degradação.

“Graças a Deus, agora estou livre de tudo” — pensou.

No entanto, mesmo ao dizer isso para si mesmo, não estava bem certo de que o fazia com sinceridade. Quando se achava sob a influência da paixão, sentira um vigor singular, e seu espírito trabalhara com uma força desusada. Dir-se-ia que estava mais vivo, e ao simples fato de existir havia algo emocionante, uma veemência da alma que tornava um tanto insípida a existência atual. Toda a sua miséria de então recebera uma certa compensação nesse prodigioso afluxo de vida.

As palavras imprudentes de Philip o lançaram numa discussão sobre o livre-arbítrio e Macalister, com a sua memória infalível, aduzia argumento sobre argumento. Seu espírito se comprazia na dialética e ele obrigava Philip a contraditar-se. Vendo-se encurralado, só conseguia escapar sacrificando as suas teorias, depois de ter caído em armadilhas de lógica e de ter sido bombardeado com citações.

Finalmente declarou:

— Bem, eu não posso falar pelos outros, só posso falar por mim.

A ilusão da liberdade é tão forte em mim que não posso me desfazer dela, mas acredito que seja uma simples ilusão. Entretanto, essa ilusão é um dos móveis mais poderosos das minhas ações. Antes de agir, sinto que tenho a faculdade de escolha, e isso influi no que vou fazer. Mas, uma vez realizada a coisa, parece-me que era inevitável desde a eternidade.

— E o que infere disso? — perguntou Hayward.

— Ora, muito simplesmente a inanidade do arrependimento. É inútil lamentar o vaso quebrado, quando todas as forças do universo se reuniram para fazê-lo cair das nossas mãos.

Certa manhã, ao levantar-se, Philip sentiu a cabeça girar e, voltando para a cama, percebeu de repente que estava doente. Todos os membros lhe doíam e ele tiritava de frio. Quando a senhoria lhe trouxe a refeição da manhã, ele lhe gritou pela porta aberta que não estava se sentindo bem, e pediu uma xícara de chá com torradas. Poucos minutos mais tarde bateram à porta e Griffiths entrou. Havia um ano que moravam na mesma casa, sem nunca terem ido além do cumprimento no corredor.

— Ouvi dizer que estava encrocado — disse Griffiths. — Resolvi entrar para ver o que é que você tem.

Corando sem saber por quê, Philip disse que não era nada. Estaria bom dentro duma hora ou duas.

— Pois sim, mas deixe que eu tome a sua temperatura.

— Não, não é preciso — respondeu Philip, irritado.

— Vamos, vamos.

Philip pôs o termômetro na boca. Griffiths sentou-se na beira da cama e tagarelou animadamente por alguns instantes. Apanhou depois o termômetro e examinou-o.

— Escute, meu velho, você precisa ficar na cama e eu vou trazer o velho Deacon para lhe dar uma olhadela.

— Bobagem. Eu não tenho nada. Não precisa incomodar-se comigo.

— Mas não é incômodo nenhum. Você tem febre e precisa ficar na cama. Combinado, não?

Havia um encanto particular na sua maneira, uma mistura de gravidade e bondade que era infinitamente sedutora.

— Você tem um admirável ar profissional — murmurou Philip, fechando os olhos a sorrir.

Griffiths ajeitou-lhe o travesseiro e estendeu com habilidade as roupas de cama, acomodando o doente. Foi à sala de visitas de Philip procurar um sifão e, como não o achasse, trouxe um de seu próprio quarto. Baixou depois os estores.



— Agora trate de dormir que eu vou ver se trago o velho logo que ele se desocupe na enfermaria.

O tempo em que Philip ficou só pareceu-lhe longo. Tinha a impressão de que a cabeça lhe ia estalar, sentia uma dor aguda nos membros e temia estar a ponto de chorar. Bateram, enfim, à porta e Griffiths entrou, sadio, forte e jovial.

— Aqui está o doutor Deacon — disse ele.

O médico, um homem idoso, de maneiras brandas, e que Philip conhecia apenas de vista, avançou. Algumas perguntas, um breve exame, e o diagnóstico.

— Que diz o senhor? — perguntou ele a Griffiths, sorrindo.

— Gripe.

— Isso mesmo.

O dr. Deacon correu os olhos em torno daquele quarto tristonho de casa de cômodos.

— Não gostaria de ir para o hospital? O senhor será colocado num quarto particular onde poderá ser mais bem tratado do que aqui.

— Prefiro ficar onde estou — disse Philip.

Não queria ser incomodado e sempre se sentira intimidado em ambientes novos. Encolhia-se ante a idéia de enfermeiras a correr em volta dele, e não o atraía o asseio frio do hospital.

— Eu posso cuidar dele, doutor — disse Griffiths prontamente.

— Está bem.

E o dr. Deacon passou uma receita, deu instruções e retirou-se.

— Agora terá de fazer tudo o que eu disser — disse Griffiths. — Vou ser ao mesmo tempo a enfermeira do dia e a enfermeira da noite.

— É muita bondade sua, mas não vou precisar de nada.

Griffiths pousou na testa de Philip a mão grande, fresca e seca, e esse contato pareceu fazer-lhe bem.

— Eu só vou mandar preparar isto no dispensário e voltarei em seguida.

Dentro em pouco trouxe o remédio e deu uma dose ao doente. Subiu depois ao quarto para buscar os seus livros.

— Você se incomoda se eu estudar aqui esta tarde? — perguntou ao descer. — Vou deixar a porta aberta; quando quiser alguma coisa, dê um grito por mim.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Philip, ao despertar duma madorna inquieta, ouviu vozes na sua sala de visitas. Um amigo viera visitar Griffiths.

— Olha, é melhor não vir esta noite — disse este último.

E alguns instantes depois outra pessoa entrou na sala e expressou sua surpresa por encontrar Griffiths ali. Philip ouviu a explicação deste:

— Estou cuidando dum aluno do segundo ano que mora aqui.

O pobre-diabo está com gripe. Nada de jogo hoje, meu velho.

Quando o amigo ficou a sós, Philip chamou-o.

— Escute aqui, não é por minha causa que você vai deixar de receber os seus amigos esta noite, hein?

— Nada disso. Preciso estudar a minha cirurgia.

— Não mude os seus planos. Eu me arranjo sozinho. Não precisa ficar preocupado comigo.

— Está certo.

Philip piorou. Ao anoitecer começou a delirar um pouco, mas pela madrugada despertou dum sonho agitado. Viu Griffiths levantar-se duma cadeira de braços, ajoelhar-se e com os dedos pôr, um após outro, vários pedaços de carvão no fogo. Vestia um robe de chambre por cima do pijama.

— Que está fazendo aí? — perguntou o doente.

— Oh... lhe acordei? Estava procurando avivar o fogo sem fazer barulho.

— Por que não está deitado? Que horas são?

— Perto das cinco. Achei melhor ficar aqui esta noite. Trouxe uma cadeira de braços. Se eu tivesse trazido um colchão, dormiria como uma pedra e não acordaria quando precisasse de mim.

— Era melhor que fosse menos abnegado — gemeu Philip. — E se apanha a gripe?

— Aí terá de cuidar de mim, meu velho — volveu o outro, com uma risada.

De manhã Griffiths ergueu os estores. A noite de vigília o deixara pálido e cansado, mas achava-se com boa disposição de espírito.

— Agora vou lhe lavar — disse alegremente para Philip.

— Eu mesmo posso fazer isso — respondeu o doente, envergonhado.

— Bobagem. Se estivesse no hospital seria lavado por uma enfermeira. Eu posso fazer a coisa tão bem quanto ela.

Demasiado fraco e acabrunhado para resistir, Philip permitiu que Griffiths lhe lavasse o rosto, as mãos, os pés, o peito e as costas. Fê-lo com

uma delicadeza encantadora, ao mesmo tempo que despejava uma torrente de palavras amigas; mudou depois os lençóis exatamente como no hospital, sacudiu o travesseiro e arranjou a roupa da cama.

— Gostaria que a Irmã Arthur me visse. Havia de ficar pasmada. Deacon vem lhe ver agora de manhã cedo.

— Não posso compreender por que você é tão bom para mim — disse Philip.

— Isso vai me habituando a lidar com doentes. Até é divertido ter um paciente...

Griffiths deu-lhe a primeira refeição e foi vestir-se para ir comer alguma coisa. Poucos minutos antes das dez, voltou com um cacho de uvas e flores.

— Mas você é de uma amabilidade incrível! — exclamou Philip.

Ficou na cama durante cinco dias.

Norah e Griffiths cuidavam dele alternadamente. Embora Griffiths fosse da mesma idade de Philip, adotava para com este uma cômica atitude maternal. Era um sujeito atencioso, gentil e encorajador; seu maior predicado, porém, consistia numa vitalidade que parecia emprestar saúde a todos quanto se aproximavam dele. Philip não estava habituado aos mimos que a maioria das pessoas recebe das mães e irmãs e ficou profundamente tocado pela ternura feminina daquele forte rapagão. Melhorou. Sentado ociosamente no quarto, Griffiths o distraía, contando-lhe os seus casos amorosos. Era namorador, capaz de envolver-se em três ou quatro aventuras ao mesmo tempo; e valia a pena escutar a narrativa dos ardis a que se via obrigado para livrar-se de dificuldades. Tinha o dom de emprestar um encanto romântico a tudo quanto lhe acontecia. Estava crivado de dívidas, e todos os seus objetos de valor se achavam empenhados; conseguia entretanto ser sempre alegre, extravagante e generoso. Era aventureiro por natureza. Gostava das pessoas de ocupações duvidosas e propósitos indefinidos. Tinha grandes relações entre a ralé que freqüentava os bares de Londres. Mulheres perdidas tratavam-no como a um amigo, tomavam-no para confidente, contando-lhe as suas aventuras e dificuldades. Trapaceiros, enternecidos com a sua falta de dinheiro, pagavam-lhe jantares e emprestavam-lhe notas de cinco libras. Era invariavelmente reprovado nos exames; mas suportava isso com jovialidade e submetia-se com uma graça tão encantadora às reprimendas paternas que seu pai, um médico que clinicava em Leeds, não tinha coragem de zangar-se seriamente com ele.

— Sou um tapado para os livros — dizia ele em tom alegre. — Mas é que não posso estudar.

A vida era demasiado bela. Mas estava claro que, quando ele tivesse passado a exuberância da mocidade e fosse afinal diplomado, conseguiria um tremendo sucesso na clínica. Curaria os pacientes com o simples encanto de suas maneiras.

Philip adorava-o agora como adorara no colégio os rapazes altos, desempenados e cheios de energia vital. Quando se restabeleceu, já uma sólida amizade os ligava, e Philip sentia um encanto todo particular em ver que Griffiths parecia achar prazer em ficar sentado na sua pequena sala de visitas, tomando o tempo do amigo com a sua tagarelice divertida e fumando inúmeros cigarros. Philip levava-o às vezes à taverna próxima à Regent Street. Hayward achava-o estúpido, mas Lawson reconhecia-lhe a sedução e estava ansioso por pintar-lhe um retrato. Griffiths era uma figura pitoresca, de olhos azuis, tez branca e cabelos crespos. Frequentemente discutiam os amigos assuntos que ele desconhecia por completo, e então o rapaz ficava em silêncio, com um sorriso bonachão na cara simpática, sentindo perfeitamente que sua presença era suficiente contribuição para o entretenimento da sua companhia. Quando descobriu que Macalister era corretor, pediu-lhe ansiosamente palpites para a Bolsa. E Macalister, com seu sorriso grave, contou-lhe que teria ganho fortunas se tivesse comprado certos títulos em determinadas ocasiões. Isso fazia vir água à boca de Philip, pois estava gastando mais do que esperava e não seria nada mau fazer algum dinheiro pelo fácil método sugerido por Macalister.

— Na próxima vez que eu souber dum bom palpite, hei de lhe avisar — dizia o corretor. — Eles às vezes aparecem. A questão é esperar a oportunidade.

Como seria agradável ganhar cinquenta libras e oferecer a Norah as peles de que ela tanto precisava para o inverno... Olhava as lojas de Regent Street e escolhia os artigos que havia de comprar com aquele dinheiro. Ela merecia tudo. Tornara-lhe a vida muito feliz.

Uma tarde, chegou ele a seus aposentos de volta do hospital, para se lavar e arranjar, antes de ir, como de costume, tomar chá em companhia de Norah. No instante em que punha a chave na fechadura, a dona da casa abriu-lhe a porta:

— Tem uma moça à sua espera — disse ela.

— À minha espera?

Estava surpreso. Só podia ser Norah, e ele não tinha idéia do que poderia tê-la trazido ali.

— Eu não queria deixar entrar, mas é que ela veio três vezes e parecia tão aborrecida por não encontrar o senhor... Então eu disse que esperasse.

Philip deixou a senhoria ainda a explicar e precipitou-se para o quarto. O coração lhe desfaleceu. Era Mildred. Estava sentada mas ergueu-se depressa assim que ele entrou. Não avançou para ele nem falou. A surpresa de Philip era tamanha que ele falou sem saber o que dizia.

— Que diabo você quer? — perguntou.

Mildred pôs-se a chorar sem responder. Não levou as mãos aos olhos, mas conservou-as caídas ao longo do corpo. Parecia uma copeira pedindo emprego. Havia uma dolorosa humildade na sua atitude. Philip não saberia dizer que sentimentos lhe acudiam. Teve o súbito impulso de fazer meia-volta e fugir do quarto.

— Não pensei que fosse ver você outra vez — falou afinal.

— Quem me dera ter morrido... — gemeu ela.

Philip deixou-a parada onde estava. No momento, só pensava em recobrar o domínio de si mesmo. Tremiam-lhe os joelhos. Olhava para ela, gemendo com desespero.

— Que foi que aconteceu?

— Ele me deixou... O Emil...

O coração de Philip sobressaltou-se. Compreendia agora que a amava tão apaixonadamente como antes. Nunca deixara de amá-la. Abatida e submissa, ali estava ela na sua frente. Desejou tomá-la nos braços e cobrir-lhe de beijos o

rosto manchado de lágrimas. Quão longa tinha sido a separação! Não sabia como a pudera suportar.

— É melhor você se sentar. Vou lhe dar alguma coisa para beber.

Arrastou a cadeira para perto do fogo e ela se sentou. Philip misturou uísque e soda e Mildred, ainda soluçante, bebeu. Olhava para o amigo com olhos grandes e tristes, circundados por largas olheiras. Estava mais magra e mais pálida do que quando ele a vira pela última vez.

— Antes tivesse casado com você quando você me pediu.

Philip, sem saber por quê, sentiu um nó na garganta. Incapaz de conservar a reserva que se impusera, pôs-lhe a mão no ombro.

— Sinto muitíssimo o que aconteceu.

Mildred reclinou a cabeça no peito do amigo e rompeu num choro histérico. Como o chapéu a estorvasse, tirou-o. Philip nunca havia sonhado que Mildred fosse capaz de chorar daquela maneira. Beijou-a repetidas vezes. Isso pareceu aliviá-la um pouco.

— Você sempre foi tão bom, Philip — disse ela. — Por isso é que eu sabia que podia recorrer a você.

— Conta-me o que aconteceu.

— Oh!, não posso, não posso! — exclamou ela, esquivando-se.

Philip caiu de joelhos ao lado de Mildred e encostou a face na face dela.

— Você bem sabe que não há nada que não possa me dizer. Nunca lhe censurei coisa alguma.

Mildred contou-lhe a história pouco a pouco. Em certos momentos soluçava tanto que ele mal podia entender o que ela dizia.

— Na segunda-feira passada ele foi a Birmingham e me prometeu voltar quinta, mas não voltou mais, nem sexta. Então eu escrevi uma carta perguntando o que tinha acontecido e ele nem respondeu. Escrevi de novo dizendo que se ele não respondesse eu ia até Birmingham.

E hoje de manhã recebi uma carta dum advogado, dizendo que eu não tinha nenhum direito a Emil e que se eu insistisse ele ia pedir a proteção da lei.

— Mas isso é absurdo — gritou Philip. — Um homem não pode tratar a sua esposa dessa maneira. Tiveram alguma briga?

— Oh, sim, no domingo. E ele disse que estava farto de mim, mas já tinha dito isso antes e voltava do mesmo jeito. Não pensei que dessa vez fosse sério. Ele estava assustado porque eu contei que ia ter um filho. Enquanto pude, não disse isso a ele. Depois tive que dizer. Ele respondeu que a culpa era

minha, que eu devia ter me cuidado. Só queria que você ouvisse as coisas que ele me disse! Mas eu logo vi que ele não era um *gentleman*. Deixou-me sem um vintém. Não havia pago o aluguel e eu não tinha dinheiro para pagar. A dona da casa me fez ouvir boas... O que ela me disse só se diz para uma ladra.

— Pensei que tivessem alugado um apartamento.

— Isso foi o que ele prometeu, mas fomos para uns cômodos mobiliados em Highbury. Emil era mesquinho assim. Ele me chamava de gastadora, mas não me dava nada para gastar.

Mildred tinha um dom especial para misturar as coisas importantes com as triviais. Philip estava intrigado. Tudo aquilo lhe parecia incompreensível.

— Nenhum homem podia ser tão patife assim — disse.

— Você não o conhece. Eu não voltaria agora para Emil nem que ele me viesse pedir de joelhos. Fui uma boba em ter me importado com ele. E ele não estava ganhando o que dizia. As mentiras que me contou!

Philip refletiu durante um momento. Estava tão profundamente comovido com a desgraça dela que não podia pensar em si mesmo.

— Gostaria que eu fosse a Birmingham? Podia procurá-lo e tentar arranjar as coisas.

— Oh, que esperança! Agora ele não volta mais, conheço-o muito bem.

— Mas ele é obrigado a lhe sustentar. Não pode fugir a isso. Não entendo nada dessas coisas, mas o melhor é procurar um advogado.

— Mas como? Não tenho dinheiro.

— Eu lhe darei. Vou escrever um bilhete para o meu advogado, o *sportsman* que foi executor testamentário de meu pai. Quer que eu vá com você até lá agora? Acho que ele ainda está no escritório.

— Não, escreva uma carta. Vou sozinha.

Mildred estava um pouco mais calma. Philip sentou-se e escreveu o bilhete. Lembrou-se depois de que ela não tinha dinheiro. Felizmente havia descontado um cheque no dia anterior e pôde dar-lhe cinco libras.

— Você é bom comigo, Philip — disse ela.

— Sinto-me tão satisfeito em poder fazer alguma coisa por você.

— Você ainda gosta de mim?

— Como sempre.

Mildred ofereceu-lhe os lábios e ele os beijou. Havia nesse gesto um abandono que Philip nunca lhe notara até então. Bem valia toda a angústia que havia sofrido.

Mildred saiu e Philip percebeu que ela havia passado duas horas ali, em sua companhia. Sentia-se extraordinariamente feliz.

— Coitadinha! Coitadinha... — murmurava para si mesmo, com o coração a arder num amor ainda maior que o antigo.

Pelas oito horas bateram à porta. Era um telegrama. Antes de abri-lo adivinhou quem o mandava.

*Que há? Norah.*

Não soube que fazer nem responder. Podia encontrá-la depois que terminasse o espetáculo em que ela tomava parte e acompanhá-la a pé até a casa como às vezes fazia. Mas com toda a alma se revoltava à idéia de vê-la naquela noite. Pensou em escrever-lhe, mas não se animava a começar com o *querida* Norah de sempre. Resolveu telegrafar.

*Desolado. Não pude sair. Philip.*

Via-a em pensamento. Sentia uma vaga repulsa por aquele rostinho feio, com os zigomas salientes e a tonalidade crua da pele. Havia nesta uma aspereza que lhe dava arrepios. Sabia que o telegrama devia ser seguido de alguma iniciativa de sua parte, mas, apesar de tudo, adiou-a.

Tornou a telegrafar-lhe no dia seguinte.

*Impossível ir. Lamento. Escreverei.*

Mildred tinha dado a entender que voltaria às quatro da tarde e ele não quis dizer a ela que a hora era inconveniente. Afinal, ela estava em primeiro lugar. Esperou-a com impaciência. Da janela viu-a chegar e foi em pessoa abrir a porta da rua.

— Então? Falou com Nixon?

— Falei — respondeu ela. — Disse que não adiantava. Não se pode tomar medida alguma. O remédio é agüentar firme.

— Mas isso é impossível! — exclamou Philip.

Ela atirou-se numa cadeira, desanimada.

— Nixon deu alguma razão? — perguntou ele.



Mildred lhe estendeu uma carta amarrotada.

— Aqui está a sua carta, Philip. Não entreguei. Ontem não tive coragem de contar. Não pude mesmo. Emil não se casou comigo. Não podia. Já tinha mulher e três filhos.

Philip sentiu-se de súbito pungido pelo ciúme e pela angústia. Aquilo quase ultrapassava o limite de suas forças.

— Foi por isso que eu não pude voltar para casa da minha tia. Não tenho mais ninguém no mundo senão você.

— Mas que foi que lhe fez ficar com ele? — perguntou Philip numa voz baixa que ele se esforçava por manter firme.

— Não sei. No começo ignorava que Emil era casado. E quando ele me contou, disse-lhe boas. E depois passei meses sem falar com ele, e quando Emil voltou à casa de chá e tornou a me pedir, não sei o que foi que se passou comigo. Era como se fosse meu destino ir com ele.

— Você o amava?

— Não sei. Eu não podia deixar de rir das coisas que ele me contava. E depois ele tinha um certo quê... Dizia que eu nunca havia de me arrepender, prometia dar-me sete libras por semana, garantiu que estava ganhando quinze, mas era mentira: não estava. E, além disso, eu já andava enjoada de ir para o emprego todos os dias e não me dava muito bem com a minha tia. Ela queria me tratar como uma criada e não como parenta. Dizia que eu mesma devia arrumar o meu quarto e, que se eu não arrumasse, ninguém ia fazer isso para mim. Oh! Se ao menos eu não tivesse ido atrás desse homem! Mas quando Emil apareceu lá na casa e me pediu para viver com ele, senti que não podia resistir...

Philip afastou-se dela. Sentou-se à mesa e ficou com a cabeça entre as mãos. Sentia-se horrivelmente humilhado.

— Você não está zangado comigo, não, Philip? — perguntou ela com voz lastimosa.

— Não — respondeu ele, erguendo a vista mas evitando olhar para ela. — Estou apenas muito magoado.

— Por quê?

— Compreenda, eu a amava tão apaixonadamente... Fiz tudo o que pude para que você se interessasse por mim. Pensei que era incapaz de amar a quem quer que fosse. É tão medonho saber que você se dispôs a sacrificar tudo por aquele tipo reles... Eu só queria saber que foi que você viu nele.

— Sinto muito, Philip. Juro que depois me arrependi amargamente.

Philip pensou em Emil Miller com aquele seu aspecto viscoso e malsão, os olhos azuis e velhacos, a janotice vulgar. Usava sempre uns berrantes coletes vermelhos de malha. Philip suspirou. Mildred ergueu-se e caminhou para ele, pondo-lhe os braços ao redor do pescoço.

— Jamais vou esquecer que você quis casar comigo...

Ele tomou-lhe da mão e ergueu os olhos para ela. Mildred inclinou-se e beijou-o.

— Philip, se você ainda me quer, eu agora faço tudo o que você pedir. Eu sei que você é um *gentleman* em toda a extensão da palavra.

O coração dele como que parou. Aquelas palavras causavam-lhe um vago nojo.

— É uma grande bondade de sua parte, mas não posso.

— Não gosta mais de mim?

— Gosto, sim, amo você de todo o coração.

— Então por que não aproveitamos a vida, enquanto podemos? Agora não tem importância.

Philip se despreendeu dela.

— Você não pode compreender. Desde que a vi fiquei doente por você, mas agora... esse homem! Desgraçadamente tenho uma imaginação muito viva. Só de pensar nisso fico revoltado.

— Você é tão engraçado...

Philip tomou-lhe da mão e sorriu para ela.

— Não pense que eu seja um ingrato. Por mais que eu lhe seja grato, nunca será demais. Mas... entenda, isso é mais forte que eu.

— Você é um bom amigo, Philip.

Continuaram a conversar e em breve tinham voltado à familiaridade e camaradagem dos velhos tempos. Fazia-se tarde. Philip sugeriu que jantassem juntos e fossem depois a um *music-ball*. Foi necessário persuadi-la, pois ela tinha a idéia de que devia portar-se de acordo com a situação e instintivamente sentia não ficar bem sair a passear a sua desgraça numa casa de diversões. Philip pediu-lhe por fim que fosse, simplesmente para lhe ser agradável. E uma vez travestido o seu consentimento em sacrifício, ela cedeu. Tinha uma nova compenetração que fazia as delícias de Philip. Pediu-lhe que a levasse ao pequeno restaurante de Soho onde tantas vezes haviam estado; ele lhe ficou infinitamente reconhecido, porque tal sugestão mostrava que Mildred ligava

àquele lugar lembranças felizes. Ela foi ficando cada vez mais alegre à medida que o jantar prosseguia. O borgonha da taverna da esquina aqueceu-lhe o coração e ela esqueceu que devia manter uma expressão dolorosa. Philip achou prudente falar-lhe do futuro.

— Acho que você está sem um níquel, não é mesmo? — perguntou ele quando a oportunidade se apresentou.

— Só tenho o que você me deu ontem e assim mesmo já tive de pagar três libras à senhoria.

— Bom, para começar vou lhe dar uma nota de dez libras. Procurarei o meu advogado para que ele escreva a Miller. Podemos fazê-lo contribuir com alguma coisa, estou certo disso. Se conseguirmos dele umas cem libras, isso dará para seu sustento até nascer a criança.

— Prefiro morrer de fome a aceitar um vintém dele.

— Mas é monstruoso que ele lhe abandone dessa maneira.

— Também tenho que pensar no meu orgulho.

A situação era um pouco embaraçosa para Philip. Uma economia rigorosa lhe era necessária para fazer que seu dinheiro durasse até terminar os estudos. Precisava também de alguma coisa com que se manter como interno de medicina e cirurgia nos hospitais. Mildred, porém, contara-lhe vários exemplos da mesquinhez de Miller e Philip temia discutir com ela, no caso em que fosse acusado de falta de generosidade.

— Dele não aceito nem a metade dum vintém. Prefiro pedir esmola. Eu já teria procurado trabalho há muito tempo se não fosse o meu estado. A gente tem que pensar na saúde, não é?

— Não precisa se preocupar com o presente — disse Philip. — Posso lhe dar tudo o que quiser até ter condições de trabalhar de novo.

— Eu sabia que podia contar com você. Eu disse a Emil que ele não pensasse que eu não tinha ninguém. Disse também que você era um *gentleman* em toda a extensão da palavra.

Pouco a pouco Philip ficou sabendo como se dera a separação. Parecia que a esposa do tipo havia descoberto a aventura em que ele andava metido nas suas visitas periódicas a Londres, e tinha se dirigido ao chefe da turma para a qual ele trabalhava. Ameaçou-o com o divórcio e na casa afirmaram-lhe que em tal caso ele seria demitido. Emil tinha paixão pelos filhos e não podia suportar a idéia de ficar separado deles. Vendo-se na alternativa de escolher entre a esposa e a amante, preferiu a primeira. Sempre procurara ansiosamente

evitar um filho que viesse complicar ainda mais a situação; e quando Mildred, incapaz de esconder por mais tempo a sua gravidez, contou-lhe a novidade, ele foi tomado de pânico. Provocou uma rusga e abandonou-a sem mais aquela.

— Para quando espera a criança? — indagou Philip.

— Para princípios de março.

— Faltam três meses.

Era necessário discutir os planos. Mildred declarou que não ficaria nos seus aposentos em Highbury e Philip também achou mais conveniente que ela ficasse perto dele. Prometeu procurar-lhe um quarto no dia seguinte. Ela sugeriu Vauxhall Bridge Road.

— E ficaria perto para depois — acrescentou.

— Que quer dizer com isso?

— Ora, eu não poderei ficar lá além de dois meses ou um pouco mais. Depois tenho de ir para uma maternidade. Conheço uma muito séria, freqüentada por gente de classe. Cobram quatro guinéus por semana, sem extraordinários. Naturalmente o doutor é pago em separado. Uma amiga minha foi para lá e disse que a senhora que toma conta é muito direita. Pretendo dizer para ela que meu marido é um oficial que está na Índia e que eu vim para Londres ter a criança, porque é melhor para a minha saúde.

Philip achava extraordinário ouvi-la falar daquela maneira. Com seus traços miúdos e delicados e o seu rosto pálido, ela tinha um aspecto frio e virginal. Ao pensar nas paixões inesperadas que ardiam naquele peito, sentiu o coração estranhamente perturbado e o pulso lhe bateu com violência.

Ao chegar a casa, ao contrário do que esperava, Philip não encontrou nenhuma carta de Norah. Também nada recebeu na manhã seguinte. Esse silêncio o irritava e ao mesmo tempo o alarmava. Desde o mês de junho costumavam encontrar-se todos os dias. Ela devia estranhar que ele deixasse passar dois dias sem visitá-la nem justificar sua ausência. Ela o teria visto, por um infeliz acaso, na companhia de Mildred? Não podia suportar a idéia de que ela estivesse magoada ou que sofresse, e resolveu visitá-la naquela tarde. Sentia-se quase inclinado a censurá-la por lhe ter permitido tomar tanta intimidade com ela. O pensamento de continuar essas relações enchia-o de repugnância.

Achou dois quartos para Mildred no segundo andar duma casa de Vauxhall Bridge Road. Eram barulhentos, mas Philip sabia que ela gostava do rumor do tráfego sob as janelas.

— Não suporto essas ruas mortas onde a gente não vê viva alma o dia inteiro — dizia ela. — Gosto do movimento.

Depois ele encheu-se de coragem e foi a Vincent Square. Ao fazer soar a campainha sentiu o mal-estar da apreensão. Tinha a desagradável consciência de estar se conduzindo mal para com Norah. Temia as censuras. Sabia-a impulsiva e detestava cenas. Talvez o melhor fosse contar-lhe francamente que Mildred havia voltado e que seu amor por ela era tão violento como antes. Sentia muito, mas não podia lhe oferecer mais nada. Pensou depois no sofrimento de Norah, pois sabia que ela o amava. Antes esse amor o lisonjeava e lhe inspirara um imenso reconhecimento. Agora, porém, era horrível. Ela não merecia que ele lhe infligisse uma dor tão amarga. Como iria Norah recebê-lo? Enquanto subia as escadas passaram-lhe pela mente todas as atitudes possíveis da parte dela, e formou as mais diversas hipóteses. Bateu à porta. Sentiu que estava pálido e pensava em como esconder o nervosismo.

Norah estava escrevendo arduamente, mas ergueu-se de um salto assim que ele entrou.

— Reconheci os seus passos! — exclamou. — Por onde andou escondido, seu menino travesso?

Aproximou-se dele alegremente e enlaçou-lhe o pescoço com os braços. Estava encantada por vê-lo. Ele a beijou e, para dissimular a perturbação, disse que estava sedento por um chá. Ela avivou o fogo para fazer a água ferver.

— Tenho andado muito atarefado — disse ele, sem jeito.

Ela começou a tagarelar com a vivacidade habitual. Um novo editor acabava de lhe encomendar um pequeno romance. Ganharia quinze guinéus.

— É dinheiro caído do céu. Vou lhe contar o que vamos fazer. Tiraremos umas pequenas férias. O que diz de passar um dia em Oxford, hein? Eu adoro ver as universidades.

Philip olhou para ela a fim de ver se havia alguma sombra de reprovação em seus olhos, mas eles se mostravam tão francos e alegres como sempre. Norah estava radiante por vê-lo. Philip sentiu um aperto no coração. Não podia lhe dizer a verdade brutal. Ela lhe preparou umas torradas, cortou-as em pequenos pedaços e o serviu como se ele fosse uma criança.

— Já alimentou o cadáver? — perguntou.

Ele sacudiu a cabeça afirmativamente, sorrindo. Norah acendeu-lhe um cigarro. Depois, como gostava de fazer, veio sentar-lhe sobre os joelhos. Era muito leve. Reclinou-se nos braços dele com um suspiro de felicidade.

— Diga alguma coisa bonita — murmurou.

— Que é que vou dizer?

— Podia fazer um esforço de imaginação e dizer que gosta um pouco de mim.

— Isso você já sabe.

Não tinha coragem de lhe contar a verdade. Ao menos por aquele dia, não queria perturbar-lhe a paz. Talvez lhe escrevesse depois. Seria mais fácil. Não podia suportar a idéia de vê-la chorar. Norah obrigou-o a beijá-la e, ao fazê-lo, Philip pensou em Mildred e nos lábios pálidos e delgados de Mildred. E a lembrança de Mildred ficou com ele todo o tempo, como uma forma incorpórea, mais substancial, porém, que uma sombra. E essa visão lhe distraía continuamente a atenção.

— Está muito quieto hoje — disse Norah.

A loquacidade dela era a pilhéria habitual entre ambos.

— Você não me deixa encaixar uma palavra — respondeu Philip. — Até já perdi o hábito.

— Mas você não está escutando e isso não são modos.

Ele corou de leve. Desconfiaria ela de alguma coisa? Desviou os olhos, perturbado. O peso de Norah molestava-o naquela tarde e ele não queria que ela o tocasse.

— Meu pé está dormente — disse ele.

— Perdão — exclamou ela, pondo-se de pé. — Preciso emagrecer se não quiser perder este hábito de sentar no colo dos cavalheiros.

Philip começou a bater ostensivamente com o pé no chão e a caminhar dum lado para outro. Postou-se depois diante do fogo, a fim de que ela não retomasse a posição anterior. Enquanto Norah falava, dizia consigo que ela valia bem dez Mildreds; divertia-o muito mais e era uma interlocutora mais jovial; tinha mais inteligência e uma natureza mais delicada. Era uma mulherzinha corajosa, honesta e boa; e Mildred, refletiu ele com amargor, não merecia nenhum desses epítetos. Se tivesse a menor parcela de bom senso, ficaria com Norah, pois ela havia de fazê-lo muito mais feliz do que ele podia ser com Mildred: no fim das contas ela o amava, ao passo que Mildred mostrava-se apenas agradecida pelo auxílio que ele lhe prestava. Mas, em última análise, o que importava era amar, mais do que ser amado. E ele ansiava por Mildred com toda a alma. Preferia passar dez minutos com ela a ter toda uma tarde com Norah. Dava mais apreço a um simples beijo de seus lábios frios do que a tudo quanto Norah lhe pudesse oferecer.

“Isso está acima das minhas forças”, pensou ele. “Trago-a no sangue.”

Pouco lhe importava que ela não tivesse coração, que fosse viciosa e vulgar, obtusa e cúpida. Amava-a. Preferia sofrer ao lado de uma a ser feliz junto da outra.

Quando ele se ergueu para sair, Norah lhe disse com naturalidade:

— Bom, vejo você amanhã, não?

— Sim.

Ele sabia que lhe era impossível vir, pois tinha de ajudar Mildred na mudança. Não teve, entretanto, a coragem de dizê-lo. Resolveu telegrafar depois.

Mildred viu os quartos na manhã seguinte e se declarou satisfeita. Depois do almoço Philip subiu com a amiga a Highbury. Tinha ela uma mala de roupas e outras com várias bugigangas, almofadões, quebra-luzes, fotografias emolduradas coisa com que pretendia dar um ar doméstico ao apartamento. Possuía ainda duas ou três caixas de papelão grandes, mas tudo podia ir na

capota dum *cab*. Ao passar pela Victoria Street, Philip escondeu-se no fundo do carro, temendo que Norah andasse por ali. Não tivera tempo ainda para lhe telegrafar e não o poderia fazer da agência de Vauxhall Bridge, uma vez que ela podia estranhar que ele andasse por aquela zona, pois se chegara até ali não teria desculpa de não ter ido ao largo vizinho, onde ela morava. Chegou à conclusão de que era melhor ir passar meia hora com ela. Essa necessidade, porém, deixou-o irritado. Estava zangado com Norah porque ela o obrigava a estratégias vulgares e degradantes. Sentia-se, porém, feliz por estar com Mildred. Achou divertido ajudá-la a desfazer as malas, e experimentou uma agradável sensação de posse em instalá-la naqueles aposentos que ele descobrira e cujo aluguel ia pagar. Não permitiu que ela se fatigasse. Era-lhe um prazer fazer as coisas para Mildred, e ela não tinha a menor disposição de se dar um trabalho que alguém lhe quisesse poupar. Foi ele quem lhe tirou os vestidos da mala. Como Mildred não pretendesse sair de novo, ele lhe trouxe as chinelas e tirou-lhe as botinhas. Esse papel de criado o encantava.

— Você está me acostumando mal — disse ela, correndo os dedos afetuosamente pelos cabelos de Philip, enquanto este, ajoelhado, lhe desabotoava as botinhas.

Philip tomou-lhe as mãos e beijou-as.

— Como é bom tê-lo aqui comigo.

Arranjou as almofadas e as fotografias. Mildred tinha vários vasos de faiança verde.

— Vou arranjar umas flores — disse Philip.

Lançou um olhar satisfeito em torno de si.

— Como eu não pretendo sair mais, acho que vou botar um chambre — disse ela. — Desabotoa-me aqui atrás, sim?

Voltou-lhe as costas com tanta indiferença como se ele fosse uma mulher.

O seu sexo nada significava para ela. Mas Philip se sentia cheio de gratidão pela intimidade que aquele pedido testemunhava. Com dedos inábeis, desprende os colchetes.

— Aquele primeiro dia em que fui à casa de chá nem imaginei que hoje eu pudesse estar aqui fazendo isto — disse ele, com um riso forçado.

— Alguém tem que fazer.

Entrou no quarto de dormir e meteu-se num chambre azul-claro enfeitado com grande quantidade de rendas baratas. A seguir Philip



acomodou-a num sofá e foi preparar o chá para ela.

— Acho que não posso ficar para tomar chá contigo — disse ele, pesaroso. — Tenho um maldito encontro. Mas estarei de volta dentro de meia hora.

Que resposta daria se ela perguntasse com quem era o encontro? Mas Mildred não mostrou curiosidade. Philip tinha encomendado jantar para dois ao alugar os quartos. Pretendia passar tranqüilamente o serão em companhia dela. Ele tinha tanta pressa de voltar, que tomou um elétrico em Vauxhall Bridge Road. Achou preferível dizer logo a Norah que não podia demorar senão alguns minutos.

— Olha, dei um pulo até aqui para ver como você está — disse, assim que entrou. — Estou ocupadíssimo.

— Mas... o que é que há?

O rosto dela anuviou-se.

O fato de se ver forçado a dizer mentiras exasperava-o. E sentiu que havia corado ao responder que se tratava duma demonstração no hospital, à qual era obrigado a assistir. Pareceu-lhe que ela não acreditara em suas palavras e isso o irritou ainda mais.

— Ah... Está bem, não faz mal. Amanhã você irá ficar comigo o dia todo.

Philip a encarou com ar vago. O dia seguinte era domingo e ele contava passá-lo com Mildred. Procurava persuadir-se de que lhe cumpria fazer aquilo por um dever de decência; não podia deixá-la só numa casa estranha.

— Sinto muitíssimo. Amanhã estou comprometido.

Sabia que isso ia provocar uma cena que ele daria tudo para evitar. Avivou-se a cor das faces de Norah.

— Mas eu convidei os Gordon para almoçar. Eu lhe avisei na semana passada. — Os Gordon eram um casal de atores que estava fazendo um giro pelas províncias e que passaria o domingo em Londres.

— Desculpe, esqueci.

Philip hesitou.

— Temo que não me seja possível vir. Não há mais ninguém que possa convidar?

— O que você vai fazer amanhã, então?

— Preferiria que não me submetesse a um interrogatório.

— Então não quer me dizer?

— Isso não tem a mínima importância, mas é que é um pouco desagradável a gente ser forçado a dar satisfação de tudo quanto faz...

Norah mudou de repente. Conseguiu dominar a cólera e veio tomar as mãos do rapaz.

— Não me desaponte amanhã, Philip. Eu contava tanto passar o dia junto de você. Os Gordon querem lhe conhecer e vamos nos divertir muito.

— Se pudesse, viria com a melhor boa vontade.

— Não sou muito exigente, não? Quase não lhe peço para fazer uma coisa que lhe desagrade. Você não pode faltar a este seu compromisso... só por uma vez?

— Sinto muito, mas não vejo jeito... — replicou ele, com expressão carrancuda.

— Dize-me o que é — pediu ela, adúladora.

Ele tivera tempo de inventar um pretexto.

— As duas irmãs de Griffiths vieram passar o domingo aqui e temos que levá-las a passear.

— Só isso? — disse ela, alegremente. — O Griffiths pode muito bem arranjar outro companheiro.

Por que não pensara num motivo mais premente? Era uma mentira mal engendrada.

— Não, sinto muitíssimo. Não posso... Prometi e tenho de manter a promessa.

— Mas você me prometeu também. Está claro que estou em primeiro lugar.

— Eu preferia que não insistisse.

Ela se exasperou.

— Você não vem porque não quer. Não sei o que esteve fazendo estes últimos dias. Anda tão diferente...

Philip consultou o relógio.

— Bom. Tenho que ir andando...

— Então não vem amanhã?

— Não.

— Nesse caso não precisa vir nunca mais — gritou Norah, perdendo definitivamente a paciência.

— Como quiser.

— Não quero lhe prender por mais tempo — acrescentou ela, irônica.

Ele deu de ombros e retirou-se. Sentia-se aliviado porque aquilo poderia ter sido pior. Não houvera lágrimas. Enquanto caminhava, congratulou-se por se ter tão facilmente tirado da dificuldade. Entrou na Victoria Street e comprou algumas flores para levar a Mildred.

O jantarzinho foi um enorme sucesso. Philip havia trazido um pote de caviar, de que Mildred, sabia-o ele, gostava muito. A dona da casa lhes serviu costeletas com legumes e uma sobremesa. Philip tinha pedido borgonha, o vinho preferido de Mildred. Com as cortinas descidas, um bom fogo, a lâmpada velada, o ambiente era confortável.

— É como se a gente estivesse em casa — sorriu Philip.

— Eu podia estar em piores condições, não?

Terminado o jantar, Philip arrastou duas poltronas para diante da lareira e ambos sentaram-se. Pôs-se a fumar o seu cachimbo confortavelmente. Sentia-se feliz e disposto à generosidade.

— O que gostaria de fazer amanhã? — perguntou.

— Oh, vou a Tulse Hill. Você se lembra da gerente lá da casa? Pois ela agora está casada e me convidou para passar o dia com ela. Naturalmente pensa que eu também estou casada.

O coração de Philip desfaleceu.

— Mas eu recusei um convite só para poder passar o domingo contigo...

Pensou que se ela o amasse diria que nesse caso ficaria com ele. Philip sabia muito bem que Norah, em idêntica situação, não teria hesitado.

— Pois você foi um bobo. Já faz três semanas ou mais que prometi ir.

— Mas como pode ir sozinha?

— Oh... Eu digo que Emil está fora, a serviço. O marido dela negocia com luvas e é um sujeito muito fino.

Philip permaneceu calado e sentimentos amargos lhe passaram pelo coração. Ela o olhou de soslaio.

— Será que você quer ser um desmancha-prazeres, Philip? Você compreende, é a última vez que eu posso sair sabe Deus por quanto tempo. E além disso, prometi...

Ele segurou-lhe a mão e sorriu.

— Não, querida. Quero que você se divirta o máximo possível. Não desejo senão a sua felicidade.

Um pequeno livro de capa azul estava aberto em cima do sofá, de costas para cima. Philip apanhou-o distraidamente. Tratava-se de uma novela barata,

da autoria de Courtenay Paget. Era o pseudônimo de Norah.

— Gosto dos livros dele — disse Mildred. — Já li todos. São tão distintos...

Philip lembrou-se do que Norah havia dito de si mesma:

— Gozo de uma enorme popularidade entre as criadinhas. Elas me acham tão requintada...

Em retribuição às confidências de Griffiths, Philip havia lhe contado pormenores de suas complicações amorosas. Domingo pela manhã, depois do café, quando fumavam metidos em robe de chambre ao pé do fogo, Philip contou-lhe a cena do dia anterior. Griffiths felicitou-o por se haver tirado facilmente das dificuldades.

— Ter uma aventura com uma mulher — observou ele sentenciosamente — é a coisa mais simples do mundo. Mas livrar-se dela é um trabalho dos diabos.

Philip estava um tanto envaidecido da habilidade com que se conduzira no assunto. Fosse como fosse, sentia um imenso alívio. Lembrava-se de Mildred, que estaria se divertindo em Tulse Hill e a felicidade dela causava-lhe uma real satisfação. Fora um ato de sacrifício de sua parte não privá-la daquele prazer, apesar da sua própria decepção; e isso lhe enchia o coração dum indizível contentamento.

Mas na manhã de segunda-feira encontrou em cima da mesa uma carta de Norah:

*Querido,*

*Lamento ter ficado zangada no sábado. Perdoe-me e venha tomar o chá da tarde como sempre. Eu o amo.*

*Sua Norah.*

Caiu-lhe o coração aos pés e ele ficou sem saber o que fazer. Levou o bilhete a Griffiths.

— O melhor é deixá-lo sem resposta — disse este.

— Oh!... impossível! — exclamou Philip. — Eu me sentiria infeliz pensando nela a esperar, a esperar. Você não sabe o que é estar em suspenso, aguardando a batida do carteiro. Eu sei o que isso é e não desejo esta tortura para ninguém.

— Meu caro, não se rompe uma ligação como essa sem que alguém sofra.

— É preciso resignar-se ao inevitável. Felizmente essas coisas não são muito demoradas.

Philip dizia consigo que Norah nada fizera para merecer aquele sofrimento. E que sabia Griffiths da sensibilidade dela? Lembrou-se de sua própria dor quando Mildred lhe dissera que ia casar. Não queria que ninguém passasse pelo que ele havia passado.

— Se está empenhado em não fazê-la sofrer, volta para ela — aconselhou Griffiths.

— Isso é impossível.

Philip levantou-se e ficou caminhando pelo quarto dum lado para outro, nervosamente. Estava furioso com Norah pela sua insistência. Ela devia ter compreendido que ele não tinha mais amor a lhe dar. E diziam que as mulheres percebiam tão depressa essas coisas!

— Você podia me ajudar — disse ele a Griffiths.

— Meu caro, não faça tanto espalhafato. Você sabe muito bem que nós mesmos é que temos de resolver esses problemas. Provavelmente ela não o ama tanto como você imagina. Sempre temos uma tendência para exagerar a paixão que inspiramos.

Fez uma pausa e olhou para Philip com ar divertido.

— Venha cá, não há senão uma coisa a fazer. Escreve-lhe dizendo que tudo está terminado. Mas faça isso de modo que não possa haver dúvida. Ela ficará magoada, mas o golpe lhe será menor se você fizer a coisa brutalmente do que se ficar com rodeios.

Philip sentou-se à mesa e redigiu a seguinte carta:

*Minha querida Norah,*

*Sinto muito fazê-la infeliz, mas acho melhor que as coisas fiquem onde a deixamos no sábado. Parece-me inútil continuar, uma vez que isso já não nos dá prazer. Você me mandou embora e eu fui. Não pretendo voltar. Adeus.*

*Philip Carey.*

Mostrou a carta a Griffiths e pediu-lhe a opinião a respeito. Griffiths leu-a e considerou com olhos cintilantes. Não exprimiu seu pensamento.

— Acho que assim funciona — disse.

Philip saiu para ir ao correio. Passou uma manhã desagradável, procurando imaginar com grandes detalhes os sentimentos de Norah quando recebesse a carta. Torturava-se pensando nas suas lágrimas. Mas ao mesmo tempo estava aliviado. A aflição que se imagina é mais fácil de suportar que a aflição que se vê. Agora ele estava livre para amar Mildred com toda a alma. Seu coração batia mais depressa à idéia de ir vê-la aquela tarde, após o seu trabalho no hospital.

Como de costume, voltou aos seus aposentos para se preparar, mas mal tinha metido a chave na fechadura quando ouviu uma voz atrás dele.

— Posso entrar? Faz meia hora que estou lhe esperando.

Era Norah. Sentiu corar até a raiz dos cabelos. Ela falava alegremente. Não havia o menor traço de ressentimento em sua voz e nada indicava que tivesse havido um rompimento entre ambos. Ele se sentiu encurralado. Tomou-se de pânico, mas fez o possível para sorrir.

— Pois não...

Abriu a porta da sala de visitas e ela entrou na frente. Philip estava nervoso. Para disfarçar, ofereceu um cigarro a Norah e acendeu outro para si. Ela olhou para ele com vivacidade.

— Por que me escreveu aquela carta horrível, hein, seu menino travesso? Se eu a tivesse levado a sério me sentiria completamente desgraçada.

— Mas era sério — respondeu ele gravemente.

— Não seja tolo. Perdi a calma naquele dia mas escrevi pedindo desculpas. Não ficou satisfeito e por isso estou aqui para me desculpar outra vez. Afinal de contas, você é dono de seu nariz e eu não tenho nenhum direito sobre você. Não pretendo lhe forçar a fazer coisa alguma que não queira.

Ergueu-se da cadeira na qual estava sentada e dirigiu-se para Philip impulsivamente, com os braços estendidos.

— Vamos fazer as pazes, Philip. Sinto muito se lhe ofendi.

Ele não pôde impedir que ela lhe segurasse as mãos, mas não teve coragem de encará-la.

— Infelizmente é tarde demais.

Norah se deixou cair sobre o assoalho, a seus pés, e enlaçou-lhe os joelhos.

— Philip, não seja bobo. Eu também sou geniosa e compreendo que o magoei, mas é absurdo ficar amuado por causa disso. Que adianta fazer-nos

infelizes aos dois? Foi tão deliciosa a nossa amizade... — E passando os dedos lentamente pela mão dele: — Eu o amo, Philip.

Ele pôs-se de pé, desembaraçando-se de Norah, e caminhou para o outro lado da sala.

— Sinto muito, mas não posso fazer nada. Está tudo terminado.

— Quer dizer que não me ama mais?

— Acho que sim.

— Estava então procurando desfazer-se de mim e aproveitou a primeira ocasião?

Ele não respondeu. Norah encarou-o durante um tempo que a Philip pareceu intolerável. Sentada no assoalho, onde ele a havia deixado, ela se inclinara contra a poltrona. Começou a chorar em silêncio, sem procurar esconder o rosto e, uma a uma, grandes lágrimas lhe rolavam pelas faces. Não soluçava. Era horrível vê-la. Philip voltou-se para o outro lado.

— Sinto muitíssimo magoar-lhe assim. Não tenho culpa de não lhe amar.

Ela não respondeu nada. Deixou-se ficar simplesmente onde estava, como que exânime, e as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Aquilo teria sido mais fácil de suportar se houvesse censura da parte dela. Philip esperava as explosões de seu gênio e estava preparado para isso. No fundo sentia que uma briga de verdade, na qual cada um dissesse ao outro coisas cruéis, seria de certo modo uma justificação do seu comportamento. O tempo corria. Por fim, Philip ficou assustado com aquele choro silencioso; foi ao quarto de dormir e trouxe um copo d'água. Inclinou-se sobre ela.

— Tome um pouco d'água. Vai lhe fazer bem.

Ela aproximou maquinalmente os lábios do copo e bebeu dois ou três goles. Depois, num murmúrio exausto, pediu um lenço. Enxugou os olhos.

— Eu bem sabia que você não me amava como eu o amo — gemeu ela.

— Desgraçadamente sempre é assim. Há sempre um que ama e outro que se deixa amar.

Pensou em Mildred e uma dor aguda trespassou-lhe o coração. Norah ficou um bom tempo sem responder.

— Eu era infeliz — disse ela por fim — e tinha uma vida tão triste...

Não se dirigia a Philip, mas a si mesma. Ele nunca a ouvira queixar-se da vida que levava com o marido, nem da sua pobreza. Admirara-lhe sempre a atitude desassombrada diante do mundo.



— Depois você aparece e foi tão bom para mim... E eu o admirava porque era inteligente e era tão divino ter alguém em quem confiar. Eu o amava. Nunca pensei que isso pudesse acabar. E sem nenhuma culpa de minha parte...

As lágrimas começaram a rolar de novo, mas agora ela estava mais senhora de si. Escondeu o rosto no lenço de Philip. Fez um grande esforço para se dominar.

— Me dê mais um pouco d'água — pediu.

Enxugou os olhos.

— Sou tão ridícula... Desculpe. É que eu não esperava...

— Sinto muito, Norah. Quero que saiba o quanto sou grato por tudo que você fez por mim.

“Que será que ela viu em mim?”, refletiu Philip.

— Oh, é sempre a mesma coisa — suspirou ela. — Quando queremos que os homens se portem bem devemos tratá-los mal: se a gente se porta corretamente, fazem-nos sofrer por isso.

Levantou-se do chão e disse que ia embora. Lançou a Philip um olhar prolongado e firme. Depois suspirou.

— É uma coisa tão inexplicável... Qual é o significado disso tudo?

Philip tomou uma resolução súbita.

— Acho que é melhor dizer tudo. Não quero que me julgue mal. Precisa compreender que foi inevitável. Mildred voltou.

Norah ficou vermelha.

— Por que não me disse isso logo? Eu merecia mais franqueza.

— Não tive coragem.

Norah mirou-se no espelho e endireitou o chapéu.

— Quer me chamar um *cab*? — pediu. — Não me sinto com forças para caminhar.

Philip foi até a porta e deteve um carro que passava. Mas quando ela desceu, ficou sobressaltado por vê-la tão pálida. Tal era a lassidão de seus movimentos que se diria ter envelhecido de súbito. Parecia tão doente que Philip não teve coragem de deixá-la ir sozinha.

— Eu lhe acompanharei, se me permitir.

Ela não respondeu e ele entrou também no *cab*. Passaram em silêncio sobre a ponte, atravessaram ruas sórdidas no meio das quais crianças brincavam soltando gritos agudos. Quando chegaram à porta da casa de

Norah, esta não desceu imediatamente. Parecia não poder reunir a força necessária para mover as pernas.

— Espero que me perdoe, Norah.

Ela voltou os olhos na direção dele e Philip viu que seus olhos estavam outra vez brilhantes de lágrimas. Mas Norah sorriu com esforço.

— Coitadinho, está tão preocupado comigo! Não se preocupe. Não lhe acuso de nada. Isto passará.

Acariciou-lhe o rosto num gesto leve e rápido, para lhe mostrar que não guardava ressentimento. Esse gesto foi mais sugerido do que realizado. Depois, saltou do carro e entrou em casa.

Philip pagou ao condutor e dirigiu-se a pé para os aposentos de Mildred. Sentia um peso estranho no coração. Estava inclinado a se censurar. Mas por quê? Não sabia que outra coisa pudesse ter feito. Ao passar por uma casa de frutas, lembrou-se de que Mildred gostava de uvas. Dava graças a Deus por poder demonstrar-lhe o seu amor, lembrando-se de todos os seus caprichos.

Nos três meses que se seguiram, Philip foi ver Mildred todos os dias. Levava os livros consigo e, depois do chá, estudava, enquanto Mildred, estendida no sofá, lia novelas. De quando em quando ele levantava os olhos e ficava algum tempo a olhar para ela. Um sorriso feliz aflorava-lhe aos lábios. Ela sentia o olhar dele.

— Não perca tempo olhando para mim, bobo. Continue com os seus estudos — disse-lhe um dia.

— Tirana — respondeu ele, alegre.

Punha o livro de lado quando a senhoria entrava a fim de pôr a mesa para o chá e conversava animadamente com ela. Era uma mulherzinha do povo, de meia-idade, que tinha a réplica pronta e não era destituída de veia humorística. Mildred tornara-se sua grande amiga, tendo-lhe contado uma história complicada e fictícia das circunstâncias que a haviam levado àquela conjuntura. A mulherzinha, que era dotada de bom coração, ficou comovida e não se poupava trabalho para proporcionar conforto a Mildred. O senso de conveniência desta última inspirou-lhe a idéia de fazer passar Philip por seu irmão. Jantavam juntos e Philip se sentia deleitado quando o prato que encomendara satisfaria o apetite caprichoso da companheira. Que encanto sentar-se junto dela! E de quando em quando, por puro contentamento, apertava-lhe a mão. Ao deixar a mesa ela se instalava numa poltrona perto do fogo e, sentado no assoalho, reclinando-se nos joelhos de Mildred, Philip fumava. Passavam longos momentos sem falar, e às vezes Philip percebia que ela cochilava. Não ousava então mover-se para não despertá-la e ficava muito quieto a olhar preguiçosamente para o fogo, no gozo de sua felicidade.

— Dormiu um soninho? — perguntava ele, sorrindo, quando ela acordava.

— Eu não estava dormindo — protestava ela. — Só fechei os olhos.

Nunca admitia que tivesse estado dormindo. Possuía um temperamento apático e seu estado não lhe causava inconveniências sérias. Preocupava-se muito com a própria saúde e aceitava os conselhos de quem quer que os

oferecesse. Nas manhãs bonitas saía para um passeio higiênico e se demorava fora um tempo determinado. Quando não fazia muito frio, ia sentar-se no St. James' Park. Mas o resto do dia passava-o pertitamente feliz no seu sofá, lendo novela após novela ou tagarelado com a proprietária da casa. Tinha um interesse inesgotável pelos mexericos e contava a Philip, com abundância de detalhes, a história da senhoria, dos inquilinos do primeiro andar e das gentes que moravam nas casas contíguas. Uma vez ou outra Mildred, tomada de pânico, confiava a Philip seus receios quanto às dores do parto e ficava aterrorizada com a idéia de morrer. Fez-lhe um relato circunstanciado dos partos da caseira e da senhora que vivia no primeiro andar. (Mildred não a conhecia. “Eu não sou de muitas relações”, dizia ela. “Não sou dessas que se dão com todo mundo.”) Narrava aqueles pormenores com um curioso misto de horror e satisfação; mas em geral esperava o acontecimento com calma.

— No fim das contas, não sou a primeira que vai ter um filho, não é? E o doutor diz que tudo vai correr bem. Não se pode dizer que eu seja malconformada, não é?

Mrs. Owen, a dona da casa onde ela ia ter a criança, havia recomendado um médico, e Mildred visitava-o uma vez por semana. Seus honorários seriam de quinze guinéus.

— Naturalmente podíamos encontrar um mais barato, mas mrs. Owen me recomendou tanto esse médico que eu achei que não valia a pena arriscar a saúde para economizar alguns vinténs.

— Se você está contente e tranqüila, o que menos importa é a despesa — disse Philip.

Aceitava tudo quanto Philip fazia por ela como se fosse a coisa mais natural deste mundo, e ele, por sua vez, gostava de gastar dinheiro com Mildred. Cada cédula de cinco libras que lhe dava provocava-lhe um arrepio de prazer e orgulho. E deu-lhe muitas, ela não era econômica.

— Não sei aonde vai o dinheiro — ela mesma dizia —, parece que ele me escorrega pelos dedos como água.

— Não faz mal — disse Philip. — Sinto-me tão contente em poder fazer alguma coisa por você...

Como não soubesse coser bem, não fez o enxoval do bebê; disse a Philip que saía muito mais barato comprá-lo pronto. Philip acabava de vender um dos títulos hipotecários em que havia empregado o seu dinheiro. E agora, com quinhentas libras no banco, à espera de serem investidas em algo mais

negociável, sentia-se rico. Falavam muitas vezes no futuro. Philip estava ansioso por que Mildred ficasse com a criança, mas ela recusava: tinha de ganhar a vida e isso lhe seria mais fácil se não tivesse um filho de quem cuidar. Seu plano era voltar para uma das casas da firma para a qual trabalhara e deixar a criança com alguma boa mulher do campo.

— Posso achar quem cuide bem dela por sete xelins e seis *pence* por semana. Será melhor para a criança e para mim.

Isso pareceu a Philip uma falta de sensibilidade, mas quando tentou chamá-la à razão ela fingiu pensar que ele estava se referindo às despesas.

— Não precisa se incomodar com isso — disse. — Não é você quem paga.

— Você sabe que não me importo com dinheiro.

No fundo do coração tinha ela a esperança de que o filho nascesse morto. Não fazia senão leves alusões a isso, mas Philip compreendia-lhe o pensamento. A princípio indignou-se, mas era preciso confessar que aquela seria a melhor solução para todos.

— Tudo isso é muito bonito de dizer — observou Mildred em tom lamentoso —, mas já é bastante difícil para uma moça ganhar a vida sozinha, quanto mais com um filho...

— Felizmente pode contar comigo — sorriu ele, segurando-lhe a mão.

— Você tem sido bom para mim, Philip.

— Ora... bobagem!

— Não pode dizer que eu não lhe ofereci nada em troca de tudo o que tem feito por mim.

— Santo Deus! Não quero retribuição. Se alguma coisa fiz por você, foi porque a amo. Você não me deve nada. Não quero que você me dê coisa alguma a não ser que me ame.

Sentia-se um tanto horrorizado ante a idéia de Mildred, de que seu corpo era uma mercadoria que ela podia entregar com indiferença, em pagamento de serviços prestados.

— Mas eu quero retribuir, Philip. Você tem sido tão bom...

— Pois bem, não perdemos nada em esperar. Quando você se restabelecer teremos uma pequena lua-de-mel.

— Seu maroto!... — disse ela, sorrindo.

Mildred esperava ir para a maternidade em março e, logo que ficasse restabelecida, iria passar uma quinzena à beira-mar. Isso daria a Philip o ensejo de estudar sem interrupção para os exames. Vinham depois as férias da Páscoa e tinham combinado ir juntos a Paris. Philip falava interminavelmente das coisas que haviam de fazer. Paris naquela época era deliciosa. Reservariam um quarto num hotelzinho que ele conhecia no Quartier Latin e comeriam em pequenos restaurantes, os mais diversos e encantadores. Iriam ao teatro e ele a levaria ao *music-hall*. Mildred gostaria de conhecer os seus amigos. Philip falou-lhe de Cronshaw; ela o veria também. E havia ainda Lawson, que tinha ido a Paris passar um par de meses. Iriam ao Bal Bullier. Fariam excursões. Iriam até Versalhes, Chartres, Fontainebleau.

— Mas isso vai custar um mundo de dinheiro — disse ela.

— Oh! Para o diabo a despesa! Imagina só o quanto anseio por isso. Não vê o que essa viagem significa para mim? Nunca amei ninguém senão você. E nunca amarei.

Ela escutava aquele entusiasmo com olhos sorridentes. Philip julgou ver neles uma ternura nova e lhe era grato por isso. Mildred mostrava-se muito mais afável que de costume. Já não tinha mais aquele ar de superioridade que o irritava. Estava agora tão acostumada a ele, que já não se dava mais o trabalho de tomar atitudes. Já não tratava de trazer o cabelo penteado com o antigo esmero; amarrava-o simplesmente num coque e renunciou até à franja que costumava usar. Esse arranjo negligente ficava-lhe muito bem. O rosto estava tão delgado que fazia os olhos parecerem muito grandes; andavam eles cercados de olheiras e o calor das faces acentuava-lhes a cor. Mildred tinha uma expressão absorta que era infinitamente comovedora. Havia nela, pensava Philip, um ar de Madona. Desejava que pudessem continuar assim para sempre. Sentia-se mais feliz do que já o fora em toda a vida.

Costumava deixá-la às dez da noite, porque ela gostava de ir para a cama cedo. Era obrigado a estudar mais um par de horas em casa para recuperar o tempo perdido no serão. Geralmente penteava o cabelo de Mildred antes de se retirar. Dos beijos que lhe dava ao despedir-se, tinha feito um ritual. Beijava primeiro as palmas das mãos (como eram finos os seus dedos e lindas as unhas em cujo cuidado ela gastava tanto tempo!), a seguir beijava-lhe os olhos fechados, primeiro o direito e depois o esquerdo, e, por fim os lábios. Ia para casa com o coração a transbordar de amor. Ansiava por uma oportunidade de satisfazer o desejo de sacrifício que o consumia.

Chegou finalmente para Mildred o momento de ir para a maternidade. Philip agora só podia visitá-la à tarde. Mildred alterou a sua história e apresentou-se como esposa dum soldado que fora reunir-se ao seu regimento na Índia. Philip, para a dona do estabelecimento, ficou sendo o seu cunhado.

— Tenho de tomar muito cuidado com o que digo — observou-lhe ela. — Pois há outra senhora aqui que é esposa dum funcionário da Índia.

— Eu, se fosse você, não me preocuparia com isso — disse Philip. — Estou convencido de que o marido dela e o seu foram no mesmo navio.

— Que navio? — perguntou ela, inocentemente.

— O navio-fantasma.

Mildred, num parto feliz, deu à luz a uma menina. Quando Philip teve permissão de vê-la, encontrou a criança ao lado da mãe. Mildred achava-se muito fraca, mas contente por ver que tudo estava terminado. Mostrou-lhe a criança e ela mesma examinou-a com curiosidade.

— É uma coisinha engraçada, não é? Não posso acreditar que seja minha. — A pequerrucha era vermelha, enrugada e tinha um aspecto esquisito. Philip sorriu ao olhar para ela. Não sabia bem o que dizer; isso o embaralhava porque a proprietária da casa estava a seu lado. E ele sentia, pela maneira como a mulher o olhava, que, duvidando da história complicada de Mildred, ela o tomava pelo pai da criança.

— Que nome vai dar a ela? — perguntou.

— Não sei ainda se Madeleine ou Cecília.

A enfermeira deixou-os a sós por alguns minutos e Philip, inclinando-se, beijou Mildred na boca.

— Estou tão contente por tudo ter acabado bem, querida.

Ela lhe pôs os braços finos em torno do pescoço.

— Você foi muito bom comigo, Philip.

— Agora sinto que você é minha, afinal. Esperei tanto tempo por você, meu amor.

Ouviram os passos da enfermeira e Philip se ergueu bruscamente. A mulher entrou. Havia um leve sorriso nos seus lábios.

Três semanas depois Philip embarcou Mildred e a filha para Brighton. Tivera ela uma rápida convalescença e parecia mais bonita do que nunca. Ia para uma pensão onde havia passado alguns fins de semana com Emil Miller. Tinha escrito antes para dizer que seu marido fora obrigado a ir à Alemanha a negócios e que ela viria com a filha. Sentia prazer nas histórias que inventava e revelava certa fertilidade de imaginação em trabalhar os detalhes. Mildred tencionava procurar em Brighton uma mulher que estivesse disposta a tomar conta do bebê. Philip estava surpreso pela insensibilidade com que ela insistia em livrar-se assim tão cedo da criança. Mas Mildred argumentou dentro do bom senso que seria melhor que a pobrezinha fosse confiada a alguém antes de se acostumar com a mãe. Philip esperava que o instinto materno se fizesse sentir depois de duas ou três semanas de nascida a criança, e contava com ele para ajudá-lo a persuadir Mildred a ficar com a filha. Nada disso, porém, aconteceu. Mildred não era má para com o bebê; fazia tudo quanto era necessário; divertia-se às vezes com ele, falava muito a seu respeito; mas, no fundo, era-lhe indiferente. Não olhava para a filha como parte de si mesma, imaginava-a à paisa com o pai. Estava constantemente a pensar em como havia de se arranjar quando ela crescesse. Exasperava-se consigo mesma por ter cometido a tolice de pô-la no mundo.

— Se ao menos eu naquele tempo soubesse o que sei hoje... — dizia ela.

Ria de Philip por vê-lo preocupar-se com o bem-estar da criança.

— Se você fosse o pai não havia de estar mais alvoroçado — disse ela.

— Eu só queria saber se o Emil faria isso.

O espírito de Philip estava cheio de histórias que ouvira a respeito de crianças que são entregues aos cuidados de gente mercenária e dos brutos que maltratam essas infelizes criaturinhas, a elas confiadas pelos pais egoístas e cruéis.

— Não seja tão bobo — disse Mildred. — Isso é quando a gente paga tudo duma vez. Mas quando se paga um tanto por semana, é do interesse de quem cuida tratar bem da criança.



Philip insistiu para que Mildred entregasse a menina a pessoas que não tivessem filhos e promettessem não aceitar outros pupilos.

— Não regateie quanto ao preço — respondeu ele. — Prefiro pagar meio guinéu por semana a expor a pequena ao risco de ser surrada ou mal alimentada.

— Você é um sujeito engraçado, Philip — riu ela.

Para ele havia algo muito comovente no desamparo daquela criaturinha. Era pequena, feia e chorona. Seu nascimento fora esperado com vergonha e angústia. Ninguém a queria. E ela dependia dele, um estranho, para ter alimento, abrigo e roupas com que cobrir a nudez.

Quando o trem se pôs em movimento, ele beijou Mildred. Teria beijado a pequena também se não temesse que a mãe risse dele.

— Vai me escrever, não é, querida? Ficarei lhe esperando com toda a paciência.

— Trate de passar no exame, ouviu?

Tinha estudado com ardor e durante os dez últimos dias fez um esforço final. Estava ansioso por passar, primeiro para poupar tempo e despesa, pois o dinheiro tinha simplesmente voado, com uma rapidez incrível, durante os últimos quatro meses, em segundo lugar porque esse exame marcava o fim da parte ingrata dos estudos. Depois dele, o estudante começava com medicina, obstetrícia e cirurgia, coisas de interesse maior do que a anatomia e a fisiologia com que ele se havia ocupado até então. Philip sentia-se antecipadamente interessado nessas matérias. Também não havia de querer confessar a Mildred que tinha fracassado, embora o exame fosse bastante difícil e a maioria dos candidatos era reprovada da primeira vez; ela o desprezaria se ele não passasse. Tinha um modo particularmente humilhante de dar a entender o que estava pensando.

Mildred mandou-lhe um postal com a notícia de que tinha chegado bem. Philip roubava meia hora por dia para lhe escrever uma longa carta. Tinha sempre uma certa timidez em se expressar de viva voz, mas com a pena na mão achava que podia lhe escrever todas as coisas que, ditas verbalmente, pareceriam-lhe ridículas. Tirando proveito dessa descoberta, extravasou todo o coração no papel. Nunca lhe chegara a dizer o sentimento de adoração que lhe inspiravam todos os seus atos e pensamentos. Falou-lhe do futuro, da felicidade que aguardava e também da gratidão que lhe devia. Perguntava a si mesmo (já o fizera muitas vezes, mas sem jamais com palavras) o que havia

nela para enchê-lo de tão singular delícia. Não sabia. Sabia apenas que quando estava com Mildred era feliz e, quando longe dela, o mundo lhe parecia de súbito frio e sem cor; sabia apenas que quando pensava nela o coração parecia crescer-lhe dentro do peito, de tal maneira que lhe era difícil respirar (como se aquilo lhe comprimisse os pulmões); pulsava tão desordenadamente, que a delícia de sua presença chegava a ser quase um sofrimento. Os joelhos lhe tremiam e ele se sentia estranhamente enfraquecido, como se estivesse trêmulo de fome. Esperava as respostas de Mildred com ansiedade. Não contava que ela lhe escrevesse amiúde, porque sabia que lhe era difícil redigir cartas. Contentou-se com o bilhete mal alinhavado que chegou em resposta a quatro missivas suas. Ela lhe falava da pensão em que estava, do tempo e da criança; contava-lhe que tinha ido dar um passeio no cais com uma senhora com quem fizera amizade ali e que gostava muito da menina; dizia, também, que iria ao teatro na noite de sábado e que Brighton estava ficando cheia de gente. Esse prosaísmo comovia Philip. O estilo enredado, a formalidade do assunto, davam-lhe um esquisito desejo de rir, de tomá-la nos braços e beijá-la.

Entrou em exames, confiante e satisfeito. E nas provas escritas não encontrou dificuldade alguma. Sabia ter respondido bem e, embora estivesse mais nervoso na prova oral, conseguiu responder às perguntas com propriedade. Quando o resultado foi anunciado, enviou um telegrama triunfante a Mildred.

Ao voltar para os seus alojamentos, Philip encontrou uma carta enviada por ela, dizendo que achava que era melhor ficar outra semana em Brighton. Tinha encontrado uma mulher que se dispunha a tomar conta da pequena por sete xelins semanais, mas Mildred queria pedir informações dela. Dizia estar aproveitando tanto com o ar da praia que uns poucos dias mais lhe fariam um enorme bem. Era-lhe odioso pedir dinheiro a Philip, mas esperava que ele lhe mandasse algum pela volta do correio, pois tivera de comprar um chapéu novo, já que não poderia andar em companhia da amiga sempre com o mesmo chapéu, pois essa amiga se vestia muito bem. Philip teve um instante de amargo desapontamento. Isso tirou-lhe todo o prazer de ter sido aprovado nos exames.

“Se ela tivesse por mim a quarta parte do amor que eu tenho por ela, não ficaria lá nem um dia mais que o necessário.”

Afastou, rápido, esse pensamento. Era puro egoísmo. Sem dúvida, a saúde dela era mais importante que qualquer outra coisa. Mas agora ele nada tinha a

fazer; podia, pois, passar a semana com ela em Brighton e estariam juntos o dia inteiro. Seu coração exultou com essa idéia. Seria divertido aparecer diante de Mildred assim de repente, a dizer-lhe que tinha tomado um quarto na mesma pensão. Consultou o horário de trens. Mas deteve-se. Não estava certo de que Mildred tivesse prazer em vê-lo; fizera amizades em Brighton. Ele era quieto e ela gostava da jovialidade turbulenta. Não ignorava que ela se divertia mais com os outros do que com ele. Seria uma tortura se sentisse que estava sendo importuno. Temia correr esse risco. Não ousava sequer sugerir em carta que, como nada o prendesse na cidade, gostaria de passar a semana onde pudesse vê-la todos os dias. Mildred sabia que ele nada tinha a fazer; se o quisesse a seu lado, ter-lhe-ia escrito. Philip receava a angústia que havia de sofrer se se oferecesse para ir e ela apresentasse algum pretexto para o evitar.

Escreveu-lhe no dia seguinte enviando uma nota de cinco libras, e no fim da carta disse que, se ela fosse boazinha e desejasse vê-lo sábado, ele teria prazer em descer a Brighton; acrescentou, entretanto, que de forma alguma queria alterar os planos que ela tivesse feito. Esperou a resposta com impaciência. E a resposta veio. Mildred lhe dizia que se ao menos ele houvesse comunicado antes o seu desejo de visitá-la, ela teria arranjado a coisa; mas tinha prometido ir a um *music-ball* na noite de sábado; além disso, se ele fosse para a pensão, os hóspedes podiam falar... Por que não vinha na manhã de domingo para passar o dia? Poderiam almoçar no Metrópole e depois ela o levaria a visitar a distintíssima senhora que ia tomar conta da menina.

Domingo. Philip abençoou-o, porque fazia um belo dia. Quando o trem se aproximava de Brighton, o sol jorrou pela janela do vagão. Mildred estava esperando-o na plataforma.

— Que gentileza sua vir me esperar! — exclamou ele ao tomar-lhe das mãos.

— Contava que eu fizesse isso, não é mesmo?

— Contava, sim. Você está com uma ótima aparência!

— Tenho aproveitado muito. Mas acho que o melhor é demorar aqui o máximo possível. Lá na pensão mora uma gente muito distinta. Depois de tantos meses sem ver ninguém, eu precisava de animação.

Mildred estava muito elegante no seu chapéu novo de palha negra enfeitado com muitas flores baratas. Trazia ao redor do pescoço um boá comprido, imitando penugem de cisne. Estava ainda muito magra e caminhava um pouco encurvada (sempre fora assim), mas seus olhos não pareciam mais

tão grandes. E se lhe faltava ainda frescor à tez, tinha esta por outro lado perdido o tom terroso. Desceram ambos na direção do mar. Lembrando-se de que fazia meses que não caminhava com ela, Philip de súbito teve consciência da sua coxeadura; fez um esforço para caminhar empertigado, a fim de esconder o defeito.

— Está contente de me ver? — indagou ele, com o amor a lhe dançar doidamente no coração.

— Claro que estou. Nem precisa perguntar.

— A propósito: Griffiths lhe manda lembranças.

— Que topete!

Philip tinha lhe falado muito de Griffiths. Contara-lhe de como ele era namorado e Mildred muitas vezes se divertia com a narração de alguma aventura que Griffiths, em caráter confidencial, havia contado ao amigo. Mildred escutara, com certa repugnância fingida uma vez ou outra, mas geralmente com curiosidade; e Philip, levado pela admiração, exagerava a beleza e a sedução do outro.

— Tenho certeza de que gostará dele tanto como eu. É um sujeito muito jovial e divertido e, depois, uma ótima pessoa.

Philip explicou que, quando ambos eram completamente estranhos, Griffiths havia cuidado dele por ocasião de uma doença; e nessa narrativa o sacrifício de Griffiths não ficou diminuído.

— A gente não pode deixar de gostar dele — concluiu Philip.

— Não gosto de homens bonitos — disse Mildred. — São muito pretensiosos.

— Ele quer lhe conhecer. Falei-lhe muito a seu respeito.

— Que foi que disse?

A única pessoa a quem Philip podia falar de seu amor por Mildred era Griffiths. Pouco a pouco lhe contara toda a história de sua ligação com ela. Descreveu-a cinqüenta vezes. Detinha-se amorosamente em cada detalhe de seu físico e Griffiths conhecia com exatidão o modelado daquelas mãos finas e a brancura daquele rosto. Ria-se de Philip quando ele lhe falava do encanto de uns lábios delgados e pálidos.

— Graças a Deus eu não encaro as coisas duma maneira tão séria assim — dizia-lhe ele. — A vida desse modo não valeria a pena...

Philip sorria. Griffiths não conhecia as delícias duma paixão tão doída que chegava a ser necessária como a carne e o vinho, como o ar que se respira ou

qualquer outra coisa essencial à existência. Griffiths sabia que Philip tinha olhado pela garota durante o parto e que agora ia viajar com ela.

— Bom, deve reconhecer que você bem merece alguma coisa em troca — observou ele certa vez. — Isso deve ter custado um bom dinheiro. A sorte é que você tem recursos.

— Não tenho — replicou Philip. — Mas o que me importa!

Uma vez que era cedo para o almoço, Philip e Mildred sentaram-se num dos abrigos do passeio para tomar sol e ver as pessoas que passavam. Caixeiros das lojas de Brighton desfilavam aos dois e aos três, rebolando as bengalas, e as empregadinhas caminhavam saltitantes em bandos risonhos. Podiam-se distinguir as pessoas que tinham vindo de Londres passar o dia ali. O ar vivo como que lhes espantava a canseira. Havia muitos judeus, senhoras gordas com vestidos justos de cetim e brilhantes nos dedos, homenzinhos corpulentos de gestos exuberantes. Viam-se também senhores de meia-idade, cuidadosamente trajados, que passavam o fim de semana num dos grandes hotéis do lugar; caminhavam compenetradamente depois de reforçada refeição matinal a fim de ganhar apetite para um almoço igualmente substancioso, passavam o dia na companhia de amigos, a falar do “dr. Brighton” ou da “Londres à beira-mar”. Aqui e ali um ator afamado passava, com estudada indiferença pela atenção que despertava: usava às vezes sapato de verniz, um casacão com gola de astracã e bengala de castão de prata; outras vezes, dava a impressão de voltar duma caçada, pois passava de *knickerbockers*, dentro dum sobretudo de xadrez e com um chapéu também de pano de xadrez, puxado para a nuca. O sol brilhava sobre o mar azul e o mar azul estava calmo e transparente.

Depois do almoço, Mildred e Philip foram a Hove ver a mulher que ia tomar conta da criança. Morava ela numa rua retirada, numa casa pequena mas limpa e bem-arranjada. Chamava-se mrs. Harding. Era uma pessoa um tanto gorda e entrada em anos, tinha cabelos grisalhos e uma cara vermelha e carnuda. Com a sua touca de renda, tinha um aspecto maternal e Philip teve a impressão de que era uma criatura bondosa.

— A senhora não vai achar aborrecido cuidar duma criança? — perguntou ele.

Ela lhe explicou que o marido, coadjutor eclesiástico, era bem mais velho do que ela e encontrava dificuldade em achar trabalho permanente, uma vez que os pastores precisavam de moços que os auxiliassem; ganhava ele um

pouco, de quando em quando, substituindo alguém que tirava férias ou caía doente, e uma instituição de caridade lhes dava uma pequena pensão. A vida de mrs. Harding, porém, era solitária; cuidar duma criança já seria alguma distração, e os poucos xelins que lhes iam pagar semanalmente haveriam de ajudá-la a manter-se. Prometeu alimentar bem a menina.

— É uma dama perfeita, não é? — disse Mildred ao sair com Philip.

Voltaram para tomar chá no Metrópole. Mildred gostou da multidão e da orquestra. Philip estava cansado de falar e ficou a observar o rosto da companheira, enquanto ela examinava com olhos penetrantes os vestidos das mulheres que entravam. Tinha uma agudeza especial para calcular o preço das coisas. De quando em quando se inclinava para Philip e lhe sussurrava ao ouvido o resultado de suas meditações.

— Está vendo aquela *aigrette* ali? Aquilo custa nada menos que sete guinéus.

Ou então: — Olha aquele arminho, Philip. É de coelho, nem há dúvida, não é arminho.

Ria, triunfante.

— Isso eu era capaz de descobrir a uma légua de distância.

Philip sorria, feliz. Estava contente por ver o prazer de Mildred e a ingenuidade de sua conversa o divertia e ao mesmo tempo o comovia. A orquestra tocava músicas sentimentais.

Depois do jantar foram a pé até a estação e Philip tomou do braço da amiga. Contou-lhe dos arranjos que tinha feito para a viagem à França. Mildred devia voltar para Londres no fim da semana, mas disse-lhe que não podia deixar Brighton antes do sábado da semana próxima. Ele já tinha reservado um quarto em certo hotel de Paris. Esperava ansiosamente a hora de comprar as passagens.

— Não faz diferença para você se vamos na segunda classe? Não devemos ser extravagantes e é melhor que a gente chegue lá com bastante dinheiro.

Falara-lhe uma centena de vezes no Quartier. Vagabundeariam pelas suas velhas ruas encantadoras e passariam horas sentados nos lindos jardins do Luxemburgo. Se fizesse tempo bom, quando se fartassem de Paris, talvez fossem a Fontainebleau. As árvores estariam então a rebentar em folhas. O verde da floresta na primavera era a coisa mais bela que ele conhecia; era como

uma canção e como o delicioso sofrimento do amor. Mildred escutava-o calada. Philip voltou-se para ela e procurou olhar fundo nos seus olhos.

— Quer ir, não? — perguntou.

— Claro que quero — sorriu ela.

— Não sabe com que ansiedade eu espero essa viagem. Não sei como hei de passar os próximos dias. Tenho medo que alguma coisa aconteça e a gente não vá. Às vezes é endoidecedor eu não lhe poder dizer o quanto a amo. E no fim das contas...

Deteve-se de súbito. Chegavam à estação, mas tinham demorado no caminho, de sorte que Philip mal teve tempo de se despedir de Mildred. Deu-lhe um beijo rápido e precipitou-se para o guichê. Mildred continuava parada onde ele a deixara. Correndo, Philip era estranhamente grotesco.

No sábado seguinte Mildred voltou para Londres, e nessa noite Philip teve-a toda para si. Comprou bilhetes para o teatro, beberam champanhe ao jantar. Era o primeiro divertimento dela em Londres depois de muito tempo, e Mildred desfrutou-o com ingênuo entusiasmo. Achevou-se a Philip no carro, quando se dirigiam do teatro para o quarto que ele lhe mandara reservar em Pimlico.

— Eu chego mesmo a acreditar que esteja contente por me ver — disse ele.

Ela não respondeu, mas apertou-lhe a mão de leve. As demonstrações de afeição eram tão raras em Mildred que Philip estava encantado.

— Pedi a Griffiths que jantasse conosco amanhã — contou-lhe ele.

— Ah! Fico muito contente com isso. Eu queria conhecer o seu amigo.

Não havia casa de diversões aonde levar Mildred na noite de domingo, e Philip temia que ela ficasse aborrecida por passar com ele todo o dia. Griffiths era divertido; havia de ajudá-los a passar o serão. Philip gostava tanto de ambos que desejava que eles se conhecessem e ficassem amigos. Deixou Mildred com as seguintes palavras:

— Faltam apenas seis dias.

Tinham combinado jantar domingo na Galeria do Romano porque ali a comida era excelente e parecia custar muito mais do que realmente custava. Philip e Mildred chegaram primeiro e tiveram de esperar algum tempo por Griffiths.

— Esse diabo sempre anda atrasado — disse Philip. — Provavelmente está fazendo a corte a uma de suas beldades.

Em breve Griffiths chegou. Alto e esbelto, era uma bela criatura; a cabeça assentava-lhe bem nos ombros e dava-lhe um ar conquistador que era atraente; e seus cabelos ondulados, sua boca vermelha, seus olhos azuis, cordiais e atrevidos, tinha um grande encanto. Philip viu Mildred deitar-lhe um olhar avaliador, e sentiu uma curiosa satisfação. Griffiths saudou-os com um sorriso.



— Tenho ouvido falar muito na senhora — disse ele a Mildred ao apertar-lhe a mão.

— Não tanto quanto eu tenho ouvido do senhor — respondeu ela.

— Nem tão mal — interveio Philip.

— Ele andou dizendo horrores a meu respeito?

Griffiths riu e Philip viu que Mildred notava o quanto eram brancos e regulares os seus dentes e como era agradável o seu sorriso.

— Vocês devem se sentir como velhos amigos — disse Philip. — Tenho falado tanto de um para o outro.

Griffiths estava na melhor das disposições de espírito pois, tendo passado nos exames finais, ganhara o seu diploma e acabava de ser nomeado cirurgião interno num hospital do norte de Londres. Ia assumir o cargo em princípios de maio, e enquanto isso pretendia passar umas férias em casa; era aquela a sua última semana na capital e ele estava resolvido a divertir-se o máximo possível. Começou a dizer as suas alegres tolices que Philip, incapaz de fazer o mesmo, tanto admirava. Não havia muito no que dizia, mas a sua vivacidade dava-lhe brilho à conversa. Emanava dela, quase tão sensível como o calor do corpo, uma tal vitalidade comunicativa, que todos os que o conheciam se sentiam fascinados. Mildred revelou uma vivacidade que Philip não lhe conhecia. Ficou deliciado por ver que sua festinha estava sendo um sucesso. Ela se divertia enormemente. Ria cada vez mais alto. Esqueceu-se por completo da reserva que a sua decantada distinção lhe impunha e que se lhe tinha tornado uma segunda natureza.

Em dado momento Griffiths disse:

— Olhe, é muito difícil para mim chamar-lhe mrs. Miller. Philip sempre lhe chama Mildred.

— O que posso lhe dizer é que ela não lhe arrancará os olhos se você a chamar também Mildred — riu Philip.

— Então ela tem de me chamar Harry.

Philip, silencioso enquanto os outros dois conversavam, pensava em como era bom ver criaturas felizes. De quando em quando Griffiths troçava um pouco, e sem malícia, da constante seriedade do amigo.

— Acho que ele gosta muito de você, Philip — sorriu Mildred.

— Não é um mau tipo — respondeu Griffiths, tomando da mão de Philip e sacudindo-a alegremente.

O fato de Griffiths gostar de Philip parecia acrescentar alguma coisa ao seu encanto pessoal.

Eram todos sóbrios e o vinho que haviam bebido lhes subiu à cabeça. Griffiths tornou-se mais loquaz e tão barulhento que Philip, embora achasse graça naquilo, teve de lhe pedir que ficasse quieto. Possuía ele o dom de contar histórias e suas aventuras, narradas por ele próprio, nada perdiam em graça e romantismo. Representava ele em todas essas proezas um papel galante e jovial. Mildred, com os olhos a cintilar de animação, incitava-o a prosseguir. Griffiths despejava anedota sobre anedota. Quando começaram a apagar as luzes, ela se mostrou surpreendida.

— Palavra de honra, a noite passou depressa. Não pensei que fosse mais de nove e meia.

Ergueu-se para sair e, ao despedir-se, ela acrescentou:

— Amanhã vou tomar chá no quarto de Philip. Você bem podia aparecer.

— Está certo — sorriu Griffiths.

Ao voltar para Pimlico, Mildred não falou senão neste último. Estava cativada pela sua bela aparência, pelas suas roupas bem talhadas, pela sua voz e pela sua gaiatice.

— Estou contente por você ter gostado dele — disse-lhe Philip. — E você que relutava um pouco em conhecê-lo... lembra-se?

— Ele é muito gentil... gostar assim de você. É um amigo que vale a pena conservar.

Ofereceu o rosto para que Philip o beijasse, coisa que raramente fazia.

— Diverti-me muito esta noite, Philip. Muito obrigada.

— Não seja tola — riu ele, tão comovido ante a satisfação dela que sentiu os olhos úmidos.

Mildred abriu a porta e, antes de entrar, voltou-se para Philip.

— Diga ao Harry que estou loucamente apaixonada por ele.

— Está bem — riu Philip. — Boa noite.

No dia seguinte, enquanto tomavam chá, Griffiths entrou. Afundou-se preguiçosamente numa poltrona. Havia uma estranha sensualidade na lentidão de movimentos dos seus membros alongados. Philip permaneceu calado enquanto os outros dois tagarelavam sem cessar; mas estava radiante. Admirava tanto a ambos que lhe parecia perfeitamente natural que eles se admirassem mutuamente. Pouco lhe importava que Griffiths absorvesse a atenção de Mildred, pois ele a teria a seu lado durante o serão. Havia em Philip

um pouco da atitude do marido amoroso que confia na afeição da esposa e fica a olhar divertido enquanto ela flerta inofensivamente com um estranho. Às sete e meia, porém, olhou para o relógio e disse:

— Já é tempo de sairmos para o jantar, Mildred.

Houve uma pausa momentânea e Griffiths pareceu refletir.

— Bom, vou andando — disse por fim. — Não sabia que era tão tarde.

— Tem algum compromisso para hoje à noite? — indagou ela.

— Não.

Fez-se outro silêncio. Philip sentia-se vagamente irritado.

— Vou sair para me preparar — disse, acrescentando para Mildred: — Não quer lavar as mãos?

Ela não respondeu.

— Por que não janta conosco? — perguntou a Griffiths.

Este olhou para Philip e viu que ele o contemplava com expressão sombria.

— Já jantei com vocês ontem — riu ele. — Não quero ser indiscreto.

— Ora! Não tem importância — insistiu Mildred. — Faça com que ele venha, Philip. Ele não vai atrapalhar, não é?

— Pois ele que venha se quiser.

— Então está bem — disse Griffiths prontamente. — Vou só subir para me arrumar.

No momento em que ele deixou o quarto, Philip voltou-se para Mildred, zangado.

— Por que diabo o convidou?

— Não pude deixar de fazê-lo. Seria esquisito não dizer nada quando ele contou que não tinha compromisso para hoje à noite.

— Ora, que asneira! E por que perguntou isso?

Os lábios descorados de Mildred se apertaram um pouco.

— Eu às vezes também preciso me divertir um bocado. Fico cansada de andar sempre sozinha contigo.

Ouviram Griffiths a descer pesadamente a escada e Philip entrou no seu quarto de dormir para lavar-se. Jantaram num restaurante italiano das proximidades. Philip estava carrancudo e silencioso, mas depressa percebeu que lhe era desvantajosa a comparação com Griffiths, e tratou de esconder o aborrecimento. Bebeu muito vinho para anular a dor que lhe roía o coração e pôs-se a conversar. Mildred, como que sentindo remorso pelo que havia dito,

fez tudo quanto pôde para agradá-lo. Foi amável e afetuosa. Em dado momento Philip começou a pensar que tinha sido um tolo em se entregar àquele sentimento de ciúme. Depois do jantar, sentada entre os dois, deu-lhe espontaneamente a mão. A raiva de Philip desvaneceu-se. De súbito, sem saber como, teve a consciência de que Griffiths segurava a outra mão dela. Outra vez, e violentamente, a dor se apoderou dele. Era uma verdadeira dor física e, tomado de pânico, perguntou a si mesmo o que podia ter perguntado antes: se Mildred e Griffiths estavam enamorados. Nada pôde ver da representação em virtude do nevoeiro de suspeita, raiva, consternação e infortúnio que parecia pairar-lhe diante dos olhos. Fez um esforço, entretanto, para esconder os seus sentimentos. Continuou a falar e a rir. Depois, tomado dum estranho desejo de se torturar, levantou-se e disse que ia beber alguma coisa. Até então, Mildred e Griffiths nunca haviam ficado a sós por um instante. Philip queria deixá-los entregues a si mesmos.

— Eu também vou — disse Griffiths. — Estou com um pouco de sede.

— Ora, que bobagem! Fique conversando com Mildred.

Ignorava por que motivo dissera aquilo. Estava a atirá-los nos braços um do outro a fim de tornar mais intolerável a dor que sofria. Não foi ao bar, mas subiu para o balcão de onde podia vigiá-los sem ser visto. Tinham eles deixado de olhar para o palco e estavam sorrindo em mútua contemplação. Griffiths falava com sua habitual e feliz fluência e Mildred parecia estar suspensa de seus lábios. A cabeça de Philip começou a doer horrivelmente. Deixou-se ficar imóvel onde se achava. Sabia que, se voltasse, seria importuno. Os dois estavam se divertindo sem ele, ao passo que ele sofria, sofria... O tempo passava e Philip tinha um extraordinário acanhamento de ir reunir-se aos dois amigos. Sabia que não tinham absolutamente pensado nele e refletiu com amargor que havia pago o jantar e os três lugares no *music-ball*. Estavam a fazê-lo de bobo! O rosto lhe ardia de vergonha. Via como Mildred e Griffiths eram felizes na sua ausência. Seu primeiro impulso foi ir para casa e deixá-los ali sozinhos. Acontecia, porém, que não tinha consigo o chapéu e o sobretudo e para apanhá-los teria de dar explicações intermináveis. Voltou. Percebeu uma sombra de aborrecimento nos olhos de Mildred e o coração lhe desfaleceu.

— Demorou um tempo enorme — disse-lhe Griffiths, com um sorriso de acolhimento.

— Encontrei uns conhecidos. Estive conversando com eles e não pude me livrar. Achei que vocês estariam muito bem aqui sozinhos.

— Eu me diverti imensamente — disse Griffiths. — Quanto a Mildred, não sei...

Ela deixou escapar um riso feliz e satisfeito. Havia nele uma tonalidade vulgar que deixou Philip horrorizado. Propôs que se retirassem.

— Vamos — convidou Griffiths —, nós lhe levaremos para casa.

Philip suspeitou que ela própria tivesse sugerido aquilo a fim de poder ficar a sós com o outro. No carro não lhe segurou a mão nem ela a ofereceu, mas Philip, durante todo o tempo, teve a certeza de que ela estava apertando a de Griffiths. Sua idéia predominante era a de que tudo aquilo não passava duma horrível vulgaridade. Enquanto o *cab* rodava, ele ficou imaginando que planos teriam feito para se encontrar sem o seu conhecimento. Amaldiçoou-se por tê-los deixado a sós; chegara mesmo a afastar-se para que eles pudessem combinar coisas...

— Vamos aproveitar o carro — disse Philip, quando chegaram à casa em que Mildred morava. — Estou cansado demais para ir a pé.

No caminho de volta, Griffiths conversava com alegria e parecia indiferente ao fato de Philip responder apenas por monossílabos. Este sentiu que o amigo havia de perceber que alguma coisa estava se passando com ele. Seu silêncio por fim tornou-se tão significativo e impossível de romper que Griffiths, subitamente nervoso, cessou de falar. Philip queria dizer alguma coisa, mas era tão tímido que mal podia resolver-se a fazê-lo, embora o tempo estivesse passando e a oportunidade se perdendo. Era melhor dizer logo a verdade. Forçou-se a falar.

— Está namorando Mildred? — perguntou, de repente.

— Eu? — riu Griffiths. — É por isso que você estava tão esquisito esta noite? É claro que não, meu velho.

Tentou segurar o braço de Philip, mas este se esquivou. Sabia que Griffiths estava mentindo. Não se animava a perguntar-lhe se não estivera segurando a mão de Mildred. De súbito sentiu-se muito fraco e abatido.

— Para você isso não tem importância, Harry — disse ele. — Já tem tantas mulheres... Não a tire de mim. Ela é toda a minha vida. Tenho sido tão infeliz...

Faltou-lhe a voz e não pôde conter um soluço. Estava horrivelmente envergonhado de si mesmo.

— Meu velho, você sabe que eu não seria capaz de fazer alguma coisa que lhe ferisse. Gosto muito de você. Era apenas uma tolice minha. Se eu soubesse

que ia levar a coisa a sério, teria tido mais cuidado.

— Isso é verdade?

— Dou a minha palavra de honra que ela absolutamente não me interessa.

Philip suspirou, aliviado. O carro parou à porta da casa.

No dia seguinte Philip acordou de bom humor. Como não quisesse importunar Mildred com o abuso de sua presença, evitou vê-la antes da hora do jantar. Quando foi buscá-la, encontrou-a pronta e troçou daquela pontualidade fora do comum. Mildred trazia o vestido novo que ele lhe dera. Philip comentou-lhe a elegância.

— Tem que ir de novo para a costureira — disse ela. — A saia não cai bem.

— Precisa então apressá-la se quer levar o vestido na viagem.

— Vai ficar pronto a tempo.

— Temos apenas três dias. Vamos tomar o trem das onze, não é?

— Se você quer assim.

Ele a teria durante quase um mês exclusivamente para si. Seus olhos pousaram nela numa adoração famélica. Philip conseguiu rir um pouco de sua própria paixão.

— Eu só queria saber o que é que eu vejo em você — sorriu ele.

— Quanta gentileza!

O corpo dela era tão delgado que quase se lhe podia ver o esqueleto. Seu peito era chato como o de um menino. A boca, de lábios pálidos e estreitos, era feia, e a pele levemente esverdeada.

— Durante a viagem vou lhe dar pílulas de Bland em quantidade — disse Philip a rir. — Hei de lhe trazer gorda e rosada.

— Eu não quero engordar.

Mildred não falou em Griffiths, mas durante o jantar, um pouco por malícia, pois naquela noite se sentia seguro de si mesmo e de seu poder sobre ela, Philip começou:

— Parece-me que você esteve flertando com Harry a noite passada.

— Já lhe disse que estou gostando dele — riu ela.

— Felizmente sei que ele não gosta de você.

— Como é que você sabe?

— Perguntei a ele.

Ela hesitou um momento, o olhar fito em Philip, e um estranho fulgor lhe veio aos olhos.

— Quer ler a carta que recebi dele esta manhã?

Deu-lhe um envelope em que Philip reconheceu a letra ousada e nítida de Griffiths. Eram oito páginas. Bem escrita, franca e cheia de encanto, era a carta dum homem que estava habituado a cortejar as mulheres. Dizia a Mildred que a amava apaixonadamente, desde o primeiro momento em que a vira; não queria amá-la, porque sabia o quanto Philip gostava dela, mas aquilo era superior às suas forças. Philip era tão bom rapaz, que ele estava muitíssimo envergonhado de si mesmo. A culpa, entretanto, não era sua, pois estava sendo arrastado. Dirigia a Mildred galanteios deliciosos. Para terminar, agradecia-lhe o ter consentido em almoçar com ele no dia seguinte e declarava estar impaciente por vê-la. Philip notou que a carta estava datada da noite anterior; Griffiths devia tê-la escrito depois de separar-se dele, e dera-se o trabalho de sair para levá-la ao correio quando ele o julgava na cama.

Leu-a com um horrível palpar de coração, mas conseguiu esconder a surpresa. Devolveu a carta a Mildred com um sorriso calmo.

— Gostou do almoço?

— Bastante! — respondeu ela, com ênfase.

Sentindo que suas mãos tremiam, Philip as escondeu debaixo da mesa.

— Não deve levar Griffiths muito a sério. Você sabe que ele não passa duma borboleta.

Ela tomou da carta e tornou a percorrê-la com os olhos.

— Isso também é superior às minhas forças — disse Mildred numa voz que procurava tornar indiferente. — Não sei o que se passa comigo.

— A situação é um pouco embaraçosa para mim, não?

Mildred lançou-lhe um olhar rápido.

— O fato é que está encarando a coisa com muita calma.

— Que espera que eu faça? Quer que me ponha a arrancar os cabelos?

— Eu sabia que ia ficar zangado comigo.

— É curioso, mas não estou nem um pouquinho zangado. Eu devia saber que isto tinha que acontecer. Fui um tolo em ter reunido vocês dois. Sei perfeitamente bem que ele tem todas as vantagens sobre mim; é muito mais brilhante, é simpático, é mais divertido, sabe falar de coisas que lhe interessam.

— Não sei o que quer dizer com isso. Se não sou inteligente, a culpa não é minha, mas não sou tão boba como imagina. Isso eu lhe garanto. Você é



importante demais para mim, meu amiguinho.

— Vai fazer uma cena? — perguntou ele, com brandura.

— Não, mas não vejo razão para me tratar como se eu fosse uma não sei quê...

— Desculpe. Não tive intenção de lhe ofender. Só quis esclarecer as coisas calmamente. Por que criar complicações quando podemos evitá-las? Vi que você se sentia atraída por ele e achei isso muito natural. A única coisa que me dói de verdade é saber que ele tenha lhe encorajado. Griffiths sabia o quanto eu a queria. Acho que foi uma baixeza dele escrever aquela carta cinco minutos depois de me garantir que não dava a menor importância a você.

— Está muito enganado se pensa que dizendo essas coisas desagradáveis vai me fazer gostar menos dele.

Philip guardou silêncio por um momento. Não sabia que palavras usar para fazer com que Mildred compreendesse o seu ponto de vista. Queria falar com sangue-frio, com deliberação, mas se encontrava num turbilhão de sentimentos e não podia pensar com clareza.

— Não vale a pena sacrificar tudo por um fogo de palha. No fim das contas Harry não ama ninguém mais de dez dias e você é um tanto fria; essa espécie de coisa não pode ter muita importância para você.

— É o que você pensa.

O tom impertinente que ela adotara tornava a situação mais difícil para Philip.

— Se ama Griffiths, nada há a fazer. Hei de suportar a situação da melhor maneira possível. Nós nos entendemos muito bem, você e eu. E eu não procedi mal contigo, não é mesmo? Que você não me ama, nunca ignorei isso, mas tem afeição por mim, e quando formos para Paris há de esquecer Griffiths. Se tratar de afastá-lo de seus pensamentos, isso não será difícil e eu mereço que faça alguma coisa por mim.

Mildred não respondeu. Continuaram a comer. Quando o silêncio se tornou opressivo, Philip começou a falar de coisas indiferentes. Fingia não notar que Mildred estava desatenta. Suas respostas eram negligentes e ela não fazia observações próprias. Por fim interrompeu abruptamente o que ele dizia:

— Philip, acho que não posso viajar sábado. O doutor diz que eu não devo.

Ele sabia que aquilo não era verdade, mas perguntou:

— Quando é então que poderá partir?

Mildred olhou para o rapaz e, vendo-lhe o rosto branco e rígido, desviou dele o olhar num gesto nervoso. Naquele momento tinha-lhe um pouco de medo.

— É melhor liquidar o assunto duma vez. Não posso ir mais com você.

— Era disso mesmo que eu estava desconfiando. Agora é tarde para mudar de resolução. Já comprei as passagens e tudo mais.

— Você disse que só me levaria se eu quisesse ir. Pois eu não quero.

— Mudei de idéia. Estou cansado de suportar seus caprichos. Você tem de ir.

— Gosto muito de você como amigo, Philip. Como outra coisa, não seria possível. Não posso nem pensar nisso.

— Na semana passada não pensava assim.

— Era diferente.

— Não conhecia Griffiths?

— Você mesmo diz que, se eu gosto dele, não há remédio.

O rosto de Mildred se fixou numa expressão de enfado e ela manteve os olhos fitos no prato. Philip estava pálido de raiva. Quisera dar-lhe um murro na cara. Imaginou-a com um olho enegrecido. A uma mesa vizinha jantavam dois rapazes de dezoito anos que de quando em quando lançavam olhares para Mildred. Será que invejam por eu estar jantando com uma garota bonita?, refletiu Philip. Talvez desejassem estar em meu lugar.

Foi Mildred quem quebrou o silêncio.

— Que adianta viajarmos juntos? Eu ia ficar todo o tempo pensando nele. Você não ia gostar muito disso...

— Isso é comigo.

Mildred pensou no que estava subentendido nessa frase e corou.

— Mas é nojento.

— E que tem isso?

— Pensei que fosse um *gentleman* em toda a extensão da palavra.

— Estava enganada — replicou ele rindo, pois achava graça na sua própria resposta.

— Por amor de Deus, não ria! — exclamou ela. — Não posso ir com você, Philip. Sinto muitíssimo. Sei que não tenho me portado bem contigo, mas a gente não pode forçar a natureza.

— Esqueceu o que fiz por você quando estava em apuros? Arranjei o dinheiro que lhe sustentou até sua filha nascer. Paguei o médico e tudo mais.

Entrei com o dinheiro para você ir a Brighton e estou sustentando a criança, pagando as suas roupas, dando tudo o que você tem em cima do corpo.

— Se fosse um *gentleman* não lançaria no rosto o que fez por mim.

— Por amor de Deus, cale-se! Pensa que me importa alguma coisa que eu seja ou não um *gentleman*? Se eu fosse um *gentleman* não estaria perdendo o meu tempo com uma vagabunda vulgar como você. Pouco se me dá que goste ou não de mim. Estou cansado de fazer papel de bobo. Pois há de ir direitinho comigo a Paris no sábado ou então terá de agüentar as conseqüências!

As faces de Mildred estavam vermelhas de cólera, e, quando ela respondeu, sua voz tinha a crua vulgaridade que geralmente ela escondia sob uma pronúncia educada:

— Jamais gostei de você, nem no princípio, mas você grudou em mim. Sempre detestei os seus beijos. Agora não deixaria que me tocasse nem que eu estivesse morrendo de fome.

Philip tentou engolir o que tinha no prato, mas os músculos da garganta negaram-se a obedecer. Empinou o copo e acendeu um cigarro. Estava todo trêmulo. Não falou. Esperou que ela se movesse, mas Mildred continuava sentada em silêncio, olhando fixamente para a toalha branca. Se estivessem a sós, ele a teria enlaçado e beijado apaixonadamente; imaginava aquele comprido pescoço branco jogado para trás enquanto ele comprimisse os lábios de encontro aos dela. Passaram uma hora sem falar, e por fim Philip achou que o garçom os mirava com curiosidade. Pediu a conta.

Sem responder, ela reuniu as luvas e a bolsa. Enfiou o abrigo.

— Quando vai se encontrar com Griffiths outra vez?

— Amanhã — respondeu ela com indiferença.

— É melhor que diga tudo a ele.

Ela abriu maquinalmente a bolsa e viu ali um papel branco. Apanhou-o.

— Aqui está a conta deste vestido — disse, hesitante.

— E que tem isso?

— Prometi à costureira pagar amanhã.

— Prometeu?

— Isso quer dizer que depois de ter dito que eu comprasse, você não quer pagar?

— Justamente.

— Vou pedir ao Harry — disse ela, com um vivo rubor nas faces.

— Ele terá muito prazer em lhe ajudar. Atualmente me deve sete libras e empenhou o microscópio na semana passada porque não tinha um vintém.

— Não pense que me assusta com isso. Sou perfeitamente capaz de ganhar a minha vida.

— E é a melhor coisa que pode fazer. Não pretendo lhe dar nem mais um níquel.

Mildred pensou no aluguel que precisava pagar sábado e no sustento da filha, mas nada disse. Deixaram o restaurante e, na rua, Philip lhe perguntou:

— Quer que chame um carro para você? Eu vou dar uma caminhada.

— Não tenho dinheiro nenhum. Tive de pagar uma conta hoje de tarde.

— Não lhe fará mal andar a pé. Se amanhã quiser me ver, estarei em casa à hora do chá.

Tirou o chapéu e distanciou-se sem pressa. Olhou para trás pouco depois e viu que ela continuava onde a deixara, com ar desamparado, olhando para os carros que passavam. Voltou e, com uma risada, pôs-lhe uma moeda na mão.

— Toma estes dois xelins para voltar para casa.

E afastou-se, apressado, antes que ela pudesse falar.

No dia seguinte, à tarde, Philip ficou sentado no quarto a pensar se Mildred viria ou não. Tinha dormido mal. Passara a manhã no clube da Escola de Medicina, lendo um jornal após outro. Estava-se em férias e dos estudantes que ele conhecia poucos se achavam em Londres; encontrou, porém, um ou dois com quem conversar. Jogou uma partida de xadrez, matando assim as horas de tédio. Depois do lanche, sentiu-se tão cansado, doía-lhe tanto a cabeça, que voltou para seus aposentos e deitou-se. Tentou ler um romance. Não tinha visto Griffiths. Este não se achava em casa quando Philip voltara na noite anterior; ouvira-o chegar, mas Griffiths não fora, como de costume, a seu quarto a fim de ver se ele dormia. E na manhã seguinte ouviu-o sair cedo. Era evidente que o outro queria evitá-lo. Súbito, bateram de leve à sua porta. Philip ergueu-se num salto e foi abrir. Lá estava Mildred no limiar. Ela não se moveu.

— Entre.

Fechou a porta atrás dela. Mildred sentou-se. Depois de hesitar, começou:

— Muito obrigada por me ter dado aqueles dois xelins ontem à noite.

— Oh... isso não tem importância.

Ela dirigiu-lhe um fraco sorriso, que lembrou a Philip o olhar tímido e suplicante de um cachorrinho que apanhou por alguma travessura e deseja reconciliar-se com o dono.

— Estive almoçando com Harry — disse ela.

— Sim?

— Se ainda quer que eu vá contigo no sábado, Philip, eu vou.

Uma palpitação de triunfo agitou o coração dele, mas isso durou apenas um instante. Seguiu-se logo a suspeita.

— Por causa do dinheiro?

— Em parte — respondeu ela simplesmente. — Harry não pode fazer nada. Deve cinco semanas de aluguel, deve sete libras para você e o alfaiate não o deixa em paz. Ele está pronto a empenhar qualquer coisa, mas já empenhou quase tudo. Foi uma dificuldade enorme fazer com que a costureira

esperasse o dinheiro do meu vestido novo. No sábado tenho de pagar o aluguel do quarto, e não posso arranjar trabalho dum momento para outro. E preciso sempre esperar uma vaga.

Disse tudo isso com uma voz queixosa e igual, como se estivesse relatando as injustiças do destino que tinham de ser suportadas como fazendo parte da ordem natural das coisas. Philip não respondeu. Conhecia bastante bem todos aqueles detalhes.

— Você disse em parte — observou ele por fim.

— Bom, o Harry diz que você foi muito decente com a gente. Foi um verdadeiro amigo para ele, o Harry disse, e fez por mim o que talvez nenhum outro homem teria feito. Ele disse que nós devemos andar direito. E concorda também com o que você disse: que ele é volúvel por natureza, que não é como você, e eu seria uma tola se o deixasse para ir com ele. Disse que com ele seria uma coisa passageira e com você é permanente.

— Quer então ir comigo? — perguntou Philip.

— Para mim tanto faz.

Philip olhou para ela e os cantos de sua boca descaíram numa expressão lastimosa. Na verdade ele havia triunfado e ia ter o que desejava. Deu uma curta risada de mofa ante a sua própria humilhação. Mildred levantou depressa os olhos para ele, mas não falou.

— Esperei com toda a minha alma o momento de viajar com você e pensei que, afinal, depois de toda essa miséria, eu ia ser feliz.

Não terminou o que estava dizendo. Subitamente, sem transição, Mildred rompeu numa torrente de lágrimas. Estava sentada na mesma cadeira em que Norah havia chorado. E, como esta, escondeu o rosto no respaldo, para o lado em que havia uma pequena saliência, junto à depressão formada pelo peso da cabeça.

“Não sou feliz com mulheres”, pensou Philip.

O corpo magro de Mildred estava sacudido de soluços. Philip nunca tinha visto uma mulher chorar com tão completo abandono. Era horrivelmente doloroso e ele tinha o coração dilacerado. Sem perceber o que fazia, dirigiu-se para ela e enlaçou-a com os braços. Ela não resistiu, mas na sua miséria deixou-se consolar. Ele lhe sussurrou pequenas palavras reanimadoras. Quase sem saber o que dizia, inclinou-se sobre ela e beijou-a repetidas vezes.

— Você é muito, muito infeliz? — perguntou afinal.

— Preferia estar morta — gemeu ela. — Eu queria ter morrido quando a criança nasceu.

Como o chapéu a incomodasse, Philip tirou-lhe. Acomodou-lhe melhor a cabeça na cadeira. Depois foi sentar-se à mesa e ficou a olhar para Mildred.

— O amor é uma coisa terrível, não? Imagine só que há quem deseje amar...

Agora a violência dos soluços diminuía e ela deixava-se ficar na cadeira, exausta, com a cabeça atirada para trás e os braços pendentes. Tinha o grotesco aspecto desses manequins que os pintores usam para estudar efeitos de roupagem.

— Eu não sabia que você o amava tanto assim — disse Philip.

Entendia perfeitamente o amor de Griffiths, pois colocava-se no lugar dele, via com seus olhos, tocava com suas mãos; podia julgar-se no corpo de Griffiths, e foi com os lábios dele que a beijou, foi com os olhos azuis e alegres do outro que sorriu para ela. A emoção da mulher era o que mais o surpreendia. Nunca a julgara capaz de paixão, e aquilo era paixão; não havia dúvida. Pareceu-lhe que alguma coisa cedia em seu coração; percebia-a como algo que realmente se estivesse quebrando e sentiu-se tomado de uma estranha debilidade.

— Não quero lhe fazer infeliz. Não precisa ir comigo se não quiser. Eu lhe darei o dinheiro do mesmo modo.

Ela balançou a cabeça.

— Não, eu disse que ia e vou mesmo.

— De que serve isso se está morrendo de amor por ele?

— Sim, essa é a palavra. Estou morrendo de amor. Sei que isso não vai durar em mim como não vai durar nele, mas é que agora...

Fez uma pausa e fechou os olhos como se fosse desmaiar. Uma idéia estranha ocorreu a Philip, que a expressou no mesmo instante sem se deter para pensar nela.

— Por que não vai viajar com ele?

— De que modo? Você sabe que não temos dinheiro.

— Eu dou o dinheiro.

— Você?

Ergueu-se e olhou para Philip. Seus olhos começaram a brilhar e a cor voltou-lhe às faces.

— Talvez o melhor fosse acabar com isso duma vez e depois voltar para mim.

Agora que havia feito a sugestão ele estava angustiado, e no entanto essa tortura lhe dava uma sensação sutil e singular. Mildred fitava nele os olhos arregalados.

— Oh!, como é que poderíamos viajar com o seu dinheiro? Harry nem há de querer pensar nisso.

— Depende de que você o convença.

As objeções de Mildred faziam-no insistir e, apesar de tudo, ele desejava de todo o coração que ela recusasse com veemência.

— Eu darei cinco libras e vocês podem ficar fora, de sábado até segunda-feira. É muito fácil. Segunda-feira ele vai para casa até começar a trabalhar no hospital.

— Oh, Philip, você está falando sério? — exclamou ela, juntando as mãos. — Se nos deixasse ir... eu o amaria tanto depois... Faria tudo o que pedisse. Tenho certeza de que esta paixão acaba em seguida se nós formos. Você quer mesmo nos dar o dinheiro?

— Quero.

Mildred mudara por completo. Começou a rir. Philip podia ver que uma alegria doida a transfigurava. Ela ergueu-se e veio ajoelhar-se ao pé dele, segurando-lhe as mãos.

— Você é um homem bom, Philip. O melhor que eu conheço. Depois não vai ficar zangado comigo?

Ele balançou a cabeça, sorrindo, mas com que agonia no coração.

— Posso ir contar ao Harry, agora? E posso dizer também que você não se importa? É o único jeito de ele consentir... Oh, você não sabe o quanto eu gosto dele! Depois vou fazer tudo o que você quiser. Vou com você a Paris ou a qualquer parte na segunda-feira.

Ela levantou-se e pôs o chapéu.

— Aonde vai?

— Vou perguntar se ele está disposto a me levar.

— Já?

— Quer que eu fique? Se quiser, eu fico.

Sentou-se, mas ele teve um riso breve.

— Não, não faço questão, é melhor que vá já. Há apenas uma coisa: de momento, não posso suportar a presença de Griffiths. Isso me seria



profundamente desagradável. Diz a ele que não lhe guardo rancor nem coisa parecida, mas pede-lhe que procure não se encontrar comigo.

— Está bem — Mildred ergueu-se vivamente e calçou as luvas. — Depois eu lhe conto o que ele disse.

— Podia jantar comigo hoje.

— Está bem.

Ofereceu-lhe o rosto para ser beijada, e quando Philip encostou os lábios nos seus, ela lhe envolveu o pescoço com os braços.

— Você é um amor, Philip.

Duas horas mais tarde mandou-lhe um bilhete dizendo que estava com dor de cabeça e não podia jantar com ele. Philip quase esperava aquilo. Sabia que Mildred estava jantando com Griffiths. Sentia um ciúme horrível, mas a súbita paixão que havia se assenhoreado daquelas duas criaturas parecia ser qualquer coisa imposta de fora, como se um deus lha houvesse instilado. Nada podia contra aquilo. Afigurava-se tão natural que eles se amassem... Philip via todas as vantagens que Griffiths tinha sobre ele e confessava que no lugar de Mildred teria feito o mesmo. O que mais o feria era a traição do outro; tinham sido tão bons amigos e Griffiths conhecia o seu apaixonado devotamento por Mildred... Devia tê-lo poupado.

Não tornou a ver Mildred antes de sexta-feira; estava ansioso por vê-la, mas quando aquela chegou, verificou que ele fora completamente esquecido, pois os pensamentos dela giravam em torno de Griffiths. De repente Philip odiou-a. Via agora por que Mildred e Griffiths se amavam. Griffiths era obtuso, oh, tão obtuso!

Philip sabia disso sempre, mas havia fechado os olhos — obtuso e frívolo: aquele seu encanto mascarava um supino egoísmo; estava disposto a sacrificar quem quer que fosse a seus apetites. E quão inútil era a existência que ele levava, bebericando em *music-halls*, freqüentando bares, borboleteando de um amor barato para outro! Jamais lia um livro, era cego a tudo que não fosse fútil e vulgar. Nunca tinha um pensamento que fosse belo: a palavra mais comum em seus lábios era *chique*; esse era o seu maior elogio para homens e mulheres. *Chique!* Não era de admirar que agradasse a Mildred. Tinham sido feitos um para o outro.

Philip conversou com Mildred de coisas que a nenhum deles interessava. Sabia que ela desejava falar de Griffiths, mas não lhe deu oportunidade. Não se referiu ao fato de que, duas noites antes, ela deixara de jantar com ele dando

uma desculpa qualquer. Mostrou-se natural, procurando dar-lhe a entender que de súbito ele ficara indiferente. Exerceu uma habilidade especial em dizer pequenas coisas destinadas a magoá-la, mas que eram tão indefinidas, tão delicadamente cruéis que ela não tinha como queixar-se. Por fim levantou-se.

— Acho que agora me vou — disse ela.

— Sim, deve ter muito que fazer.

Ela lhe estendeu a mão, Philip a tomou, disse-lhe adeus e abriu a porta. Não ignorava o que ela tinha a lhe dizer e sabia também o quanto o seu ar frio e irônico a intimidava. Muitas vezes a sua timidez lhe dava, malgrado seu, um aspecto tão frígido que, sem intenção de sua parte, ele assustava as pessoas. Tendo descoberto isso, podia, quando a ocasião se apresentava, assumir voluntariamente a mesma atitude.

— Você não esqueceu o prometido? — disse ela por fim, quando Philip lhe abriu a porta.

— De que se trata?

— Do dinheiro.

— Quanto você quer?

Falava com uma fria deliberação que lhe tornava as palavras particularmente ofensivas. Mildred corou. Philip sabia que ela o odiava naquele momento e admirava-se do domínio próprio que a impedia de esbofeteá-lo. Desejava fazê-la sofrer.

— Tenho o vestido e o aluguel amanhã. Só isso. Harry não quer ir e assim não precisamos de dinheiro para a viagem.

O coração de Philip começou a bater desordenadamente e ele largou o trinco. A porta rodou sobre os gonzos.

— E por que não quer ir?

— Diz que, com o seu dinheiro, não pode.

Um demônio se apoderou de Philip, o demônio secreto que o levava sempre a se torturar. Desejava com toda a alma não ver Mildred e Griffiths partirem juntos. Contudo, obstinou-se em persuadir Griffiths a isso, por intermédio dela.

— Não sei por quê, uma vez que eu tenha boa vontade.

— Foi isso que eu disse a ele.

— Acho que se ele quisesse mesmo ir, não hesitaria.

— Oh, não é isso, ele quer ir, sim. Ele iria imediatamente se tivesse dinheiro.

— Se ele tem tantos escrúpulos, darei o dinheiro para você.

— Eu disse que você emprestaria se ele quisesse e que nós pagaríamos logo que fosse possível.

— Não deixa de ser uma novidade para você, isso de pedir de joelhos a um homem que lhe leve para um *weekend*.

— É mesmo, não é? — disse ela com um risinho impudente, que fez descer um arrepio pela espinha de Philip.

— Que vai fazer então? — perguntou ele.

— Nada. Harry vai para a casa dele amanhã. Precisa ir.

Aquilo seria a salvação de Philip. Griffiths ausente, ele poderia recuperar Mildred. Ela não conhecia ninguém em Londres e seria obrigada a procurar sua companhia. Quando de novo estivessem juntos, ele poderia fazer com que ela depressa esquecesse aquele capricho. Seria prudente não dizer mais nada. Mas sentia um desejo diabólico de desfazer os escrúpulos do par. Queria ver até aonde iria o abominável comportamento de ambos para com ele. Se os tentasse um pouco mais, haveriam de ceder. Era tomado de uma alegria feroz à idéia de semelhante ignomínia. Embora cada palavra que pronunciava fosse uma tortura para ele, achava nessa tortura um sinistro prazer.

— Parece-me que a coisa ou sai agora ou não sai nunca mais.

— Foi isso que eu disse a ele.

Havia na voz dela uma nota de paixão que surpreendeu Phillip. No seu nervosismo, ele roía as unhas.

— Aonde pensava ir?

— Ah... a Oxford. Foi lá que ele estudou, você sabe. Ele disse que ia me mostrar as faculdades.

Philip lembrou-se de que uma vez havia sugerido essa visita de um dia a Oxford e ela achara que seria extremamente fastidioso.

— E parece que vocês vão encontrar um clima muito agradável. Lá deve estar muito bonito agora.

— Fiz tudo o que pude para convencê-lo.

— Por que não fazer outra tentativa?

— Posso dizer que você quer que nós vamos?

— Não acho que precise chegar a esse ponto.

Ela guardou silêncio por um ou dois minutos, olhando para ele. Philip procurou retribuir-lhe o olhar dum modo amistoso. Ele a odiava, desprezava-a, amava-a de todo o coração.

— Escuta, eu vou ver se é possível fazer alguma coisa. E depois, se ele disser que sim, eu venho buscar o dinheiro amanhã. A que horas estará aqui?

— Voltarei depois do almoço e ficarei esperando.

— Pois bem.

— Agora vou lhe dar o dinheiro para o vestido e para o aluguel do quarto. Foi até a escrivania e tirou todo o dinheiro que tinha. O vestido custava seis guinéus; havia além disso o aluguel e a alimentação dela, e mais o sustento do bebê durante uma semana. Philip deu-lhe oito libras e dez xelins.

— Muito obrigada — disse Mildred. E retirou-se.

Depois de almoçar no rés-do-chão da Escola de Medicina, Philip voltou a seu apartamento. Era na tarde de sábado e a dona da casa estava lavando as escadas.

— Mr. Griffiths está no quarto? — indagou.

— Não, senhor. Foi embora esta manhã, logo depois que o senhor saiu.

— Não vai voltar?

— Acho que não. Levou a bagagem.

Que significaria aquilo?, refletiu Philip. Subiu ao quarto, apanhou um livro e começou a ler. Era *a Jornada a Meca*, de Burton, que ele acabava de retirar da Biblioteca Pública de Westminster. Leu a primeira página mas não lhe compreendeu o sentido, porque seu espírito estava longe. Esperava a todo momento que tocassem a campainha. Não ousava crer que Griffiths tivesse partido sem Mildred para a casa de sua família em Cumberland. Ela não tardaria a aparecer à procura do dinheiro.

Apertou os dentes e continuou a ler. Tentava desesperadamente concentrar a atenção no livro. As frases se lhe delineavam no cérebro à custa de esforço, mas eram deformadas pela agonia que o torturava. Desejou de todo o coração que não tivesse feito aquela horrível oferta de dinheiro; agora, porém, que ela estava consumada, não sentia forças para voltar atrás, não por causa de Mildred, mas por causa de si mesmo. Tinha uma obstinação mórbida que o obrigava a cumprir o prometido. Verificou que as três páginas que havia lido não lhe causaram nenhuma impressão. Recomeçou a leitura: surpreendeu-se a reler vezes sem conta a mesma frase. E elas se misturavam horrivelmente a seus pensamentos, como numa obsessão de pesadelo. O que podia fazer era sair e ficar longe do quarto até a meia-noite. Àquela hora não partia nenhum trem. Imaginou Griffiths e Mildred tocando a campainha de hora em hora para saber se ele estava em casa. A idéia da decepção do casal o encheu de gozo. Repetia a frase para si mesmo maquinalmente. Mas não podia fazer aquilo. Que viessem buscar o dinheiro! E ele poderia ver então a que profundidade de infâmia uma criatura podia descer. Agora não conseguia ler

mais. Simplesmente não enxergava as palavras. Inclinou-se para trás na cadeira, fechando os olhos, embotado pelo sofrimento, ficou esperando por Mildred.

A caseira entrou.

— Pode receber mrs. Miller?

— Mande-a entrar.

Philip reuniu forças para receber Mildred sem dar o menor sinal do que estava sentindo. Teve o impulso de cair de joelhos, tomar das mãos dela e implorar-lhe que não partisse; mas sabia que não havia meios de dissuadi-la. Ela contaria a Griffiths o que ele dissera e a maneira como se portara. Teve vergonha.

— Então, que me conta da viagem? — perguntou jovialmente.

— Estamos prontos. Harry está lá fora. Eu lhe disse que você não queria vê-lo e por isso ele não apareceu. Mas quer saber se pode vir aqui só por um minuto para lhe dizer adeus.

— Não. Não desejo vê-lo.

Compreendia que a Mildred pouco importava que ele falasse ou não com Griffiths. Agora que ela estava ali, Philip queria que fosse depressa.

— Olha, aqui estão as cinco libras. Eu gostaria que você fosse agora.

Mildred apanhou a nota e agradeceu. Fez meia-volta para sair.

— Quando você volta?

— Ah... segunda-feira. Harry precisa ir para a casa da família.

Philip sabia que o que ia dizer era humilhante, mas estava acabrunhado pelo ciúme e pelo desejo.

— Então eu verei você na volta, não?

Não pôde evitar que sua voz tomasse um tom de súplica.

— Naturalmente. Eu avisarei você quando voltar.

Apertaram-se as mãos. Por entre as cortinas da janela Philip viu Mildred saltar para o carro que se achava diante da porta. O veículo pôs-se em movimento. Philip atirou-se sobre a cama e escondeu o rosto nas mãos. Sentiu que as lágrimas lhe vinham aos olhos e teve raiva de si mesmo; cerrou as mãos e inteiriçou o corpo para evitar o choro. Inútil, porém. Grandes soluços de dor irromperam-lhe do peito.

Levantou-se por fim, exausto e envergonhado, e foi lavar o rosto. Misturou uma dose forte de uísque com soda. A bebida o fez sentir-se um pouco melhor. Depois seus olhos deram com as passagens para Paris que se achavam em cima da chaminé. Apanhou-as e, num impulso de raiva, jogou-as

no fogo. Sabia que podia devolvê-las e receber de volta o dinheiro, mas destruí-las dava-lhe uma sensação de alívio. Saiu a seguir à procura de companhia. O clube estava vazio. Sentiu que ficaria louco se não achasse com quem conversar. Mas Lawson estava no estrangeiro. Foi aos aposentos de Hayward: a criada que abriu a porta disse-lhe que o patrão tinha ido passar o fim de semana em Brighton. Philip dirigiu-se então para uma galeria e verificou que a estavam fechando naquele momento. Que fazer? Estava desorientado. Pensou em Griffiths e Mildred, a caminho de Oxford, sentados frente a frente no trem, felizes. Voltou para o apartamento: seu quarto, porém, encheu-o de horror, pois tinha sido tão desgraçado ali dentro. Tentou mais uma vez ler o livro de Burton mas, enquanto lia, ficou a repetir mental e obstinadamente que tinha sido um tolo. Partira dele a sugestão daquela viagem; ele próprio lhes proporcionara o dinheiro para isso, tinha-os forçado a aceitar. Devia ter previsto o que aconteceria quando apresentou Mildred a Griffiths. Aquela sua paixão veemente era o bastante para despertar o desejo do outro. Àquela hora o par devia ter chegado a Oxford. Instalar-se-iam numa das pensões da John Street. Philip nunca estivera em Oxford, mas Griffiths lhe falara tanto do lugar, que ele sabia exatamente para onde os dois iriam agora. Jantariam no Claredon. Griffiths tinha o hábito de jantar lá quando levava com ele as suas conquistas.

Philip foi comer alguma coisa num restaurante perto de Charing Cross. Resolveu ir a um teatro onde representavam uma peça de Oscar Wilde. Ficou imaginando se Mildred e Griffiths estariam ou não num teatro aquela noite: precisavam de qualquer modo matar o tempo e eram ambos suficientemente imbecis para não se contentarem com uma conversa. Philip experimentou uma perversa delícia em pensar na vulgaridade daqueles espíritos que tão bem se ajustavam um ao outro. Assistiu à peça com atenção vaga. Tentava ficar alegre, bebendo uísque em cada intervalo. Depressa o álcool lhe subiu à cabeça, mas sua embriaguez era ao mesmo tempo selvagem e melancólica. Quando a peça terminou, tomou outro copo de uísque. Não podia ir para a cama, pois não conseguiria dormir: temia os quadros que sua imaginação viva haveria de pôr-lhe diante dos olhos. Tentou não pensar mais nisso. Sabia que tinha bebido demais. Estava agora invadido por um desejo de fazer coisas horríveis e sórdidas. Desejava rolar nas sarjetas. O seu ser inteiro ansiava por fazer bestialidades. Queria aviltar-se.

Atravessou Piccadilly, arrastando o pé torto, sombriamente embriagado com a raiva e a miséria a lhe dilacerar o coração. Foi detido por uma prostituta muito pintada, que lhe segurou o braço. Empurrou-a violentamente, dizendo-lhe palavras brutais. Caminhou alguns passos e depois parou. Aquela lhe serviria tão bem como qualquer outra. Estava arrependido de lhe ter dito palavras rudes. Voltou a aproximar-se dela.

— Escute aqui... — começou.

— Vá para o inferno! — gritou a mulher.

Philip riu.

— Era só para saber se você me daria a honra de cear esta noite em minha companhia.

A mulher olhou para Philip, atônita, e hesitou um instante. Viu que ele estava bêbado.

— Para mim tanto faz.

Ele achou divertido que ela usasse uma frase que tantas vezes ouvira dos lábios de Mildred. Levou-a a um dos restaurantes que estava habituado a freqüentar com esta última. Percebeu que enquanto caminhavam a mulher baixava os olhos para o seu pé.

— Tenho um pé torto — disse ele. — Há algum inconveniente nisso?

— Você é um número!

Quando chegou em casa, Philip sentiu que os olhos lhe doíam e em sua cabeça havia um martelamento que lhe dava vontade de gritar. Tomou outro uísque com soda para se refazer. Deitou-se e mergulhou num sono sem sonhos, só acordando ao meio-dia.



Chegou por fim a segunda-feira e Philip achou que a sua prolongada tortura havia terminado. Examinando o horário de trens, verificou que o último pelo qual Griffiths podia ir para casa aquela noite partia de Oxford logo depois de uma hora. Calculou que Mildred devesse tomar o que saía poucos minutos depois para Londres. Teve ímpetos de ir esperá-la na estação, mas achou que ela gostaria de ficar em paz por um dia. Talvez lhe rabiscasse duas linhas à noite para lhe dizer que estava de volta, caso contrário iria ao seu apartamento na manhã seguinte. Estava agora acovardado. Sentia um ódio amargo por Griffiths, mas quanto a Mildred, não obstante o que se passara, o que experimentava por ela era apenas um desejo intolerável. Estava contente agora por Hayward não se achar em Londres sábado à tarde quando, perturbado, ele saíra em busca de consolo. Não poderia deixar de lhe contar tudo e Hayward teria ficado embasbacado ante a sua fraqueza. Haveria de desprezá-lo e talvez ficasse chocado ou enojado pelo fato de Philip poder pensar na possibilidade de fazer Mildred sua amante depois de ela se ter abandonado a outro homem. Que lhe importava que aquilo fosse escandaloso e repugnante? Estava pronto para todas as transigências, preparado para degradações ainda mais humilhantes, uma vez que pudesse satisfazer o seu desejo.

Lá pelo anoitecer seus passos o conduziram à sua revelia para a casa em que Mildred morava. Ergueu os olhos para a janela. Estava às escuras. Não se aventurou a perguntar se ela tinha voltado. Confiava na promessa dela. Mas de manhã não veio a carta esperada e quando, perto do meio-dia, ele bateu à porta, a criada lhe disse que Mildred ainda não tinha regressado. Philip não compreendia... Sabia que Griffiths devia ter ido para a casa da família no dia anterior, porque tinha de ser padrinho num casamento e Mildred estava sem dinheiro. Que teria acontecido? Examinou todas as hipóteses possíveis. Tornou a sair à tarde e deixou um bilhete pedindo a Mildred que fosse jantar com ele aquela noite. Fez isso com toda a calma, como se nada tivesse acontecido naquela última quinzena. Disse o lugar e a hora em que deviam se encontrar. E, esperando apesar de tudo, manteve o compromisso. Esperou

durante uma hora e ela não veio. Na manhã de quarta-feira teve vergonha de ir à casa dela e mandou um mensageiro com uma carta e instruções para trazer a resposta. Depois de uma hora o rapaz voltou com a carta de Philip fechada e com o recado de que a senhora ainda não voltara do interior. Philip estava desesperado. Aquilo era o cúmulo! Repetiu interiormente muitas e muitas vezes que detestava Mildred e, atribuindo a Griffiths a culpa deste último desapontamento, odiou-o tanto que chegou a conceber as delícias do homicídio. Saiu a caminhar à toa pensando na alegria que seria lançar-se sobre ele numa noite escura, cravar-lhe uma faca na garganta, bem na carótida, e deixá-lo morrer na rua como um cão. Philip estava com os sentidos perturbados pelo sofrimento e pela raiva. Não gostava de uísque mas bebia para entorpecer o cérebro. Foi para a cama embriagado na noite de terça e na de quarta-feira.

Na manhã de quinta ergueu-se muito tarde e se arrastou, lívido e de olhos remelosos, para a sala de visitas, para ver se havia ali alguma carta. Um curioso sentimento trespassou-lhe o coração quando reconheceu num envelope a letra de Griffiths.

*Meu velho,*

*Eu nem sei como lhe escrever e no entanto sinto que tenho de fazê-lo. Espero que não esteja muito zangado comigo. Sei que não devia ter levado a Milly, mas foi uma coisa que simplesmente não pude evitar. Ela me fez perder a cabeça e eu teria feito tudo para conquistá-la. Quando ela me disse que você nos tinha oferecido dinheiro para a viagem, simplesmente não pude resistir. E agora tudo terminou e eu estou muitíssimo envergonhado de mim mesmo e arrependido de ter procedido como um idiota. Eu queria que você me escrevesse para dizer que não está zangado comigo e desejo que permita que eu vá visitá-lo. Fiquei muito sentido por dizer a Milly que não queria me ver. Seja camarada. Escreva-me duas linhas dizendo que me perdoa. Ficarei com a consciência mais leve. Pensei que não se importasse, porque ofereceu o dinheiro. Mas sei que eu não devia ter aceitado. Vim para casa segunda-feira e Milly quis ficar um ou dois dias em Oxford sozinha. Vai voltar para Londres na quarta-feira e assim, quando receber esta, já terá falado com ela e espero que tudo se arranje. Escreva-me mesmo, dizendo que estou perdoado. Faça o favor de escrever em seguida.*

Philip rasgou a carta, furioso. Não pretendia responder. Desprezava Griffiths por causa daquelas desculpas. Exasperava-se com os seus pruridos de consciência. Cada qual podia agir como bem entendesse, mas era desprezível que viesse depois com arrependimentos. Achava a carta covarde e hipócrita. Aquele sentimentalismo lhe causava repugnância.

“Seria muito fácil se a gente pudesse fazer uma sujeira”, murmurou ele para si mesmo, “e depois dizer que estava arrependida e arranjar as coisas de novo.”

Esperava de todo o coração ter um dia a oportunidade de vingar-se de Griffiths.

Fosse como fosse, sabia que Mildred se achava em Londres. Vestiu-se apressado, não teve paciência para se barbear, bebeu uma xícara de chá, tomou um carro e dirigiu-se para os aposentos dela. Teve a impressão de que o carro não corria: arrastava-se. Tinha uma dolorosa ansiedade por vê-la e, inconscientemente, dirigiu uma oração ao Deus em que não acreditava para que Ele a fizesse recebê-lo com bondade. Só desejava esquecer. Com o coração a bater, tocou a campainha. Esqueceu todo o seu sofrimento no desejo apaixonado de envolvê-la mais uma vez nos seus braços.

— Mrs. Miller está em casa?

— Foi embora — respondeu a criada.

Philip olhou-a com ar inexpressivo.

— Veio há mais ou menos uma hora e levou as coisas dela.

Por um instante Philip não atinou o que dizer.

— Entregou-lhe a minha carta? Ela disse para onde ia?

Percebeu a seguir que mais uma vez Mildred o havia enganado. Não pretendia voltar para junto dele. Fez um esforço para esconder o seu vexame.

— Muito bem. Acho que ela vai me comunicar. Deve ter mandado a carta para outro endereço.

Voltou para os seus aposentos, desesperançado. Devia ter previsto que Mildred se portaria daquela maneira. Nunca lhe dera a menor importância, desde o princípio fizera-o de tolo. Não tinha sentimento de piedade, nenhuma bondade, a menor caridade. A única coisa que lhe restava fazer era aceitar o inevitável. A dor que ele sofria era horrível, preferia morrer a suportar aquilo.

E veio-lhe a idéia de que seria melhor acabar com tudo duma vez. Podia atirar-se no rio ou deitar a cabeça num trilho de estrada de ferro. Mal, porém, havia formulado esse pensamento em palavras, já se rebelava contra ele.

A razão lhe dizia que dentro de algum tempo esqueceria aquilo. Se empregasse todas as suas forças, poderia esquecê-la. Seria grotesco matar-se por causa duma vagabunda qualquer. Tinha apenas uma vida e era loucura jogá-la fora. *Sentia* que nunca havia de vencer aquela paixão, mas *sabia* que no fim das contas aquilo era apenas uma questão de tempo.

Não quis ficar em Londres. Lá tudo lhe lembrava a sua infelicidade. Telegrafou ao tio, avisando-lhe que ia a Blackstable e, arrumando as malas às pressas, tomou o primeiro trem. Queria fugir daqueles quartos sórdidos onde havia suportado tanto sofrimento. Queria respirar o ar puro. Estava enojado de si mesmo. Sentia-se um pouco perturbado.

Desde que Philip chegara à idade adulta, haviam-lhe dado o melhor dos quartos vagos do vicariato. Era um cômodo de esquina e na frente da janela erguia-se uma velha árvore que escondia a paisagem; mas pela outra janela avistavam-se vastas campinas além do jardim e do terreno do vicariato. Philip lembrou-se do papel que forrava as paredes desde os tempos de sua infância. Naquelas paredes viam-se aquarelas esmaecidas, da primeira fase do período vitoriano, feitas por um amigo de mocidade do vigário. Tinham um encanto fanado. O penteador estava cercado por adornos de musselina engomada. Havia um velho armário normando onde se guardavam as roupas. Philip soltou um suspiro de prazer. Nunca havia compreendido que todas aquelas coisas, no fim das contas, tinham alguma significação para ele. No vicariato a vida continuava como sempre. Nenhuma peça da mobília fora mudada dum lugar para outro. O vigário comia as mesmas coisas, dizia as mesmas coisas, saía para o mesmo passeio todos os dias. Tinha engordado um pouco mais, estava um pouco mais silencioso e um pouco mais mesquinho. Acostumara-se a viver sem a mulher e pouquíssima falta sentia dela. Ainda brigava com Josiah Graves. Philip foi visitar o mordomo da igreja. Estava ele um pouco mais magro, um pouco mais branco e um pouco mais austero. Mostrava-se ainda autocrático e ainda reprovava as velas do altar. As lojas de Blackstable tinham ainda aquele mesmo aspecto antiquado mas simpático, e Philip parou na frente da casa em que se vendiam artigos para marujo, botas, encerados e cordoalhas.

Lembrou-se de que quando menino havia sentido ali a atração do mar, e a magia da aventura e do desconhecido.

Não podia evitar que seu coração começasse a pulsar desordenado a cada batida do carteiro, pois a sua caseira de Londres poderia mandar-lhe alguma carta de Mildred. Sabia, porém, que não viria carta nenhuma. Agora podia refletir com mais calma e compreendia que, procurando forçar Mildred a amá-lo, ele estava tentando o impossível. Não sabia que eflúvio passava do homem para a mulher, da mulher para o homem e tornava um deles escravo do outro. Era cômodo chamar-lhe instinto sexual, mas se não passasse disso, ele não compreendia por que causava tão veemente atração por uma pessoa de preferência às outras. Era irresistível: o espírito não podia lutar contra ele; ao lado dessa força de nada valiam a amizade, a gratidão e o interesse. Porque não houvesse atraído sexualmente a Mildred, nada do que fizera havia tido efeito sobre ela. Essa idéia o revoltava. Transformava a natureza humana em bestial. Sentiu de inopino que o coração dos homens estava cheio de recantos sombrios. Julgara Mildred assexuada porque se mostrara indiferente com ele. Sua aparência anêmica, os seus lábios finos, o corpo de ancas estreitas e peito chato, o langor de seus gestos — tudo levava a tal suposição. No entanto ela era capaz de súbitas paixões, e para satisfazê-las se expunha voluntariamente a todos os riscos. Não compreendera a sua aventura com Emil Miller; parecera-lhe uma coisa tão contrária ao seu feitio... Mildred nunca a conseguira explicar. Agora, porém, que a vira com Griffiths, Philip sabia que a mesma coisa se passara da outra vez: Mildred tinha perdido a cabeça, levada por um desejo impossível de dominar. Procurava descobrir que qualidade possuíam aqueles dois homens para atraí-la de modo tão irresistível. Tinham ambos uma gaiatice vulgar que lhe excitava o senso de humor simplório e uma certa grosseria natural. O que arrastara Mildred, entretanto, fora talvez a sexualidade exuberante que era a característica mais acentuada de ambos. Mildred tinha uma noção de refinamento e distinção que se arrepiava ante os fatos da vida e ela considerava indecentes as funções do corpo, empregando toda a sorte de eufemismos para designar objetos comuns. Preferia sempre as palavras rebuscadas às simples por achá-las mais decorosas. A brutalidade daqueles dois homens era como um azorrague nas suas espáduas brancas e magras, fazendo-a estremecer sob uma dor voluptuosa.

Em todo o caso, uma coisa Philip tinha resolvido. Não voltaria ao apartamento em que tanto sofrera. Escreveu à dona da casa avisando-a. Queria

viver no meio de suas coisas. Decidiu alugar quartos não mobiliados: seria agradável e mais barato. O aspecto econômico era de premente importância, pois no último ano e meio gastara quase setecentas libras. Impunha-se a economia mais restrita. As vezes pensava no futuro com uma sensação de medo. Tinha sido um tolo por gastar tanto dinheiro com Mildred. Entretanto sabia que, se ela voltasse, haveria de portar-se da mesma maneira. Era-lhe divertido pensar em que seus amigos o considerassem um espírito forte, um ser refletido e calmo simplesmente porque seu rosto não lhes revelava os sentimentos com muita expressão e porque ele era lento de gestos. Achavam-no razoável e elogiavam-lhe o bom senso. A sua expressão plácida, porém, não era mais que uma máscara, usada inconscientemente, tal como a coloração protetora de certas borboletas. Philip admirava-se freqüentemente da fraqueza de sua vontade. Parecia-lhe que a menor emoção o movia como o vento move as folhas, e quando a paixão o assoberbava, sentia-se impotente. Não exercia nenhum domínio sobre si mesmo. Simplesmente dava a impressão de possuí-lo porque era indiferente a muitas coisas que abalavam as outras criaturas.

Refletiu com alguma ironia sobre o sistema filosófico que tinha criado para si próprio, porque não lhe valera de muito na conjuntura por que havia passado. Ficou a considerar sobre se o pensamento na verdade ajudava o homem em qualquer das circunstâncias críticas da vida. Mais lhe parecia que ele era o brinquedo de alguma força estranha, mas ao mesmo tempo ligada a ele, que o arrastava como o grande sopro do inferno que impele eternamente Paolo e Francesca. Antes de agir, ele refletia, mas no momento decisivo obedecia apenas ao instinto, às emoções... não sabia bem a quê. Portava-se como se fosse uma máquina movida tanto pela força do ambiente como pela da personalidade; sua razão observava os fatos, incapaz de intervir, como esses deuses de Epicuro que, do alto do Empíreo, acompanham as ações dos homens sem poder influir nelas.

Alguns dias antes do início do semestre, Philip foi a Londres procurar um apartamento. Percorreu as ruas em torno de Westminster Bridge Road, mas a falta de asseio do lugar lhe causou desagrado. Afinal escolheu uma habitação em Kensington, que agradou pelo seu aspecto antigo e tranqüilo. Esse bairro lembrava um pouco a Londres de Thackeray à beira do Tâmis, quando pela Kensington Road passava a enorme carruagem dos Newcomes, levando a família para o West London. Os plátanos rebentavam em folhas. As casas da rua escolhida por Philip tinham dois andares e na maior parte das janelas viam-se papéis anunciando quartos para alugar. Philip bateu à porta de uma dessas casas onde o cartaz avisava haver cômodos não mobiliados, e foi introduzido nela por uma mulher silenciosa e severa que lhe mostrou quatro peças muito pequenas, uma das quais tinha pia e fogão. O aluguel era de nove xelins por semana. Philip não queria tantos quartos, mas o preço deles era baixo e desejava instalar-se sem demora. Perguntou à dona da casa se podia encarregar-se da limpeza e de preparar-lhe a refeição da manhã, mas ela respondeu que tinha muito que fazer. Isso, aliás, não lhe desagradou, pois a mulher dera a entender que nada queria com ele a não ser receber o aluguel. Disse-lhe que, se ele perguntasse na mercearia da esquina, que era também agência de correio, poderia encontrar uma mulher disposta a fazer aquele serviço.

Philip tinha uma pequena mobília que conseguira reunir aos poucos, uma poltrona comprada em Paris, mesa, alguns quadros e o pequeno tapete persa que lhe fora dado por Cronshaw. O tio havia lhe oferecido uma cama reversível que agora não lhe servia de nada, uma vez que ele não alugava mais a casa em agosto. Gastando outras dez libras, Philip comprou tudo o mais que era essencial. Gastou dez xelins para colocar um papel cor de trigo na sala de visitas. Pendurou na parede um esboço do Quai des Grands Augustins que Lawson lhe dera, uma reprodução da *Odalisca* de Ingres e da *Olympia* de Manet — coisas que em Paris tinham sido objeto de sua contemplação sempre que se barbeava. Para se lembrar de que ele próprio também estivera empenhado na

prática da arte, pôs à vista o desenho a carvão que fizera do jovem espanhol Miguel Ajuria: era o melhor de todos os seus trabalhos. Nu, em pé, com os punhos cerrados, os pés solidamente apoiados no solo, tinha a figura uma força peculiar e em seu rosto havia aquele ar resoluto que causava tanta impressão. E embora Philip, após tanto tempo, visse muito bem os defeitos do seu trabalho, as lembranças que ele despertava faziam-no tolerável. Que teria sido feito de Miguel? Não há nada mais terrível que a procura, sem talento, dum ideal artístico. Alquebrado pelo frio, pela fome e pela doença — teria ele acabado num hospital ou, tomado de desespero, procurado a morte nas águas lamacentas do Sena? Com a sua volubilidade de meridional talvez houvesse abandonado a luta voluntariamente, e agora, empregado num escritório de Madri, talvez voltasse a sua fervente retórica para a política e para as corridas de touros.

Philip pediu a Lawson e Hayward que viessem ver os seus novos aposentos. E ambos vieram, um com uma garrafa de uísque e outro com uma lata de *foie gras*. Philip ficou encantado quando os amigos lhe elogiaram o gosto. Gostaria de convidar também o corretor escocês, mas tinha apenas três cadeiras e dessa forma não podia receber mais convidados. Lawson sabia que por seu intermédio Philip fizera-se muito amigo de Norah Nesbit e contou-lhe que poucos dias antes a tinha encontrado na rua.

— Ela me perguntou como estava.

Philip corou ao ouvir aquele nome (não se pudera ainda livrar do hábito embaraçoso de ficar vermelho quando ficava perturbado) e Lawson olhou para ele com ar de troça. Lawson, que agora passava a maior parte do ano em Londres, havia feito tais concessões ao ambiente que já usava o cabelo curto e trazia um elegante terno de sarja e um chapéu-coco.

— Pelo que vejo, tudo entre vocês está terminado — disse ele.

— Faz meses que não a vejo.

— Ela estava bem bonita. Trazia um chapéu elegante, coberto de penas brancas de avestruz. Acho que deve andar bem de finanças.

Philip mudou de assunto, mas continuou pensando em Norah e, depois dum intervalo, quando os três se encontravam a falar de outra coisa, perguntou de repente:

— Você achou que Norah estava zangada comigo?

— Nem um pouquinho. Falou muito bem de você.

— Estou quase indo procurá-la.



— Ela não vai te morder...

Philip muitas vezes pensara em Norah. Quando Mildred o abandonara, seu primeiro pensamento fora para ela. Dizia a si mesmo com amargor que Norah nunca o teria tratado daquela maneira. Seu primeiro impulso foi o de procurá-la. Conhecia-lhe o bom coração. Mas teve vergonha. Norah sempre fora boa para com ele e ele a tratara de modo abominável.

“Se ao menos eu tivesse tido o bom senso de ficar com ela”, disse para si mesmo mais tarde, quando Lawson e Hayward já tinham ido e ele ficara a fumar o último cachimbo antes de se pôr na cama.

Lembrou-se das horas agradáveis que tinham passado juntos naquela confortável salinha de Vincent Square, de suas visitas às galerias de pintura, das idas ao teatro e dos encantadores serões passados em conversação íntima. Recordou-se da solicitude com que Norah se interessava pelo seu bem-estar e por tudo quanto lhe dizia respeito. Ela o amara com um amor que era terno e duradouro. Havia nesse amor alguma coisa que era mais do que simples sensualidade, era um sentimento quase maternal. Sempre vira nele uma coisa preciosa pela qual devia agradecer aos deuses com toda a alma. Resolveu procurá-la, confiar-se à sua mercê. Ela devia ter sofrido horrivelmente, mas Philip sentia que Norah tinha suficiente grandeza de coração para perdoar-lhe; era incapaz de querer mal a alguém. Devia escrever? Não. Melhor seria aparecer de repente e atirar-se a seus pés — sabia que, quando chegasse a hora, sua timidez o impediria de fazer esse gesto dramático, mas era assim que gostava de imaginar a cena. Diria a ela que, se ela de novo o quisesse, poderia agora confiar nele para sempre. Estava curado da doença odiosa de que sofrera. Sabia o quanto Norah valia e não teria mais ilusões. Sua imaginação voava para o futuro. Via-se a remar com ela no rio, aos domingos. Ele a levaria a Greenwich, pois nunca esquecera a deliciosa excursão em companhia de Hayward, e a beleza do porto de Londres permanecia como um tesouro permanente em sua lembrança. Nas quentes tardes de verão ficariam sentados no parque, a conversar: Philip ria consigo mesmo ao se lembrar da conversa alegre de Norah, que jorrava como um regato que marulha num leito de seixos, divertida, petulante, cheia de personalidade. A agonia que sofrera havia de se lhe apagar do espírito como um sonho mau.

No dia seguinte, perto da hora do chá, num momento em que com toda a certeza Norah estaria em casa, foi bater-lhe à porta. Mas, depois de fazê-lo, a coragem lhe faltou de súbito. Poderia ela perdoá-lo? Era abominável impor a

sua presença daquela forma... A porta foi aberta por uma criada desconhecida. Philip perguntou se mrs. Nesbit estava em casa.

— Quer perguntar-lhe se pode receber mr. Carey? Vou ficar esperando.

A criada subiu as escadas correndo e logo em seguida voltou.

— Quer fazer o favor de subir? Segundo andar, porta da frente.

— Eu sei — disse Philip, com um leve sorriso.

Subiu com o coração alvoroçado. Bateu à porta.

— Entre — disse a voz jovial que ele tão bem conhecia.

Parecia dizer: “Entre numa existência de paz e felicidade”. Quando Philip entrou, Norah avançou para cumprimentá-lo. Apertou-lhe a mão como se eles se tivessem visto no dia anterior. Um homem se ergueu.

— Mr. Carey... mr. Kingsford.

Muito desapontado por não encontrá-la sozinha, Philip sentou-se e examinou o desconhecido. Nunca lhe ouvira mencionar o nome, mas pareceu-lhe que ele ocupava a cadeira com o ar de quem se encontra em sua própria casa. Era um homem de quarenta anos, rosto escanhado, cabelos louros compridos e cuidadosamente fixados com goma; tinha a tez avermelhada e os olhos pálidos e cansados que os homens louros costumam ter quando deixam de ser jovens. O nariz era grosso, a boca rasgada e os ossos da face salientes. Homem de construção robusta, tinha ombros largos e estatura superior à mediana.

— Eu estava pensando no que havia sido feito de você — disse Norah com a sua maneira desembaraçada. — Encontrei mr. Lawson outro dia, ele não lhe contou? E lhe disse que já era tempo de você vir me fazer uma visitinha.

Philip não descobriu a menor sombra de embaraço na fisionomia de Norah e admirou a naturalidade com que ela conduzia uma entrevista em que ele próprio se sentiria acanhado. Norah ofereceu-lhe chá. Ia pôr-lhe açúcar na xícara quando ele a deteve.

— Que estupidez, a minha — exclamou ela. — Tinha esquecido.

Philip não acreditou. Norah devia lembrar-se muito bem que ele nunca tomava chá com açúcar. Aceitou o incidente como um sinal de que a indiferença dela era fingida.

A conversação que Philip havia interrompido continuou, e em dado momento ele começou a se notar um leve constrangimento. Kingsford não lhe dava nenhuma atenção especial. Falava bem e com fluência, não sem *humour*,

mas com um ar ligeiramente dogmático. Era jornalista, segundo parecia, e a respeito de cada tópico que tratavam sempre tinha alguma coisa divertida a dizer; Philip ficou exasperado por se ver posto à margem da conversa. Estava resolvido a ficar até que o outro sáisse. Seria Kingsford um admirador de Norah? Nos velhos tempos haviam muitas vezes falado dos homens que desejavam fazer-lhe a corte e juntos tinham rido deles. Philip tentou orientar a conversa para assuntos que só ele e Norah conheciam, mas sempre o jornalista intervinha, conseguindo desviar a palestra para um tópico que obrigava Philip ao silêncio. Ficou levemente ressentido com Norah, porque ela devia ver que o estava expondo ao ridículo. Mas talvez fizesse aquilo propositadamente e como castigo. Este pensamento fez-lhe voltar o bom humor. Por fim o relógio bateu seis horas e Kingsford ergueu-se.

— Preciso ir — disse.

Norah apertou-lhe a mão e acompanhou-o até o patamar. Fechou a porta atrás de si e ficou do lado de fora por uns dois minutos.

“Que estarão conversando eles?”, pensou Philip.

— Quem é esse mr. Kingsford? — perguntou alegremente quando ela voltou.

— Oh... É o diretor de uma das revistas de Harmsworth, que ultimamente tem ficado com a maioria de meus trabalhos.

— Pensei que ele não quisesse mais ir embora.

— Estou satisfeita por ter ficado. Eu queria conversar contigo.

Norah se enroscou na grande poltrona, dum modo que só a sua pequena estatura tornava possível, e acendeu o cigarro.

Philip sorriu quando a viu assumir aquela postura que sempre achara engraçada.

— Você fica tal e qual uma gata.

Seus belos olhos negros brilharam.

— Eu devia mesmo perder este hábito. Portar-me como uma criança nesta idade! Mas assim é que eu me sinto mais à vontade.

— É agradável estar sentado aqui outra vez — disse Philip, feliz. — Nem sabe quanta falta tenho sentido disto.

— Por que diabo não veio antes? — perguntou Norah, jovial.

— Tive um pouco de medo... — respondeu ele, corando.

Ela lhe lançou um olhar cheio de bondade. Seus lábios esboçaram um sorriso encantador.

— Medo? Não precisava ter.

Ele hesitou um instante. O coração bateu-lhe rápido.

— Lembra-se da última vez que nos encontramos? Portei-me pessimamente contigo. Tenho até vergonha de mim mesmo.

Norah encarou-o demoradamente. Não respondeu. Ele estava perdendo a cabeça. Súbito, o objeto de sua visita lhe pareceu uma enormidade. Norah nada fazia para ajudá-lo. Philip mal pôde balbuciar tropeadamente:

— Você poderá me perdoar algum dia?

Então, de modo impetuoso, contou que Mildred o havia abandonado e que a sua infelicidade fora tão grande que ele quase pusera termo à existência. Contou-lhe tudo o que havia acontecido entre ambos, o nascimento da criança, o encontro com Griffiths, sua insensatez, sua boa-fé e sua imensa decepção. Disse-lhe das muitas vezes que pensara na sua bondade e no seu amor, o quão amargamente lamentara o tê-los lançado fora. Só fora feliz quando junto dela, e sabia agora quanto ela valia. Sua voz estava rouca de emoção. Sentia às vezes uma tal vergonha do que estava dizendo que, ao falar, conservava os olhos fixos no chão. Com o rosto desfigurado pela dor, ele sentia, no entanto, um estranho alívio em dizer aquelas coisas. Afinal, terminou. Jogou-se para trás da cadeira, exausto, e esperou. Nada havia escondido: ao contrário, procurando humilhar-se, pintara-se mais desprezível do que realmente o fora. Estava surpreendido ante o silêncio de Norah e por fim ergueu os olhos. Ela não estava olhando para ele. Tinha o rosto pálido e parecia mergulhada em reflexão.

— Não tem nada a me dizer?

Ela teve um sobressalto e corou.

— Acho que você passou por um mau bocado — disse. — Sinto imensamente.

Pareceu que ia continuar, mas calou-se, e ele novamente ficou à espera. Ao cabo de alguns instantes Norah deu a impressão de fazer um esforço para falar:

— Estou noiva de mr. Kingsford.

— Por que não me disse logo? — exclamou ele. — Para que deixou que eu me humilhasse dessa forma?

— Lamento. Eu não podia lhe interromper... Conheci-o logo depois que você... — Hesitou, como à procura de expressões que não o ferissem — ... que você me anunciou a volta de sua amiga. Durante algum tempo senti-me

desgraçada e ele foi extremamente bondoso para comigo. Sabia que alguém me havia feito sofrer, mas naturalmente ignorava que esse alguém era você. Que teria sido de mim sem ele? Dum momento para outro me senti incapaz de continuar trabalhando, trabalhando, trabalhando... Estava tão fatigada e doente! Falei-lhe acerca de meu marido. Ofereceu-se para me dar o dinheiro necessário ao meu divórcio, se eu consentisse em casar com ele logo depois. A situação de Kingsford é muito boa e eu não precisaria escrever mais nada a não ser para meu prazer. Nem pode imaginar o quanto ele foi gentil para comigo e com que atenções me cercou. Isso me comoveu profundamente. Agora gosto muito, muito dele.

— Então já conseguiu o divórcio?

— Obtive uma sentença provisória, que ficará definitiva em julho. Casaremos, pois, em seguida.

Por algum tempo Philip não disse nada.

— O que eu lamento é ter-me exposto ao ridículo — murmurou ele por fim. Pensava em sua longa e humilhante confissão. Ela o contemplou com curiosidade.

— Nunca me amou de verdade — disse. — Amar não é uma coisa muito agradável.

Ele tinha, porém, a capacidade de se refazer rapidamente e, levantando-se, estendeu-lhe a mão:

— Estimo que você seja muito feliz. No fim das contas, é a melhor coisa que podia lhe acontecer.

Norah olhou para ele um pouco triste e apertou-lhe a mão.

— Virá me visitar outra vez, não?

— Não — respondeu ele, balançando a cabeça. — A sua felicidade me causaria demasiada inveja.

Afastou-se lentamente da casa. Norah tinha razão ao afirmar que ele nunca a havia amado. Sentia desapontamento, irritação mesmo, mas levava a vaidade mais ferida que o coração. Ele sabia disso. E agora tinha consciência de que os deuses haviam lhe pregado uma peça. Riu-se de si mesmo sem nenhuma alegria. Não é muito agradável possuir o dom de se divertir à custa dos próprios absurdos.

Durante os três meses que se seguiram, Philip estudou matérias que lhe eram novas. A multidão de alunos que se matriculara havia dois anos na Escola de Medicina tinha diminuído bastante: alguns, intimidados pelas dificuldades dos exames, haviam abandonado os estudos; outros, como a vida de Londres fosse muito cara para a bolsa paterna, tinham regressado à província ou escolhido outra profissão. Certo camarada de Philip inventara engenhoso plano para ganhar dinheiro: comprava coisas em leilões para empenhá-las, mas depois achara mais vantajoso empenhar objetos comprados a crédito. Um belo dia os colegas leram-lhe o nome no noticiário policial, e isso causou alguma sensação na escola. Houve um mandado de prisão, garantias por parte do pai vexado, e o jovem fora mandado carregar “o fardo do homem branco” no além-mar. A imaginação de um outro, moço que nunca havia estado numa cidade, deixou-se empolgar pela sedução dos bares e dos *music-halls*. Passava o tempo no meio de carreiristas, entendidos em palpites, treinadores, e agora estava feito auxiliar de um *bookmaker*. Philip vira-o uma vez num bar perto de Piccadilly Circus com um sobretudo cintado e um chapéu de feltro marrom de abas largas e lisas. Um terceiro, com pendor para o canto e para a mímica, havia conseguido sucesso nas reuniões artísticas da Escola de Medicina, imitando comediantes famosos; abandonara o hospital para integrar o coro duma companhia de operetas. Ainda outro — e esse interessava Philip porque as suas maneiras bruscas e o seu abuso de interjeições não sugeriam que ele fosse capaz de qualquer emoção profunda — sentia-se asfíxiado nas casas de Londres. Ficava aflito em espaços fechados e sua alma, cuja existência ignorava, debatia-se espantada como um pássaro a ofegar na mão que o prende. Sentia a saudade dos horizontes largos e dos espaços livres e desolados das regiões onde passara a infância. Um dia foi embora, entre uma e outra aula, sem dizer nada a ninguém. Soube-se depois que havia abandonado a medicina e estava trabalhando numa fazenda.

Philip assistia agora a aulas de medicina e cirurgia. Às vezes, de manhã, aprendia a fazer ligaduras no ambulatório, contente por ganhar algum

dinheiro, e tomava lições de auscultação, exercitava-se no emprego do estetoscópio e adquiria noções de farmácia. Ia fazer exame de matéria médica em julho e achava divertido lidar com várias drogas, unguentos, e fazer misturas e pílulas. Lançava-se avidamente sobre qualquer coisa donde pudesse extrair uma sugestão de interesse humano.

Viu Griffiths uma vez de longe, mas, para não ter de fingir que não o conhecia, evitou-o. Philip havia-se alheado um tanto dos amigos de Harry, alguns dos quais eram também amigos seus, ao verificar que eles sabiam da sua ruptura com aquele, e desconfiava de que não ignorassem a razão. Um deles, sujeito muito alto, de cabeça pequena e ar lânguido — um rapaz chamado Ramsden, que era dos mais fiéis admiradores de Griffiths e que lhe copiava as gravatas, os sapatos, a maneira de falar e os gestos —, contara a Philip que Griffiths estava muito sentido porque ele não respondera à sua carta. Queria fazer as pazes.

— Ele lhe pediu para me dar esse recado? — indagou Philip.

— Oh, não, estou dizendo isto inteiramente por minha conta. Harry está muito arrependido do que fez e diz que você sempre se portou decentemente com ele. Eu sei que ele ficará satisfeito em se reconciliar contigo. Não vem ao hospital porque tem medo de que, se o vir, não queira falar com ele.

— É o que eu faria.

— Não imagina como isso o faz sofrer.

— Pois eu posso suportar muito bem essa situação que tanto o incomoda.

— Griffiths está disposto a fazer tudo para reparar.

— Pura infantilidade e histeria! Que lhe interessa isso? Sou uma pessoa bastante insignificante e ele pode passar muito bem sem a minha companhia. Não estou mais interessado nele.

Ramsden achou Philip áspero e frio. Calou-se por alguns instantes e olhou em torno com ar perplexo.

— Harry está arrependidíssimo de ter-se metido com aquela mulher.

— Está?

Falou com uma indiferença que o deixava satisfeito. Ninguém poderia adivinhar com que violência o seu coração estava a bater. Esperou impacientemente que Ramsden continuasse.

— Suponho que você já esteja curado, não?

— Eu? Completamente.

Pouco a pouco foi descobrindo a história das relações de Mildred com Griffiths. Escutou com um sorriso nos lábios, fingindo uma equanimidade que iludiu completamente o obtuso rapaz com quem falava. O fim de semana que Mildred passara com Griffiths em Oxford mais inflamara do que extinguiu a súbita paixão dela. E quando Griffiths fora para a casa da família, ela, revelando um sentimento inesperado, resolveu ficar sozinha por um par de dias em Oxford, onde tinha sido tão feliz. Achava ela que nada a podia induzir a voltar para Philip: tinha-lhe repugnância. Griffiths foi o primeiro a ficar embasbacado ante a paixão que havia despertado, pois achara aqueles dois dias em companhia de Mildred um tanto aborrecidos. Não alimentava nenhum desejo de transformar um episódio divertido numa ligação cansativa. Ela lhe fez prometer que lhe escreveria e, como Harry era um sujeito honesto e decente, dotado de polidez natural e do desejo de ser agradável para com todos, escreveu-lhe, ao chegar a casa, uma longa e encantadora carta. Mildred respondeu a ela com torrentes de paixão, desajeitadamente, pois não tinha o dom da expressão, escrevia mal e de maneira vulgar. A carta lhe causara tédio, e quando no dia seguinte recebeu uma outra e logo após uma terceira, começou a pensar que aquele amor deixara de ser lisonjeiro para se tornar alarmante. Não respondeu. Ela o bombardeou com telegramas, perguntando-lhe se ele se achava doente e se tinha recebido as suas cartas. Dizia que aquele silêncio a deixava terrivelmente aflita. Ele foi forçado a escrever, mas procurou fazer sua resposta a mais aérea possível sem ser ofensiva. Suplicou-lhe que não telegrafasse, uma vez que lhe era difícil explicar as mensagens à sua mãe, uma senhora de costumes antigos para quem um telegrama era ainda um acontecimento terrível. Mildred respondeu que precisava vê-lo e anunciou-lhe a sua intenção de empenhar o que possuía (tinha o estojo que Philip lhe dera como presente de casamento e podia arranjar com ele oito libras) a fim de ir até a cidade a quatro milhas da qual ficava a aldeia onde o pai de Griffiths clinicava.

Griffiths assustou-se e dessa vez fez uso do telégrafo para dissuadi-la. Prometeu avisar-lhe de sua chegada a Londres e, quando o fez, verificou que ela já havia perguntado por ele no hospital onde ia trabalhar. Não gostou disso e, quando a encontrou, disse-lhe que não devia procurá-lo ali sob pretexto algum. E agora, depois duma ausência de três semanas, notava que ela decididamente o entediava. Já nem sabia por que se incomodara por causa dela e resolveu romper tão depressa quanto lhe fosse possível. Era uma pessoa que



detestava as disputas e não gostava de causar sofrimento a ninguém. Ao mesmo tempo, porém, tinha outras coisas que fazer e estava inteiramente decidido a não deixar que Mildred o importunasse. Ao encontrá-la, mostrou-se agradável, alegre, divertido e afeiçoado. Inventou desculpas convincentes para o intervalo de ausência, mas fez tudo o que pôde para evitá-la. Quando ela o obrigava a marcar encontros, ele se esquivava mandando-lhe telegramas à última hora. Dera ordens à senhoria (os primeiros três meses de emprego ia passá-los em quartos alugados) para, quando Mildred o procurasse, dizer que ele não estava em casa. Ela o espiava na rua e Griffiths, sabendo que Mildred esperava a sua saída do hospital durante algumas horas, dizia-lhe umas poucas palavras amistosas e encantadoras, e afastava-se invocando obrigações profissionais. Adquiriu uma grande habilidade em se esgueirar do hospital sem ser visto. Uma vez, ao voltar para seus aposentos à meia-noite, viu uma mulher parada junto à grade do subsolo e, suspeitando de quem se tratasse, preferiu pedir pousada a Ramsden. No dia seguinte a senhoria lhe contou que Mildred ficara sentada no portal, a chorar durante horas e horas, vendo-se ela obrigada a dizer-lhe por fim que, se não fosse embora, chamaria um guarda.

— Uma coisa eu lhe digo, meu rapaz — concluiu Ramsden —, você tem uma sorte danada por estar livre disso tudo. Harry diz que, se tivesse a mais leve suspeita de que ela ia incomodá-lo tanto, preferia ir para o inferno a se meter com ela.

Philip imaginou Mildred sentada naquele portal durante as longas horas da noite. Via a face melancólica que ela erguera para a senhoria quando esta a mandava embora.

— Que será que ela está fazendo, agora?

— Ora..., conseguiu um emprego em alguma parte, graças a Deus. Assim fica todo o dia ocupada.

A última coisa que Philip ouviu, logo antes do fim do semestre de verão, foi que a urbanidade de Griffiths tinha afinal cedido lugar à exasperação ante aquela perseguição constante. Dissera a Mildred que estava farto de ser azucrinado, e que o melhor que ela tinha a fazer era sumir-se e não tornar a importuná-lo.

— Era a única coisa que ele podia fazer — disse Ramsden. — Já estava ficando demais.

— Então está tudo acabado? — indagou Philip.

— Ora, faz dez dias que ele nem a vê. Você sabe, Harry é maravilhoso nisso de se descartar das pessoas. Esse foi o osso mais duro que ele teve de roer, mas roeu-o bem direitinho!

Philip não ouviu mais falar de Mildred. Ela se perdeu na vasta massa anônima de Londres.

No começo do período de inverno Philip ficou adido ao serviço de doentes externos. Três médicos encarregavam-se do ambulatório, dois dias por semana cada um. Philip inscreveu-se no quadro do dr. Tyrell. Era este assaz popular entre os estudantes que competiam uns com os outros para trabalhar com ele. O dr. Tyrell era um homem alto e magro, de trinta e cinco anos, cabeça muito pequena, cabelo ruivo aparado curto e olhos azuis saltados; seu rosto era dum escarlate vivo. Falava bem, numa voz agradável, gostava duma pequena pilhéria e tomava o mundo pelo lado bom. Era um homem de sucesso, tinha uma vasta clientela e a perspectiva de ser condecorado em breve. Graças ao convívio com os estudantes e os pobres, adquirira o ar protetor, e graças ao tratamento constante com os doentes, a condescendência jovial do homem de saúde, qualidades essas que constituem o “ar profissional”, seus pacientes sentiam-se diante dele como meninos diante dum professor folgazão. Em sua presença cessavam de considerar a doença como um grande mal, achando-a antes uma espécie de travessura absurda, que divertia.

O estudante devia trabalhar no ambulatório todos os dias, atender casos e colher as informações que pudesse. Mas nos dias em que estava de auxiliar, os seus deveres eram um pouco mais definidos.

Naquele tempo o ambulatório do Hospital de St. Luke consistia em três salas contíguas que se comunicavam entre si e uma comprida e sombria sala de espera com colunas maciças de alvenaria e grandes bancos ao longo das paredes. Ali os pacientes esperavam, depois de ter recebido os “cartões” ao meio-dia. Sentados na obscuridade, com frascos e potes de pomada na mão, esperavam em longas fileiras. Eram homens, mulheres e crianças de todas as idades, alguns bastante bem vestidos, outros esfarrapados e sujos, dando em conjunto uma impressão sinistra. Lembavam os sombrios desenhos de Daumier. Todas as salas estavam pintadas da mesma maneira: cor de salmão com uma barra alta marrom. Sentia-se ali um forte odor de desinfetantes que

se misturava, à medida que a tarde avançava, com um fartum acre de humanidade. A primeira sala era a maior e tinha no meio uma mesa e uma cadeira de escritório para o médico. De cada lado havia uma mesa menor, um pouco mais baixa: a uma destas estava sentado o interno e, à outra, o aluno encarregado do “livro” do dia. Era um grosso volume no qual se registravam nome, idade, sexo e profissão do paciente, bem como o diagnóstico.

À uma e meia o médico interno chegava, tocava a campainha e mandava o porteiro que fizesse entrar os pacientes já em tratamento. Havia sempre uma boa quantidade deles e era necessário atender o maior número possível, antes das duas, hora em que chegava o dr. Tyrell. O interno com quem Philip começou a trabalhar era um homenzinho ativo, demasiado cômico de sua importância. Tratava os auxiliares com condescendência e era evidente que não lhe agradava a familiaridade dos estudantes mais velhos que haviam sido seus contemporâneos e não costumavam tratá-lo com o respeito que — achava ele — a sua atual posição exigia. Auxiliado por um dos estudantes, examinava os doentes. Os pacientes começavam a entrar. Primeiro os homens. Bronquite crônica, “uma tosse teimosa”, era do que principalmente sofriam. Um doente se dirigia ao interno e outro ao estudante, entregando os respectivos cartões, nos quais, se estavam obtendo melhoras, eram escritas as palavras *Rep. 14*. Isso feito, dirigiam-se ao dispensário com seus frascos ou potes, a fim de receberem remédios para mais duas semanas. Alguns clientes antigos esperavam, desejando ser examinados pelo próprio chefe do serviço, mas raramente o conseguiam; e só três ou quatro, cuja condição parecia exigir tal atenção, ficavam para isso.

O dr. Tyrell entrava sempre com movimentos rápidos e maneiras joviais. Lembavam vagamente um palhaço saltando para a pista dum circo com a exclamação “Aqui estou eu, pessoal!”. Sua atitude parecia indicar: “Que bobagem é essa de dizerem que estão doentes? Eu endireito logo isso”. Sentava-se, perguntava se havia doentes antigos para ver, examinava-os às pressas, olhando para eles com olhos astutos enquanto discutia os seus sintomas, dizia uma pilhéria para o interno. Todos os auxiliares riam gostosamente. O interno também desandava a rir, mas com ar de quem pensava ser um pouco atrevido da parte dos alunos rirem daquele modo. Então o dr. Tyrell fazia uma observação sobre o tempo e tocava a campainha para o porteiro introduzir os novos pacientes.

Estes entravam, um a um, e caminhavam até a mesa onde se achava o doutor. Eram velhos, moços e homens de meia-idade, a maioria deles da classe operária, trabalhadores das docas, carroceiros, empregados de fábricas e cafés; mas havia alguns bem vestidos, que pertenciam a uma classe evidentemente superior: caixeiros de loja, empregados de escritório e coisas semelhantes. O dr. Tyrell olhava para estes últimos com desconfiança. Às vezes punham roupas surradas para aparentar pobreza; mas o médico tinha um olho esperto para desmascarar tais fraudes, e em muitas ocasiões recusava-se a atender pessoas que, pensava ele, podiam muito bem pagar serviços médicos. As mulheres eram as mais desajeitadas nessa simulação. Traziam vestidos quase andrajosos, mas esqueciam-se de tirar os anéis dos dedos.

— Se a senhora pode comprar jóias é porque pode pagar médico. Este hospital é uma instituição de caridade — dizia o dr. Tyrell.

Devolvia-lhe o cartão e mandava entrar o próximo caso.

— Mas eu tirei o cartão.

— Pouco me interessa o seu cartão: vá embora. Não tem nada que vir aqui roubar o tempo dos que são pobres de verdade.

A paciente retirava-se de mau modo, com a carranca fechada.

— Provavelmente vai escrever uma carta aos jornais sobre a péssima administração dos hospitais de Londres — dizia o dr. Tyrell com um sorriso, enquanto apanhava o próximo cartão e fixava no doente um de seus olhares astutos.

A maioria dos pacientes vivia sob a impressão de que o hospital era uma instituição oficial, sustentada pelos impostos que eles pagavam, de sorte que consideravam aquela assistência como uma coisa a que tinham direito. Imaginavam que o médico que lhes dedicava o seu tempo era regamente pago.

O dr. Tyrell dava a cada um dos estudantes um caso a examinar. O rapaz levava o paciente para uma das salas internas; eram estas menores e tinha cada uma um divã coberto de tecido de crina. Fazia ao doente uma variedade de perguntas, examinava-lhe os pulmões, o coração e o fígado, rabiscava anotações no cartão do hospital, e formava uma idéia aproximada do diagnóstico e depois esperava o dr. Tyrell. Este entrava, seguido dum pequeno grupo de estudantes, depois de atendidos os homens. O estudante lia as suas anotações. O médico fazia-lhe uma ou duas perguntas e examinava a seguir o paciente. Se havia algo de interessante a ouvir, os estudantes aplicavam o estetoscópio. Era freqüente ver um homem com três rapazes a auscultar-lhe o

peito, dois talvez às costas, ao passo que outros esperavam, impacientes, para escutar também. O doente ficava no meio deles um pouco embaraçado, mas não de todo descontente por se ver centro de todas as atenções. Escutava confusamente enquanto o dr. Tyrell discorria com fluência sobre o caso. Dois ou três estudantes tornavam a auscultar para reconhecer o sopro ou a crepitação que o médico descrevia, e finalmente mandavam o homem vestir-se.

Uma vez examinados todos os casos, o dr. Tyrell voltava para a sala grande e sentava-se de novo à sua escrivaninha. Perguntava ao estudante que acontecesse estar sentado perto, o que ele receitaria para o doente que acabava de ver. O rapaz mencionava um ou dois medicamentos.

— Você receitaria isso? — dizia o dr. Tyrell. — Bem, seja como for, é original. Não nos precipitemos.

Isso sempre provocava riso entre os alunos. Encantado com o seu próprio dito humorístico, o médico receitava outra droga que não a sugerida pelo estudante. Quando havia dois casos exatamente da mesma espécie e o rapaz propunha o tratamento que o médico havia indicado para o primeiro, o dr. Tyrell punha grande habilidade em descobrir outro remédio. Às vezes, para se divertir à custa dos farmacêuticos do hospital, que, sempre abarrotados de serviço, preferiam fornecer medicamentos já preparados, essas boas poções de hospital consagradas por anos de experiência, ele se dava o trabalho de passar uma receita complicada.

— Vamos dar um pouquinho de trabalho aos farmacêuticos — dizia. — Se continuarmos a receitar sempre e sempre *mixt: alb:* eles acabam ficando burros.

Os estudantes riam e o doutor passeava em torno o olhar alegre, gozando a própria pilhéria. Depois tocava a campainha e, quando o porteiro aparecia à porta, dizia:

— Faça o favor de mandar as velhas!

Inclinava-se para trás na cadeira, tagarelando com o interno, enquanto o porteiro fazia entrar o rebanho das doentes. Eram anêmicas, com grandes franjas e lábios descorados: não podiam digerir a sua alimentação má e insuficiente; senhoras idosas, gordas ou magras, envelhecidas prematuramente pelos partos amiudados, sofriam de bronquite crônica; mulheres que tinham isto e mais aquilo. O dr. Tyrell e o seu interno atendiam-nas rapidamente. O

tempo corria e o ar, na pequena sala, ficava cada vez mais viciado. O médico consultava o relógio.

— Muitas pacientes novas, hoje? — perguntava.

— Uma boa quantidade, parece — dizia o interno.

— E melhor mandá-las entrar. Pode continuar com as antigas.

Entravam. Nos homens as moléstias mais comuns provinham do abuso do álcool, mas nas mulheres eram devidas à alimentação deficiente. Perto das seis horas, tudo estava terminado. Philip, exausto por ter estado de pé durante todo o tempo, pelo ar empestado e pelo esforço de atenção, dirigia-se com os colegas até a Escola de Medicina a fim de tomar chá. Achava no trabalho um interesse absorvente. Ali estava a humanidade em bruto — material a ser trabalhado pelo artista. E ele sentia uma curiosa emoção ao pensar que estava na mesma posição do artista e que os pacientes eram como argila em suas mãos. Lembrou-se com um divertido encolher de ombros da sua vida em Paris, absorto em cores, tonalidades, valores e sabe Deus o que mais, com o fito de produzir coisas belas: aquele contato direto com homens e mulheres dava-lhe uma vibrante sensação de poder que ainda não havia experimentado. Achava um interesse infundável em examinar-lhes os rostos e ouvi-los falar. Cada um tinha a sua peculiaridade. Uns arrastavam desajeitadamente os pés, outros andavam com passo curto e vivo e ainda outros em passadas lentas e pesadas, tímidos estes, ousados aqueles. Pelo seu aspecto, muitas vezes se lhes podia adivinhar a profissão. Aprendia-se a maneira de fazer determinadas perguntas a fim de que fossem compreendidas. Descobria-se sobre que assuntos quase todos mentiam e quais os quesitos com que, não obstante, se lhes podia arrancar a verdade. Percebia-se o modo diferente como as pessoas encaravam as mesmas coisas.

O diagnóstico de uma moléstia perigosa seria aceito por este com um riso e uma pilhéria e por aquele com mudo desespero. Philip verificou que era menos tímido com essa gente do que o tinha sido diante de outros.

Não era exatamente simpatia o que experimentava, pois a simpatia implica condescendência; sentia-se, porém, à vontade com eles. Notou também que era capaz de deixá-los à vontade e, quando lhe entregavam um caso para ver o que podia fazer com ele, parecia-lhe que o doente se entregava em suas mãos com uma confiança especial.

“Talvez”, pensava ele com um sorriso, “talvez eu seja talhado para médico. Que sorte se eu tiver encontrado a minha verdadeira vocação!”

Afigurava-se-lhe que de todos os colegas era ele o único que via o interesse dramático daquelas tardes. Para os outros, homens e mulheres eram apenas casos bons se complicados, cansativos se fáceis. Ouviam sopros e espantavam-se diante de fígados anormais. Um ruído inesperado nos pulmões dava-lhes que falar. Mas para Philip havia muito mais. Achava interesse no simples fato de olhar para os doentes, para a forma de suas cabeças, das mãos, a expressão dos olhos e o comprimento dos narizes. Via-se naquela sala a natureza humana apanhada de surpresa e com freqüência a máscara do hábito era rudemente arrancada, deixando a alma desnuda. Às vezes se lhe deparava um estoicismo natural que era profundamente comovedor. Duma feita Philip ouviu um homem, rude e ignorante, dizer que era um caso perdido; e tendo ele próprio domínio sobre si mesmo, admirou-se ante aquele esplêndido instinto que forçava o indivíduo a conservar um sorriso na presença dos estranhos. Mas seria possível para ele, Philip, ser bravo quando estava a sós, face a face com sua alma, ou se entregaria então ao desespero? Em certas ocasiões havia tragédia. Um dia uma jovem trouxe a irmã para ser examinada. Era uma garota de dezoito anos com feições delicadas, grandes olhos azuis, cabelos louros que faiscavam como ouro quando batido por um raio de sol outonal; tinha a pele duma beleza surpreendente. Os olhares dos estudantes riram para ela. Não era com freqüência que viam uma moça bonita naquelas salas sombrias. A mais velha relatou a história da família: pai e mãe haviam morrido tísicos; só lhe restavam a irmã e mais um irmão. A moça andava tossindo ultimamente e perdendo peso. Tirou a blusa: a pele do pescoço era duma brancura de leite. O dr. Tyrell examinou-a em silêncio com a rapidez de sempre. Mandou que dois ou três auxiliares aplicassem os estetoscópios num lugar que indicou com o dedo. Depois deixaram-na vestir-se. A irmã, que se mantinha um pouco à distância, falou ao médico em voz baixa, a fim de não ser ouvida pela garota. Sua voz tremia de medo.

— Ela não está, doutor, não é?

— Infelizmente está, sim.

— Era a última. Quando ela se for, não terei mais ninguém.

Começou a chorar, enquanto o doutor a contemplava com ar grave: ela também tinha o tipo de tísica; também não viveria muito. A garota voltou-se e viu as lágrimas da irmã. Compreendeu o que significavam. A cor lhe fugiu do lindo rosto e lágrimas começaram a rolar-lhe pelas faces. Durante alguns minutos ficaram as duas a chorar em silêncio e depois a mais velha,



esquecendo aquele grupo indiferente que as observava, aproximou-se da irmã, tomou-a nos braços e pôs-se a embalá-la docemente como se ela fosse uma criança.

Quando se retiraram, um dos estudantes perguntou:

— Quanto tempo acha que ela vai durar, doutor?

O dr. Tyrell deu de ombros.

— O irmão e a irmã morreram três meses depois dos primeiros sintomas. Com ela acontecerá o mesmo. Se fossem ricas, talvez fosse possível fazer alguma coisa. Não podemos dizer a essa gente que vá para St. Moritz. Nada se pode fazer por elas.

Outra vez foi um homem de aspecto robusto e no vigor da idade. Sofria duma dor persistente e o médico de seu clube parecia não lhe trazer nenhuma melhora. Para ele também a sentença foi de morte, não a morte inevitável que horroriza, mas é contudo tolerável porque a ciência nada pode diante dela, mas a morte que é inevitável apenas porque o doente representa uma pequena roda na grande máquina duma civilização complexa e tem tão pouca força para mudar as circunstâncias quanto um autômato. A sua única esperança era um repouso absoluto. O dr. Tyrell não pedia coisas impossíveis.

— O senhor precisava arranjar um trabalho muito mais leve.

— Na minha profissão não existe trabalho leve.

— Bom, se continuar assim, será suicídio. O senhor está muito doente.

— Então o doutor quer dizer que eu vou morrer?

— Eu não queria dizer isso... mas o certo é que o senhor não está em condições de fazer trabalho pesado.

— Se eu não trabalho, quem é que vai sustentar minha mulher e meus filhos?

O dr. Tyrell encolheu os ombros. Este dilema lhe havia sido apresentado uma centena de vezes. O tempo urgia e havia muitos pacientes para atender.

— Bom, vou lhe dar um remédio e o senhor pode voltar dentro duma semana para me dizer como vai passando.

O homem apanhou o cartão onde estava a receita inútil e retirou-se. O doutor podia dizer o que quisesse. Ele não se sentia tão mal que não pudesse continuar trabalhando. Tinha um bom emprego e não estava em condições de jogá-lo fora.

— Dou-lhe um ano — disse o dr. Tyrell.

Às vezes havia comédia. De quando em quando surgia um lampejo de humor londrino; alguma velha senhora escapada dum romance de Charles Dickens, divertia-os com sua garrulice e extravagância. Duma feita foi uma mulher que pertencia ao corpo de baile dum *music-ball* famoso. Aparentava cinquenta anos, mas deu a idade de vinte e oito. Estava escandalosamente pintada e com seus enormes olhos negros lançava olhares impudentes para os rapazes. Seus sorrisos eram grosseiramente provocantes. Muito segura de si, tratou o dr. Tyrell, que se divertia imensamente, com a tranqüila familiaridade que teria usado para com algum admirador avinhado. Sofria de bronquite crônica e contou que isso prejudicava o exercício de sua profissão.

— Não sei por que eu havia de sofrer disso, palavra que eu não sei. Nunca estive um dia de cama em toda a minha vida. Basta olhar para mim para ver logo isso.

Revirava os olhos para os rapazes, com um prolongado movimento dos cílios pintados, mostrando-lhes os dentes amarelos. Falava com um sotaque *cockney*, mas com uma afetação de refinamento que fazia de cada palavra um motivo de riso.

— Isso é o que se chama “tosse de inverno” — respondeu o dr. Tyrell gravemente. — É coisa que se dá muito freqüentemente em senhoras duma certa idade.

— Ora, vejam só! Muito lindo dizer isso para uma dama. Até agora ninguém me tratou por “senhora de certa idade!”.

Arregalou os olhos e atirou a cabeça para um lado, encarando o médico com uma gaiatice indescritível.

— Esse é o inconveniente da nossa profissão. Ela às vezes nos força a ser pouco galantes.

A mulher apanhou a receita e atirou-lhe um último sorriso melífluo.

— Venha me ver dançar, querido, venha!

— Com toda a certeza.

Tocou a campainha para mandar entrar o caso seguinte.

— Estimei que os cavalheiros estivessem aqui para me proteger.

Mas, de um modo geral, a impressão que dava aquilo tudo não era de drama nem de comédia. Não havia como descrevê-la. Era múltipla e vária; havia risos e lágrimas, felicidade e desdita; aquilo era tedioso, indiferente e interessante. Era tudo o que se quisesse: tumultuoso e apaixonado, grave, triste e cômico; era trivial, simples e complexo; a alegria lá estava e o desespero

também. O amor das mães pelos filhos, o dos homens pelas mulheres. A luxúria se arrastava por aquelas saias com pés de chumbo, punindo culpados e inocentes, esposas desamparadas e crianças miseráveis. O álcool senhoreava homens e mulheres e cobrava-lhes o inevitável tributo. A morte gemia naquela casa onde era diagnosticado o princípio da vida, enchendo de terror e de vergonha alguma pobre moça. Não havia ali nem bem nem mal, mas apenas fatos. Era a vida.

Perto do fim do ano, quando estava por terminar os seus três meses de prática no ambulatório, Philip recebeu uma carta de Lawson, que se achava em Paris.

*Caro Philip,*

*Cronshaw está em Londres e ficaria satisfeito em lhe ver. Está morando em Hyde Street, 43, Soho. Não sei onde é, mas acho que você poderá descobri-lo. Seja camarada e olhe um pouco por ele. Está numa situação dos diabos. Ele lhe dirá o que faz. Em Paris as coisas vão como sempre. Nada parece ter mudado desde quando você estava aqui. Clutton voltou mas está perfeitamente intolerável. Brigou com todos. Segundo pude verificar, não tem um níquel, mora num pequeno estúdio bem atrás do Jardin des Plantes, mas não deixa que ninguém lhe veja os trabalhos. Como não expõe em parte alguma, não se sabe o que ele está fazendo. Pode ser um gênio, mas por outro lado também pode estar maluco. A propósito, encontrei Flanagan um dia destes. Andava exibindo a esposa pelo Quartier. Mandou a arte às favas e agora está no negócio do “papai”. Parece andar nadando em dinheiro. Mrs. Flanagan é muito bonita e eu estou procurando fazer um retrato dela. No meu lugar, quanto você cobraria? Não quero assustá-los mas também não pretendo ser um pedaço de asno pedindo £150 quando eles estão dispostos a pagar £300.*

*O sempre seu,  
Frederick Lawson.*

Philip escreveu a Cronshaw e recebeu em resposta a seguinte nota. Estava escrita em meia folha de papel comum de carta: o fino envelope se encontrava mais sujo do que a passagem pelo correio podia justificar.

*Meu caro Carey,*

*Está claro que me lembro de você muito bem. Tenho a idéia de que contribuí para lhe salvar do “Pântano do Desespero” em que eu próprio estou irremediavelmente atolado. Terei muito prazer em vê-lo. Sou um estranho numa cidade estranha e vivo assediado pelos*

*filisteus. Será um prazer conversar sobre Paris. Não peço que me venha visitar, visto como meus alojamentos não têm a magnificência própria para a recepção dum eminente membro da profissão de Monsieur Purgon. Mas em qualquer noite, entre as sete e as oito, me encontrará comendo modestamente em Dean Street, num restaurante que hão por bem chamar “Au Bon Plaisir”.*

*Do sempre seu,  
J. Cronshaw.*

Philip foi procurá-lo no dia em que recebeu a carta. O restaurante, que consistia numa única salinha, era da mais baixa classe e parecia não ter outro freguês senão Cronshaw. Estava ele sentado a um canto, ao abrigo das correntes de ar, usando o mesmo sobretudo puído sem o qual Philip nunca o vira, e com o velho chapéu-coco enfiado na cabeça.

— Como aqui porque posso ficar em paz — disse ele. — A casa não vai bem, os únicos que vêm aqui são algumas marafonas e um ou dois garçons desempregados. Vão deixar o negócio e a comida é execrável. Mas a ruína deles é vantagem para mim.

Cronshaw tinha diante de si um copo de absinto. Havia quase três anos que não se viam e Philip surpreendeu-se com a mudança que se operara em sua aparência. Cronshaw, que fora corpulento, tinha agora um aspecto ressequido e amarelado: a pele do pescoço estava flácida e cheia de rugas. As roupas lhe dançavam no corpo como se tivessem sido compradas para outro. E o colarinho, três ou quatro números maior que a sua medida, agravava o desleixo de sua aparência. As mãos tremiam sem cessar. Philip lembrou-se de que a letra da carta era um rabisco informe traçado ao acaso. Cronshaw estava evidentemente muito enfermo.

— Tenho comido pouco estes dias — disse ele. — Sinto-me mal pela manhã. Hoje estou jantando apenas uma sopa e depois vou pedir um pedaço de queijo.

Philip relanceou involuntariamente os olhos para o absinto e Cronshaw, percebendo isso, mirou-o com a expressão de zombaria com que costumava reprovar as admoestações bem-intencionadas.

— Diagnosticou o meu caso e está pensando que faço muito mal em beber absinto.

— Não há dúvida que é cirrose do fígado.

— Não há dúvida.

Olhou para Philip daquela maneira que em outra época tinha o poder de fazê-lo sentir-se incrivelmente tacanho. Parecia sugerir que o que ele estava pensando era uma lamentável banalidade. E quando alguém reconhece a evidência, que mais se lhe pode dizer? Philip mudou de assunto.

— Quando pretende voltar para Paris?

— Não vou voltar para Paris. Vou morrer.

A naturalidade com que o outro dizia isso surpreendeu Philip. Pensou em meia dúzia de coisas para dizer, mas elas lhe pareceram fúteis. Sabia que Cronshaw estava perdido.

— Então vai se instalar em Londres? — perguntou ele, sem jeito.

— Que me importa Londres? Sou um peixe fora d'água. Caminho pelas ruas cheias de gente, os homens me acotovelam e eu tenho a impressão de que ando vagueando por uma cidade morta. Senti que não devia morrer em Paris. Quis viver os meus últimos dias no meio da minha gente. Não sei que instinto obscuro acabou me fazendo voltar.

Philip não ignorava que Cronshaw vivia com uma mulher e dois filhos sujíssimos, mas o poeta nunca os havia mencionado e ele não queria fazer perguntas. Que teria sido feito daquela gente?

— Não sei por que fala em morrer.

— Tive pneumonia no inverno passado. Disseram-me que escapei por milagre. Segundo parece sou muito propenso a isso e um segundo ataque me matará.

— Ora, que tolice. A coisa não é tão grave assim. O que é preciso é tomar precauções. Por que não deixa de beber?

— Porque não quero. Que importa o que um homem faz, se está pronto a aceitar as conseqüências? Pois bem, eu estou pronto a aceitá-las. Para você é fácil falar em deixar a bebida, mas essa é a única coisa que me resta. Sem ela, que seria a vida para mim? Pode compreender a felicidade que o absinto me dá? Ardo por ele e quando bebo saboreio gota a gota, e depois sinto a alma a nadar numa felicidade inefável. Isso lhe repugna. Você é um puritano e no íntimo despreza os prazeres dos sentidos. São os mais violentos e refinados. Sou um homem dotado, por sorte, de sentidos muito agudos e me entreguei a eles de toda a alma. Agora é preciso pagar o tributo, e estou pronto para isso.

Philip contemplou-o por um instante.

— E não tem medo?

Durante alguns segundos Cronshaw não respondeu. Parecia pensar no que ia dizer.

— Às vezes, quando estou só. — Olhou para Philip. — Pensa que isso é uma condenação? Está enganado. Não tenho medo do meu medo. A doutrina cristã, segundo a qual a gente deve viver sempre com os olhos postos na morte, é uma loucura. A única maneira de viver é esquecer a morte. A morte é sem importância. O temor dela jamais devia influenciar a menor das ações dum homem sábio. Sei que vou morrer lutando para respirar e sei que hei de ter um medo horrível. Sei também que não me será possível evitar o amargo arrependimento do gênero de vida que me levou a tal circunstância, mas desde já desautorizo esse arrependimento. E agora, alquebrado, velho, doente, pobre, moribundo, tenho ainda nas mãos a minha alma e não me arrependo de coisa alguma.

— Lembra-se daquele tapete persa que me deu?

Cronshaw sorriu o seu velho e lento sorriso de outrora.

— Eu disse que ele daria uma resposta à sua pergunta quando me perguntou sobre o sentido da vida. Então, descobriu?

— Não — sorriu Philip. — Quer dizer-me qual é?

— Não, não, não posso. A resposta nada significará, a menos que a descubra por si mesmo.

Cronshaw ia publicar os seus poemas. Havia anos, os amigos insistiam com ele para que fizesse isso, mas sua indolência não lhe permitia dar os passos necessários. Tinha-lhes sempre respondido às exortações dizendo que o amor da poesia estava morto na Inglaterra. Publicava-se um livro que custara anos de meditação e labor: era mencionado em duas ou três linhas condescendentes, no meio de uma fornada de obras do mesmo gênero, encontrava vinte ou trinta compradores e o resto da edição era vendido a peso para as fábricas de papel. Fazia muito que morrera nele o desejo de celebridade. Era uma ilusão como todas as outras. Mas um de seus amigos havia se encarregado do assunto. Era um homem de letras chamado Leonard Upjohn, que Philip encontrara uma ou duas vezes em companhia de Cronshaw nos cafés do Quartier. Gozava ele de uma considerável reputação na Inglaterra como crítico e passava por ser em seu país o campeão da literatura francesa moderna. Vivera durante muito tempo na França entre os escritores que faziam do *Mercure de France* a revista mais viva da época e pelo simples processo de exprimir-lhes as idéias em inglês tinha adquirido na Inglaterra uma certa reputação de originalidade. Philip lera alguns de seus artigos. Seu estilo, decalcado no de sir Thomas Browne, suas frases empoladas, cuidadosamente equilibradas, e um vocabulário obsoleto e coruscante criavam a ilusão da personalidade. Leonard Upjohn tinha persuadido Cronshaw a confiar-lhe todos os seus poemas e verificara que os havia em quantidade suficiente para formar um volume de tamanho razoável. Prometeu empregar a sua influência junto aos editores. Cronshaw precisava de dinheiro. Depois da doença achava cada vez mais difícil trabalhar continuamente. Mal ganhava o necessário para pagar o que bebia. E quando Upjohn lhe escreveu que um editor e depois um outro, embora admirassem os poemas, achavam que não valia a pena publicá-los, Cronshaw começou a ficar interessado. Insistiu por carta com Upjohn para que ele fizesse novos esforços, pois a sua situação era precária. Agora que ia morrer, queria deixar um livro publicado, e no fundo estava convencido de que havia escrito grandes poemas. Esperava ofuscar o



universo como um astro novo. Havia algo de magnífico em conservar para si por toda a vida aqueles tesouros de beleza e, por já não mais precisar deles, dá-los ao mundo desdenhosamente no momento de partir para sempre.

Sua decisão de voltar para a Inglaterra foi diretamente motivada pela notícia que Leonard Upjohn lhe dera de haver encontrado um editor para os poemas. Por um milagre de persuasão, Upjohn havia convencido o homem a pagar dez libras adiantadamente, por conta dos direitos autorais.

— Um simples adiantamento, vê bem — disse Cronshaw para Philip. — Milton só conseguiu dez libras em pagamento da obra.

Upjohn havia prometido escrever um artigo assinado sobre os poemas, e pediu aos críticos seus amigos que o elogiassem. Cronshaw fingia tratar o assunto com desprendimento, mas era fácil ver que ele estava encantado à idéia da sensação que o livro ia produzir.

Um dia Philip combinou jantar na miserável casa de pasto onde Cronshaw insistia em fazer as refeições. O poeta, porém, não apareceu. Philip soube que ele não aparecia ali havia três dias. Comeu alguma coisa e dirigiu-se depois para o endereço que Cronshaw lhe dera por escrito. Teve alguma dificuldade em localizar a Hyde Street. Era uma rua de casas sórdidas e amontoadas. Muitas das vidraças estavam quebradas e toscamente consertadas com folhas de jornais franceses. Havia anos que não se pintavam as portas. No rés-do-chão ficavam pequenas e humildes casas de comércio, lavanderias, papelarias e remendões. Crianças maltrapilhas brincavam na rua e um velho realejo moía uma melodia popular. Philip bateu à porta da casa de Cronshaw (na parte térrea havia uma confeitaria de última classe). Foi atendido por uma francesa idosa, de avental sujo. Perguntou se Cronshaw estava em casa.

— Ah, sim... Um inglês que mora nos fundos do andar de cima? Não sei se está. Se quiser, é melhor ir ver.

A escada era alumiada por um bico de gás. Havia na casa um cheiro repugnante. Quando Philip subia, uma mulher saiu dum quarto do primeiro andar, olhou para ele, desconfiada, mas nada disse. Havia três portas no último patamar. Philip bateu em uma delas e tornou a bater. Não teve resposta. Tentou dar volta ao trinco, mas a porta estava fechada à chave. Bateu na outra porta, não obteve resposta e tornou a experimentar o trinco. Abriu-a. O quarto estava às escuras.

— Quem é?

Reconheceu a voz de Cronshaw.

— Carey. Posso entrar?

Nenhuma resposta. Entrou. A janela estava fechada e o mau cheiro era insuportável. Vinha da rua um pouco de claridade e Philip viu que o quarto era pequeno e tinha duas camas colocadas ponta com ponta. Havia um lavatório e uma cadeira, que deixavam pouco espaço livre para uma pessoa se movimentar. Cronshaw estava na cama que ficava próxima da janela. Não fez o menor movimento, mas teve um riso baixo e gutural.

— Por que não acende a vela? — perguntou depois.

Philip riscou um fósforo e descobriu que havia um castiçal no chão ao lado da cama. Acendeu a vela e pôs o castiçal em cima do lavatório. Cronshaw estava deitado de costas, imóvel; tinha um aspecto estranhíssimo na sua camisola de dormir. Sua calvície era desconcertante. Na face terrosa via-se já a marca da morte.

— Escute, meu velho, você parece muito doente. Não há aqui quem cuide de você?

— George me traz uma garrafa de leite pela manhã antes de ir para o trabalho.

— Quem é George?

— Chamo-lhe George porque o nome dele é Adolfo. Ele participa também deste suntuoso apartamento.

Philip notou então que a segunda cama estava ainda desfeita.

O travesseiro estava negro no lugar em que a cabeça repousara.

— Mas então quer dizer que não mora só neste quarto? — indagou.

— E que tem isso? Os quartos custam dinheiro no Soho. George é garçom, sai às oito da manhã e não volta senão depois da hora de fechar, de forma que nunca, nunca me incomoda. Até me ajuda a passar as horas da noite contando-me histórias da sua vida. É suíço e eu sempre tive predileção pelos garçons. Eles vêem a vida dum ângulo divertido.

— Há quanto tempo está de cama?

— Três dias.

— Então durante todo esse tempo só passou com uma garrafa de leite por dia? Por que diabo não me escreveu duas linhas? Ora! Ficar aqui todo o dia deitado sem uma alma para atendê-lo.

Cronshaw soltou uma risadinha.

— Olha só a cara dele... Ora, meu rapaz, acho que está mesmo desolado. Bom sujeito.

Philip corou. Não suspeitara que seu rosto estivesse revelando a consternação que sentia à vista daquele horrível quarto e das miseráveis circunstâncias em que se encontrava o pobre poeta. Observando Philip, Cronshaw prosseguiu com um suave sorriso:

— Passei esses dias muito contente. Olha, aqui estão as minhas provas. Lembra-se de que sou indiferente ao desconforto que tanto atormenta as outras criaturas. Que importam as circunstâncias da vida se nossos sonhos nos tornam soberanos do tempo e do espaço?

As provas do livro estavam em cima da cama e, mesmo no escuro, ele as conservava debaixo da mão. Mostrou-as a Philip, com os olhos brilhantes. Voltava as páginas, gozando a letra de fôrma. Leu uma estrofe.

— Não está mal, não?

Philip teve uma idéia. Isso lhe custaria um pouco de dinheiro e ele não estava em condições de fazer o menor aumento de despesa. Mas, diante de semelhante caso, a idéia de economia revoltava-o.

— Olhe, não posso permitir que você fique aqui. Tenho um quarto a mais que atualmente está vazio, mas posso arranjar facilmente que me emprestem uma cama. Não quer vir morar comigo por algum tempo? Você pode economizar o aluguel.

— Oh, meu caro rapaz, você iria insistir que eu conservasse a janela aberta.

— Se quiser mandarei vedar todas as janelas do apartamento.

— Amanhã estarei bom. Podia ter-me levantado hoje, só que senti preguiça...

— Então é muito fácil você mudar-se. E lá em casa, quando não se sentir bem, pode ir para a cama que eu estarei presente para tomar conta de você.

— Se isso lhe agrada, irei — disse Cronshaw, com seu sorriso apático mas agradável.

— Será ótimo.

Combinaram que Philip iria buscar Cronshaw no dia seguinte. O rapaz roubou uma hora de sua atarefada manhã a fim de tratar da mudança. Encontrou Cronshaw vestido, sentado na cama de chapéu e casacão, com a pequena e surrada maleta que continha as suas roupas e livros já arrumada: achava-se ela no chão, a seus pés, e o poeta dava a impressão de estar sentado na sala de espera de uma estação. Philip riu-se ao vê-lo. Foram até Kennington num *cab* de quatro rodas, com as portinholas cuidadosamente cerradas.

Philip instalou o hóspede em seu próprio quarto. Tinha saído de manhã cedo e comprado para seu uso uma cama de segunda mão, uma cômoda barata e um espelho. Cronshaw pôs-se imediatamente a corrigir as provas. Sentia-se muito melhor.

A não ser pela irritabilidade, que era um sintoma natural da doença, Philip achou que ele era um hóspede fácil de tratar. Tinha aula às nove da manhã, de sorte que só via Cronshaw à noite. Persuadiu-o, uma ou duas vezes, a participar do parco jantar que costumava preparar. Mas, boêmio demais para ficar em casa, Cronshaw preferia comer em algum dos mais ordinários restaurantes do Soho. Philip pediu-lhe que procurasse o dr. Tyrell, mas o poeta recusou obstinadamente. Sabia que o doutor havia de lhe recomendar que deixasse a bebida, e isso era o que estava resolvido a não fazer. De manhã, sentia-se sempre horrivelmente doente, mas o absinto ao meio-dia refazia-o, e, à meia-noite, quando voltava para casa, conseguia falar com aquele brilho que despertara a admiração de Philip na primeira vez que o encontrara. As provas do livro estavam corrigidas. O volume devia aparecer com as outras publicações do princípio da primavera, quando era de supor que o público estivesse refeito da avalanche dos livros de Natal.

No começo do ano Philip ficou encarregado dos curativos no ambulatório. O trabalho era da mesma natureza que o anterior, mas possuía esse caráter direto que constitui uma das vantagens da cirurgia sobre a clínica. Era maior, ali, o número de pacientes atacados dessas duas moléstias que a negligência e o falso pudor do povo permitam que se alastrem. O cirurgião assistente para o qual trabalhava Philip chamava-se Jacobs. Era um homem baixo, gordo, de jovialidade exuberante, calvo e de voz estridente. Tinha um sotaque *cockney* e os estudantes geralmente lhe chamavam “pelintra”, mas a sua habilidade, quer como cirurgião, quer como professor, fazia que alguns deles lhe esquecessem a origem. Era ele dotado de uma considerável jocosidade que recaía imparcialmente sobre estudantes e pacientes. Experimentava grande prazer em expor os seus auxiliares ao ridículo. Para fazer isso não encontrava muita dificuldade, uma vez que os rapazes eram ignorantes, tímidos e não lhe podiam responder como a um igual. Jacobs enchia as suas tardes proferindo verdades rudes sob pretexto de fazer graça, e divertia-se mais com elas do que os estudantes que eram obrigados a recebê-las com um sorriso. Certo dia lhe apareceu um caso: um menino com um pé torto. Os pais queriam saber se era possível fazer alguma coisa. O dr. Jacobs voltou-se para Philip:

— Esse caso é para você, Carey. É um assunto que conhece um pouco.

Philip corou, tanto mais porque o cirurgião falava com uma intenção evidentemente humorística e os seus auxiliares, intimidados, riam obsequiosamente. Era de fato um assunto que Philip estudara com ansiosa atenção desde que viera para o hospital. Havia lido todos os livros da biblioteca que tratavam do talipes em suas várias formas. Mandou o rapaz tirar os sapatos e as meias. Tinha ele catorze anos, nariz arrebitado, olhos azuis e cara pintalgada de sardas.

O pai explicou que desejava que alguma coisa fosse feita, se possível, pois aquilo era um obstáculo para o filho ganhar a vida. Philip olhou para o paciente com curiosidade. Era um rapaz alegre, nada tímido, tagarela e duma afoiteza que o pai reprovava. Estava muito interessado no pé.

— É só porque é feio, sabe? Não me incomoda nem um pouco — disse ele a Philip.

— Fica quieto, Ernie — acudiu o pai. — Está tagarelando demais.

Philip examinou-lhe o pé e passou devagar a mão sobre a deformidade. Não podia compreender por que o rapaz não sentia absolutamente a humilhação que sempre o deprimira. Por que não podia ele também encarar o seu defeito com aquela indiferença filosófica? Em dado momento, o dr. Jacobs se aproximou dele. O rapaz estava sentado na beira do divã, tendo dum lado o cirurgião e Philip do outro. Junto deles, em semicírculo, agrupavam-se os estudantes. Com o brilho costumeiro, Jacobs fez uma pequena dissertação sobre o talipes. Falou de suas variedades e das formas decorrentes de diversas condições anatômicas.

— Acho que o seu caso é chamado *talipes equinus* — disse ele, voltando-se subitamente para Philip.

— É.

Philip sentiu que os olhos dos colegas estavam postos nele. Amaldiçoou-se por lhe ser impossível não corar. As palmas de suas mãos umedeciam-se de suor. O cirurgião falava com a fluência devida a uma longa prática e com a admirável perspicácia que o distinguía. Era profundamente interessado em sua profissão. Mas Philip não o escutava. Desejava apenas que o homem terminasse de uma vez. Em dado momento, percebeu que Jacobs se dirigia a ele:

— Não se importa em tirar o sapato por um momento, Carey?

Philip sentiu um tremor percorrer-lhe o corpo. Seu ímpeto era dizer ao cirurgião que fosse para o inferno, mas não tinha coragem de provocar uma cena. Temia o ridículo brutal de que seria objeto. Fez um esforço por parecer indiferente.

— Absolutamente — respondeu ele.

Sentou-se e desamarrou os cordões da botina. Os dedos lhe tremiam. Pensou que não conseguiria desfazer o nó. Lembrou-se de quando, na escola, o haviam forçado a mostrar o pé, e da humilhação que então lhe roera as entranhas.

— Ele traz os pés bem limpinhos, hein? — disse Jacobs com a sua voz estridente de *cockney*.

Os estudantes abafaram risinhos. Philip notou que o rapaz que estava a examinar olhava agora para o pé dele com aguda curiosidade. Jacobs segurou-

lhe o pé e disse:

— Sim, é o que eu pensava. Pelo que vejo, já foi operado. Quando era criança, não?

Continuou a dissertar com fluência. Os estudantes se inclinavam para olhar o pé. Dois ou três deles examinaram-no minuciosamente quando Jacobs o soltou.

— Quando terminarem, avisem — disse Philip com um sorriso irônico.

Gostaria de matar a todos. Pensou em como seria delicioso cravar-lhes um formão no pescoço (não sabia por que lhe viera ao espírito precisamente esse instrumento). Que animais eram os homens. Quisera acreditar no inferno para se consolar com a idéia das torturas horríveis que lhes estariam reservadas. Jacobs desviou-lhe a atenção para o tratamento. Dirigia-se em parte ao pai do rapaz e em parte aos estudantes. Philip calçou a meia e o sapato. Por fim, o cirurgião terminou. Mas depois, como que levado por uma reflexão tardia, voltou-se para Philip.

— Olha aqui, acho que valeria a pena você tentar uma operação. Está claro que não deixarei o pé normal, mas penso que posso fazer alguma coisa. Reflita sobre isso, e quando precisar de férias, venha passar uns dias no hospital.

Philip muitas vezes havia perguntado a si mesmo se era possível fazer alguma coisa para corrigir aquele defeito, mas como a simples idéia de mencionar o assunto lhe repugnava, evitara consultar os cirurgiões do hospital. Suas leituras lhe diziam que, apesar da intervenção feita quando ele era menino (e ainda estava relativamente atrasado, naquela época, o tratamento do talipes), havia agora pouca esperança de uma grande melhora. Mesmo assim, valeria a pena tentar a operação, se esta lhe pudesse diminuir a coxeadura e permitir-lhe o uso de um calçado semelhante ao que todos usavam. Lembrou-se do fervor com que orara ao Onipotente pedindo o milagre que o tio lhe dissera ser possível. Sorriu melancolicamente. “Naquele tempo eu era uma alma um tanto ingênua”, pensou.

Lá para fins de fevereiro, o estado de Cronshaw piorou de modo evidente. Não podia mais levantar-se. Ficava na cama, insistindo em manter as janelas sempre fechadas. Não queria que chamassem o doutor. Alimentava-se pouco mas exigia uísque e cigarros. Philip sabia que ambas essas coisas lhe faziam mal, mas o argumento de Cronshaw era irrefutável:

— Sei que essas coisas estão me matando. Pouco se me dá. Você me avisou e fez tudo o que era necessário: desprezo o seu aviso. Dê-me de beber e vá para o inferno.

Leonard Upjohn aparecia três vezes por semana, e havia no seu aspecto algo da folha morta, imagem que descrevia exatamente a maneira como ele surgia. Era um sujeito de trinta e cinco anos, com cabelos longos e claros, tinha o rosto pálido e a aparência doentia de quem vive muito pouco ao ar livre. Usava um chapéu que se assemelhava aos dos ministros protestantes dissidentes. Philip não gostava dele por causa da sua atitude superior; a sua conversação fluente o aborrecia. Leonard Upjohn gostava de ouvir o som da própria voz. Tinha o requisito primordial do bom conversador, não era sensível ao interesse dos interlocutores. Nunca percebia que estava dizendo às pessoas coisas que elas já sabiam. Dizia a Philip, com palavras medidas, o que pensava de Rodin, Albert Sarnam e César Franck. A caseira de Philip só vinha durante uma hora, pela manhã, e, como o rapaz tivesse de passar todo o dia no hospital, Cronshaw ficava muito tempo sozinho. Upjohn disse a Philip que alguém devia fazer-lhe companhia, mas não se ofereceu para fazê-lo.

— É medonho pensar na solidão desse grande poeta. Poderá morrer sem vivalma que o assista.

— Acho isso muito provável — disse Philip.

— Como pode ser tão empedernido?!

— Por que não vem fazer o seu trabalho aqui todos os dias? — perguntou Philip secamente. — Assim, estaria perto dele em caso de necessidade.

— Eu? Meu caro rapaz... A mim só me é possível trabalhar no ambiente a que me habituei. Ademais, saio tanto à rua...

Upjohn estava também um pouco surpreendido por Philip ter trazido Cronshaw para a sua casa.

— Melhor fora que o tivesse deixado no Soho — disse ele, erguendo a mão longa e fina num gesto ondulante. — Havia um quê de romanesco naquela sórdida água-furtada. Se fora ao menos Wapping ou Shoreditch, era de suportar-se, mas esta respeitabilidade de Kensington! Que lugar para um poeta morrer.

Com freqüência, Cronshaw mostrava-se tão mal-humorado que Philip só não perdia a paciência por se lembrar de que aquela irritabilidade era um sintoma da doença. Upjohn chegava muitas vezes antes da volta de Philip, e



Cronshaw, então, queixava-se amargamente do rapaz. Upjohn escutava complacente.

— O fato é que Carey não tem o sentido do belo — sorria este último.

— Tem o espírito burguês.

Era muito sarcástico para com Philip, e o rapaz tinha de exercer grande domínio sobre si mesmo quando tratava com o crítico. Uma noite, porém, não pôde se conter. Tivera um dia atarefado no hospital e achava-se cansado. Leonard Upjohn se aproximou de Philip, que estava na cozinha preparando uma xícara de chá, e disse-lhe que Cronshaw se queixava da sua insistência em lhe trazer um médico.

— Não compreende o amigo que está fruindo um raro, um excepcional privilégio? Certo, devia fazer tudo o que está a seu alcance para demonstrar que aprecia a grandeza dessa confiança.

— É um privilégio raro e excepcional que eu mal posso custear — respondeu Philip.

Sempre que se tratava de dinheiro, Leonard Upjohn assumia uma atitude levemente desdenhosa. Seu temperamento sensível ficava ofendido pela referência ao assunto.

— Há um não sei quê de magnífico na atitude de Cronshaw, e o senhor o perturba com as suas admoestações importunas. Devia reverenciar os pensamentos delicados do poeta mesmo que não os possa aquilatar.

O rosto de Philip anuviou-se.

— Vamos vê-lo — disse friamente.

O poeta encontrava-se deitado de costas, lendo um livro, com o cachimbo na boca. O ar estava viciado e o quarto, apesar dos esforços de Philip para arranjá-lo, tinha aquele aspecto de sordidez que parecia acompanhar Cronshaw aonde quer que ele fosse. O poeta tirou os óculos quando os viu entrar. Philip fervia de raiva.

— Upjohn me disse que você esteve se queixando para ele da minha insistência em trazer um doutor. Quero que o médico venha porque você pode morrer dum instante para o outro e assim eu teria quem pudesse passar o atestado de óbito necessário. Do contrário, haveria um inquérito e eu seria censurado por não ter chamado um doutor.

— Não pensei nisso. Julguei que queria trazer o médico por minha, e não por sua causa. Agora pode trazê-lo, quando quiser.

Philip não respondeu, mas encolheu imperceptivelmente os ombros. Cronshaw, que o observava, riu guturalmente:

— Não fique tão zangado, meu caro. Sei muito bem que está pronto a fazer tudo por mim. Vamos ver esse doutor. Talvez me possa servir de alguma coisa. E, seja como for, a visita dele lhe confortará. — Voltou os olhos para Upjohn. — É um tolo consumado, Leonard. Por que anda a aborrecer o rapaz? Eu já lhe dou muito trabalho. O mais que você fará por mim será escrever um bonito artigo a meu respeito depois que eu morrer. Eu lhe conheço.

No dia seguinte, Philip procurou o dr. Tyrell. Sentia que era homem capaz de se interessar pela história. Logo que se livrou do trabalho do dia, Tyrell acompanhou Philip a Kensington. O médico não fez senão confirmar os prognósticos do rapaz. Era um caso perdido.

— Se quiser, eu o levo para o hospital — disse ele. — Podemos alojá-lo num quarto pequeno.

— Nada o convenceria a ir.

— Como sabe, ele pode morrer a qualquer momento, ou então apanhar nova pneumonia.

Philip balançou a cabeça afirmativamente. O dr. Tyrell fez uma ou duas sugestões e prometeu voltar quando o rapaz quisesse. Deixou o endereço. Quando Philip voltou para Cronshaw, encontrou-o lendo calmamente. O poeta não se deu o trabalho de perguntar o que dissera o doutor.

— Está satisfeito, agora, meu caro?

— Suponho que nada o fará agir de acordo com as recomendações do dr. Tyrell...

— Nada — sorriu Cronshaw.

Cerca de quinze dias depois, ao voltar uma noite para casa, após o seu trabalho diário no hospital, Philip bateu na porta do quarto de Cronshaw. Como não obtivesse resposta, entrou. Cronshaw jazia na cama, enrodilhado. Philip aproximou-se. Não sabia se o poeta estava dormindo ou simplesmente deixava-se ficar deitado, num dos seus irreprimíveis acessos de irritabilidade. Ficou surpreso por vê-lo de boca aberta. Tocou-lhe no ombro e deixou escapar um grito de susto. Meteu a mão por baixo da camisa de Cronshaw e procurou sentir o coração. Não sabia o que fazer. Em desespero, pôs um espelho diante da boca do homem, pois ouvira dizer que era costume fazer isso. Estremeceu ao lembrar-se de que estava a sós com Cronshaw. Ainda não havia tirado o chapéu e o sobretudo: desceu as escadas correndo e ganhou a rua. Tomou um carro e mandou tocar para Harley Street. O dr. Tyrell estava em casa.

— O senhor não poderia ir até lá em casa agora mesmo? Acho que Cronshaw está morto.

— Se está morto, pouco adianta a minha presença.

— Mas eu lhe ficaria muito agradecido se o senhor fosse. Tenho um carro esperando. Não perderá mais de meia hora.

Tyrell botou o chapéu. No carro, fez-lhe uma ou duas perguntas.

— Esta manhã, quando eu o deixei, ele não parecia ter piorado — disse Philip. — Levei um grande choque quando entrei há pouco no quarto. E pensar que ele morreu sozinho... Acha que ele sabia que ia morrer?

Philip lembrou-se do que Cronshaw dissera. Ficou a pensar se, no último momento, o terror da morte se apossara dele. Imaginou-se em conjuntura idêntica, cômico de que o fim estava próximo e sem ver ninguém a seu lado para lhe dar coragem no momento em que se sentisse tomado de medo.

— Você está um tanto perturbado — disse o dr. Tyrell.

Olhou para o rapaz com seus claros olhos azuis, que não eram destituídos de simpatia. Quando viu Cronshaw, disse:

— Deve ter morrido há algumas horas. Acho que a morte o apanhou dormindo. Isso, às vezes, acontece.

O corpo, todo encolhido, era repugnante. Nada tinha de humano. O doutor contemplava-o sem emoção. Com um gesto maquinal, tirou o relógio.

— Bem, preciso ir. Mandarei o atestado de óbito. Sem dúvida vai comunicar aos parentes.

— Não acredito que tenha parentes — disse Philip.

— E o enterro?

— Eu tratarei disso.

O dr. Tyrell lançou um olhar rápido a Philip. Devia oferecer umas duas libras para ajudar o rapaz nas despesas necessárias? Nada sabia da sua situação. Talvez estivesse em condições de pagar tudo e achasse impertinente qualquer sugestão nesse sentido.

— Bom, se precisar de mim para alguma coisa, estou às ordens — disse o médico.

Saíram juntos e separaram-se à porta. Philip foi ao telégrafo para avisar Leonard Upjohn. Dirigiu-se depois a uma casa funerária por onde costumava passar todos os dias a caminho do hospital. Sua atenção fora muitas vezes atraída para aquele estabelecimento pelas três palavras em prata contra um fundo de fazenda negra. Enfeitavam elas a vitrina, junto com dois modelos de ataúdes: “Economia, Rapidez, Probidade”. Achara-lhes sempre muita graça. O agente funerário era um judeuzinho gordo, de cabelos negros, longos, crespos e gordurosos, vestido de preto, com um grande anel de brilhante no dedo médio. Recebeu Philip de um modo peculiar, misto de exuberância natural e gravidade própria do ofício. Não tardou a perceber que Philip estava desorientado e prometeu mandar em seguida uma mulher para fazer o que o caso exigia. Fez para o enterro sugestões magníficas e Philip envergonhou-se quando o agente funerário pareceu achar que suas objeções eram mesquinhas. Era horrível regatear em tal assunto, e Philip, por fim, consentiu em fazer uma despesa que mal podia se permitir.

— Compreendo perfeitamente, cavalheiro — disse o empresário de pompas fúnebres —, que não deseje ostentação ou coisa semelhante. Eu mesmo não gosto disso, fique certo. Mas o senhor há de querer que o enterro seja digno de um *gentleman*. Deixe isso comigo. Farei o mais barato possível, sem esquecer o que é direito e apropriado. Nada mais posso dizer, não acha?

Philip foi para casa jantar. Enquanto comia, a mulher chegou para lavar o cadáver. Pouco depois entregaram-lhe um telegrama:

*Sobremaneira abalado e condoído. Lamento impossibilidade comparecer hoje. Forçado jantar fora. Convosco amanhã cedo. Profunda simpatia.*

*Upjohn.*

Dentro em pouco a mulher bateu à porta da sala de estar.

— Está pronto, moço. Quer vir olhar o finado para ver se está tudo em ordem?

Philip seguiu-a. Cronshaw estava deitado de costas, com os olhos fechados e as mãos piedosamente entrelaçadas sobre o peito.

— O senhor devia mandar vir flores, moço.

— Amanhã trarei algumas.

A mulher lançou ao cadáver um olhar de satisfação. Tinha terminado a sua tarefa e agora descia as mangas, tirava o avental e punha o chapéu. Philip perguntou quanto lhe devia.

— Bom, moço, alguns me pagam dois xelins e seis *pence*, outros me dão cinco xelins.

Philip teve vergonha de dar quantia inferior à maior. A mulher lhe agradeceu com entusiasmo que as circunstâncias lhe pareciam permitir e foi embora. Philip voltou para a sala de estar, tirou da mesa os restos de ceia e sentou-se para ler a *Cirurgia* de Walsham. Achou-a difícil. Sentia-se singularmente nervoso. Quando ouvia barulho na escada, tinha um sobressalto e o coração começava a bater-lhe com violência. Aquela coisa no quarto contíguo, aquilo que havia sido um homem e agora era nada, enchia-o de susto. O silêncio parecia ter vida, como se algum misterioso movimento estivesse se processando dentro dele; a presença da morte pesava naquele ambiente, sobrenatural e aterradora. Philip foi tomado dum súbito horror pelo que fora o seu amigo. Tentou fazer um esforço para ler, mas num dado momento jogou o livro para longe, num desespero. O que o perturbava era a absoluta futilidade daquela vida que havia pouco findara. Que importava que Cronshaw estivesse vivo ou morto? Se ele não tivesse vindo ao mundo, teria sido exatamente o mesmo. Philip pensou na mocidade de Cronshaw. Era-lhe necessário um esforço de imaginação para figurá-lo mais esbelto, a caminhar

com passadas elásticas, cabelos na cabeça, jovial e cheio de esperança. A norma de vida de Philip, satisfazer os instintos com o devido respeito ao guarda da esquina, não dera resultado naquele caso. Cronshaw seguira esse caminho e por isso sua existência redundara num lamentável fracasso. Pelos modos, não se devia confiar nos instintos. Philip estava perplexo. Se aquela norma de vida era inútil, que outra haveria afinal? E por que as pessoas agiam desta maneira e não daquela? Portavam-se de acordo com os seus sentimentos, mas esses sentimentos podiam ser bons ou maus. Parecia questão de puro acaso o levarem ao triunfo ou ao desastre. A vida se lhe afigurava uma inextricável confusão. Os homens corriam dum lado para outro, apressados, impelidos por forças que desconheciam. E o objetivo daquilo tudo lhes escapava. Dava a impressão de se apressarem apenas por amor à pressa.

Na manhã seguinte Leonard Upjohn apareceu com uma pequena coroa de louros. Era-lhe agradável a idéia de coroar a cabeça do poeta morto. E, não obstante o silêncio desaprovador de Philip, tentou colocar os lauréis na cabeça calva. O efeito era grotesco. A coroa lembrava essas abas de chapéu, usadas pelos palhaços.

— Ficaré melhor pôr sobre o coração — disse Upjohn.

— Mas o senhor a colocou em cima do estômago — observou o rapaz.

Upjohn esboçou um ténue sorriso.

— Só um poeta sabe onde fica o coração de um poeta — respondeu ele.

Voltaram para a sala de estar e Philip contou ao outro as providências que tinha tomado para o enterro.

— Espero que não tenha poupado despesas. Eu gostaria que o féretro fosse seguido de uma longa fileira de carros vazios, e gostaria também que os cavalos levassem altas plumas ondulantes e que houvesse um grande número de carpideiras com longos véus de crepe nos chapéus. Agrada-me essa idéia dos carros assim vazios.

— Como quem vai custear o enterro sou eu e não me encontro agora com nenhum excesso de fundos, procurei fazer a coisa o mais modestamente possível.

— Mas, meu caro jovem, em tal circunstância, por que não lhe arranja um enterro de indigente? Pelo menos isso teria alguma coisa de poético. O amigo possui o instinto infalível da mediocridade.

Philip corou levemente, mas não respondeu. No dia seguinte, ele e Upjohn acompanharam o carro fúnebre no único veículo que Philip alugara.

Lawson, não podendo comparecer, mandara uma coroa. E para que o caixão não parecesse muito abandonado, Philip comprara mais duas. Na volta, o cocheiro chicoteava os cavalos. Cansadíssimo, o rapaz acabou por cair no sono. Foi acordado pela voz de Upjohn.

— De certo modo, é uma sorte que os poemas não tenham ainda aparecido. Creio que é melhor retê-los um pouco até que eu escreva o prefácio. Comecei a pensar nele durante o trajeto ao cemitério. Afigura-se-me que posso fazer algo assaz bom. Seja como for, principiarei com um artigo no *The Saturday*.

Philip não respondeu e fez-se um silêncio entre ambos. Por fim, Upjohn falou.

— Parece-me de melhor aviso conservar a cópia desse artigo. Farei depois outro para uma dessas revistas e, mais tarde, posso utilizá-lo como prefácio.

Philip procurou ler os mensários e poucas semanas depois o artigo apareceu. Causou alguma sensação e excertos dele foram reproduzidos em vários jornais. Era um excelente ensaio, vagamente biográfico (pois ninguém sabia grande coisa do passado de Cronshaw), mas delicado, terno e colorido. Leonard Upjohn, em seu estilo intrincado, traçou pequenos e graciosos quadros da vida de Cronshaw no Quartier Latin, a conversar e a fazer poesia. O poeta se convertia numa figura pitoresca, num Verlaine inglês. As frases coloridas de Leonard Upjohn assumiam uma trêmula dignidade, uma grandiloquência mais patética ao escrever o sórdido fim, o quartinho miserável do Soho. E, com uma reticência absolutamente encantadora, sugerindo uma generosidade muito maior do que a modéstia lhe permitia estadear, insinuou os esforços por ele feitos para transportar o poeta para algum *cottage* escondido entre madressilvas, no meio de um pomar florido. Em vez disso, alguém bem-intencionado, mas despido de finura, levara o poeta para a respeitabilidade vulgar de Kensington! Leonard Upjohn descrevia Kensington com aquele humor contido que a estrita limitação ao vocabulário de sir Thomas Browne exigia. Com delicado sarcasmo, narrava as últimas semanas do poeta, a paciência com que Cronshaw suportava a atenciosa inabilidade do jovem estudante que se oferecera para cuidar dele, e a piedade que inspirava o divino vagabundo naquele ambiente desesperadoramente burguês. Beleza que sai das cinzas, dizia com Isaías. Era um triunfo da ironia morrer aquele poeta pária em semelhante moldura de respeitabilidade vulgar. Isso lembrava a Leonard Upjohn Cristo entre os fariseus e a analogia lhe deu ensejo para uma passagem de infável beleza.

Contava depois como um amigo — o bom gosto não lhe permitia mais que uma leve alusão ao autor de tão delicada fantasia — tinha deposto uma coroa de louros sobre o coração do poeta morto; e as belas mãos sem vida pareciam descansar com voluptuosa paixão sobre as folhas de Apolo, odorosas de uma fragrância de arte e mais verdes que o jade trazido por bronzeados marinheiros, da China multifária e inexplicável. E, em admirável contraste, o artigo terminava com a descrição do enterro burguês, ordinário e prosaico daquele que deveria ter baixado à sepultura como um príncipe ou como um mendigo. Era a vergastada derradeira, a vitória final dos filisteus sobre a arte, a beleza e as coisas imateriais.

Leonard Upjohn nunca escrevera coisa melhor. Era um milagre de encanto, graça e compaixão. No decorrer do artigo transcreveu os melhores poemas de Cronshaw, de sorte que quando o volume apareceu, bem pouco trazia de novo, mas aumentara muito a reputação de Upjohn. Daí por diante ficou sendo um crítico considerado. Parecera antes um pouco frio, mas havia naquele artigo um calor de humanidade que era infinitamente sedutor.



Na primavera, tendo terminado o seu trabalho como auxiliar de cirurgia, Philip entrou para o serviço do hospital. Esse novo estágio durava seis meses. Tinha de passar todas as manhãs nas enfermarias, primeiro na dos homens e, depois, na das mulheres, acompanhando o médico interno. Mantinha registro dos casos, fazia análises e entretinha-se com as enfermeiras e enfermeiros. Duas tardes por semana, o médico de serviço, seguido de um grupo de estudantes, vinha examinar os doentes. Esse trabalho não oferecia a lufa-lufa, a constante variedade e o contato íntimo com a realidade que caracterizavam o ambulatório. Mas ali Philip adquiriu uma boa dose de conhecimentos. Dava-se muito bem com os doentes e se sentia um pouco lisonjeado por ver o prazer que mostravam ao receber os seus cuidados. Os seus sofrimentos, sabia-o ele, não lhe despertavam nenhuma simpatia profunda, mas gostava daquela gente. E porque não se desse ares de importância, era mais popular com os pacientes do que os outros colegas. Fazia-se agradável, encorajador e amigo. Como todos os que trabalhavam em hospitais, verificou que os homens são mais fáceis de tratar que as mulheres. Estas eram de ordinário lamurientas e geniosas, queixando-se amargamente das enfermeiras atarefadíssimas, que não pareciam dar-lhes a atenção a que se julgavam com direito. Eram turbulentas, ingratas e grosseiras.

Em breve Philip teve a sorte de fazer um amigo. Certa manhã o médico interno lhe confiou um novo caso, um homem. Sentando-se à beira da cama, Philip pôs-se a preencher a papeleta. Nesta observou que o paciente era classificado como jornalista. Chamava-se Thorpe Athelny, nome invulgar para um doente de hospital. Idade: quarenta e oito anos. Sofria dum ataque agudo de icterícia e fora levado para a enfermaria por causa de obscuros sintomas que se fazia necessário observar. Com voz agradável e educada, respondeu ele às várias perguntas que Philip, seguindo a praxe, lhe fez. Tornava-se difícil dizer se ele era alto ou baixo, uma vez que estava deitado, mas a cabeça e as mãos pequenas sugeriam tratar-se de um homem de estatura abaixo da mediana. Philip tinha o hábito de olhar para

as mãos das pessoas: as de Athelny o surpreenderam. Eram muito pequenas e tinham os dedos longos e afilados, com belas unhas rosadas. Muito lisas, seriam de uma brancura admirável não fosse a icterícia. O paciente as conservava fora das cobertas, com uma delas entreaberta, juntos o médio e o indicador. Enquanto falava a Philip, parecia contemplá-las com satisfação. Com uma leve cintilação nos olhos, o rapaz olhou para o rosto do paciente. Apesar do tom bilioso, tinha ele uma certa distinção: olhos azuis, nariz recurvo, agressivo, mas bem desenhado, pequena barba pontuda e grisalha. Era meio calvo mas, a julgar pelas mechas que lhe restavam, devia ter tido um belo cabelo ondulado. Ainda o usava comprido.

— Vejo que é jornalista — disse Philip. — Para que jornais escreve?

— Para todos. O senhor não abre um jornal que não tenha a minha colaboração.

Ao lado da cama havia um diário e, apanhando-o, Athelny apontou para um anúncio. Em letras graúdas lia-se o nome de uma firma conhecida, Lynn and Sedley, Regent Street, London; por baixo, em tipo menor, mas ainda assim de bom tamanho, esta asserção dogmática: *Protelar é roubar tempo*. Depois, uma pergunta tanto mais surpreendente quanto mais razoável: *Por que não comprar hoje?* Uma repetição em caracteres grandes, como o martelar da consciência no coração de um criminoso. *Por que não?* Após e ousadamente: *Milhares de pares de luvas procedentes dos principais mercados do mundo, a preços de embasbacar. Milhares de pares de meias dos mais afamados fabricantes do universo, com descontos sensacionais.* Finalmente voltava a pergunta, mas desta vez com um caráter de desafio: *Por que não comprar hoje?*

— Sou representante da firma Lynn e Sedley junto à imprensa — disse ele, esboçando um gesto com a sua bela mão. — E para que funções inferiores...

Philip continuou a fazer as perguntas de praxe, algumas de rotina, outras engenhosamente engendradas para levar o paciente a revelar coisas que era de esperar que desejasse esconder.

— Já viveu no estrangeiro?

— Estive onze anos na Espanha.

— Que fazia lá?

— Era secretário da companhia inglesa de águas em Toledo.

Philip recordou-se de que Clutton passara alguns meses em Toledo e a resposta do jornalista o levou a encará-lo com mais interesse. Sentiu, porém,

que não convinha manifestar esse sentimento: fazia-se necessário conservar a distância que devia existir no hospital entre pacientes e médicos. Terminado o exame, dirigiu-se para as outras camas.

A doença de Thorpe Athelny não era grave e, embora estivesse ele ainda muito amarelo, em breve se sentiu bastante melhor. Conservava-se na cama apenas porque o médico achava que ele devia ficar em observação até que certas reações se tornassem normais. Um dia, ao entrar na enfermaria, Philip notou que Athelny, de lápis na mão, lia um livro. Largou-o quando o estudante se aproximou da cama.

— Posso ver o que está lendo? — perguntou Philip, que nunca passava por um livro sem olhá-lo. Apanhou-o e viu que era um volume de poemas espanhóis de San Juan de la Cruz. Ao abri-lo, caiu de dentro uma tira de papel. Philip apanhou-a e viu que nela estava escrita uma poesia.

— Não me diga que passa as suas horas de lazer escrevendo versos. É uma ocupação pouco própria para uma paciente de hospital.

— Eu estava procurando fazer algumas traduções. Sabe espanhol?

— Não.

— Mas conhece bem a história de San Juan de la Cruz, não?

— Não tenho a menor idéia.

— Era um dos místicos espanhóis. Dos melhores poetas que a Espanha já teve. Achei que valia a pena traduzi-lo para o inglês.

— Posso ler a sua tradução?

— Ainda está em estado bruto — disse Athelny, mas deu-a a Philip com uma presteza que indicava a sua ansiedade por que o rapaz a lesse.

Estava escrita a lápis, numa caligrafia bonita mas original e difícil de ler. Imitava os caracteres góticos.

— Mas não lhe toma muito tempo escrever assim? É admirável.

— Não sei por que a letra manuscrita não deva ser bela.

Philip leu o primeiro verso:

*Uma noite escura*

*De ansioso amor inflamado*

*Ó sorte feliz!*

*Avante segui sem ser olhado,*

*Posta em repouso a minha casa agora...*

Philip olhou para Thorpe Athelny com curiosidade. Não sabia se o homem o intimidava ou atraía. Notara-lhe um ar levemente superior, e corou à idéia de que Athelny podia tê-lo achado ridículo.

— Que nome pouco comum tem o senhor — observou ele para dizer alguma coisa.

— É um nome muito antigo, de Yorkshire. Outrora o chefe da minha família levava um dia inteiro, a galope, para percorrer as suas terras. Mas os fortes tombaram. Mulheres fáceis e cavalos lerdos.

Athelny era míope e, ao falar, olhava para o interlocutor com uma intensidade especial. Tomou do volume de poesias.

— O senhor devia ler espanhol — disse ele. — É um nobre idioma; não tem a melifluosidade do italiano, a língua dos tenores e dos tocadores de realejo, mas tem grandeza: não murmura como um regato no jardim, mas cresce tumultuosa como um poderoso rio a transbordar as margens.

Esta grandiloquência divertiu Philip, que era sensível à retórica. Escutava com prazer enquanto Athelny, com expressões pitorescas e o fogo de um verdadeiro entusiasmo, descrevia-lhe a rica delícia de ler *Dom Quixote* no original e a música, romântica, límpida e apaixonada do encantador Calderón.

— Preciso continuar com o meu trabalho — disse Philip em dado momento.

— Oh, perdoe-me, tinha esquecido... Direi a minha mulher que traga uma vista de Toledo para eu lhe mostrar. Quando tiver tempo, venha conversar comigo. O senhor não sabe o prazer que me dá.

Durante os dias que se seguiram, em momentos roubados, sempre que havia oportunidade, estreitaram-se as relações entre Philip e o jornalista. Thorpe Athelny era um bom conversador. Não dizia coisas brilhantes mas falava de maneira inspiradora, com uma vivacidade ardente que inflamava a imaginação. E o cérebro de Philip, povoado de quimeras, formigava de imagens novas. Athelny tinha uma educação aprimorada. Tanto de livros como do mundo, sabia muito mais que Philip. Era muito mais velho e a fluência de sua conversação dava-lhe uma certa superioridade. No hospital, porém, Athelny recebia a caridade e estava sujeito a regras estritas. Equilibrava-se entre

as duas posições com naturalidade e espírito. Certa vez Philip perguntou-lhe por que tinha vindo para o hospital.

— Ora... Tenho por princípio aproveitar todos os benefícios que a sociedade proporciona. Tiro vantagem da época em que vivo. Quando adoço, faço-me levar para um hospital e não tenho falso pudor. Os meus filhos freqüentam a escola pública.

— Sim — fez Philip.

— E a instrução também é de primeira ordem. Muito melhor do que a que recebi em Winchester. Como acha que eu os poderei educar a não ser assim? Tenho nove filhos. E o senhor precisa ir vê-los quando eu voltar para casa. Vai, não é?

— Com grande prazer.

Dez dias mais tarde, Thorpe Athelny estava em condições de deixar o hospital. Deu a Philip o seu endereço e o rapaz prometeu ir almoçar com ele no domingo seguinte à uma hora. Athelny lhe dissera morar numa casa construída por Inigo Jones.<sup>[7]</sup> Falou, com o entusiasmo transbordante com que falava de tudo, da balaustrada de carvalho antigo, e, quando desceu para receber Philip, fê-lo imediatamente admirar o entalhe elegante do caixilho na porta. Era uma casa que precisava urgentemente duma mão de pintura, mas que tinha a dignidade do seu período. Ficava numa ruazinha entre Chancery Lane e Holborn, a qual em tempos passados tinha sido de bom-tom, mas que agora era pouco mais que uma ruela miserável. Falava-se em demolir-lhe as casas a fim de se construírem em lugar delas belos edifícios para escritórios. Enquanto isso não acontecia, os aluguéis ali eram baratos e Athelny conseguira alugar os dois pavimentos superiores a um preço conveniente. Philip nunca o vira de pé e ficou surpreso com o seu pequeno porte. O homem não teria mais que um metro e sessenta de altura. Estava vestido de maneira extravagante, com calças de linho azul, dessas usadas pelos trabalhadores franceses e um velho casaco de veludo marrom. Trazia na cintura uma faixa dum vermelho vivo, e usava colarinho baixo, tendo por gravata uma laçada flutuante dessas com que o tipo popular do francês aparece nas caricaturas do Punch. Acolheu Philip com entusiasmo. Começou a falar em seguida da casa, passando amorosamente a mão pelos balaústres.

— Olhe para isto. Ponha a mão. É como seda. Que milagre de graça! E dizer que dentro de cinco anos o encarregado da demolição vai vender isto como lenha.

Insistiu em levar Philip para um quarto do primeiro andar onde um homem em mangas de camisa, uma mulher em desalinho e três crianças estavam almoçando.

— Eu trouxe este cavalheiro aqui só para mostrar-lhe o teto. Já viu coisa mais maravilhosa? Como está, mrs. Hodgson? Este é mr. Carey, que cuidou de mim quando estive no hospital.

— Entre, senhor — disse o homem. — Os amigos de mr. Athelny sempre são bem-vindos. Mr. Athelny sempre vem mostrar esse teto a todos os seus amigos. Não importa o que a gente esteja fazendo. Podemos estar na cama, nos lavando... ele entra sempre.

Philip percebeu que eles consideravam Athelny uma criatura um tanto excêntrica, mas mesmo assim gostavam dele e escutavam boquiabertos quando ele discorria com a sua fluência impetuosa sobre a beleza daquele *plafond* do século XVII.

— Que crime demolir isto, hein, Hodgson? Você, um cidadão influente, por que não escreve para os jornais protestando?

O homem em mangas de camisa deu uma risada e disse a Philip:

— Mr. Athelny sempre sai com essa brincadeira.

— Dizem que estas casas são insalubres e é perigoso morar nelas. A salubridade que vá para o diabo, o que importa é a arte! — exclamou Athelny. — Tenho nove filhos que passam muito bem apesar dos esgotos defeituosos. Não, não, eu é que não me arrisco. Nada dessas invenções modernas. Quando eu me mudar daqui, antes de alugar casa quero primeiro ter a certeza de que os esgotos não prestam.

Ouviu-se uma batida na porta, que foi aberta por uma menina de cabelos louros.

— Papai, mamãe mandou dizer para o senhor deixar de conversa e ir almoçar.

— Esta é a minha terceira filha — disse Athelny, apontando para a pequena com o indicador, num gesto teatral. — Chama-se Maria del Pilar, mas atende com mais vontade pelo nome de Jane. Jane, assoe o nariz.

— Não tenho lenço, papai.

— Ora, ora, menina — respondeu ele, fazendo aparecer um enorme lenço de cor viva. — Para que foi que o Todo-Poderoso lhe deu esses dedos?

Subiram e Philip foi levado para uma sala cujas paredes tinham almofadas de carvalho escuro. No meio da peça se via uma mesa estreita de teca sobre um tripé reforçado por duas barras de ferro. Era o que na Espanha se chama *mesa de hieraje*. Iam almoçar ali, pois estavam dispostos dois lugares e havia duas grandes poltronas com braços largos e lisos, de carvalho e respaldos e assentos de couro. Eram severas, elegantes e incômodas. A única outra peça do mobiliário era um *bargueño* com ornatos complicados em ferro dourado e que ficava em cima dum pedestal gótico de desenho tosco mas de muito belo

entalhe. Viam-se ali dois esplêndidos pratos, muito quebrados, mas de vivo colorido. Nas paredes, velhos mestres da escola espanhola em descascadas mas belas molduras. A despeito da tristeza dos motivos, dos estragos do tempo, da má conservação e apesar da concepção inferior, tinham essas telas a flama da paixão. Nada havia naquela sala que tivesse algum valor, mas o efeito geral era adorável. Era magnífica e, no entanto, austera. Philip sentiu que aquele ambiente oferecia o mesmo espírito da velha Espanha. Athelny mostrava ainda o interior do *bargueño*, com a sua magnífica ornamentação e suas gavetas secretas, quando uma bela garota com duas tranças de luminoso cabelo castanho a lhe caírem pelas costas entrou.

— Mamãe disse que o almoço está à espera. E eu vou trazer os pratos quando sentarem à mesa.

— Venha cumprimentar mr. Carey, Sally. — E voltando-se para Philip: — Não a acha enorme? É a minha mais velha. Quantos anos você tem, Sally?

— Em junho que vem faço quinze, papai.

— Batizei-a com o nome de Maria del Sol porque ela foi a primeira e eu a dediquei ao glorioso sol de Castela, mas a mãe lhe chama Sally e o irmão, Carade-Pudim.

A menina sorriu timidamente, corando. Tinha dentes brancos e regulares. Bem-feita de corpo, alta para a idade, seus olhos cinzentos eram agradáveis e a testa ampla. Tinha as faces vermelhas.

— Vai dizer à sua mãe que venha apertar a mão de mr. Carey antes de ele sentar.

— Mamãe diz que vem depois do almoço. Ela ainda não se lavou.

— Pois então nós vamos lá dentro vê-la. O moço não pode comer o pudim de Yorkshire antes de apertar a mão que o preparou.

Philip seguiu o dono da casa, que entrou na cozinha. Esta era pequena e atravancada. O barulho ali era grande, mas cessou logo que o estranho penetrou. No centro da peça havia uma grande mesa ao redor da qual, ansiosos por comer, sentavam-se os filhos de Athelny. Uma mulher se achava ao pé do forno, tirando dele, uma por uma, batatas assadas.

— Este é mr. Carey, Betty — disse Athelny.

— Ora, que idéia trazer o moço aqui. Que é que ele vai pensar?

Trazia ela um avental sujo e tinha as mangas do vestido de algodão arregaçadas até acima do cotovelo, seus cabelos estavam eriçados de grampos de encrespar. Mrs. Athelny era uma mulher grande, umas boas três polegadas



mais alta que o marido, loura, com os olhos azuis e uma expressão bondosa. Tinha sido uma criatura bonita, mas o correr dos anos e os muitos partos tornaram-na gorda e desleixada. Os olhos azuis haviam empaldecido, a pele estava vermelha e áspera, e a cor lhe fugira dos cabelos. Ela se empertigou, enxugou a mão no avental e estendeu-a para o recém-chegado.

— Seja bem-vindo a esta casa — disse, com voz lenta, e dum modo que pareceu curiosamente familiar a Philip. — Athelny disse que o senhor foi muito bom para ele no hospital.

— Agora você vai ser apresentado à tropa — anunciou Athelny. — Este é o Thorpe — disse, apontando para um rapaz rechonchudo de cabelos crespos —, o meu filho mais velho, herdeiro do título, das terras e das responsabilidades da família. Aqui Athelstan, Harold e Edward. — Mostrou com o indicador os três filhos menores, todos rosados, saudáveis e sorridentes, embora baixassem os olhos acanhadamente para os pratos ao se sentirem olhados com simpatia por Philip. — Agora as meninas, pela ordem: Maria del Sol.

— Cara-de-Pudim — disse um dos pequenos.

— O seu senso de humor é rudimentar, meu filho. Maria de las Mercedes, Maria del Pilar, Maria de la Concepción, Maria del Rosario.

— Eu as trato por Sally, Molly, Connie, Rosie e Jane — declarou mrs. Athelny. — Agora, Athelny, volte para a sala que eu vou servir o almoço. Depois mando um pouquinho para as crianças quando elas se lavarem.

— Minha querida, se eu tivesse que lhe dar um nome seria o de Maria do Sabão. Vive a torturar esses pobres fedelhos com o sabão.

— Vá na frente, mr. Carey, senão o Athelny nunca se resolve a sentar à mesa.

Athelny e Philip se instalaram nas grandes cadeiras monacais e Sally lhes trouxe dois pratos de carne, pastelão, batatas assadas no forno, e couve. Athelny tirou do bolso seis *pence* e mandou buscar um jarro de cerveja.

— Espero que não tenha feito servir aqui por minha causa... — disse Philip. — Eu teria muito prazer em comer junto com as crianças.

— Oh, não, eu sempre faço as refeições sozinho. Gosto desses costumes antigos. Não acho que as mulheres devam sentar à mesa com os homens. Isso estraga a conversa e estou certo de que é muito ruim para elas. Assim, ficam com coisas na cabeça e as mulheres nunca se sentem à vontade quando têm idéias.

Tanto o dono da casa como o hóspede comiam com grande apetite.

— Já provou alguma vez esta espécie de pastelão? Ninguém faz como a minha mulher. Essa é a vantagem de a gente não casar com uma dama. Já deve ter reparado que ela é uma mulher do povo, não?

Era uma pergunta embaraçosa e Philip não soube o que responder.

— Isso nem me passou pela cabeça... — disse, muito desenxabido.

Athelny riu. Tinha uma risada particularmente alegre.

— Não, ela não é uma dama nem coisa que com isso se pareça. O pai era um camponês e ela nunca se deu o trabalho de aspirar os *bb*. Tivemos doze filhos e nove estão vivos. Já lhe disse que é tempo de parar, mas ela é uma mulher obstinada, já se habituou com a coisa e não acredito que fique satisfeita antes do vigésimo.

Sally entrou com a cerveja e, depois de encher o copo de Philip, foi para o outro lado da mesa a fim de servir o pai. Athelny pôs-lhe o braço em torno da cintura.

— Já viu uma mocetona mais guapa do que esta? Quinze anos... e parece que tem vinte. Olhe só estas faces. Não sabe o que é doença. Quem casar com ela será um felizardo, não é, Sally?

Sally escutou com um vago sorriso ingênuo não muito embaraçada — pois estava habituada às fanfarrônicas do pai —, mas com uma modéstia natural que era muito atraente.

— Não deixe a comida esfriar, pai — disse ela, esquivando-se. — Quando quiser que eu traga o arroz-doce, chame, sim?

Ficaram a sós e Athelny levou a caneca de cerveja aos lábios. Bebeu a longos sorvos.

— Palavra de honra, não há nada melhor que a cerveja inglesa, hein? Agradecemos ao Senhor estes prazeres simples do rosbife, do arroz-doce, do bom apetite e da cerveja. Já estive casado com uma dama. Santo Deus. Nunca se case com uma dama, meu rapaz.

Philip pôs-se a rir. O engraçado homenzinho nas suas roupas extravagantes, a sala guarnecida de almofadas de madeira, o mobiliário espanhol e a cozinha inglesa formavam um conjunto de uma incongruência deliciosa.

— Você ri, meu rapaz, porque não pode imaginar um casamento desigual. Quer uma esposa que seja de seu nível intelectual. Sua cabeça está cheia de idéias de camaradagem entre marido e mulher. Asneiras, meu rapaz. Um

homem não pensa em discutir política com a esposa. E que importância acha que eu dou à opinião de Betty sobre o cálculo diferencial? O que um homem deseja é uma esposa que saiba cozinhar e que cuide dos seus filhos. Eu já experimentei os dois termos opostos e sei. Vamos ao nosso arroz-doce.

Bateu palmas e Sally entrou em seguida. Quando começou a tirar os pratos, Philip quis levantar-se para ajudá-la, mas Athelny o deteve.

— Deixe isso com ela, meu rapaz. Sally não quer que você se incomode, não é, Sally? Nem vai achar que você é pouco delicado por ficar sentado enquanto ela serve a mesa. Diabos levem o cavalheirismo, não é mesmo, Sally?

— Sim, pai — respondeu a moça, recatadamente.

— Sabe do que estou falando, menina?

— Não, pai. Mas a mamãe não gosta que o senhor pragueje.

Athelny riu estrepitosamente. Sally trouxe-lhes os pratos de arroz-doce rico e suculento. Athelny atacou-o com gosto.

— Uma das regras desta casa é que o almoço de domingo deve ser sempre o mesmo. É um ritual. Carne assada e arroz-doce cinquenta domingos por ano. No domingo da Páscoa, carneiro e ervilhas verdes, e no dia de São Miguel, ganso assado e molho de maçã. Dessa maneira conservamos as tradições de nosso povo. Quando Sally casar, há de esquecer muitos desses sábios princípios que lhe tenho inculcado, mas nunca esquecerá que para ser bom e feliz, a gente deve comer aos domingos rosbife e arroz-doce.

— Quando terminarem, avisem para eu trazer o queijo — disse Sally, imperturbável.

— Conhece a lenda do alcião? — perguntou Athelny. Philip estava se habituando àquele rápido saltar dum assunto para outro. — Quando o martim-pescador cansa de voar sobre as ondas, a sua companheira vem se colocar debaixo dele e o sustenta com as asas. É isso o que um homem quer de sua esposa, como o alcião. Vivi três anos com a primeira mulher. Era uma pessoa da sociedade, tinha mil e quinhentas libras anuais de rendimento, nós dávamos jantares muito elegantes em nossa pequena casa de tijolo vermelho de Kensington. Ela era encantadora, pelo menos toda a gente o afirmava, os advogados que nos visitavam com suas esposas, os literatos e os jovens políticos. Oh! Era uma mulher encantadora. Obrigava-me a ir à igreja de chapéu alto e fraque, levava-me a concertos, e gostava muitíssimo de conferências nas tardes de domingo. Sentava-se à mesa todas as manhãs às

oito e trinta, e se eu vinha atrasado encontrava o *breakfast* frio. Lia os livros consagrados, admirava os mestres da pintura e adorava a música clássica. Santo Deus, como essa mulher me caceteava! Ela ainda é encantadora e mora na mesma casinha de tijolo vermelho em Kensington, que tem nas paredes os papéis de Morris e as águas-fortes de Whistler. Dá ainda os mesmos jantares elegantes, com vitela ao molho branco e sorvetes da Gunter, exatamente como há vinte anos.

Philip não perguntou como duas pessoas tão malcasadas haviam se separado, mas Athelny lhe contou.

— Betty não é minha mulher, sabe? Minha esposa legítima não quis me conceder divórcio. As crianças são bastardas, toda essa tropa. E isso as torna piores? Betty era uma das criadas da casinha de tijolo vermelho de Kensington. Há coisa de quatro ou cinco anos eu fiquei em má situação financeira, com sete filhos às costas, e fui pedir à minha mulher legítima que me ajudasse. Ela respondeu que me daria uma pensão se eu deixasse a Betty e fosse morar no estrangeiro. Então acha que eu posso deixar a Betty? Preferi passar fome por algum tempo. Minha esposa disse que eu gostava da sarjeta, que degenerei, descí na escala social. Ganho três libras por semana como agente de publicidade de um vendedor de roupa branca. E todos os dias dou graças a Deus por não estar na casinha de tijolo vermelho de Kensington.

Sally trouxe o queijo de Cheddar e Athelny prosseguiu.

— O maior erro do mundo é pensar que o dinheiro é indispensável para educar uma família. Dinheiro é necessário para fazer damas e cavalheiros, mas não desejo ver meus filhos transformados em damas e cavalheiros. Daqui a um ano Sally começará a ganhar a vida. Ela vai entrar como aprendiz num ateliê de costura, não é, Sally? E os rapazes vão servir a pátria. Quero que entrem todos para a Marinha, é uma vida alegre e sadia: boa alimentação, bom soldo e uma pensão na velhice.

Philip acendeu o cachimbo. E Athelny, cigarros de fumo havanês, que ele mesmo enrolava. Sally tirou a mesa. Philip mostrava-se reservado e sem jeito por ser alvo de tantas confidências. Athelny, com sua voz poderosa muito forte para o seu corpo pequeno, com a sua ênfase e seu ar exótico era uma criatura surpreendente. Lembrava a Philip muito de Cronshaw. A mesma independência de espírito, o mesmo amor à boêmia, mas um temperamento infinitamente mais vivo. Menos requintado, não se comprazia naquelas abstrações que tornavam tão cativante a conversação do poeta. Muito cioso de

sua origem aristocrática, mostrou a Philip as fotografias dum solar da época da rainha Elizabeth.

— Os Athelny viveram aí durante sete séculos, meu rapaz. Ah, se você visse as chaminés e os tetos...

Havia um armário dissimulado na parede e dele Athelny tirou uma árvore genealógica, mostrando-a a Philip com uma satisfação infantil. Um documento de fato impressionante.

— Veja como se repetem os prenomes da família: Thorpe, Athelstan, Harold, Edward. Servi-me deles para batizar os meus filhos. E as filhas, você sabe, receberam nomes espanhóis.

Philip sentiu um mal-estar à idéia de que toda aquela história não passasse de uma impostura habilidosa, contada não com fins baixos, mas simplesmente pelo desejo de impressionar, embasbacar e surpreender. Athelny lhe dissera ter feito seus estudos em Winchester, mas Philip, sensível às diferenças de maneira, não via no seu novo amigo as características do homem educado num ginásio de primeira ordem. Enquanto Athelny enumerava as grandes alianças que seus antepassados haviam contraído, Philip divertiu-se imaginando se o homem não seria filho de algum comerciante de Winchester, leiloeiro ou negociante de carvão, e se uma semelhança de sobrenome não seria a única ligação que havia com a antiga família cuja árvore genealógica ele exibia.

Ouviu-se uma batida na porta e as crianças entraram em tropel. Estavam agora limpas e arrumadas, rostos reluzentes à força de sabão e cabelos alisados. Sally ia levá-los à escola dominical. Athelny pilheriou com eles na sua maneira teatral e exuberante, podendo se ver que era devotado a todos. O orgulho que tinha da boa saúde e aspecto dos filhos era comovedor. Philip achou que as crianças estavam um pouco intimidadas pela sua presença e, quando o pai despediu-se deles, elas saíram correndo da sala, visivelmente aliviadas. Poucos instantes depois, mrs. Athelny entrou. Tinha retirado os grampos e penteado a franja com grande esmero. Trajando um vestido preto muito simples, com um chapéu enfeitado de flores baratas, esforçava-se ela por introduzir as grandes mãos avermelhadas pelo trabalho, em luvas de pelica preta.

— Vou à igreja, Athelny — disse ela. — Precisa de alguma coisa?

— Das suas preces somente, minha Betty.

— Não lhe adiantarão grande coisa, está perdido o bastante — sorriu ela.

Depois, voltando-se para Philip, disse com voz arrastada: — Não consigo levá-lo à igreja. É um verdadeiro ateu.

— Ela não parece mesmo a segunda mulher de Rubens? — indagou Athelny. — Vestida à moda do século dezessete, ficaria esplêndida. Esse é o gênero de mulher que nos serve, meu rapaz. Olhe só para ela.

— Falas pelas tripas do Judas, Athelny — replicou ela, tranqüilamente.

Conseguiu afinal abotoar as luvas, mas antes de sair voltou-se para Philip com um sorriso bondoso e levemente embaraçado.

— Vai ficar para o chá, não? Athelny gosta de ter com quem conversar e não é muito comum ele encontrar um companheiro inteligente para isso.

— Está claro que ele vai ficar para o chá — disse Athelny. E depois que a mulher se foi, acrescentou: — Faço questão de mandar as crianças à escola dominical e gosto que Betty vá à igreja. A religião é excelente para as mulheres. Eu não sou religioso, mas gosto que as mulheres e as crianças sejam.

Philip, exigente em matéria de verdade, ficou um tanto escandalizado por essa atitude leviana.

— Mas como pode deixar que ensinem a seus filhos coisas que o senhor considera falsas?

— Se são coisas belas, não me importa muito que sejam falsas. Querer sempre satisfazer a razão, ao mesmo tempo que o senso estético, é pedir demais. Eu preferia que Betty fosse católica romana, gostaria de vê-la no dia da sua conversão coroada de flores de papel, mas ela é irremediavelmente protestante. Além disso, a religião é uma questão de temperamento. Se o seu espírito for inclinado para ela, você acreditará em não importa o quê. Se não for, nada lhe adiantará o que lhe inculcarem, pois você sempre acabará se afastando dela. A religião é talvez a melhor escola de moral. Ela é como uma dessas drogas que vocês médicos empregam e que contêm outras em solução: não são eficazes por si mesmas mas permitem a absorção das outras. A religião faz absorver a moral. Perde-se a primeira e fica a segunda. E é mais provável ser a gente um homem de bem tendo aprendido a bondade através do amor de Deus do que pela leitura de Herbert Spencer.

Não eram estas absolutamente as idéias de Philip. Ele ainda considerava o Cristianismo como uma servidão degradante da qual nos devíamos libertar a todo custo. Seu subconsciente associava a religião às cerimônias intermináveis da catedral de Tercanbury e às longas horas de tédio na fria igreja de Blackstable. A moral de que falava Athelny não era para ele mais que uma parte da religião, conservada pela inteligência hesitante após libertar-se das crenças indispensáveis para lhe servir de base. Mas como ele meditava a resposta, Athelny mais disposto a se ouvir falar do que a discutir, enveredou para uma longa tirada sobre o Catolicismo. Achava que essa religião representava um aspecto essencial da Espanha, essa Espanha que tanto significava para ele. Refugiara-se ali para esquecer uma vida conjugal irritante e cheia de convencionalismos. Com gestos largos e naquele tom enfático que tanta força dava ao que dizia, Athelny descreveu a Philip as catedrais espanholas com seus vastos espaços sombrios, o ouro maciço do altar, os suntuosos labores de ferro, dourados e desbotados, o ar carregado de incenso, o silêncio. Philip quase chegava a ver os cônegos, metidos em sobrepelizes curtas de cambraia, os acólitos de vermelho, passando da sacristia para o coro: ouvia-se quase o monótono salmodiar das vésperas. Os nomes que Athelny mencionava, Ávila, Tarragona, Saragoça, Segóvia, Córdoba, ressoavam-lhe no coração como trombetas. E Philip parecia ver os grandes edifícios de granito

cinzento engastados nas velhas cidades espanholas, em meio duma paisagem amareleta, áspera e varrida pelo vento.

— Sempre tive vontade de ir a Sevilha — disse ele tranqüilamente quando Athelny, com a mão ainda levantada num gesto dramático, fez uma pequena pausa.

— Sevilha! — exclamou Athelny. — Não, não vá lá. Sevilha: ela faz lembrar garotas dançando com castanholas, cantando nos jardins à beira do Guadalquivir, corridas de touros, flores de laranjeira, *mantones de Manila*. Essa é a Espanha da ópera-cômica e de Montmartre. Só uma inteligência superficial se deixará seduzir de modo permanente pelo seu encanto fácil. Théophile Gautier tirou de Sevilha tudo o que ela podia oferecer. Nós chegamos depois dele e só podemos repetir o que ele sentiu. Gautier pôs as manzorras gordas sobre o que era evidente e lá nada há senão o evidente; e está tudo marcado de dedos e maculado. Murillo é o pintor dessa cidade.

Athelny levantou-se da cadeira, aproximou-se do móvel espanhol, abaixou a parte dianteira com seus grandes gonzos dourados e a sua soberba fechadura: apareceu uma série de pequenas gavetas. Athelny tirou um maço de fotografias.

— Conhece El Greco? — perguntou ele.

— Ah... Lembro-me de que um dos meus amigos em Paris ficou muito impressionado com ele.

— El Greco foi o pintor de Toledo. Betty não pôde achar a fotografia que eu queria lhe mostrar. É um quadro que El Greco pintou da cidade que ele amava. Nenhuma fotografia é mais exata. Vamos sentar à mesa.

Philip empurrou a cadeira para diante e Athelny colocou a reprodução diante dele. O rapaz examinou-a longamente, com curiosidade e em silêncio. Estendeu a mão para apanhar outras fotografias que o outro ia lhe estendendo. Philip não conhecia nada daquele mestre enigmático. No primeiro momento, o desenho arbitrário o atrapalhou. As figuras eram extraordinariamente alongadas, as cabeças muito pequenas e as atitudes extravagantes. Aquilo não era realismo, e no entanto... no entanto, até na fotografia tinha-se a impressão de uma perturbadora realidade. Athelny descrevia com ardor, em frases coloridas, mas Philip apenas o escutava de modo vago. Estava intrigado, estranhamente comovido. Aqueles quadros pareciam dizer-lhe qualquer coisa, cujo sentido não compreendia. Eram retratos de homens de olhos grandes e melancólicos que pareciam dizer-nos algo que ninguém sabia exatamente o



quê. Eram espigados monges em hábitos franciscanos ou dominicanos de fisionomias atormentadas, fazendo gestos, cujo sentido escapava ao observador. Havia uma Assunção da Virgem, uma Crucifixão na qual o pintor, por uma espécie de mágica, havia conseguido dar ao Cristo morto um corpo não somente de carne humana, mas de essência divina. E uma Ascensão em que o Salvador parecia elevar-se ao Céu e no entanto manter-se com tanta segurança no ar como sobre a terra firme. Os braços levantados dos Apóstolos, as ondulações de suas roupagens, os gestos extáticos, davam uma impressão de exaltação e santa alegria. O fundo de quase todos os quadros era o céu noturno, a escura noite da alma, com nuvens selvagens impelidas pelos estranhos ventos do inferno e sinistramente iluminadas por uma Lua de aspecto torvo.

— Vi muitas vezes esse céu em Toledo — disse Athelny. — Tenho a idéia de que quando pela primeira vez El Greco chegou à cidade foi numa noite assim. E esse céu lhe causou uma impressão tão forte, que nunca mais a pôde esquecer.

Lembrou-se Philip de como Clutton se emocionara ante aquele estranho mestre cuja obra ele via agora pela primeira vez. Clutton era, pensava ele, a pessoa mais interessante de todas que conhecera em Paris. Sua maneira sarcástica, seu alheamento hostil tornavam difícil conhecê-lo. Mas, olhando para trás, Philip lhe descobrira uma força trágica que em vão procura expressar-se na pintura. Clutton era um homem de caráter invulgar, místico à maneira de uma época sem inclinações para o misticismo, e impacientava-se com a vida por se achar incapaz de dizer coisas que obscuros impulsos de seu coração lhe sugeriam. Seu intelecto não fora moldado para as coisas do espírito. Nada de surpreendente, pois, na profunda simpatia que ele experimentava pelo grego que havia descoberto uma nova técnica para expressar os anseios de sua alma. Philip tornou a olhar para a série de retratos de fidalgos espanhóis com folhos de renda na gola e barbas pontudas, rostos pálidos contra o negro sóbrio de suas roupas e a escuridão do fundo. El Greco é o pintor da alma; e aqueles senhores, descorados e gastos, não pelo esgotamento mas pela sujeição, com os seus espíritos torturados, parecem andar alheios à beleza do mundo, pois os seus olhos apenas se voltam para os próprios corações, ofuscados pela glória do infável. Nenhum pintor mostrou de modo mais impiedoso que este mundo é um simples lugar transitório. As almas dos homens que pintou falam, pelos olhos, dos seus estranhos anseios.

São os seus sentidos milagrosamente agudos, não para sons, aromas e cores, mas para as sutilíssimas sensações da alma. O nobre leva dentro de si um coração de monge e seus olhos vêem as mesmas coisas que nas suas celas vêem os santos — e isso não o surpreende. Seus lábios não sorriem.

Philip, ainda em silêncio, voltou à vista de Toledo, que para ele era a mais impressionante de todas as telas. Não podia apartar os olhos dela. Sentia de modo estranho que se achava no limiar de alguma nova descoberta em face da vida. A perspectiva da aventura fazia-o tremer. Pensou por um instante no amor que o consumira: o amor parecia demasiado trivial ao lado da exaltação que agora lhe acelerava o ritmo do coração. O quadro que contemplava era mais comprido que largo, e mostrava um grupo de casas amontoadas em cima dum outeiro; a um canto um rapaz segurava grande mapa da cidade; noutro, via-se a figura clássica que representava o rio Tejo; e no céu aparecia a virgem cercada de anjos. Essa paisagem era contrária a todos os conceitos de Philip. No ambiente em que o rapaz vivera, cultuava-se o realismo, e entretanto nenhum dos mestres, cujos passes ele procurara humildemente seguir, conseguira uma realidade maior. Philip ouviu Athelny dizer que a representação era tão precisa que quando os cidadãos de Toledo vinham olhar o quadro, chegavam a reconhecer suas casas. O artista havia pintado exatamente aquilo que vira, mas tinha visto com os olhos do espírito. Havia algo de sobrenatural naquela cidade dum cinzento-pálido. Era uma cidade da alma vista a uma luz desmaiada que não era da noite nem do dia. Ficava sobre um outeiro verde, mas não dum verde deste mundo, e estava cercada de muralhas maciças e bastiões feitos para o assalto, não de qualquer engenho ou máquina inventada pelo homem, mas pelas preces e os jejuns, os suspiros contritos e as mortificações da carne. Era uma cidadela de Deus. Aquelas casas cinzentas não eram feitas de pedras manuseadas por canteiros; havia algo de terrificante no seu aspecto e não se sabia que homens podiam viver lá dentro. Era possível caminhar pelas suas ruas sem pasmar de encontrá-las todas desertas, mas ainda assim não vazias, pois sentia-se uma presença invisível e no entanto manifesta aos sentidos interiores. Era uma cidade mística na qual a imaginação vacilava como quem passa da claridade para a escuridão. A alma desnuda por ali passeava conhecendo o incognoscível, sentindo-se estranha possuidora de um conhecimento íntimo, mas inexprimível, do absoluto. E sem surpresa, naquele céu azul, real de uma realidade que não a vista mas a alma percebe, com seus esgarçados farrapos de nuvens arrastados por estranhos

ventos, como os gritos e os suspiros das almas penadas, via-se a Santa Virgem com roupagem vermelha e um manto azul, cercada de anjos alados. Philip sentia que os habitantes daquela cidade deviam ter visto a aparição sem espanto, reverentes e gratos, seguindo depois o seu caminho.

Athelny falou dos escritores místicos da Espanha, de Teresa de Ávila, San Juan de la Cruz, Frei Luís de Leon; em todos eles se encontrava essa paixão do não visto que Philip descobria nas pinturas de El Greco; eles pareciam ter o poder de tocar o incorpóreo e ver o invisível. Naquela geração de espanhóis tremiam ainda as gloriosas façanhas duma grande nação. Suas imaginações se enriqueciam com os esplendores da América e das ilhas verdes do mar do Caribe. Traziam nas veias a força de vários séculos de combates contra os mouros. Ciosos de serem os senhores do mundo, levavam consigo os grandes espaços, os pardacentos descampados e as montanhas coroadas de neve de Castela, o sol, o azul do céu e os prados floridos da Andaluzia. Apaixonada e vária, essa vida tão plena e tão rica lhes dava um intérimo anseio de conquistar mais. Insatisfeitos como todos os humanos, lançavam-se com toda essa vitalidade na busca ansiosa do inefável. A Athelny não desagradava encontrar alguém a quem pudesse ler as traduções com que por algum tempo havia enchido os seus lazeres. Com sua voz bela e bem timbrada, recitou o “Cântico da alma e do Cristo seu amante”, o poema encantador que começa com as palavras *en una noche oscura* e depois a *noche serena* de Frei Luís de Leon. Tinha-os traduzido com grande simplicidade mas não sem talento, e encontrara palavras que, em todo caso, sugeriam a áspera grandeza do original. Os quadros de El Greco explicavam os poemas e os poemas explicavam os quadros.

Philip havia professado um certo desdém pelo idealismo. Tivera sempre a paixão da vida, e o idealismo que se lhe deparara afigurava-se-lhe, em geral, uma fuga covarde dessa mesma vida. Incapaz de suportar os embates da multidão, o idealista se isolava. Faltava-lhe força para lutar e por isso classificava a batalha de vulgar; era vaidoso e como os seus semelhantes não o estimassem, segundo ele, pelo seu justo valor, consolava-se com o desprezo que lhes votava. Para Philip, Hayward era o seu tipo representativo: louro, lânguido e agora excessivamente gordo, com um princípio de calvície, zelava pelos restos de sua beleza e se reservava sempre o prazer delicado de criar obras perfeitas num futuro incerto. No fundo disso, a bebida e triviais amores de rua. Para se libertar da influência de Hayward, Philip clamava pela vida tal

como era. Imundície, vício, fealdade eram coisas que não o chocavam. O ser humano, queria-o ele em toda a sua nudez, e a cada exemplo de baixa crueldade, de egoísmo, de luxúria, esfregava as mãos: isso era a vida. Em Paris aprendera que não havia beleza nem fealdade, mas apenas a verdade: a busca da beleza era sentimentalismo. Não tinha ele pintado um anúncio do *chocolat Menier* numa paisagem, a fim de fugir à tirania do bonito?

Aqui, porém, ele parecia adivinhar algo de novo. Desde algum tempo andava a procurar, mas só agora tinha consciência disso. Sentia-se às vésperas duma descoberta. Parecia-lhe vagamente existir alguma coisa de melhor do que o realismo ao qual adorara. Certo, não se tratava aqui do idealismo exangue que se aparta da vida por fraqueza. Era, antes, a aceitação forte e viril da vida em toda a sua vivacidade, beleza e esqualidez, heroísmo e abjeção. Era ainda realismo, mas um realismo levado a um grau superior onde os fatos se transformavam sob uma claridade mais viva. Parecia-lhe que aprofundava melhor as coisas através dos olhos daqueles fidalgos mortos de Castela, e os gestos dos santos, a princípio tresloucados e torturados, adquiriam uma significação misteriosa.

Mas não sabia qual. Tinha a idéia duma mensagem muito importante a receber, mas transmitida numa língua desconhecida. Esperava sempre encontrar o sentido da vida, e ali, se bem que ainda obscuro, não se oferecia ele? Sentia-se profundamente perturbado. Esse começo de verdade, ele o discernia como se distingue uma cadeia de montanhas à luz de relâmpagos numa sombria noite de tempestade. Afigurava-se-lhe que um homem não devia entregar a própria vida ao acaso, mas que a sua vontade devia ser poderosa. Dir-se-ia que o domínio sobre si mesmo podia ser tão ardente e tão ativo quanto o abandono às paixões: a vida interior oferecia tanta diversidade, tantas riquezas como a conquista de reinos e a exploração de terras desconhecidas.

A conversação entre Philip e Athelny foi interrompida por um tropel na escada. Athelny abriu a porta para as crianças, que voltavam da escola dominical. E entre gritos e risadas elas entraram. O pai lhes perguntou alegremente o que tinham aprendido. Sally apareceu por um momento com instruções da mãe para que Athelny entretivesse as crianças enquanto ela aprontava o chá. Começou ele, pois, a contar-lhes uma das histórias de Andersen. Não eram crianças acanhadas e depressa chegaram à conclusão de que não havia razão para temer Philip. Jane se aproximou dele e, em dado momento, pulou-lhe sobre os joelhos. Era a primeira vez que o rapaz, na sua vida solitária, entrava num ambiente de família: seus olhos sorriam ao pousarem nas louras criaturas atentas ao conto de fadas. A vida do seu novo amigo, embora parecesse excêntrica à primeira vista, revelava agora possuir a beleza da perfeita naturalidade. Sally tornou a entrar:

— Vamos, crianças, o chá está pronto.

Jane escapuliu dos joelhos de Philip e dirigiram-se todos para a cozinha. Sally começou a estender a toalha na comprida mesa espanhola.

— Mamãe está perguntando se pode vir tomar chá com os senhores. Eu mesma posso servir os pequenos — disse ela.

— Diz à sua mãe que ficaremos muito orgulhosos e honrados se ela nos distinguir com a sua companhia — respondeu Athelny.

Philip teve a impressão de que ele era incapaz de dizer qualquer coisa sem floreios de oratória.

— Então vou pôr uma xícara para ela — disse Sally.

Em breve voltava, trazendo uma bandeja em que se via um pão feito em casa, um naco de manteiga e um pote de *confiture* de morangos. Enquanto a garota colocava as coisas sobre a mesa, o pai troçava com ela. Dizia que já era tempo de arranjar marido. Contou a Philip que ela era muito orgulhosa e não queria saber dos candidatos a essa honra que se alinhavam à porta, dois a dois, do lado de fora da escola dominical, e que ambicionavam o privilégio de acompanhá-la até a casa.

— O senhor diz cada uma, papai! — voltou Sally com o seu sorriso plácido e bem-humorado.

— Olhando para ela, ninguém diz que um oficial de alfaiate se alistou no Exército só porque ela não o cumprimentava. E um engenheiro-eletricista, veja bem, um engenheiro-eletricista, deu pra beber só porque Sally, na igreja, recusou compartilhar com ele o seu hinário. Eu estremeço só de pensar no que vai acontecer quando ela pentear o cabelo para cima.

— Mamãe mesma vai trazer o chá — disse Sally.

— Sally nunca me dá a menor atenção — riu Athelny, contemplando-a com um olhar de amoroso orgulho. — Ela trata das suas ocupações, indiferente a guerras, revoluções e cataclismos. Que esposa para um homem de bem!

Mrs. Athelny trouxe o chá. Sentou-se e principiou a cortar o pão e passar-lhe manteiga. Philip divertia-se por ver que ela tratava o marido como se este fosse uma criança. Serviu-lhe geléia e cortou para ele o pão com manteiga em fatias de tamanho conveniente. Havia tirado o chapéu e conservava o vestido de domingo, que parecia um pouco justo. Ela fazia lembrar uma dessas mulheres do campo que Philip, quando era menino, costumava visitar em companhia do tio. Descobriu então por que o som da voz dela lhe era familiar.

— De que lugar é a senhora? — perguntou ele.

— De Kent. Sou de Ferne.

— Era o que eu pensava. Meu tio é o vigário de Blackstable.

— Que coisa engraçada! — disse ela. — Na igreja estive pensando se o senhor teria algum parentesco com o reverendo Carey. Eu o vi muitas vezes. Tenho uma prima que casou com mr. Barker, de Roxley Farm, ao pé da igreja de Blackstable. Eu sempre parava na casa deles quando era menina. Não é mesmo engraçado?

Olhou para o rapaz com um interesse novo e os seus olhos cansados brilharam. Perguntou-lhe se conhecia Ferne. Era uma bonita aldeia a cerca de dez milhas de Blackstable e o pastor desse lugar ia às vezes a Blackstable para a Festa da Colheita. Mencionou os nomes de várias pessoas das redondezas. Estava encantada por falar na região em que passara a juventude. E era um prazer para ela recordar cenas e pessoas que lhe haviam ficado na memória com a tenacidade peculiar às criaturas de sua classe. Isso também dava a Philip uma sensação esquisita. Um bafejo do campo parecia entrar de repente naquela sala de painéis de madeira, no meio da cidade de Londres. Parecia-lhe

ver os fartos campos de Kent com os seus olmos imponentes, e as narinas se lhe dilatavam ao perfume daquele ar carregado do sal do Mar do Norte, que o torna vivo e penetrante.

Philip só deixou os Athelny às dez horas. As crianças entraram às oito para dar boa-noite, e com a maior naturalidade ofereceram a Philip as faces para beijar. O rapaz ficou comovido. Sally apenas lhe estendeu a mão.

— Sally nunca beija os cavalheiros antes de os ver duas vezes — explicou o pai.

— Então o senhor tem que me convidar outra vez — disse Philip.

— Não deve dar ouvidos ao que papai diz — observou Sally com um sorriso.

— Esta aqui sabe onde tem o nariz — acrescentou Athelny.

Cearam pão, queijo e cerveja, enquanto mrs. Athelny punha as crianças na cama. E quando Philip foi à cozinha dar-lhe boa-noite (lá estava sentada, descansando e a ler o *Weekly Despatch*), ela o convidou cordialmente para voltar.

— Sempre temos um bom almoço aos domingos quando o Athelny tem emprego. E vir conversar com ele é até uma obra de caridade.

No sábado seguinte, Philip recebeu um bilhete de Athelny, dizendo que o esperavam para almoçar no outro dia. Temendo, porém, que os recursos da família não fossem tantos que Athelny desejasse ter o seu convite aceito, Philip lhe escreveu avisando que iria apenas para o chá. Comprou um grande bolo de ameixas para que sua visita não fosse dispendiosa para a família. Verificou que os Athelny o recebiam com alegria e o bolo completou-lhe a conquista das crianças. Philip insistiu para que todos tomassem chá juntos na cozinha e a refeição foi ruidosa e divertida.

Em breve Philip habituou-se a ir a casa dos Athelny todos os domingos. Tornou-se um grande favorito das crianças porque era simples, sem afetações e porque se fazia bastante visível que ele gostava dos pequenos. Logo que estes ouviam a campainha da porta, um deles metia a cabeça para fora da janela para ver se era mesmo Philip e, depois, todos precipitavam-se escada abaixo, em tumulto, para abrir a porta ao amigo. Atiravam-se-lhe nos braços. À mesa do chá, disputavam o privilégio de sentar-se perto dele. Dentro em pouco principiaram a chamar-lhe tio Philip.

Athelny era muito comunicativo e, paulatinamente, Philip lhe foi conhecendo os vários estádios da vida. Seguirá muitas profissões, e Philip

suspeitou que ele devia deitar a perder todas as empresas em que se metia. Estivera numa plantação de chá no Ceilão e viajou pela América por conta de vinhos italianos. Como secretário da Companhia de Águas de Toledo havia trabalhado mais tempo do que em qualquer dos outros empregos. Fora também jornalista e, por algum tempo, trabalhara como repórter policial para um vespertino; ocupara ainda o posto de subdiretor dum jornal do centro da Inglaterra e chegara a ser diretor de um outro na Riviera. De todas as suas diferentes ocupações havia recolhido inúmeras anedotas divertidas, que contava com um vivo prazer, com a sua capacidade de narrador. Lera muito e deliciava-se principalmente com livros raros, passando adiante suas reservas de conhecimentos abstrusos com um prazer infantil ante o espanto dos interlocutores. Havia três ou quatro anos, a mais negra pobreza levava-o a aceitar o trabalho de agente de publicidade de uma grande firma. Embora achasse o trabalho indigno do seu talento, que ele próprio tinha em grande conta, a firmeza de sua mulher e as necessidades da família haviam feito com que não o abandonasse.



Ao deixar os Athelny, Philip caminhava até Chancery Lane e atravessava o Strand para tomar um ônibus na extremidade da Parliament Street. Num domingo — havia já cerca de seis semanas que freqüentava a casa de Athelny — seguiu ele o caminho de sempre, mas achou o ônibus de Kensington cheio. Estava-se em junho, mas havia chovido durante o dia e a noite entrara fria e úmida. Philip andou até Piccadilly Circus a fim de conseguir lugar. O ônibus costumava parar junto ao chafariz e quando chegava ali raramente trazia mais de dois ou três passageiros. Havia um carro de quinze em quinze minutos e Philip teve de esperar durante algum tempo. Contemplou distraído a multidão. Os cafés estavam fechando e havia muita gente pelos arredores. Repercutiam-lhe ainda no espírito as idéias que Athelny tinha o dom mágico de sugerir.

De súbito, seu coração como que cessou de bater. Acabava de ver Mildred. Fazia semanas que não pensava nela. A garota atravessava a Shaftesbury Avenue e parou no abrigo para esperar o desfile duma enfiada de *cabs*. Aguardando a oportunidade de passar, não tinha olhos para mais nada. Trazia um grande chapéu de palha negra enfeitado de plumas abundantes e estava metida num vestido de seda preta. Naquele tempo andavam em moda os vestidos de cauda.

O caminho ficou livre e Mildred atravessou a rua com a saia a arrastar pelo chão e desceu o Piccadilly. Com o coração a bater descompassadamente, Philip seguiu-a. Não queria lhe falar, mas apenas saber para onde se dirigia ela a tal hora. Desejava ver-lhe o rosto. Mildred continuava a caminhar vagarosamente. Dobrou para a Air Street a fim de entrar na Regent. Tornou a subir na direção do Circus. Philip estava intrigado. Não podia compreender o que significava aquele ir-e-vir. Talvez ela estivesse à espera de alguém. Sentiu uma grande curiosidade por saber quem fosse. Mildred alcançou um homem atarracado, de chapéu-coco, que caminhava em passadas lentas na mesma direção que ela. Olhou-o de soslaio ao passar. Deu mais alguns passos e, chegando à frente da casa de modas Swan e Edegar, parou e ficou esperando, voltada para a rua. Quando o homem se aproximou, ela sorriu. Ele a encarou

por um instante, voltou a cabeça para o outro lado e continuou a andar. Philip então compreendeu.

Foi tomado de horror. Por um momento sentiu nas pernas uma fraqueza tal que mal se podia manter em pé. Seguiu-a depois rapidamente e tocou-lhe no braço.

— Mildred...

Ela se voltou num violento sobressalto. Philip teve a impressão de que ela ficara vermelha, mas a obscuridade o impediu de ver bem. Durante algum tempo ficaram frente a frente a se olhar sem dizer palavra. Por fim foi Mildred quem falou:

— Imagine a gente se encontrar!

Ele não soube o que responder. Estava tremendamente abalado e as frases que se lhe atropelavam no cérebro pareciam incrivelmente melodramáticas.

— Que horror! — murmurou ele arquejante e quase como se falasse consigo mesmo.

Ela não disse mais nada e, voltando o rosto, fitou os olhos no chão. Philip sentia que seu rosto se contraía numa expressão de sofrimento.

— Não há algum lugar onde a gente possa conversar?

— Não quero conversar — respondeu ela de forma brusca. — Deixe-me em paz, ouviu?

Ocorreu a Philip a idéia de que talvez ela estivesse precisando urgentemente de dinheiro e por isso não pudesse retirar-se àquela hora.

— Se está muito precisada, tenho aqui umas duas libras — disse ele subitamente.

— Não sei o que você quer dizer. Eu só estava passando por aqui para ir para a casa. Esperava encontrar uma das moças lá da casa onde eu trabalho.

— Não minta agora, por amor de Deus!

Depois, vendo que ela estava chorando, repetiu a pergunta:

— Não podemos ir conversar em algum lugar? Não posso ir ao seu quarto?

— Não, não pode — soluçou ela. — Não tenho licença para levar homens lá. Se você quiser, nós nos encontramos amanhã.

Ele estava certo de que Mildred não compareceria ao encontro. Não consentiria que ela lhe fugisse.

— Não. Precisamos ir a alguma parte agora mesmo.

— Está bem. Sei de um quarto, mas cobram seis xelins.

— Pouco me importa. Onde é?

Ela lhe deu o endereço e Philip chamou um carro. Dirigiram-se para uma rua de terceira categoria, para além de British Museum, nas proximidades de Gray's Inn Road, e Mildred fez o carro parar na esquina.

— Aqui não gostam que a gente vá de carro até a porta — disse ela. Eram essas as primeiras palavras que um deles pronunciava desde que haviam entrado no *cab*. Andaram uns poucos metros e Mildred deu três pancadas secas na porta. Philip distinguiu na penumbra um cartaz anunciando apartamentos para alugar. Uma mulher alta e idosa abriu-lhes a porta tranqüilamente e os fez entrar. Lançou um olhar inquisidor para Philip e dirigiu-se a Mildred em voz baixa. Mildred conduziu o rapaz através de um corredor até um quarto que ficava aos fundos. Estava completamente escuro. Ela lhe pediu fósforos e acendeu o bico de gás. Como não houvesse globo, a chama brilhou num clarão ofuscante. Philip viu que se encontrava num quarto de dormir sórdido, pequeno demais para a mobília, pintada em imitação de pinho. As cortinas de renda estavam muito sujas. Um grande biombo de papel dissimulava a grade da lareira. Mildred atirou-se na cadeira que se achava ao pé desta. Philip sentou-se à beira da cama. Sentia vergonha. Via agora que as faces de Mildred estavam empastadas de carmim, e suas sobrancelhas enegrecidas a carvão. Mas ela estava magra e doente e o vermelho das faces exagerava-lhe o esverdeado palor da pele. Mildred contemplava o biombo com ar vago. Philip não achava o que dizer e sentia na garganta uma como que sufocação de choro. Cobriu os olhos com as mãos.

— Que horror, meu Deus! — gemeu ele.

— Não sei por que é que você está tão espantado. Pensei que até ia ficar satisfeito.

Philip não respondeu e, ao cabo de alguns instantes, ela rompeu num soluço.

— Você pensa que eu faço isto porque gosto, pensa?

— Oh!, minha querida! — exclamou ele. — Sinto muito, sinto tanto, tanto...

— É... Isso vai me adiantar muito...

Philip tornou a emudecer. Tinha um medo desesperado de dizer alguma coisa que ela pudesse tomar por censura ou escárnio.

— Onde está a criança?

— Está comigo aqui em Londres. Como não tinha dinheiro para continuar com ela em Brighton, aluguei um quarto em Highbury. Eu disse que trabalhava no teatro. Vir de lá todos os dias para West End é o mesmo que fazer uma viagem. Mas é um caro custo encontrar quem queira alugar cômodos para uma mulher sozinha.

— Não quiseram lhe readmitir na casa de chá?

— Não achei trabalho em parte alguma. Quase gastei as pernas procurando emprego. Uma vez cheguei a conseguir um lugar, mas só durou uma semana porque me achavam fraca. Um dia, quando fui trabalhar, disseram que eu não precisava ir mais. A culpa também não é deles, não é? Eles precisam de moças que sejam fortes.

— O seu aspecto não é lá muito bom.

— Eu não estava em condições de sair esta noite. Mas que é que ia fazer? Eu precisava de dinheiro. Escrevi ao Emil dizendo que não tinha nenhum vintém, mas ele nem se deu o trabalho de responder.

— Podia ter escrito para mim.

— Depois do que aconteceu, não tive coragem... E também não queria que você soubesse que eu estava em dificuldades. Não havia de ficar admirada se você dissesse que era isso mesmo que eu merecia.

— Nem agora me conhece direito, não é?

Durante um momento ele ficou a recordar toda a angústia que sofrera por causa dela e sentiu um mal-estar ao recordar-se de sua dor. Mas aquilo não passava de mera recordação. Ao olhar para Mildred, via que não a amava mais. Tinha-lhe uma grande pena, mas estava contente por se achar livre. Contemplando-a gravemente, perguntava a si próprio por que se deixara imbecilizar a tal ponto por aquela paixão.

— Você é um *gentleman* em toda a extensão da palavra — disse Mildred. — É o único que encontrei em toda a minha vida. — Fez uma pequena pausa e depois, corando, acrescentou: — Tenho nojo de pedir, Philip, mas você pode me dar alguma coisa?

— Por sorte trago algum dinheiro comigo. Acho que só tenho duas libras.

— Depois eu lhe pago, Philip — disse ela ao receber os dois soberanos.

— Oh!, não tem importância — sorriu ele. — Não se preocupe.

Nada dissera do que desejara dizer. Haviam conversado como se tudo aquilo fosse natural e parecia que agora ela retornaria ao horror de sua vida e

que ele nada poderia fazer para impedi-lo. Mildred se havia levantado para apanhar o dinheiro e ambos se achavam de pé.

— Estou lhe tomando o tempo? — perguntou ela. — Com certeza você quer ir para casa.

— Não, não tenho pressa — respondeu ele.

— É uma sorte poder estar sentada um pouco.

Estas palavras, com tudo o que traziam implícito, dilaceraram-lhe o coração. E era terrivelmente doloroso ver o ar exausto com que ela se deixou cair de novo na cadeira. O silêncio se prolongou tanto que Philip, embaraçado, acendeu um cigarro.

— Você foi muito bom em não me xingar. Pensei que fosse dizer não sei o quê...

Philip viu que ela de novo chorava. Lembrou-se de quando Mildred voltara para ele depois de ter sido abandonada por Miller e de como chorara. A recordação do sofrimento dela e da sua própria humilhação parecia tornar ainda mais transbordante a compaixão que agora sentia.

— Se ao menos eu pudesse sair disto! — gemeu ela. — Odeio esta vida. Não fui feita para ela. Não tenho nenhum jeito. Era capaz de fazer tudo para me ver livre. Até ser criada, se pudesse. Oh!, preferia ter morrido.

E, lamentando a própria sorte, entregou-se livremente ao pranto. Soluçava histericamente e o seu corpo magro sacudia-se todo.

— Oh, você não sabe o que é esta vida. A gente só fica sabendo quando cai nela.

Philip não podia suportar a vista daquele choro. Torturava-o o horror daquela situação.

— Pobre menina! — murmurava. — Pobre menina!

Estava profundamente comovido. De repente teve uma inspiração, que o encheu dum perfeito êxtase de felicidade.

— Escute aqui, se quer mesmo sair disso, tenho uma idéia. Estou agora muito mal de dinheiro. Preciso fazer toda a economia possível, mas estou morando num pequeno apartamento em Kensington e tenho um quarto desocupado. Se quiser, pode ir morar lá com a sua filha. Pago três xelins e seis *pence* por semana para uma mulher cozinhar e fazer a limpeza. Podia se encarregar disso e o dinheiro que pago à mulher daria mais ou menos para custear a maior despesa de comida. Onde come um, comem dois e acho que a criança não faz grande diferença.

Mildred parou de chorar e voltou os olhos para ele.

— Quer dizer que depois de tudo o que aconteceu você ainda me aceita?

Philip corou um pouco, embaraçado diante do que precisava dizer.

— Quero que me compreenda. Eu só vou lhe dar um quarto que não me custa nada, e seu sustento. Não espero de ti nada mais do que as coisas que a minha caseira faz. Fora disso, não quero absolutamente nada de você. Espero que saiba cozinhar.

Ela se pôs em pé e quis caminhar para Philip.

— Como você é bom para mim!

— Não, por favor, fique onde está — disse ele, apressado, estendendo a mão como para afastá-la.

Não sabia por quê, mas parecia-lhe que seria impossível suportar o contato dela.

— Não quero ser para você mais que um amigo.

— Como você é bom para mim — repetiu ela. — Você é tão bom...

— Então aceita, não?

— Aceito, sim, farei tudo para sair desta vida. Você nunca vai se arrepender do que fez, Philip, nunca. Quando posso ir?

— Amanhã.

De súbito, ela de novo desatou a chorar.

— Por que diabo está chorando agora? — sorriu ele.

— Estou tão agradecida a você... Não sei como poderei lhe retribuir.

— Oh, isso não tem importância. É melhor ir agora para casa.

Deu-lhe o endereço e disse-lhe que se ela fosse às cinco e meia, ele estaria esperando. Era tão tarde que Philip teve de ir a pé para casa, mas o caminho não lhe pareceu longo. Estava embriagado de felicidade. Parecia não pisar no chão.

No dia seguinte Philip levantou-se cedo para aprontar o quarto que Mildred ia ocupar. Disse à mulher que cuidava do apartamento que não precisava mais dela. Mildred chegou às seis horas mais ou menos e Philip, que estava espiando da janela, desceu para fazê-la entrar e ajudá-la a trazer a bagagem. Agora esta não consistia senão em três grandes embrulhos de papel pardo, porque Mildred tinha sido obrigada a vender tudo o que não lhe fosse absolutamente necessário. Trazia ela o mesmo vestido de seda preta da noite anterior e, embora já não tivesse carmim nas faces, trazia ainda nos olhos o negro que resistira à lavagem rápida da manhã: e isso lhe dava um aspecto acentuadamente doentio. Ao descer do carro com a filha nos braços, era uma figura patética. Parecia um pouco acanhada e ambos nada acharam para dizer um ao outro além de coisas triviais.

— Chegou então sem novidades, não?

— Nunca morei nesta parte de Londres.

Philip mostrou-lhe o quarto. Era o mesmo em que Cronshaw tinha morrido. Philip, embora achasse absurdo, nunca olhava com simpatia a idéia de voltar para ele. E desde a morte do poeta havia ficado no quarto pequeno, dormindo na cama de campanha para a qual passara a fim de proporcionar maior comodidade ao amigo. A criança dormia placidamente.

— Acho que você nem se lembra dela — disse Mildred.

— Desde que a levamos para Brighton, não a vi mais.

— Onde é que vou pôr a menina? Ela já está tão pesada que me cansa os braços.

— Infelizmente não temos berço — disse Philip, com um riso nervoso.

— Ora! Ela dorme comigo. Está acostumada.

Mildred depôs o bebê numa poltrona e correu os olhos pelo quarto. Reconheceu a maioria dos objetos que vira no antigo apartamento de Philip. Só uma coisa era nova: um retrato de busto deste, pintado por Lawson no fim do verão anterior; estava pendurado por cima do consolo da chaminé. Mildred examinou-o com olho crítico.

— Há coisas de que eu gosto e coisas de que não gosto. Acho que ao natural é mais bem-apanhado que no retrato.

— Ah! As coisas estão melhorando — riu Philip. — Nunca disse antes que eu tinha boa aparência.

— Não sou dessas que se preocupam com a cara dos homens. Não gosto de homens bonitos. São muito presunçosos.

Os olhos dela varejaram o quarto na busca instintiva dum espelho. Mas não havia nenhum. Mildred ergueu a mão e endireitou a grande franja de cabelo.

— Que irá dizer a gente da casa por eu estar aqui? — perguntou ela de súbito.

— Ora, aqui só mora um homem com a esposa. Passa todo o dia fora e nunca vejo a mulher a não ser nos sábados, quando vou pagar o aluguel. Eles vivem retraídos. Desde que vim para cá não troquei duas palavras com essa gente.

Mildred dirigiu-se ao quarto de dormir para desempacotar suas coisas e colocá-las em ordem. Philip tentou ler, mas a sua exaltação não lhe permitiu. Repoltreou-se na cadeira, fumando um cigarro, e, com olhos sorridentes, pôs-se a observar a criança que dormia. Sentia-se bem feliz. Estava absolutamente certo de que não amava mais a Mildred. Causava-lhe surpresa que o antigo sentimento o tivesse deixado de maneira tão completa. Percebia em si uma leve repulsão física por ela. Achava que se a tocasse ficaria todo arrepiado. Não podia compreender isso. Pouco depois, batendo na porta, Mildred entrou.

— Ora, não precisa bater — disse ele. — Já deu uma volta pelo palácio?

— É a menor cozinha que eu já vi neste mundo.

— Há de achá-la de bom tamanho para cozinhar os nossos suntuosos repastos — retorquiu ele jovialmente.

— Reparei que não há nada em casa. É melhor eu sair para comprar alguma coisa.

— Sim, mas ouse lembrar que devemos ser muitíssimos econômicos.

— Que é que vou fazer para o jantar?

— É melhor escolher os pratos que sabe fazer — riu Philip.

Deu-lhe algum dinheiro e ela saiu. Voltou meia hora mais tarde e pôs as compras em cima da mesa. Estava ofegante por ter subido as escadas.

— Olha, você está anêmica — disse Philip. — Vou lhe dar Pílulas de Bland.



— Levei muito tempo para achar as lojas. Comprei um pouco de fígado. É gostoso, não é? A gente não pode comer muito disso, assim fica mais econômico que carne de açougue.

Havia na cozinha um fogão a gás e Mildred, depois de pôr o fígado para cozer, voltou para a sala de estar a fim de estender a mesa.

— Por que está pondo só um talher? — indagou Philip. — Não vai comer nada?

Mildred corou.

— Pensei que você não queria que eu sentasse também à mesa.

— Mas por que diabo não havia de querer?

— Ora, eu sou apenas uma criada, não é?

— Não diga asneiras. Como é que pode ser tão boba assim?

Philip sorriu, mas essa humildade lhe confrangia o coração de um modo curioso. Coitadinha! Lembrou-se dela quando a vira pela primeira vez. Hesitou por um instante.

— Não pense que estou lhe fazendo algum favor — disse ele. — Trata-se dum arranjo perfeitamente comercial. Eu lhe dou casa e comida em troca do seu trabalho. Você não me fica devendo nada e não há nada de humilhante nisso.

Ela não respondeu, mas grossas lágrimas começaram a rolar-lhe pelas faces. Philip sabia pela sua experiência no hospital que as mulheres daquela classe consideravam tal trabalho degradante. Não pôde deixar de sentir-se um pouco irritado com ela. Mas censurou-se por isso, pois era evidente que Mildred estava cansada e doente. Levantou-se e ajudou-a a pôr outro talher na mesa. A criança havia acordado e Mildred lhe preparara a mamadeira. O fígado e o toicinho estavam prontos e ambos sentaram-se à mesa. Por economia Philip só bebia água, mas tinha em casa meia garrafa de uísque e julgou que um pouco dele faria bem a Mildred. Fez o que pôde para que a refeição decorresse animada, mas Mildred estava abatida e exausta. Quando terminaram, ela se ergueu e levou a filha para a cama.

— Acho que lhe fará bem deitar cedo — disse Philip. — Você parece completamente derreada.

— Estou pensando em ir me deitar depois de lavar a louça.

Philip acendeu o cachimbo e começou a ler. Era-lhe agradável ouvir alguém bulir na sala contígua. Às vezes a sua solidão o oprimia. Mildred entrou para tirar a mesa e Philip ouviu o ruído dos pratos que ela lavava. Sorriu ao

pensar em como era característico de Mildred fazer tudo aquilo de vestido de seda preta. Mas tinha que estudar. Trouxe o livro para a mesa. Estava lendo o *Medicina* de Osler, que acabava de substituir na preferência dos estudantes o livro de Taylor, por muitos anos o tratado favorito. Pouco depois Mildred entrou, descendo as mangas. Philip lançou-lhe um olhar, mas não se moveu. A ocasião era curiosa e ele se sentia um pouco nervoso. Temia que Mildred o imaginasse capaz de se aproveitar da situação. Não sabia como tranquilizá-la, sem palavras que a ferissem.

— A propósito, amanhã tenho uma aula às nove e gostaria que me servisse o *breakfast* às oito e quinze. Pode me arranjar isso?

— Claro que sim. Quando eu estava na Parliament Street, todas as manhãs tomava o trem das oito e doze em Herne Hill.

— Espero que goste do seu quarto. Depois de uma noite bem-dormida, vai se sentir outra.

— Você deve estudar até tarde, não?

— Em geral até as onze ou onze e meia.

— Então vou lhe dar boa-noite.

— Boa noite.

Estavam separados pela mesa. Philip não lhe estendeu a mão. Mildred fechou a porta sem ruído. Ele ouviu-lhe os passos no quarto e dentro em pouco o rangido da cama advertia-o de que ela havia se deitado.

O dia seguinte era terça-feira. Philip, como de costume, tomou a primeira refeição apressadamente e precipitou-se para alcançar a aula das nove. Mal teve tempo de trocar umas poucas palavras com Mildred. Quando voltou ao entardecer, encontrou-a sentada junto da janela, cerzindo-lhe as meias.

— Olá, menina trabalhadora! — sorriu ele. — Como foi o seu dia?

— Ora, fiz uma boa limpeza no apartamento e depois levei a pequena a dar um passeiozinho.

Mildred trazia o velho vestido preto, o mesmo que usava como uniforme quando trabalhava na casa de chá. Estava surrado, mas lhe ficava melhor que o vestido de seda do dia anterior. A criança, sentada no chão, ergueu para Philip os seus grandes olhos misteriosos e rompeu numa risada quando viu-o sentar-se a seu lado e pôr-se a brincar com seus dedinhos nus. O sol da tardinha entrava no quarto e enchia-o duma luz macia.

— É agradável a gente voltar para casa e encontrar alguém. Uma mulher e uma criança enfeitam muito bem um quarto.

Tinha trazido da farmácia do hospital um frasco de Pílulas de Blaud. Entregou-o a Mildred e recomendou-lhe que tomasse as pílulas depois de cada refeição. Era um remédio a que ela estava habituada, pois tomara-o repetidas vezes desde os dezesseis anos.

— Estou certo de que Lawson havia de gostar dessa sua cútis esverdeada — disse Philip. — Diria que ela se presta para ser pintada, mas como agora ando muito prosaico, só ficarei satisfeito quando estiveres branca e corada como uma queijeira.

— Já me sinto melhor.

Depois duma refeição frugal, Philip encheu a bolsa de fumo e pôs o chapéu. Às terças costumava ir à taverna de Beak Street e pareceu-lhe uma feliz coincidência que Mildred tivesse chegado na véspera, pois desejava tornar perfeitamente claras as suas relações com ela.

— Vai sair? — perguntou ela.

— Vou, sim. Às terças-feiras eu me dou uma noite de folga. Amanhã nos veremos. Boa noite.

Philip sempre ia à taverna com uma sensação de prazer. Macalister, o corretor filósofo, achava-se geralmente ali e era com alegria que se dispunha a discutir sobre qualquer assunto deste mundo. Hayward comparecia regularmente quando estava em Londres, e, embora ele e Macalister não gostassem um do outro, continuavam pela força do hábito a se encontrar ali naquela noite da semana. Macalister considerava Hayward um pobre-diabo e zombava das suas delicadezas de sentimento. Perguntava satiricamente pelo trabalho literário do outro e recebia com sorrisos escarninhos suas vagas sugestões a propósito de futuras obras-primas. Suas discussões freqüentemente se acaloravam. Mas o ponche era bom e ambos o apreciavam. Em geral, à medida que a noite avançava as diferenças se aplainavam e cada um acabava achando o outro um excelente sujeito. Naquela noite Philip encontrou a ambos e mais Lawson na taverna. Este último vinha mais raramente que outrora, pois começava a fazer relações em Londres e recebia freqüentes convites para jantar com pessoas amigas. Achavam-se todos em perfeito acordo, pois Macalister lhes havia dado uma boa indicação para a Bolsa e Hayward e mais Lawson tinham ganho cinquenta libras cada um. Era uma grande coisa para Lawson, que tinha hábitos pródigos e ganhava pouco dinheiro. Chegara ele àquela situação da carreira do pintor de retratos em que os críticos o mencionam muito e numerosas damas da aristocracia estão dispostas a se deixarem retratar de graça (era publicidade para ambos e dava às grandes damas um ar de protetoras das artes). Mas muito raramente conseguia Lawson um abastado filisteu que estivesse pronto a pagar bom dinheiro pelo retrato da esposa. Lawson transbordava de satisfação.

— É a maneira mais notável de fazer dinheiro que eu já encontrei — exclamava ele. — Não tive que desembolsar nem seis *pence*.

— Você não sabe o que perdeu por não estar aqui na terça-feira passada, meu rapaz — disse Macalister a Philip.

— Santo Deus! Por que não me escreveu? — replicou este último. — Se você soubesse como me cairiam bem agora umas cem libras...

— Oh, não tivemos tempo para isso. A gente tem que estar na hora... Tive uma boa informação terça-feira passada e perguntei a esses camaradas se gostariam de arriscar alguma coisa. Comprei-lhes mil ações quarta-feira de manhã, houve uma alta na tarde desse mesmo dia e eu as tornei a vender

imediatamente. Fiz cinqüenta libras para cada um deles e umas duzentas para mim.

Philip estava doente de inveja. Vendera recentemente o último título de hipoteca em que fora empregada a sua pequena fortuna e agora tinha apenas seiscentas libras. Às vezes ficava tomado de pânico ao pensar no futuro. Precisava ainda manter-se por dois anos antes de se diplomar; depois, pretendia candidatar-se a lugares em hospitais, de sorte que não esperava ganhar nada pelo menos durante três anos. Com a economia mais estrita não lhe sobriariam, ao se formar, mais que uma centena de libras. Era muito pouco para ter como reserva em caso de doença que o impedisse de trabalhar ou na falta de trabalho. Uma cartada feliz ser-lhe-ia de grande importância.

— Ora, não faz mal — disse Macalister. — De uma hora para outra é certo que está para surgir alguma coisa. Vai haver outra alta nas sul-africanas, num destes dias, e então verei o que posso fazer por você.

Macalister trabalhava com ações de minas sul-africanas. Muitas vezes lhes contara histórias de fortunas súbitas feitas durante a grande alta verificada um ou dois anos antes.

— Bom, da próxima vez não esqueça.

Conversaram até quase a meia-noite. Philip, que de todos era o que morava mais longe, foi o primeiro a se retirar. Se não apanhasse o último elétrico teria de ir a pé, e isso o faria recolher-se muito tarde. Assim mesmo, só chegou em casa quase meia hora depois da meia-noite. Com surpresa sua, ao entrar encontrou Mildred ainda sentada na sua poltrona.

— Mas ainda não está deitada? — indagou.

— Não tinha sono.

— Mesmo assim devia ir para a cama, para descansar.

Ela não se moveu. Philip notou que depois do jantar ela havia tornado a pôr o vestido de seda preta.

— Achei melhor esperar, para ver se você precisava de alguma coisa.

Olhou para ele e a sombra dum sorriso brincou-lhe nos lábios descorados. Philip não estava certo de ter ou não compreendido. Sentia-se ligeiramente embaraçado, mas assumiu uma atitude entre prosaica e alegre.

— É muita bondade de sua parte, mas é também uma travessura. Corre já para cama o mais depressa possível, senão não vai conseguir levantar cedo amanhã.

— Não estou com vontade de deitar.

— Tolice! — retrucou ele com frieza.

Mildred se ergueu, um pouco carrancuda, e foi para o quarto. Ele sorriu, quando a ouviu fechar ruidosamente a porta com a chave.

Os dias seguintes transcorreram sem incidentes. Mildred se adaptava à nova situação. Philip saía apressado após a refeição matinal e ela ficava com toda a manhã para arranjar a casa. Conquanto fossem ambos muito frugais, ela gostava de demorar bastante na compra das poucas coisas de que precisavam. Não se dava o trabalho de fazer jantar para si mesma, mas contentava-se com uma xícara de cacau com pão e manteiga. Depois levava a criança a passear no carrinho e ao voltar passava o resto da tarde ociosa. Andava extenuada e esse repouso lhe fazia bem. Fez camaradagem com a retraída senhoria de Philip, quando este a encarregou de pagar o aluguel. E dentro duma semana sabia mais sobre a vida dos vizinhos do que o rapaz em um ano.

— É uma senhora muito direita — disse Mildred. — Uma perfeita dama. Eu disse que nós éramos casados.

— Achou isso necessário?

— Ora, afinal eu tinha que dizer alguma coisa... É tão esquisito eu estar aqui sem ser casada com você. Não sei o que ela havia de pensar de mim.

— Acho que ela não lhe deu o mínimo crédito.

— Garanto que deu. Conte que faz dois anos que estamos casados. Tinha que dizer isso, você sabe, por causa da criança... E que a sua família não queria o casamento porque você era estudante. (Ela pronunciava “estodante”.) Assim tivemos de guardar segredo, mas os seus pais acabaram cedendo e agora nós vamos passar o verão com eles.

— Você é mais do que doutora em histórias da carochinha — observou Philip.

Estava vagamente irritado pelo fato de Mildred ter ainda a mania de dizer mentiras. De nada lhe haviam servido as lições daqueles dois anos. Mas Philip deu de ombros.

“No final das contas”, refletiu ele, “a coitada não teve muitas oportunidades.”

Era uma linda tarde quente e sem nuvens, e a gente do sul de Londres parecia estar toda nas ruas. Havia no ar essa inquietação que às vezes se apodera do londrino quando uma mudança no tempo o traz para o ar livre. Depois de tirar a mesa do jantar, Mildred ficou à janela. Os ruídos da rua

subiam até ela, vozes de pessoas a se chamarem, o rolar do tráfego incessante, um realejo à distância.

— Com certeza você tem de estudar hoje à noite, não, Philip? — disse ela em ar de expectativa.

— Preciso estudar, mas nada me obriga. Então, tem alguma outra coisa a me propor?

— Eu tinha vontade de sair um pouco. Não podíamos dar uma volta de bonde?

— Se você quer...

— Então eu vou pôr o meu chapéu — disse ela alegremente.

A noite não permitia que se ficasse em casa. A criança estava dormindo e podiam deixá-la sozinha sem o menor perigo. Mildred disse que sempre a deixava só à noite, quando saía, e a pequena não acordava nunca. Mildred estava com boa disposição de espírito quando voltou, já de chapéu. Aproveitara a oportunidade para pintar as faces. Philip pensou que fosse o excitação que tivesse trazido um leve colorido àquele rosto pálido. Ficou sensibilizado ante a alegria infantil de Mildred e censurou a si mesmo a austeridade com que a havia tratado. Ela desatou a rir, quando se viu ao ar livre. O primeiro bonde que viram ia para Westminster Bridge; tomaram-no. Philip fumava seu cachimbo. Olhavam ambos para as ruas regurgitantes. As lojas se achavam abertas, vivamente iluminadas, e as pessoas estavam a fazer compras para o dia seguinte. Passaram por um *music-ball* a que chamavam o *Canterbury* e Mildred exclamou:

— Oh, Philip, vamos lá! Faz meses que eu não entro num *music-ball*.

— Você sabe que não podemos ficar nas poltronas.

— Oh!, não faz mal. Ficarei muito satisfeita nas galerias.

Desceram e voltaram uns cem metros até a entrada do *music-ball*. Conseguiram lugares excelentes, a seis *pence*, muito alto mas não nas galerias, pois a noite estava tão linda que havia acomodação de sobra. Os olhos de Mildred cintilavam. Ela se divertia imensamente. Havia naquela criatura uma simplicidade que comovia Philip; Mildred era um enigma. Existiam nela certas coisas que ainda lhe agradavam; possuía mesmo — julgava ele — muito de bom, mas fora muito mal-educada e tivera uma vida árdua. Censurara-lhe, pois, muita coisa que não dependia dela evitar. E se ele lhe exigia virtudes que não estavam ao alcance dela, a falta era sua e não dela. Em circunstâncias diferentes, Mildred poderia ter sido uma criatura encantadora. Era

extraordinariamente incapaz para a batalha da vida. Ao olhá-la agora de perfil, vendo-lhe a boca levemente aberta e o delicado rubor das faces, Philip achava-lhe um aspecto estranhamente virginal. Sentiu uma transbordante compaixão por ela. E com toda a alma perdoou-lhe o mal que ela lhe causara. O ar enfumaçado fazia doer os olhos do rapaz, mas quando propôs que fossem embora, Mildred voltou para ele um rosto súplice, pedindo para ficarem até o fim. Ele sorriu e consentiu. Ela tomou-lhe da mão e ficou a segurá-la até o fim da representação. Quando saíram para a rua apinhada de gente, Mildred não quis ir para casa. Caminharam até Westminster Bridge Road, olhando para os transeuntes.

— Faz meses que eu não me divirto tanto como hoje — disse ela.

O coração de Philip transbordava e ele agradecia ao destino por ter cedido ao súbito impulso de levar Mildred e a filha para a sua companhia. Era bastante agradável ver o quanto ela lhe era grata. Por fim ela ficou cansada e tomaram um ônibus para casa. Era tarde, e quando apearam e entraram na rua em que moravam, não viram viva alma. Mildred enfiou o braço no de Philip.

— Bem como nos outros tempos, não, Phil? — disse ela.

Mildred nunca havia lhe chamado Phil, que era o diminutivo que Griffiths lhe dava. E, mesmo agora, isso ainda lhe causava uma curiosa mágoa. Lembrou-se do quanto desejara morrer então; seu sofrimento fora tão grande que chegara a pensar seriamente no suicídio. Tudo isso parecia muito remoto. Sorriu do Philip daquele tempo. Agora nada sentia por Mildred, senão uma infinita piedade. Chegaram em casa e, quando entraram na sala de estar, Philip acendeu o gás.

— A menina estará bem? — perguntou.

— Vou lá ver.

Voltou para dizer que a pequena nem havia se mexido desde que a deixaram. Era uma criança admirável. Philip estendeu-lhe a mão.

— Então, boa-noite.

— Já vai dormir?

— É quase uma hora. Não estou acostumado a ficar acordado até tarde.

Ela apertou-lhe a mão e, retendo-a, olhou-o bem nos olhos com um pequeno sorriso.

— Phil, a outra noite lá naquele quarto, quando você me convidou para vir morar aqui, eu não levei a sério, como pensou, essa história de eu ser só cozinheira e empregada...



— Não levou? — perguntou Philip, retirando a mão. — Pois eu levei.

— Não seja tão bobo assim — riu ela.

Philip balançou a cabeça.

— O que eu disse foi perfeitamente a sério. Em outras condições eu não teria pedido que viesse para cá.

— Por que não?

— Porque me era impossível. Não sei explicar, mas isso estragaria tudo...

Ela encolheu os ombros.

— Então está bem, seja como você quiser. Eu é que não vou lhe pedir de joelhos.

Saiu, batendo a porta.

Na manhã seguinte Mildred mostrou-se amuada e taciturna. Ficou no quarto até a hora de aprontar o jantar. Cozinhava mal e, além de costeletas e bifês, pouca coisa mais fazia, não sabendo aproveitar as sobras. Desse modo Philip era obrigado a gastar mais dinheiro do que esperava. Ela serviu a mesa e sentou-se diante do rapaz, mas não quis comer. Philip fez uma observação a esse respeito e Mildred declarou que estava com dor de cabeça e não tinha fome. Ele se sentia contente por ter onde passar o resto do dia. Os Athelny eram alegres e acolhedores: era delicioso e inesperado saber que todos, naquela família, aguardavam com prazer a sua visita. Quando voltou para casa, Mildred já estava deitada, e no dia seguinte ainda permaneceu silenciosa. À hora do jantar sentou-se com uma expressão de altivez no rosto e uma pequena ruga entre as sobrancelhas. Philip ficou irritado com isso, mas convenceu-se de que devia ser mais atencioso para com ela. Tinha de fazer concessões.

— Está muito calada — observou com um sorriso amável.

— Sou paga para cozinhar e fazer a limpeza, não sabia que também tinha de falar.

Philip achou a resposta indelicada, mas, já que iam viver juntos, precisava fazer o possível para que tudo corresse bem.

— Acho que está zangada comigo por causa da outra noite — disse ele.

Era um assunto melindroso, mas, mesmo assim, fazia-se necessário discuti-lo.

— Não entendo o que você quer dizer.

— Por favor, não se zangue. Eu nunca teria pedido para você vir morar aqui se não pretendesse que nossas relações fossem puramente amistosas. Tive essa idéia porque achei que precisava duma casa e de uma oportunidade para procurar trabalho.

— Ora, não pense que eu me importo muito.

— Eu bem sei disso — apressou-se ele a dizer. — Não deve pensar que eu não esteja agradecido. Compreendo que queria fazer aquilo apenas para me

ser agradável. É só uma impressão que eu tenho, não posso me livrar dela... Se eu aceitasse, as coisas se tornariam desagradáveis, horríveis.

— Você é engraçado — disse ela, fitando os olhos nele com curiosidade. — Não posso compreender você.

Já não estava zangada, mas apenas intrigada. Não tinha idéia do que o outro queria mesmo dizer. Aceitava a situação, tinha até uma vaga impressão de que Philip estava se portando de maneira muito nobre e de que ela devia admirá-lo. Mas também se sentia inclinada a rir dele e mesmo a desprezá-lo um pouco.

“Que freguês esquisito!”, pensou ela.

E a vida de ambos continuava sem maiores incidentes. Philip passava o dia inteiro no hospital e estudava em casa à noite, exceto quando ia aos Athelny ou à taverna de Beak Street. Certa vez o médico a quem auxiliava convidou-o para um banquete e duas ou três ocasiões ele foi a festas dadas por colegas seus. Mildred aceitava a monotonia daquela vida. Se não gostava que Philip a deixasse sozinha certas noites, não o dizia. De tempos em tempos ele a levava a um *music-ball*. Mantinha em prática sua resolução de não criar entre ambos outros laços que não os cuidados domésticos prestados por ela em troca de casa e comida. Mildred chegara à conclusão de que era inútil tentar conseguir trabalho naquele verão. Com a aprovação de Philip, resolveu ficar onde estava até o outono. Achava ela que lhe seria fácil arranjar então alguma coisa que fazer.

— Pela parte que me toca, pode ficar aqui até conseguir um emprego conveniente. O quarto está aí mesmo, e a mulher que trabalhava antes aqui pode vir tomar conta da criança.

Philip afeiçãoou-se muito à filha de Mildred. Era naturalmente afetuoso e encontrava poucas oportunidades para se mostrar assim. Mildred não era má para a menina. Cuidava dela muito bem e, numa ocasião em que a pequena apanhou uma gripe, mostrou-se enfermeira devotada. Mas a pequena a enchia de aborrecimentos e Mildred ralhava com ela quando a criaturinha a incomodava. Gostava da filha, mas não tinha o amor materno que poderia tê-la induzido a esquecer-se de si mesma. Mildred não era expansiva e achava ridículas as manifestações de ternura. Quando Philip se sentava com o bebê nos joelhos, brincando com ele e beijando-o, Mildred ria dele.

— Se você fosse o pai, garanto que não fazia mais espalhafato — observou ela. — Você até é bobo com essa criança.

Philip corou, porque abominava que rissem dele. Era absurdo que fosse tão devotado à filha dum outro homem e sentia mesmo um pouco de vergonha daquele excesso de sentimento. Mas a criança, sentindo o apego de Philip, encostava o rosto no dele ou se lhe aninhava nos braços.

— Para você tudo é muito fácil — disse Mildred. — Como a parte desagradável é comigo... Você gostaria de ficar acordado uma hora inteira, de madrugada, só porque Sua Senhoria não quer dormir?

Philip lembrou-se de várias coisas de sua infância que julgava havia muito esquecidas. Segurou os dedos do pé da criança.

— Este porquinho foi pro mercado, este porquinho ficou em casa.

Quando entrava em casa pela noitinha, seu primeiro olhar era para a menina, que encontrava refestelada no chão. E quando ela dava gritinhos de satisfação por vê-lo, ele se sentia deleitado. Mildred ensinara a filha a chamar-lhe papai, e quando ela fez isso pela primeira vez sem ser mandada, a mãe desatou a rir imoderadamente.

— Eu só queria saber se você gosta da pequena porque ela é minha filha — disse ela — ou se você faria o mesmo com qualquer outra criança.

— Como eu não conheci nenhuma outra criança, não posso dizer.

Lá pelo fim do seu segundo trimestre como auxiliar no hospital, teve um bafejo da sorte. Estavam em meados de julho. Foi uma terça-feira à noite à taverna de Beak Street e só encontrou Macalister. Estiveram a conversar sobre os amigos ausentes e, passado um instante, Macalister lhe disse:

— A propósito, hoje estive sabendo uma coisa muito boa. É a respeito da New Kleinfontein, uma mina de ouro da Rodésia. Se você quiser arriscar, pode ganhar alguma coisa.

Philip tinha estado ansiosamente à espera por semelhante oportunidade, mas, agora que esta surgia, ele hesitava. Tinha um medo horrível de perder dinheiro. Não possuía o espírito do jogador.

— Eu gostaria muito, mas não sei se terei coragem de arriscar. Quanto poderei perder se as coisas correrem mal?

— Eu não devia lhe falar nisso, mas é que você parecia tão disposto — respondeu Macalister secamente.

Philip sentiu que o corretor o considerava um tanto bronco.

— Tenho grande vontade de forrar os bolsos — riu ele.

— Mas sem arriscar não é possível ganhar dinheiro.

Macalister começou a falar de outras coisas e Philip, enquanto ia respondendo, continuava a pensar que, se a sorte lhe sorrisse, o corretor se divertiria à sua custa na próxima vez em que se encontrassem. Macalister tinha uma língua sarcástica.

— Acho que vou tentar, se você não se opuser — disse Philip com sofreguidão.

— Está bem. Vou comprar duzentas e cinqüenta ações para você e, se houver uma alta de meia coroa, vendo-as imediatamente.

Philip calculou com rapidez o lucro que teria e seus olhos brilharam. Trinta libras seriam um presente do céu. A dizer a verdade, a sorte estava em débito para com ele. Na manhã seguinte, à hora do café, contou a Mildred o que fizera. Ela achou que tinha sido uma grande tolice.

— Nunca vi ninguém ganhar dinheiro na Bolsa — disse ela. — Era o que o Emil sempre dizia. “Não é lá que a gente ganha dinheiro”, dizia ele.

Philip comprou um jornal da tarde ao voltar para casa e procurou logo a página financeira. Não conhecia nada do assunto e foi com dificuldade que achou as suas ações. Viu que elas tinham subido um quarto. Seu coração começou a bater descompassado e ele ficou apreensivo com a idéia de que Macalister não as houvesse comprado em seu nome, por esquecimento ou por qualquer outra razão. Macalister prometera telegrafar. Philip não teve paciência de esperar o bonde. Saltou para dentro dum *cab*. Era uma extravagância insólita.

— Há algum telegrama para mim? — perguntou ao irromper na sala.

— Não — disse Mildred.

Desapontado, Philip deixou-se cair numa cadeira.

— Então ele não comprou as ações! Maldito seja! — acrescentou com violência. — Que sorte cruel! E todo o dia estive a pensar no que ia fazer com o dinheiro.

— Que vai fazer agora? — perguntou ela.

— Que adianta falar? Oh! Eu precisava tanto desse dinheiro.

Ela riu e entregou-lhe um telegrama.

— Estava só brincando contigo. Eu abri...

Philip arrebatou-lhe o papel das mãos. Macalister tinha lhe comprado duzentas e cinqüenta ações, que vendera em seguida com o lucro de meia coroa, bem como havia sugerido. A nota da comissão viria no dia seguinte. Por

um momento Philip ficou furioso com Mildred por causa daquela brincadeira cruel, mas depois só teve pensamentos para a sua alegria.

— Isso tem tanta importância para mim! — exclamou ele. — Vou comprar um vestido novo para você, se quiser.

— Estou precisando muito de um.

— Sabe o que vou fazer? Vou ser operado no fim de julho.

— Hein? Mas você tem alguma coisa? — interrompeu-o Mildred.

Ocorreu-lhe que uma doença secreta poderia explicar aquela maneira de proceder que tanto a intrigava. Philip corou porque lhe era odioso ter de aludir à sua deformidade.

— Não, mas eles acham que podem melhorar o meu pé. Antes eu não tinha tempo para perder com isso, mas agora o tempo é o que menos importa. Vou começar como ajudante de cirurgião em outubro em vez de fazê-lo no mês que vem. Ficarei no hospital apenas algumas semanas e depois podemos passar o resto do verão numa praia. Isso nos fará muito bem: para você, para a criança e para mim.

— Oh, vamos a Brighton, Philip. Gosto de Brighton, há tanta gente distinta lá...

Philip havia pensado vagamente em alguma pequena aldeia de pescadores na Cornualha, mas, ouvindo Mildred falar, ocorreu-lhe que ela se aborreceria lá mortalmente.

— O lugar pouco importa, contanto que seja para o mar.

Não sabia por quê, mas sentia subitamente uma irresistível saudade do mar. Queria banhar-se e pensava, com delícia, em brincar na água salgada. Era um bom nadador e nada o enchia de tanto contentamento como um mar agitado.

— Olha, vai ser lindo! — exclamou ele.

— Vai ser como uma lua-de-mel, não é? — disse Mildred. — Quanto é que você pode me dar para o vestido novo, Phil?

Philip pediu a Jacobs que lhe fizesse a operação. Jacobs aceitou com prazer, uma vez que naquela época estava precisamente interessado em casos descuidados de talipe e colhia material para uma monografia. Avisou Philip de que não podia deixar-lhe o pé perfeito, mas julgava-se capaz de fazer alguma coisa. E embora o rapaz continuasse a claudicar, ser-lhe-ia possível usar um calçado mais discreto. Philip lembrou-se de como havia rezado a Deus, que podia mover montanhas para quem tivesse fé, e sorriu amargamente.

— Não espero milagre — respondeu ele.

— Acho que você faz muito bem em me deixar tentar alguma coisa. Um pé eqüino será um obstáculo para a sua clínica. O leigo é cheio de manias e não gosta que o doutor tenha qualquer defeito ou doença.

Philip foi para uma daquelas salas pequenas que existiam à entrada das enfermarias e estavam reservadas para casos especiais. Permaneceu ali um mês, pois o cirurgião não quis lhe dar alta antes que ele pudesse andar. Suportou bem a operação e achou agradável a temporada no hospital. Lawson e Athelny foram vê-lo e um dia mrs. Athelny trouxe consigo duas das crianças. Os estudantes que ele conhecia apareciam de quando em quando para dar uma prosa. Mildred visitava-o duas vezes por semana. Todos foram bondosos, e Philip, sempre surpreendido quando alguém se incomodava por sua causa, ficou comovido e grato. Gozava aquela despreocupação: não precisava inquietar-se quanto ao futuro nem sobre se o dinheiro ia durar muito ou sobre se passaria ou não nos exames finais. E, com grande alegria sua, podia ler à vontade. Ultimamente não tinha podido ler muito, uma vez que Mildred o perturbava: sempre que procurava fixar a atenção nos livros, ela fazia um comentário fútil, não se dando por satisfeita enquanto ele não respondesse. E quando se achava confortavelmente instalado com um livro nas mãos, ela sempre lhe pedia para fazer alguma coisa: tirar uma rolha, bater um prego...

Resolveram ir para Brighton em agosto. Philip queria alugar quartos, mas Mildred disse que assim ela teria de cuidar do apartamento. Só poderia aproveitar as férias se fossem para uma pensão.

— Aqui em casa eu já tenho que andar às voltas com a comida. Já estou farta disso e quero variar.

Philip concordou. Mildred conhecia uma pensão em Kemp Town, onde não lhes cobrariam mais de vinte e cinco xelins por semana para cada um. Combinou com Philip escrever para lá, reservando quartos, mas, quando ele voltou para Kensington, verificou que Mildred nada tinha feito. Ficou irritado.

— Não sabia que andava tão ocupada assim.

— Também eu não posso pensar em tudo. Não tenho culpa de esquecer, não é?

Philip estava tão ansioso por ir para o mar, que resolveu ir sem avisar a dona da pensão.

— Deixemos a bagagem na estação e vamos até lá para ver se há quartos. Se houver, mandamos um carregador buscar as nossas trouxas.

— Faça como quiser — disse Mildred em tom seco.

Não gostava de ser repreendida e, isolando-se num silêncio ostensivo, ficou sentada por ali negligentemente, enquanto Philip fazia os preparativos para a partida.

O pequeno apartamento era quente e abafado sob o sol de agosto e subia da rua um bafio malcheiroso. Quando Philip se achava na enfermaria, com suas paredes escaioladas, havia suspirado pelo ar livre e pelo bater das ondas de encontro ao peito. Endoideceria se passasse outra noite em Londres. Mildred recuperou o bom humor ao ver as ruas de Brighton apinhadas de gente em férias, e ambos encontravam-se em excelente disposição de espírito ao se dirigirem para Kemp Town. Philip acariciou o rosto do bebê.

— Depois de passarmos aqui alguns dias, esta carinha estará com outras cores — disse ele, sorrindo.

Chegaram à pensão e despediram o carro. Uma criada desalinhada abriu-lhes a porta e, quando eles perguntaram se havia quartos, ela respondeu que ia ver. Foi chamar a patroa. Uma mulher de meia-idade, gorda e de ar expedito, desceu as escadas, lançou-lhes o olhar perquiridor próprio de sua profissão e perguntou-lhes que cômodos procuravam.

— Dois quartos de solteiro, sendo um com berço, se é que existe um por aqui.

— Acho que não posso atendê-los. O que eu tenho é um belo quarto para casal, onde podia botar um berço.

— Creio que não nos serve — disse Philip.



— Na semana que vem posso dar-lhes mais outro quarto. Brighton agora está muito cheio e os hóspedes têm de se contentar com o que se pode arranjar.

— Se for só por alguns dias, Philip, acho que nós podíamos nos arranjar — disse Mildred.

— O mais conveniente seriam dois quartos. A senhora pode nos recomendar outra casa?

— Recomendar posso, mas não creio que encontre coisa melhor do que aqui.

— Se fizesse o favor de me dar o endereço.

A casa indicada pela gorda matrona ficava na rua próxima e eles se dirigiram para lá. Philip podia caminhar muito bem, embora tivesse de se apoiar numa bengala. Sentia-se um tanto fraco. Mildred levava a menina nos braços. Deram alguns passos em silêncio. Ao cabo de um momento, o rapaz viu que a companheira estava chorando. Isso o aborreceu e ele não lhe deu atenção. Mildred, porém, forçou-o a tal.

— Quer me emprestar o seu lenço? — pediu ela. — Não posso tirar o meu por causa da criança.

Falava com a voz estrangulada pelos soluços, procurando esconder o rosto.

Philip deu-lhe o lenço mas não disse palavra. Ela enxugou os olhos e, ante o silêncio dele, continuou:

— Nem que eu fosse leprosa...

— Por favor, não faça cenas na rua.

— Fica tão esquisito para os outros você insistir daquele jeito em quartos separados... Que é que vão pensar da gente?

— Se soubessem das circunstâncias, não se surpreenderiam com a nossa moral.

Ela olhou-o de soslaio.

— Vai dizer que não somos casados? — perguntou ela vivamente.

— Não.

— Então por que não vive comigo como se fôssemos casados?

— Não posso explicar, minha cara. Não quero lhe humilhar, mas isso é simplesmente impossível. Acredito mesmo que seja tolo e absurdo, mas é uma coisa mais forte do que eu. Eu a amava tanto que agora... — Calou-se de repente. — Afinal de contas, isso é coisa que não se explica.

— Ah! Grande amor devia ser esse.

A pensão que acabava de lhes ser indicada era dirigida por uma solteirona saltitante, de olhos astutos e conversa volúvel. Ofereceu-lhes um quarto de casal a vinte e cinco xelins semanais por pessoa e mais cinco xelins pelo bebê. Podiam, também, dispor de um quarto para cada pessoa pagando mais uma libra por semana.

— Tenho de cobrar isso — explicou a mulher à guisa de desculpa — porque eu podia pôr duas camas até num quarto para solteiro.

— Acho que isso não vai nos arruinar. Qual é a sua opinião, Mildred?

— Oh!, para mim tanto faz. Qualquer coisa me serve — respondeu ela.

Philip relevou essa resposta azeda com uma risada e, como a dona da pensão tivesse providenciado para mandar buscar a bagagem, sentaram-se para descansar. O pé de Philip estava doendo um pouco e foi com prazer que ele o pousou numa cadeira.

— Acho que não faz mal eu estar sentada no mesmo quarto que você — disse Mildred, agressiva.

— Não vamos discutir, Mildred — retorquiu ele, delicadamente.

— Eu não sabia que você podia se dar o luxo de botar fora uma libra por semana.

— Não se zangue comigo. Eu lhe asseguro que essa é a única maneira possível de vivermos juntos.

— Acho que você me despreza, isso é que é.

— Está claro que não. Por que havia de desprezar?

— Isso é tão fora do natural...

— É? Acho que você não está apaixonada por mim, ou está?

— Eu? Mas quem é que você pensa que eu sou?

— Se ao menos você fosse uma mulher ardente... Mas não é esse o caso.

— Isso é tão humilhante... — retrucou ela, amuada.

— Ora... Se eu fosse você, não faria tanto barulho por causa disso.

Havia cerca de doze pessoas na pensão. Comiam numa sala escura e estreita ao redor de uma comprida mesa, à cabeceira da qual se sentava a proprietária, para servir. A comida era má. A dona da casa dizia que era cozinha francesa e com isso queria dar a entender que a qualidade inferior dos produtos estava disfarçada por molhos malfeitos: pescada travestida de linguado e carneiro da Nova Zelândia mascarado de cordeiro. A cozinha era pequena e ficava em lugar impróprio, de sorte que tudo era servido morno. Os

pensionistas eram cacetes e pretensiosos: velhas senhoras com filhas solteironas, celibatários ridículos, de maneiras afetadas, pálidos empregados do comércio, de meia-idade, acompanhados de esposas que falavam das filhas casadas e dos filhos que ocupavam um bom cargo nas colônias... À mesa discutia-se o último romance de miss Corelli; alguns gostavam mais de Lord Leighton que de Alma Tadema e outros gostavam mais de Alma Tadema que de Lord Leighton. Mildred em breve contou às senhoras o seu romântico casamento com Philip, e este se viu objeto de interesse porque sua família, gente de muito boa posição, o deserdera ao vê-lo casar quando era apenas um “estodante”. E o pai de Mildred, que tinha uma grande propriedade lá para as bandas de Devonshire, não queria fazer nada pelo par porque a filha casara com Philip. Era por isso que eles haviam ido para uma pensão e a criança não tinha ama. Ocupavam dois quartos porque ambos estavam habituados a grandes comodidades, não gostando de morar em peças acanhadas. Os outros hóspedes também ofereciam explicações para a sua presença; um dos cavalheiros celibatários ia geralmente passar as férias no Metrópole, mas gostava de uma companhia alegre, coisa que a gente não consegue nos hotéis caros. E a senhora que tinha uma filha solteirona havia mandado reformar a sua linda casa em Londres. “Gwennie, minha querida” — dissera à donzela — “este ano não podemos gastar muito no veraneio.” E assim tinham ido para ali, embora não estivessem habituadas a morar em pensões. Mildred achava-os a todos muito distintos, pois dizia detestar gente comum e rude. Gostava que o *gentleman* fosse *gentleman* em toda a extensão da palavra.

— Quando as pessoas são cavalheiros e damas — dizia ela —, gosto que sejam cavalheiros e damas de verdade.

Essa observação pareceu enigmática a Philip, mas quando ouviu Mildred fazê-la duas ou três vezes para diferentes pessoas e verificou que estas concordavam calorosamente, chegou à conclusão de que tais palavras eram obscuras apenas para a sua inteligência. Era a primeira vez que Mildred e Philip passavam todo o tempo juntos. Em Londres ele não a via com tanta freqüência. Ficava o dia inteiro no hospital e, quando voltava, as preocupações domésticas, o bebê e os vizinhos davam-lhes assunto para conversa até a hora em que ele começava a estudar. Agora não se deixavam. Após a primeira refeição desciam para o mar. Enchiam a manhã com um banho e um passeio pela praia. À noite, depois de porem a menina na cama, iam para o cais, onde as horas decorriam toleravelmente, pois ficavam ouvindo música e olhando as

peessoas que passavam. (Philip divertia-se a imaginar quem eram e a tecer pequenas histórias em torno delas; havia adquirido o hábito de responder só com a boca às observações de Mildred, de sorte que seus pensamentos não eram perturbados.) As tardes, porém, eram longas e aborrecidas. Sentavam-se ambos na areia. Mildred dizia que deviam tirar o maior proveito possível do “Doutor Brighton” e Philip não podia entender por que a companheira fazia freqüentes observações sobre isso e mais aquilo. Se ele não lhe dava atenção, ela se queixava.

— Ora, deixe esse livro bobo de lado. Você só vive lendo, isso não pode lhe fazer bem. Você assim estraga a cabeça, é o que vai lhe acontecer, Philip.

— Asneiras! — replicou ele.

— Além disso, é falta de educação.

Philip descobriu que era difícil conversar com Mildred. Esta não tinha capacidade para atentar no que ela própria dizia, de sorte que um cão que lhe atravessava o campo da visão, ou um homem de jaqueta berrante que passava, evocava uma observação e já ela esquecia o que estava falando. Tinha má memória para nomes e ficava irritada quando não se lembrava deles. Às vezes parava no meio de uma história, para espremer os miolos na busca de um nome. Freqüentemente desistia, vencida, mas não raro a palavra esquecida lhe ocorria mais tarde e ela interrompia Philip, que estava falando de coisas completamente diferentes.

— Collins, era esse o nome... Eu tinha certeza de que ia me lembrar. Collins, era esse mesmo o nome que eu tinha esquecido.

Isso exasperava Philip, que assim ficava com a certeza de que Mildred não estava lhe dando ouvidos. No entanto, quando ele se calava, a garota censurava-lhe o ar taciturno. O espírito dela era desses que não se podem fixar cinco minutos em abstrações. Quando Philip dava largas ao seu gosto pelas generalizações, ela se apressava a revelar o seu tédio. Mildred sonhava muito, e como se lembrava de seus sonhos com todas as minúcias, narrava-os todos os dias prolixamente.

Certa manhã Philip recebeu longa carta de Thorpe Athelny. Achava-se ele a gozar suas férias da maneira teatral que o caracterizava e na qual havia uma boa dose de bom senso. Havia dez anos que sempre fazia o mesmo: levava toda a família para um campo de lúpulo em Kent, não longe da casa paterna de mrs. Athelny, e lá passavam todas as três semanas ajudando na colheita. Esse trabalho ao ar livre proporcionava-lhes dinheiro, com grande satisfação

de mrs. Athelny, e renovava-lhes o contato com a mãe-terra. Era nisto que Athelny insistia. A permanência no campo dava-lhes uma força nova. Era como uma cerimônia mágica, mercê da qual renovavam a juventude, o vigor dos membros e a bonomia do espírito. Philip ouvira-o dizer muitas coisas fantásticas, retóricas e pitorescas sobre o assunto. Agora Athelny convidava-o a passar um dia com eles: desejava transmitir-lhe certas meditações sobre Shakespeare e sobre o copofone. Além disso, as crianças estavam reclamando a presença de Tio Philip. O rapaz tornou a ler a carta à tarde, quando se achava sentado com Mildred na areia da praia. Pensou em mrs. Athelny, a alegre mãe de tantos filhos, com a sua bondosa hospitalidade e o seu bom humor; em Sally, tão séria para a idade que tinha, com seus engraçados modos um pouco maternais, o ar de autoridade, as longas tranças louras e a ampla testa. E depois, em bando, lembrou-se de todos os outros, alegres, bulhentos, saudáveis e simpáticos. Teve saudade daquela gente. Tinham os Athelny uma qualidade que ele não se lembrava de ter encontrado em outras pessoas, e que era a bondade. Só agora percebia isso, mas era evidentemente a beleza daquela bondade que o atraía. Em teoria não acreditava em semelhante coisa: já que a moral era simples questão de conveniência, bem e mal não tinham sentido. Não gostava de ser ilógico, mas tinha ali diante de si uma bondade simples, natural, espontânea, e ele a achava bela. A pensar nessas coisas, rasgou a carta em pedacinhos. Não via como ir sem Mildred e não queria ir com ela.

Fazia muito calor, o céu estava limpo, e eles haviam se refugiado num recanto sombrio. A criança, muito séria, brincava com seixos na praia. De quando em quando engatinhava até Philip e lhe dava uma pedrinha, depois tomava-a de novo e colocava-a cuidadosamente na areia. Estava entretida num brinquedo misterioso e complicado, cujas regras só ela compreendia. Mildred dormia. Deitada, com a cabeça atirada para trás, tinha a boca levemente aberta, as pernas estendidas, e as botinhas sobressaíam das saias de maneira grotesca. Os olhos de Philip tinham estado vagamente fitos nela, mas agora ele a examinava com atenção especial. Lembrou-se de como a amara apaixonadamente e perguntou a si mesmo por que motivo ela se lhe tornara de todo indiferente. Aquela transformação o enchia duma dor surda. Parecia-lhe que tudo que tinha sofrido fora pura perda. O contato da mão dela provocava-lhe êxtase; desejara penetrar-lhe na alma a fim de poder participar de todos os seus pensamentos e emoções. Sofrera agudamente porque, quando o silêncio caía entre ambos, uma observação que partisse dela mostrava quão

distanciados haviam andado os seus pensamentos. E ele se rebelara ante o muro intransponível que isola as personalidades umas das outras. Achava estranhamente trágico tê-la amado de maneira tão doida e não mais amá-la agora. Às vezes odiava-a. Ela era incapaz de aprender e a experiência da vida nada lhe havia ensinado. Continuava tão estúpida como antes. Ele ficava revoltado ao ver a insolência com que ela se dirigia à criada da pensão.

Pôs-se em dado momento a refletir sobre os seus planos. No fim do quarto ano estaria em condições de fazer o exame de obstetrícia e em mais um ano estaria diplomado. Poderia então tratar duma viagem à Espanha. Desejava ver as telas que conhecia apenas em reproduções fotográficas. Sentia de modo profundo que El Greco guardava um segredo de particular importância para ele; esperava descobri-lo na certa em Toledo. Não queria fazer a coisa com grande largueza. Com cem libras podia viver seis meses na Espanha: se Macalister lhe indicasse outro bom negócio, ganharia facilmente essa soma. Seu coração se inflamava ao pensar nas velhas e belas cidades e nas planícies pardacentas de Castela. Estava convencido de que poderia tirar da vida muito mais do que ela lhe oferecia agora. Achava que na Espanha viveria com maior intensidade. Talvez fosse possível clinicar em uma daquelas antigas cidades, onde havia tantos estrangeiros em trânsito ou residentes, e assim ganhar a vida. Isso, porém, seria muito mais tarde. Primeiro precisava conseguir um ou dois lugares em hospitais, pois assim ganharia experiência e lhe seria fácil conseguir posteriormente uma colocação. Desejava obter um posto de médico de bordo em um desses grandes cargueiros que demoram tempo nos portos, permitindo a visita dos lugares onde param. Desejava conhecer o Oriente e sua fantasia estava cheia de quadros de Bangcoc, de Xangai e dos portos do Japão. Imaginava palmeiras, céus ardentes e azuis, gente de pele escura, pagodes; os perfumes orientais inebriavam-lhe as narinas. O coração lhe batia num apaixonado desejo pelo que o mundo tem de belo e de estranho.

Mildred acordou.

— Acho que dormi — disse ela. — Então, sua travessa, que é que andou fazendo? Ontem estava com o vestido limpo e olhe só como está agora, Philip.

Quando voltaram para Londres, Philip começou o seu trabalho de auxiliar nas enfermarias de cirurgia. Não estava tão interessado nessa arte como em clínica médica. Esta última, sendo uma ciência mais empírica, oferecia um campo mais extenso à imaginação. O trabalho era agora mais árduo que na seção onde havia trabalhado antes. Havia uma aula das nove às dez, hora em que entrava na enfermaria. Ali se faziam os curativos, retiravam-se os pontos e renovavam-se as ataduras. Philip se orgulhava um pouco da leveza de sua mão e divertia-se a arrancar palavras de aprovação à enfermeira. Em certas tardes da semana, havia operações. Em pé, ao fundo do anfiteatro, Philip, de blusa branca, apressava-se em passar os instrumentos ao cirurgião ou a limpar o sangue do campo operatório. Quando se tratava de alguma operação rara, o anfiteatro se enchia, mas em geral não havia ali mais de meia dúzia de estudantes, de sorte que as coisas se passavam numa intimidade que Philip achava agradável. Naquela época a humanidade parecia ter a paixão da apendicite e muitos casos eram ali operados. O cirurgião com quem Philip trabalhava entretinha uma amistosa rivalidade com um colega, para ver quem tirava um apêndice em menos tempo e com a menor incisão.

A seu tempo, Philip foi posto no serviço de assistência pública. Nesse departamento os estudantes se dividiam em turnos que duravam três dias e durante os quais ficavam morando no hospital e fazendo as refeições na sala comum. Tinham um quarto no rés-do-chão, próximo do pronto-socorro: de dia, a cama se transformava em armário. O estudante que estava de plantão tinha de ficar de prontidão dia e noite para atender às vítimas de acidentes. Era um contínuo vaivém e durante a noite não decorria uma ou duas horas sem que soasse a sineta, que ficava exatamente sobre a cabeceira da cama: o estudante levantava num salto instintivo. Naturalmente a noite de sábado era a mais movimentada, sendo a hora dos fechamentos dos cafés e casas de diversões a de mais intenso trabalho. A polícia trazia homens terrivelmente embriagados, precisando uma lavagem de estômago. As mulheres, um tanto alcoolizadas também, apresentavam-se com ferimentos na cabeça ou um nariz

posto a sangrar pelos maridos. Algumas juravam apresentar queixa à polícia e outras, envergonhadas, declaravam que aquilo tinha sido acidente.

O que o estudante podia fazer, era feito. Mas se havia algum caso importante, mandava chamar o cirurgião interno: tinha nisto muito cuidado, pois o médico não gostava muito de descer cinco lances de escada por uma coisa de nada. Os casos variavam de talhos no dedo a carótidas cortadas. Chegavam meninos com as mãos esmagadas por alguma máquina, homens que tinham sido atropelados por veículos, e crianças que haviam quebrado uma perna ou um braço quando brincavam. De quando em quando a polícia trazia criaturas salvas de uma tentativa de suicídio. Philip viu um homem de aspecto horrendo e olhos tresloucados, com um talho que ia de orelha a orelha, e que ali ficou sob a custódia dum guarda, em silêncio, furioso por estar vivo. Não fazia segredo de sua determinação de tentar novamente matar-se logo que se visse livre. As enfermarias estavam cheias e o cirurgião interno encontrava-se em face dum dilema quando os pacientes eram trazidos pela polícia: se fossem mandados para o Posto e lá viessem a morrer, os jornais diriam coisas desagradáveis; e era muito difícil às vezes dizer se um homem estava moribundo ou bêbado. Philip só ia para a cama quando estava bem cansado, para não ter o incômodo de se levantar dentro de uma hora. Sentava-se na sala do pronto-socorro e, nos intervalos do trabalho, conversava com a enfermeira da noite. Era ela uma mulher grisalha, de aparência masculina, que ocupava aquele lugar havia vinte anos. Gostava do serviço porque era dona de si mesma e não havia freira para incomodá-la. Seus movimentos eram lentos, mas a mulher possuía uma imensa capacidade de trabalho e jamais falhava em casos de emergência. Os estudantes, na maioria das vezes inexperientes ou nervosos, achavam nela um esteio. A enfermeira tinha visto centenas deles e não lhe causavam a menor impressão: sempre lhes chamava mr. Brown. E quando eles, protestando, diziam-lhe os seus nomes verdadeiros, ela se limitava a sacudir a cabeça e continuava a chamar-lhes mr. Brown. Philip gostava de conversar com a enfermeira, naquela sala nua com os seus dois divãs de crina, à luz flamejante do gás. Havia muito que ela deixara de olhar as pessoas que entravam como seres humanos. Para ela, tratava-se de bêbedos, de braços quebrados ou de pescoços cortados. Encarava o vício, a miséria e a crueldade do mundo como coisas naturais. Nas ações humanas não encontrava nada que elogiar ou censurar. Aceitava-as. Tinha uma espécie de humor macabro.



— Lembro-me de um suicida — disse ela um dia a Philip — que se atirou no Tâmis. Pescaram-no e trouxeram-no para cá, e dez dias depois ele apanhou febre tifóide por ter engolido água do rio.

— Morreu?

— Bem direitinho. Nunca pude saber se foi suicídio ou não... São uns tipos engraçados, esses suicidas. Recordo-me dum homem que tinha perdido a mulher e que não encontrava trabalho. Empenhou as roupas e comprou um revólver, mas fez muito mal o serviço: só tirou um olho fora, acabou se salvando. Depois, faça-me o favor, sem um olho e com menos uma parte da cara, chegou à conclusão de que no fim das contas este mundo não era tão ruim. Daí por diante passou a viver feliz. Uma coisa que sempre notei é que as pessoas não se suicidam por amor, como seria de esperar; isto não passa duma fantasia dos romancistas. Elas se suicidam porque não têm dinheiro. Fico admirada com isso.

— Sem dúvida porque o dinheiro é mais importante que o amor — sugeriu Philip.

Fosse como fosse, naquela época os pensamentos do rapaz estavam bastante ocupados com questões de dinheiro. Descobrira a pouca verdade que havia naquele dito frívolo que ele próprio tinha repetido, segundo o qual onde come uma pessoa bem podem comer duas. As despesas começavam a apoquentá-lo. Mildred não era boa dona de casa e eles gastavam tanto com a comida como se fizessem as refeições num restaurante. A criança precisava de roupas e Mildred, de calçados, sombrinha e outras pequenas coisas sem as quais não podia passar. Ao voltarem de Brighton, ela anunciou a intenção de procurar emprego mas não tomou providências para isso, até que um dia uma forte gripe a pôs de cama durante uma quinzena. Quando se restabeleceu, escreveu em resposta a dois anúncios, mas nada conseguiu: ou chegava tarde demais, quando as vagas já estavam preenchidas, ou o trabalho lhe parecia superior às suas forças. Recebeu certa vez uma proposta, mas o salário era apenas de catorze xelins por semana e ela achava valer mais do que isso.

— Não convém a gente se deixar explorar — observou ela. — Ninguém respeita quem se vende barato demais.

— Não acho tão mau catorze xelins — replicou Philip, seco.

Não podia deixar de pensar no auxílio que essa quantia representaria para as despesas da casa. Mildred já estava começando a insinuar que não conseguia emprego porque não tinha um vestido decente com que se apresentar aos

empregadores. Philip deu-lhe o vestido e ela fez uma ou duas tentativas mais. Pareceu-lhe, porém, que Mildred não pusera empenho nelas. Não queria trabalhar. A única maneira que Philip conhecia de fazer dinheiro era na Bolsa. Andava ansioso para repetir a tentativa feliz do verão; mas havia rebentado a guerra no Transval e não se estava negociando com valores sul-africanos. Macalister contou-lhe que dentro de um mês Redvers Buller ia entrar em Pretória e a alta seria certa. O remédio era esperar com paciência. Era necessário um revés dos ingleses a fim de que os títulos descessem um pouco: então, sim, valeria a pena comprar. Philip começou a ler assiduamente os “Comentários da City” no seu jornal favorito. Andava preocupado e irritadiço. Uma ou duas vezes falou asperamente a Mildred e, como ela não tivesse tato nem paciência, respondia-lhe de mau humor, iniciando-se a discussão. Philip sempre manifestava o seu arrependimento pelo que havia dito, mas Mildred, que não sabia perdoar, ficava amuada durante um ou dois dias. Exasperava a Philip de todos os modos: pelo jeito de comer e pelo desalinho em que deixava as suas roupas na sala de estar. Emocionado pela guerra, Philip lia avidamente os jornais da manhã e da tarde. Mildred, porém, não tinha nenhum interesse nos acontecimentos. Fizera relações com uma ou duas pessoas que moravam na mesma rua. Perguntara-lhe uma delas se gostaria de receber a visita do pastor. Mildred usava aliança e intitulava-se mrs. Carey. Nas paredes do apartamento viam-se dois ou três dos desenhos feitos por ele em Paris: eram nus, dois de mulheres e um de Miguel Ajuria, este último em pé, firmemente plantado no solo e com os punhos cerrados. Philip os conservava porque eram os seus melhores trabalhos e porque lhe lembravam dias felizes. Havia muito que Mildred encarava aqueles desenhos com desagrado.

— Eu preferia que você tirasse isso da parede, Philip — disse-lhe ela por fim. — Mrs. Foreman, a do número treze, veio aqui ontem à tarde e eu não sabia para que lado olhar. Ela não tirou os olhos de cima desses quadros.

— Mas que têm eles, afinal?

— São indecentes. Ter desenhos de gente nua... Acho isso repugnante. E depois, não fica bem para a menina. Ela está começando a compreender as coisas.

— Como pode ser tão vulgar?

— Vulgar? Decente é que é. Nunca disse nada, mas você acha que eu gosto de passar todo santo dia olhando para essa gente pelada?

— Mas não tem a menor noção de ridículo, Mildred? — perguntou ele friamente.

— Não sei que é que o ridículo tem a ver com isto. Vontade não me faltou de eu mesma tirar essas coisas das paredes. Você quer saber o que eu penso desses desenhos? Acho que são nojentos.

— Não me interessa o que você pensa e lhe proíbo de mexer neles.

Quando Mildred ficava zangada com Philip, punia-o através da filha. A pequena gostava tanto do rapaz quanto ele dela. Era com grande prazer que todas as manhãs se arrastava para o quarto dele (estava quase com dois anos e já podia caminhar muito bem) e subia-lhe para cima da cama. Quando Mildred a impedia de fazer isso, a pobre criatura chorava desesperadamente. Às observações de Philip, a mãe respondia:

— Não quero que ela fique mal-acostumada.

E se ele dizia alguma coisa mais, ela acrescentava:

— Você não tem nada que ver com o que eu faço com a minha filha. Quem ouvisse você falar havia de pensar que era o pai. A mãe dela sou eu e eu é que devo saber o que é bom para ela.

A estupidez de Mildred exasperava-o, mas agora ela lhe era tão indiferente que só às vezes o encolerizava. Habitou-se a tê-la em casa. Veio o Natal e com ele dois dias de folga. Philip trouxe alguns ramos de azevinho e enfeitou o apartamento. No dia de Natal deu pequenos presentes a Mildred e à criança. Como fossem apenas dois, não podiam comer um peru, mas Mildred assou galinha e aqueceu o pudim de Natal que havia comprado numa mercearia das redondezas. Abriram uma garrafa de vinho. Depois do jantar, Philip sentou-se na sua poltrona ao pé do fogo, a fumar o seu cachimbo. O vinho, a que não estava habituado, fazia-o esquecer por um instante a preocupação com o dinheiro que tão constantemente o assaltava. Sentia-se feliz e em conforto. Mildred veio dizer-lhe que a menina desejava dar-lhe o beijo de boa-noite e com um sorriso ele entrou no quarto de dormir da menina. Depois, dizendo à pequena que fosse dormir, apagou o gás e, deixando a porta aberta para o caso de ela chorar, voltou para a sala.

— Onde vai se sentar? — indagou ele a Mildred.

— Fique na sua cadeira. Eu vou sentar no chão.

Quando ele se instalou, Mildred aninhou-se diante do fogo e recostou-se nos seus joelhos. Philip não pôde deixar de se lembrar de que haviam ficado uma vez assim no quarto dela, em Vauxhall Bridge Road, mas as posições

estavam invertidas. Era ele que se achava sentado no chão, com a cabeça reclinada sobre os joelhos dela. Com que paixão a amava naquele tempo! Sentiu então por ela uma ternura que havia muito não experimentava. Parecia-lhe ainda ter ao redor do pescoço os suaves bracinhos da criança.

— Está bem? — perguntou ele.

Mildred ergueu os olhos para o companheiro e com um leve sorriso inclinou a cabeça afirmativamente. Ficaram a olhar para o fogo em silêncio, com ar sonhador. Por fim ela se voltou e fitou nele um olhar curioso.

— Você sabe que ainda não me beijou nem uma vez, desde que estou aqui? — disse de repente.

— Você quer?

— Acho que você não gosta mais de mim para isso.

— Gosto muito de você.

— Você gosta mais da menina.

Ele não respondeu e Mildred repousou-lhe a face na mão.

— Não está mais zangado comigo? — perguntou ela, dentro em pouco, com os olhos postos no chão.

— A troco de que havia de estar?

— Eu nunca me interessei por você como agora. Só depois de passar pelo fogo é que eu aprendi a amá-lo.

Philip sentiu um calafrio ao ouvi-la empregar aquela frase que ela lera nas novelas baratas que devorava. Ficou depois a cismar sobre se o que Mildred dissera tinha algum sentido para ela própria. Talvez não conhecesse outro modo de expressar os seus verdadeiros sentimentos senão na linguagem pomposa de *The Family Herald*.

— É uma coisa tão esquisita a gente viver desse jeito.

Ele não respondeu em seguida e o silêncio se fez entre ambos. Mas afinal Philip falou como se não tivesse notado aquela pausa:

— Não me queira mal. A gente não pode evitar essas coisas. Lembro-me de que lhe achava malvada e cruel porque fazia isto, isso e mais aquilo. Mas era grande tolice minha. Você não me amava e era absurdo acusar você por isso. Pensei que podia fazer com que me amasse, mas vejo agora que tal coisa era impossível. Não sei o que é que faz os outros amarem a gente, mas seja o que for, é a única coisa que importa, e quando ela não existe, não podemos criá-la com bondade, generosidade ou coisa que o valha.

— Acho que se você me amasse de verdade, ainda me amaria agora...

— Eu também acho. Lembro-me de ter pensado naquele tempo que o meu amor duraria para sempre. Achava preferível morrer a viver longe de você. Cheguei a desejar ardentemente que você envelhecesse, que ficasse mirrada, enrugada, para que ninguém mais se importasse contigo e eu pudesse tê-la toda para mim.

Ela não respondeu. Instantes depois ergueu-se e disse que ia dormir. Esboçou um sorriso tímido e breve.

— Hoje é dia de Natal, Philip. Não quer me dar um beijo de boa-noite?

Philip se pôs a rir, enrubesceu de leve e beijou-a. Ela foi para o quarto e ele começou a ler.

A tempestade se desencadeou duas ou três semanas mais tarde. A atitude de Philip levava Mildred ao auge de uma estranha exasperação. Havia muitas e diversas emoções em sua alma, e passava com facilidade de uma para outra disposição de ânimo. Ficava grande parte do tempo sozinha a excogitar sobre a sua situação. Não punha todos os seus sentimentos em palavras, nem mesmo sabia distingui-los um dos outros, mas certas coisas lhe permaneciam no espírito e ela as examinava muitas e muitas vezes. Nunca compreendera Philip, nem havia gostado muito dele. Mas gostava de tê-lo ao seu lado por julgá-lo um *gentleman*. Impressionava-a o fato de Philip ser filho dum médico e sobrinho dum pastor. Desprezava-o um pouco por tê-lo levado a tantas tolices e ao mesmo tempo nunca se sentia completamente bem na presença dele. Não podia ficar à vontade e adivinhava que ele estava a criticar-lhe as maneiras.

Quando, cansada e cheia de vergonha, ela havia se refugiado no pequeno apartamento de Kensington, queria apenas ficar em paz. Era um consolo pensar que ali não havia aluguel a pagar. Não precisava sair com bom ou mau tempo e podia ficar tranqüilamente na cama se não se sentisse bem. Abominava a existência que tinha. Era horrível ter de mostrar-se afável e subserviente. E até agora, ao lembrar-se disso, ela chorava com pena de si mesma ao pensar na grosseria dos homens e na sua linguagem brutal. Mas lembrava-se disso muito raramente. Estava agradecida a Philip por tê-la salvo e quando recordava com que sinceridade ele a havia amado e quão mal ela o tratara, sentia um angustiante remorso. Era-lhe fácil reparar o mal feito. Isso pouco significava para ela. Ficara surpresa quando ele recusara a sua insinuação, mas encolhera os ombros: Philip que se desse ares, se isso lhe aprouvesse. Pouco lhe importava, pois em breve ele estaria bastante ansioso e seria a sua vez de recusar. Se ele pensava que aquilo era uma privação para ela, estava muito enganado. Não tinha dúvidas quanto ao seu poder sobre ele. Philip era esquisito, mas conhecia-o a fundo. Havia brigado com ela vezes sem conta e em todas essas ocasiões jurara nunca mais vê-la. No entanto, pouco depois vinha pedir-lhe de joelhos que o perdoasse. Vibrava ao lembrar-se de

como ele rastejara a seus pés, pronto a deitar-se no chão para que ela o pisasse. Vira-o chorar. Sabia exatamente como tratá-lo: não dar-lhe atenção, fingir que não lhe percebia o mau humor, deixá-lo a sós como castigo; dentro em pouco ele se humilharia. Ria interiormente, bem-humorada, ao pensar que o havia feito lamber o chão diante dela. Agora tinha experiência. Conhecia os homens e não queria saber mais deles. Estava resolvida a ficar com Philip. No fim das contas, esse pelo menos era um *gentleman* em toda a extensão da palavra e isso não era coisa para se desprezar. De qualquer modo, não tinha pressa e não estava disposta a dar o primeiro passo. Sentia-se contente por ver o quanto o rapaz se apegava à menina, embora isso lhe fosse motivo de riso. Era cômico que ele se afeiçoasse tanto à filha dum outro homem. Philip era mesmo esquisito, não havia a menor dúvida.

Mas uma ou duas coisas a deixavam surpreendida. Habituar-se à subserviência de Philip. Nos velhos tempos este se sentia feliz em fazer alguma coisa para ela e Mildred se acostumara a vê-lo ficar abatido por causa de uma resposta áspera e em êxtase ante uma palavra de bondade. Agora ele se mostrava diferente, e Mildred dizia a si mesma que Philip não havia melhorado nada no ano que passara. Nem por um momento lhe ocorrera que pudesse haver qualquer mudança nos sentimentos do rapaz. Achava que ele estava apenas fingindo quando não dava atenção às suas explosões de gênio. Philip às vezes queria ler e lhe pedia que cessasse de conversar: ela não sabia se explodia ou ficava carrancuda, mas acabava tão intrigada que não fazia nem uma coisa nem outra. Depois houve aquela ocasião em que ele lhe disse desejar manter as relações com ela de forma platônica. Lembrando um incidente do passado, ocorreu a Mildred que o rapaz temia a possibilidade de uma gravidez. Deu-se ao trabalho de tranquilizá-lo. Aquilo não lhe fazia diferença. Era dessas mulheres incapazes de compreender que um homem pudesse não ter aquela sua obsessão pelo sexo. Suas relações com os homens não tinham sida de natureza a fazê-la mudar de idéia e não concebia que eles fossem capazes jamais de ter outros interesses. Ocorreu-lhe a idéia de que Philip amava outra mulher. Passou a vigiá-lo, suspeitando das enfermeiras do hospital ou de pessoas que ele encontrava fora de casa. Perguntas ardilosas levaram-na à conclusão de que não havia nenhuma criatura perigosa em casa de Athelny. Foi obrigada a admitir que Philip, como a maioria dos estudantes de medicina, não considerava as enfermeiras como mulheres. Eles as associavam a um vago cheiro de iodofórmio. Philip não recebia cartas e não tinha nenhum retrato de

moça entre as suas coisas. Se amava alguém, conseguia esconder isso com muita habilidade. Respondia a todas as perguntas de Mildred com franqueza e, aparentemente, sem desconfiar que elas fossem feitas por algum motivo especial.

“Não creio que ele goste de outra mulher”, concluiu ela para si mesma. Foi um alívio, porque, nesse caso, era certo que ele a amava. Mas, se assim fosse, o seu comportamento era muito estranho. Se era para tratá-la daquele modo, por que a convidara para morar em sua companhia? Era uma coisa fora do natural. Mildred não era mulher que concebesse a possibilidade da compaixão, da generosidade ou da bondade. Chegava a uma única conclusão: Philip era um sujeito esquisito. Meteu na cabeça que as razões daquela conduta eram cavalheirescas e, com a fantasia excitada pelas extravagâncias dos romances baratos, arquitetava toda sorte de explicações novelescas para a delicadeza de Philip. Sua imaginação fervilhava de histórias de incompreensões amargas, purificações pelo fogo, almas brancas de neve e morte no frio cruel numa noite de Natal. Decidira pôr termo a todas aquelas tolices do rapaz quando fossem a Brighton. Lá ficariam a sós, toda a gente os julgaria marido e mulher, e havia ainda o mar e a banda musical. Ao verificar que nada induziria Philip a dormir no mesmo quarto que ela, quando ele lhe falou sobre isso com um tom de voz que ainda não lhe conhecia, percebeu de súbito que o rapaz não a queria. Ficou estupefata. Lembrou-se de tudo quanto ele lhe dissera no passado e do desespero com que a amara. Sentiu-se humilhada e furiosa, mas possuía uma espécie de insolência natural que a ajudou a enfrentar a situação. Não fosse Philip pensar que ela o estivesse amando, porque isso não era verdade. Odiava-o às vezes e ardia por humilhá-lo. Sentia-se, porém, tolhida por uma estranha impotência. Não sabia de que maneira lidar com ele. Começou a ficar nervosa na sua presença. Uma ou duas vezes chegou a chorar. Outras tantas tratou de ser particularmente gentil para com Philip. Mas se ela lhe tomava do braço quando passeavam à noite ao longo da praia, ele logo se esquivava como se o contato dela lhe fosse desagradável. Mildred não encontrava explicação para aquilo. O único poder que ela exercia sobre o rapaz era por intermédio da menina, de quem Philip parecia cada vez gostar mais. Podia fazer que ele ficasse morrendo de raiva: bastava dar na criança uma palmada ou um empurrão. E as únicas ocasiões em que o antigo sorriso de ternura vinha aos olhos dele era quando ela estava com a filha nos braços. Notara isso quando um fotógrafo da praia lhe tirara uma fotografia nessa pose.



Depois disso assumira freqüentemente a mesma atitude para que Philip a olhasse.

Quando voltaram para Londres, Mildred começou a procurar o trabalho que havia afirmado ser fácil encontrar. Desejava agora ficar independente de Philip. Pensava na satisfação com que lhe anunciaria que ia alugar quartos e levar a menina. Mas seu coração desfaleceu ao entrar em maior contato com a possibilidade. Desabituara-se das longas horas de serviço e não queria sujeitar-se às impertinências das gerentes, além de sua dignidade revoltar-se à idéia de tornar a usar um uniforme. Aos vizinhos de suas relações, contara que a sua situação financeira era de desafogo: seria rebaixamento se soubessem que ela precisava trabalhar. Sua indolência natural fazia-se sentir. Ela não queria abandonar Philip e, uma vez que ele estava pronto a sustentá-la, não via motivo para isso. Não dispunha de dinheiro para jogar fora, mas tinha casa e comida e a situação de Philip podia melhorar muito. O tio dele estava velho e talvez morresse a qualquer hora. O rapaz então herdaria algum pouco e mesmo como estavam as coisas era melhor assim do que escravizar-se de manhã à noite por uns magros xelins semanais. Seus esforços rarearam: continuava a ler as colunas de anúncios do jornal simplesmente para mostrar que desejava trabalhar se se apresentasse alguma oportunidade que valesse a pena. Mas tomava-se de pânico à idéia de que Philip se cansasse de sustentá-la. Já não tinha nenhum domínio sobre ele e imaginava que o rapaz lhe permitia ficar somente porque gostava da pequena. Meditava e tornava a meditar sobre a situação, concluindo furiosamente que um dia havia de fazê-lo pagar tudo aquilo. Não podia se conformar com o fato de não ser mais amada. Ela o forçaria a amá-la. Sentia-se melindrada e algumas vezes, de maneira curiosa, chegava a desejar Philip. Este se mostrava agora tão frio que a exasperava. Pensava incessantemente nele como amante. Achava que Philip a estava tratando de modo abominável e não sabia o que havia feito para merecê-lo. Não cansava de repetir a si mesma que viver daquela maneira era uma coisa fora do natural. Pensou depois que, se a situação fosse diferente e ela estivesse para ter um filho, Philip certamente havia de fazê-la sua esposa. Ele tinha esquisitices, mas era um *gentleman* em toda a extensão da palavra, e isso ninguém podia negar. Por fim, a idéia se lhe tornou uma obsessão, e decidiu forçar uma mudança nas relações entre ambos. Ele já nem ao menos a beijava, e Mildred queria levá-lo a isso. Recordava-se do ardor com que ele lhe

comprimia os lábios com os seus. Essa lembrança lhe dava uma curiosa sensação. Muitas vezes ficava de olhos fitos na boca de Philip.

Uma noite, em princípios de fevereiro, Philip lhe disse que ia jantar com Lawson, numa festa que o pintor dava no estúdio para comemorar o seu aniversário. Avisou que só voltaria tarde. Lawson havia comprado duas garrafas do famoso ponche da taverna de Beak Street e estavam dispostos a passar uma noite alegre. Mildred perguntou se iriam mulheres. Philip respondeu que não, pois só homens tinham sido convidados. Iam apenas ficar sentados a conversar e a fumar. Mildred não achou que isso pudesse ser muito divertido. Se fosse pintar, havia de cercar-se de meia dúzia de modelos. Foi para a cama mas não pôde dormir, e em dado momento ocorreu-lhe uma idéia. Levantou-se e foi correr o ferrolho do postigo da porta da frente, a fim de que Philip não pudesse entrar. O rapaz voltou por volta de uma hora da madrugada e Mildred ouviu-o blasfemar ao encontrar o postigo fechado. Ergueu-se da cama e foi abrir-lhe a porta.

— Por que diabo se trancou? Desculpe tê-la tirado da cama.

— Mas eu deixei aberto para você entrar... Não sei como foi que se fechou.

— Volta depressa para a cama, senão vai apanhar um resfriado.

Entrou na sala e acendeu o gás. Ela o seguiu. Aproximou-se do fogo.

— Vou aquecer um pouco os pés. Estão que nem gelo.

Philip sentou-se e começou a tirar os sapatos. Seus olhos cintilavam e suas faces estavam afogueadas. Mildred achou que ele estivera bebendo.

— Divertiu-se bastante? — perguntou, com um sorriso.

— Sim, a noite foi ótima.

Philip não tinha bebido, mas ficara a conversar e a rir e se achava ainda excitado. Uma noitada como aquela lembrava-lhe os velhos tempos de Paris. Estava muito bem-disposto. Tirou o cachimbo do bolso e encheu-o.

— Você não vai se deitar? — indagou ela.

— Ainda não. Não tenho nem um pouquinho de sono. Lawson estava num de seus dias. Falou pelos cotovelos desde que cheguei até que cáí.

— Sobre que conversaram?

— Sabe Deus! Sobre todas as coisas deste mundo. Eu queria que você nos visse berrando como desesperados, sem que nenhum escutasse o outro.

Philip riu com prazer ao lembrar-se daquilo, e Mildred o imitou. Tinha agora a certeza absoluta de que ele havia bebido demais. Era exatamente o que

ela esperava. Conhecia os homens.

— Dá licença de me sentar? — perguntou.

Antes que ele pudesse responder, Mildred sentou-se encostando-se em seus joelhos.

— Se não vai se deitar, é melhor vestir um chambre.

— Ora, estou muito bem assim. — Depois, pondo-lhe os braços em torno do pescoço, encostou o rosto no dele e disse: — Por que você é tão ruim para mim, Phil?

Ele tentou erguer-se, mas ela não o deixou.

— Eu amo muito você, Philip — disse ela.

— Não diga bobagens.

— Não, não é bobagem, é verdade. Não posso viver sem você. Eu desejo você.

Ele se desvencilhou dos seus braços.

— Levanta, sim? Isso é uma tolice e está fazendo com que eu me sinta um perfeito idiota.

— Eu amo você, Philip. Quero reparar todo o mal que lhe fiz. Não posso continuar assim, isso não está na natureza humana.

Philip deixou-se escorregar da cadeira, fazendo Mildred cair sobre ela.

— Sinto muito, mas é tarde demais.

Ela deixou escapar um soluço dilacerante:

— Mas por quê? Como é que você pode ser tão cruel?

— Acho que é porque eu te amei muito. Consumi essa paixão. Só em pensar no que você quer, fico horrorizado. Não posso olhar para você agora sem pensar em Emil e em Griffiths. A gente não pode evitar essas coisas, talvez seja dos nervos.

Mildred tomou-lhe da mão e cobriu-a de beijos.

— Não faça isso — exclamou ele.

Ela atirou-se para trás na cadeira.

— Não posso continuar assim. Se você não me ama, é melhor que eu vá embora.

— Não seja tola, não tem para onde ir. Pode ficar aqui o quanto quiser, mas deve ficar plenamente entendido que nós somos só amigos e mais nada.

Então ela deixou de súbito o tom veemente de paixão e riu uma risada insinuante e macia. Aproximou-se dele com ar furtivo e enlaçou-o, provocante. Falou-lhe em voz baixa e caridosa.

— Não seja tão bobinho, meu velho. Acho que isso são nervos. Você nem imagina como eu sei ser boazinha.

Encostou o rosto no de Philip e começou a esfregá-lo. Para Philip, o sorriso dela era um ricto abominável e o brilho daqueles olhos o enchia de horror. Recuou instintivamente.

— Não!

Mas ela não o deixou escapar. Procurou-lhe a boca com os lábios. Philip segurou-lhe as mãos e, afastando-as rudemente, empurrou-a para trás.

— Você me dá nojo — disse.

— Eu?

Mildred procurou apoio com a mão na cornija da lareira. Encarou-o por um instante e de súbito duas manchas vermelhas apareceram-lhe nas faces. Solto uma risada aguda de cólera.

— Eu lhe dou nojo!

Fez uma pausa e respirou com força. Depois rompeu numa torrente furiosa de improperios. Gritou a plenos pulmões. Disse-lhe todos os nomes feios que lhe vieram à mente. Usou uma linguagem tão obscena que Philip ficou estupefato. Ela sempre se mostrava tão desejosa de ser requintada, tão chocada ante o que era grosseiro, que nunca ocorrera ao rapaz que ela conhecesse as palavras que acabava de empregar. Mildred avançou e ergueu para ele um rosto desfigurado pela fúria. Enquanto despejava o seu discurso tumultuoso, a saliva espumava-lhe nos lábios.

— Nunca me importei contigo. Nem uma vez! Sempre lhe fiz de bobo. Você me enjoava, me matava de tédio. Eu lhe odiava. Se não fosse por dinheiro nunca haveria de me tocar. Sentia vontade de vomitar quando era obrigada a deixar que me beijasse. Nós ríamos de você, Griffiths e eu, ríamos porque era um trouxa. Trouxa! Trouxa!

Tornou a irromper em invectivas abomináveis. Acusou-o das faltas mais baixas, chamou-lhe mesquinho, cacete, vaidoso e egoísta. Cobriu dum ridículo virulento tudo quanto lhe era caro. Por fim deu as costas para sair. Mas ficou e, numa violência histérica, gritou-lhe um epíteto sujo e oprobrioso. Tornou a voltar-se e, apanhando o trinco da porta, abriu-a com estrondo. Depois fez meia-volta e arremessou-lhe a injúria que sabia ser a única que realmente o atingia. Pôs na palavra todo o veneno e toda a malícia de que era capaz. Lançou-lha em rosto como uma bofetada:

— Aleijado!



Philip acordou sobressaltado na manhã seguinte, certo de que era tarde. Olhando no relógio, viu que eram nove horas. Saltou da cama e foi buscar água quente na cozinha para fazer a barba. Não viu sinal de Mildred, e as coisas que ela utilizara para preparar a sua ceia da noite anterior ainda se achavam por lavar, amontoadas na pia. Bateu à porta do quarto dela.

— Acorda, Mildred. Já é muito tarde.

Ela não respondeu nem mesmo depois de uma segunda batida mais forte. Devia estar amuada. Philip tinha muita pressa e não podia preocupar-se com aquilo. Pôs um pouco d'água a ferver e saltou para a banheira, que costumava encher ao deitar-se, para que no dia seguinte a água estivesse menos fria. Calculava que, enquanto ele se vestia, Mildred preparasse o café e o deixasse na sala. Fizera isso duas ou três vezes, quando estava de mau humor. Mas Philip não a sentia mover-se e compreendeu que, se quisesse comer alguma coisa, ele próprio teria de preparar. Irritou-se por ela lhe pregar aquela peça exatamente na manhã em que ele dormira demais. Quando ficou pronto, ainda não havia sinal dela. Ouviu-lhe, porém, os movimentos no quarto. Era evidente que Mildred estava se levantando. Philip fez um pouco de chá e cortou duas fatias de pão, que cobriu de manteiga. Comeu-as enquanto calçava os sapatos. Depois desceu as escadas a correr e dirigiu-se para a rua principal a fim de apanhar o bonde. Enquanto seus olhos procuravam nos postos de jornais os cartazes com notícias da guerra, pensou na cena da noite anterior: agora que tudo tinha passado, ele não podia deixar de ver o grotesco da situação. Achava que tinha se exposto ao ridículo, mas não era senhor de seus sentimentos e, naquele instante, eles haviam sido avassaladores. Estava agastado com Mildred porque ela o metera naquela absurda posição. Depois, com renovada surpresa, pensou na explosão de raiva e na suja linguagem que ela empregara. Não pôde deixar de corar ao lembrar-se da injúria final. Mas encolheu os ombros desdenhosamente. Havia muito aprendera que quando seus colegas se zangavam com ele nunca deixavam de escarnecer de sua deformidade. Vira no hospital homens que lhe imitavam o caminhar, não na

sua frente como costumavam fazer os meninos da escola, mas quando julgavam que ele não estivesse olhando. Sabia agora que não faziam tal coisa por maldade deliberada, mas porque o homem é por natureza um animal imitativo e porque aquilo era um meio fácil de provocar o riso. Ele o sabia, mas nunca se pudera resignar.

Foi com grande prazer que mergulhou no trabalho. A enfermaria lhe pareceu agradável e amiga quando ele entrou. A irmã o saudou com um sorriso rápido e profissional.

— Chegou muito tarde, mr. Carey.

— Estive na farra ontem à noite.

— Isso se vê.

— Obrigado.

Rindo, foi atender o primeiro dos seus casos, um rapaz com úlceras tuberculosas; tirou-lhe as ligaduras. O rapaz mostrou-se contente por vê-lo e Philip troçou com ele, enquanto lhe punha as ataduras novas. Era o preferido dos pacientes; tratava-os com bom humor, tinha mãos leves e delicadas que não os feriam. Alguns dos outros estudantes eram um pouco rudes e descuidados em seus métodos. Philip almoçou com os amigos no restaurante do clube. A refeição, que foi frugal, consistia em bolo com manteiga e uma xícara de chocolate. Falaram sobre a guerra. Vários estudantes estavam se alistando, mas as autoridades mostravam-se severas e recusavam os que não tinham feito estágio em hospitais. Alguém sugeriu que, se a guerra continuasse, dentro em pouco o governo aceitaria com prazer qualquer médico recém-formado. Mas a opinião geral era de que a guerra terminaria dentro de um mês. Agora que Roberts estava no teatro da luta, as coisas chegariam rapidamente a bom termo. Esta era também a opinião de Macalister; dissera a Philip que deviam ficar à espreita de uma oportunidade e comprar ações antes que a paz fosse proclamada. Haveria então uma grande alta e eles todos podiam ganhar um pouco de dinheiro. Philip dera instruções a Macalister para lhe comprar ações quando a oportunidade se apresentasse. As trinta libras que ganhara no verão tinham-lhe aguçado o apetite e agora queria fazer duzentas.

Ao terminar o trabalho do dia, Philip tomou um bonde para voltar a Kensington. Ia conjeturando sobre qual seria a atitude de Mildred aquela noite. Era um aborrecimento pensar que ela provavelmente havia de se mostrar grosseira, recusando responder-lhe às perguntas. Fazia uma noite quente para aquela época do ano, e mesmo nas ruas cinzentas do sul de Londres sentia-se

o langor de fevereiro. Após os longos meses de inverno a natureza torna-se agitada: corre na terra um frêmito prenunciador da primavera, quando ela reassume as suas atividades eternas. Philip gostaria de continuar a viagem no bonde. Era-lhe desagradável voltar para o apartamento e queria ar livre. Mas o desejo de ver a criança assaltou-o de súbito, e Philip sorriu para os seus próprios pensamentos ao imaginar a menina adiantando-se para ele com gritinhos de satisfação. Ficou surpreso quando, ao alcançar a casa e olhar maquinalmente para cima, viu que não havia luz na janela. Subiu as escadas e bateu. Nenhuma resposta. Quando saía, Mildred costumava deixar a chave debaixo do capacho, onde agora ele a encontrou. Entrou e, dirigindo-se para a sala, riscou um fósforo. Alguma coisa havia acontecido. Não percebeu logo do que se tratava. Abriu completamente o gás e acendeu-o. O quarto inundou-se subitamente de luz e Philip olhou em torno. Cortou-se-lhe a respiração. Tudo estava depredado. Todas as coisas que ali havia tinham sido destruídas por gosto.

A raiva se apoderou dele. Precipitou-se para o quarto de Mildred. Encontrou-o vazio e às escuras. Quando acendeu a luz, viu que ela levara todas as suas coisas e as da criança. (Ao entrar, notara que o carrinho não se achava no patamar, como de costume, mas julgou que Mildred tivesse levado o bebê para passear.) Todos os objetos que havia sobre o lavatório tinham sido quebrados. Uma faca andara cortando em cruz os assentos das duas cadeiras. O travesseiro fora aberto e havia largos cortes nos lençóis e nas colchas. O espelho parecia ter sido quebrado com um martelo. Philip estava desnorreado. Entrou no seu próprio quarto. Confusão geral. A bacia e o jarro tinham sido amassados, o espelho estava em pedaços e os lençóis, em tiras. Mildred havia rasgado no travesseiro um espaço suficiente para introduzir a mão e espalhar depois as penas pelo quarto. Esburacara cobertores. No penteador havia fotografias da mãe de Philip: as molduras tinham sido quebradas e os vidros partidos. Philip dirigiu-se à cozinha. Tudo o que era quebrável tinha sido quebrado: copos, formas, pratos e travessas.

Philip ofegava. Mildred não deixara carta alguma, mas apenas aquela ruína para assinalar o seu ódio. Podia imaginar a cara convulsa com que ela se encarniçara naquele trabalho de destruição. Voltou à sala e olhou em torno. Estava tão atônito que já não sentia mais raiva. Olhou com curiosidade para a faca de cozinha e para o martelo de quebrar carvão que se achavam sobre a mesa onde Mildred os havia deixado. Nesse instante deu com uma comprida



faca de trincar que se encontrava, quebrada, sobre o consolo da lareira. Para fazer tantos danos, ela devia ter levado muito tempo. O retrato que Lawson pintara dele estava cortado em cruces; apresentava buracos horríveis. Os seus próprios desenhos tinham sido rasgados em pedaços. E as reproduções fotográficas da *Olympia* de Manet, da *Odalisca* de Ingres e o retrato de Filipe IV haviam sofrido grandes golpes do martelo de carvão. Havia rasgões na toalha da mesa, nas cortinas e nas duas poltronas. Estavam estas completamente estragadas. Numa das paredes, por cima da mesa que Philip usava como escrivaninha, achava-se o pedaço de tapete persa que Cronshaw havia lhe dado. Mildred sempre o detestara.

— Se é tapete, deve ir para o chão — dizia. — Isso não passa dum pedaço imundo de fazenda, está ouvindo?

O tapete a enfurecia porque Philip lhe dissera que aquilo continha a resposta de um grande enigma. Julgava que ele a estivesse fazendo de boba. Havia-o cortado à faca três vezes, de cima a baixo, o que lhe devia ter exigido alguma força. Agora lá estava ele a pender em farrapos. Philip possuía dois ou três pratos brancos e azuis, de nenhum valor, mas que comprara um a um por muito pouco dinheiro: gostava deles pelas recordações que lhes estavam associadas. Achavam-se agora espalhados no chão, em cacos. Havia longos cortes na lombada de seus livros e Mildred se dera o trabalho de arrancar páginas aos volumes franceses brochurados. Os pequenos enfeites da lareira jaziam no chão em pedaços. Tudo o que uma faca ou um martelo podiam destruir não fora poupado.

Tudo quanto Philip tinha em casa, vendido, não daria mais de trinta libras, mas a maior parte do que possuía tinha um valor afetivo para ele. Era uma criatura doméstica, apegava-se a todas aquelas quinquilharias simplesmente porque eram dele. Tinha orgulho de seu pequeno lar, que com tão pouco dinheiro soubera arranjar bem, dando-lhe um cunho pessoal. Atirou-se numa cadeira, desesperado. Como pudera Mildred ser tão cruel? Foi tomado de súbito temor. Tornou a se levantar, dirigindo-se para o corredor onde ficava o armário em que guardava as suas roupas. Abriu-o. Deu um suspiro de alívio. Ela parecia tê-lo esquecido e nenhuma das roupas fora tocada.

Philip voltou para a sala e, contemplando a cena, ficou a pensar no que fazer. Não tinha ânimo para tentar recompor as coisas. Além do mais, não havia comida nenhuma em casa e ele estava com fome. Saiu para ir comer. Quando voltou, sentia-se mais calmo. Uma ligeira angústia se apoderou dele ao

pensar na criança. Ficou imaginando se ela sentiria ou não falta dele. Talvez sentisse, no princípio, mas numa semana o teria esquecido. E ele dava graças a Deus por ter ficado livre de Mildred. Não pensava nela com rancor, mas com uma avassaladora sensação de tédio.

— Espero em Deus nunca mais tornar a vê-la — disse em voz alta.

A única coisa que lhe restava fazer era deixar aqueles quartos. Resolveu avisar a senhoria na manhã seguinte. Não estava em condições de reparar os danos e lhe restava tão pouco dinheiro que era obrigado a procurar moradia ainda mais barata. Teria prazer em sair dali. As despesas eram uma preocupação e a lembrança de Mildred ficaria para sempre associada àquela casa. Philip sentia-se impaciente e não descansaria antes de pôr em prática o plano que tinha em mente. Assim, na tarde seguinte, trouxe um negociante de móveis de segunda mão que lhe ofereceu três libras por todos os seus bens, danificados ou não. Dois dias mais tarde, mudou-se para uma casa vizinha ao hospital, onde havia morado logo ao entrar para a faculdade. A proprietária era uma senhora muito decente. Philip ficou com um quarto no sobrado, por seis xelins semanais. Era pequeno e feio, dava para o pátio da casa dos fundos. Philip, porém, já não possuía nada mais além das roupas e dum caixão de livros, e estava satisfeito por conseguir alojamento tão barato.

Aconteceu então que o destino de Philip Carey, de nenhuma importância a não ser para ele próprio, foi atingido pelos acontecimentos por que seu país estava passando. Fazia-se História e o processo era tão momentoso que parecia absurdo pudesse ele influir na vida de um obscuro estudante de medicina. Uma após outra, as batalhas de Magersfontein, Colenso e Spion Kop, que já tinham sido perdidas nos campos de recreio de Eton, humilharam a nação e vibraram um golpe de morte no prestígio da aristocracia e das classes tituladas, que até então não haviam encontrado quem se opusesse à sua pretensão de possuírem o instinto natural da governança. A velha ordem estava sendo abalada: na verdade, fazia-se a História. Depois o colosso fez uso da sua força e, errando de novo crassamente, chegou por fim, através do próprio erro, a algo que se parecia com uma vitória. Cronje rendeu-se em Paardeberg, Ladysmith foi libertada e, em princípios de março, Lord Roberts tomou Bloemfontein.

Foi dois a três dias depois de terem essas notícias chegado a Londres que Macalister entrou na taverna de Beak Street e anunciou alegremente que as coisas estavam assumindo melhor aspecto na Bolsa. A paz estava próxima. Roberts entraria em Pretória dentro de poucas semanas e as ações começaram a subir. Tudo indicava que ia haver uma grande alta.

— Chegou a nossa hora — disse o corretor a Philip. — Não devemos ficar para trás. É agora ou nunca.

Macalister tinha informações diretas. O gerente de uma mina da África do Sul telegrafara ao sócio principal da firma dizendo que as instalações estavam intatas. Começariam a trabalhar logo que fosse possível. Aquilo não era uma especulação, mas um emprego de capital. Para provar a confiança do sócio principal, Macalister contou a Philip que o homem havia comprado quinhentas ações para duas irmãs suas. Nunca as metia em negócio que não fosse tão seguro quanto o Bank of England.

— Vou jogar tudo, até a camisa — disse ele.

As ações estavam sendo cotadas de dois e um oitavo a dois e um quarto. Macalister aconselhou a Philip que não fosse ambicioso e se satisfizesse com uma alta de dez xelins. Ia comprar trezentas para si próprio e sugeriu que Philip ficasse com a mesma quantidade. Pretendia retê-las para vender quando achasse oportuno. Philip tinha grande fé no corretor, em parte porque este era escocês e, portanto, cauteloso por natureza, e em parte porque ele havia acertado na primeira vez. Aceitou pressuroso a proposta.

— Creio que poderemos vendê-las antes da liquidação — disse Macalister —, mas, se não pudermos, conseguirei transferir o pagamento para o próximo ajuste de contas.

Esse pareceu a Philip um sistema de primeira ordem. Reter as ações até o momento de poder vendê-las com lucro, sem jamais ter que desembolsar um vintém. Começou a ler no jornal as cotações da Bolsa com um novo interesse. No dia seguinte houve pequena alta e Macalister escreveu-lhe para dizer que tivera de pagar dois e um quarto pelas ações. O mercado estava firme. Mas dentro de um ou dois dias produziu-se um recuo. Havia chegado notícias menos tranqüilizadoras da África do Sul e Philip viu com ansiedade que seus títulos tinham caído dois pontos. Macalister, porém, estava otimista. Os bôeres não podiam agüentar por muito tempo mais e ele apostava como Roberts entraria em Johannesburgo antes de meados de abril. No momento da liquidação Philip teve de pagar perto de quarenta libras. Isso o aborreceu consideravelmente, mas achou que o melhor caminho era não vender. Na situação em que ele estava, o prejuízo lhe seria grande demais. Durante duas ou três semanas nada aconteceu: os bôeres não compreendiam que estavam vencidos e que nada mais lhes restava fazer senão render-se. Tiveram, até, um ou dois pequenos sucessos, e as ações de Philip caíram mais meia coroa. Tornou-se evidente que a guerra não estava terminada. As vendas se aceleraram. Quando Macalister encontrou Philip, mostrou-se pessimista.

— Não sei se o melhor não será limitar o prejuízo... Só em diferença tenho pago mais do que desejava.

A ansiedade fazia Philip doente. Não podia dormir, engolia apressado a refeição da manhã, reduzida agora a chá e pão com manteiga, e se precipitava para a sala de leitura do clube a fim de ler o jornal. Às vezes as notícias eram más e em outras não havia notícia nenhuma. Mas quando as ações faziam algum movimento, era para cair. Philip não sabia o que fazer. Se vendesse agora, perderia perto de trezentas e cinqüenta libras, ficando assim reduzido a

oitenta. Desejava de todo o coração nunca ter cometido a asneira de especular na Bolsa. Mas o único remédio ainda era reter os títulos. Algo de decisivo devia acontecer a qualquer momento e as ações na certa subiriam. Não esperava agora obter lucro, mas sim recuperar o que perdera. Era a sua única esperança de poder terminar o curso de medicina. O semestre de verão começava em maio e no fim do período ele tencionava fazer o exame de obstetrícia. Depois, só teria mais um ano de estudo. Fez cálculos cuidadosos e chegou à conclusão de que, incluindo tudo, poderia manter-se com cento e cinquenta libras. Mas era rigorosamente o mínimo.

Em princípios de abril foi à taverna de Beak Street, ansioso por encontrar Macalister. Era um alívio discutir a situação com o corretor. Saber que numerosas pessoas, além dele, estavam perdendo dinheiro, tornava sua inquietação um pouco menos intolerável. Mas quando Philip chegou à taverna não encontrou lá senão Hayward. Mal ele se sentava e já o outro dizia:

— Vou embarcar para o Cabo, domingo.

— Você!?! — exclamou Philip.

Hayward era o homem de quem ele menos teria esperado semelhante gesto. No hospital os estudantes agora se alistavam em grandes grupos. O governo aceitava com prazer quem tivesse um diploma. E outros, que partiam como simples soldados, escreviam para casa dizendo que eram postos a trabalhar em hospitais logo que revelavam sua qualidade de estudantes de medicina. Uma onda de sentimento patriótico varria o país inteiro. E apresentavam-se voluntários de todas as classes sociais.

— Com que patente embarca? — indagou Philip.

— Como soldado, na milícia de Dorset.

Philip conhecia Hayward havia oito anos. A intimidade juvenil que lhe viera da admiração entusiástica pelo homem que tão bem sabia falar de arte e de literatura tinha desaparecido, dando lugar ao hábito. Quando Hayward estava em Londres, Philip e ele se encontravam uma ou duas vezes por semana. Hayward ainda falava de livros com delicada compreensão. Philip, que já não era mais tolerante, irritava-se às vezes com a conversa do amigo. Já não acreditava implicitamente que nada no mundo tem importância fora da arte. Ressentia-se com o desprezo de Hayward pela ação e pelo sucesso. Mexendo o seu ponche, Philip pensava na sua antiga amizade e na sua ardente expectativa de que Hayward viesse a produzir grandes coisas. Havia muito perdera todas essas ilusões; sabia agora que Hayward jamais faria outra coisa senão

conversar. Achava mais difícil viver com as suas trezentas libras anuais, agora que estava com trinta e cinco anos, do que quando era rapaz. Suas roupas, ainda que feitas por um bom alfaiate, eram usadas por tempo bem maior do que antigamente ele julgaria possível. Estava corpulento em excesso e nenhum arranjo artificioso do cabelo conseguia esconder-lhe a calvície. Seus olhos azuis estavam baços e descorados. Não era difícil adivinhar que ele bebia demais.

— Que diabo de idéia foi essa de ir para o Cabo? — perguntou Philip.

— Ah!, não sei... Achei que devia ir.

Philip ficou silencioso. Sentia-se um pouco constrangido. Compreendia que Hayward estava sendo arrastado por uma intranqüilidade de alma que não sabia a que atribuir. Alguma força interior fazia com que ele achasse necessário ir lutar pela sua pátria. Era estranho, uma vez que ele olhava o patriotismo como um simples preconceito. Gabando-se de seu cosmopolitismo, tinha encarado a Inglaterra como um lugar de exílio. Seus compatriotas, considerados em bloco, feriam-lhe as suscetibilidades. “Que seria”, perguntava Philip a si mesmo, “que levava as pessoas a fazer coisas tão contrárias a todas as suas teorias sobre a vida?” O razoável para Hayward seria ficar de lado, observando com um sorriso enquanto os bárbaros se exterminassem. Era como se os homens fossem títeres nas mãos duma força desconhecida que os impelia a proceder dum modo ou de outro. Faziam algumas vezes uso da razão para justificar as suas ações. E quando isso era impassível, procediam da mesma maneira, a despeito da razão.

— A humanidade é muito esquisita... — disse Philip. — Eu nunca esperaria ver você como soldado.

Hayward sorriu, levemente embaraçado, e não disse palavra.

— Fui examinado ontem — observou ele por fim. — Uma *gêne*... Mas ao menos a gente tem a vantagem de ficar sabendo que está em perfeita saúde.

Philip notou que ele ainda usava desnecessariamente e com afetação palavras francesas. Mas naquele mesmo momento Macalister entrou.

— Eu queria lhe encontrar mesmo, Carey — disse ele. — Meu pessoal não está inclinado a reter por mais tempo aquelas ações. O mercado se encontra numa barafunda dos diabos e eles querem que você retire os títulos.

O coração de Philip desfaleceu. Sabia que aquilo era impossível. Significava aceitar o prejuízo. O orgulho o fez responder com calma:

— Não acho que valha a pena por enquanto. Pode vendê-las.

— Isso é muito bonito de dizer, mas não sei bem se posso. O mercado está estagnado e não há compradores.

— Mas elas estão cotadas a um e um oitavo.

— Ah, estão... Mas isso não quer dizer coisa alguma. Não se encontra quem pague tanto.

Philip, por um instante, não soube o que dizer. Estava tentando dominar a emoção.

— Quer dizer então que elas não valem absolutamente nada?

— Ora! Não é isso que estou dizendo. Está claro que valem alguma coisa, mas você compreende, o fato é que agora ninguém está comprando.

— Então o que deve fazer é vender por quanto puder.

Macalister olhou para Philip com atenção. Estava avaliando a extensão do golpe sofrido pelo rapaz.

— Sinto muitíssimo, meu velho, mas todos nós estamos no mesmo barco. Ninguém pensava que a guerra fosse durar tanto assim. Eu lhe arrastei mas fui contigo.

— Isso não tem nenhuma importância — disse Philip. — A gente tem que aceitar os reveses da sorte.

Voltou para a mesa de onde tinha se erguido para falar com Macalister. Estava aniquilado. A cabeça começou a lhe doer violentamente, mas ele não quis que os amigos o julgassem pusilânime. Deixou-se ficar ali durante uma hora. Riu febrilmente de tudo o que os outros diziam. Por fim levantou-se para ir embora.

— Encara a coisa com bastante frieza, hein? — disse Macalister, apertando-lhe a mão. — Acho que ninguém gosta de perder trezentas ou quatrocentas libras.

Philip voltou para o seu feio quarto e atirou-se na cama, entregando-se ao desespero. Não cessava de lamentar amargamente a sua loucura, e, embora tentasse convencer-se de que era absurdo qualquer arrependimento, pois o que havia acontecido era inevitável precisamente porque havia acontecido, nada podia fazer a seu favor. Mas era inútil. Sentia-se tomado de uma depressão profunda. Não pôde dormir. Lembrou-se de todas as maneiras por que havia esbanjado dinheiro durante os últimos anos. A cabeça lhe doía horrivelmente.

Na noite seguinte lhe chegou pelo correio um demonstrativo de sua conta. Examinou a sua caderneta do banco. Depois de tudo pago, restariam-lhe sete libras. Sete libras! Dava graças a Deus por poder pagar. Teria sido

horrível ver-se obrigado a confessar a Macalister que não tinha dinheiro. Estava trabalhando no serviço de oftalmologia durante o trimestre de verão e comprara um oftalmoscópio a um estudante. Não tinha pago ainda, mas faltava-lhe coragem para dizer ao colega que queria voltar atrás. Precisava também comprar determinados livros. Tinha consigo cinco libras, que lhe durariam seis semanas. Escreveu, então, ao tio uma carta que julgou muito comercial. Dizia nela que, devido à guerra, sofrera graves prejuízos e não podia continuar os estudos a menos que o tio viesse em seu auxílio. Sugeria que o vigário lhe mandasse cento e cinqüenta libras durante os dezesseis meses seguintes, em prestações mensais. Prometia pagar juros e restituir o capital pouco a pouco quando começasse a ganhar dinheiro. Iria se formar ao mais tardar dentro de um ano e meio e estava certo de conseguir então um lugar de assistente que lhe havia de dar três libras semanais. O tio respondeu dizendo que nada podia fazer. Não era direito pedir-lhe que abrisse mão de tal soma quando a situação era das piores e o pouco que possuía era de seu dever conservar para um caso de doença. Terminava a carta com uma pequena homilia. Advertira repetidamente a Philip e Philip nunca lhe dera atenção. Para ser sincero, não podia dizer que estava surpreso. Havia muito esperava que fosse aquele o fim das extravagâncias e da falta de equilíbrio do sobrinho. Philip ficou de todas as cores ao ler isso. Nunca lhe ocorrera que o tio pudesse recusar. Rompeu num acesso de raiva a que, porém, se seguiu um supino pasmo. Se o tio não o ajudasse, ele não poderia continuar no hospital. O pânico se apoderou de Philip que, pondo de lado o orgulho, tornou a escrever ao vigário de Blackstable, expondo-lhe o caso com mais premência. Mas talvez não se explicasse com propriedade e o tio não percebesse em que situação desesperada ele se achava, pois respondeu que não alterava a sua resolução. Philip estava com vinte e cinco anos e, a dizer verdade, já devia estar ganhando a vida. Quando ele morresse o rapaz herdaria alguma coisa, mas até então negava-se a lhe dar um vintém que fosse. Philip sentiu nessa carta a satisfação dum homem que, depois de vários anos de desaprovação à sua conduta, via enfim realizadas as suas previsões.



Philip começou a empenhar as roupas. Para reduzir as despesas fazia uma só refeição por dia, além do *breakfast*. Consistia ela numa xícara de chocolate com pão e manteiga, que ele tomava às quatro horas da tarde a fim de sustentar-se até o dia seguinte. Às nove sentia tanta fome que tinha de ir para a cama. Pensou em pedir um empréstimo a Lawson, mas o temor de uma recusa o inibia. Pediu-lhe por fim cinco libras. Lawson emprestou-as com prazer mas, ao entregá-las, disse:

— Vai me devolver numa semana ou pouco mais, não é? Tenho de pagar a conta da casa de molduras. Ando meio quebrado.

Philip sabia que não poderia pagar e a idéia do que Lawson pudesse pensar deixava-o tão envergonhado que dentro de dois dias devolveu-lhe o dinheiro intato. Lawson, que casualmente saía para almoçar, convidou Philip a acompanhá-lo. O rapaz mal pôde comer, tanta satisfação sentia ao ver alimentos sólidos. Estava certo de que no domingo teria o bom jantar dos Athelny. Hesitou em contar-lhes o que lhe tinha acontecido. A família sempre o considerara em boa situação e ele temia que pudessem desestimá-lo se soubessem que ele estava sem dinheiro.

Embora sempre tivesse sido pobre, nunca lhe ocorrera a possibilidade de não ter o que comer. Não era coisa que acontecesse às pessoas em cujo meio vivia. Estava envergonhado como se tivesse alguma doença infamante. Aquela situação encontrava-se absolutamente fora do campo de sua experiência. Sentia-se tão abatido que, a não continuar na Faculdade de Medicina, não sabia que outro rumo tomar. Tinha a vaga esperança de que alguma coisa havia de surgir. Não podia acreditar que fosse verdade o que estava lhe acontecendo. Lembrava-se de como, durante o primeiro ano na escola, julgara a sua vida um sonho do qual havia de despertar para se achar mais uma vez em casa. Cedo, porém, viu que, dentro de uma semana ou pouco mais, estaria absolutamente sem dinheiro. Devia tentar ganhar alguma coisa imediatamente. Se estivesse diplomado, mesmo com o pé torto lhe seria possível embarcar para o Cabo, uma vez que agora era grande a necessidade de médicos. Não fosse aquele

defeito, ele poderia se alistar num dos regimentos de voluntários que estavam constantemente a embarcar. Foi ao secretário da Escola de Medicina e perguntou-lhe se podia dar aula para algum estudante atrasado. Mas o secretário não lhe deu a menor esperança. Philip lia os anúncios das publicações médicas e candidatou-se ao lugar de assistente não diplomado de um médico que tinha um dispensário em Fulham Road. Quando o procurou viu que o homem lançava um olhar para o seu pé torto. E ao saber que o rapaz estava apenas no quarto ano, disse imediatamente que sua experiência era insuficiente. Philip compreendeu que isso era apenas uma desculpa. O doutor não queria um auxiliar que pudesse não ser tão ativo quanto ele desejava. Philip voltou a atenção para outros meios de ganhar dinheiro. Sabia francês e alemão e parecia-lhe haver alguma esperança de encontrar um lugar de correspondente comercial. Essa idéia o deixou angustiado, mas cerrou os dentes: não havia outra coisa a fazer. Como sua timidez não lhe permitisse responder aos anúncios que exigiam a presença do candidato, respondia aos que pediam apenas cartas. Mas não tinha experiência nem recomendações. Estava ciente de que o seu alemão e o seu francês não eram comerciais. Ignorava os termos usados no comércio e não sabia estenografia nem escrever à máquina. Não pôde deixar de reconhecer que o seu caso era sem esperança. Pensou em escrever ao advogado que tinha sido executor testamentário de seu pai, mas não chegou a fazer isso porque fora contra o conselho expresso desse profissional que ele vendera as hipotecas em que seu dinheiro estava empregado. Sabia por intermédio do tio que mr. Nixon condenava inteiramente o seu modo de viver. Aquele ano passado por Philip no escritório de contabilidade levava o homem à conclusão de que ele era vadio e incompetente.

“Prefiro morrer de fome”, murmurou Philip para consigo mesmo.

Uma ou duas vezes pensou no suicídio. Seria fácil tirar uma droga da farmácia do hospital. E era um consolo pensar que, na pior das hipóteses, tinha à mão meios para acabar com a vida sem dificuldade. Mas não foi essa uma solução que tomasse a sério. Quando Mildred o abandonara para ir com Griffiths, sua angústia tinha sido tão grande que ele quisera morrer para se libertar do sofrimento. Não sentia isso agora. Lembra-se de ter ouvido a enfermeira do pronto-socorro contar que as pessoas se suicidavam mais por falta de dinheiro do que por amor. Riu para si mesmo ao pensar que o seu caso era uma exceção. Desejava apenas aliviar suas mágoas contando-as a alguém.

Não conseguia, porém, forçar-se a uma confissão. Tinha vergonha. Continuou a procurar trabalho. Passou três semanas sem pagar o aluguel, explicando à senhoria que ia receber dinheiro no fim do mês. Ela nada disse, limitando-se a franzir os lábios e a assumir um ar carrancudo. Quando chegou o fim do mês e ela lhe perguntou se não podia pagar alguma coisa por conta, foi com grande mal-estar que ele respondeu negativamente. Contou-lhe que ia escrever ao tio e que estava certo de poder pagar a conta no sábado seguinte.

— Bom, espero que possa, mr. Carey. Porque eu também tenho aluguel para pagar e não posso ficar em atraso. — Não falava zangada, mas sim com uma resolução que chegava a assustar. Depois de breve pausa, acrescentou: — Se o senhor não pagar no sábado que vem, terei de me queixar ao secretário da escola.

— Sim, sim. Pode ficar sossegada.

A mulher fitou-o um instante e depois correu os olhos pelo quarto. Quando tornou a falar foi sem nenhuma ênfase, como se estivesse a dizer algo absolutamente natural:

— Tenho uma boa carne assada lá embaixo. Se o senhor quiser descer à cozinha, terei muito prazer em lhe servir um pouco.

O rapaz sentiu-se corar até a planta das pés e sufocou um soluço.

— Muito obrigado, mrs. Higgins, mas não estou com fome.

— Está bem, meu senhor.

Quando ela deixou o quarto, Philip atirou-se na cama. Teve de cerrar os punhos para evitar que o choro rompesse.

Sábado. Era o dia em que prometera pagar o aluguel. Durante toda a semana estivera a esperar um acontecimento. Não havia encontrado trabalho. Nunca, até então, fora levado a tais extremos e estava tão desnordeado que não sabia o que fazer. Na fundo, tinha a impressão de que tudo aquilo não passava de uma pilhéria absurda. Restavam-lhe nada mais que uns poucos níqueis e havia vendido todas as roupas sem as quais lhe era possível passar. Possuía alguns livros e uma ou duas bugigangas com que podia fazer um par de xelins. A senhoria, porém, vigiava-lhe as idas e vindas. Philip temia que ela o detivesse, se o visse tirar algum objeto mais do apartamento. O remédio era dizer-lhe que não podia pagar. Faltou-lhe coragem. Estava-se em meados de junho. A noite era bela e agradável. Decidiu passá-la fora. Saiu a caminhar vagarosamente ao longo ao cais de Chelsea, pois o rio estava sereno e silencioso. Caminhou até cansar. Depois sentou-se num banco e cochilou. Dormiu não soube quanto tempo. Acordou sobressaltado, sonhando que um guarda o sacudia para que ele seguisse o seu caminho. Quando, porém, abriu os olhos, viu que estava só. Pôs-se novamente a caminhar sem saber por quê e, afinal, chegou a Chiswick, onde tornou a dormir. Em dado momento, a dureza do banco o despertou. A noite lhe pareceu muito longa. Sentiu um calafrio. Estava tomado por aquela sensação de abatimento e não sabia o que fazer. Envergonhava-se de ter dormido no cais. Aquilo lhe parecia particularmente humilhante. Sentiu que as suas faces se avermelhavam na escuridão. Lembrou-se de histórias que ouvira. Entre os que viviam daquele modo achavam-se oficiais, padres e antigos alunos de universidade. Acabaria como eles, parado numa fileira, à espera da sopa de uma instituição de caridade? Seria muito melhor matar-se. Não podia continuar assim. Lawson havia de ajudá-lo quando conhecesse a sua situação. Era absurdo que o seu orgulho o impedisse de solicitar auxílio. Por que levara tamanha queda? Procurara fazer sempre o que lhe parecia melhor e tudo foi por água abaixo. Quando podia, ajudava as pessoas e não achava que tivesse sido mais egoísta que qualquer outro. Afigurava-se-lhe uma horrível injustiça ficar reduzido àquela contingência.

Mas era inútil fazer tais reflexões. Continuou a caminhar. Agora o dia clareava: o rio estava belo no silêncio, e havia algo de misterioso naquela hora matinal. Ia fazer um dia belíssimo e o céu pálido da madrugada estava limpo de nuvens. Philip se sentia muito cansado, a fome lhe roía as entranhas, mas o medo constante de ser interpelado por um policial impedia-o de ficar sentado. Era uma mortificação que ele não desejava. Sentia-se sujo e ansiava por um banho. Achou-se, por fim, em Hampton Court. Se não comesse alguma coisa, desandaria a chorar. Procurou uma casa de pasto, barata, e entrou. Havia lá dentro um cheiro de coisas quentes que lhe causou uma leve impressão de náusea. Pretendia comer algo substancioso que o refizesse para o resto do dia, mas o seu estômago se revoltou à vista da comida. Tomou uma xícara de chá com um pouco de pão e manteiga. Lembrou-se, então, de que era domingo e podia ir à casa dos Athelny. Pensou no rosbife e no pastelão que eles iam comer, mas achava-se tremendamente cansado e não tinha coragem para enfrentar a família feliz e bulhenta. Estava sentindo-se fatigado e miserável. Queria ficar só, ficar em paz. Resolveu entrar nos jardins do palácio e estender-se no chão. Doíam-lhe os ossos. Talvez encontrasse uma bomba e pudesse lavar as mãos e o resto, beber um pouco d'água. Estava com muita sede. E agora que não tinha mais fome pensava com prazer nas flores, na relva e nas grandes árvores copadas. Parecia-lhe que ali poderia pensar melhor em que fazer. Estendeu-se na relva, à sombra, e acendeu o cachimbo. Por economia, havia muito que se limitara a fumar duas cachimbadas por dia; dava graças a Deus por ter agora a bolsa cheia de fumo. Ignorava o que faziam as pessoas quando não tinham dinheiro. Pouco depois, adormeceu. Quando despertou era quase meio-dia e pensou que em seguida devia pôr-se em marcha para Londres, a fim de lá se achar na manhã seguinte para responder aos anúncios de emprego que lhe parecessem promissores. Lembrou-se de lhe ter dito a tia que, ao morrer, ia deixar-lhe o pouco que tinha. Philip não fazia a menor idéia de quanto fosse. Não podia ser mais que algumas poucas centenas de libras. E se tentasse conseguir dinheiro por conta do que viria a herdar? Nada arranjaría sem o consentimento do tio e este nunca lhe daria.

“O que me resta fazer é esperar que ele morra”, concluiu.

Philip calculou-lhe a idade. O vigário de Blackstable já passara havia muito dos setenta. Tinha uma bronquite crônica, mas muitas velhas que sofriam do mesmo mal viviam indefinidamente. Enquanto esperava, alguma coisa havia de surgir. Philip não podia deixar de sentir que sua situação era de toda anormal:

as pessoas de sua condição não morriam de fome. Era por não conseguir acreditar na realidade daquela aventura que ele não se entregava ao extremo do desespero. Decidiu pedir meia libra emprestada a Lawson. Passou todo o dia no jardim e, quando sentia muita fome, fumava. Não comeria nada antes de se pôr em marcha para Londres. Era uma longa caminhada e ele devia refazer as forças para isso. Partiu quando o dia começou a refrescar, e, quando estava cansado, dormia nos bancos. Ninguém o incomodou. Na Estação Vitória lavou-se, penteou-se e barbeou-se. Tomou depois um pouco de chá com pão e manteiga, e enquanto comia leu a coluna de anúncios do jornal da manhã. Ao correr os olhos neles, deu com um que pedia um vendedor para a “seção de roupas” de um magazine muito conhecido. Sentiu um curioso desfalecimento de coração, porque, com os seus preconceitos burgueses, parecia-lhe horrendo trabalhar como caixeiro de loja. Mas encolheu os ombros porque, no fim das contas, que lhe importava aquilo? Resolveu tentar a sorte. Tinha uma esquisita sensação de que, aceitando todas as humilhações e indo mesmo ao encontro delas, forçaria a mão do destino em proveito próprio. As nove horas, sentindo-se terrivelmente acanhado, apresentou-se no departamento indicado e viu que muitos outros já haviam chegado na sua frente.

Eram pessoas de todas as idades, desde rapazes de dezesseis anos até homens de quarenta. Alguns conversavam em voz baixa, mas a maioria estava silenciosa. Quando Philip foi para o seu lugar, os que se encontravam próximos dele lançaram-lhe um olhar de hostilidade. Ouvia um deles dizer:

— A única coisa que estou desejando é que me recusem o mais depressa possível, para ter tempo de ir procurar emprego noutra parte.

O vizinho de Philip examinou-o de alto a baixo e lhe perguntou:

— Tem prática?

— Não.

O outro fez uma pequena pausa e depois observou:

— Depois do almoço, até nas casas sem importância não atendem a ninguém sem hora marcada.

Philip olhou para os empregados. Alguns estavam desenrolando peças de chita, de cretone e outras, o vizinho lhe explicou, preparavam as encomendas do interior, feitas pelo correio. Perto das nove e quinze chegou o diretor da casa. Philip ouviu um dos homens que esperavam dizer a outro que aquele era mr. Gibbons. Era um sujeito de meia-idade, baixo e corpulento, de cabelos escuros e lustrosos e barba negra. Tinha movimentos vivos e uma cara

inteligente. Trazia um chapéu alto e vestia fraque, tendo a lapela adornada por um gerânio branco cercado de folhas. Entrou no escritório, deixando a porta aberta. Era uma sala muito pequena, onde se via apenas uma escrivaninha americana num dos cantos, uma estante de livros e um armário. Os homens que esperavam do lado de fora viram-no tirar maquinalmente o gerânio da botoeira e pô-lo num vidro de tinta cheio d'água. Era contra as regras da casa usar flor ao peito na hora de serviço.

(Durante o dia os homens do departamento, desejosos de ser bem-vistos pelo patrão, admiravam a flor.

“Nunca vi coisa mais linda”, diziam. “É do seu jardim mesmo?”

“É, sim”, sorria ele, com um fulgor de orgulho a lhe encher os olhos inteligentes.)

Tirou o chapéu e mudou o casaco, relanceando os olhos pelas cartas e depois pelos homens que o esperavam. Fez um leve sinal com o dedo e o primeiro da fila entrou no escritório. Desfilaram um por um à sua frente, respondendo às perguntas. Tratava com eles muito laconicamente, conservando os olhos fixos no rosto do candidato.

— Idade? Tem prática? Por que deixou o último emprego?

Ouvia as respostas com cara inexpressiva. Quando chegou a vez de Philip, o rapaz teve a impressão de que mr. Gibbans o examinava com curiosidade. As suas roupas estavam limpas e eram bastante bem cortadas. Seu aspecto era um pouco diferente do dos outros.

— Tem prática?

— Acho que não tenho nenhuma — respondeu Philip.

— Não serve.

Philip retirou-se. A provação fora muito menos dolorosa do que esperava e ele não sentiu nenhum desapontamento particular. Não podia ter esperança de ser bem-sucedido na primeira tentativa. Conservava consigo o jornal e tornou a percorrer a seção de anúncios: Uma loja em Halbom precisava também dum vendedor. Para lá se dirigiu ele, mas ao chegar soube que alguém já havia sido admitido. Se quisesse arranjar alguma coisa naquele dia, precisava ir ao estúdio de Lawson antes que o pintor saísse para o almoço. Encaminhou-se, pois, para Yeaman's Row, pela Brompton Road.

— Escute-me, eu estou um tanto quebrado até o fim do mês — disse ele, assim que encontrou uma oportunidade. — Você podia me emprestar meia libra...?

Era incrível a dificuldade que possuía em pedir dinheiro. Lembrava-se da maneira despreocupada com que os pacientes do hospital lhe extraíam pequenas quantias, quase como se lhe estivessem concedendo um favor, embora não tivessem a menor intenção de restituir o dinheiro.

— Pois não — respondeu Lawson. — Agora mesmo.

Quando, porém, meteu a mão no bolso, descobriu que tinha apenas oito xelins. Philip sentiu-se desfalecer.

— Ah!... Está bem, empresta-me cinco, sim? — disse ele aereamente.

— Aqui estão.

Philip foi a uma casa de banhos em Westminster e gastou seis *pence* num banho. Depois comeu alguma coisa. Não sabia o que fazer aquela tarde. Não queria voltar para o hospital, temendo que lhe fizessem perguntas; além do mais, nada tinha a fazer lá. Nos dois ou três serviços em que trabalhara haviam de estranhar um pouco a sua ausência, mas... que pensassem o que quisessem, pois isso não lhe importava. Não seria ele o primeiro estudante que desaparecia sem avisar. Dirigiu-se à Biblioteca Pública e leu os jornais até aborrecer-se. Depois pediu as *New Arabian Nights* de Stevenson, mas percebeu logo que não podia ler. As palavras não tinham sentido algum para ele. Continuou a refletir sobre a sua situação desamparada. Não cessava de ruminar as mesmas idéias e a fixidez destas lhe fazia doer a cabeça. Por fim, desejoso de ar fresco, entrou no Green Park e estendeu-se na relva. Pensou na desgraça da sua deformidade, que lhe tornava impossível ir para a guerra. Adormeceu e sonhou que de repente ficara bom e embarcara para o Cabo num regimento de milícia. As fotografias que vira nos jornais ilustrados forneceram-lhe material para a fantasia. Estava metido num uniforme cáqui, no *veld*, sentado à noite com outros soldados ao redor do fogo. Ao despertar viu que ainda estava claro e dentro em pouco ouviu o Big Ben soar as sete. Tinha doze horas pela frente e nada para fazer. Temia a noite interminável. O céu estava carregado e talvez até chovesse. Teria de ir para um albergue, onde conseguiria uma cama. Vira-as anunciadas sobre lâmpadas, à frente de algumas casas de Lambeth: “Boas camas — 6 *pence*”. Nunca havia entrado num desses albergues e temia-lhes o mau cheiro e os parasitas. Resolveu ficar ao ar livre se lhe fosse possível. Deixou-se estar no parque até a hora de fecharem os portões e depois começou a caminhar a esmo. Estava muito cansado. Veio-lhe a idéia de que um acidente naquelas circunstâncias seria um acontecimento feliz, pois assim seria levado para um hospital onde ficaria durante semanas



numa cama limpa. À meia-noite sentiu tanta fome que, não podendo mais resistir, foi a uma tenda de café em Hyde Park comer: comeu duas batatas e tomou uma xícara de café. Depois tornou a andar. A inquietação não lhe permitia dormir e angustiava-o um medo terrível de ser apanhado pela polícia. Notou que começava a olhar para o guarda de um novo ângulo. Era aquela a terceira noite que passava ao relento. De quando em quando sentava-se nos bancos de Piccadilly e, quando a manhã se aproximou, desceu até o rio. Ouvia as batidas do Big Ben marcando os quartos de hora e calculava quanto tempo faltava para a cidade despertar. De manhã gastou alguns níqueis: mandou passar a roupa e tomou um banho. Comprou um jornal para ler os anúncios e uma vez mais saiu em busca de trabalho.

Continuou assim durante vários dias. Comia muito pouco e começava a sentir-se fraco e doente, de maneira que mal lhe sobrava a energia necessária para prosseguir na procura do emprego que lhe parecia tão difícil de encontrar. Habitou-se a passar longas horas nos fundos das lojas, na esperança de ser admitido, e às recusas secas. Andou por todas as partes de Londres, dirigindo-se aos lugares indicados nos anúncios, e chegou a conhecer de vista alguns homens que, tão infrutiferamente como ele, também buscavam ocupação. Um ou dois tentaram fazer camaradagem com ele, mas Philip sentia-se demasiado infeliz e cansado para os encorajar a isso. Não procurou mais Lawson, porque lhe devia cinco xelins. Começou a ficar tão tonto que não conseguia pensar com clareza e cessou de preocupar-se com o que lhe acontecia. Chorava muito. A princípio ficava envergonhado, enfurecido consigo mesmo por causa disso. Mas verificou que o choro o aliviava e, de certa maneira, lhe diminuía a fome. Sofria muito por causa do frio. Uma noite entrou no seu quarto para mudar a roupa branca. Introduziu-se ali furtivamente, cerca das três horas, quando estava bem certo de que todos dormiam. Tornou a sair às cinco. Estendeu-se na cama e ficou gozando daquela maciez deliciosa, tão deliciosa que não quis dormir. Doíam-lhe todos os ossos. Habitara-se já à falta de alimento e não sentia muita fome, estava apenas fraco. Agora lhe vinha constantemente ao espírito a idéia remota do suicídio. Mas empregava toda a sua força para não se fixar nela, pois temia que a tentação lhe tomasse conta dos pensamentos e lhe fosse impossível fugir a ela. Repetia para si mesmo que seria absurdo suicidar-se, visto que alguma coisa devia acontecer em breve. Não se podia livrar da idéia de que a sua situação era absurda demais para ser levada a sério. Era como uma doença que precisava suportar, mas da qual se restabeleceria

inevitavelmente. Todas as noites jurava que nada o induziria a passar assim uma outra noite e resolvia escrever na manhã seguinte ao tio, a mr. Nixon, o advogado, ou a Lawson. Mas quando chegava a hora, não tinha coragem para fazer a humilhante confissão do seu completo insucesso. Não sabia como Lawson havia de receber aquilo. Desde que tinham feito amizade, o pintor fora o cabeça-de-vento e Philip sempre se orgulhara de seu bom senso. Teria de contar-lhe toda a história de sua loucura. Inquietava-o um pressentimento de que Lawson, depois de o auxiliar, lhe voltaria as costas com frieza. O tio e o advogado, naturalmente, fariam alguma coisa por ele, mas receava as reprimendas de ambos. Não desejava que ninguém o repreendesse; cerrava os dentes e repetia que o que acontecera era inevitável justamente porque havia acontecido. Lamentar era absurdo.

Os dias eram intermináveis e os cinco xelins que Lawson lhe emprestara não durariam muito tempo. Ansiava por que chegasse o domingo, a fim de ir à casa dos Athelny. Não sabia o que o impedira de procurá-los antes. Talvez fosse o desejo de sair da dificuldade por suas próprias mãos. Porque Athelny, que se achava em aperturas igualmente desesperadas, era a única pessoa que podia fazer alguma coisa em seu benefício. Quiçá depois de almoçar ele conseguisse contar-lhe que se encontrava em dificuldades. Repetiu para si mesmo muitas e muitas vezes o que ia lhe dizer. Tinha um medo imenso de que Athelny se esquivasse com frases dúbias. Isso seria tão horrível que ele desejava retardar o máximo possível aquela prova do amigo. Philip tinha perdido toda a confiança no próximo.

A noite de sábado foi fria e áspera. Philip sofreu tremendamente. Desde o meio-dia desse sábado até a hora em que se arrastou com passos cansados para a casa de Athelny, não comeu nada. Gastou os dois últimos *pence* domingo pela manhã, num banho e numa escovadela no lavatório de Charing Cross.

Quando Philip tocou a campainha, uma cabeça assomou à janela e em seguida ele ouviu na escada o ruidoso tropel das crianças que desciam ao seu encontro. Foi um rosto pálido, ansioso e magro que ele lhes deu a beijar. Ficou tão comovido com aquela transbordante afeição que, para ter tempo de se refazer, demorou-se propositadamente ao subir as escadas. Achava-se num tal estado de nervos que a menor coisa bastava para fazê-lo chorar. Perguntaram-lhe por que não tinha vindo no domingo anterior e Philip respondeu que estivera doente. Quiseram saber de que doença se tratava e, para os divertir, ele sugeriu uma enfermidade misteriosa cujo nome, híbrido e bárbaro na sua mistura de grego e latim (a nomenclatura médica está inçada dessas palavras), fê-los soltar guinchos de prazer. Arrastaram Philip para a sala e fizeram-no repetir o nome para edificação do pai. Athelny ergueu-se e apertou a mão do rapaz. Olhou fixamente para Philip, mas seus olhos redondos e salientes pareciam sempre exprimir espanto. Sem saber por quê, Philip se sentiu embaraçado sob aquele olhar.

— Sentimos muito a sua falta domingo passado — disse ele.

Philip não sabia mentir com desembaraço. Ficou escarlate ao terminar a exposição do motivo por que não viera. Mrs. Athelny entrou nesse instante e apertou-lhe a mão.

— Espero que esteja melhor, mr. Carey — disse ela.

O rapaz não sabia por que motivo ela imaginara ter-lhe acontecido alguma coisa, pois a porta da cozinha estava fechada quando ele subira com as crianças e estas ainda não o haviam deixado.

— O almoço só fica pronto daqui a dez minutos — disse ela na sua voz arrastada. Não quer tomar um ovo batido num copo de leite enquanto espera?

Havia no seu rosto uma expressão de inquietude que perturbou Philip. Forçou uma risada e respondeu que não tinha fome nenhuma. Sally entrou para pôr a mesa e Philip começou a trocar com ela. A família costumava gracejar dizendo que a moça ia ficar tão gorda como uma tia de mrs. Athelny,

chamada tia Elizabeth, criatura que as crianças nunca tinham visto, mas que para elas representava o tipo da corpulência grotesca.

— Escute aqui, Sally, que foi que lhe aconteceu depois da última vez que estive aqui? — principiou Philip.

— Que eu saiba, nada.

— Acho que andou engordando...

— Pois o senhor não andou, disso tenho certeza — retorquiu ela. — Está um perfeito esqueleto.

Philip ficou vermelho.

— Isso é um *tu quoque*, Sally — exclamou o pai. — Será multada num fio dos seus cabelos de ouro. Jane, vai buscar a tesoura grande.

— Ora, papai, mas ele *está* magro — retrucou Sally. — Está com a pele em cima dos ossos.

— Não é essa a questão, menina. Ele tem a plena liberdade de emagrecer, mas a sua obesidade ofende o decoro.

Enquanto falava, pôs o braço orgulhosamente em torno da cintura da filha, olhando-a com olhos de admiração.

— Deixe-me arrumar a mesa, papai. Eu posso estar gorda, mas há muita gente que parece não se importar com isso.

— Esta tratante! — exclamou Athelny, fazendo um gesto dramático. — Ela me lança na cara o fato notório de que Joseph, um filho de Levi que vende jóias em Holborn, lhe propôs casamento.

— Aceitou, Sally? — perguntou Philip.

— O senhor já deve conhecer bem o papai. Não há uma palavra de verdade no que ele acabou de dizer.

— Pois bem, se ele não lhe propôs casamento — exclamou Athelny —, por São Jorge e pela Alegre Inglaterra vou segurá-lo pelo nariz e perguntar-lhe imediatamente quais são as suas intenções.

— Sente-se, papai, o almoço está pronto. Vocês aí, crianças, vão lavar as mãos... todos! E não façam de conta, porque antes de comerem uma migalha de comida eu vou examiná-las para ver se estão limpas.

Antes de começar a comer, Philip julgava estar famélico, mas verificou depois que a comida lhe revoltava o estômago e que mal podia beliscá-la. Tinha as idéias turvas e não percebeu que Athelny, contra o seu hábito, falava muito pouco. Philip sentia-se aliviado por estar numa casa confortável, mas de momento em momento olhava instintivamente pela janela. O dia estava

tempestuoso. Acabara-se o bom tempo. Fazia frio e soprava um vento áspero. De quando em quando, bátegas de chuva batiam contra a vidraça. “Que é que vou fazer numa noite destas?”, refletiu ele. Os Athelny costumavam deitar-se cedo e ele não podia ficar onde estava além das dez horas. O coração desfalecia-lhe à idéia de estar fora, na escuridão gelada da noite. Agora que estava entre amigos, aquilo lhe parecia mais terrível do que quando se encontrava sozinho e na intempérie. Ficou a repetir interiormente que muitas outras criaturas também passariam a noite ao relento. Lutou para distrair o espírito na conversa, mas no meio de suas frases uma chicotada da chuva nas vidraças fazia-o estremecer.

— Parece até que estamos em março — comentou Athelny. — Não é o tempo indicado para fazer a travessia do Canal.

Terminaram a refeição e Sally entrou para tirar a mesa.

— Aceita um mata-rato de dois *pence*? — perguntou-lhe Athelny, oferecendo-lhe um charuto.

Philip aceitou e aspirou a fumaça deliciado. Aquilo lhe serenou os nervos dum modo extraordinário. Quando Sally se retirou, Athelny fechou a porta.

— Agora não seremos perturbados — disse ele, voltando-se para Phillip. — Já pedi à Betty que não deixasse as crianças entrar senão quando eu chamasse.

Philip lançou-lhe um olhar sobressaltado, mas, antes que ele pudesse compreender o sentido daquelas palavras, Athelny ajeitou os óculos na nariz com o seu gesto habitual e prosseguiu:

— Eu lhe escrevi no domingo passado para perguntar por que não tinha vindo e, como não tive resposta, fui ao seu quarto na quarta-feira.

Philip desviou a cabeça e não respondeu. O coração começou a bater-lhe com violência. Athelny não falava e, em certo momento, o silêncio pareceu intolerável ao rapaz. Não achava uma única palavra para dizer.

— A proprietária disse-me que você não aparecia desde sábado à noite. Contou que você lhe devia um mês de aluguel. Onde esteve dormindo toda a semana passada?

Foi com indizível mal-estar que Philip respondeu, sem tirar os olhos da janela:

— Em parte nenhuma.

— Estive à sua procura.

— Por quê?

— Betty e eu já passamos pela mesma situação... com a diferença que tínhamos filhos para cuidar. Por que não nos procurou?

— Não pude.

Philip teve medo de não poder conter o choro. Sentia-se muito fraco. Fechou os olhos e franziu o sobrolho, procurando dominar-se. Veio-lhe, de inopino, um brusco acesso de raiva. Por que Athelny não o deixava em paz? Mas estava alquebrado. E depois, os olhos ainda fechados, e lentamente, para manter a firmeza da voz, contou a história das suas aventuras durante as últimas semanas. Enquanto falava, parecia-lhe haver-se conduzido de maneira inepta, e isto lhe tornava mais difícil a narrativa. Athelny havia de achá-lo um consumado imbecil.

— Muito bem. Agora você vai ficar morando conosco até encontrar o que fazer — disse Athelny quando o rapaz terminou.

Philip corou, sem saber por quê.

— Oh, é uma grande bondade sua, mas acho que não ficarei.

— Por quê?

O outro não respondeu. Recusara instintivamente, por puro medo de incomodar, e um acanhamento natural o impedia de aceitar favores. Sabia, além disso, que os Athelny viviam com dificuldade, e com aquela numerosa família não tinham espaço nem dinheiro para sustentar um estranho.

— Não há dúvida de que você tem de ficar — disse Athelny. — Thorpe dormirá com um dos irmãos e você pode dormir na cama dele. Não é a sua comida que vai nos fazer alguma diferença.

Philip teve medo de falar. Athelny, aproximando-se da porta, chamou a mulher.

— Betty — disse ele, quando ela entrou. — Mr. Carey vem morar conosco.

— Que bom! Vou já preparar a cama.

Falou num tom cordial e amigo, aceitando tudo como muito natural, a tal ponto que Philip se comoveu profundamente. Nunca esperava que as pessoas lhe mostrassem bondade e quando isso acontecia ficava surpreso e sensibilizado. Nesse momento não pôde evitar que duas grossas lágrimas lhe rolassem pelas faces. Os Athelny discutiram os arranjos e fingiram não notar a que estado a fraqueza de Philip o havia levado. Quando mrs. Athelny se retirou, Philip reclinou-se na cadeira e, olhando pela janela, disse rindo:

— Não é uma noite muito boa para andar lá fora, hein?

Athelny disse a Philip que podia lhe conseguir com facilidade um lugar na grande firma para a qual ele próprio trabalhava. Vários empregados tinham ido para a guerra e Lynn & Sedley, com fervor patriótico, haviam prometido conservar-lhes os lugares. O trabalho dos heróis recaía sobre os que ficavam e, como não aumentassem os salários destes últimos, podiam os patrões fazer economia ao mesmo tempo que davam prova de patriotismo. Mas a guerra prosseguia e o comércio ia tomando alce. Chegavam as férias, época em que grande número de empregados se ausentava durante uma quinzena: teriam de admitir novos auxiliares. A recente experiência de Philip fazia-o duvidar de que mesmo assim lhe dessem emprego. Mas Athelny, apresentando-se como pessoa de influência na firma, insistia em afirmar que o gerente não lhe recusaria nada. Philip, com o seu conhecimento de Paris, seria muito útil. Era apenas questão de esperar um pouco, pois havia de conseguir um lugar bem remunerado para desenhar costumes e pintar cartazes. Philip fez um cartaz para as vendas de verão e Athelny o levou. Dois dias mais tarde trouxe-o de volta, dizendo que o gerente o admirara muitíssimo e lamentava sinceramente não ter no momento vaga na seção de publicidade. Philip perguntou se não havia outro trabalho.

— Receia que não.

— Está bem certo disso?

— Bem... A verdade é que amanhã eles vão anunciar pedindo um recepcionista de loja — disse Athelny olhando para ele com ar de dúvida.

— Acha que eu tenho alguma probabilidade de conseguir esse lugar?

Athelny ficou um tanto confuso. Tinha-o levado a esperar coisa bastante melhor; por outro lado, sua pobreza não lhe permitia continuar a sustentá-lo por tempo indefinido.

— Você podia aceitar o lugar enquanto espera coisa melhor. As probabilidades sempre são maiores quando a gente já está trabalhando na casa.

— O senhor sabe que não sou orgulhoso — sorriu Philip.

— Se está decidido, deve apresentar-se amanhã às quinze para às nove...



Não obstante a guerra, era evidente que havia muita dificuldade em se achar trabalho, pois quando Philip entrou na loja vários pretendentes já estavam lá esperando. Reconheceu entre eles alguns dos que encontrara em suas buscas precedentes. A um deles vira certa tarde deitado no parque. Para Philip, agora, isso significava que o homem também estava sem teto e passava as noites ao relento. Os candidatos a emprego eram de todas as espécies, velhos e moços, altos e baixos, mas cada um deles procurara fazer-se elegante para a entrevista com o gerente. Tinham penteado o cabelo com todo o cuidado e lavado as mãos de maneira escrupulosa. Esperavam num corredor que, Philip soube mais tarde, conduzia ao salão de refeições e às oficinas. De distância em distância, interrompia-o uma série de cinco ou seis degraus. Embora houvesse luz elétrica na loja, a iluminação ali era apenas a gás e os bicos estavam protegidos com uma armação de arame; o gás ardia com ruído. Philip chegou pontualmente, mas eram quase dez horas quando foi admitido no escritório. Era uma peça triangular como um pedaço de queijo deitado de lado: havia nas paredes quadros de mulheres metidas em espartilhos e dois projetos de cartazes: um homem de pijama com largas listras verdes e brancas, e um navio de velas soltas singrando o mar azul vendo-se numa das velas, em caracteres graúdos, estas palavras: GRANDE VENDA DE ROUPAS BRANCAS. A parede mais larga do escritório dava para o fundo de uma das vitrinas que estava sendo ornamentada naquela hora, de maneira que um empregado entrava e saía a todo momento. O gerente se encontrava a ler uma carta. Era um homem corado, de cabelos louro-pálidos e grosso bigode da mesma cor. Pendia-lhe da corrente da relógio uma porção de medalhas de futebol. Estava ele sentado, em mangas de camisa, a uma grande escrivaninha com um telefone ao lado. À sua frente achavam-se os anúncios do dia, trabalho de Athelny, e recortes de jornais colados em papelão. O homem relanceou os olhos para Philip, mas nada lhe disse. Estava ditando uma carta à datilógrafa, sentada diante de uma mesa menor, a um canto. Perguntou depois a Philip o nome, a idade e se tinha prática. Falava com um sotaque londrino, numa voz aguda e metálica que às vezes parecia descontrolar-se. Philip notou que os dentes do maxilar superior eram graúdos e salientes; davam a impressão de estarem frouxos e de que um puxão poderia arrancá-los.

— Acho que mr. Athelny já lhe falou a meu respeito — disse o rapaz.

— Ah, você é o moço que fez aquele cartaz?

— Sou, sim, senhor.

— Para nós não serve, você sabe, não serve absolutamente.

Olhou Philip de alto a baixo. Pareceu notar que o rapaz, de certo modo, era diferente dos outros que o haviam precedido.

— Como sabe, você vai ter de arranjar um fraque. Com certeza não tem. Parece ser um moço direito. Deve ter verificado que a arte não dá nada.

Philip não sabia dizer se ia ou não ser aceito. O gerente fazia-lhe observações com ar hostil.

— Onde é sua casa?

— Meu pai e minha mãe morreram quando eu era menino.

— Gosto de dar uma oportunidade aos jovens. Muitos a quem ajudei são hoje gerentes de seções. E se mostram muito reconhecidos para comigo, essa justiça eu lhes faço. Sabem o quanto fiz por eles. Começar de baixo é a única maneira de se aprender no comércio e com perseverança é possível subir até ninguém sabe onde. Se você trabalhar direito, um dia ainda estará numa posição como a minha. Tome nota disso, meu rapaz.

— Estou pronto para fazer tudo o que puder, meu senhor — disse Philip.

Sabia que devia usar “senhor” sempre que possível, mas a palavra lhe soava de maneira estranha e ele receava exagerar. O gerente gostava de falar. Isso lhe dava um agradável sentimento da sua própria importância. Não participou a Philip a sua decisão senão depois de muito palavrório.

— Bom, acho que você serve — disse afinal, com ar pomposo. — Em todo caso, estou disposto a lhe dar uma oportunidade.

— Muito obrigado, meu senhor.

— Pode começar desde já. Vou lhe pagar seis xelins por semana, com casa e comida. Como vê, terá tudo o que precisa e os seis xelins serão apenas dinheiro de algibeira. O pagamento é mensal. Pode começar na segunda-feira. Acho que não tem motivo de queixa.

— Não, senhor.

— Sabe onde fica Harrington Street, em Shaftesbury Avenue?

É lá que você vai dormir. Número dez. Pode ir para lá domingo à noite, se quiser. Se não, mande sua mala segunda-feira. — E, inclinando a cabeça: — Passe bem.

Mrs. Athelny emprestou a Philip dinheiro com que pagar a senhoria, o suficiente para que ela o deixasse retirar as suas coisas. Por cinco xelins e a cautela de um terno, o rapaz conseguiu numa casa de penhor um fraque que lhe assentava muito bem. Desempenhou o resto das roupas. Mandou a mala para Harrington Street e na segunda-feira de manhã se dirigiu para a loja em companhia de Athelny, que o apresentou ao chefe da seção de roupas, deixando-o a sós com ele. Era um homenzinho de trinta anos, amável e irrequieto. Chamava-se Sampson. Apertou a mão de Philip e, para mostrar as suas qualidades, de que muito se orgulhava, perguntou-lhe se falava francês. Ficou surpreendido quando recebeu resposta afirmativa.

— E alguma outra língua?

— Falo alemão.

— Upa! Às vezes também vou a Paris. *Parlez-vous français?* Já estive no Maxim's?

Philip foi colocado no alto da escadaria da seção de roupas. Consistia o seu trabalho em dirigir os fregueses aos vários departamentos. Estes, ao que parecia, eram muitos: mr. Sampson enumerou-os rapidamente. De súbito percebeu que Philip manquejava.

— Que é que tem na perna? — indagou.

— Tenho um pé torto. Mas isso não me impede de caminhar ou de fazer qualquer outra coisa.

O chefe de seção olhou um momento para o pé com ar de dúvida, e Philip calculou que o homem estivesse perguntando a si mesmo por que o gerente o havia admitido. Philip sabia que o gerente não tinha notado nada.

— Não espero que acerte com todas as seções no primeiro dia. Quando tiver alguma dúvida, pergunte a uma das moças.

Mr. Sampson retirou-se e Philip, procurando lembrar-se de onde ficava esta ou aquela seção, aguardava com ansiedade algum cliente que viesse pedir informações. À uma hora subiu para almoçar. O refeitório, que ficava no último andar do vasto edifício, era amplo, comprido e bem iluminado, mas

todas as janelas estavam fechadas por causa da poeira e sentia-se ali um horrível cheiro de cozinha. Havia longas mesas cobertas por toalhas, com grandes garrafas d'água dispostas a intervalos, tendo ao centro saleiros e vinagreiros. Os empregados entravam em grupos ruidosos e sentavam-se em bancos que guardavam ainda o calor dos que tinham almoçado às doze e trinta.

— E nada de pickles! — observou o homem que estava ao lado de Philip.

Era um moço magro e alto, de nariz adunco e rosto pastoso.

A cabeça alongada, de forma irregular, dava a impressão de que o crânio fora comprimido a esmo, aqui e ali. Viam-se-lhe na testa e pescoço grande quantidade de espinhas vermelhas e inflamadas. Chamava-se Harris. Philip veio a saber que em certos dias traziam para a mesa grandes pratos cheios de *mixed-pickles*. Eram muito apreciados. Por ora não havia facas nem garfos, mas dentro em pouco um rapaz grande e gordo, de casaco branco, entrou com um punhado de talheres e atirou-os com grande ruído para cima da mesa. Cada um dos empregados apanhou o que precisava. Estavam os talheres quentes e gordurosos, por terem sido lavados havia pouco em água já usada. Pratos em que a carne nadava em molho eram passados ao redor da mesa por servidores de paletó branco, e quando eles os arremessavam, num gesto de prestidigitador, o molho transbordava e caía na toalha. Trouxeram depois grandes travessas com repolhos e batatas, a cuja vista o estômago de Philip se revoltou. O rapaz notou que todos deitavam grande quantidade de vinagre na comida. O barulho era ensurdecedor. Conversava-se, ria-se, gritava-se. Ouvia-se o tinir de facas e garfos e estranhos ruídos de mastigação. Foi com satisfação que Philip voltou para a loja. Estava começando a aprender onde ficava esta ou aquela seção, e já era com menos freqüência que fazia perguntas a esse respeito aos empregados, quando alguém precisava de uma indicação.

— A primeira à direita. A segunda à esquerda, madame.

Uma ou duas das moças, quando o trabalho diminuía, dirigiram-lhe uma palavra e Philip percebeu que estavam lhe tomando o pulso. Às cinco mandaram-no subir novamente para o refeitório, a fim de tomar chá. Foi com prazer que se sentou. Viam-se na mesa grandes fatias de pão prodigamente barradas de manteiga, e muitos empregados tinham os seus potes de geléia, que eram guardados no vestiário e traziam o nome do dono escrito no rótulo.

Philip estava exausto quando o trabalho terminou, às seis e meia. Harris, o seu vizinho de mesa, ofereceu-se para levá-lo a Harrington Street a fim de lhe

mostrar onde iria dormir. Disse a Philip que havia uma cama desocupada em seu quarto e, como os outros quartos estavam cheios, achava que Philip ia ser alojado lá. A casa de Harrington Street tinha sido uma sapataria, e onde existira a loja ficava agora o quarto de dormir. Era muito escuro, uma vez que três quartas partes de cada janela tinham sido entaipadas; e, como não as abrissem, a única ventilação era feita por uma pequena clarabóia ao fundo.

O lugar cheirava a mofo e Philip deu graças a Deus por não ter de dormir naquela peça. Harris levou-o à sala de visitas, que ficava no primeiro andar; tinha ela um velho piano cujo teclado dava a impressão duma fileira de dentes estragados. Em cima da mesa, numa caixa de charutos sem tampa, achava-se um jogo de dominós. Números atrasados de *The Strand Magazine* e de *The Graphic* ali se encontravam em desordem. As outras peças eram usadas como quartos de dormir. Aquela em que Philip ia se instalar ficava no último pavimento. Havia nele seis camas e ao lado de cada uma delas se via um caixão ou um baú. A única mobília era uma cômoda: tinha quatro gavetas grandes e duas pequenas. Philip, como novato, ficou com uma destas. Cada uma tinha a sua chave, mas, como todas eram iguais, não possuíam elas grande utilidade. Harris aconselhou o rapaz a guardar na mala o que fosse de valor. Por cima da chaminé pendia um espelho. Harris indicou a Philip o lavatório, uma sala ampla com oito bacias enfileiradas; era ali que todas os pensionistas se lavavam.

O lavatório dava para outro quarto onde havia duas banheiras encardidas, com os tabiques manchados de sabão. Linhas negras marcavam os diferentes níveis alcançados pela água dos banhos.

Quando Harris e Philip voltaram para o quarto de dormir, encontraram um homem alto trocando de roupas e um rapaz de dezesseis anos assobiando com toda a força, enquanto escovava o cabelo. Dentro de poucos instantes, sem dizer palavra, o homem alto retirou-se. Harris piscou o olho para o menino e este ainda a assobiar fez o mesmo. Harris disse a Philip que o homem se chamava Prior: estivera no exército e agora trabalhava na seção de sedas. Vivia muito isolado. Todas as noites ia ver a namorada, saindo sem ao menos dizer boa-noite. Harris retirou-se também e o menino ficou olhando com curiosidade para Philip enquanto este tirava as suas coisas da mala. Chamava-se Bell e estava trabalhando de graça, como aprendiz, na seção de miudezas. Mostrou-se muito interessado no traje de noite de Philip. Falou-lhe dos outros ocupantes do quarto, fazendo-lhe toda sorte de perguntas pessoais.

Era um rapaz alegre e nos intervalos da conversação cantava em voz rachada trechos de canções de *music-hall*. Depois de terminar, Philip foi dar um passeio pelas ruas, a olhar os transeuntes. De vez em quando parava à porta dos restaurantes e olhava para os que entravam. Sentiu fome: comprou um bolo, que comeu enquanto caminhava. O zelador, o homem que às onze e quinze fechava o gás, dera-lhe uma chave, mas, temendo que trancassem a casa, Philip voltou a tempo. Conhecia já o sistema de multas: quem entrava depois das onze pagava um xelim, e meia coroa se chegasse depois das onze e quinze. Além disso, os atrasos eram levados ao conhecimento da direção: à terceira vez o empregado era demitido.

Quando Philip chegou, todos menos o soldado já haviam voltado e dois já estavam na cama. Philip foi recebido com gritos.

— Oh, Pancrácio! Seu malandro!

Philip viu que Bell tinha vestido no travesseiro o seu traje de noite. O rapaz estava radiante com a brincadeira.

— Você precisa vestir essa roupa na festa dos empregados, Pancrácio.

— E se não tomar cuidado, vai conquistar a beldade da firma.

Philip já ouvira falar das “noites sociais”, pois o dinheiro descontado do ordenado para custeá-las causava descontentamento permanente aos empregados. Eram apenas dois xelins por mês, incluindo assistência médica e direito a uma biblioteca composta de novelas surradas. Mas como, além disso, se descontavam ainda quatro xelins por mês para a lavagem de roupa, Philip chegou à conclusão de que nunca chegaria a ver a quarta parte de seus seis xelins.

A maioria dos homens comia grossas fatias de toucinho metidas entre dois pedaços de pão. Esses sanduíches, a ceia habitual dos empregados da firma, eram fornecidos a dois *pence* cada um por uma pequena mercearia vizinha. O soldado entrou pesadamente; silencioso e rápido, tirou a roupa e jogou-se na cama. Às onze e dez a chama do gás aumentou subitamente e cinco minutos mais tarde apagou-se.

O soldado dormiu em seguida, mas os outros, em pijama e camisa de dormir, agruparam-se perto da grande janela e atiraram o resto de seus sanduíches em cima das mulheres que passavam lá embaixo, ao mesmo tempo que lhes gritavam graçolas. A casa vizinha, de seis andares, era uma oficina de alfaiates judeus, que trabalhavam até as onze horas. As janelas não tinham cortinas e estavam vivamente iluminadas. A filha do explorador daquela gente — a

família consistia em pai, mãe, dois meninos e uma moça de vinte anos — corria a casa para apagar as luzes quando o trabalho terminava. Às vezes ela permitia que um dos alfaiates lhe fizesse a corte. Os colegas de Philip divertiam-se imensamente espiando as manobras de um ou outro homem para ficar por último. Faziam pequenas apostas para ver quem acabaria vencendo. À meia-noite fechavam a taverna do final da rua e pouco depois todos iam para a cama. Bell, que era o que dormia mais perto da porta, atravessava o quarto pulando de cama para cama e nem mesmo quando chegava à sua parava de falar. Por fim tudo mergulhava num silêncio, quebrado apenas pelo roncar firme do soldado. Philip adormeceu.

Às sete horas acordou ao som estridente duma sineta e aos quinze para as oito todos estavam vestidos e desciam apressados a escada, descalços, para apanhar lá embaixo os sapatos. Amarravam-nos a caminho da loja de Oxford Street, onde iam tomar café. Se chegassem um minuto depois das oito não encontravam mais nada e, uma vez na casa, não tinham licença de sair para ir comer. Em certas ocasiões, se sabiam que não chegariam a tempo, detinham-se numa leiteria perto da casa onde dormiam e compravam dois bolos; mas isso custava dinheiro e a maioria preferia ficar sem comer até a hora do almoço. Philip comeu algumas fatias de pão com manteiga, tomou uma xícara de chá, e às oito e meia começou o trabalho do dia.

— A primeira à direita. A segunda à esquerda, madame.

Em breve começou a responder às perguntas de maneira completamente maquinal. O trabalho era monótono e muito cansativo. Depois de alguns dias, doíam-lhe os pés de tal forma que mal se podia manter ereto. Os tapetes grossos e macios faziam-no arder, e à noite era-lhe doloroso tirar as meias. A queixa era geral e os seus colegas disseram-lhe que as meias e os sapatos apodreciam em consequência daquele suor contínuo. Todos os companheiros de quarto sofriam da mesma maneira e aliviavam a dor dormindo com os pés para fora das cobertas. A princípio, Philip não podia absolutamente caminhar e viu-se obrigado a passar os serões na sala de estar da casa de Harrington Street, com os pés num balde de água fria. O seu companheiro nessas ocasiões era Bell, o rapaz da seção de miudezas, que muitas vezes não saía a fim de classificar os selos de sua coleção. E, enquanto os prendia com pedacinhos de papel, assobiava monotonamente.

As reuniões sociais se realizavam alternadamente nas segundas-feiras. Havia uma no princípio da segunda semana de trabalho de Philip na firma. Ficou combinado que o rapaz iria à festa em companhia de uma das empregadas da sua seção.

— Não se venda barato — aconselhou ela. — Faça como eu.

Tratava-se de mrs. Hodges, uma mulherzinha de quarenta e cinco anos, de cabelos mal tingidos e rosto bilioso todo estriado de vasos capilares. A esclerótica de seus olhos azuis desbotados era amarelenta. Tomada de súbita amizade por Philip, não fazia ainda uma semana que o rapaz se achava na loja e já ela o tratava intimamente.

— Nós dois é que sabemos o que é ter visto melhores tempos.

Contou a Philip que seu nome verdadeiro não era Hodges, mas sempre se referia ao “meu marido Misteradges”, um advogado que a tratara de maneira tão deplorável que ela preferira abandoná-lo, recuperando a independência. Mas sabia o que era ter carruagem própria, meu amigo — chamava a todos “meu amigo” — e ela e o marido nunca comiam na hora certa. Costumava palitar os dentes com o alfinete de enorme broche de prata: um chicote e um rebenque cruzados, tendo no centro duas esporas. Philip sentia-se mal no novo ambiente e as moças da loja chamavam-lhe “convencido”. Uma tratou-o um dia por “Phil” e ele não respondeu porque não tinha a menor idéia de que ela estivesse se dirigindo à sua pessoa. A empregada virou-lhe o rosto, chamou-lhe “tipo presunçoso” e, na próxima vez que lhe falou, disse com enfática ironia “*mister Carey*”. Era uma certa miss Jewell e ia casar-se com um médico. As outras garotas nunca tinham visto o noivo, mas afirmavam que devia ser um *gentleman*, a julgar pelos presentes encantadores que lhe dava.

— Nunca dê importância ao que eles dizem, meu amigo — dizia mrs. Hodges. — Eu também passei pelo que você está passando. Elas não têm educação, as pobrezinhas... Acredite no que lhe digo, acabarão gostando de você se conservar a sua dignidade, como eu conservei a minha.



A festa se realizava no restaurante do rés-do-chão. As mesas maiores eram arrastadas para junto das paredes, a fim de dar espaço para as danças, e as menores eram preparadas para o uíste progressivo.

— Os chefes têm de chegar lá cedo — disse Mrs. Hodges.

Apresentou Philip a Miss Bennett, que era a beldade da firma. Dirigia a seção de “Roupas de Baixo”, e quando Philip entrou ela estava conversando com o chefe da seção de “Meias para Cavalheiros”. Miss Bennett era uma mulher de proporções maciças, de cara muito grande e vermelha, fortemente empoada, e busto de dimensões imponentes. Trazia os cabelos louros penteados com esmero. Estava vestida com luxo exagerado para a ocasião, mas não sem gosto: vestido negro de gola alta e luvas de glacê também negras, que não tirava nem para jogar cartas. Viam-se-lhe ao redor do pescoço várias e pesadas correntes de ouro; braceletes nos pulsos e pendants com medalhões, num dos quais levava a fotografia da rainha Alexandra. Carregava uma bolsa de cetim preta e mastigava pastilhas de alcaçuz.

— Prazer em conhecê-lo, Mr. Carey — disse ela. — É a primeira vez que vem às nossas noites sociais, não? O senhor deve sentir-se um pouco acanhado, mas não há razão para isso, eu lhe garanto.

Fazia o possível para que os convivas ficassem à vontade. Dava-lhes palmadinhas no ombro e ria muito.

— Sou muito traquinas, não é? — indagou ela, voltando-se para Philip. — Não sei o que é que o senhor vai pensar de mim... Mas não posso me conter.

Os convidados iam entrando: eram principalmente os empregados mais moços, rapazes que não tinham namoradas, e moças que não haviam encontrado ninguém com quem passear. Alguns dentre os moços vestiam roupa de passeio com gravata branca de laço e lenço de seda vermelha. Como iam representar, tinham um ar abstrato e atarefado. Alguns mostravam-se confiantes, mas outros deixavam transparecer o nervosismo e olhavam ansiosamente para o seu público. Em dado momento, uma moça de basta cabeleira sentou-se ao piano e correu os dedos pelo teclado. Quando o auditório se acomodou, a moça correu os olhos em redor e deu o nome da peça:

— “Um passeio na Rússia.”

Espoucaram aplausos durante os quais, com muita destreza, ela ajeitou guizos nos pulsos. Sorriu de leve e imediatamente rompeu numa vigorosa melodia. Ao terminar, estouraram de novo as palmas e, quando estas cessaram,

a moça tocou, como bis, uma peça que imitava o mar. Havia pequenos trilos que representavam o ruído das ondas e acordes trovejantes, com todo o pedal, para sugerir uma tempestade. Depois disso, um cavalheiro entoou uma canção chamada “Dize-me adeus” e, como bis, mimoseou a platéia com a “Canta para eu dormir”.

O auditório demonstrava o seu entusiasmo com grande discernimento. Todas eram aplaudidos até bisarem, e para que não houvesse ciúmes as palmas eram iguais para todos. Miss Bennett avançou para Philip.

— Tenho certeza de que o senhor toca ou canta, mr. Carey — disse ela, galhofeira. — A gente vê isso na sua fisionomia.

— Receio que a senhora esteja enganada.

— Mas nem ao menos recita?

— Não tenho nenhuma habilidade de salão.

O chefe da seção de “Meias para Cavalheiros” era um declamador afamado. Os empregados de seu departamento pediram em altas vozes que ele dissesse alguma poesia. Não foi preciso insistir. O homem despejou um longo poema de caráter trágico, durante o qual revirou os olhos, pôs a mão no peito e portou-se como se estivesse preso de terrível agonia. No último verso tudo se explica: o herói do poema tinha comido pepinos ao jantar. Isso provocou risos, mas um pouco forçados, pois todos conheciam muito bem o poema. Mesmo assim riram alto e longamente. Miss Bennett não cantava, não tocava nem recitava.

— Oh, não, ela tem uma habilidadezinha própria — disse mrs. Hodges.

— Ora, não comecem a mangar comigo. É verdade que sei ler a mão e predizer o futuro.

— Oh!, leia a minha mão, miss Bennett — exclamaram os empregados da sua seção, ansiosos por agradá-la.

— Não gosto de ler a mão, não gosto mesmo. Já disse a várias pessoas coisas horríveis que vieram a acontecer e isso deixa a gente supersticiosa.

— Oh, miss Bennett, só uma vez.

Um grupo se reuniu ao redor dela, e, no meio de gritos de embaraço, risinhos, rubores e exclamações de susto ou admiração, a beldade da firma falou com ar misterioso de homens louros e morenos, de carta com dinheiro e de viagens, até que o suor em grossas bagas lhe rorejou a cara pintada.

— Olhem só para mim — dizia ela. — Estou toda ensopada.

A ceia era às nove. Havia bolos, roscas, sanduíches, chá e café, tudo de graça. Mas quem quisesse uma água mineral tinha de pagar.

A galanteria levava muitas vezes os moços a oferecer *ginger-beer* às senhoras, mas as boas maneiras não lhes permitiam aceitar. Miss Bennett gostava muitíssimo de *ginger-beer* e não se acanhava de beber duas e até três garrafas durante a noite; mas insistia em pagá-las de seu bolso. Os homens gostavam dela por isso.

— É uma esquisitona — diziam —, mas note-se que não é má pessoa, não é como muitas outras.

Depois da ceia jogava-se uíste. Quando os jogadores passavam de mesa para mesa, ouviam-se muitas risadas e gritos. Miss Bennett sentia cada vez mais calor.

— Olhem para mim — dizia. — Estou toda ensopada.

Na momento oportuno, um dos mais ousados dentre os jovens observou que se quisessem dançar, já era tempo de começar. A moça que tinha tocado os acompanhamentos sentou-se ao piano e plantou um pé decidido no pedal. Tocou uma valsa sonhadora, marcando o compasso nos graves, enquanto com a mão direita bordava arabescos em oitavas alternadas. Para variar, cruzou as mãos e passou a tocar a melodia nos baixos.

— Ela toca bem, não é? — disse mrs. Hodges a Philip. — E o mais interessante é que nunca teve um professor. Puro ouvido.

Miss Bennett amava a dança e a poesia acima de todas as coisas deste mundo. Dançava bem, mas com extrema lentidão. Vinha-lhe aos olhos a expressão de quem tinha os pensamentos longe, perdidos na distância. Falava incessantemente sobre o assoalho, o calor, a ceia. Dizia que os salões de Portman tinham os melhores assoalhos de Londres e ela sempre gostava dos bailes que havia lá. Eram muita seletos, e ela não suportava dançar com toda a espécie de homens que a gente não conhece. “Ora, o senhor vê, uma moça se expõe a nem sei a quê...”

Quase todas as pessoas dançavam muito bem e divertiam-se. O suor escorria-lhes pelos rostos e os colarinhos muito altos dos rapazes amoleciam.

Philip olhava a cena, tomado duma tristeza que havia muito não se lembrava de ter experimentado. Sentia-se intoleravelmente só. Não se retirava porque temia parecer orgulhoso. Ria e falava com as moças, mas no fundo era infeliz. Miss Bennett perguntou-lhe se tinha namorada.

— Não — sorriu ele.

— Oh, não faz mal. Aqui há muitas para escolher. E algumas delas são moças muito distintas. Espero que não demore muito em arranjar uma...

Olhou para ele com ar travesso.

— Não se venda barato — disse mrs. Hodges. — É isso que eu sempre digo a ele.

Eram quase onze horas quando a festa acabou. Philip não pôde dormir. Como os outros, mantinha os pés doloridos fora das cobertas. Procurava com toda a sua energia não pensar na vida que estava levando. O soldado roncava tranqüilamente.

O salário era pago mensalmente pelo secretário. No dia de pagamento, os grupos de empregados, ao descer do chá, entravam no corredor e juntavam-se à longa fila dos que esperavam em ordem, como nessas que se formam diante duma bilheteria. Um a um, os homens penetravam no escritório. O secretário se achava sentado à escrivaninha, tendo à frente uma espécie de gamela cheia de dinheiro. Perguntava o nome do empregado, procurava-o rápido no livro de registro e, depois de um olhar de suspeita dirigido ao funcionário, mencionava em voz alta a soma que este ia receber e, tirando o dinheiro da gamela, contava-o na mão.

— Obrigado — dizia. — Outro!

— Obrigado — era a resposta.

O empregado passava para o segundo secretário e, antes de deixar o escritório, pagava-lhe os quatro xelins correspondentes à lavagem da roupa, os dois xelins para a associação e as multas em que porventura tivesse incorrido. Com o que lhe restava, voltava para a sua seção e lá ficava esperando a hora de fechar. Em sua maioria, os homens que moravam com Philip deviam à mulher que lhes vendia os sanduíches de que habitualmente consistia a sua ceia. Era ela uma velha engraçada, muito gorda, de larga cara vermelha e cabelos escuros corretamente penteados em bandós, segundo a moda que nos mostram os primeiros retratos da rainha Vitória. Costumava usar um chapeuzinho preto, avental branco e mangas arregaçadas até os cotovelos. Cortava os sanduíches com as manzorras sujas e engraxadas. Tinha graxa na blusa, graxa no avental e graxa na saia. O seu nome era mrs. Fletcher, mas todos lhe chamavam “Mamã”. Gostava realmente dos empregados da loja — os “meus meninos”, como dizia — e nunca lhes negava crédito no fim do mês. Era sabido que, de quando em quando, emprestava a este e àquele alguns xelins em ocasiões de aperto. Era uma boa mulher. Quando saíam para as férias ou delas voltavam, os empregados beijavam-lhe as faces gordas e vermelhas.

E a mais de um que perdera o emprego e não conseguia achar outro trabalho,

ela dera comida de graça. Os moços ficavam sensibilizados ante o grande coração da velha e lhe retribuíam com uma afeição sincera. Havia uma história que gostavam de contar. Um homem que prosperara em Bradford, a ponto de chegar a ser dono de cinco lojas, voltara depois de quinze anos para visitar “Mamã Fletcher” e dar-lhe de presente um relógio de ouro.

Philip achou-se com dezoito xelins, o que lhe sobrara do pagamento do mês. Era o primeiro dinheiro que ganhava com o seu trabalho. Não lhe dava nem um pouco de orgulho, o que seria de esperar; causava-lhe apenas uma sensação de desfalecimento. A pequenez da soma agravava o desamparo de sua situação. Quis dar quinze xelins a mrs. Athelny, como pagamento parcial do que lhe devia, mas ela não aceitou mais de meio soberano.

— Mas a senhora não vê que assim vou levar oito meses para pagar a minha dívida?

— Enquanto o Athelny estiver trabalhando, posso esperar. E, depois, quem sabe se eles não vão lhe dar um aumento?

Athelny prometia sempre falar ao gerente a respeito de Philip. Era absurdo que o talento do rapaz não fosse aproveitado. Mas nada fez, e Philip em breve chegou à conclusão de que o agente de publicidade não era pessoa de tão grande importância aos olhos do gerente como o era a seus próprios olhos. Às vezes via Athelny na loja. Ali perdia ele o ar bombástico. E, metido em roupas limpas, mas vulgares e surradas, passava apressado através das seções — um homenzinho humilhado, cabisbaixo, ansioso por que ninguém desse pela sua presença.

— Quando penso no tempo que perco inutilmente naquela firma... — dizia ele em casa. — Fico quase tentado a pedir demissão. Aquilo não é campo para um homem como eu. Estou me estragando, passo fome.

Mrs. Athelny, que costurava tranqüilamente, não dava ouvidos àquelas queixas. Apertava um pouco os lábios.

— É muito difícil encontrar trabalho hoje em dia. O emprego que tem é fixo e garantido. Espero que fique nele enquanto estiverem satisfeitos contigo.

Era evidente que Athelny ia ficar. Interessante observar a ascendência que essa criatura sem instrução, que não lhe estava presa por nenhum laço legal, tinha adquirido sobre aquele homem brilhante e volúvel. Agora que Philip se encontrava numa situação diferente, mrs. Athelny o tratava com uma bondade maternal. O rapaz se comovia ao ver-lhe a ansiedade para que ele comesse bem. Era o conforto de sua vida (e quando se habituou àquilo, a monotonia

desta era o que mais o apavorava) poder ir todos os domingos àquela casa amiga. Que alegria sentar-se naquelas imponentes cadeiras espanholas e discutir todas as espécies de coisas com Athelny! Embora suas condições de vida não lhe parecessem nada auspiciosas, ele sempre voltava para o seu quarto de Harrington Street com um sentimento de alegria exultante. A princípio, para não esquecer o que aprendera, Philip tentou continuar a leitura de seus livros de medicina, mas viu que era inútil. Não podia concentrar-se no estudo, depois do exaustivo trabalho do dia. Parecia inútil continuar a estudar, visto não saber quando lhe seria possível voltar para o hospital. Sonhava freqüentemente que estava na enfermaria. O despertar era doloroso. A sensação de outras pessoas dormindo no mesmo quarto era-lhe inexprimivelmente penosa. Habituar-se à solidão e, estar sempre em companhia de outros, nunca ficar um instante a sós consigo próprio, parecia-lhe horrível nesses momentos. Era então que se lhe afigurava mais difícil combater o desespero. Via-se a continuar naquela vida — “primeira à direita, segunda à esquerda, madame” — indefinidamente. E além disso, teria de dar graças a Deus se não fosse despedido. Os homens que tinham ido para a guerra em breve estariam de volta; a firma lhes havia garantido a readmissão, e isso significava que outros seriam dispensados. Precisaria movimentar-se até mesmo para manter o miserável posto que ocupava.

Só uma coisa podia libertá-lo: era a morte do tio. Receberia então algumas poucas centenas de libras e com elas estaria capacitado a terminar o curso de medicina. Começou a desejar de todo o coração a morte do velho. Calculava o tempo que lhe podia restar de vida.

O pastor já passara bem dos setenta. Philip não lhe sabia a idade exata, mas tio William devia ter pelo menos uns setenta e cinco. Sofria de bronquite crônica e todos os invernos vinha-lhe uma tosse rebelde. Embora já soubesse a matéria de cor, Philip lia e tornava a reler, nos seus livros de medicina, a marcha da bronquite crônica nas pessoas idosas. Um inverno rigoroso podia ser fatal ao velho. De todo o coração Philip desejava chuva e frio. Pensava nisso constantemente, de tal modo que a idéia se converteu em monomania. Tio William também sofria os efeitos do calor, e em agosto havia três semanas de canícula. Philip imaginava a chegada de um telegrama dando conta da morte súbita do vigário, e pensava no inexprimível alívio que sentiria.

Enquanto, no alto da escada, indicava às pessoas os departamentos desejados, ocupava-se em refletir no que faria com o dinheiro. Não sabia de

quanto era a herança; talvez não fosse mais de quinhentas libras, mas mesmo isso seria o bastante. Deixaria o emprego imediatamente, sem se dar o trabalho de notificar aos patrões, arranjar a sua mala e sairia sem dizer palavra a ninguém; voltaria então para o hospital. Essa era a primeira coisa a fazer. Teria esquecido muito do que aprendera? Em seis meses recordaria tudo; feito isso, submeter-se-ia aos seus três exames o mais depressa possível; em primeiro lugar obstetrícia e, depois, cirurgia e clínica médica. Assaltava-o o medo terrível de que o tio, não obstante as suas promessas, viesse a deixar tudo para a igreja e a paróquia. Este pensamento tornava-o doente. O tio não poderia ser assim tão cruel. Mas se isso acontecesse, Philip estava perfeitamente resolvido quanto ao que fazer. Não continuaria indefinidamente daquela maneira. A vida era-lhe tolerável apenas porque podia esperar algo de melhor. Se não tivesse esperança, não teria medo. A única decisão corajosa, em tal circunstância, seria suicidar-se e, pensando nisso repetidas vezes, Philip deliberava cuidadosamente qual o veneno indolor a tomar e como haveria de consegui-lo. Dava-lhe ânimo pensar que, se as coisas se tornassem insuportáveis, ele possuía afinal de contas uma forma de evasão.

— Segunda à direita, madame, e embaixo. Primeira à esquerda, depois siga direto. Mr. Philips, faça o favor de seguir em frente.

Uma vez por mês, durante uma semana, Philip ficava “de serviço”. Tinha de ir para a seção às sete da manhã e vigiar os varredores. Quando estes terminavam, ele devia tirar as capas das caixas e dos modelos. Depois, à noite, quando os empregados iam embora, tinha de repor as coberturas nos modelos e nas caixas e “chefiar” novamente os varredores. Era um trabalho poeirento e sujo. Não se lhe permitia ler, escrever ou fumar, mas simplesmente andar de cá para lá. O tempo custava imenso a passar. Quando saía, às nove e meia, davam-lhe uma pequena ceia e era esta a única compensação; pois o chá das cinco deixava-o com um grande apetite e o pão com queijo, o chocolate abundante que a firma fornecia, eram recebidos com satisfação.

Um dia, quando fazia já três meses que Philip trabalhava na firma de Lynn, mr. Sampson entrou no departamento, espumando de cólera. O gerente, que ao entrar olhara a vitrina de roupas, havia mandado chamar o chefe da seção e fizera observações satíricas a propósito do arranjo das cores. Obrigado a silenciar diante do sarcasmo de seu superior, mr. Sampson desforrou-se nos caixeiros e deu uma descompostura no pobre-diabo que tinha a seu cargo a ornamentação da vitrine.



— Quando a gente quer uma coisa bem-feita tem de fazer com as próprias mãos — trovejava ele. — Já disse isso e nunca me canso de repetir. Não se pode confiar nada a vocês. E ainda se acham inteligentes... Ora... inteligentes!

Atirava-lhes esta palavra como se ela fosse o mais acerbo termo de injúria.

— Não sabem que se pusermos um azul-metálico na vitrina ele matará todos os outros azuis?

Correu os olhos pela seção, com ar feroz, e seu olhar recaiu sobre Philip.

— Você fica encarregado de fazer a vitrina na próxima sexta-feira, Carey. Vamos ver o que é que vai sair.

Voltou para o seu escritório, resmungando cheio de cólera. O coração de Philip desfaleceu. Quando chegou a sexta-feira, ele entrou na vitrina com uma doentia sensação de vergonha. As faces lhe ardiam. Era horrível exhibir-se aos transeuntes e, embora tentasse convencer-se de que era uma tolice entregar-se a semelhante sentimento, voltou as costas para a rua. Não havia muita probabilidade de que algum dos estudantes do hospital passasse pela Oxford Street àquela hora, e ele não conhecia ninguém mais em Londres. Mas, enquanto trabalhava, com um nó na garganta, Philip tinha a permanente impressão de que, ao voltar-se, daria com os olhos em algum conhecido. Apressou-se o máximo possível. Pela simples observação de que todos os vermelhos se casavam bem, espaçando os modelos mais do que o habitual, Philip conseguiu um efeito excelente. E quando o chefe da seção foi à rua para apreciar o resultado, ficou visivelmente satisfeito.

— Eu sabia que não estava errado em mandar você para a vitrina. O fato é que você e eu somos *gentlemen*. Olhe que eu não diria isso lá na seção, mas você e eu somos *gentlemen* e isso sempre dá na vista. Não adianta dizer que não, porque eu sei que isso dá na vista.

Philip foi escalado para fazer regularmente esse trabalho, mas não se pôde acostumar à publicidade. Abominava as manhãs de sexta-feira, quando lhe cumpria arranjar a vitrina, num medo que o fazia despertar às cinco horas e ficar na cama de olhos abertos, com o coração angustiado. As moças da seção perceberam-lhe o jeito acanhado e depressa descobriram o seu estratagema de ficar com as costas voltadas para a rua. Riam dele e chamavam-lhe “arisco”.

— Acho que você tem medo de que a sua tia passe e risque o seu nome do testamento.

De um modo geral o rapaz se dava bem com as funcionárias. Elas o achavam um tanto esquisito, mas o seu pé torto parecia desculpar o fato de ele não ser como os outros. E com o correr do tempo verificaram que Philip era boa pessoa. Nunca deixava de auxiliar os outros, era polido e afável.

— Está se vendo que é um *gentleman* — diziam.

— Muito reservado, não é? — observou uma das garotas, cujo apaixonado entusiasmo pelo teatro deixara Philip impassível.

Em sua maioria, essas moças tinham “amiguinhos”, e as que não os tinham preferiam dizer o contrário a dar a entender que ninguém as procurava. Uma ou duas deram sinais de querer começar namoro com Philip. Este lhes observava as manobras, divertindo-se sob o seu ar grave. Fartara-se de amar por muito tempo; quase sempre se sentia cansado e muitas vezes com fome.

Philip evitava os lugares que freqüentara em tempos mais felizes. As pequenas reuniões na taverna de Beak Street tinham cessado. Macalister, como deixara os amigos em má situação, não mais aparecia lá e Hayward estava no Cabo. Só restava Lawson e Philip, sentindo agora que o pintor e ele nada mais tinham em comum, não desejava vê-lo. Mas um sábado à tarde, depois do jantar, após mudar de roupa, Philip descia a Regent Street para ir à Biblioteca Pública, em St. Martin's Lane, resolvido a passar lá a tarde quando, de súbito, viu-se face a face com o pintor. Seu primeiro impulso foi o de passar sem dizer uma palavra, mas Lawson não lhe deu ensejo para tal.

— Mas onde diabo esteve metido todo esse tempo? — indagou ele.

— Eu?

— Escrevi convidando-o a vir ao estúdio para uma boa farra e você nem sequer respondeu...

— Não recebi a sua carta.

— Sim, eu sei. Fui ao hospital perguntar por você e vi a minha carta no escaninho da entrada. Deu o fora na medicina?

Philip hesitou um momento. Envergonhava-se de dizer a verdade, mas a vergonha que sentia deixava-o encolerizado. Fez um esforço para falar. Não pôde conter o rubor das faces.

— Deixei, sim. Perdi o pouco dinheiro que tinha. Não tive recursos para continuar.

— Ora... Que pena! Que está fazendo agora?

— Sou recepcionista numa loja.

Estas palavras sufocaram Philip, mas ele estava resolvido a não esconder a verdade. Manteve os olhos fitos em Lawson e viu-lhe o embaraço. Sorriu furioso.

— Se você for à casa Lynn & Sedley e se dirigir à seção de “Roupas Feitas”, há de me ver metido num fraque, caminhando de lá para cá com ar *dégagé*, indicando os balcões para as damas que querem comprar camisolas ou meias. “Primeira à direita, madame, e segunda à esquerda.”

Vendo que Philip estava fazendo chacota, Lawson riu desajeitadamente. Não sabia o que dizer. O quadro que o outro lhe pintara horrorizava-o, mas ele temia mostrar comiseração.

— É uma grande mudança para você... — disse.

As palavras pareceram-lhe absurdas e logo se arrependeu de as ter pronunciado. Philip corou profundamente.

— E... Ah! A propósito, estou lhe devendo cinco xelins.

Meteu a mão no bolso e tirou algumas moedas de prata.

— Ora, isso não tem importância. Eu até já tinha esquecido.

— Toma lá, anda.

Lawson recebeu o dinheiro em silêncio. Achavam-se ambos no meio da calçada e as pessoas ao passarem os acotovelavam. Havia nos olhos de Philip um brilho sarcástico que causava intenso mal-estar ao pintor. Ignorava que o coração do outro estava cheio de desespero. Lawson desejava fazer com urgência alguma coisa, mas não sabia o quê.

— Escute, não quer ir ao estúdio para conversar um pouco?

— Não.

— Por quê?

— Não há nada a dizer.

Philip viu uma expressão dolorosa nos olhos de Lawson. Lamentava, mas nada podia fazer: tinha de pensar em si mesmo. Não podia suportar a idéia de discutir a sua situação: só podia aturá-la mediante permanente resolução de não pensar nela. Receava a própria fraqueza, uma vez que tivesse aberto o coração. Além disso, sentia uma irresistível repulsa pelos lugares em que fora infeliz. Lembrava-se da humilhação que havia sofrido naquele estúdio, quando, torturado por uma fome canina, esperara que Lawson lhe oferecesse uma refeição. Lembrava-se também do dia em que lhe tomara os cinco xelins emprestados. Detestava a presença de Lawson porque ela lhe fazia lembrar aqueles dias de completo rebaixamento.

— Então venha jantar comigo uma noite destas. A noite que você quiser.

Philip estava comovido pela bondade do pintor. Era estranho como toda espécie de gente se mostrava bondosa para com ele, refletiu.

— É uma grande gentileza sua, meu velho, mas prefiro não ir. — Estendeu a mão. — Adeus.

Lawson, perturbado por uma conduta que lhe parecia inexplicável, apertou-lhe a mão e Philip afastou-se rapidamente. Levava um peso no

coração e, como era seu costume, começou a censurar a si mesmo o que tinha feito. Não sabia que louco orgulho o levara a recusar aquela oferta de amizade. Mas ouviu que alguém corria atrás dele e, num dado momento, ouviu a voz de Lawson a chamá-lo. Parou e, de súbito, um sentimento de hostilidade tomou-lhe conta do ser. Philip apresentou a Lawson um rosto frio e fechado.

— Que é que há?

— Já sabe o que houve com Hayward?

— Sim, sei que foi para o Cabo.

— Morreu. Morreu logo que chegou lá.

Por um momento Philip ficou sem responder. Mal podia acreditar no que ouvia.

— Como? — perguntou por fim.

— Ora... Disenteria. Má sorte, não? Estava me parecendo que não sabia. Quando me disseram, fiquei bastante abalado.

Lawson fez um cumprimento rápido com a cabeça e retirou-se. Philip sentiu uma pancada seca no coração. Nunca havia perdido um amigo da sua própria idade, pois a morte de Cronshaw, homem muito mais velho do que ele, ocorrera como um fato normal e esperado.

A notícia que acabava de receber causara-lhe um choque peculiar. Lembrava-lhe a sua própria condição mortal, pois embora, como toda a gente, Philip soubesse perfeitamente que os homens sem exceção devem morrer, não tinha nenhum sentimento íntimo de que isso se aplicasse à sua pessoa. E a morte de Hayward, apesar de haver já muito tempo que não tinha por ele nenhuma afeição especial, atingiu-o profundamente. Lembrou-se, de súbito, de todas as boas conversas que haviam tido e era-lhe doloroso pensar em que jamais haveriam de conversar novamente. Recordava-se de seu primeiro encontro e dos agradáveis meses que tinham passado juntos em Heidelberg. O coração de Philip batia apressado ao lembrar-se dos anos decorridos. Continuou a caminhar maquinalmente, sem notar para onde ia, e de repente verificou, com um movimento de irritação, que em vez de dobrar para Haymarket havia perambulado ao longo da Shaftesbury Avenue. Aborrecia-o voltar sobre os próprios passos e, além disso, aquela notícia lhe tirara a vontade de ler; queria, sim, ficar sentado sozinho e entregar-se aos seus pensamentos. Resolveu ir ao British Museum. A solidão era agora o seu único luxo. Desde que estava na firma Lynn, ia ali com freqüência para se postar diante dos objetos do Parthenon. E, sem nenhum pensamento deliberado, deixava que os mármores

divinos lhe dessem repouso à alma perturbada. Aquela tarde, porém, eles nada tinham para lhe dizer. Depois de uns poucos minutos, saiu impaciente da sala. Havia ali muita gente, provincianos de fisionomia atoleimada, estrangeiros a compulsar catálogos; a fealdade daquela gente conspurcava as obras-primas eternas, sua agitação turbava o repouso imortal dos deuses. Philip entrou em outra sala, onde quase não havia ninguém. Cansado, sentou-se. Os seus nervos estavam tensos. Não podia afastar do espírito aquela gente. Às vezes, na casa de Lynn, tinha a mesma impressão e com horror contemplava o desfile. Eram seres tão feios, e havia tamanha mesquinharia em suas faces, que chegavam a causar terror. Tinham as feições deformadas por toda sorte de desejos vis. Sentia-se que viviam alheios às idéias de beleza. Tinham olhos furtivos e queixos fracos. Não havia maldade neles, apenas pequenez e vulgaridade. O único gênero de espírito que conheciam era a comicidade baixa. Às vezes Philip surpreendia-se a olhar para aquelas criaturas, procurando descobrir com que animal se pareciam. Tratava de evitá-lo, pois isso rapidamente se transformava em obsessão. E em todos havia um pouco de carneiro, de cavalo, de raposa ou de bode. Os seres humanos enchiam-no de repulsa.

Mas, em dado momento, a influência do lugar tomou conta dele. Sentiu-se mais tranqüilo. Começou a olhar distraidamente as pedras tumulares que se enfileiravam na sala. Eram obra de canteiros atenienses do quarto e quinto séculos antes de Cristo. Muito simples, não constituíam trabalho de grande talento, mas nelas vivia o inefável espírito de Atenas. O tempo havia dado ao mármore a cor do mel — de tal maneira que, inconscientemente, se pensava nas abelhas do Himeto — e suavizado os seus contornos. Algumas das lápides representavam uma figura nua sentada num banco. Outras, a separação dos mortos daquelas que os amavam. Noutras ainda se viam os mortos de mãos unidas com alguém que ficava para trás. Em todos, a trágica palavra adeus; isso e nada mais. Essa simplicidade era infinitamente tocante. Amigo deixava amigo, o filho separava-se da mãe e a necessidade de dominar-se fazia mais pungente a dor dos que sobreviviam. Muitos, muitíssimos séculos tinham se passado sobre aquelas desgraças. Fazia dois mil anos que os que haviam chorado jaziam feito pó, bem como aqueles pelos quais tinham pranteado. Mas a sua dor continuava viva e enchia o coração de Philip, de tal modo que ele sentia um impulso de compaixão, dizendo:

— Pobre gente, pobre gente!

E ocorreu-lhe que os visitantes boquiabertos e os gordos turistas a manusear os seus guias, e mais toda aquela gente vulgar e mesquinha que enchia a loja com seus desejos triviais e seus cuidados comuns, eram mortais e deviam morrer. Eles também amavam e se deviam separar dos entes queridos, a mãe do filho, a esposa do marido; e talvez aquilo fosse mais trágico por causa da sordidez e da fealdade de suas próprias vidas. Nada sabiam daquilo que dá beleza ao mundo. Uma pedra havia que era muito bela: um baixo-relevo de dois homens jovens, de mãos dadas; e a reticência da linha, a simplicidade, faziam pensar que ali o escultor fora tangido por uma sincera emoção. Era um delicado monumento elevado a esse sentimento que só um outro no mundo ultrapassa, a amizade. Ao contemplá-lo, Philip sentiu que as lágrimas lhe vinham aos olhos. Pensou em Hayward e recordou-se da sua ardente admiração por ele quando do primeiro encontro, de como viera depois a desilusão e mais tarde a indiferença, até que por fim nada os mantinha unidos senão o hábito e as velhas memórias. Uma das coisas curiosas da vida é que, depois de ver uma pessoa todos os dias, durante meses, a gente se lhe torna tão íntima que não pode imaginar a existência sem ela; mas vem a separação e tudo prossegue de idêntica maneira, de sorte que a companhia que parecia essencial revela-se desnecessária. A nossa vida continua e nós nem ao menos sentimos a falta do amigo. Philip pensou naqueles remotos dias de Heidelberg. Hayward, capaz de grandes coisas, mostrara-se cheio de entusiasmo pelo futuro, mas com o passar do tempo nada realizara, resignando-se ao insucesso. Agora estava morto. Sua morte fora tão fútil como sua vida. Morrera ingloriamente. De uma moléstia estúpida, falhando uma derradeira vez na realização do que se propunha. Agora, era exatamente como se ele nunca tivesse existido.

Philip perguntava a si mesmo, desesperadamente, qual era a finalidade da existência. Ela lhe parecia inane. Passara-se o mesmo com Cronshaw: nenhuma importância havia no fato de ele ter vivido. Estava morto e olvidado; seu livro de poemas andava pelas livrarias de segunda mão. Sua vida parecia não ter servido para nada mais do que dar, a um jornalista ambicioso, pretexto para escrever um artigo. E Philip exclamava interiormente: “De que serve tudo isso?”.

Que desproporção entre o esforço e o resultado! As brilhantes esperanças da juventude tinham de ser pagas ao preço amargo da desilusão. Como a dor, a doença e a desgraça pesavam na balança! Que significava tudo aquilo? Pensou

em sua própria vida, nas vivas esperanças com que havia entrado nela, nas limitações que lhe eram impostas pelo corpo, na falta de amigos e na ausência de afeição que lhe havia cercado a juventude. Sempre fizera o que lhe parecia melhor, mas que fracasso o seu! Outros homens, sem maiores vantagens que ele, triunfavam e outros ainda, com muito mais predicados, falhavam! Parecia uma questão de sorte. A chuva caía tanto sobre o justo como sobre o ímpio, e para nada neste mundo havia motivo ou causa.

Ao pensar em Cronshaw, Philip lembrou-se do tapete persa que o poeta havia lhe dado, dizendo que ele oferecia uma resposta à sua pergunta sobre o sentido da vida. E, de inopino, a resposta lhe ocorreu. Soltou uma risada. Agora que a tinha, ela era como um desses quebra-cabeças que nos obsedam até que alguém nos mostre a solução; ficamos então a imaginar como aquilo nos pôde escapar. A resposta era evidente. A vida não tem sentido. Sobre a Terra, satélite dum astro que viaja velozmente pelo espaço, seres vivos surgiram sob a influência de condições criadas pela história do planeta. E, tendo assim havido um começo de vida na Terra, sob a influência de outras condições haverá um fim. O homem, criatura não mais importante que as outras formas de vida, não surgiu como o ponto culminante da criação, mas como uma reação física ao meio ambiente. Philip lembrou-se da fábula do rei oriental que, desejando conhecer a história do homem, recebeu de um sábio quinhentos volumes; atarefado com os assuntos do governo, solicitou-lhe que os condensasse. Dentro de vinte anos o sábio voltou e a sua história agora não tinha mais que cinqüenta volumes, mas o rei, demasiado velho então para ler tantos e tão maçudos tomos, rogou-lhe abreviasse uma vez mais a história. Tornaram a passar-se vinte anos mais e o sábio, velho e encanecido, trouxe um único livro no qual se continha a ciência que o rei procurava. Mas o rei jazia no seu leito de morte e não lhe sobraria tempo para ler nem aquele volume. O sábio, então, narrou-lhe a história do homem numa simples linha. Era esta: nasceu, sofreu e morreu. A vida não tem nenhum sentido. E, vivendo, o homem não cumpre finalidade alguma. É indiferente que ele nasça ou não nasça, viva ou deixe de viver. A vida é insignificante e a morte, sem conseqüência. Philip exultou como tinha exultado na infância, quando o peso da crença em Deus lhe fora tirado dos ombros. Parecia-lhe que alijava agora a última carga de responsabilidade. E, pela primeira vez, sentiu-se supinamente livre. Sua insignificância se transformava em força e ele se sentia de súbito um igual do destino cruel que parecia persegui-lo. Porque, se a vida não tem



sentido, o mundo fica despojado de sua crueldade. O que ele fizesse ou deixasse de fazer nada significava. O fracasso não tinha importância e o êxito redundava em nada. Era ele a criatura mais insignificante naquela massa pululante da humanidade que, por breve espaço, ocupa a superfície da Terra e era todo-poderoso porque havia arrancado ao caos o segredo de sua inanidade. Os pensamentos se lhe atropelavam no cérebro excitado. Philip aspirava o ar profundamente, com jubilosa satisfação. Tinha vontade de pular e cantar. Fazia meses que não se sentia tão feliz.

“Oh!, vida”, parodiou ele interiormente. “Oh!, vida, onde está o teu agulhão?”

Porque a mesma onda de fantasia que lhe mostrara, com toda a força de uma demonstração matemática, que a vida não tinha sentido, trazia consigo outra idéia. E fora por isso que Cronshaw, imaginava ele, tinha lhe dado o tapete persa. Assim como o tecelão desenha o tapete sem outro cuidado que não o prazer estético, pode também um homem viver a sua vida; ou, para quem acredita que os seus atos não dependem da vontade, nada impede de contemplar a própria existência como um desenho. Mas não entra nessa procura nem necessidade nem utilidade. É simplesmente a busca duma satisfação pessoal. Acontecimentos diversos, ações, sentimentos, pensamentos podem traçar um desenho regular, trabalhado, complicado ou belo. Essa faculdade de escolher não será talvez uma ilusão, um prodigioso escamoteio graças ao qual as aparências se irisam de reflexos cambiantes? Mas que importa isso? No curso contínuo da vida (esse rio nascido de nenhuma fonte e que corre interminavelmente para mar algum) um imaginativo, uma vez convencido da vaidade da existência, pode encontrar uma satisfação pessoal na escolha dos vários fios que formam o desenho. Existe um padrão, o mais simples, perfeito e belo, no qual um homem nasce, chega à virilidade, pesa, cria filhos, luta pelo pão e morre. Mas outros há, intrincados e maravilhosos, nos quais a felicidade não entra e onde não se colima o sucesso; nesses se pode descobrir uma graça mais perturbadora. Algumas vidas, e entre elas a de Hayward, são truncadas pela cega indiferença da sorte, quando o desenho ainda está imperfeito. Nesse caso, é reconfortante pensar que isso não tem nenhuma importância. Outras, como a de Cronshaw, oferecem um desenho difícil de seguir: é preciso mudar de ponto de vista, alterar velhos conceitos, para poder compreender que semelhante vida é a sua própria justificação. Afastando o desejo de felicidade, Philip pensava libertar-se de suas derradeiras

ilusões. A vida se lhe afigurara horrível quando medida pelo padrão da felicidade, mas agora tinha a impressão de ganhar forças ao descobrir que ela podia ser aferida por outros padrões. A felicidade importava tão pouco quanto a dor. Uma e outra contribuía, como todos os demais detalhes de sua vida, para a elaboração do desenho. Por um instante, teve a impressão de pairar acima dos acidentes da sua existência e sentia que eles não o podiam mais atingir como antes. O que quer que lhe acontecesse agora, seria apenas mais um motivo a acrescentar à complexidade do padrão. E quando o fim se aproximasse, ele se rejubilaria no seu acabamento. Seria uma obra de arte e nem por ser ele o único a conhecê-la deixaria ela de ser bela; e com a sua morte essa obra de arte cessaria de existir.

Philip sentia-se feliz.

Mr. Sampson tomou-se de simpatia por Philip. Era um homem muito elegante e as empregadas de sua seção diziam que não seria de admirar se ele casasse com uma das freguesas ricas. Morava fora da cidade e muitas vezes causava impressão nos seus subordinados ao trabalhar com trajes de noite. Em outras ocasiões era visto pelos que faziam o serviço de limpeza a chegar pela manhã ainda com a roupa da noite anterior e, enquanto entrava no escritório para vestir o fraque habitual, os empregados trocavam piscadelas graves. Nesses dias, ao voltar de uma taça de chá bebida à pressa, ele por sua vez piscava o olho para Philip enquanto descia as escadas, a esfregar as mãos.

— Que noite! Que noite, meu Deus! — exclamava.

Dizia a Philip que ele era o único *gentleman* na casa e que só eles é que sabiam o que a vida era. Pronunciadas essas palavras, suas maneiras mudavam de súbito. Passava a chamar mr. Carey ao rapaz em vez de “meu velho”, assumia ar de importância consentâneo com a sua posição de chefe do departamento e recolocava Philip no seu lugar de simples recepcionista.

Lynn & Sedley recebiam figurinos de Paris uma vez por semana e adaptavam os modelos às necessidades dos seus fregueses. A clientela da casa era peculiar. A parte principal era constituída de mulheres das pequenas cidades industriais, demasiado elegantes para fazerem seus vestidos na localidade onde residiam e não possuindo o suficiente conhecimento de Londres para descobrir bons costureiros ao alcance de suas posses. Além dessa gente, havia, em singular contraste, grande número de artistas de *music-halls*. Era essa uma ala da freguesia que o próprio mr. Sampson tinha conquistado para a casa, com grande orgulho. Haviám começado por comprar ali roupas para o palco e o homem induzira grande número delas a comprar também o resto do vestuário.

— Tão bom como Paquin e pela metade do preço — afirmava ele.

Tinha um ar persuasivo, afável e comunicativo com essa espécie de fregueses, que comentavam entre si:

— Que adianta jogar dinheiro fora quando se pode comprar na Lynn um vestido que ninguém vai dizer que não é de Paris?

Mr. Sampson tinha grande orgulho na amizade dos artistas populares cujas roupas fazia, e sempre que ia almoçar às duas horas de domingo, com miss Victoria Virgo — “ela trazia aquele azul polvilhado que nós lhe fizemos e aposto como não disse a ninguém que era fabricação nossa; tive mesmo de lhe afirmar que, se eu não o tivesse desenhado com as minhas próprias mãos, juraria que o vestido tinha vindo de Paquin” — na sua bela residência de Tulse Hill, no dia seguinte o chefe mimoseava o departamento com abundantes detalhes. Philip nunca dera muita atenção ao vestuário feminino, mas com o decorrer do tempo, um pouco divertido consigo próprio, começou a tomar pelo assunto um interesse técnico. Mais do que ninguém no departamento, ele sabia ver as cores e ainda conservava dos tempos de estudante em Paris um certo conhecimento de desenho. Mr. Sampson, homem ignorante e cômico de sua incompetência, mas com uma habilidade que o capacitava a aproveitar as sugestões alheias, pedia constantemente a opinião dos empregados de sua seção sobre os novos desenhos. Teve a inteligência de perceber que a crítica de Philip era valiosa. Mas, como era muito ciumento, jamais confessaria ter aceito o conselho de quem quer que fosse. Quando alterava algum desenho de acordo com uma sugestão de Philip, sempre acabava por dizer:

— Bom, no fim isto concorda com a minha idéia.

Um dia, quando havia já cinco meses que Philip estava na casa, miss Alice Antônia, a conhecida atriz sério-cômica, entrou na loja e pediu para ver mr. Sampson. Era uma mulher avantajada, de cabelos cor de linho, muito pintada, com uma voz metálica e esse jeito aéreo da comediante habituada à amizade dos rapazes das galerias dos *music-halls* provincianos. Tinha uma nova canção e desejava que mr. Sampson lhe desenhasse um traje.

— Quero uma coisa que chame a atenção — recomendou ela. — Nada dessas velharias. Quero uma coisa diferente, que ninguém tenha usado.

Mr. Sampson, com modos suaves e familiares, disse que estava absolutamente certo de arranjar o que ela precisava. Mostrou-lhe esboços.

— Sei que aqui não encontrará nada que preste, mas eu só quero lhe mostrar o gênero que eu sugeriria...

— Oh, não! Não é nada disso — retrucou ela enquanto passava os olhos, impaciente, pelos desenhos. — O que eu quero é alguma coisa que dê na vista e que os deixe de queixo caído.

— Sim, entendo perfeitamente, miss Antônia — disse o chefe da seção com um sorriso brando, mas com os olhos vagos e estúpidos.

— Acho que no fim das contas vou ter que dar um pulo a Paris.

— Não, não! Penso que podemos servi-la satisfatoriamente, miss Antônia. O que conseguir em Paris pode conseguir também aqui.

Depois que ela, numa rabanada, deixou a loja, mr. Sampson, um pouco preocupado, discutiu o assunto com mrs. Hodges.

— Ela é dura de roer, não há dúvida — disse esta última.

— Alice, mas que é que você quer? — monologou o chefe da seção, irritado. E julgou ter lavrado um tento contra ela.

Suas idéias sobre vestidos de *music-hall* jamais haviam ido além de saias curtas, um turbilhão de rendas e lantejoulas rebrilhantes. Mas miss Antônia havia se exprimido a esse respeito de maneira inconfundível.

— Ai, minha Nossa Senhora! — disse ela.

A exclamação foi lançada num tom que indicava profunda antipatia por coisa tão comum, mesmo se ela não tivesse acrescentado que aquelas lantejoulas lhe davam nojo. Mr. Sampson “expeliu” uma ou duas idéias, mas mrs. Hodges disse-lhe francamente achar que elas não serviriam. Foi ela quem pensou em Philip.

— Sabe desenhar, Phil? Por que não faz uma experiência para ver do que é capaz?

Philip comprou uma caixa barata de tintas de aquarela e à noite, enquanto Bell, o barulhento rapaz, assobiando sempre as mesmas três notas, se entretinha com os selos, fez um ou dois esboços. Lembrava-se de algumas das roupas que vira em Paris e adaptou uma delas, tirando efeito de uma combinação de cores violentas e pouco comuns. O resultado divertiu-o e na manhã seguinte mostrou o desenho a mrs. Hodges. Ela ficou um tanto espantada, mas levou em seguida ao chefe.

— É invulgar — disse ele. — Isso não se pode negar.

Ficou intrigado, mas ao mesmo tempo seu olho prático via que aquilo ia servir à maravilha. A fim de salvar a sua dignidade, começou a fazer sugestões para alterar o modelo, mas mrs. Hodges, com melhor senso, aconselhou-o a mostrá-lo a miss Antônia assim como estava.

— Com ela é tudo ou nada. E miss Antônia pode gostar do vestido.

— É muito mais nada do que tudo — afirmou mr. Sampson, olhando para o decote. — O rapaz sabe desenhar, não é? Imagine só não ter dito há

mais tempo.

Quando miss Antônia foi anunciada, o chefe colocou o desenho em cima da mesa, em posição tal que lhe atraísse a atenção no momento em que ela entrasse no escritório. Foi o que aconteceu.

— E isto, o que é? — indagou ela. — Por que não me faz este modelo?

— É apenas uma idéia que arranjamos para a senhora — disse mr. Sampson com ar despreocupado. — Gosta?

— Se gosto!? É isso mesmo o que eu quero.

— Ah... Está vendo? Não precisa ir a Paris. Basta dizer o que quer para ser atendida imediatamente.

O trabalho foi posto imediatamente em execução. Philip sentiu um arrepio de satisfação ao ver terminado o vestido. Mr. Sampson e mrs. Hodges ficaram com todas as glórias. Mas isso pouco importava a Philip, e, quando foi ao Tivoli em companhia daqueles dois ver miss Antônia usar o vestido pela primeira vez, sentiu-se orgulhoso. Respondendo às perguntas de mrs. Hodges, contou-lhe afinal como havia aprendido a desenhar — (temendo que as pessoas com quem vivia agora pudessem pensar que ele se dava ares de importância, sempre tivera o maior cuidado em não falar de suas ocupações passadas) — e ela repetiu a informação a mr. Sampson. O chefe da seção nada lhe disse sobre o assunto, mas começou a tratá-lo com mais deferência e oportunamente encomendou-lhe desenhos para dois fregueses da província. Os modelos agradaram. Mr. Sampson, então, começou a falar às clientes de “um talentoso jovem, estudante de arte em Paris, sabe?...” que trabalhava para ele. Em breve Philip, em mangas de camisa, escondido atrás de um biombo, passou a desenhar da manhã à noite. Algumas vezes estava tão ocupado que tinha de almoçar às três, com os retardatários. Gostava disso, porque estes eram poucos e estavam cansados demais para falar. A comida também era melhor, pois consistia nas sobras da mesa dos chefes de seção. A promoção de Philip a desenhista de costumes teve grande efeito no departamento. Philip compreendeu que era objeto de inveja. Harris, o empregado de cabeça disforme, a primeira pessoa que ele conhecera e com quem fizera amizade na firma, não podia esconder a sua amargura.

— Alguns têm sorte... — dizia ele. — Qualquer dia destes você vira chefe de seção e nós todos teremos de chamá-lo de senhor.

Disse a Philip que devia pedir aumento de ordenado, porque, não obstante o trabalho difícil de que agora estava encarregado, o rapaz nada mais

recebia além dos seis xelins semanais com que havia começado. Pedir aumento, entretanto, era coisa melindrosa. O gerente tinha um modo sarcástico de tratar com tais pedintes.

O empregado, com o coração na boca, insinuava achar que devia ganhar mais dois xelins semanais.

“Ah... Está bem, se você acha que vale, está feito o aumento.” Depois fazia uma pausa e, em certas ocasiões, com um olho duro como aço, acrescentava: “Está dada também a sua demissão”.

Não adiantava nada retirar o pedido. O remédio era deixar o emprego. A idéia do gerente era a de que os empregados descontentes não faziam as coisas direito e, se não mereciam aumento, era melhor mandá-los embora duma vez.

O resultado era que eles nunca pediam aumento de salário, a menos que estivessem dispostos a deixar a casa. Philip hesitou. Desconfiava um pouco dos companheiros de quarto quando lhe afirmavam que o chefe de sua seção não podia passar sem o trabalho dele. Eram sujeitos decentes, mas o seu conceito de humorismo era primitivo e haviam de achar muita graça se, persuadindo Philip a pedir aumento, fizessem-no parar no olho da rua. Philip não podia esquecer a mortificação que sofrera quando andava à procura de trabalho. Não queria expor-se novamente a isso e sabia haver pouca esperança de conseguir em outro lugar um emprego como desenhista. Havia em Londres centenas de pessoas que desenhavam tão bem quanto ele. Mas precisava muitíssimo de dinheiro. Suas roupas estavam surradas, puídas, e os grossos tapetes lhe faziam apodrecer os sapatos e os carpins. Estava quase se persuadindo a dar o passo aventureiro quando, certa manhã, ao sair do café no rés-do-chão, atravessando o corredor que levava ao escritório do gerente, viu, numa fileira, homens que procuravam emprego e esperavam o momento de ser atendidos. Havia cerca de cem candidatos e a quem quer que fosse admitido se oferecera o salário de seis xelins semanais que Philip ganhava. Viu um dos homens lançar-lhe olhares de inveja, porque ele tinha emprego. Isso fê-lo estremecer. Não ousou correr o risco.

O inverno passou. De vez em quando Philip ia ao hospital, entrando furtivamente em horas tardias, quando havia pouca probabilidade de encontrar algum conhecido: queria ver se lá havia cartas para ele. Pela Páscoa recebeu uma do tio. Ficou surpreso, pois o vigário de Blackstable em toda a vida não lhe escrevera mais de meia dúzia de cartas, e assim mesmo sobre negócios.

*Caro Philip,*

*Se pretende tirar férias em breve e quiser vir até aqui, terei prazer em lhe ver. Estive muito mal com a minha bronquite, este inverno, e o dr. Wigram não esperava que eu resistisse. Tenho uma admirável constituição e, graças a Deus, me sinto maravilhosamente refeito.*

*Seu tio afeiçoado,  
William Carey*

A carta encheu Philip de cólera. De que maneira pensava o tio que ele estava vivendo? Nem ao menos se dava o incômodo de perguntar. Pouco lhe teria importado que ele morresse de fome. Mas, ao voltar para casa, ocorreu-lhe uma idéia. Deteve-se debaixo dum lampião e tornou a ler a carta. A letra do tio já não apresentava a mesma firmeza que a caracterizava. Estava maior e tremida: talvez a doença o tivesse abalado mais do que ele queria confessar, tendo procurado, naquela nota formal, exprimir um grande desejo de ver o único parente que tinha no mundo. Philip respondeu dizendo que em julho iria a Blackstable passar duas semanas. O convite vinha a calhar, pois não sabia que fazer de seu breve período de férias. Os Athelny iam para a colheita em setembro, mas ele não podia ser dispensado em tal época, justamente quando eram preparados os modelos de outono. O regulamento da firma impunha quinze dias de férias aos empregados, mesmo que estes não quisessem. E durante esse tempo, se não tivesse para onde ir, o funcionário podia dormir em seu quarto, mas não tinha direito à comida. Grande número deles não



possuía amigos dentro de uma distância razoável de Londres, e para eles eram as férias um período difícil, durante o qual tinham de pagar as refeições com seus magros salários; ficavam o dia inteiro sem o que fazer, sem dinheiro algum para gastar. Philip não saía de Londres desde a sua ida a Brighton com Mildred, fazia já dois anos. E suspirava por ar fresco e pelo silêncio do mar. Pensou nisso com um desejo tão apaixonado durante maio e junho que, chegado afinal o momento de partir, ficou apático.

Na última noite, ao falar com o chefe da seção a respeito de um ou dois trabalhos que tinha de interromper, mr. Sampson perguntou-lhe de repente:

— Quanto é que está ganhando?

— Seis xelins.

— Não acho que seja bastante. Vou providenciar para que lhe paguem doze depois que voltar.

— Muiíssimo agradecido — sorriu Philip. — Estou precisando urgentemente de roupas novas.

— Se você continuar firme no trabalho e não andar de flerte com as empregadas, como fazem muitos, eu olharei por você, Carey. Tome nota, você tem muito que aprender, mas promete. Justiça lhe seja feita, você promete. E assim que você merecer, tratarei de lhe arranjar uma libra por semana.

Philip ficou a pensar em quanto tempo teria de esperar por isso. Dois anos, talvez?

Sobressaltou-se ao ver a mudança que se operara no tio. Quando o vira pela última vez, era ele um homem vigoroso e empertigado, com o seu rosto redondo e sensual, sempre bem escanhado. Estava singularmente descaído. Sua pele tinha uma coloração amarela. Viam-se-lhe duas grandes bolsas sob os olhos. Envelhecido e encurvado, deixara crescer a barba durante a doença e caminhava com muita lentidão.

— Hoje não estou nos meus melhores dias — disse ele enquanto Philip, que acabara de chegar, lhe fazia companhia na sala de jantar. — O calor me abate.

Enquanto fazia perguntas sobre assuntos da paróquia, Philip o examinava: quanto tempo duraria ainda? Um verão ardente daria cabo dele. Notou-lhe a extrema magreza das mãos, que um tremor agitava. Aquilo significava muito para Philip. Se o velho morresse naquele verão, ele poderia voltar para o hospital no princípio do trimestre de inverno. O coração saltou-lhe à idéia de

abandonar a firma. À hora do almoço o vigário sentou-se, encurvado na sua cadeira, e a governanta que o servia desde a morte da mulher disse:

— Mr. Philip vai cortar a carne para o senhor?

O velho, que estava resolvido a fazer isso para não confessar a sua fraqueza, pareceu satisfeito em abandonar a tentativa à primeira sugestão.

— O senhor tem um excelente apetite — observou Philip.

— Oh!, pois não, sempre comi bem. Mas estou mais magro do que quando você esteve aqui pela última vez. Isso me alegra, pois não gosto de ficar muito gordo. O doutor Wigram disse que foi muito melhor para mim emagrecer um pouco.

Quando o almoço terminou, a caseira lhe trouxe um remédio.

— Mostre a receita ao senhor Philip — disse o vigário. — Ele também é médico. Eu gostaria de saber o que ele pensa desses remédios. Eu disse ao doutor Wigram que agora você está estudando medicina e que ele devia fazer uma redução nos seus honorários. As contas que tenho de pagar são tremendas. Durante dois meses ele me visitou todos os dias, a cinco xelins a visita. É um mundo de dinheiro, não acha? E ainda agora vem duas vezes por semana. Vou dizer-lhe que não precisa vir mais. Quando tiver necessidade, mandarei chamá-lo.

Olhou para Philip com expressão ansiosa enquanto este lia as receitas. Eram narcóticos. Havia dois remédios e mr. Carey explicou que tomava um deles apenas quando sua neurite se tornava insuportável.

— Eu sou muito cauteloso. Não quero me habituar ao ópio.

Não fez nenhuma alusão à situação do sobrinho. Quis parecer a Philip que o tio continuava a falar sobre dinheiro numa atitude de defesa, para o caso de ele pedir algum empréstimo. Havia gasto tanto com o doutor e mais tanto com o farmacêutico, durante a sua doença, e além disso se vira obrigado a manter todos os dias o fogo aceso no quarto, e agora aos domingos precisava ir à igreja de carro, tanto de manhã como à noite. Philip, furioso, sentiu ganas de lhe dizer que não precisava ter medo, pois não ia lhe pedir dinheiro; mas conteve-se. Parecia-lhe que agora tudo havia abandonado o velho, menos duas coisas: os prazeres da mesa e a sovínice. Era uma velhice hedionda.

À tarde veio o dr. Wigram e, depois da visita, Philip o acompanhou até o portão do jardim.

— Como acha o senhor que ele está?

O médico mostrava-se mais ansioso por não errar do que por acertar, e nunca arriscava uma opinião definida quando podia evitá-la. Clinicava em Blackstable havia trinta e cinco anos. Tinha a reputação de ser muito digno de confiança e numerosos pacientes seus achavam que, para um médico, era melhor ser prudente do que sábio. Havia um novo doutor em Blackstable — fazia dez anos que se estabelecera ali, mas ainda era olhado como intruso. Era ele tido como muito inteligente, mas não tinha muita clínica entre as pessoas importantes do lugar, só porque ninguém sabia nada de certo a seu respeito.

— Ele está tão bem quanto é possível — disse o dr. Wigram, em resposta à pergunta de Philip.

— Tem alguma coisa de grave?

— Bom, Philip, seu tio já não é mais rapaz — tornou o doutor com um sorriso prudente que sugeria que, afinal de contas, o pastor de Blackstable também não era um velho.

— Ele acha que o coração não lhe anda bem.

— Não estou satisfeito com o coração dele — aventurou o doutor. — Acho que o Carey deve tomar cuidado, muito cuidado.

Philip tinha uma pergunta na ponta da língua: quanto tempo viveria ainda o velho? Temia que isso parecesse chocante. Em semelhantes assuntos o decoro comum exige um circunlóquio; mas ao fazer, em vez dessa, outra pergunta, ocorreu-lhe de repente que o doutor devia estar acostumado à impaciência dos parentes dos enfermos. Competia-lhe enxergar o que havia por trás de suas expressões de comiseração. Philip, sorrindo de leve ante a própria hipocrisia, baixou os olhos.

— Suponho que ele não esteja em perigo imediato.

Essa era a espécie de pergunta que o doutor particularmente detestava. Se se dizia que um doente não tinha nem um mês de vida, a família preparava-se para a perda, e se depois ele sobrevivesse a esse prazo, mostravam-se ressentidos com o médico por se terem atormentado antes do momento oportuno. Por outro lado, se se dissesse que o paciente podia viver um ano e ele morresse numa semana, a família acusava o médico de não conhecer o seu ofício. Pensavam em toda a afeição que poderiam ter prodigalizado ao defunto se soubessem que seu fim estava tão próximo. O dr. Wigram fez o gesto de quem lava as mãos.

— Não acho que haja nenhum risco iminente, desde que ele... continue como está — aventurou por fim. — Mas por outro lado, não nos devemos

esquecer de que ele já não é mais rapaz e... bem, a máquina está ficando gasta. Se ele conseguir passar bem todo o verão, não vejo por que não chegue sem novidade até o inverno. E se o inverno não o incomodar demais, ora... não me parece que lhe possa acontecer alguma coisa.

Philip voltou para a sala de estar onde se encontrava o tio. Com o seu barrete na cabeça e um xale de crochê sobre os ombros, tinha o vigário um aspecto grotesco. Seus olhos estavam fixos na porta e pousaram no rosto de Philip assim que este entrou. O rapaz compreendeu que o tio havia esperado ansiosamente à sua volta.

— Então, que foi que ele disse de mim?

Philip compreendeu de súbito que o velho temia a morte. Isso o deixou um pouco envergonhado e ele desviou o olhar involuntariamente. As fraquezas da natureza humana sempre lhe causavam embaraço.

— Ele diz que acha o senhor muito melhor.

Um brilho de satisfação surgiu nos olhos do velho.

— Tenho uma constituição maravilhosa — afirmou ele. E desconfiado, perguntou: — Que mais lhe disse o doutor?

Philip sorriu.

— Ele assegura que, se o tio se cuidar, não vê nenhuma razão para que não chegue aos cem.

— Não ousou esperar isso, mas não sei por que não possa atingir os oitenta. Minha mãe foi até os oitenta e quatro.

Havia uma pequena mesa ao lado da cadeira de mr. Carey e sobre ela se via uma Bíblia e o grosso volume do ritual anglicano, que, havia tantos anos, ele costumava ler para a família. Estendeu a mão trêmula e apanhou a Bíblia.

— Esses velhos patriarcas atingiam uma bonita idade, não? — disse com um risinho estranho em que Philip leu uma espécie de tímido apelo.

O velho aferrava-se à vida. No entanto, acreditava implicitamente em tudo o que a sua religião ensinava. Não tinha dúvida sobre a imortalidade da alma e julgava ter-se portado bastante bem, de acordo com a sua capacidade: era muito provável que fosse para o céu. Em sua longa carreira a quantos moribundos havia administrado os consolos da religião! Talvez estivesse na mesma situação do médico que não pôde aproveitar suas próprias receitas. Philip sentia-se intrigado e chocado ante aquele ansioso apego à terra. Que horror sem nome moraria no fundo do espírito do velho? Teria gostado de

mergulhar naquela alma a fim de poder ver em sua nudez o tremendo pavor do desconhecido que suspeitava existir ali.

A quinzena passou rapidamente e Philip voltou para Londres. Passou um agosto sufocante atrás de seu biombo, no departamento de moda, desenhando em mangas de camisa. Os empregados, por turnos, partiam para as suas férias. À noite, geralmente, Philip ia ao Hyde Park ouvir a banda. Mais acostumado ao trabalho, cansava-se menos e seu espírito, refazendo-se da longa estagnação procurava nova atividade. Todos os seus desejos se concentravam agora na morte do tio. Continuava a sonhar o mesmo sonho: certa manhã era-lhe entregue um telegrama que anunciava o súbito falecimento do vigário e, com ele, a sua libertação. Quando acordava, via que tudo aquilo não passara dum sonho e deixava-se tomar duma cólera sombria. Agora que o acontecimento parecia capaz de sobrevir a qualquer momento, ocupava-se em tecer complicados planos de futuro. Passava rapidamente sobre o ano de estudo que lhe restava para obter o diploma e demorava-se na viagem à Espanha, na qual punha todo o seu empenho. Lia livros sobre esse país, tomava-os emprestados à Biblioteca Pública e já sabia, pelas fotografias, o aspecto preciso de cada cidade. Via-se a espairecer nas ruas de Córdoba, na ponte que atravessa o Guadalquivir; vagabundeava pelas tortuosas ruas de Toledo e sentava-se nas igrejas, onde arrebatava a El Greco o segredo que o misterioso pintor guardara para ele. Athelny acompanhava-o nessas fantasias, de sorte que, nas tardes de domingo, traçavam ambos elaborados itinerários a fim de que Philip não perdesse nada que fosse digno de nota. Para enganar a própria impaciência, Philip começou a estudar espanhol e, na sala deserta da casa de Harrington Street, passava uma hora todas as noites a fazer exercícios dessa língua e a decifrar, com uma tradução inglesa ao lado, a linguagem magnífica de *Dom Quixote*. Athelny dava-lhe uma lição por semana e Philip aprendia algumas frases que lhe seriam de utilidade na viagem. Mrs. Athelny ria-se deles.

— Vocês e esse espanhol! — exclamava. — Por que não fazem alguma coisa que se aproveite?

Mas Sally, que estava crescendo e que pelo Natal ia mudar de penteado, às vezes ficava ao pé deles, a escutar com o seu ar grave, enquanto o pai e Philip trocavam observações numa língua que ela não compreendia. A moça achava Athelny o homem mais admirável que já existira e só exprimia a sua opinião sobre Philip através dos elogios do pai.

— Papai acha que esse tio Philip de vocês é um homem extraordinário — observava ela aos irmãos e irmãs.

Thorpe, o mais velho dos rapazes, tinha já idade suficiente para ser admitido a bordo do *Arethusa* e Athelny brindava a família com descrições magníficas do filho quando voltasse para as férias, envergando o seu uniforme. Logo que Sally fizesse dezessete anos, ia entrar como aprendiz num ateliê de costura. Athelny, sempre retórico, falava nos pássaros que deitam plumagem e, aprendendo a voar, abandonam o ninho paterno; e, com lágrimas nos olhos, dizia-lhes que o ninho estaria sempre ali se um dia os filhotes quisessem regressar. Encontrariam um catre, a mesa posta e o coração dum pai que nunca se fechava à aflição dos filhos.

— Que palavrório é esse, Athelny? — perguntava-lhe a mulher. — Não sei que tormentos eles poderão sofrer enquanto andarem direito. Contanto que cada um seja honesto e não tenha medo de trabalhar, emprego é coisa que não faltará. Isso é o que eu penso. E o que lhe digo é que não vou ficar triste quando o último dos meus filhos estiver ganhando a vida com o suor de seu rosto.

Os muitos partos, os trabalhos árduos e a constante ansiedade estavam começando a produzir efeito em mrs. Athelny. Às vezes, à noite, as costas lhe doíam tanto que tinha de sentar-se para descansar. Seu ideal de felicidade era ter uma moça que lhe fizesse os trabalhos mais penosos, para que ela não precisasse levantar-se antes das sete da manhã. Athelny agitou a bela mão branca num gesto ondulante.

— Ah, minha Betty, bem que você e eu merecemos alguma coisa do Estado. Criamos nove filhos cheios de saúde. Os rapazes servirão ao seu rei, as meninas hão de cozinhar, costurar e por sua vez darão à pátria filhos saudáveis. — Voltou-se para Sally e, para consolá-la daquele contraste, acrescentou com grandiloquência: — “Também servem os que firmes se limitam a esperar”.

Athelny ultimamente acrescentara o socialismo às outras teorias contraditórias em que acreditava com veemência. Declarou:

— Num Estado socialista receberíamos uma rica pensão, você e eu, Betty.

— Ora, não me venha com os seus socialistas. Não suporto essa gente! — exclamou ela. — Isso só quer dizer que um outro bando de preguiçosos inúteis vai encher os bolsos à custa dos operários. Minha divisa é: “Deixem-me em paz”. Não quero que se metam na minha vida. Quero aproveitar o máximo possível o osso duro que me tocou roer. Quem fica para trás que leve a pior.

— Compara a vida a um osso duro? — tornou Athelny. — Nunca! Tivemos os nossos altos e baixos, as nossas lutas, e sempre fomos pobres, mas tem valido a pena viver e, oh sim!, tem valido cem vezes a pena, é o que digo quando olho para os meus filhos.

— Vai falando, Athelny, vai falando — retorquiu a mulher, contemplando-o sem cólera mas com serena zombaria. — Quanto aos filhos, você ficou com a parte agradável. Quem os teve fui eu e quem os agüenta também sou eu. Não digo que não goste deles, já que os temos, mas se eu pudesse voltar atrás, ficava solteira. Ora, se eu tivesse ficado solteira podia agora ter a minha lojinha, quatrocentas ou quinhentas libras no banco e uma moça para fazer o trabalho mais pesado. Oh!, por coisa alguma neste mundo eu queria recomeçar a mesma vida.

Philip pensava nos incontáveis milhões para quem a vida não passa dum eterno mourejar, sem beleza nem fealdade, mas que deve ser aceita com a mesma tranqüilidade com que aceitamos as mudanças de estação. A fúria tomou-lhe conta do ser, porque tudo aquilo parecia inútil. Não se podia reconciliar com a crença de que a vida não tinha significação, e, no entanto, tudo quanto via, todos os seus pensamentos aumentavam a sua convicção. Mas na fúria que o dominava havia um elemento de alegria. Já que não tinha sentido, a vida não era tão horrível. E ele a encarava agora com uma estranha sensação de força.

O outono passou e veio o inverno. Philip deixara seu endereço a mrs. Foster, a governante do tio, para que ela pudesse comunicar-se com ele. Entretanto, ainda ia ao hospital uma vez por semana, na esperança de encontrar cartas. Uma noite viu seu nome num envelope, traçado numa caligrafia que esperava nunca mais tornar a ver. Aquilo lhe deu uma esquisita sensação. Hesitou um instante em apanhar a carta. Aquela letra lhe trazia um punhado de recordações odiosas. Mas, afinal, impacientando-se consigo mesmo, rasgou o envelope.

*William Street, 7  
Fitzroy Square*

*Caro Phil,*

*Preciso falar com você por um minuto ou dois, o mais breve possível. Estou numa situação horrível e não sei o que fazer. Não é dinheiro.*

*Sinceramente sua,  
Mildred.*

Rasgou a carta em pedacinhos e, saindo para a rua, espalhou-a na escuridão.

— Ela que se dane! — murmurou.

Uma sensação de repugnância invadiu-o à idéia de tornar a vê-la. Pouco lhe importava que ela estivesse em dificuldades. Fosse o que fosse, ela bem o merecia. Pensava em Mildred com raiva e o amor que um dia lhe tivera aumentava agora o sentimento de aversão. Suas lembranças o enchiam de náusea, e enquanto atravessava o Tâmis chegou-se ao parapeito da ponte, fugindo instintivamente àqueles pensamentos. Deitou-se, mas não pôde dormir. Imaginava o que poderia ter acontecido a Mildred e não conseguia afastar de si o temor de que estivesse doente e faminta. Ela não lhe teria escrito se não se encontrasse em situação desesperada. Enfurecia-se consigo



mesmo pela sua fraqueza, mas sabia que não encontraria paz enquanto não a visse. Na manhã seguinte escreveu um bilhete-postal e o pôs no correio, quando ia a caminho da loja. Foi tão ríspido quanto possível, dizendo simplesmente que lamentava ela encontrar-se em dificuldades e que iria até o endereço indicado às sete horas daquela noite.

Tratava-se duma sórdida casa de cômodos, numa rua sórdida.

E quando, nauseado à idéia de revê-la, perguntou se Mildred estava, assaltou-o a doída esperança de que ela tivesse saído. O ambiente dava a impressão de um desses lugares em que entra e sai gente com freqüência. Não lhe havia ocorrido olhar para o carimbo da carta de Mildred e não sabia quantos dias teria ela ficado na portaria da escola. A mulher que atendeu ao toque de campainha não respondeu à sua pergunta, mas precedeu-o silenciosamente pelo corredor e bateu a uma porta dos fundos.

— Mrs. Miller, está aqui um cavalheiro que deseja vê-la.

A porta se abriu de leve e Mildred espiou para fora, desconfiada.

— Ah!, é você — disse ela. — Entre.

Philip entrou e ela fechou a porta. Era um quarto de dormir muito pequeno, desarranjado como todos os lugares em que Mildred morava. Havia um par de sapatos sujos no chão, um pé longe do outro. Em cima da cômoda via-se um chapéu ao lado de tranças postiças. Sobre a mesa, uma blusa. Philip procurou onde colocar o seu chapéu. Os cabides que ficavam atrás da porta estavam cheios de saias e ele notou que estas tinham a barra enlameada.

— Não quer sentar? — perguntou ela. Depois deu uma risada breve e embaraçada. — Você deve ter ficado surpreso de receber notícias minhas outra vez.

— Mas como está rouca! — respondeu ele. — Tens alguma coisa na garganta?

— Sim, faz algum tempo que tenho.

Philip não disse nada. Esperava que ela explicasse por que o chamara.

O aspecto do quarto lhe dizia bastante claramente que ela voltara para a vida de onde ele a tinha arrancado. Que teria acontecido à menina? Havia uma fotografia dela sobre o consolo da chaminé, mas no quarto não se via o menor sinal da presença de uma criança. Mildred segurava o lenço, enrolado como uma bola, e passava-o duma mão para a outra. Philip percebeu-lhe o grande nervosismo. Olhava fixamente para o fogo e ele podia contemplá-la sem lhe encontrar o olhar. Muito mais magra do que quando o deixara, Mildred tinha a

pele amarela e mirrada, mais distendida sobre os zigomas. Tingira o cabelo que agora estava cor de linho: isso a deixava muito mudada, dando-lhe um aspecto ainda mais vulgar.

— Fiquei aliviada quando recebi sua carta, sabe? — disse ela por fim. — Achei que talvez não estivesse mais no hospital.

Philip permanecia calado.

— Já deve estar formado, não está?

— Não.

— Mas... como?

— Não estou mais no hospital. Tive de desistir há dezoito meses.

— Você não tem persistência. Parece que não esquento lugar.

Philip ficou mais alguns instantes em silêncio e, quando tornou a falar, foi num tom glacial:

— Perdi o pouco dinheiro que tinha numa especulação infeliz e não pude mais continuar os estudos. Fui obrigado a ganhar a vida como melhor podia.

— Em que está trabalhando agora?

— Numa loja.

— Ah!...

Ela relanceou-lhe os olhos, mas desviou-os imediatamente. Philip julgou vê-la corar. Mildred enxugava febrilmente a palma das mãos com o lenço.

— Não deve ter esquecido tudo quanto aprendeu, não é?

As palavras lhe saíam em jatos, dum modo estranho.

— Tudo, não.

— Foi por isso que lhe pedi para vir. — Baixou a voz, que se tornou um cochicho rouco. — Não sei o que é que tenho.

— Por que não vai a um hospital?

— Não gosto e nem quero que os estudantes todos fiquem me examinando. Depois, tenho medo que eles me prendam no hospital.

— Que é que sente? — perguntou Philip friamente, com a frase estereotipada que se usava no ambulatório.

— É que... me apareceu uma erupção e até agora não sarou...

Philip sentiu um aperto de horror no coração. O suor rorejou-lhe na testa.

— Deixe ver a garganta.

Levou-a até a janela e examinou-a como pôde. De repente os olhos de ambos se encontraram. Havia nos dele um medo mortal. Era horrível de ver. Mildred estava apavorada. Desejava que ele a tranqüilizasse e olhava-o súplice,

não se atrevendo a pedir palavras de conforto, mas com todos os nervos tensos para recebê-las: e ele não as tinha para dar.

— Acho que está mesmo muito doente.

— O que poderá ser?

Quando ele lhe disse, a garota empalideceu mortalmente e seus lábios chegaram mesmo a ficar amarelos. Começou a chorar, num abandono, silenciosamente a princípio e depois em soluços sufocados.

— Sinto muito — disse ele por fim. — Mas era preciso dizer...

— Seria preferível que eu me matasse e acabasse tudo numa vez.

Ele não tomou conhecimento da ameaça.

— Tem algum dinheiro? — indagou.

— Seis ou sete libras.

— Precisa abandonar esta vida, compreende? Não acha que pode encontrar algum trabalho? Infelizmente não posso lhe ajudar muito, ganho só doze xelins por mês.

— Que é que eu posso fazer agora? — indagou ela, impaciente.

— Que sei eu!? Precisa arranjar alguma coisa.

Falou-lhe em tom grave, expondo-lhe o perigo que corria e o perigo a que expunha os outros. Mildred escutava com expressão sombria. Philip tentou consolá-la. Por fim conseguiu levá-la a uma aquiescência rabugenta, com a promessa de fazer tudo o que ele aconselhasse. Passou-lhe uma receita e disse que ia deixá-la na farmácia mais próxima. Persuadiu-a da necessidade de tomar o remédio com a mais severa regularidade. Por fim, erguendo-se para sair, estendeu a mão.

— Não desanime. Em pouco tempo estará boa da garganta.

Mas, quando ele ia sair, o rosto de Mildred de súbito se contorceu e ela o segurou pelo casaco.

— Oh! Não me deixe! — exclamou em voz rouca. — Tenho tanto medo, não me deixe sozinha ainda, Phil, por favor! Não tenho mais ninguém no mundo, você é o único amigo que eu já tive.

Ele sentiu o terror daquela alma, estranhamente parecido com o que vira nos olhos do tio, ante a ameaça da morte. Baixou os olhos. Duas vezes aquele mulher havia entrado na sua vida para infelicita-lo. Não tinha o menor direito sobre ela, e, no entanto, sem saber por quê, no fundo de seu coração ele sentia uma dor estranha. Fora por isso que, depois de receber a carta de Mildred, não havia encontrado paz enquanto não atendera ao seu chamado.

“Acho que nunca vou me livrar disso completamente”, disse Philip para si mesmo.

O que o intrigava era aquela curiosa repugnância física, que lhe tornava incômoda a presença dela.

— Que quer que eu faça? — perguntou.

— Vamos jantar juntos. Eu pago.

Ele hesitou. Sentia que Mildred estava se insinuando novamente em sua vida, quando ele a julgava desaparecida para sempre. Ela o contemplava com uma ansiedade aflitiva.

— Sim, sei que me portei muito mal com você, mas não me deixe sozinha agora. Você já teve a sua vingança. Se me abandonar, não sei o que vou fazer.

— Bem, que seja — disse ele —, mas vamos a um lugar barato, agora não tenho dinheiro para jogar fora.

Ela sentou-se e calçou os sapatos, depois mudou a saia e pôs um chapéu. Saíram juntos e caminharam até encontrar um restaurante na Tottenham Court Road. Philip desabituara-se de comer àquelas horas e a garganta de Mildred estava em tal estado que não lhe permitia engolir. Comeram um pouco de presunto frio e Philip bebeu um copo de cerveja. Estavam sentados um diante do outro, como outrora. Philip perguntou a si mesmo se ela se lembraria disso. Não tinham nada para dizer um ao outro, e teriam ficado em silêncio se Philip não fizesse um esforço para falar. Na luz viva do restaurante, com aqueles vulgares espelhos que refletiam as coisas em série infinita, ela parecia velha e macilenta. Philip estava ansioso por saber da criança, mas não tinha coragem de perguntar. Por fim Mildred contou:

— A criança morreu no verão passado.

— Ah!...

— Você podia dizer que sente muito.

— Não sinto. Fico muito satisfeito.

Ela relanceou os olhos para Philip, e, compreendendo o que ele queria dizer, desviou-os.

— Você chegou a ser muito agarrado com ela, não? Sempre achei engraçado que você gostasse tanto da filha dum outro.

Depois de comer, passaram pela farmácia para apanhar o remédio que Philip havia receitado. E, voltando para o sórdido quatinho, ele a fez tomar a primeira dose. Depois ficaram juntos, sentados, até a hora de Philip voltar para Harrington Street. Saiu tremendamente entediado.

Philip começou a ir vê-la todos os dias. Mildred tomava o remédio que ele havia receitado e seguia-lhe as instruções. Em breve os resultados eram tão visíveis que ela passou a ter a maior confiança na competência de Philip. À medida que melhorava, ia recobrando a coragem. Falava com mais desenvoltura.

— Logo que eu arranjar emprego, tudo vai correr bem — dizia. — Já recebi uma lição e pretendo aproveitar. Chega de confusão desta vez.

Todas as vezes que a via, Philip perguntava-lhe se já encontrara trabalho. Ela lhe respondia que não se preocupasse, pois acharia emprego quando quisesse. Não se apertava. Seria melhor não fazer nada durante uma semana ou duas. Ele não pôde se opor, mas decorrido esse prazo tornou-se mais insistente. Mildred riu dele, pois estava agora muito mais alegre, e chamou-lhe “afobadinho”. Contou-lhe longas histórias de “gerentes” com quem conversava, pois tinha idéia de trabalhar em alguma casa de pasto; repetia o que havia dito e ouvido. Nada ficou assentado, mas Mildred estava certa de conseguir alguma coisa no começo da semana seguinte. Era inútil apressar-se, e seria um grande erro aceitar coisa que não lhe conviesse.

— É absurdo falar desse modo — disse ele, impaciente. — Deve aceitar qualquer coisa que possa conseguir. Não estou em condições de lhe auxiliar e seu dinheiro não vai durar eternamente.

— Oh!, está bem, o dinheiro ainda não acabou e não se fala mais nisso.

Philip lançou-lhe um olhar penetrante. Haviam se passado três semanas desde o dia em que atendera ao seu chamado, e ela tinha então menos de sete libras. Começou a desconfiar. Lembrou-se de certas coisas que ela dissera. Juntou umas às outras. Ficou a conjeturar sobre se Mildred teria mesmo feito alguma tentativa para encontrar trabalho. Talvez lhe tivesse estado a mentir durante todo aquele tempo. Achava muito estranho que o seu dinheiro durasse tanto assim.

— Quanto paga de aluguel?

— Ora, a dona de casa é muito camarada, bem diferente das outras. Está sempre pronta a esperar até que eu possa pagar.

Philip silenciou. Sua suspeita era tão horrível que ele chegava a hesitar. Era inútil perguntar-lhe, pois ela negaria tudo. Se quisesse saber, devia averiguar por si mesmo. Tinha o hábito de deixá-la todas as noites às oito e, quando o relógio bateu, Philip ergueu-se. Mas, em vez de voltar para Harrington Street, permaneceu na esquina da Fitzroy Square, a fim de poder

ver quem quer que descesse a William Street. A espera afigurou-se-lhe interminável e estava a ponto de retirar-se, pensando que a sua desconfiança não tinha fundamento, quando a porta do n.º 7 se abriu e Mildred saiu. Philip recuou para o escuro e viu-a caminhar na sua direção. Trazia o chapéu cheio de plumas que vira no quarto dela e um vestido que ele notou ser demasiado espalhafatoso para a rua e impróprio para a época do ano. Seguiu-a lentamente até vê-la entrar em Tottenham Court Road, onde afrouxou o passo. À esquina da Oxford Street, parou, olhou em derredor e atravessou a rua para entrar num *music-hall*. Philip se aproximou dela e tocou-lhe no braço. Viu que suas faces e lábios estavam pintados.

— Aonde vai, Mildred?

Ela teve um sobressalto ao som daquela voz e ficou vermelha, como sempre acontecia quando era apanhada numa mentira. Depois o fulgor de cólera que ele tão bem conhecia veio-lhe aos olhos e, instintivamente, procurou defender-se com injúrias. Mas não pronunciou as palavras que lhe estavam na ponta da língua.

— Ora, eu ia só ver o espetáculo. Ficar em casa todas as noites sozinha me deixa nervosa.

Philip nem sequer fingiu acreditar no que ela dizia.

— Não deve fazer isso. Santo Deus! Já lhe disse cinqüenta vezes como é perigoso. Tem de parar imediatamente com isso.

— Oh!..., cale a boca! — exclamou ela, brutalmente. — Como é que você pensa que eu vou viver?

Ele segurou-lhe o braço e, sem pensar no que estava fazendo, tentou puxá-la.

— Por amor de Deus, vamos embora. Não sabe o que está fazendo. Isso é crime.

— Que me importa? Eles que se amolem. Os homens não foram assim tão bons comigo para que eu me preocupe com eles.

Empurrou-o e, aproximando-se da bilheteria, depositou o dinheiro. Philip tinha três *pence* no bolso. Não podia segui-la. Fez meia-volta e desceu lentamente a Oxford Street.

— Não posso fazer mais nada — disse, falando para si mesmo.

Aquilo foi o fim. Nunca mais a viu.

Como o Natal aquele ano caísse numa quinta-feira, a loja devia fechar durante quatro dias. Philip escreveu ao tio perguntando-lhe se não achava inconveniente que ele fosse passar as festas no vicariato. Recebeu uma resposta de mrs. Foster, dizendo que mr. Carey não estava em condições de escrever pessoalmente, mas desejava ver o sobrinho e teria prazer em que ele fosse. Foi receber Philip à porta e, ao apertar-lhe a mão, disse:

— O senhor vai encontrá-lo mudado, mas finja que não notou nada, sim? Ele está muito nervoso com o seu estado de saúde.

Philip assentiu com a cabeça e entrou na sala de jantar.

— Mr. Philip está aqui, meu senhor.

O vigário de Blackstable era um moribundo. Quem olhava para aquelas faces cavadas e para aquele corpo mirrado não podia enganar-se. Estava sumido na sua poltrona, com a cabeça estranhamente atirada para trás e um xale sobre os ombros. Já não podia caminhar sem o auxílio de bengalas e suas mãos tremiam tanto que era com dificuldade que levava o alimento à boca.

“Não poderá durar muito”, pensou Philip ao olhar para ele.

— Que diz da minha aparência? — perguntou o vigário. — Acha que mudei muito desde a última vez que estive aqui?

— Penso que o senhor está com aspecto mais saudável que no verão passado.

— Foi o calor. O verão sempre me abate.

A história de mr. Carey nos últimos meses consistia no número de semanas que passara na cama e no número de semanas que passara na sala de estar. Tinha uma campainha a seu lado e, enquanto falava, tocou-a chamando mrs. Foster, que estava sentada na sala contígua, pronta para atendê-lo. Queria saber em que dia do mês havia se erguido da cama.

— No dia sete de novembro, senhor vigário.

Mr. Carey olhou para Philip, a fim de ver como ele recebia a informação.

— Mas ainda como bem, não é, mrs. Foster?

— Come, sim senhor, tem um apetite excelente.

— Entretanto, parece que não estou engordando.

Nada mais o interessava agora senão a sua saúde. Concentrava-se indomavelmente numa coisa: viver, simplesmente viver, não obstante a monotonia de sua vida e a dor permanente que só o deixava dormir quando sob a influência de morfina.

— É um horror o dinheiro que tenho de gastar com o médico. — E, tornando a tocar a campainha: — Mrs. Foster, mostre ao senhor Philip a conta da farmácia.

Com toda a paciência, ela apanhou um papel de cima da lareira e entregou-o a Philip.

— E isso foi só num mês. Eu estava pensando... Você que é médico, não pode conseguir os remédios mais barato? Pensei em adquiri-los nas drogarias, mas nesse caso tinha de pagar o porte do correio.

Embora, pelas aparências, estivesse tão pouco interessado em Philip que nem chegara ainda a perguntar-lhe o que estava fazendo, o vigário parecia satisfeito por ter o sobrinho em casa. Perguntou-lhe quanto tempo podia demorar, e, quando Philip respondeu que devia voltar para Londres na manhã de terça-feira, exprimiu o desejo de que a visita fosse mais longa. Contou-lhe com minúcias todos os sintomas e repetiu o que o doutor dizia de seu caso. Interrompeu-se de súbito para tocar a campainha e, quando mrs. Foster entrou, disse:

— Ah!... Era só para saber se a senhora estava aí. Não tinha certeza.

Quando ela se retirou, o vigário explicou a Philip que se sentia mal quando não sabia se mrs. Foster estava ao alcance de seu chamado. Ela saberia o que era preciso fazer, no caso em que lhe acontecesse alguma coisa. Percebendo que a governanta se mostrava cansada e tinha os olhos pesados pela falta de sono, Philip insinuou ao tio que talvez ele a estivesse fazendo trabalhar demais.

— Ora, tolices... — respondeu o velho. — Ela é forte como um cavalo.

E na próxima vez em que a mulher veio lhe dar o remédio, disse-lhe:

— O senhor Philip afirma que a senhora trabalha demais, mrs. Foster. Gosta de cuidar de mim, não?

— Oh! Não é nenhum incômodo, meu senhor. Procuo fazer tudo o que posso.

Dentro em pouco o remédio produziu o seu efeito e mr. Carey adormeceu. Philip entrou na cozinha e perguntou à governanta como podia



resistir àquele trabalho. Sabia que durante meses ele descansara muito pouco.

— Ora, moço, que posso fazer? — respondeu ela. — O pobre senhor vigário depende tanto de mim que, embora seja às vezes um pouco impertinente, não posso deixar de gostar dele. Faz já tantos anos que estou aqui, que já nem sei o que vou fazer quando ele se for.

Philip viu que ela era realmente afeiçoada ao velho. Lavava-o, vestia-o, dava-lhe os alimentos e levantava-se uma dúzia de vezes durante a noite, pois dormia na sala contígua a fim de que, sempre que ele acordasse e tocasse a pequena campainha, ela pudesse acudir em seguida. O vigário podia morrer a qualquer momento, mas também era possível que vivesse meses. Era admirável que ela cuidasse de um estranho com tão paciente ternura, e era trágico e lamentável ser ela a única pessoa no mundo que se preocupava com o reverendo Carey.

Parecia a Philip que a religião pregada pelo tio durante toda a sua vida tinha agora para ele uma importância apenas formal. Todos os domingos o coadjutor vinha administrar-lhe a Santa Comunhão e amiúde ele lia passagens da Bíblia. Fazia-se, entretanto, evidente que o homem encarava a morte com horror. Acreditava que ela fosse a porta de acesso a uma vida sempiterna, mas não queria entrar nessa vida. Sofrendo dores constantes, acorrentado à sua cadeira e tendo renunciado à esperança de tornar a pôr os pés fora de casa, tal uma criança nas mãos da mulher a quem pagava para cuidá-lo, o vigário se apegava ao mundo que conhecia.

Philip tinha na mente uma pergunta que não podia formular porque estava certo de que o tio nunca lhe daria senão uma resposta convencional. Na hora extrema, agora que a máquina ia se extinguindo irremediavelmente, acreditaria ainda o sacerdote na imortalidade? Talvez no fundo de sua alma, proibida de se externar em caso de premência, morasse a convicção de que Deus não existia e de que após esta vida vinha o nada.

Na noite que se seguiu à do Natal, Philip se achava na sala de jantar em companhia do tio. Tinha de partir muito cedo, na manhã seguinte, para poder estar na loja às nove horas. Ia, pois, despedir-se do velho. O vigário de Blackstable estava cochilando e Philip, estendido no sofá próximo da janela, deixara cair sobre os joelhos o livro que estava lendo e corria negligentemente os olhos pela sala. Calculava quanto renderia a venda daquela mobília. Tinha caminhado pela casa, examinando as coisas que conhecia desde a infância: duas ou três peças de porcelana que podiam alcançar um preço decente e

Philip perguntava consigo se valeria ou não a pena levá-las para Londres. A mobília, porém, era de estilo vitoriano, de mogno, sólida e feia; não daria nada em leilão. Havia três ou quatro mil livros, mas quem não sabia que os livros rendem pouco? Não era provável que conseguisse mais de uma centena de libras por eles. Philip não sabia quanto lhe iria deixar o tio e, pela centésima vez, computou a quantia mínima necessária para terminar o seu curso na faculdade, diplomar-se e viver durante o seu estágio como interno de hospital. Olhou para o velho que dormia um sono inquieto: não havia nada de humano naquela face encarquilhada; era o focinho de algum estranho animal. Philip pensou em quão fácil seria acabar com aquela vida inútil. Pensava nisso todos os dias, quando mrs. Foster preparava o remédio que dava ao doente uma noite tranqüila. Havia dois frascos. Um continha a droga que ele tomava regularmente e o outro, um opiato, para o caso em que a dor se fizesse insuportável. Deste último era-lhe preparado um copo, que ficava ao lado da cama. O velho o tomava geralmente às três ou quatro horas da manhã. Seria uma coisa simples duplicar a dose: ele morreria durante a noite e ninguém suspeitaria de nada, pois era assim que o dr. Wigram esperava que ele morresse. O fim viria sem dor. Philip cerrava os punhos ao pensar no dinheiro de que tanto precisava. Alguns meses mais daquela vida miserável não significavam nada para o velho, mas esses poucos meses representavam tudo para ele. Estava chegando ao limite da sua capacidade de resistência e, quando pensava em voltar para o trabalho na manhã seguinte, estremecia de horror. O coração lhe batia descompassado à idéia que o obsediava e, não obstante fazer esforços para afastá-la do espírito, não conseguia. Seria tão fácil, tão fácil... Não tinha a menor afeição pelo velho, que por sua vez jamais gostara dele; fora egoísta durante toda a vida, egoísta para com a mulher que o adorava, indiferente para com o menino que lhe haviam confiado. Não era um homem cruel, mas obtuso, duro, carcomido pelos pequenos prazeres materiais. Seria fácil, extremamente fácil. Mas Philip não se atrevia... Temia o remorso. De nada lhe valeria o dinheiro se passasse o resto da vida arrependido do que fizera. Embora muitas vezes tivesse procurado convencer-se da futilidade do remorso, havia certas coisas que lhe voltavam à mente de tempos em tempos, aborrecendo-o. Desejaria não tê-las na consciência.

O tio abriu os olhos. Philip ficou satisfeito com isso, porque agora o velho parecia mais humano. Esteve francamente horrorizado com a idéia que lhe viera, pois estivera a premeditar um homicídio. Ficou a perguntar aos seus

botões se outras pessoas também tinham pensamentos tais, ou se ele era depravado e anormal. Achava que não teria coragem para fazer aquilo, quando chegasse a hora, mas a idéia lá estava a persegui-lo sem cessar. Só o medo é que lhe detinha o braço. O tio falou:

— Não está esperando a minha morte, está, Philip?

O coração de Philip pôs-se a bater desordenadamente.

— Santo Deus, não!

— Faz muito bem, meu rapaz. Eu não gostaria disso. Ficaré com algum dinheirinho quando eu me for, mas não deve desejar a morte de seu tio. Não aproveitaria o dinheiro se assim o fizesse.

Falava numa voz baixa, com um tom de curiosa ansiedade que deixava Philip angustiado. Que singular intuição levara o velho a desconfiar dos estranhos desejos que se agitavam no cérebro de Philip?

— Espero que o senhor viva ainda outros vinte anos.

— Bem... Não posso esperar tal coisa, mas se eu tomar cuidado, não vejo por que não durar mais uns três ou quatro.

O vigário ficou silencioso por um instante e Philip não achava o que dizer. Depois, como se tivesse estado a refletir sobre o assunto, o velho tornou a falar.

— Todos têm o direito de viver o máximo possível.

Philip queria distraí-lo.

— A propósito, acho que nunca mais teve notícias de miss Wilkinson, não?

— Tive, sim. Recebi uma carta dela este ano. Casou, sabia?

— Casou?!

— Pois é. Casou com um viúvo. Creio que vivem muito bem.

No dia seguinte Philip recomeçou o trabalho, mas o fim que ele esperava dentro de poucas semanas não veio. Passaram-se semanas e meses. O inverno se foi, e nos parques as árvores rebentaram em brotos e folhas. Uma terrível lassidão assenhoreou-se de Philip. O tempo se escoava, embora avançasse com passos tardos. Tinha a impressão de que sua juventude também lhe fugia e em breve ele a perderia sem ter realizado nada. Seu trabalho lhe parecia mais fútil agora que estava certo de que ia deixá-lo. Adquiria habilidade em desenhar roupas e, apesar de não ser dotado de faculdade inventiva, adaptava facilmente as modas francesas ao mercado britânico. Às vezes não achava maus os seus próprios desenhos, mas a casa sempre os estragava na execução. Divertia-se ao observar a viva irritação que experimentava quando as suas idéias não eram executadas com propriedade. Tinha, porém, de proceder com cautela. Sempre que ele sugeria alguma coisa original, mr. Sampson reprovava: os seus fregueses não desejavam nada *outré*, aquele era um negócio muito respeitável, e quando se tinha semelhante clientela não valia a pena tomar liberdades. Uma ou duas vezes falou asperamente a Philip. Pelo simples fato de não se harmonizarem as idéias de ambos, julgava que o rapaz se excedia.

— Tome cuidado, meu bom rapaz, senão qualquer dia destes você vai se ver no olho da rua.

Philip tinha vontade de dar-lhe um soco no nariz, mas continha-se. No fim das contas, aquilo não poderia durar muito tempo e então ficaria livre daquela gente para sempre. Em certas ocasiões, num desespero cômico, exclamava que o tio devia ser de ferro. Que constituição! As doenças de que sofria teriam matado qualquer pessoa decente doze meses antes. Quando por fim recebeu a notícia de que o vigário estava à morte, Philip, que andara pensando em outras coisas, foi tomado de surpresa. Estava-se em julho e dentro de mais uma quinzena ele entraria em férias. Recebeu uma carta de mrs. Foster dizendo-lhe que o doutor não dava muitos dias de vida ao reverendo Carey e, se Philip desejasse vê-lo de novo, devia ir imediatamente. Philip foi ao chefe da seção e disse que precisava deixar a casa. Mr. Sampson era um sujeito

decente e, quando teve conhecimento das circunstâncias, não opôs dificuldades. Philip despediu-se dos colegas. A razão de sua saída se espalhou de forma exagerada e o pessoal julgava que o rapaz ia entrar na posse duma fortuna. Mrs. Hodges tinha lágrimas nos olhos quando lhe apertou a mão.

— Tão cedo não veremos você aqui — disse ela.

— Estou satisfeito por deixar a firma — respondeu ele.

Era estranho, mas tinha verdadeiro pesar em separar-se daquela gente que julgava ter abominado, e quando se retirou da casa de Harrington Street não foi com um sentimento de júbilo. Tinha antecipado tanto as emoções que experimentaria nessa ocasião, que nada sentia agora. Esteve indiferente, como se apenas partisse para uns poucos dias de férias.

— Sou duma natureza muito ruim — disse ele para si mesmo. — Espero as coisas com enorme ansiedade e, quando elas se apresentam, sempre fico desapontado.

Chegou a Blackstable às primeiras horas da tarde. Mrs. Foster recebeu-o à porta e a fisionomia dela lhe contou que o vigário ainda não havia morrido.

— Está um pouco melhor hoje — disse. — Ele tem uma constituição maravilhosa.

Fez o moço entrar no quarto onde o reverendo Carey jazia de costas sobre a cama. Dirigiu a Philip um leve sorriso, no qual havia um laivo de astúcia satisfeita por ter mais uma vez enganado o inimigo.

— Pensei que tudo se acabava ontem — disse ele numa voz exausta. — Todos achavam que eu me ia, não foi, Mrs. Foster?

— O senhor tem uma constituição maravilhosa, não se pode negar.

— Ainda há vida nesta carcaça.

Mrs. Foster disse que o vigário não devia falar, pois isso o cansaria. Ela o tratava como a uma criança, com bondoso despotismo. E havia algo na satisfação do velho em ter frustrado a expectativa dos outros. Ocorreu-lhe em seguida que Philip viera a chamado e divertia-se por ele ter levado um logro. Se conseguisse evitar outro ataque cardíaco, ficaria bastante bem numa ou em duas semanas. Tivera vários ataques desses. Davam-lhe a impressão de que ia morrer, mas sempre escapava. Todos falavam da sua constituição, mas ninguém sabia o quanto ela era forte.

— Vai ficar um ou dois dias? — perguntou o velho a Philip fingindo crer que o sobrinho tinha vindo em férias.

— Eu estava pensando nisso — respondeu Philip jovialmente.

— Um pouco de ar do mar lhe fará bem.

Pouco depois chegou o dr. Wigram que, após ter visto o vigário, dirigiu-se a Philip. O médico adotou um tom apropriado.

— Receio que desta vez seja o fim, Philip — disse ele. — Será uma grande perda para todos nós. Conheci-o durante trinta e cinco anos.

— Mas ele parece bastante bem agora.

— Eu o estou mantendo vivo à força de drogas, mas isso não pode durar. Estes dois últimos dias têm sido terríveis. Meia dúzia de vezes pensei que ele estava morto.

O doutor silenciou por uns instantes, mas no portão disse subitamente a Philip:

— Mrs. Foster não lhe falou nada?

— Não compreendo...

— Essa gente é muito supersticiosa. Meteu-se-lhe na cabeça que há no espírito do vigário algo que ele não tem coragem de confessar, e que ele não pode morrer antes de se livrar disso.

Philip não respondeu e o doutor continuou:

— Naturalmente isso é tolice. Ele teve uma vida exemplar, cumpriu o seu dever, foi bom sacerdote e estou certo de que nós todos vamos sentir grande falta dele. O vigário não pode ter feito nada que a sua consciência lhe reprove. Duvido que o próximo vigário seja tão bom como ele.

Durante vários dias mr. Carey continuou sem mudança. Seu apetite, que antes era excelente, abandonou-o e pouco era o que ele podia comer. O dr. Wigram não hesitava agora em ministrar-lhe o opiato para acalmar a dor da neurite que o atormentava. E isso, mais o constante tremor de seus membros paralíticos, estava a exauri-lo gradualmente. O cérebro permanecia lúcido. Philip e mrs. Foster assistiam-no, revezando-se. Ela estava tão cansada, em virtude dos muitos meses durante os quais atendera a todas as necessidades do doente, que Philip insistiu em ficar com o tio durante uma noite, a fim de que ela pudesse dormi-la toda. Passou as longas horas numa poltrona, para não ferrar no sono, e leu à luz de uma lâmpada velada *As mil e uma noites*. Não as tornara a ler desde os tempos de menino, e o livro lhe trazia a infância de volta. Às vezes, abandonando a leitura, ficava a ouvir o silêncio da noite. Quando os efeitos do opiato se dissipavam, mr. Carey tornava-se inquieto e ficava constantemente a pedir coisas.

Afinal, de manhã cedo, quando os pássaros chilravam bulhentemente nas árvores, Philip ouviu que o chamavam pelo nome. Foi até a cama.

O vigário estava deitado, com os olhos fixos no teto. Não os voltou para Philip. Este viu que o suor inundava a fronte do tio e, apanhando uma toalha, enxugou-o.

— É você, Philip? — perguntou o velho.

Philip teve um sobressalto ao notar-lhe a súbita alteração da voz. Estava baixa e rouca. Um homem transido de medo falaria daquela maneira.

— Sim, sou eu. Quer alguma coisa?

Houve uma pausa e os olhos vazios continuavam fitos no teto. Depois uma críspação lhe passou pela face.

— Acho que vou morrer — disse o velho.

— Oh!, que tolice! — exclamou Philip. — Ainda vai viver muitos anos.

Duas lágrimas brotaram dos olhos do velho. Philip, ao vê-las, ficou terrivelmente comovido. O tio nunca traía nenhuma emoção particular nos assuntos da vida, e era penoso ver-lhe agora essas lágrimas, pois significavam um terror indizível.

— Mande chamar mr. Simmonds — disse ele. — Quero tomar a comunhão.

Mr. Simmonds era o coadjutor.

— Agora? — perguntou Philip.

— Logo, senão será tarde demais.

Philip foi acordar mrs. Foster, mas era mais tarde do que pensava e ela já estava em pé. Disse-lhe que mandasse o jardineiro com um recado e voltou para o quarto do tio.

— Mandou chamar mr. Simmonds?

— Mandei.

Houve um silêncio. Philip sentou-se à beira da cama e de quando em vez lhe enxugava o suor da fronte.

— Deixe segurar a sua mão, Philip — disse o velho por fim.

Philip deu-lhe a mão e o moribundo agarrou-a como se se aferrasse à vida, procurando nelas conforto em sua hora extrema. Talvez nunca tivesse amado pessoa alguma, mas agora se voltava instintivamente para um ser humano. Tinha a mão úmida e fria. Segurava a de Philip com uma débil e desesperada energia. O velho lutava com o medo da morte. E Philip refletiu que todos deviam passar por aquilo. Oh!, como era monstruoso!

Como podiam acreditar num Deus que permitia que suas criaturas sofressem tão cruel tortura? Jamais havia se interessado sentimentalmente pelo tio e durante dois anos, todos os dias, desejara-lhe a morte. Agora, porém, não podia dominar a compaixão que lhe enchia o peito. Que preço pagava a gente por ser diferente dos animais!

Permanecerem num silêncio somente quebrado pela pergunta rouca do moribundo:

— Ele ainda não veio?

Afinal a govenanta entrou suavemente para dizer que mr. Simmonds havia chegado. Trazia ele uma maleta onde estavam a sua sobrepeliz e o capelo. Mrs. Foster trouxe o prato da comunhão. O coadjutor apertou silenciosamente a mão de Philip e, com uma gravidade profissional, aproximou-se do enfermo. Philip e a empregada saíram do quarto.

Philip caminhou pelo jardim gotejante do orvalho matinal. Os pássaros cantavam alegremente. O céu estava azul, mas o ar salino era suave e fresco. As rosas estavam em plena floração. O verde das árvores, o verde da relva era vivo e brilhante. Philip caminhava, e enquanto isso pensava no mistério que se processava naquele quarto. Isso lhe dava uma comoção toda especial. Pouco depois, mrs. Foster veio até ele e lhe disse que o tio desejava vê-lo. O coadjutor estava guardando suas coisas na malinha preta. O doente voltou um pouco a cabeça e recebeu o rapaz com um sorriso. Philip ficou atônito, pois havia naquele face uma alteração, uma extraordinária mudança. Os olhos já não se mostravam apavorados e a crispação das feições desaparecera: o moribundo estava tranqüilo e feliz.

— Estou bem preparado agora — disse ele. E a sua voz tinha uma tonalidade diferente. — Quando o Senhor houver por bem chamar-me, estarei pronto para lhe entregar a alma nas mãos.

Philip não falou. Bem via que o tio estava sendo sincero. Era quase um milagre. Recebera o corpo e o sangue do Salvador e eles haviam lhe dado força para enfrentar o inevitável mergulho na noite eterna. Sabia que estava para morrer: resignava-se. Disse apenas uma coisa mais:

— Vou me juntar à minha querida esposa.

Philip surpreendeu-se. Lembrou-se do egoísmo empedernido com que o tio havia tratado a mulher e quão obtuso se mostrara diante do seu amor humilde e devotado. O coadjutor, profundamente comovido, retirou-se, e mrs. Foster, chorando, acompanhou-o até a porta. O vigário, exausto pelo esforço,



caiu em leve modorra e Philip sentou-se ao pé da cama e esperou o fim. A manhã avançava e a respiração do velho ia ficando estertorosa. Veio o doutor e disse que o vigário estava agonizando. Achava-se inconsciente e arranhava fracamente os lençóis com os dedos. Não tinha sossego. Em dado momento lançou um grito. O dr. Wigram deu-lhe uma injeção hipodérmica.

— Isso já não serve de nada. Ele pode morrer a qualquer momento.

O médico olhou para o relógio e depois para o moribundo. Philip viu que era uma hora. O dr. Wigram estava pensando no seu almoço.

— Não adianta o senhor esperar — disse Philip.

— Não posso fazer mais nada — respondeu o outro.

Quando ele saiu, mrs. Foster pediu a Philip que fosse ao carpinteiro, que era também agente funerário, e lhe dissesse para mandar uma mulher lavar o corpo.

— O senhor precisa dum pouco de ar fresco — disse ela. — Vai fazer-lhe bem.

O agente funerário morava a meia milha de distância. Quando Philip deu o recado, o homem perguntou:

— Quando faleceu o pobre senhor vigário?

Philip hesitou. Ocorreu-lhe que podia parecer brutal ir buscar uma mulher para lavar o cadáver enquanto o tio ainda vivia. Ficou imaginando por que mrs. Foster teria pedido aquilo. Haviam de pensar que ele estava aflito por matar o velho. Pareceu-lhe que o agente o contemplava dum modo esquisito. O homem repetiu a pergunta. Isso irritou Philip. Não era de sua conta.

— Quando se finou o senhor vigário?

O primeiro impulso de Philip foi dizer que o tio morrera justamente naquele momento, mas isso pareceria inexplicável se o moribundo se arrastasse por mais algumas horas. Corou e respondeu embaraçado:

— Oh!... Ele ainda não está bem morto.

O agente lançou-lhe um olhar perplexo e o moço apressou-se a explicar.

— Mrs. Foster está sozinha e quer uma mulher lá com ele. O senhor compreende, não é? Ele já pode estar morto.

O carpinteiro balançou a cabeça aquiescendo.

— Ah, sim. Pois não. Vou mandar alguém em seguida.

De volta ao vicariato, Philip subiu ao quarto do moribundo. Mrs. Foster ergueu-se da cadeira em que estava sentada, ao lado da cama.

— Ele está tal qual como quando o senhor saiu — disse ela.

Desceu para comer alguma coisa e Philip ficou observando com curiosidade o processo da morte. Nada havia agora de humano naquele ser inconsciente que continuava a lutar debilmente. Por vezes um som murmurado escapava-se-lhe da boca frouxa. O sol brilhava num céu sem nuvens, fustigava a terra, mas as árvores do jardim estavam frescas e agradáveis. Fazia um belo dia. Uma varejeira zumbiu batendo na vidraça. De súbito ouviu-se um ronco forte. Philip estremeceu, apavorado. Um movimento percorreu os membros do velho. Estava morto. A máquina desmantelara-se por fim. A mosca zumbia contra a vidraça, zumbia ruidosamente.

Josiah Graves, com seu jeito autoritário, fez todos os arranjos, apropriados mas econômicos, para o funeral. Quando viu tudo terminado, voltou ao vicariato em companhia de Philip. O testamento fora-lhe confiado, e, com o devido senso das conveniências, ele o leu a Philip depois do chá matinal. O documento estava escrito em meia lauda de papel: o reverendo Carey deixara tudo o que tinha ao sobrinho. Havia a mobília, cerca de oitenta libras no banco, vinte ações da companhia A.B.C., algumas da cervejaria Allsop, outras de um *music-ball* de Oxford e ainda outras de certo restaurante de Londres. Tinham sido compradas a conselho de mr. Graves e foi com satisfação que este explicou a Philip:

— O senhor compreende, o povo precisa comer, gosta de beber e quer divertimentos. É uma garantia empregar capital nessas coisas que o público acha necessárias.

Essas palavras revelavam um admirável discernimento entre a grosseria do vulgo, que ele deplorava mas aceitava, e o gosto mais refinado dos eleitos. A soma total de dinheiro empregado subia a cerca de quinhentas libras; e a isso devia-se acrescentar o saldo da conta do banco e mais o produto da venda da mobília. Para Philip, era a riqueza. Ele não se sentia feliz, mas sim infinitamente aliviado.

Mr. Graves deixou-o depois de discutirem o leilão, que devia ser realizado o mais cedo possível, e Philip sentou-se para examinar os papéis do falecido.

O reverendo William Carey se orgulhava de nunca destruir coisa alguma: havia pilhas de correspondência que datava de cinqüenta anos antes e montes e montes de contas cuidadosamente classificadas. O vigário conservava não somente cartas a ele dirigidas como também cópias das que havia escrito. Havia um maço amarelento de cartas que ele escrevera ao pai em meados do século, quando, como estudante de Oxford, fora passar as férias na Alemanha. Philip leu-as displicentemente. Era um William Carey diferente do William Carey que ele conhecera, e no entanto havia no rapaz traços que, para um observador agudo, teriam sugerido o homem que ele seria mais tarde. Eram

cartas formais e pouco bombásticas. O estudante se mostrava empenhado em ver tudo o que era digno de nota e descrevia com belo entusiasmo os castelos do Reno. As quedas d'água de Schaffhausen fizeram-no “render graças reverentes ao Todo-Poderoso Criador do Universo, cujas obras são portentosas e belas”, e não podia deixar de pensar que aqueles que viviam em face “desse labor do abençoado Mestre deviam ser levados, por tal contemplação, a levar existências puras e santas”. No meio das contas, Philip encontrou uma miniatura de William Carey, pintada logo após a sua ordenação. Mostrava um jovem coadjutor magro, com longos cabelos que lhe caíam em anéis naturais, olhos escuros e uma face de asceta, pálida, ampla e sonhadora. Philip lembrou-se da risadinha com que o tio costumava falar das dúzias de chinelas que suas admiradoras faziam para ele.

Durante o resto da tarde e todo o serão, Philip devassou a numerosa correspondência. Olhava rápido para o endereço e para a assinatura, depois rasgava a carta em duas partes e jogava-as no cesto de papéis que tinha ao lado. De súbito deparou-se-lhe uma que trazia a assinatura “Helen”. Ele não conhecia a letra. Era fina, angulosa e antiquada. Começava com “meu caro William” e terminava com “sua irmã afeiçoada”. Compreendeu, então, que era de sua própria mãe. Nunca vira nada escrito por ela e a caligrafia lhe era estranha. A carta lhe dizia respeito.

*Meu caro William,*

*Stephen escreveu-lhe agradecendo as suas felicitações pelo nascimento do nosso filho e pelos bondosos votos que fez a meu respeito. Graças a Deus estamos ambos de boa saúde e eu me sinto profundamente agradecida por essa mercê. Agora que posso segurar a pena, quero dizer-lhe e à querida Louisa o quanto estou sinceramente grata a ambos por todos os cuidados que tiveram para comigo desde o meu casamento. Vou pedir-lhe um grande favor. Stephen e eu queremos que seja o padrinho do menino, e esperamos que aceite. Sei que não estou pedindo pouca coisa, porque tenho certeza de que levará muito a sério as responsabilidades do encargo, mas espero ansiosamente que o aceite porque é um representante da Igreja, além de tio do pequeno. Muito me preocupo com o bem-estar dele e rogo a Deus dia e noite para que ele venha a ser um cristão bom e honesto. Com o seu conselho para o guiar, espero que se torne um soldado da Fé em Cristo e seja todos os dias de sua vida temente a Deus, humilde e piedoso.*

*Sua irmã afeiçoada,  
Helen.*

Philip pôs a carta de lado e, curvando-se sobre a mesa, descansou o rosto nas mãos. Aquilo o comovia profundamente e ao mesmo tempo lhe causava surpresa. Admirava-se do seu tom religioso, que não lhe parecia sensaborão nem sentimental. Nada sabia de sua mãe, que morrera havia quase vinte anos, senão que fora bela. Estranho descobrir que ela era simples e piedosa. Nunca havia pensado nesse lado da sua natureza. Tornou a ler o que ela escrevera a seu respeito, o que ela esperava e pensava do filho. Quão diferente saíra! Fez um rápido exame de consciência. Talvez fosse melhor ela ter morrido. Depois, um súbito impulso levou-o a rasgar a carta. Aquele tom de ternura e simplicidade faziam-na particularmente íntima. Tinha a estranha sensação de que havia algo de indecoroso em ler uma carta que expunha a alma delicada de sua mãe. Continuou a passar em revista a enfadonha correspondência do vigário.

Poucos dias depois voltou para Londres e, pela primeira vez em dois anos, entrou de dia no saguão do Hospital São Lucas. Foi falar com o secretário da Escola de Medicina, que ficou surpreendido ao vê-lo, perguntando-lhe com curiosidade o que ele estivera fazendo. As aventuras de Philip lhe tinham dado confiança em si mesmo e olhava muitas coisas sob um ângulo diferente. Outrora, a pergunta teria lhe causado embaraço. Respondeu com calma e num tom estudadamente vago que impedia uma segunda pergunta: assuntos particulares haviam-no obrigado a interromper o curso e estava ansioso por diplomar-se o mais depressa possível. O primeiro exame que lhe era dado fazer seria o de ginecologia e obstetrícia. Inscreveu-se, candidatando-se a um lugar na enfermaria de mulheres. Uma vez que se estava em férias, não houve dificuldade em conseguir um posto como auxiliar de obstetrícia. Ficou combinado que desempenharia essas funções durante a última semana de agosto e as duas primeiras de setembro. Depois de conversar com o secretário, Philip percorreu a faculdade, mais ou menos deserta, pois os exames e o semestre de verão haviam terminado. Perambulou pelo terraço que dava para o rio. Tinha o coração transbordante. Achava que agora podia começar uma vida nova e deixar para trás os erros, loucuras e misérias do passado. O rio a correr

sugeria que tudo passava, estava sempre passando e nada tinha importância. O futuro estendia-se diante dele, rico de possibilidades.

Retornou a Blackstable e se ocupou com a liquidação da propriedade do tio. Marcou-se o leilão para meados de agosto, quando a presença dos veranistas tornava possível a obtenção de preços melhores. Catálogos foram organizados e remetidos aos vários negociantes de livros de segunda mão de Tercanbury, Meidstone e Ashford.

Uma tarde Philip teve a idéia de ir a Tercanbury visitar sua antiga escola. Não a via desde o dia em que, de coração aliviado, ele a deixara com a sensação de que dali para diante era senhor de si mesmo. Achou estranho andar pelas ruas estreitas de Tercanbury, que por tantos anos palmilhara diariamente. Olhou as velhas lojas, sempre no mesmo lugar, a vender as mesmas coisas; os livreiros com obras didáticas, livros religiosos e as últimas novelas numa das vitrinas e com fotografias da catedral e da cidade na outra. As casas de esporte, com seus tacos de críquete, petrechos de pesca, raquetes de tênis e bolas de futebol; o alfaiate onde mandou fazer as roupas durante toda a meninice; a peixaria onde o tio comprava peixe sempre que vinha a Tercanbury. Andou pela sórdida rua em que, por trás do alto muro, ficava a casa de tijolo vermelho onde funcionava a escola preparatória. Mais adiante via-se o portão que levava a King's School. Philip entrou no pátio quadrangular ao redor do qual se achavam as várias dependências. Eram exatamente quatro horas e os rapazes saíam apressados da escola. Philip viu os professores nas suas becas e borlas: eram-lhe desconhecidos. Havia mais de dez anos que deixara aquela escola e muitas mudanças haviam se operado ali. Viu o diretor, que caminhava devagar, descendo da escola para a sua casa particular e falando a um rapaz crescido, que devia estar no sexto ano. Achava-se o mestre um pouco mudado; alto, cadavérico, romântico tal como outora, sempre com os mesmos olhos selvagens. A barba negra, porém, estava agora estriada de fios grisalhos e a face morena e lívida parecia mais fundamente marcada. Philip teve vontade de se dirigir a ele, mas temia que o tivesse esquecido e detestava explicar quem era.

Meninos aqui e ali conversavam uns com os outros e, em dado momento, alguns dos que tinham ido mudar de roupa às pressas voltaram para jogar bola; outros andavam em grupos de dois e três e saíam pelo portão. Philip sabia que iam para o campo de críquete. Outros enfim dirigiam-se para a quadra de tênis. Philip se encontrava no meio deles como um estranho. Dois ou três rapazes

lhe lançaram olhares indiferentes. Os visitantes, atraídos pela escada em estilo normando, não eram raros ali e despertavam pouca atenção. Philip olhava para os alunos com curiosidade. Pensou com melancolia na distância que o separava daquelas criaturas e refletiu amargamente no quanto desejara fazer e no pouco que havia feito. Parecia-lhe agora que todos aqueles anos, idos e esquecidos, tinham sido completamente desperdiçados. Os meninos, joviais e buliçosos, estavam fazendo as mesmas coisas que ele havia feito: era como se nem um dia tivesse decorrido desde que ele deixara a escola. Contudo, naquele lugar, onde pelo menos de nome conhecera a todos, eram-lhe agora todos desconhecidos. Dentro de poucos anos, também outros substituiriam aqueles, que iriam sentir-se depois tão estranhos como ele. Esta reflexão, porém, não lhe trouxe alívio algum; apenas lhe fazia ver, nítida, a futilidade da vida humana. Cada geração repetia um ciclo trivial. Que fim teriam levado seus companheiros? Deviam andar perto dos trinta anos. Alguns estariam mortos; outros, casados e com filhos. Seriam soldados e sacerdotes, advogados e médicos. Eram homens graves que começavam a deixar a mocidade para trás. Teria algum deles malbaratado sua vida como ele? Pensou no rapaz a quem fora tão devotado. Era engraçado, não conseguia lembrar do seu nome. Recordava-se exatamente de seu aspecto, pois tinha sido o seu maior amigo; mas o nome é que não lhe vinha de forma alguma à lembrança. Pensou no passado sorrindo, divertido, das ciúmeiras que havia sofrido por causa dele. Era irritante não lhe ocorrer aquele nome. Desejou ser menino outra vez, como os que via a perambular pelo pátio, a fim de que, evitando os seus erros, pudesse começar de novo e tirar mais proveito da vida. Sentiu uma solidão intolerável. Quase lamentou ter saído da penúria que sofrera durante os dois últimos anos, pois a luta desesperada pela subsistência havia amortecido a dor de viver. Com o “suor de teu rosto ganharás o pão de cada dia”: não era um anátema lançado sobre a humanidade, mas o bálsamo que a reconciliava com a existência.

Estava, porém, impaciente consigo mesmo. Relembrou a sua idéia sobre o desenho da vida: os sofrimentos por que havia passado não eram mais do que uma parte da decoração caprichosa e bela. Repetiu para si mesmo, veementemente, que devia aceitar com alegria todas as coisas — o tédio e a exaltação, o prazer e a dor — porque isso contribuía para a riqueza do desenho. Procurara o belo conscientemente e lembrava-se de ter, ainda menino, olhado com prazer para a catedral gótica que se avistava da escola. Foi

até lá e contemplou o vulto maciço, cinzento sob o céu nublado, com a torre central a erguer-se como os louvores dos homens ao seu Deus. Mas os rapazes estavam jogando tênis e eram ágeis, fortes e ativos. Philip não podia deixar de ouvir-lhes as exclamações e as risadas. O clamor da mocidade continuava insistente e era apenas com os olhos que ele via o belo espetáculo que tinha diante de si.



No princípio da última semana de agosto, Philip começou a exercer as suas funções no “distrito”. O trabalho era árduo, pois ele tinha de atender a uma média de três partos por dia. A paciente obtinha com antecedência no hospital um “cartão” que, quando a sua hora chegava, era levado por um mensageiro, geralmente uma menina, ao porteiro. Este a encaminhava à casa em que Philip estava alojado, no outro lado da rua. À noite o porteiro, que tinha uma chave, vinha em pessoa acordar Philip. Tinha um certo mistério levantar-se na escuridão e caminhar pelas ruas desertas de South Side. Àquelas horas da noite era geralmente o marido quem trazia o cartão. Se já tinha muitos filhos, apresentava-se com uma indiferença mal-humorada, mas se casara havia pouco, mostrava-se nervoso e às vezes embebedava-se, procurando atenuar a ansiedade. Frequentemente era preciso caminhar um quilômetro ou mais. Durante o trajeto Philip e o mensageiro discutiam as condições de trabalho e o custo da vida. Philip aprendia coisas sobre os vários ofícios que eram exercidos naquela banda do rio. Inspirava confiança às pessoas em cujo meio fora lançado. E durante as longas horas de vigília num quarto abafado, a parturiente estendida numa cama larga que ocupava mais de metade da peça, a mãe da paciente e a parteira conversavam com Philip com tanta naturalidade como se tagarelassem entre si. As circunstâncias em que ele vivera durante os últimos dois anos haviam-lhe ensinado várias coisas sobre a vida dos pobres e estes divertiam-se ao ver que o doutor as conhecia. Infundia-lhes respeito porque não lhes era possível enganá-lo com os seus pequenos subterfúgios. Philip era bondoso, tinha mãos delicadas e jamais perdia a paciência. Os doentes ficavam satisfeitos porque “o doutor” não se negava a beber com eles uma taça de chá, e quando a madrugada vinha encontrá-los ainda de vigília, ofereciam-lhe uma fatia de pão embebida em molho de carne assada. Philip não era enfastiado e agora comia quase de tudo com bom apetite. Algumas das casas a que ia, situadas em sórdidas “avenidas”, amontoadas umas em cima das outras, sem luz nem ar, eram simplesmente esquálidas; mas outras, embora em mau estado, os assoalhos roídos pelo caruncho atulhados com frinchas, tinham um

inesperado ar de imponência. Encontravam-se nelas balaústres de carvalho delicadamente trabalhados e as paredes conservavam ainda as suas almofadas de madeira. Eram habitadas por grande número de pessoas. Em cada quarto vivia uma família e durante o dia ouvia-se a algazarra incessante das crianças que brincavam no pátio. As paredes velhas eram o nascedouro de toda sorte de insetos. O ar era tão viciado que às vezes, sentindo-se nauseado, Philip tinha de acender o cachimbo. As pessoas que ali moravam viviam ao deus-dará. Os bebês não eram bem acolhidos. O pai os recebia com uma raiva ostensiva e a mãe com desespero: era mais uma boca para alimentar, e já havia pouco que comer. Philip percebia freqüentemente o desejo de que a criança nascesse morta ou morresse em seguida. Assistiu o parto de uma mulher que teve gêmeos (fonte de comicidade para os gaiatos). Quando ela veio a saber, rompeu num choro agudo e longo de miséria. A avó disse francamente:

— Não sei como é que vão dar de comer a eles.

— Talvez Nosso Senhor queira levar os anjinhos — disse a parteira.

Philip vislumbrou o rosto do marido quando este olhou para o minúsculo par de crianças deitadas lado a lado; estava contraído numa carranca feroz que o sobressaltou. Sentiu na família ali reunida um horrível ressentimento contra aqueles pobres átomos que tinham vindo ao mundo sem que ninguém os desejasse. Suspeitava que, se ele não falasse com firmeza, havia de acontecer um “acidente”. Tais ocorrências eram freqüentes; mães “abafavam” os filhos, e talvez os erros de dieta nem sempre resultassem de descuido.

— Virei todos os dias — disse Philip. — Aviso-os de que se alguma coisa acontecer aos gêmeos, vai haver um inquérito.

O pai não respondeu, mas encarou o estudante de cenho franzido. Tinha o crime no pensamento.

— Benza-os Deus — disse a avó. — Que é que pode acontecer?

A grande dificuldade era manter as mães na cama durante dez dias, o tempo mínimo exigido pela assistência à maternidade. Era difícil atender a família, pois ninguém cuidaria gratuitamente das crianças e o marido resmungava porque o chá não estava pronto quando ele voltava do trabalho, cansado e com fome. Philip ouvira dizer que os pobres se ajudavam uns aos outros. Mas todas as mulheres queixavam-se para ele de não poderem conseguir ninguém para arrumar a casa e servir o almoço das crianças sem remuneração — e elas não podiam pagar. Escutando o que essas criaturas diziam e tirando deduções de frases que ouvia ocasionalmente, Philip veio a

compreender quão pouco havia de comum entre os pobres e as classes que lhes estão acima. Não invejavam os seus superiores porque a vida destes era demasiado diferente e eles tinham um ideal de bem-estar que fazia a existência das classes abastadas parecer rígida e formal. Além disso, tinham certo desprezo pelos seus representantes, porque eram efeminados e porque não trabalhavam com as próprias mãos. Os orgulhosos simplesmente queriam que os deixassem em paz, mas a maioria olhava para o rico como gente a ser explorada. Sabiam como conseguir certas vantagens que os caridosos lhes punham ao alcance e aceitavam esses benefícios como um direito que lhes advinha da loucura de seus superiores e da sua própria astúcia. Suportavam o pastor com desdenhosa indiferença, mas a orientadora sanitária despertava neles um ódio acerbo. Ela entrava e abria as janelas sem pedir licença e sem perguntar se gostavam ou não (“e eu com a minha bronquite, isso até pode me matar de frio”), metia o nariz pelos cantos e, mesmo que não dissesse que o lugar estava sujo, via-se muito bem o que estava pensando. “Isso fica muito bem para os que têm criados, mas eu só queria saber como é que ela ia arrumar o quarto se tivesse quatro filhos, se tivesse de cozinhar, lavar, e remendar as roupas.”

Philip descobriu que a maior tragédia da vida daquela gente não era a separação nem a morte, coisas naturais cuja dor podia ser acalmada pelas lágrimas: era, sim, a perda do emprego. Viu um homem voltar para casa de tarde, três dias após o parto da mulher, e contar-lhe que fora despedido. Era pedreiro e àquela época o trabalho escasseava. O operário contou o fato e sentou-se para tomar o seu chá.

— Oh, Jim — exclamou ela.

O pedreiro comeu impassivelmente uma mistura que tinha estado a cozer numa caçarola, à sua espera. Não tirava os olhos do prato. A mulher mirou-o duas ou três vezes com expressão alarmada e depois começou a chorar em silêncio. O operário era um sujeitinho desgraçado, com uma cara rude e castigada pela intempérie. Via-se-lhe na testa uma longa cicatriz branca. Tinha mãos largas e curtas. Pouco depois empurrou o prato para um lado, como se desistisse de fazer força para comer, e voltou o olhar parado na direção da janela. O quarto ficava no sótão da casa, nos fundos, e dali nada mais se via além de nuvens ameaçadoras. O silêncio parecia carregado de desespero. Philip sentiu que não havia nada a dizer e só lhe restava retirar-se. Ao se arrastar

cansado para fora, pois estivera de pé a maior parte da noite, o coração se lhe encheu de raiva contra a crueldade do mundo.

Conhecia a procura desesperada de trabalho e o desânimo que é mais duro de suportar do que a fome. Estava contente por não ter de acreditar em Deus, pois em semelhante estado de coisas isso seria intolerável. A gente só podia se reconciliar com a existência pela certeza de que ela não tinha sentido.

Afigurava-se-lhe que as pessoas que passam o seu tempo auxiliando as classes pobres erram em procurar remediar coisas que lhes seriam intoleráveis, se elas as tivessem de suportar; mas não se lembram de que essas mesmas coisas não incomodam os que estão habituados a elas. Os pobres não querem quartos amplos e arejados. Sofrem de frio porque a sua alimentação não é nutritiva e sua circulação é má. Os aposentos espaçosos dão-lhes uma sensação de frialdade e eles precisam queimar a menor quantidade possível de carvão. Não é provação para eles dormirem vários num quarto: preferem-no até. Nunca estão por um momento a sós, desde que nascem até o instante de morrer, e a solidão os oprime. Aceitam a promiscuidade em que vivem e o constante ruído que os cerca lhes é indiferente aos ouvidos. Não sentem necessidade de tomar banho constantemente, e Philip muitas vezes ouviu-os falar com indignação da necessidade de fazê-lo quando entravam no hospital. Aquilo era ao mesmo tempo uma afronta e um incômodo. Desejavam antes de mais nada ser deixados em paz. Assim, quando o homem tem emprego firme a vida corre facilmente e não é destituída de prazeres. Há bastante tempo para tagarelar; depois do trabalho do dia, um copo de cerveja sabe muito bem e as ruas são uma fonte constante de entretenimentos. Quando a gente tem vontade de ler, lá está o *Reynolds'* ou o *The News of the World*. “Mas a senhora sabe como o tempo voa. Quando eu era menina, passava o dia com o nariz metido nos livros, mas agora não tenho nem cinco minutos para olhar o jornal.”

Era hábito fazer três visitas depois de um parto, e certo domingo Philip foi ver uma paciente à hora do almoço. Era a primeira vez que ela deixava o leito.

— Não pude agüentar a cama por mais tempo, não pude mesmo. Não posso ficar sem fazer nada e me dá um nervoso ficar deitada o dia inteiro. Então eu disse ao Erb: Olha, eu vou levantar e fazer o almoço para você.

Erb estava sentado à mesa, já com a faca e o garfo nas mãos.

Era um homem moço, de fisionomia franca e olhos azuis. Ganhava um bom dinheiro e o casal estava em situação desafogada. Fazia apenas alguns meses que tinham casado e estavam ambos encantados com o rosado bebê que jazia no berço ao pé da cama. Sentia-se no ar um delicioso cheiro de bife e os olhos de Philip se voltaram para o fogão.

— Eu ia servir neste instante — disse a mulher.

— Pois sirva — animou-a Philip. — Vou só dar uma olhadela no herdeiro e depois me retiro.

Marido e mulher riram da palavra usada por Philip, e Erb, levantando-se, foi com o estudante até o berço. Olhou para o filho com orgulho.

— Um bebê como se quer, hein? — comentou Philip.

Apanhou o chapéu. A mulher de Erb já havia servido o bife e colocado na mesa um prato de ervilhas verdes.

— Vão ter um belo almoço — sorriu o estudante.

— Ele só passa os domingos em casa e eu gosto de fazer algum prato especial, porque assim o Erb sente falta de casa quando está trabalhando.

— Será que o senhor não quer nos dar o prazer de sentar-se para comer um pouquinho conosco?... — disse Erb.

— Ora, Erb! — interrompeu-o a mulher, escandalizada.

— Só se não me convidarem — respondeu Philip com o seu agradável sorriso.

— Isso é que eu chamo ser amigo. Eu sabia que ele não ia ficar ofendido, Polly. Vá já buscar outro prato, minha pequena.

Polly estava atarantada. Aquele Erb! Ninguém podia adivinhar as coisas que lhe dava na telha fazer. Mas apanhou um prato e esfregou-o rapidamente no avental, depois tirou um talher da gaveta da cômoda, onde guardava o seu melhor serviço de mesa, no meio das melhores toalhas. Havia um jarro de cerveja sobre a mesa e Erb encheu o copo de Philip. Quis dar-lhe o melhor pedaço do bife, mas Philip insistiu em que as porções fossem iguais. Era uma sala ensolarada, com duas janelas que chegavam até o chão. Tinha sido a sala de estar duma casa que fora outrora, se não luxuosa, pelo menos respeitável. Devia ter sido habitada uns cinqüenta anos antes por algum comerciante rico ou por um militar reformado. Antes de casar, Erb fora jogador de futebol. Nas paredes havia fotografias de vários times em poses airosas — os jogadores de cabelos bem lambidos, o capitão sentado orgulhosamente no centro, segurando uma taça. Havia outros sinais de prosperidade; fotografias dos

parentes de Erb e Polly em roupas domingueiras. Sobre a lareira via-se caprichosa combinação de conchas, formando a miniatura duma gruta. De cada lado desta, canecões para cerveja com a inscrição: “Lembrança de Southend” em letras góticas, e paisagens pintadas. Erb era um tipo característico. Anti-sindicalista, expressava-se com indignação sobre os esforços que o sindicato fazia para conquistá-lo. Achava que a *union* não lhe servia, pois nunca tinha dificuldade em encontrar trabalho e pagava-se bom salário para quem tivesse cabeça e não se recusasse a meter as mãos em qualquer serviço que aparecesse. Polly era tímida. Se fosse o marido, entrava para o sindicato: quando da última greve, ela esperava que lhe trouxessem Erb numa ambulância todas as vezes que ele saía. Voltou-se para Philip.

— Ele é cabeçudo assim, ninguém pode com a vida dele.

— O que eu digo é que estamos num país livre e que eu não quero ser mandado.

— Não adianta dizer que estamos num país livre —olveu Polly. — Não é por causa disso que eles vão deixar de lhe quebrar a cabeça quando puderem.

Terminada a refeição, Philip passou a bolsa de fumo para Erb e ambos acenderam os cachimbos. O estudante levantou-se, pois talvez o esperasse em casa um “chamado”. Despediu-se. Viu que lhes tinha dado prazer em compartilhar de seu almoço e o casal, por sua vez, notou que Philip também havia gostado bastante.

— Bom, passe bem, senhor — disse Erb. — Quando a patroa cair noutra, espero ter um médico tão bom como o senhor.

— Ora, Erb! — protestou ela. — Por que você acha que vou cair noutra?

Terminaram as três semanas de serviço. Philip havia assistido sessenta e dois partos e já não podia mais. Quando voltou para casa na última noite, por volta das dez horas, esperava de todo o coração que não tornassem a chamá-lo. Havia dez dias que não tinha uma noite inteira de descanso. Acabava de atender um caso horrível. Um brutamontes meio ébrio viera buscá-lo para levá-lo a um quarto situado numa viela malcheirosa, o mais sujo de quantos tinha encontrado. Era uma pequena mansarda em que a maior parte do espaço ficava tomada por uma cama de madeira com um dossel de trapos vermelhos e sórdidos.

O teto era tão baixo que Philip podia tocá-lo com a ponta dos dedos. À luz de uma única vela que iluminava frouxamente o quarto, Philip dirigiu-se para essa cama, espantando os percevejos que nela fervilhavam. A mãe, uma mulher gorda já idosa, tivera uma longa sucessão de filhos natimortos. Era uma história a que Philip estava acostumado. O marido fora soldado na Índia. A legislação imposta àquele país pelo falso pudor inglês dava livre curso à mais funesta de todas as enfermidades e no fim quem sofria eram os inocentes.

Bocejando, Philip despiu-se e tomou um banho; depois sacudiu as roupas em cima da água e ficou olhando os insetos que caíam nela, esperneando. No momento exato em que ia para a cama, ouviu uma batida na porta e o porteiro do hospital entrou trazendo-lhe um cartão.

— Ora, vá para o diabo! — exclamou Philip. — Você é a última pessoa que eu desejava ver hoje. Quem foi que trouxe?

— Acho que foi o marido, doutor. Mando esperar?

Philip olhou para o endereço, viu que era uma rua conhecida e disse ao porteiro que iria só. Vestiu-se e, em cinco minutos, com a maleta negra na mão, ganhou a rua. Um homem que a escuridão escondia aproximou-se dele e disse ser o marido.

— Achei melhor esperar, doutor. A zona lá não é de muita confiança e eles não sabem quem o senhor é.

Philip riu.

— Santo Deus, homem, todos conhecem o médico. Já estive em lugares mais perigosos que Waver Street.

Era verdade. A mala preta valia como um passaporte nas ruas mais escusas e nos becos fétidos onde um policial não ousava aventurar-se. Uma ou duas vezes, um grupo de homens tinha olhado para Philip com ar de curiosidade enquanto ele passava. Ouviu cochicharem e depois uma voz que dizia:

— É o médico do hospital.

Quando ele passava, um ou dois deles disseram: “Boa noite, doutor”.

— Temos que andar mais depressa, doutor, se o senhor não se importa — disse o homem que o acompanhava. — Disseram que não havia tempo a perder.

— Por que deixaram para a última hora? — indagou Philip, estugando o passo.

Olhou de relance para o homem, ao passarem sob um lampião.

— Você parece muito moço.

— Já fiz dezoito.

Era um rapaz louro, completamente imberbe, não parecia mais do que um menino. Era baixote, mas robusto.

— Você é bem jovem para estar casado — disse Philip.

— Fomos obrigados.

— Quanto ganha?

— Dezesseis.

Dezesseis xelins por semana não era muito para sustentar mulher e filho. O quarto em que o casal morava denotava a extrema pobreza dos ocupantes. Era de bom tamanho, mas parecia ainda maior por estar quase desguarnecido. Não havia tapete no chão, nem quadros nas paredes; a maioria dos quartos que Philip conhecia tinha alguma coisa: fotografias ou, metidas em molduras baratas, gravuras dos números de Natal dos jornais ilustrados. A parturiente jazia numa pequena cama de ferro, das mais baratas. Philip ficou surpreso ao notar quão jovem ela era.

— Céus, mas não pode ter mais de dezesseis anos — disse ele para a mulher que tinha vindo ajudar.

No cartão do hospital a garota figurava com a idade de dezoito anos. Acontecia, porém, que quando as pacientes eram muito jovens, costumavam aumentar um ou dois anos. Aquela era também bonita, coisa rara nessas



classes em que a constituição é solapada pela má alimentação, pelo ar viciado e pelas ocupações pouco saudáveis. Tinha ela feições delicadas, grandes olhos azuis e arranjava a escura cabeleira nesse complexo penteado que é típico das vendedoras de frutas. Ela e o marido estavam muito nervosos.

— É melhor você esperar lá fora. Fique perto para o caso de eu precisar de você — disse Philip.

Agora que o via melhor, o estudante tornou a surpreendê-lo com o seu ar juvenil. Sentia-se que ele devia estar de pândega na rua com outros rapazes, ao invés de esperar ansiosamente o nascimento de um filho. As horas passaram e não foi senão quase às duas que a criança nasceu. Tudo parecia correr satisfatoriamente. O marido foi chamado e Philip comoveu-se ante o modo desajeitado e tímido com que o rapaz beijou a esposa. Meteu os instrumentos na bolsa. Antes de retirar-se, tomou o pulso da paciente.

— Opa! — exclamou.

Lançou-lhe um olhar rápido: alguma coisa tinha acontecido. Em casos de emergência, mandava-se chamar o assistente-chefe do Serviço de Obstetrícia. Era um médico diplomado e Philip se encontrava sob suas ordens naquele “distrito”. Garatujou uma nota e, entregando-a ao marido, disse-lhe que corresse ao hospital. Pediu-lhe que se apressasse, pois a esposa estava em perigo. O rapaz precipitou-se para fora. Philip esperou ansiosamente. Sabia que a mulher estava se esvaindo em sangue e temia vê-la morrer dum momento para outro, antes que o chefe chegasse. Tomou todas as medidas ao seu alcance. Desejou com fervor que o cirurgião não tivesse sido chamado para outra parte. Os minutos lhe pareciam intermináveis. Afinal o homem chegou e, enquanto examinava a paciente, fez perguntas a Philip em voz baixa. Este viu pela sua fisionomia que ele julgava o caso bastante grave. Chamava-se Chandler. Era um homem alto, de poucas palavras, com um nariz comprido, o rosto magro e muito enrugado para a idade que tinha. Balançou a cabeça.

— Era um caso perdido desde o princípio. Onde está o marido?

— Eu lhe pedi que esperasse no patamar.

— É melhor mandá-lo entrar.

Philip abriu a porta e chamou-o. O rapaz estava sentado no escuro, no primeiro degrau da escada que levava ao andar inferior. Aproximou-se da cama.

— Que foi que houve? — indagou.

— Há uma hemorragia interna. É impossível fazer parar.

O cirurgião hesitou um momento e, porque era uma coisa dolorosa de dizer, sua voz saiu um tanto brusca:

— Está morrendo.

O homem não pronunciou uma palavra. Ficou absolutamente imóvel, olhando para a esposa que jazia sobre a cama, pálida e desacordada. Foi a parteira que falou.

— Estes senhores fizeram tudo que podiam, Harry — disse ela. — Desde o princípio vi que isso ia acontecer.

— Cale a boca! — ordenou Chandler.

As janelas não tinham cortinas e, pouco a pouco, a noite parecia aclarar-se. Não era ainda a aurora, mas estava próxima. Chandler conservava a mulher com vida por todos os meios de que dispunha, mas a vida ia escapando e de súbito ela morreu. O marido, aos pés da cama de ferro ordinária, com as mãos sobre a guarda, ali ficou muito pálido, sem falar. Uma ou duas vezes Chandler lançou-lhe um olhar inquieto, julgando que ele fosse desmaiar. Os seus lábios estavam cinzentos. A parteira soluçava, mas o rapaz não lhe prestava atenção. Seus olhos se achavam fixos na mulher com uma expressão de suprema perplexidade. Fazia lembrar um cão chicoteado, sem saber por quê. Depois que Chandler e Philip reuniram os seus instrumentos, o primeiro voltou-se para o marido.

— É melhor você deitar-se um pouco. Deve estar mais morto do que vivo.

— Não tenho onde me deitar, doutor — respondeu ele. Havia em sua voz uma humildade que dava pena.

— Não conhece ninguém nesta casa que lhe possa emprestar uma cama?

— Não, senhor.

— Eles vieram para cá na semana passada — explicou a parteira. — Ainda não conhecem ninguém.

Chandler hesitou um momento, embaraçado, depois se acercou do rapaz, dizendo:

— Lamento muito o que aconteceu.

Estendeu a mão e o outro, depois de uma olhada instintiva para verificar a limpeza da sua, apertou-a.

— Obrigado, doutor.

Philip apertou-lhe também a mão. Chandler disse à parteira que viesse buscar o atestado de óbito pela manhã. Saíram da casa e caminharam juntos

em silêncio.

— A princípio isso abala um pouco, não é? — disse Chandler por fim.

— Um pouco — respondeu Philip.

— Se quiser, eu direi ao porteiro para não chamá-lo mais esta noite.

— De toda maneira o meu serviço termina esta manhã, às oito.

— Atendeu quantos casos?

— Sessenta e três.

— Excelente. Vai ter então o seu certificado amanhã.

Chegaram ao hospital e o médico entrou para ver se alguém o procurara. Philip continuou a andar. O dia fora quente e mesmo agora, na madrugada, havia uma tepidez no ar. A rua estava muito silenciosa. Philip não tinha vontade de ir para a cama. Era o fim de seu trabalho e ele não precisava apressar-se. Saiu a passear vagaroso, satisfeito do ar fresco e do silêncio. Pensou em ir até a ponte olhar o nascer do dia sobre o rio. Um policial à esquina cumprimentou-lhe. Pela maleta, via quem era Philip.

— Trabalhou muito esta noite, doutor? — perguntou ele.

Philip fez um sinal afirmativo com a cabeça e prosseguiu. Debruçou-se no parapeito e olhou para a manhã que surgia. Àquela hora a grande metrópole era como a cidade dos mortos. O céu estava sem nuvens, mas as estrelas brilhavam frouxamente à aproximação do dia. Havia uma leve bruma sobre o rio e os grandes edifícios das bandas do norte eram como palácios duma ilha encantada. Um grupo de barcaças estava ancorado ao largo. Todas as coisas tinham um tom violeta sobrenatural, que era um tanto perturbador e intimidante. Mas depressa tudo ficou pálido, frio e cinzento. Surgiu então o sol, um raio de ouro cortou o céu e o céu ficou iridescente. Philip não podia tirar da lembrança a garota morta, estendida na cama, branca e exangue, e o rapaz parado ali perto, como um animal ferido. A nudez do quarto sórdido tornava ainda mais pungente a dor daquela cena. Era cruel que um acaso estúpido cerceasse a vida daquela criatura quando apenas começava a viver. Mas ao mesmo tempo que pronunciava mentalmente essas palavras, Philip pensou na vida que lhe estaria destinada; os filhos, a eterna luta contra a pobreza, a juventude gasta pelo trabalho e pelas privações; seria mais tarde uma matrona desleixada.

Via-lhe a cara bonita ficar magra e branca, o cabelo ralo, as lindas mãos, brutalmente deformadas pela faina diária, converterem-se nas garras de um velho animal. E depois, quando o homem tivesse deixado para trás a

moçidade, a dificuldade em conseguir emprego, os pequenos salários que teria de aceitar e a inevitável, abjeta penúria do fim. Ela podia ser enérgica, industriosa, econômica, que isso não havia de salvá-la. Na velhice, era o asilo ou a dependência da caridade dos filhos. Quem poderia lamentá-la por ter morrido quando a vida tão pouco lhe oferecia?

Mas a piedade era inane. Philip sentiu que não era disso que aquela gente precisava. Eles não se apiedavam de si próprios. Aceitavam o seu destino. Era a ordem natural das coisas. De outra forma, santo Deus! De outra forma eles atravessariam o rio em multidões formigantes para a zona onde aqueles edifícios se erguiam, seguros e imponentes. E seria a depredação, o incêndio e a pilhagem. Mas o dia, suave e pálido, havia rompido e o nevoeiro era tênue. Banhava todas as coisas numa radiação macia. O Tâmis estava cinzento, rosado e verde, cinzento como madrepérola e verde como o coração duma rosa amarela. Os trapiches e os armazéns de Surrey Side agrupavam-se em amorável desordem. A cena era tão linda que o coração de Philip batia apaixonadamente. Estava humilhado ante a beleza do universo. Ao lado daquilo, nada parecia ter importância.

Philip passou no ambulatório as poucas semanas que lhe restavam de férias, antes do início do período de inverno. Em outubro encetou os estudos regulares. Tinha ficado tanto tempo ausente do hospital, que encontrava muita gente nova em torno de si. Os estudantes que cursavam anos diferentes pouco tinham de comum entre si e os seus contemporâneos estavam, na maior parte, já diplomados. Alguns haviam ido ocupar lugares de assistentes ou postos em hospitais do interior e casas de saúde; outros ainda deixaram-se ficar trabalhando no Hospital São Lucas. Os dois anos durante os quais o seu espírito permanecera inativo haviam-no revigorado, pensava Philip, e agora se sentia disposto a trabalhar com energia.

Os Athelny estavam encantados com a mudança de sorte do amigo. Philip deixara fora de leilão umas poucas coisas da casa do tio e presenteou a todos. Ofereceu a Sally uma corrente de ouro que havia pertencido à tia. Sally estava agora moça feita. Trabalhava como aprendiz num ateliê de costura de Regent Street e todas as manhãs, às oito, ia para o serviço. Tinha olhos azuis de expressão franca, testa larga e cabelos bastos e brilhantes. Era robusta, de ancas largas e seios fartos. O pai, que gostava de discutir-lhe a aparência, advertia-a constantemente de que não devia engordar. A garota atraía porque era sadia, animal e feminina. Tinha muitos admiradores, mas eles a deixavam imperturbável. Dava ela a impressão de considerar uma tolice os assuntos amorosos. Compreendia-se facilmente que os rapazes deviam achá-la inacessível. Sally tinha o espírito de uma pessoa mais velha do que a sua idade. Estava acostumada a ajudar a mãe nos trabalhos da casa e no cuidado das crianças de sorte que adquiriu assim um ar autoritário que fazia mrs. Athelny dizer que Sally gostava muito de fazer o que lhe vinha à cabeça. A moça era calada, mas à medida que crescia dava a impressão de ir adquirindo um tranqüilo senso de ridículo, e às vezes fazia uma observação por onde se via que, por trás daquele exterior impassível, ela estava sossegadamente a divertir-se com o próximo. Philip notou que com ela nunca havia chegado a essa intimidade afetuosa que tinha com o resto da numerosa família de Athelny. De

quando em quando, a indiferença da garota deixava-o levemente irritado. Havia nela qualquer coisa de enigmático.

Quando Philip lhe deu o colar, Athelny, com o seu jeito turbulento, insistiu em que ela devia beijá-lo. Sally, porém, ficou vermelha e recuou.

— Não, não beijo — disse.

— Sua diabinha ingrata! — exclamou Athelny. — Por que não?

— Não gosto de ser beijada por homens.

Philip viu-lhe o embaraço e, achando graça, desviou a atenção de Athelny para outro assunto — o que aliás não era coisa muito difícil. Mas com certeza Mrs. Athelny falou à filha a respeito do incidente, pois, na próxima visita de Philip, Sally aproveitou a primeira oportunidade em que ficaram alguns minutos a sós para tocar no assunto.

— Será que o magoei na semana passada por não ter querido deixar que me beijasse?

— Nem um pouco — riu ele.

— Não é que eu seja ingrata. — Corou um pouco ao pronunciar a frase formal que havia preparado. — Estimarei sempre o colar. Foi muito gentil em me presentear com ele.

Philip achava sempre um pouco difícil conversar com Sally. A moça fazia corretamente as suas obrigações, mas nunca parecia experimentar necessidade de trocar idéias. Contudo, nada havia de insociável nela. Um domingo à tarde, quando Athelny e a esposa tinham saído juntos e Philip, tratado como pessoa da família, ficara lendo na sala de estar, Sally entrou e sentou-se a costurar perto da janela. As roupas das meninas eram feitas em casa e Sally não podia passar os domingos sem fazer nada. Philip pensou que ela desejasse conversar e abandonou o livro.

— Continue a ler — disse ela. — Como estava só, vim costurar aqui ao seu lado.

— É a pessoa mais quieta que eu conheço.

— Nessa casa já temos quem converse bastante.

Não havia ironia no tom da sua voz: a moça estava simplesmente expondo um fato. Mas isso sugeriu a Philip que ela já havia deixado de tomar o pai pelo herói que imaginava nos tempos de criança. Mentalmente, associava a conversação brilhante do homem à sua prodigalidade, causa de tantas dificuldades na vida da família. Comparava a retórica paterna com o bom senso prático da mãe. E, embora a vivacidade do pai a divertisse, talvez lhe

causasse por vezes uma certa irritação. Philip contemplava-a enquanto ela costurava encurvada sobre o trabalho. Era sadia, forte e normal. Seria engraçado vê-la entre as outras moças do ateliê, com os seus bustos descarnados e faces anêmicas. Mildred também era anêmica.

Depois de algum tempo, apareceu-lhe um pretendente. Ela saía de quando em quando com amigas que fizera no ateliê e encontrara um moço, engenheiro-eletricista muito bem encaminhado na vida — um partido vantajoso. Certo dia a moça contou à mãe que o rapaz lhe havia proposto casamento.

— E o que lhe respondeu? — indagou ela.

— Ora, eu disse que por enquanto não tenho nenhuma pressa em me casar. — Fez pequena pausa entre as frases, como era seu hábito. — Como ele ficou muito aborrecido, eu disse que viesse tomar chá aqui em casa no domingo.

Era uma cerimônia para a qual Athelny se sentia inteiramente solicitado. Ensaiou durante toda a tarde a maneira de representar o papel de pai nobre para edificação do rapaz, até a criançada cair em ataques de riso. Pouco antes da chegada do pretendente, Athelny fez aparecer um fez egípcio e insistiu em usá-lo na ocasião.

— Sai, Athelny! — disse a mulher. Tinha posto o seu melhor vestido, que era de veludo negro e que lhe ficava muito justo, visto ela ter engordado de ano para ano. — Você vai pôr tudo a perder.

Tentou arrancar-lhe o fez da cabeça, mas o homenzinho esquivou-se-lhe habilmente.

— Para trás, mulher. Nada me fará tirá-lo. Esse rapaz deve ficar sabendo desde o começo que não é uma família ordinária essa em que ele se prepara para entrar.

— Deixe que ele fique assim, mamãe — disse Sally no seu tom tranqüilo e indiferente de sempre. — Se mr. Donaldson levar a coisa a mal, pode ir embora e que bons ventos o levem.

Philip achava que o jovem ia ser submetido a uma rude prova, uma vez que Athelny, no seu jaquetão de veludo marrom, gravata negra de artista e fez vermelho, devia ser um espetáculo surpreendente para um inocente engenheiro-eletricista. Ao entrar, o rapaz foi saudado pelo dono da casa com a altiva cortesia dum grande de Espanha e por mrs. Athelny de maneira simples e perfeitamente natural. Sentaram-se nas cadeiras monacais de altos respaldos,

em torno da velha mesa. Mrs. Athelny serviu o chá num bule de barro vidrado que dava uma nota inglesa e rústica à reunião. Ela mesma tinha feito bolinhos e sobre a mesa havia geléia feita em casa. Era como um chá do campo e, para Philip, muito característico e encantador, naquela antiga mansão do tempo dos Jaimes. Por alguma fantástica razão, meteu-se na cabeça de Athelny discorrer sobre a história bizantina. Estivera lendo os últimos volumes da *Decadência e queda do Império Romano*. E, com o indicador teatralmente enristado, despejava nos ouvidos espantados do pretendente histórias escandalosas sobre Teodora e Irene. Dirigia-se unicamente ao convidado, numa torrente de empolada oratória. E o electricista, reduzido a um silêncio impotente, tímido, inclinava a cabeça a intervalos regulares para mostrar que estava tomando um interesse inteligente na conversa. Mrs. Athelny não prestava atenção às palavras de Thorpe, mas interrompia-o de quando em quando para oferecer ao moço mais chá ou para forçá-lo a aceitar mais bolo com geléia. Philip observava Sally. Estava ela sentada, com os olhos baixos, calma, silenciosa e atenta. Suas compridas pestanas faziam-lhe uma linda sombra no rosto. Impossível saber se estava achando graça na cena ou se estava interessada pelo rapaz. Era inescrutável. Uma coisa, porém, não deixava dúvidas: o engenheiro-eletricista tinha boa aparência, era louro, de rosto escanhado, tinha feições regulares, agradáveis, e uma fisionomia honesta. Era alto e bem construído. Philip não pôde deixar de pensar que ele daria um excelente companheiro para Sally. E sentiu uma ponta de inveja pela felicidade que imaginava estar reservada a ambos.

Em dado momento o pretendente disse achar que já era tempo de retirar-se. Sally levantou-se sem uma palavra e acompanhou-o até a porta. Quando voltou, o pai rompeu:

— Bem, Sally, achamos o seu rapaz muito simpático. Estamos preparados para recebê-lo em nossa família. Mandem correr os proclamas e eu comporei uma canção nupcial.

Sally pôs-se a tirar a mesa do chá. Não dizia nada. De repente, lançou um olhar rápido para Philip.

— Que achou dele, mr. Philip?

Jamais quisera chamar-lhe tio Phil, como faziam as crianças, e não o chamava pelo nome.

— Acho que vocês dois formam um belo par.



Sally deitou-lhe outro olhar vivo e, corando de leve, continuou o seu trabalho.

— Achei o rapaz muito distinto e bem-educado — disse mrs. Athelny. — Parece que é desses que podem fazer a felicidade de qualquer moça.

Sally guardava silêncio. Philip olhou com curiosidade para ela. Ninguém poderia dizer se estava pensando sobre o que a mãe dissera ou se andava perdida no mundo da lua.

— Por que não responde quando falam contigo, Sally? — observou-lhe a mãe, um pouco irritada.

— Acho que ele é um bobo.

— Então não quer o rapaz?

— Não, não quero.

— Não sei o que você quer — volveu a mãe, visivelmente atônita. — É um moço muito decente e está em condições de lhe dar uma casa muito boa. Sem contar a sua, já temos muitas bocas para alimentar. Quando se apresenta uma oportunidade assim, é um pecado não aproveitar. E até estou para dizer que poderá ter uma menina para fazer o serviço mais pesado.

Philip nunca ouvira mrs. Athelny referir-se tão diretamente às dificuldades de sua vida. Viu a importância que tinha para eles o sustento de cada filho.

— Não adianta a senhora continuar, mamãe — disse Sally com o seu ar tranqüilo. — Não vou casar com ele.

— Acho que você é uma menina muito cruel, egoísta e sem coração.

— Se a senhora quiser que eu ganhe a vida, mamãe, posso até trabalhar como criada.

— Não seja boba, você sabe que seu pai não consentiria nisso.

Surpreendendo o olhar de Sally, Philip julgou ver nele um lampejo de malícia. Que poderia ela ter achado de engraçado naquela conversa? Era uma moça singular.

Durante o seu último ano no São Lucas, Philip trabalhou com empenho. Estava contente com a vida. Achava delicioso ter o coração livre e o bolso suficientemente cheio para prover às suas necessidades. Ouvira outros falarem com desprezo do dinheiro: teriam experimentado um dia viver sem ele? Sabia que a falta de dinheiro torna o homem mesquinho, vil e avarento; deforma-lhe o caráter e o faz olhar o mundo por um prisma vulgar. Quando se tem de levar em conta cada vintém, o dinheiro assume uma importância grotesca. É preciso que estejamos numa situação desafogada para atribuir-lhe o seu valor real. Philip levava uma vida solitária, não visitando ninguém a não ser os Athelny, mas não se sentia só. Ocupava-se com os planos para o futuro e às vezes pensava no passado. Sua lembrança demorava-se de quando em quando nos velhos amigos, mas não fazia nada para vê-los. Teria gostado de saber o que fora feito de Norah Nesbit. Atualmente tinha Norah outro nome, mas não podia lembrar-se de como se chamava o homem que ia casar com ela. Philip dava graças a Deus por tê-la conhecido: ela era uma alma boa e corajosa. Uma noite, por volta das sete e meia, viu Lawson caminhando pelo Piccadilly; vestia ele o seu traje de noite e talvez voltasse de um teatro. Cedendo a um repentino impulso, Philip dobrou rápido uma esquina. Fazia dois anos que não o via e achava que agora não podia reatar a amizade interrompida. Ele e Lawson nada mais tinham a se dizer. Philip perdera o interesse pela arte. Parecia-lhe que podia agora gozar a beleza com mais ardor do que quando muito jovem. Mas a arte se lhe afigurava sem importância. Estava ocupado na formação de um desenho tirado do caos multifário da existência, e os materiais com que havia trabalhado pareciam tornar muito trivial aquela preocupação com palavras e cores. A amizade de Philip com Lawson fora um motivo no desenho que ele estava elaborando; era puro sentimentalismo julgar que o pintor ainda tivesse algum interesse para ele.

Às vezes Philip pensava em Mildred. Evitava de propósito as ruas em que havia probabilidade de vê-la. Mas por vezes um sentimento qualquer, talvez curiosidade, quiçá alguma coisa mais profunda que não gostaria de confessar,

fazia-o perambular pela Regent Street e Piccadilly durante as horas em que era de esperar andasse ela por ali. Não sabia, então, se desejava ou se temia encontrá-la. Certa vez avistou pelas costas uma criatura que, por um momento, lhe pareceu ser Mildred. Isso lhe deu uma sensação curiosa: era uma dor aguda no coração, uma dor estranha em que havia medo e um desfalecimento de causar náusea. E quando apressou o passo e verificou que estava enganado, não soube se o que experimentava era alívio ou desapontamento.

No princípio de agosto Philip passou em cirurgia, o seu último exame, e recebeu o diploma. Fazia sete anos que entrara para o Hospital São Lucas. Estava com quase trinta anos. Desceu as escadas de Royal College of Surgeons levando na mão o canudo que o habilitaria a clinicar. Seu coração batia de satisfação.

“Agora sim, vou começar a vida”, pensava ele.

No dia seguinte foi à secretaria para inscrever-se como candidato a um dos lugares no hospital. O secretário era um homenzinho agradável de barba preta. Philip sempre o achara muito afável. O outro felicitou-o pelo sucesso e depois disse:

— Será que você aceita um lugar de substituto por um mês, na costa do Sul? Três guinéus por semana, com casa e comida.

— Não seria mau.

— É em Farnley, no Dorsetshire. Com o dr. South. Terá de ir em seguida. O assistente dele está com amigdalite. Deve ser uma bela localidade.

Havia qualquer coisa na maneira do secretário que deixou Philip intrigado. Aquilo era um pouco suspeito.

— Essa história está mal contada.

O secretário hesitou um momento, rindo de forma conciliatória.

— Bem, o fato é que o dr. South, segundo dizem, é um sujeitinho esquisito e um tanto rabugento. As agências não lhe querem mandar mais assistentes. Ele não tem papas na língua e os seus auxiliares não gostam disso.

— Mas o senhor acha que ele ficará satisfeito com um médico recém-formado? Afinal de contas, eu não tenho prática.

— Ele deve dar graças a Deus por ter você — afirmou o secretário diplomaticamente.

Philip refletiu um momento. Nada tinha a fazer durante as próximas semanas e estava satisfeito com a oportunidade de ganhar algum dinheiro. Podia economizá-lo para a viagem à Espanha, que se havia prometido para quando terminasse as suas funções no São Lucas, ou, se ali não lhe dessem nada, em algum outro hospital.

— Está certo, eu vou.

— Mas acontece que tem de ir esta tarde. Pode ser? Em caso afirmativo, telegrafarei imediatamente.

Philip teria gostado de aproveitar mais alguns dias. Mas vira os Athelny na noite anterior (fora em seguida levar-lhes a boa-nova) e não havia razão alguma por que não pudesse partir imediatamente. Sua bagagem era pequena.

Pouco depois das sete daquela noite, saltou na estação de Farnley e tomou um carro para a residência de dr. South. Era uma casa comprida e baixa, com paredes de estuque, recobertas de videiras virgens. Philip foi introduzido no consultório. Um velho se achava sentado a uma escrivaninha. Alçou os olhos quando a criada fez Philip entrar. Não se levantou nem falou, simplesmente fixou o olhar em Philip, que ficou confuso.

— Creio que está me esperando — disse ele. — O secretário do São Lucas telegrafou-lhe esta manhã.

— Eu atrasei o jantar meia hora. Quer se lavar?

— Quero.

Achou graça nos modos esquisitos do dr. South. O médico se ergueu e Philip viu que era um homem de estatura mediana, magro, de cabelos brancos aparados muito curtos e uma larga boca, tão firmemente cerrada que parecia não ter mesmo lábios. Tinha as faces escanhoadas, com exceção das pequenas suíças brancas que lhe aumentavam a forma quadrada do rosto, dada pelo queixo firme. Vestia um traje de tweed marrom e uma gravata branca. As roupas lhe dançavam no corpo, frouxas, como se tivessem sido feitas para um homem muito maior. Dava a impressão de um granjeiro respeitável, dos meados do século XIX. Abriu a porta.

— Aí é a sala de jantar — disse ele, apontando para a peça vizinha. — O seu quarto é a primeira porta que dá para o patamar. Desça quando estiver pronto.

Durante o jantar Philip viu que o dr. South o examinava, mas falava pouco e o rapaz compreendeu que ele não desejava ouvir o seu assistente conversar.

— Quando se formou? — perguntou o homem de repente.

— Ontem.

— Esteve em alguma universidade?

— Não.

— No ano passado, quando o meu assistente teve férias, mandaram-me um ex-universitário, disse-lhes que não me tornassem a mandar outro. Esses diabos são *gentlemen* demais para mim.

Houve outra pausa. O jantar era muito simples mas excelente. Philip mantinha um ar calmo, mas o seu coração saltava de emoção. Estava imensamente satisfeito por ter conseguido um lugar de médico substituto. Isso o fazia sentir-se extremamente adulto. Tinha o desejo insano de rir, sem nenhum motivo especial. E quanto mais pensava na sua dignidade profissional, maior era a sua vontade de rir. Mas o dr. South interrompeu-lhe de súbito os pensamentos.

— Que idade tem?

— Vou fazer trinta.

— Como foi que só agora se formou?

— Só comecei a estudar medicina com vinte e dois e tive de interromper o curso por dois anos.

— Por quê?

— Pobreza.

O dr. South lançou-lhe um olhar esquisito e tornou a ficar em silêncio. No fim do jantar, levantou-se da mesa.

— Sabe que espécie de clientela é esta?

— Não.

— Na maioria são pescadores com suas famílias. Tenho o Sindicato e o Hospital dos Marítimos. Eu sempre estive só aqui, mas depois que procuraram transformar isto numa praia elegante, mandaram outro médico para a parte alta e a gente rica vai procurá-lo. Fico só com os que não podem pagar médico.

Philip viu que essa rivalidade era o ponto nevrálgico do velho.

— O senhor sabe que não tenho prática.

— Nenhum de vocês sabe nada.

Saiu da sala sem mais palavra e deixou Philip entregue a si mesmo. Quando a criada entrou para tirar a mesa, contou a Philip que o dr. South via os pacientes das seis às sete. O trabalho daquela noite estava terminado. Philip foi buscar um livro no quarto, acendeu o cachimbo e instalou-se para ler. Era

um grande prazer, uma vez que não tinha lido senão livros de medicina durante os últimos meses. Às dez o dr. South entrou e olhou para ele. Philip não gostava de ficar com os pés no assoalho e tinha arrastado uma cadeira para descansá-los sobre ela.

— O senhor parece que gosta de ficar à vontade — disse o dr. South, com uma expressão sombria que teria perturbado Philip se este não estivesse tão bem-disposto.

Os olhos de Philip brilharam quando ele respondeu:

— Faz alguma objeção?

O dr. South mirou-o, mas não respondeu diretamente.

— Que é que está lendo?

— O *Peregrine Pickle*, de Smollet.

— Parece-me que sei que o autor desse livro é Tobias Smollet.

— Desculpe. Os médicos não se interessam muito pela literatura, não é?

Philip tinha colocado o livro sobre a mesa e o dr. South o apanhou. Era um volume que pertencera ao vigário de Blackstable, um livro fino, encadernado em marroquim desbotado, com uma gravura em cobre no frontispício. Suas páginas estavam amareladas pelo tempo e manchadas de mofo. Philip, sem a menor intenção, fez um pequeno movimento para a frente quando o dr. South segurou o livro. Um leve sorriso lhe veio aos olhos. Ao velho médico muito pouca coisa escapava:

— O senhor me acha engraçado? — perguntou ele glacialmente.

— Vejo que gosta de livros. É uma coisa que sempre se nota no jeito como as pessoas os seguram.

O dr. South soltou o livro imediatamente.

— A primeira refeição é às oito e meia — disse ele, saindo da sala.

“Que velho engraçado”, pensou Philip.

Cedo descobriu por que os assistentes do dr. South achavam difícil a convivência com o velho. Em primeiro lugar, o homem opunha-se firmemente a todas as descobertas dos últimos trinta anos. Não tolerava esses remédios que se tornam moda, adquirem fama de fazer curas milagrosas e em poucos anos deixam de ser empregados. Tinha um certo número de receitas tradicionais que trouxera do São Lucas, onde havia estudado, e usara-as durante toda a vida. Achava-as tão eficazes quanto qualquer outra coisa que tivesse aparecido desde então. Philip admirou-se da desconfiança que o dr. South mostrava pela assepsia. Havia-a aceitado em deferência à opinião

universal, mas encarava as precauções, que Philip vira recomendar de maneira tão insistente e escrupulosa no hospital, com a tolerância desdenhosa de um homem que se dignasse brincar de soldadinho de chumbo com uma criança.

— Tenho visto antissépticos que apareciam e substituíam logo todos os outros, e depois veio a assepsia e tomou o lugar dos desinfetantes. Lorotas!

Os jovens que lhe eram mandados conheciam somente a prática hospitalar e chegavam com o desprezo indisfarçado pelo médico sem especialidade: era uma prevenção que haviam adquirido na atmosfera do hospital. Mas tinham visto apenas os casos complicados que apareciam nas enfermarias. Sabiam tratar uma moléstia obscura das glândulas supra-renais, mas ficavam impotentes diante de um resfriado comum. Seu conhecimento era teórico e sua arrogância, ilimitada.

O dr. South observava-os com os lábios apertados. Experimentava um prazer selvagem em lhes mostrar quão enorme era a sua ignorância e quão injustificável a sua pretensão. A clientela do lugar era pobre, gente que vivia da pesca.

O próprio médico era quem lhes preparava as receitas. O dr. South perguntava ao assistente como esperava viver se tivesse de dar ao pescador com dor de estômago uma receita composta de meia dúzia de drogas caras. Queixava-se também de que os médicos jovens eram incultos. Só liam *The Sporting Times* e *The British Medical Journal*. Não sabiam escrever legivelmente nem tinham ortografia. Por dois ou três dias o dr. South observou Philip atentamente, pronto a cair sobre ele com áspero sarcasmo se encontrasse ensejo. E Philip, ciente disso, continuava o seu trabalho, divertindo-se tranqüilamente com a situação. Estava satisfeito com a mudança. Gostava daquela sensação de independência e responsabilidade. Toda espécie de gente vinha ao consultório. Ele se sentia lisonjeado porque parecia capaz de inspirar confiança aos seus doentes. E era interessante acompanhar ali o processo da cura, que num hospital só podia ser controlado com intervalos distantes. As suas visitas levavam-no a cabanas de telhados baixos, nas quais se viam petrechos de pesca e velas, e aqui e ali lembranças de viagens por mares longínquos; um estojo de laca do Japão, arpões e remos da Melanésia, ou adagas dos bazares de Istambul. Havia um ar de romance naqueles quatinhos abafados a que o sal do mar dava uma frescura amarga. Philip gostava de conversar com os marujos, e quando estes viram que ele não era pretensioso, contaram-lhes longas histórias das viagens longínquas de sua juventude.

Uma ou duas vezes Philip enganou-se no diagnóstico. (Nunca tinha visto um caso de sarampo, e quando viu a erupção tomou-a por uma misteriosa moléstia da pele.) E uma vez ou duas suas idéias de tratamento diferiram das do dr. South. A primeira vez que isso aconteceu o velho médico atacou-o com uma ironia feroz, que Philip, entretanto, recebeu de bom humor. Tinha um certo dom da réplica pronta e deu uma ou duas que fizeram o dr. South parar e olhar para ele com curiosidade. O rosto de Philip era grave, mas seus olhos cintilavam. O velho doutor não podia fugir à impressão de que o rapaz estava a zombar dele. Habituará-se a ser antipatizado e temido pelos seus auxiliares e aquilo era novidade para ele. Às vezes ficava a ponto de se deixar levar pela fúria e mandar Philip embora no primeiro trem. Havia feito isso com dois ou três assistentes. Mas tinha uma sensação inquietante de que, se tal acontecesse, Philip iria simplesmente rir-lhe na cara. E de súbito sentia o que a situação tinha de engraçado. Malgrado seu, a boca se lhe encrespava num sorriso e ele se retirava. Dentro em pouco teve a certeza de que Philip estava sistematicamente a divertir-se à sua custa. Primeiro ficou surpreendido e depois acabou achando graça. “Que grande maroto!”, dizia para si mesmo, numa risota. “Que grande maroto!”



Philip havia escrito a Athelny para lhe dizer que ia passar uma temporada como substituto no Dorsetshire; em tempo, recebeu a resposta. Estava ela redigida com o formalismo característico de Athelny, engastada de epítetos como um diadema persa de pedras preciosas. E aquela linda caligrafia de que tanto Thorpe se orgulhava era tão difícil de ler como os caracteres góticos, a que se assemelhava. Sugeriu ele a Philip que viesse reunir-se à sua família nos campos de lúpulo de Kent, para onde eles iam todos os anos. E, a fim de persuadi-lo, dizia várias coisas belas e complicadas sobre a alma de Philip e sobre as gavinhas espiraladas do lúpulo. Philip respondeu imediatamente, dizendo que iria logo que se visse livre. Embora não tivesse nascido naquelas terras, tinha uma particular afeição pela ilha de Thanet e ardia de entusiasmo à idéia de passar uma quinzena tão próximo da gleba e num ambiente que precisava apenas de um céu azul para ser idílico como os bosques de oliveiras da Arcádia.

As quatro semanas de trabalho em Farnley transcorreram rápidas. No alto do penhasco estava se erguendo uma cidade nova, com vivendas de tijolo vermelho em torno dos campos de golfe. Acabara de ser inaugurado um grande hotel para hospedar os veranistas. Philip, porém, raramente subia até lá. Perto do porto, as casinholas de pedra do século anterior se amontoavam numa deliciosa confusão e as ruas estreitas, descendo o declive íngreme, tinham um ar de antiguidade que cativavam a imaginação. Viam-se à beira-mar bonitos chalés que tinham na frente minúsculos jardins bem cuidados; eram habitados por capitães reformados da marinha mercante e por mães ou viúvas de embarcações. Tinham essas casas um aspecto curioso e pacato. No pequeno porto entravam vapores de carga precedentes da Espanha e do Levante, navios de pequena tonelagem. E de quando em quando um veleiro chegava, impellido pelos ventos da aventura. Philip lembrava-se do pequeno porto sujo de Blackstable, com os seus barcos carvoeiros. Fora lá que pela primeira vez ele sentira o desejo — agora obsessão — das terras do Oriente e das ilhas ensolaradas dos mares tropicais. Mas ali a gente se sentia mais perto

do vasto e profundo oceano do que nas praias daquele Mar do Norte que sempre parecia tão circunscrito. Em Farnley podia a gente respirar a plenos pulmões, olhando a vastidão uniforme do mar. E o vento oeste, esse adorável vento salgado da Inglaterra, sublimava o coração ao mesmo tempo que o fazia transbordar de ternura.

Uma noite, na última semana, uma criança bateu à porta do consultório no momento em que os dois médicos aviavam as suas receitas. Era uma menininha esfarrapada, de cara suja e pés descalços. Philip abriu a porta.

— Por favor, doutor, o senhor pode ir agora à casa de mrs. Fletcher em Ivy Lane?

— Que é que mrs. Fletcher tem? — gritou o dr. South com sua voz áspera.

A pequena não tomou conhecimento da pergunta. Tornou a dirigir-se a Philip:

— Por favor, moço, o filhinho dela está ferido. O senhor pode ir lá ligeiro?

— Diga a mrs. Fletcher que já vou — berrou o dr. South.

A menininha hesitou um momento e, pondo o dedo sujo na boca suja, ficou olhando em silêncio para Philip.

— Que é que há, pequena? — sorriu o assistente.

— Desculpe, moço, mrs. Fletcher mandou perguntar se podia ir o doutor novo...

Ouviu-se um ruído no laboratório e o dr. South saiu para o corredor.

— Mrs. Fletcher não está satisfeita comigo? — ladrou ele. — Tenho atendido mrs. Fletcher desde que ela nasceu. Por que não hei de ser digno de tratar também daquele fedelho imundo?

A menina, por um instante, deu a impressão de que ia romper em choro, mas depois pareceu resolver o contrário. Mostrou a língua marotamente para o dr. South e, antes que ele pudesse refazer-se da surpresa, deitou a correr com quantas pernas tinha. Philip viu que o velho médico estava contrariado.

— O senhor parece um tanto fatigado, e daqui a Ivy Lane é uma boa caminhada — disse ele, querendo dar ao outro uma desculpa para não ir.

O dr. South deixou escapar um grunhido surdo.

— Fica muito mais perto para um homem que pode usar ambas as pernas do que para um homem que só tem perna e meia.

Philip corou e guardou silêncio por um momento.

— O senhor quer que eu vá ou quer ir pessoalmente? — perguntou por fim, friamente.

— Que adianta eu ir? Eles preferem você.

Philip apanhou o chapéu e foi ver o paciente. Quando voltou, eram quase oito horas. O dr. South estava de pé na sala de jantar, com as costas voltadas para a lareira.

— Demorou bastante — observou ele.

— Sinto muito. Por que não começou a jantar?

— Porque achei melhor esperar. Esteve todo esse tempo na casa de mrs. Fletcher?

— Não, não estive. Parei para olhar o pôr-do-sol, na volta, e me esqueci da hora.

O dr. South não respondeu, e a criada trouxe carapaus assados na grelha. Philip comeu com excelente apetite. De repente o dr. South atirou-lhe uma pergunta.

— Por que ficou olhando o pôr-do-sol?

Philip respondeu com a boca cheia:

— Porque me sentia satisfeito.

O dr. South lançou-lhe um olhar esquisito e a sombra dum sorriso aflorou-lhe à cara velha e cansada. Continuaram a comer em silêncio, mas quando a criada lhe serviu vinho do Porto e deixou a sala, o velho se reclinou na cadeira e fixou os olhos penetrantes em Philip.

— Você ficou um pouco chateado quando eu falei no seu defeito físico, hein, meu rapaz?

— É o que fazem geralmente as pessoas que se zangam comigo.

— Sem dúvida, sabem que esse é o seu ponto fraco.

Philip encarou-o com olhar firme.

— Está muito satisfeito por ter descoberto isso?

O doutor não respondeu, mas soltou uma risada gutural de amarga alegria. Ficaram sentados por um instante, a se mirar. Depois o velho deixou Philip extremamente surpreendido com estas palavras:

— Por que não fica aqui comigo? Eu me livrarei desse bobalhão da amigdalite.

— É muita bondade sua, mas no outono espero conseguir um lugar no hospital. Isso vai me ajudar a obter outro posto mais tarde.

— Estou lhe oferecendo sociedade — disse o dr. South com ar rabugento.

— Por quê? — indagou Philip, surpreso.

— Parece que aqui gostam de você.

— Nunca pensei que esse fato encontrasse a sua aprovação — retrucou o assistente, seco.

— Acha então você que depois de quarenta anos de prática eu dou a mínima importância a essa história da clientela preferir o meu assistente a mim? Não, meu amigo. Não há o menor laço afetivo entre mim e os meus pacientes. Deles não espero nenhuma gratidão. Espero apenas que paguem as contas. Então, que é que diz?

Philip não respondeu, não porque estivesse pensando na proposta, mas porque estava atônito. Era, evidentemente, coisa rara alguém oferecer sociedade a um médico recém-formado. E Philip percebia admirado que, embora nada o induzisse a confessá-lo, o dr. South havia simpatizado com ele. Pensou em como ia se divertir o secretário do Hospital São Lucas quando ele lhe contasse a história.

— A clínica rende cerca de setecentas libras por ano. Podemos calcular quanto valeria a sua parte. Você iria me pagando aos poucos. E, quando eu morresse, ficaria no meu lugar. Acho que isso é melhor do que andar batendo cabeça pelos hospitais durante dois ou três anos e aceitar depois lugares de assistente até poder trabalhar por conta própria.

Philip sabia que ali estava uma oportunidade que a maioria de seus colegas se apressaria a segurar com as duas mãos. Havia médicos demais e a metade deles aceitaria, agradecida, uma situação segura como aquela, ainda que modesta.

— Sinto muitíssimo, mas não posso — disse ele. — Isso significa desistir de tudo a que aspirei durante anos. De um modo ou de outro, passei tempos duros, mas sempre tive diante de mim a esperança de me formar para poder viajar e agora, quando acordo pela manhã, os meus próprios ossos sentem o desejo de viajar... Sair, pouco importa para onde, mas sair, ver lugares em que nunca estive.

Agora a meta lhe parecia muito mais próxima. Terminaria o seu estágio no São Lucas, em meados do ano seguinte, e depois iria à Espanha. Tinha recursos para passar lá vários meses, vagueando naquela terra que para ele era sinônimo de romance. Depois, embarcaria para o Oriente. Tinha a vida diante

de si e o tempo nada lhe importava. Podia errar, durante anos se quisesse, por lugares desconhecidos no meio de estranhas gentes, onde a vida assumia estranhos aspectos. Não sabia o que procurava ou que coisas essas viagens podiam lhe trazer. Mas tinha o pressentimento de que havia de aprender algo de novo sobre a vida e obter uma chave do mistério que ele havia resolvido apenas para o achar depois mais misterioso ainda. E mesmo que não encontrasse nada, pelo menos havia de aliviar a inquietude que lhe roía o coração. Mas o dr. South estava lhe dando uma prova de grande bondade e parecia-lhe ingratição recusar a sua oferta sem lhe dar uma razão aceitável. Assim, com o seu jeito tímido, procurando parecer tão natural quanto possível, fez uma tentativa de explicar por que lhe era tão importante a realização dos planos que havia acariciado com tanta paixão.

O dr. South escutou-o em silêncio e uma expressão de ternura lhe veio aos velhos olhos astutos. O fato de o médico não insistir para que ele lhe aceitasse a proposta pareceu a Philip outro ato de bondade. A benevolência, as mais das vezes, é muito peremptória. O velho pareceu achar boas as razões de Philip. Mudando de assunto, começou a falar na sua mocidade. Tinha estado na Armada e fora por causa de seu longo trato com o oceano que, ao se reformar, estabelecera-se em Farnley. Contou a Philip dos antigos dias no Pacífico e de doidas aventuras na China. Tomara parte numa expedição contra os caçadores de cabeças de Bornéu e tinha conhecido Samoa quando ainda era um Estado independente. Estivera em ilhas de coral. Philip escutava-o, arrebatado. Pouco a pouco o dr. South passou a falar de si mesmo. Era viúvo, morrera-lhe a mulher havia trinta anos, e a filha se casara com um fazendeiro da Rodésia. Ele brigara com o genro e fazia dez anos que a filha não vinha à Inglaterra. Era como se nunca tivesse tido mulher ou filha. Vivia muito solitário. Sua rabugice pouco mais era do que uma couraça com que procurava esconder uma desilusão completa. Para Philip era trágico vê-lo ali simplesmente a esperar a morte, não com impaciência, mas com certa aversão: odiava a velhice e não se podia resignar às suas limitações. No entanto, tinha a impressão de que a morte era a única solução para a amargura de sua existência. Philip surgira-lhe no caminho e a afeição natural que a longa separação da filha havia matado — pois ela tomara o partido do esposo, na briga, e o velho nunca chegara a ver os netos — agora se exercia sobre Philip. A princípio isso o deixou agastado e ele disse consigo que era um sinal de senilidade. Mas havia em Philip alguma coisa que o atraía e ele se viu sorrindo

para o moço sem saber por quê. Philip não o enfastiava. Uma ou duas vezes o dr. South lhe pôs a mão no ombro. Desde que a filha deixara a Inglaterra, havia tantos anos, aquele fora de todos os gestos que fizera o que mais se aproximava duma carícia. Quando chegou o dia de Philip partir, o dr. South acompanhou-o até a estação. Sentia-se estranhamente deprimido.

— Foi uma temporada admirável — disse Philip. — O senhor mostrou-se muitíssimo bondoso comigo.

— Deve estar contente por ir embora, não?

— Fui muito feliz aqui.

— Mas quer ver o mundo, não é isso? Ah, você tem a mocidade. — Hesitou por um momento. — Não esqueça que, se mudar de idéia, minha proposta continua de pé.

— É muita bondade sua.

Philip apertou-lhe a mão da janela do vagão e o trem se pôs em movimento. Philip pensou na quinzena que ia passar nos campos de lúpulo. Sentia-se feliz à idéia de tornar a ver seus amigos e estava radiante porque fazia um dia bonito. O dr. South, porém, voltou com passos lentos para a sua casa vazia. Sentia-se muito velho e muito só.

Philip chegou a Ferne já de noite. Ferne era a aldeia natal de mrs. Athelny, que estava acostumada, desde menina, a auxiliar a colheita de lúpulo. Dirigia-se para lá todos os anos com o marido e os filhos. Como muitos dos habitantes de Kent, sua família fazia aquilo muito satisfeita por ganhar algum dinheiro, mas considerando especialmente aquela excursão anual, esperada com meses de antecedência, como a melhor das férias. O trabalho não era pesado: fazia-se em comum, ao ar livre, e para as crianças significava um longo e delicioso piquenique. Ali os moços se encontravam com as moças. Nos longos crepúsculos, quando o trabalho estava terminado, eles passeavam pelas ruelas em pares amorosos. E à época da colheita de lúpulo costumavam seguir-se muitos casamentos. Saíam em carros com roupas de cama, marmitas, panelas, cadeiras e mesas. Ferne, enquanto durava a colheita, ficava deserta. Muito exclusivistas, os habitantes do lugar não gostavam da intromissão de “estrangeiros”, que era o nome que davam aos que vinham de Londres. Olhavam para eles com desprezo e ao mesmo tempo com temor. Eram gente turbulenta e os dignos camponeses não queriam misturar-se com eles. Nos velhos tempos os trabalhadores da colheita dormiam em celeiros, mas, fazia dez anos, uma fila de choças havia se erguido de ambos os lados de um prado. Os Athelny, como muitos outros, ficavam todas as temporadas com a mesma choça.

Athelny foi esperar Philip à estação, num carro que pedira emprestado na hospedaria onde reservara um quarto para o amigo. Dali ao campo de lúpulo a distância era de um quarto de milha. Deixaram lá a mala de Philip e dirigiram-se para o prado, onde ficavam as choças. Estas não passavam de barracões compridos e baixos, divididos em pequenos quartos de cerca de quatro metros de lado. Na frente de cada uma delas via-se um fogueira de gravetos ao redor do qual se agrupava a família, que olhava com interesse para a ceia que estava cozinhando. O ar do mar e o sol tinham bronzeado as faces dos filhos de Athelny. Mrs. Athelny estava outra no seu chapéu de abas largas: sentia-se que os longos anos de cidade não lhe tinham feito nenhuma diferença real: ela era

uma mulher nascida e criada naquela vida e podia-se ver que se sentia mais em casa quando estava no campo. Achava-se ela fritando tocinho e ao mesmo tempo não perdia de vista os filhos mais moços. Teve, porém, para Philip um cordial aperto de mão e um sorriso satisfeito. Athelny mostrava-se entusiasmado com os encantos da vida rural.

— Vivemos famintos de sol e de luz nas cidades em que moramos. Isso não é vida, é uma longa prisão. Vamos vender tudo que temos, Betty, e comprar uma granja.

— Eu já estou lhe vendo no campo — respondeu ela com um desdém bem-humorado. — Ora! No primeiro dia de chuva que tivéssemos no inverno, você ficaria chorando por voltar para Londres. — E, a Philip: — O Athelny é sempre assim quando vem para cá. Granja, essa é muito boa! Se ele não sabe diferenciar um nabo duma beterraba.

— Papai esteve muito preguiçoso hoje — observou Jane, com a sua franqueza de sempre. — Não chegou a encher uma caixa.

— Estou adquirindo prática, menina, e amanhã encheri mais caixas do que vocês todos juntos.

— Venham comer, crianças! — disse mrs. Athelny. — Onde está Sally?

— Estou aqui, mamãe.

Saiu da choça e as chamas da fogueira projetaram-lhe no rosto uma cor viva. Ultimamente, Philip apenas a vira com os trajes elegantes que ela usava desde que fora trabalhar no ateliê de costura. Havia algo de muito encantador no vestido estampado que trazia agora; ficava-lhe folgado, facilitando-lhe o trabalho; as mangas estavam arregaçadas, deixando à mostra os seus braços fortes e roliços. Também ela usava um chapéu de largas abas.

— Parece uma camponesa de contos de fadas — disse Philip ao apertar-lhe a mão.

— Ela é a beldade dos campos de lúpulo — disse Athelny. — Palavra de honra, se o filho do senhor do castelo a vir, na certa vai pedi-la em casamento antes que o diabo tenha tempo de esfregar um olho.

— O senhor do castelo não tem filho, papai — disse a moça.

Olhou em torno, procurando onde sentar-se, e Philip arredou-se para lhe dar um lugar a seu lado. Iluminada pelas chamas da fogueira, ela estava magnífica. Era como alguma deusa campestre e fazia pensar nessas moças frescas e robustas que o velho Herrick cantou em metro esquisito. A ceia foi simples: pão com manteiga, torresmo, chá para as crianças e cerveja para o



casal Athelny e para Philip. Athelny, que comia vorazmente, elogiava em voz alta tudo quanto levava à boca. Lançava palavras de desdém contra Luculo e amontoava invectivas sobre Brillat-Savarin.

— Essa qualidade você tem, Athelny — disse a mulher: — Gosta de comer.

— Contanto que seja feito pelas suas mãos, minha Betty... — replicou ele, esticando um dedo eloqüente.

Philip sentia-se muito à vontade. Olhava, feliz, para a série de fogueiras, para a gente que se agrupava em torno delas e para a cor das chamas contra a noite. Na extremidade do prado via-se um renque de grandes olmos e, por cima deles, o céu estrelado. As crianças falavam e riam e Athelny, criança também no meio delas, fazia-as morrer de riso com suas artimanhas e fantasias.

— Todos têm o Athelny em grande conta — comentou a mulher. — Vejam só, mrs. Bridges me disse que não sabia o que iam fazer se o Athelny não estivesse aqui. Ele anda sempre entusiasmado com alguma coisa, mais parece um menino de colégio do que um pai de família.

Sally guardava silêncio mas rodeava Philip de atenções que o encantavam. Era agradável tê-la a seu lado e, de quando em quando, lançar um rápido olhar àquele rosto sadio e queimado do sol. Uma vez encontrou os olhos dela e a moça sorriu tranqüilamente. Quando a ceia terminou, Jane e o irmão menor foram mandados buscar, no regato que corria no fundo do prado, um balde d'água para lavar os pratos.

— Meninos, mostrem para o tio Philip onde dormimos e depois vão tratar de ir para a cama.

Agarrado pelas mãos das crianças, Philip foi arrastado até a choça. Entrou e riscou um fósforo. Não havia mobília e, a não ser um baú em que se guardavam as roupas, não se via ali mais nada além das camas, que eram em número de três e ficavam encostadas nas paredes. Athelny seguiu Philip e mostrou-as com orgulho.

— É nisso que dormimos — exclamou ele. — Nada de lastros com mola e colchões de pluma. Nunca dormi tão bem como aqui. Quanto a você, dormirá entre lençóis. Meu caro amigo, compadeço-me de você do fundo do coração.

As camas consistiam numa grossa camada de lúpulo sobre a qual havia outra de palha, esta por sua vez coberta por um lençol. Depois de um dia ao ar

livre, cercados pelos aromas do lúpulo, os alegres segadores dormiam um sono de pedra. Às nove horas reinava silêncio no prado e todos estavam na cama, menos um ou dois homens que ainda se demoravam na hospedaria e não voltavam senão às dez, hora de fechar. Athelny foi até lá em companhia de Philip, mas, antes de partirem, mrs. Athelny disse ao rapaz:

— Tomamos o chá da manhã aos quinze para as seis, mas acho que o senhor não vai se levantar tão cedo assim. É que temos de começar às seis, compreende?

— Está claro que ele deve levantar-se cedo — exclamou Athelny — e trabalhar como todos nós. Tem que ganhar a sua comida. Quem não trabalha não come, meu rapaz.

— Os pequenos vão se banhar antes do chá e podem chamar o senhor quando voltarem. Eles passam pelo “Alegre Marinheiro”.

— Se me acordarem a tempo, irei tomar banho com eles — disse Philip.

Jane, Harold e Edward gritaram de satisfação ante essa idéia, e na manhã seguinte Philip foi acordado dum sono profundo pela entrada barulhenta das crianças. Os rapazes saltaram-lhe para cima da cama e ele teve de tirá-los dali a chineladas. Vestiu um casaco e um par de calças e desceu. O dia acabava de romper e havia uma frialdade no ar, mas no céu sem nuvens o sol brilhava, cor de ouro. Sally, segurando a mão de Connie, se achava parada no meio do caminho, com uma toalha e uma roupa de banho no braço. Philip via agora que o chapéu dela era cor de alfazema e, contra ele, o rosto vermelho e bronzeado dava a impressão duma maçã. Ela o saudou com seu sorriso lento e suave e Philip notou de súbito que seus dentes eram pequenos, regulares e muito brancos. Por que nunca prestara atenção a esse detalhe?

— Eu fui de opinião que eles deviam deixar o senhor dormir — disse ela. — Mas quiseram ir acordá-lo. Eu disse que o senhor não queria ir.

— Ora, queria sim.

Foram pela estrada e depois atravessaram os banhados. Por aquele atalho o mar ficava a menos de uma milha. A água parecia fria e cinzenta e Philip, só em vê-la, sentiu calafrios. Os outros, porém, tiraram as roupas e correram para o mar, gritando. Sally fazia tudo com certa lentidão e só entrou na água quando todos os outros já estavam chapinhando em torno de Philip. A natação era o único esporte do rapaz, que se sentia à vontade dentro d’água. Começou a brincar de porco-marinho, de afogado e de senhora gorda que não quer molhar o cabelo. Em breve, a garotada em peso o imitava. O banho foi

barulhento, sendo necessário que Sally se mostrasse bastante severa para fazer que todos saíssem da água.

— O senhor é pior do que eles — disse Sally a Philip, no seu modo grave e maternal que era a um tempo tocante e cômico. — Eles não ficam assim tão travessos quando o senhor não está aqui.

Voltaram. Sally com o cabelo reluzente a escorrer-lhe pelos ombros e o chapéu na mão. Mas quando chegaram à choça, mrs. Athelny já tinha saído para o campo de lúpulo. Athelny, metido nas calças mais velhas já usadas por um mortal, a jaqueta abotoada até em cima para mostrar que ele estava sem camisa, e um chapeirão mole na cabeça, fritava arenques numa fogueira de gravetos. Estava encantado consigo mesmo: era um bandoleiro dos pés à cabeça. Logo que viu o bando aproximar-se, começou a berrar o coro das feiticeiras de Macbeth por sobre os odorosos arenques.

— Comam sem demora, senão a mamãe se zanga — disse ele quando os outros chegaram.

E dentro de poucos minutos, Harold e Jane levando fatias de pão com manteiga nas mãos, saíram todos correndo pelo prado e entraram no campo de lúpulo. Foram os últimos a sair. A paisagem dos campos de lúpulo estava ligada à infância de Philip e os fornos de lúpulo eram para ele a feição mais típica do condado de Kent. Foi sem a menor sensação de estranheza, mas como se estivesse em casa, que ele seguiu Sally através das longas linhas de lúpulo. O sol estava brilhante e projetava sombras nítidas. Philip deliciou os olhos na riqueza das folhas verdes. O lúpulo amarelecia e para ele tinha a beleza e a flama que os poetas vêem nos pâmpanos da Sicília. Enquanto caminhavam Philip sentia-se assoberbado pelo esplendor da cena. Um suave odor subia do solo fértil de Kent e a brisa caprichosa de setembro estava impregnada do agradável aroma do lúpulo. Athelstan sentiu instintivamente a alegria da cena, pois ergueu a voz e começou a cantar. Era a voz rachada dum rapaz de quinze anos e Sally voltou a cabeça.

— Fica quieto, Athelstan, senão vamos ter uma tormenta.

Daí a pouco ouviram um zunzum de vozes, e dentro de mais um instante se reuniram aos colhedores. Estavam todos trabalhando ativamente, falando e rindo enquanto trabalhavam. Achavam-se sentados em cadeiras, em mochos, em caixas, tendo ao lado os seus balaios. Alguns ficavam ao pé do cesto, atirando para dentro dele o lúpulo que colhiam. Havia um bando de crianças por ali e muitos bebês, alguns em berços improvisados, outros enrolados em

cobertores em cima da terra parda, macia e seca. As crianças trabalhavam um pouco e brincavam muito. As mulheres debulhavam com afinco; desde crianças estavam habituadas à colheita e produziam duas vezes mais que os “estrangeiros” de Londres. Vangloriavam-se do número de fangas que colhiam por dia, mas queixavam-se de que agora não podiam ganhar tanto dinheiro como nos velhos tempos: antigamente pagavam-lhes um xelim por cinco fangas, mas agora tinham de colher oito e até nove fangas para ganhar um único xelim. Em épocas passadas um bom colhedor podia ganhar durante a temporada o bastante para manter-se o resto do ano, mas as coisas tinham mudado. Conseguiram-se as férias gratuitas, e quase só isso. Mrs. Hill tinha comprado um piano com o que ganhara na colheita, pelo menos era o que contava; mas ela era muito sovina, ninguém queria ser sovina assim, e a maioria achava que isso não passava de conversa fiada e que, se a verdade fosse dita, talvez descobrissem que ela pusera na compra um pouco do dinheiro que tinha no banco.

Os trabalhadores estavam divididos em grupos de dez, sem contar as crianças, e Athelny se vangloriava em altos brados de um dia poder organizar um grupo formado inteiramente de membros da sua família. Cada companhia tinha o “encarregado da caixa”, cuja tarefa era trazer-lhes os cachos de lúpulo. Consistiam essas caixas num grande saco metido numa armação de madeira de cerca de sete pés de altura, e longas fileiras delas eram colocadas entre as alas de lúpulo. E era essa posição que Athelny aspirava para quando sua família estivesse em condições de formar um grupo. Enquanto isso não acontecia, sua atividade consistia mais em animar os outros do que propriamente em trabalhar. Dirigiu-se negligentemente para mrs. Athelny, que trabalhava fazia meia hora e já havia despejado um cesto na caixa e, com o cigarro nos lábios, começou a debulhar. Afirmou que naquele dia ia produzir mais que todos, com exceção da mulher. Estava claro que ninguém trabalhava tanto como ela. Isso lhe trouxe à lembrança as provas impostas por Afrodite à curiosa Psique. E pôs-se a contar às crianças a história de amor de Psique pelo esposo invisível. Contava-a muito bem. A Philip, que escutava com um sorriso nos lábios, a velha lenda parecia enquadrar-se maravilhosamente na cena. O céu estava muito azul e, pensava ele, não podia ser mais adorável, mesmo na Grécia. As crianças com os seus cabelos louros e faces rosadas, fortes, sadias e vivazes; a delicada forma dos cachos de lúpulo; o esmeralda atrevido das folhas, como um clangor de trombetas; a magia da alameda verde, que se ia

estreitando até convergir numa ponte, à distância; os trabalhadores com seus chapelões de palha: talvez houvesse nisso tudo mais espírito grego do que se poderia encontrar nos livros dos professores ou nos museus. Philip dava graças a Deus pela beleza da Inglaterra. Pensou nas coleantes estradas brancas orladas de sebes, nas pradarias verdes com os seus álamos, na linha suave dos outeiros coroados de pequenos bosques, na superfície rasa dos pântanos e na melancolia do Mar do Norte. Comprazia-se em sentir aquele encanto. Mas em dado momento Athelny ficou inquieto e anunciou que ia ver como estava passando a mãe de Robert Kemp. Conhecia toda a gente de lá e tratava todos pelo nome. Sabia a história de suas famílias e de tudo que lhes tinha acontecido desde o nascimento. Com uma vaidade inofensiva, Athelny fazia o papel de homem do mundo no meio deles. Havia em sua familiaridade um matiz de condescendência. Philip não quis acompanhá-lo.

— Tenho que ganhar o meu almoço — disse ele.

— Muito bem, meu rapaz — respondeu Athelny com um grande gesto, afastando-se em passadas lentas. — Quem não trabalha, não come.

Philip, que não tinha cesto, sentou-se ao lado de Sally. Jane achava monstruoso que ele ajudasse a irmã mais velha e não a ela. Tio Phil havia lhe prometido trabalhar com ela depois de encher o cesto de Sally. Esta era quase tão rápida no trabalho quanto a mãe.

— Costurar não machuca as mãos? — perguntou Philip.

— Oh, não. É preciso ter mãos macias. É por isso que as mulheres são melhores debulhadoras que os homens. Quem tem mão dura e dedos vagarosos não pode fazer este serviço direito.

Ele gostava de ver os movimentos ágeis dela e Sally, por sua vez, o mirava com aquele seu jeito maternal tão divertido e ao mesmo tempo tão encantador. Philip era desajeitado a princípio e a moça ria dele. Quando se inclinou para lhe mostrar a melhor maneira de debulhar, as mãos de ambos se encontraram. Ele ficou surpreendido por vê-la corar. Não lhe entrava na cabeça que Sally já era mulher feita. Porque a tivesse conhecido menina de tranças, não podia deixar de considerá-la ainda uma garota. No entanto, o número de admiradores com que ela contava mostrava que Sally não era mais criança. Embora fizesse poucos dias que estava ali, já um de seus primos a olhava tanto que todos começaram a fazer troça dela. O rapaz chamava-se Peter Gann e era filho da irmã de mrs. Athelny, casada com um fazendeiro das proximidades de Ferne. Ninguém ignorava por que motivo ele achava necessário atravessar todos os dias a plantação.

Às oito, um toque de trompa anunciou a primeira refeição, e embora mrs. Athelny dissesse que eles não a mereciam, nem por isso deixaram de comer com robusto apetite. Puseram-se de novo a trabalhar até o meio-dia, quando outra vez soou a trompa, dando o sinal para o almoço. A intervalos o medidor ia de caixa em caixa, acompanhado por um assentador que registrava, primeiro no seu livro e depois na caderneta do debulhador, o número de fangas de lúpulo debulhado. Logo que cada caixa se enchia, era ela medida em cestos de uma fanga cada um e despejadas em enorme saco, o qual por sua vez era levado pelo medidor, ajudado de um homem, até uma grande carroça. Athelny

voltou e de quando em quando vinha contar quanto mrs. Heath ou mrs. Jones haviam debulhado e concitava a família a bater uma e outra. Estava sempre procurando fazer recordes, e às vezes, levado pelo entusiasmo, trabalhava firmemente durante uma hora. O que mais o divertia naquele trabalho, entretanto, era mostrar a beleza de suas mãos graciosas, das quais tinha excessivo orgulho. Gastava muito tempo tratando delas. Contou a Philip, distendendo os dedos atilados, que os grandes da Espanha dormiam sempre com as mãos metidas em luvas untadas de óleo, a fim de lhes preservar a brancura. A mão que segurava a gorja da Europa, observava ele dramaticamente, era tão formosa e delicada como a de uma mulher.

E olhava para as suas, enquanto debulhava cuidadosamente o lúpulo, suspirando de satisfação. Quando ficou cansado disso, enrolou um cigarro e discorreu para Philip sobre a literatura. À tarde fazia muito calor. O trabalho não prosseguia tão ativamente e a conversação diminuía. A tagarelice incessante da manhã minguava, ficando reduzida a observações casuais. Minúsculas gotas de suor rorejavam o lábio superior de Sally, que tinha a boca levemente entreaberta enquanto trabalhava. Ela era como um botão de rosa rebentando em flor.

A hora do repouso dependia do estado do forno. Algumas vezes enchiam-no cedo e pelas três ou quatro horas já estava debulhada a quantidade máxima de lúpulo que podia secar durante a noite. Então o trabalho parava. Mas em geral a última medição do dia começava às cinco. Medida a sua caixa, cada grupo reunia as suas coisas, debandava pelo campo e punha-se a tagarelar outra vez, agora que o trabalho estava terminado. As mulheres voltavam para as choças a fim de dar banho nas crianças e preparar o jantar, ao passo que uma boa parte dos homens descia pela estrada até a hospedaria. Um copo de cerveja sabia-lhes bem após o dia de trabalho. A caixa dos Athelny era a última a ser medida. Quando chegou o medidor, mrs. Athelny, com um suspiro de alívio, levantou-se e estirou os braços. Estivera sentada na mesma posição durante muitas horas e sentia o corpo dolorido.

— Vamos agora ao “Alegre Marinheiro” — propôs Athelny. — Os ritos do dia devem ser devidamente observados, e não há nenhum mais sagrado do que esse.

— Leva uma jarra com você Athelny — disse-lhe a mulher — e traz um jarro de cerveja para o jantar.

Deu-lhe o dinheiro, vintém por vintém. O salão do bar já estava cheio. O chão era de areia, os bancos estavam dispostos em círculo. Nas paredes viam-se retratos amarelados de campeões de boxe da época vitoriana. O dono da casa conhecia todos os fregueses pelo nome. Estava inclinado sobre o balcão, sorrindo benignamente para dois rapazes que jogavam a malha. Quando eles erravam, o resto da companhia ria a valer. Fez-se lugar para os recém-chegados. Philip ficou sentado entre um velho agricultor vestido de veludo piquê, com as calças afiveladas abaixo dos joelhos, e um rapaz de dezessete anos, de cara lustrosa e com uma grande mecha de cabelo, em forma de gancho, cuidadosamente colada na testa vermelha. Athelny insistiu em tentar a sorte nas malhas. Apostou meia caneca de cerveja e ganhou. Quando a bebia à saúde do vencido, disse.

— Prefiro ganhar nisto a ganhar no Derby, meu rapaz.

No meio daqueles camponeses, tinha ele uma figura exótica com o seu chapéu de abas largas e barba pontuda, e era fácil ver que eles o achavam muito esquisito. Mas a disposição de Athelny era tão jovial, e o seu entusiasmo tão contagiante, que era impossível não gostar dele. A conversa corria livremente. Trocaram-se algumas pilhérias no sotaque lento e carregado da ilha de Thanet e havia risadas estrepitosas às saídas do humorismo local. Uma agradável reunião! Era preciso ter o coração duro para não sentir um calor de afeição pelo próximo. Os olhos de Philip detiveram-se na janela, ainda batida pelo sol claro. Tinha pequenas cortinas brancas amarradas com fitas vermelhas, como as da janela de um chalé, e viam-se no peitoril potes de gerânios. Um a um, os desocupados se ergueram e voltaram alegremente para o campo, onde estava sendo preparado o jantar.

— Espere que esteja pronto para se meter na cama — disse Mrs. Athelny a Philip. — Você não está acostumado a se levantar às cinco e ficar o dia inteiro ao ar livre.

— O senhor vai tomar banho com a gente, tio Phil, não vai? — indagaram os rapazes.

— Claro que vou.

Philip estava cansado e feliz. Depois do jantar, recostou-se na parede da choça; sentado numa cadeira sem respaldo, pôs-se a fumar o seu cachimbo e a olhar para a noite. Sally estava ocupada. Entrava e saía, e ele observava preguiçosamente os seus movimentos metódicos. O andar dela atraiu-lhe a atenção. Não era particularmente gracioso, mas fácil e seguro. O movimento



das pernas partia dos quadris e os pés pisavam resolutamente no chão. Athelny tinha saído para tagarelar com um dos vizinhos e dentro em pouco Philip ouviu mrs. Athelny dirigir-se a todos.

— Ora essa, não tenho chá em casa! Queria pedir ao Athelny que fosse comprar um pouco. — Depois duma pausa, acrescentou: — Sally, dá um pulo até a casa de mrs. Black e traz meia libra de chá, sim? Estamos sem um pingo de chá.

— Está bem, mamãe.

Mrs. Black tinha uma casinha cerca de meia milha adiante, na estrada, e combinava as funções de agente do correio com a de provedora-geral. Sally saiu da choça, descendo as mangas.

— Quer que eu lhe acompanhe, Sally? — perguntou Philip.

— Não precisa se incomodar. Não tenho medo de ir sozinha.

— Eu sei que não tem medo, mas é que está chegando a hora de dormir e eu estava com vontade de espichar as pernas.

Sally não respondeu e ambos saíram juntos. A estrada estava branca e silenciosa. Nenhum ruído na noite de verão. Sally e Philip não falavam muito.

— Ainda faz calor, não? — disse ela.

— Acho que está muito bom para a época do ano.

O silêncio de ambos, porém, não parecia embaraçoso. Achavam agradável caminhar lado a lado e não sentiam necessidade de falar. De repente, perto duma sebe de arbustos, ouviram cochichos e a silhueta de duas pessoas. Estavam elas sentadas muito juntas uma da outra e não se separaram à passagem de Philip e Sally.

— Quem serão? — perguntou Sally.

— Pareciam bastante felizes, não?

— Com certeza pensaram que nós também somos namorados.

Viram a luz da casinha e em seguida entraram na pequena loja. Por um momento ficaram ofuscados pela luz.

— Chegam muito tarde — disse mrs. Black. — Eu já ia fechar. — E olhando para o relógio: — São quase nove.

Sally pediu meia libra de chá (mrs. Athelny nunca se decidia a comprar mais de meia libra por vez) e de novo puseram-se a caminho. De vez em quando algum animal noturno soltava um grito agudo e curto, mas isso parecia tornar o silêncio ainda mais pronunciado.

— Acho que se a gente parar pode ouvir o barulho do mar — disse Sally.

Apuraram o ouvido e imaginaram ouvir o suave ruído de pequenas ondas a lamber o cascalho. Quando tornaram a passar pela sebe, encontraram ainda ali os namorados, mas já agora não falavam; estavam nos braços um do outro, com os lábios colados.

— Parece que estão muito ocupados — observou Sally.

Dobraram um cotovelo de estrada e uma aragem tépida bateu-lhes nas faces. A terra desprendia frescura. Havia algo de estranho na noite trêmula e alguma coisa, não se sabia o quê, parecia estar à espera. O silêncio tornou-se subitamente preñado de significação. Philip tinha um estranho pressentimento. O coração lhe parecia muito cheio e como que prestes a se derreter. (Essas frases banais exprimiam precisamente a curiosa sensação.) Sentia-se feliz, ansioso e expectante. Vieram-lhe à memória os versos em que Jessica e Lorenzo murmuram entre si palavras melodiosas, arrematando as frases um do outro, sem impedir que a paixão transpareça clara e brilhante através dos conceitos que os divertem.

Havia algo no ar que lhe alertava estranhamente os sentidos, algo que ele ignorava o que fosse. Tinha a impressão de ser puro espírito a gozar dos perfumes, dos sons e dos sabores da terra. Jamais havia sentido tamanha e tão inefável capacidade para a beleza. Ele temia que Sally, falando, quebrasse o encantamento, mas a moça não lhe disse palavra e Philip desejou ouvir o som da voz dela. O seu timbre grave e rico era a própria voz da noite campestre.

Chegaram ao campo que ela devia atravessar para voltar à choça. Philip foi abrir-lhe a cancela.

— Bom, acho que vou lhe dizer boa-noite aqui.

— Muito obrigado por ter me acompanhado.

Deu-lhe a mão e, ao tomá-la, Philip disse:

— Se você fosse boazinha, me daria o beijo de boa-noite como todos os outros da família.

— Está bem.

Philip tinha falado por brincadeira. Queria simplesmente beijá-la, porque estava feliz, gostava dela e a noite era linda.

— Boa noite, então — disse ele com um riso breve, puxando-a para si.

Ela lhe deu os lábios. Eram quentes, macios e cheios. Ele se demorou um pouco: aqueles lábios eram como uma flor. Depois, sem saber por quê, sem o querer, enlaçou-a com os braços. Ela se abandonou em silêncio. O seu corpo era rijo e forte. Sentiu o coração dela bater contra o seu. Então perdeu a

cabeça. Os sentidos lhe transbordaram como uma torrente de águas impetuosas. Arrastou-a para a sombra mais escura da sebe.

Philip dormiu profundamente e acordou num sobressalto para descobrir que Harold lhe fazia cócegas no rosto com uma pena. Ouviu-se um grito de satisfação quando ele abriu os olhos. Estava bêbado de sono.

— Vamos, seu preguiçoso! — disse Jane. — Sally diz que não espera se o senhor não andar depressa.

Lembrou-se então do que havia acontecido. Sentiu o coração desfalecer e, já com os pés para fora da cama, parou. Não sabia como enfrentar a moça.

Sentia-se oprimido por uma súbita onda de reprovação íntima e lamentou amargamente o que havia feito. Que lhe diria ela naquela manhã? Temia o encontro e perguntava a si mesmo como pudera cometer tal loucura. Mas as crianças não lhe deram tempo. Edward apanhou os seus calções de banho e a toalha, Athelstan puxou as cobertas e, dentro de três minutos, todos desciam ruidosamente para a estrada. Sally sorriu para Philip. Era um sorriso suave e inocente como o de sempre.

— Quanto tempo levou para se vestir! Pensei que não vinha nunca.

Não havia a mínima diferença na sua maneira. Ele esperava alguma mudança, sutil ou abrupta. Imaginava descobrir vergonha ou ódio no seu modo de tratá-lo ou talvez algum aumento de familiaridade. Mas não notou nada disso. Ela estava exatamente como sempre. Caminharam para o mar todos juntos, falando e rindo. Sally mantinha-se silenciosa; mas era sempre assim, reservada e gentil. Philip nunca a vira de outro modo. Estava assombrado. Esperava que o incidente da noite anterior tivesse causado alguma revolução nela, mas era exatamente como se nada tivesse acontecido. Como se tudo não passasse de um sonho. Segurando de um lado a mão duma menina e do outro a de um garoto, enquanto caminhava conversando da maneira mais despreocupada possível, Philip procurava uma explicação. Desejaria Sally que o caso fosse esquecido? Talvez os sentidos dela a tivessem arrastado como acontecera com ele e, encarando o que havia sucedido como um acidente devido a circunstâncias incomuns, podia ser que ela tivesse decidido afastar o assunto da lembrança. Ele estava lhe emprestando uma

força de pensamento e uma sabedoria amadurecida que não se lhe ajustava nem à idade nem ao caráter. Mas compreendeu que nada conhecia dela. Houvera sempre em Sally algo de enigmático.

Brincaram de pular carniça dentro d'água e o banho foi tão ruidoso como o do dia anterior. Sally tinha a mesma atitude maternal para com todos, trazendo-os de olho e chamando-os quando se afastavam muito. Ela nadava discretamente, avançando e recuando, enquanto o resto do bando prosseguia na sua brincadeira. De vez em quando, voltava-se de costas para boiar. Em dado momento, saiu da água e começou a se enxugar. Chamou os outros em tom mais ou menos peremptório e, por fim, só Philip permaneceu dentro d'água. Aproveitou a oportunidade para nadar um bom pedaço. Estava mais acostumado à água fria nessa segunda manhã e deliciava-se com aquela frescura salgada. Era agradável poder usar dos membros livremente e ele vencia a água com braçadas longas e firmes. Mas Sally, enrolada numa toalha, desceu para a beira da praia.

— Tem de vir agora mesmo, Philip — gritou ela, como se falasse a um menino que estivesse confiado aos seus cuidados.

E quando, com um sorriso divertido ante aquele tom autoritário, Philip se aproximava dela, a moça o repreendeu.

— É uma travessura ficar tanto tempo na água. Seus lábios estão bem roxos. E olha os dentes como estão batendo!

— Está bem. Já vou saindo.

Sally nunca tinha lhe falado daquela maneira. Era como se o que acontecera lhe desse uma espécie de direito sobre ele e ela o considerasse uma criança a necessitar de cuidados. Dentro de poucos minutos estavam vestidos e puseram-se a caminho. Sally olhou para as mãos de Philip.

— Olha só, estão completamente roxas.

— Ora, não faz mal! É só a circulação.

— Eu faço o sangue voltar num instante.

— Deixe ver.

Ela lhe tomou as mãos e esfregou-as, uma após a outra, até lhes voltar a cor. Comovido e intrigado, Philip a observava. Não podia lhe dizer nada por causa das crianças e não encontrou os olhos dela. Estava, porém, certo de que eles não evitavam propositadamente os seus, era simplesmente por acaso que os olhares de ambos não se cruzavam. Durante o dia não se notou nada de extraordinário na atitude de Sally. Talvez se mostrasse mais loquaz que de

costume. Quando de novo se encontraram sentados no campo de lúpulo, ela contou à mãe que Philip se portara muito mal em não querer sair da água enquanto não ficara roxo de frio. Era incrível, mas parecia que o único efeito do incidente da noite anterior fora o de despertar nela o sentimento de proteção para com ele: Sally tinha o desejo instintivo de tratá-lo como a um filho — o mesmo impulso natural que sentia em relação aos seus irmãos e irmãs.

Foi só na noite seguinte que Philip tornou a se ver a sós com ela. A moça estava preparando o jantar e ele sentou-se na relva ao lado do fogo. Mrs. Athelny fora fazer compras na aldeia e as crianças estavam espalhadas aqui e ali. Philip hesitou em falar. Estava muito nervoso. Sally ocupava-se do seu trabalho com uma tranqüila competência e aceitava placidamente o silêncio que para ele era tão embaraçoso. Philip não sabia como começar. Sally raramente falava, a menos que lhe dirigissem a palavra ou que tivesse alguma coisa especial para dizer. Por fim ele não pôde mais suportar o silêncio.

— Não está zangada comigo, não, Sally? — lançou ele de súbito.

A moça ergueu os olhos calmamente e olhou para ele sem emoção alguma.

— Eu? Não. Por que havia de estar?

Philip ficou pasmo e não respondeu. A moça levantou a tampa da marmitta, mexeu o conteúdo e tornou a tapá-la. Um cheiro agradável se espalhou no ar. Sally tornou a olhar para ele, com um sereno sorriso que mal lhe separava os lábios. Era mais um sorriso dos olhos.

— Sempre gostei de você — disse ela.

O coração de Philip bateu descompassado. Sentiu o sangue subir-lhe às faces. Fez um riso forçado.

— Eu não sabia disso.

— Porque é um bobo.

— Não sei por que gosta de mim.

— Eu tampouco. — Colocou mais lenha no fogo. — Eu vi que gostava de você naquele dia em que chegou lá em casa depois que andou dormindo na rua e não tinha comido nada. Eu e mamãe arranjamos a cama do Thorpe para você.

Philip tornou a corar, pois não sabia que ela estava a par daquele incidente. Lembrava-se com vergonha e horror.

— Foi por isso que eu não quis saber dos outros. Você se lembra daquele moço com quem mamãe queria que eu casasse? Convidei-o para tomar chá porque ele insistiu muito, mas eu sabia que ia dizer não.

Philip estava tão surpreso que não atinava com o que dizer. Tinha no peito uma esquisita sensação. Não sabia o que fosse, a menos que se tratasse da felicidade. Sally mexeu a marmita uma vez mais.

— Eu queria que a criançada viesse de uma vez. Não sei onde se meteram. O jantar está pronto.

— Quer que eu vá chamá-los?

Era um alívio falar de coisas práticas.

— Não é má idéia, não — respondeu ela. — Lá vem a mamãe.

Depois, quando ele se levantou, Sally o encarou sem embaraço:

— Quer que eu vá hoje de noite passear com você, depois de pôr os meninos na cama?

— Quero, sim.

— Então me espere lá na cerca. Eu vou quando ficar pronta.

Ele ficou a esperá-la sob a luz das estrelas, encostado à sebe. Em torno, as amoras silvestres rebentavam em frutos. Da terra evolava-se o luxurioso perfume da noite e o ar era sutil e parado. O coração de Philip batia doidamente. Não podia compreender o que lhe acontecera. Associava o amor a gritos e lágrimas veementes e não havia nada disso em Sally. Mas ele não podia saber que outra coisa, além de amor, a teria levado a entregar-se. Mas amor, paixão por ele? Não se surpreenderia se ela escolhesse o primo, Peter Gann, que era alto, esbelto e teso, com o rosto queimado de sol e as passadas longas e fáceis. Que teria ela visto em mim?, perguntava-se Philip. Não sabia se ela o amava da mesma maneira por que ele encarava o amor. E contudo... Estava convencido da pureza dela. Tinha uma vaga intuição de que várias coisas haviam se combinado, coisas pelas quais ela se deixara influenciar inconscientemente. As fragrâncias embriagadoras do ar, do lúpulo e da noite, os instintos naturais da mulher, a ternura irresistível, uma afeição em que havia um pouco de mãe e outro pouco de irmã... Como transbordasse de caridade, havia dado tudo que tinha para dar.

Ouviu ruído de passos na estrada e uma figura surgiu da escuridão.

— Sally... — murmurou ele.

Sally parou e se aproximou da sebe e com ela vieram os suaves e puros perfumes do campo. A moça parecia trazer consigo o odor do feno recém-

cortado, a fragrância do lúpulo maduro e a frescura da relva nova. Seus lábios eram macios e cheios contra os dele e seu belo corpo vigoroso era firme nos braços que o envolviam.

— Leite e mel — disse ele. — Você é como leite e mel.

Fê-la fechar os olhos e beijou-lhe as pálpebras, primeiro uma e depois a outra. O braço dela, forte e musculoso, estava nu até o cotovelo. Philip acariciou-o com a mão, admirando-lhe a beleza: ele luzia nas trevas. Sally tinha a pele que Rubens pintava: seu braço era branco, incrivelmente branco e transparente, e tinha dos lados uma penugem dourada. Era o braço duma deusa saxônica, mas nenhuma imortal tinha aquela naturalidade deliciosa e doméstica. E Philip pensou num jardim de *cottage*, cheio dessas flores caras ao coração de todos os homens, a malva-rosa e a rosa branca e vermelha chamada York-e-Lancaster, o amor-perfeito, a margarida, a espora e a madressilva.

— Como é que você pode gostar de mim? — perguntou ele. — Sou insignificante, aleijado, comum e feio.

Ela tomou-lhe a face com ambas as mãos e beijou-lhe os lábios.

— Você é um bobalhão, isso é que você é.



Uma vez terminada a colheita do lúpulo, Philip, levando no bolso a notícia da sua nomeação para o cargo de assistente de médico interno do Hospital São Lucas, voltou a Londres com os Athelny. Tomou um modesto apartamento em Westminster e assumiu suas funções no começo de outubro. O trabalho era interessante e variado. Cada dia ele aprendia alguma coisa nova. Via Sally amiúde. A vida lhe sorria. Às seis horas estava livre, salvo nos dias de consulta, e ia procurá-la à porta do ateliê. Vários rapazes esperavam também a saída no passeio próximo ou pouco distanciados, na primeira esquina.

Duas a duas, ou em pequenos grupos, as operárias se tocavam com o cotovelo e riam ao reconhecê-los. No seu vestido negro, muito simples, Sally não lembrava em nada a jovem camponesa que debulhava o lúpulo ao lado do amigo. Afastava-se rapidamente da oficina mas afrouxava o passo ao se aproximar dele, encarando-o com seu belo sorriso tranqüilo. Saíam a caminhar juntos pela rua apinhada de gente. Ele lhe falava de seu trabalho no hospital e ela lhe contava o que estivera a fazer aquele dia. Philip veio a saber o nome das moças com as quais ela trabalhava. Sentia em Sally restrito mas vivo senso do ridículo. Fazia ela, sobre as garotas ou seus namorados, observações que o divertiam pela sua graça inesperada. Sally tinha um jeito bem característico de dizer as coisas: muito gravemente, como se não houvesse nada de engraçado no que estava dizendo; contudo, dizia-o com tanta agudeza que Philip irrompia num riso deliciado. A jovem o olhava então de relance, vendo-se-lhe nos seus olhos sorridentes que não ignorava a sua veia cômica. Encontravam-se com um aperto de mão e despediam-se da mesma forma cerimoniosa. Uma vez Philip convidou-a a tomar chá com ele em seu apartamento, mas ela recusou.

— Não, isso eu não faço. Fica tão sem jeito...

Jamais trocavam uma palavra de amor. Ela parecia não desejar mais nada além da camaradagem daqueles passeios. No entanto Philip tinha a certeza de que ela ficava contente em estar a seu lado. Intrigava-o tanto quanto o havia intrigado no princípio. Não conseguia entender-lhe a conduta, mas, quanto mais a conhecia, mais gostava dela. Sally era competente, sabia dominar-se e

mostrava uma honestidade encantadora. Sentia-se que era possível confiar nela em qualquer circunstância.

— Você é uma criatura imensamente boa — disse-lhe ele uma vez, a propósito de nada.

— Eu acho que sou como toda a gente...

Ele sabia que não a amava. Era uma grande afeição o que sentia por ela; gostava de sua companhia. Esta possuía o curioso dom de serená-lo. E, embora achasse isso ridículo em se tratando de uma costureirinha de dezenove anos, respeitava-a. Admirava-lhe a saúde perfeita. Ela era um esplêndido animal, sem jaça. A perfeição física enchia-o sempre duma admiração respeitosa. Ela o fazia sentir-se indigno.

Um dia, três semanas depois de voltarem a Londres, quando caminhavam lado a lado, ele notou que ela mantinha um silêncio fora do comum. A serenidade da sua expressão encontrava-se alterada por uma leve ruga esboçada na testa.

— O que você tem, Sally?

Ela não voltou os olhos para ele, mas conservou-os fitos em frente e a cor de seu rosto acentuou-se.

— Não sei.

Philip compreendeu de imediato o que ela queria dar a entender. O coração bateu-lhe de súbito, numa pancada brusca, e ele sentiu-se empalidecer.

— Que quer dizer? Acha que está?...

Parou. Não pôde continuar. Nunca lhe passara pelo espírito a possibilidade de vir a acontecer uma coisa daquelas. Viu então que os lábios de Sally tremiam e que ela fazia um esforço para não chorar.

— Ainda não tenho certeza. Talvez não seja nada.

Continuaram a caminhar em silêncio até que chegaram à esquina de Chancery Lane, onde ele sempre a deixava. Sally estendeu-lhe a mão e sorriu.

— Não se preocupe com isso por enquanto. Vamos esperar que tudo corra bem.

Ele prosseguiu o seu caminho, com os pensamentos num tumulto. Que idiota havia sido! Foi a primeira coisa que lhe ocorreu. Um abjeto, um miserável idiota! E repetiu isso para si mesmo uma dúzia de vezes, num acesso de raiva. Desprezava-se. Como fora meter-se em tal embrulho? Mas, ao mesmo tempo, porque as idéias se lhe sucediam rápidas no cérebro e mesmo assim pareciam continuar juntas, numa confusão desesperada, como as peças

de um brinquedo de armar vistas num pesadelo, ao mesmo tempo perguntava a si mesmo que poderia fazer. Tudo estava tão claro diante dele! Tudo o que tanto havia desejado se encontrava finalmente ao seu alcance. E agora a sua inconcebível estupidez erguera aquele novo obstáculo. Nunca fora capaz de vencer o que reconhecia ser um defeito, no seu desejo resolutivo de uma vida bem ordenada: era a paixão por viver no futuro. E nem bem se instalara no trabalho do hospital, já se ocupava dos preparativos para as viagens. Muitas vezes procurara não pensar com excessiva minúcia nos seus planos de futuro. Isso só servia para provocar desânimo. Mas agora que sua meta estava tão próxima, não via inconveniente em abandonar-se a um anseio a que era tão difícil resistir. Em primeiro lugar, queria ir à Espanha. Era essa a terra de seu coração e já agora estava imbuído de seu espírito, da sua cor e encanto, da sua história e grandeza. Sentia que essa terra tinha uma mensagem para ele em particular, uma mensagem que nenhum outro país podia lhe dar. Conhecia as velhas e soberbas cidades como se desde a infância tivesse palmilhado as suas ruas sinuosas: Córdoba, Sevilha, Toledo, Leon, Tarragona, Burgos... Os grandes pintores da Espanha eram os pintores da sua alma e o sangue lhe pulsava rápido ao prefigurar-se em êxtase, face a face com aquelas obras que, mais do que quaisquer outras, eram significativas para o seu coração inquieto e torturado. Tinha lido os grandes poetas, mais característicos de sua própria raça do que os poetas de outras terras, porque pareciam ter tirado a sua inspiração não das correntes gerais da literatura mundial, mas diretamente das planícies ressequidas e perfumadas das montanhas desoladas do seu país. Mais alguns meses e iria ressoar-lhe nos ouvidos o idioma que lhe parecia mais expressivo da grandeza da alma e da paixão. Seu bom gosto lhe dera a intuição de que a Andaluzia era demasiado mole e sensual, um pouco vulgar mesmo, para satisfazer o seu ardor. Sua imaginação demorava-se de melhor grado entre as vastidões de Castela varridas pelo vento e a áspera magnificência de Aragon e Leon. Não sabia bem o que lhe havia de dar aqueles contatos desconhecidos, mas sentia que ia tirar deles uma força e uma resolução que o tornariam mais capaz de afrontar e compreender as maravilhas múltiplas de lugares mais distantes e mais estranhos.

Porque aquilo era apenas o começo. Tinha entrado em contato com as várias companhias que aceitavam médicos em seus vapores e sabia exatamente quais eram as suas rotas. Por homens que haviam viajado nelas, conhecia as vantagens e desvantagens de cada linha. Pôs de lado a “Oriente” e a “P. & O.”.

Era difícil conseguir um posto nelas, e, além disso, o seu tráfico de passageiros dava pouca liberdade ao médico de bordo. Mas havia outras linhas de navegação que trabalhavam com grandes cargueiros em desafogadas expedições ao Oriente, parando por períodos vários em toda sorte de portos desde um ou dois dias até uma quinzena. Assim sobrava bastante tempo e muitas vezes era possível fazer-se uma pequena viagem pelo interior. A remuneração não era grande e a comida, apenas tolerável. Por esse motivo não havia muita procura de lugares e um homem diplomado por uma faculdade londrina tinha as maiores probabilidades de conseguir colocação, se a solicitasse. Uma vez que não havia passageiros, além de um ou dois ocasionais, embarcando a negócios de um para outro porto fora da grande rota comum, a vida a bordo era agradável e cordial. Philip sabia de cor a lista dos lugares em que tocavam. E cada um deles evocava-lhe visões dum sol tropical, duma cor mágica e duma vida intensa, misteriosa e fermigante. Vida! Isso era o que ele desejava. Afinal entraria em contato íntimo com ela. E talvez em Tóquio ou Xangai fosse possível passar para alguma outra linha e descer às ilhas do sul do Pacífico. Um médico era útil em qualquer parte. Talvez se lhe apresentasse ensejo de embrenhar-se na Birmânia, e que esplêndidas florestas na Sumatra ou Bornéu não visitaria ele! Era ainda moço e o tempo não lhe dava cuidados. Não tinha laços na Inglaterra, não tinha amigos. Podia ir e vir pelo mundo durante anos, conhecendo a beleza, maravilha e a multiplicidade da vida.

E agora tinha acontecido aquilo! Afastou logo a possibilidade de que Sally estivesse enganada. Sentia uma estranha certeza de que seus temores eram fundados. Afinal de contas, era tão provável... Qualquer pessoa podia ver que a natureza havia construído aquela moça para ser mãe. Sabia bem o que devia fazer. Não devia permitir que o incidente o fizesse desviar-se um passo sequer de seu caminho. Pensou em Griffiths; podia imaginar facilmente com que indiferença o rapaz teria recebido semelhante notícia. Haveria de julgá-la um aborrecido contratempo e em seguida trataria de safar-se como o sujeito atilado que era. Teria deixado a moça entregue a si mesma para que saísse da enrascada como melhor pudesse. Philip dizia a si mesmo que aquilo acontecera porque era inevitável. Nem ele nem Sally mereciam censuras. Ela era uma criatura que conhecia o mundo e as realidades da vida; assumira aquele risco com os olhos abertos. Seria loucura permitir que tal acidente perturbasse todo o desenho de sua existência. Ele era uma das poucas pessoas a ter consciência aguda da transitoriedade da vida. Sabia que era necessário tirar dela o melhor

partido. Faria por Sally tudo quanto pudesse, dar-lhe-ia o dinheiro que fosse preciso. Um homem forte jamais deixaria que o desviassem de seus propósitos.

Philip dizia tudo isso para si mesmo, mas tinha certeza de que não o faria. Simplesmente não podia. Conhecia-se bastante.

— Sou duma fraqueza ridícula — resmungou, cheio de desespero.

Sally mostrara-se boa e confiante para com ele. De modo algum poderia fazer uma coisa que, não obstante todo o seu raciocínio, achava horrível. Sabia que não iria ter sossego nas suas viagens se levasse consigo o pensamento constante de tê-la infelicitado. Ademais, havia o pai e a mãe; eles sempre o tinham tratado bem. Não era possível retribuir-lhes com ingratidão. A única coisa a fazer era casar com Sally o mais cedo possível. Escreveria ao dr. South dizendo que ia casar em seguida e estava disposto a aceitar-lhe a oferta, caso ela continuasse de pé. Aquela clientela de gente pobre era a única possível para ele. Lá a sua deformidade não tinha importância e ninguém zombaria das maneiras simples de sua esposa. Era curioso pensar nela como sua esposa. Isso lhe dava uma estranha e suave sensação. E uma onda de emoção o assaltava ao pensar no filho que era dele. Não duvidava de que o dr. South ficasse satisfeito em tê-lo consigo. E imaginava a vida que levaria com Sally naquela aldeia de pescadores. Teriam uma casinha com vista para o mar e ele veria os possantes navios passando ao largo, rumo a terras que jamais conheceria. Talvez fosse essa a resolução mais sábia. Cronshaw havia lhe dito que os fatos da vida não têm importância para aquele que, pelo poder da fantasia, se mantém senhor dos reinos gêmeos do tempo e do espaço. Era verdade. *Ama sempre, e que ela seja sempre bela!*

O presente de núpcias que daria à esposa seriam todas as suas grandes esperanças. Renúncia! Enlevado pela beleza desse gesto, Philip passou todo o serão a pensar nele. Estava tão agitado que não pôde ler. Teve a impressão de que o arrastavam para a rua. Subiu e desceu Birdcage Walk com o coração pulsando de alegria. Mal podia conter a sua impaciência. Queria ver a alegria de Sally quando ele lhe fizesse a proposta. Se não fosse tão tarde, teria ido procurá-la naquele mesmo instante. Já se imaginava nos longos serões que passaria com ela, na sala de estar tão confortável, com as cortinas ainda levantadas para que pudessem ver o mar. Ele, ocupado com os seus livros: ela, curvada sobre o trabalho; e a lâmpada velada tornava-lhe ainda mais belo o rosto adorável. Falariam sobre o filho, que ia crescendo, e quando ela erguesse o rosto para ele, seus olhos lampejariam de amor. E os pescadores e as suas

esposas, seu clientes, viriam a sentir uma grande afeição por eles que, por seu turno, participariam das dores e prazeres daquela gente simples. Mas o seu pensamento voltava para o filho que seria de ambos! Já sentia em si uma apaixonada devoção pela criança. Pensava em correr-lhe a mão pelos pequeninos membros perfeitos. Sabia que seria linda. E poria nela todos os seus sonhos duma vida rica e variada. Pensando na longa odisséia de seu passado, aceitava-a alegremente. Aceitava a própria deformidade que tão dura lhe tinha feito a vida. Sabia que ela lhe deformara também o caráter, mas percebia agora que graças a ela tinha adquirido aquele poder de introspecção que tanto prazer lhe dava. Sem isso, jamais teria possuído a sua aguda apreciação da beleza, a paixão da arte e da literatura, e interesse no variado espetáculo da vida. O ridículo e o desprezo de que tantas vezes fora alvo haviam lhe dado vida interior e feito desabrochar aquelas flores que, sabia-o ele, jamais perderiam a fragrância. Via, depois, que a normalidade era a coisa mais rara de mundo: todos tinham algum defeito de corpo ou de espírito. Lembrava-se de toda a gente que conhecera (O mundo inteiro se parecia com um hospital, não tinha pés nem cabeça). Via uma longa procissão deformada física e mentalmente, uns com doença do corpo, coração ou pulmões débeis, e outros com doença de espírito, fraqueza de vontade ou tendência para a embriaguez. Naquele momento podia sentir por todos eles uma santa compaixão. Eram desamparados instrumentos nas mãos de um acaso cego. Podia perdoar a Griffiths a sua traição e a Mildred a dor que lhe infligira. Eles não eram responsáveis pelas suas ações. A única atitude razoável era aceitar a parte boa dos homens e ter paciência com as suas faltas. As palavras de Deus agonizante atravessaram-lhe a memória:

*Perdoai-lhes, Pai, porque eles não sabem o que fazem.*

Tinha combinado encontrar-se com Sally sábado, na Galeria Nacional. Ela ficara de vir assim que se visse livre do trabalho e consentira em almoçar com ele. Dois dias haviam se passado desde o último encontro de ambos e a sua exultação não o deixara um só momento. Era porque se comprazia nessa sensação que não tinha procurado vê-la. Ensaíara cuidadosamente tudo quanto ia lhe dizer e como o diria. Agora a sua impaciência era insuportável. Havia escrito ao dr. South e tinha no bolso o telegrama que recebera dele aquela manhã: “Estou despedindo bobalhão amígdalite. Quando vem?”. Philip caminhava pela Parliament Street. Era um lindo dia e o sol claro e frio fazia vibrar a luz na rua apinhada de gente. Havia, ao longe, uma tênue bruma que esbatia deliciosamente as linhas nobres dos edifícios. Atravessou a Trafalgar Square. De súbito o coração lhe deu um pulso no peito. Vira diante de si uma mulher que lhe pareceu ser Mildred. Tinha a mesma figura e caminhava arrastando levemente os pés, naquela sua maneira característica. Sem pensar, mas com o coração a pulsar desordenadamente, aproximou-se dela, apressado. Mas quando a mulher se voltou, viu que era uma desconhecida. O rosto era o de uma pessoa muito mais velha e a pele, amarelenta, estava vincada de rugas. Diminuiu o passo. Estava infinitamente aliviado, mas não era apenas alívio que sentia: era desapontamento também. Assaltou-o um terror de si mesmo. Nunca se libertaria daquela paixão? Apesar de tudo, no fundo do coração, sentia que um anseio estranho e desesperado por aquela mulher vil sempre haveria de ficar latente nele. Aquele amor havia lhe causado tanto sofrimento que ele sabia que nunca se livraria totalmente dele. Só a morte poderia saciar aquele desejo.

Mas arrancou de si essa angústia. Pensou em Sally, com os seus bondosos olhos azuis, e os lábios dele inconscientemente esboçaram um sorriso. Subiu os degraus da Galeria Nacional e sentou-se no primeiro salão, a fim de poder vê-la no momento em que ela entrasse. Sempre lhe dera uma sensação confortadora encontrar-se no meio de quadros. Não olhava para nenhum em particular, mas deixou que a magnificência das suas cores e a beleza das suas

linhas lhe influenciassem a alma. Tinha a imaginação ocupada com Sally. Seria agradável tirá-la de Londres, onde ela parecia uma figura deslocada, qual uma flor do campo entre as orquídeas e azáleas duma loja. Compreendera no campo de lúpulo de Kent que ela não pertencia à cidade. E estava certo de que ela florescia sob os céus suaves de Sorset, adquirindo beleza ainda mais rara.

Sally entrou e ele levantou-se para ir ao seu encontro. Estava ela vestida de preto, com punhos brancos e um cabeção de cambraia. Apertaram-se as mãos.

— Faz muito tempo que está me esperando?

— Não. Dez minutos. Está com fome?

— Não muita.

— Então vamos sentar aqui um pouquinho, sim?

— Como quiser.

Sentaram-se calmamente, lado a lado, sem falar. Philip gostava de ter Sally perto dele. Sentia-se aquecido pela sua saúde radiante. Uma chama de vida cercava-a qual aura resplandecente.

— Então, como passou? — disse ele por fim, com um breve sorriso.

— Oh, tudo vai bem. Foi rebate falso.

— Sim?

— Não está contente?

Uma sensação extraordinária o invadiu. Estava certo de que a suspeita de Sally era fundada e nem por um instante lhe ocorrera que houvesse possibilidade de engano. Todos os seus planos foram subitamente subvertidos e a existência, traçada com tanto cuidado, não era mais de que um sonho que jamais se realizaria. Estava livre uma vez mais. Livre! Não precisava desistir de nenhum de seus projetos e a vida ainda se achava em suas mãos para fazer com ela o que quisesse. Não sentia nenhum júbilo, mas apenas consternação. O coração lhe desfalecia. O futuro estendia-se diante dele numa vacuidade desolada. Era como se tivesse singrado a vastidão dos mares durante largos anos, por entre perigos e privações, para chegar finalmente a um porto seguro e, no momento de entrar nele, algum vento contrário se erguesse e o arrastasse outra vez para o largo. E porque ele tivesse demorado o espírito nessas frescas pradarias e agradáveis bosques da terra, o vasto deserto de oceano enchia-o de angústia. Faltava-lhe ânimo para tornar a enfrentar a solidão e a tempestade. Sally observava-o com os seus olhos claros.

— Não está contente? — repetiu ela. — Pensei que ia ficar louco de alegria.



Ele encarou-a com expressão ansiosa.

— Não sei ao certo — murmurou.

— Você é engraçado. A maioria dos homens não diria isso.

Philip compreendeu que havia se iludido. Não era a intenção de sacrifício que o levava a pensar em casamento, mas sim o desejo de ter uma esposa, um lar e uma afeição. E agora que tudo isso parecia escorrer-lhe por entre os dedos, era tomado de desespero. Aquilo era a coisa que mais desejava no mundo. Que lhe importavam a Espanha e as suas cidades, Córdoba, Toledo, Leon? Que significavam para ele os pagodes da Birmânia e as lagunas das ilhas do Pacífico? A América estava ali mesmo, ao alcance da sua mão. Parecia-lhe que toda a sua vida aspirara aos ideais que outros, com as suas palavras e escritos, tinham inculcado nele, e nunca o desejo de seu próprio coração. A sua conduta fora sempre influenciada pelo que ele julgava dever fazer e não pelo que desejava de toda a alma. Agora, punha tudo isso de lado com impaciência. Vivera constantemente no futuro e o presente sempre havia lhe fugido. Os seus ideais? Pensou no desejo de formar um desenho complexo e belo com as miríades de fatos insignificantes da vida: não vira também que o desenho mais simples, aquele segundo o qual o homem nasce, trabalha, casa-se, procria e morre, era o mais perfeito? Podia bem ser que o abandonar-se à felicidade era aceitar a derrota; mas era uma derrota melhor que muitas vitórias.

Relanceou os olhos para Sally, imaginando em que ela estaria pensando. Depois desviou o olhar.

— Eu ia pedir que casasse comigo — disse ele.

— Pensei que talvez você pedisse, mas eu não gostaria de ser um estorvo para você.

— Não, Sally, você jamais seria um estorvo para mim.

— E as suas viagens à Espanha e o resto?

— Como sabe que eu quero viajar?

— Ora, se não havia de saber. Quantas vezes ouvi você falar nisso com papai, durante horas e horas.

— Nada disso tem a menor importância para mim. — Fez uma pausa breve e ajuntou, num murmúrio baixo e rouco: — Não quero lhe deixar. Não posso lhe deixar.

Ela ficou silenciosa. Philip não saberia dizer em que pensava ela.

— Não sei se quer casar comigo, Sally.

Ela não se moveu e não havia sombra de emoção em seu rosto, mas não olhou para ele ao responder.

— Se você quiser.

— Mas você não quer?

— Ora, é claro que eu gostaria de ter a minha casa e já é hora de tratar da minha vida.

Ele sorriu de leve. Já agora a conhecia muito bem e aquele tom não o surpreendia.

— Mas não quer casar *comigo*?

— Eu não casaria com mais ninguém neste mundo.

— Então está tudo resolvido.

— Mamãe e papai é que vão ficar admirados, não?

— Como eu me sinto feliz!...

— E eu quero almoçar.

— Querida!

Ele sorriu. Tomou-lhe da mão e apertou-a. Levantaram-se e saíram da galeria. Ficaram por um momento na balaustrada, olhando para Trafalgar Square. Táxis e ônibus deslizavam rápidos para baixo e para cima. Gente passava apressada em todas as direções. O sol brilhava.

- [1] A prostituta do Apocalipse (Ap, 2:17, 1-6). (N. do T.)
- [2] *Sigh*, suspiro; *Tar*, piche, pichar; *Winks*, piscar, cochilar; *Squirts*, esguichar, espremer; *Pat*, tapinha. (N. do T.)
- [3] Vide nota anterior.
- [4] Liga patriótica dos estudantes alemães. (N. do E.)
- [5] Aqueles que praticam esporte apenas para conquistar prêmios. (N. do T.)
- [6] Numa comédia de Morton (1798) — *Speed the Plough* —, quando se propõe ou acontece alguma coisa, faz-se constantemente esta pergunta: “Que dirá mrs. Grundy?”. Desde então mrs. Grundy ficou sendo o símbolo do que a sociedade tem de estreitamente convencional. (N. do T.)
- [7] Arquiteto nascido em Londres (1573-1652), trouxe para a Inglaterra as formas e novidades da arquitetura da Renascença italiana. (N. do E.)